

**Universidade do Porto**

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**À procura de significado(s)**

**em narrativas de idosos sobre a viuvez**



Alexandra Barbosa de Sousa Nogal



**À procura de significado(s)  
em narrativas de idosos sobre a viuvez**

UNIVERSIDADE DO PORTO  
Faculdade de Psicologia  
e de Ciências da Educação  
N.º de Entrada 22677  
Data 19/07/2005

**Universidade do Porto**  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
Porto, Fevereiro de 2005

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Psicologia, área de especialização em Consulta Psicológica e Familiar, orientada pelo Professor Doutor Joaquim Coimbra da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

*Aos mais velhos...*

*À riqueza das suas experiências e sabedorias...*



*“ (...) prender a realidade num determinado momento, através da escrita,  
é reflectir sobre ela, é defini-la de modo diferente”*

(Virgínia Woolf, 1978)

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, nenhuma palavra poderia ser escrita se não houvesse quem partilhasse as suas histórias...

O meu mais sincero agradecimento e enorme consideração a estas mulheres: D. Clara, D. Sofia, D. Esmeralda, D. Manuela, D. Maria, D. Conceição, D. Carlota, D. Antónia, D. Ermelinda e D. Albertina...

Ao Prof. Dr. Joaquim Luís Coimbra, pela transmissão de conhecimentos, apoio e orientação demonstrados ao longo da presente dissertação...

À Família enquanto berço das primeiras páginas da nossa vida:

Aos meus pais... pela enorme admiração e orgulho que sinto por eles... pelo afecto, ternura, companheirismo e presença atenta ao longo de todos estes anos... poucas são as palavras que tenho para lhes agradecer tudo...

À minha irmã... pela determinação e coragem com que encara a vida... algo que me tem ensinado muito...

Ao Fernando... tens povoado a nossa vivência com toda a dedicação e carinho... pela nossa história e... pelo nosso futuro...

Aos meus avós, São e Lau... pela presença contínua na minha vida... pela caminhada a dois que persiste ao longo de cinquenta e um anos de casados... pelas histórias com que insistem em povoar e enriquecer a minha vida...

Aos amigos enquanto co-autores de cumplicidades:

À Zélia... madrinha... pela garra com vive todos os dias... pela dedicação aos outros... pela entrega que dá sempre, em qualquer situação... só tenho que a admirar e agradecer por estar sempre ali... ao meu lado...

À Olga, Luísa, Zé, Dina, Manela e Fatinha... pela boa disposição e amizade com que preenchem os meus dias...

À Miriam... pelo início desta caminhada... pela grande amizade e proximidade com que se mantém na minha vida...

## **Resumo**

A presente dissertação reúne as temáticas do envelhecimento e do luto, procurando compreender de que forma se vivencia a morte do companheiro de longa data, nesta faixa etária.

Após um enquadramento teórico onde se explanam conceitos sobre o envelhecer e sobre o luto, mas também sobre as especificidades do luto vivido pelos mais velhos, inicia-se a parte prática no sentido de procurar o(s) significado(s) para a vivência da viuvez em narrativas de pessoas idosas.

Num segundo momento, as narrativas pessoais foram analisadas no sentido de encontrar convergências e divergências na atribuição de significado(s) a esta experiência de luto.

A dissertação culmina com um conjunto de pensamentos, elaborados ao longo da sua concretização, dando lugar a algumas considerações finais, nomeadamente, a noção social da viuvez, por vezes tão enraizada.

## **Abstract**

The present dissertation it gathers thematics about aging and mourning, trying to understand in which way people experience spousal bereavement in later life.

After a theoretical framing, where we conceptualise the terms aging and bereavement, but also the differences of bereavement lived by the elderly, we begun the practical approach where we try to discover the meaning(s) toward the experience of spousal bereavement, in narratives of older people.

On a second stage, the personal narratives were submit to an analysis with the intent to find convergence and divergence on the attribution of meaning(s) to this mourning experience.

This dissertation ends with thoughts joint along its elaboration, providing place for some final considerations, namely, the social notion of widowhood, sometimes deep rooted.

## **Résumé**

La présente dissertation réunit les thématiques du vieillissement et du deuil, tout en cherchant à comprendre de quelle forme se vit dans cette tranche d'âge la mort du compagnon de longue date.

Après un encadrement théorique où sont expliqués les concepts relatifs à la vieillesse et aux spécificités du deuil, essentiellement en ce qui concerne les personnes âgées, une première partie pratique tente de chercher la(s) signification(s) de la vie de veuvage au travers du témoignage de personnes concernées.

En second lieu, les divers témoignages sont analysés dans l'objectif de repérer convergences et divergences dans l'attribution de significations à cette expérience de deuil.

La dissertation s'achève avec un ensemble de réflexions élaborées au long de sa concrétisation, donnant lieu à quelques considérations finales, notamment sur la très enracinée notion sociale du veuvage.

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>14</b>
 <b>Parte I – Enquadramento Teórico</b>	
 <b>Capítulo I – Envelhecimento</b>	<b>18</b>
1. Definição e conceitos associados ao envelhecer e ao envelhecimento	
1.1 - Evolução do olhar sobre o envelhecimento na modernidade	19
1.2 - Conceito de idade: múltiplas definições	21
1.3 - Envelhecer e/ou adoecer	22
1.4 - Tarefas desenvolvimentais do idoso	24
2. Enquadramentos teóricos para o envelhecimento	
2.1 - A Gerontologia e contributos das ciências adjacentes	27
2.2 - Modelos específicos para a compreensão do envelhecimento	29
2.2.1 Teoria da Selectividade Sócio-Emocional (Baltes e Carstensen)	29
2.2.2 Modelo Desenvolvimental da Identidade do Ego (Erik Erikson)	33
 <b>Capítulo II – Temáticas do luto e da viuvez</b>	<b>36</b>
1. Aspectos teóricos relacionados com o luto	37
1.1 – Perspectivas racionalistas	38
1.2 – Perspectivas narrativas	45
2. Viuvez na velhice	50
 <b>Capítulo III – A perspectiva narrativa na psicologia do envelhecimento</b>	<b>66</b>
1. O movimento narrativo	67
2. O movimento narrativo na psicologia do envelhecimento	70
– a narrativa gerontológica	
3. Perspectiva integradora	75

## **Parte II – À procura de significado(s) em narrativas de idosos sobre a viuvez**

1. Introdução	77
2. Metodologia	80
2.1 – Grupo de estudo	81
2.2 – Instrumentos	82
2.3 – Procedimentos	84
3. Histórias sobre o enviuvar e a viuvez	86
4. Ao encontro do(s) significado(s)	
- Convergências e divergências nas histórias de enviuvar e viuvez	159

<b>Parte III – Considerações finais</b>	<b>193</b>
---	------------

<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>202</b>
-----------------------------------	------------

## **Anexos**



## **Índice de Quadros**

<b>Quadro 1</b> – Indicadores de menor, moderada e de relativa importância para a adaptação ao luto, presentes no estudo de Lund, Caserta e Dimond (1993)	54
<b>Quadro 2</b> – Caracterização do grupo de estudo	82
<b>Quadro 3</b> – Períodos de viuvez	165

## **Índice de Anexos**

Anexo 1 – Escala de Graffar

Anexo 2 – Guião de Entrevista original (van den Hoonaard, 2001)

Anexo 3 – Autorização para a utilização do Guião de Entrevista original

Anexo 4 – Guião de Entrevista sobre a vivência da viuvez (Nogal, A. & Coimbra, J., 2004)

Anexo 5 – Folha para consentimento

Anexo 6 – Compilação de todos os testemunhos recolhidos

## Introdução

Luís Sepúlveda escreveu acerca do *Velho que lia romances de amor* que “(ele) repassava as páginas desde o início. Estava incomodado por não conseguir apropriar-se da história. Repetia as frases memorizadas e saíam-lhe da boca desprovidas de sentido. Os seus pensamentos viajavam em todas as direcções em busca de um ponto determinado onde se detivesse. – Se calhar tenho medo.” (2003:96).

A presente dissertação tem como tema central histórias de envelhecer, histórias de viuvez, mas essencialmente histórias de pessoas que fizeram um percurso de vida que culmina numa fase que uns denominam velhice, que outros nomeiam de terceira e quarta idades. Neste tempo, e para dar corpo a este trabalho, vaguearam pelo passado, buscaram memórias, reviveram amores, tristezas, alegrias, e medos... tal como o velho que lia romances de amor.

Tendo como pano de fundo o movimento narrativo na Psicologia, o enquadramento teórico que constitui a primeira parte desta tese, parte da apresentação de várias definições e conceitos que constróem as noções de envelhecer e envelhecimento na sociedade ocidental. Neste percurso são abordados igualmente as múltiplas perspectivas sobre a idade, as tarefas desenvolvimentais enfrentadas pelos indivíduos que constituem esta faixa etária mais idosa, dando-se particular relevo aos contributos de Baltes e Carstensen (1999) e retomando o modelo desenvolvimental de Erik Erikson (1986), enquanto exemplos de possíveis grelhas de análise para esta fase da vida.

Estes são na essência os principais temas do primeiro capítulo.

O segundo capítulo desenvolve-se em torno das temáticas do luto e da viuvez, enquanto experiências específicas de perda, com um significado também específico quando ocorrem na fase final do desenvolvimento humano. Estes dois tópicos são abordados quer à luz das perspectivas mais racionalistas, quer pelas tendências narrativas, que surgem como um contraponto às primeiras.

A perspectiva narrativa é o organizador principal do capítulo terceiro, onde procedemos a uma apresentação sucinta desta corrente emergente nos

domínios Psicológico e Gerontológico. As particularidades desta forma de compreender o ser humano como contador de histórias por excelência, antecede a parte prática que surge recheada com dez histórias de mulheres idosas e viúvas.

Baseados numa metodologia qualitativa, e ancorados numa entrevista semi-estruturada adaptada a partir do modelo de van den Hoonaard (2001), acedemos às experiências destas dez mulheres que partilharam os significados que foram construindo para a vida, para os filhos, para o amor, para a perda, para a solidão e para a morte, entre tantos outros...

A partir destes significados fomos tentando encontrar convergências e divergências nas temáticas primordiais escolhidas por cada participante para dar sentido ao nosso pedido, para dar sentido à sua experiência e às suas recordações, episódios contínuos de guiões lembrados com múltiplos sabores: saudades, tristeza, alegria, solidão, orgulho...

A riqueza destes dez relatos foi o ponto de partida para a construção de algumas categorias que usamos para a sua análise mais profunda: o tempo, enquanto dimensão inequívoca da dimensão humana, e elemento parceiro na construção de intimidades; o tipo de morte do cônjuge; a vivência da viuvez, no que diz respeito aos aspectos mais formais; o papel dos filhos e da família nesta vivência; a fé e a presença de crenças religiosas; a vontade em investir noutra relação afectiva; a ocupação dos tempos ou a dependência económica dos companheiros; análise esta que nos veio confirmar a existência de significados únicos dentro de categorias que trespassam muitas destas histórias.

O intuito da presente dissertação não foi o encontrar comunalidades nas histórias de viuvez e velhice, padrões homogéneos que nos permitissem compreensões e entendimentos globais.

Pelo contrário, elaboramos este trabalho na esperança de dar voz ao(s) significado(s) transparente(s) em cada uma das histórias recolhidas, especiais e únicas, que se revestem de uma riqueza vivencial que as construções sociais das noções de “velhice” e “viuvez” nem sempre deixam evidenciar.

**Parte I**  
**ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **CAPÍTULO I - Envelhecimento**

*“A velhice é uma fase da nossa vida e, como todas as outras fases da vida, tem um rosto próprio, uma atmosfera e uma temperaturas próprias, as suas alegrias e as suas tristezas. Nós, os velhos de cabelos brancos, temos, tal como os nossos irmãos mais jovens, uma tarefa a cumprir, algo que confere um sentido à nossa existência (...)”*

Elogio da Velhice, Herman Hesse (1952/2002)

## **1. Definição e conceitos associados ao envelhecer e ao envelhecimento**

Definir a fase em que nos tornamos pessoas idosas é uma tarefa complexa e que implica a contemplação de vários aspectos. O envelhecimento é, antes de mais, um processo diferencial, pois varia a diversos níveis, numa mesma pessoa e, igualmente, de pessoa para pessoa. É um fenómeno global, enquanto constituído por um conjunto de processos que os organismos sofrem após uma fase de desenvolvimento (Fontaine, 2000), mas as características relativas ao desenvolvimento biológico, psicológico e social podem ser de tal forma distintas, de indivíduo para indivíduo, que acabamos por regressar à noção de que o envelhecimento não é um fenómeno homogéneo e que ocorra da mesma forma em todos os indivíduos (Pimentel, 2001).

Esta perspectiva de diversidade e complexidade é resultado de uma história indissociável da evolução do ser humano no global, facto que descreveremos sucintamente no ponto que se segue.

### **1.1 - Evolução do olhar sobre o envelhecimento na modernidade**

Ao longo dos tempos, o estatuto social da pessoa idosa tem sofrido algumas alterações. No tempo das sociedades pré-industriais ocidentais, a pessoa mais velha era reconhecida como um ser sábio, prudente, consciencioso, ocupando cargos de liderança, direcção ou de ensino. Era uma



pessoa respeitada e que estava integrada na família (Pimentel, 2001). Até ao século XVIII, a integração familiar da pessoa idosa estava dependente do seu contexto económico. Nesta época, a velhice era quase uma situação excepcional, com uma duração breve. Existia uma espécie de pacto social entre gerações de pais e filhos, principalmente se houvesse situações de heranças. A passagem de património criava um dever de assistência por parte dos filhos em relação aos pais envelhecidos (Paúl, 1997). Nos casos em que não existisse património, estes permaneciam sós, trabalhavam até quase à invalidez, acabando por não manter nenhuma relação ou ligação com os seus filhos (Fernandes, 2002). De acordo com Pimentel (2001), a *“história não tem sido (...) muito generosa para com os idosos.”* (2001:56), reflectindo sobre a crescente perda de estatuto deste grupo etário.

Actualmente, nas sociedades contemporâneas, o estatuto desta população tem sido confrontado com uma maior desvalorização, nomeadamente, no sentido económico e produtivo (Parkes, Laungani & Young, 2003). A pessoa idosa deixou de ser encarada como um trabalhador com experiência e conhecimentos, valores susceptíveis de serem transmitidos a novos trabalhadores, passando a ser reconhecida pela sua incapacidade e lentidão na execução. A sociedade desvaloriza estes que não produzem, a marginalização leva à passividade, e a passividade provoca dependência (Pimentel, 2001; Fernandes, 2002), constituindo uma cadeia que tem tido mais efeitos negativos que positivos.

Neste sentido, é imperativa uma abordagem cada vez mais profunda desta fase de desenvolvimento, necessariamente multidisciplinar, diversificada e clara do ponto de vista dos conceitos que podem contribuir para uma melhor compreensão de um estágio de desenvolvimento onde se entrecruzam mudanças particularmente notórias aos níveis biológico, psicológico e social.

Com este intuito, abordaremos no ponto seguinte, alguns conceitos que, embora distintos, se complementam para uma visão integrada desta última etapa da vida dos indivíduos.

## 1.2– Conceito de idade: múltiplas definições

Face a esta diversidade, o marco da idade cronológica é assumido pela sociedade, nomeadamente a ocidental, como um limite para a definição deste grupo, senão, veja-se a consideração implícita nas estatísticas nacionais que consideram o início da velhice nos 65 anos (INE, 2004), a partir dos quais se defendem aumentos ou diminuições para a idade da reforma, se isentam os indivíduos de pagamentos em vários locais públicos, e obtém mediante comprovativo deste marco, clara redução nos preços dos bilhetes de cinema, transportes, entre outros.

Ultrapassando a rigidez deste limite e de acordo com Birren e Renner (1977), o envelhecimento será um conjunto de mudanças regulares que ocorrem em organismos maduros, representativos, e que vivem em determinadas condições ambientais, igualmente representativas, à medida que avançam na sua idade cronológica. Seguindo a mesma linha de pensamento, o envelhecimento ocorre em função do meio físico e social onde esse organismo se desenvolve e envelhece, assumindo por isso, um carácter também individual.

Numa descrição mais frontal, Fontaine (2000:19) refere que o envelhecimento “ (...) *afecta todos os seres vivos e o seu termo natural é a morte do organismo. É, assim, impossível datar o seu começo porque, de acordo com o nível no qual se situa (biológico, psicológico ou sociológico), a sua velocidade e a sua gravidade são extremamente variáveis de indivíduo para indivíduo.*”.

Como já referimos anteriormente, o conceito de idade nas múltiplas acepções que pode assumir, facilita uma visão mais facetada e promotora de uma perspectiva mais global. Assim sendo, passamos a distinguir os vários conceitos de idade:

- *A idade cronológica*, aquela que é determinada pelo tempo que decorre entre o nascimento e o momento actual, e que nos transporta para a história do

indivíduo, mas não nos transmite nenhum dado quanto ao estado de evolução do sujeito (Pimentel, 2001);

- A *idade social*, associada à sucessão de papéis e hábitos assumidos na sociedade bem como, à exibição dos comportamentos esperados pela sua cultura de origem (Paúl, 1997; Pimentel, 2001);

- A *idade psico-afectiva ou psicológica*, associada às capacidades comportamentais, personalidade e emoções de uma pessoa, que à partida não podem ser limitadas a uma idade cronológica; inclui de igual forma capacidades como a memória, a inteligência e a aprendizagem (Paúl, 1997; Pimentel, 2001);

- A *idade física e biológica*, referente às capacidades vitais e funcionais do indivíduo e, que tem em conta o ritmo a que cada pessoa envelhece, já que, os órgãos e funções vitais não envelhecem todos no mesmo tempo, o que nos transporta para o facto de que é de igual forma importante a variação do ritmo de envelhecimento a nível inter e intraindividual (Paúl, 1997; Pimentel, 2001).

Assim, pode assumir-se que, actualmente, o envelhecimento seja conceptualizado como um processo altamente diferenciado e individualizado, dependente de inúmeros factores. A forma como se envelhece depende, igualmente, do modo como a sociedade observa, valoriza ou desvaloriza o envelhecer. A variação no processo de envelhecimento ocorre, conforme as culturas e épocas em que estamos; conforme os meios científicos e médicos disponíveis na altura, e conforme o modo de vida que levamos (Pimentel, 2001).

### **1.3 – Envelhecer e/ou adoecer**

O facto de o conceito de velhice estar várias vezes associado ao conceito de doença surge como uma das noções pré-concebidas que recai sobre esta faixa etária. Esta posição acaba por condicionar a forma como os mais velhos se olham, a si próprios. Naturalmente, existem alterações fisiológicas nestes, que acabam por limitar o seu modo de vida, muito embora envelhecer não

tenha que ser adoecer (Paúl, 1997; Pimentel, 2001). Aliás, de acordo com Moragas (1991) citado por Pimentel (2001) existem níveis onde vão surgindo limitações:

- *A nível biológico* – verifica-se uma perda da flexibilidade dos tecidos e uma diminuição da qualidade e velocidade das funções da maioria dos órgãos, mas a evolução é naturalmente variável. Neste domínio o envelhecimento está associado ao aparecimento de incapacidades, doenças e demência, bem como, a diminuição do metabolismo. No entanto, o facto de envelhecermos não nos pode impedir de participar na sociedade. Talvez a adopção de novos papéis sociais, indutores de menor tensão e menor esforço, possam auxiliar neste aspecto;

- *A nível psicológico* – não se verificam tantas perdas como as que normalmente estão referenciadas. A memória imediata acaba por ser mais afectada mas, a memória a longo prazo está capaz de grandes desempenhos quando somos mais velhos. Se mantivermos o exercício de determinadas funções, como sejam a capacidade para aprender e a inteligência, estas podem continuar a progredir. No que se refere à personalidade, existe alguma tendência para se manter alguma consistência ao longo dos anos, muito embora possam evidenciar-se algumas alterações, resultantes, na maioria das vezes, da influência do meio social. A doença psicológica nesta idade está muitas vezes associada à constatação das limitações biológicas mas também, a factores de índole individual e relacionais (solidão, viuvez) que podem ser igualmente limitativos;

- *A nível social* – a pessoa idosa encontra muitas barreiras, impostas mais pela sociedade do que por si própria, e pelas suas características individuais. A perda do estatuto de indivíduo participante e activo, a perda de rituais que duraram anos, a perda de contactos sociais específicos à tarefa de ser produtivo, e o enfrentar da “solidão” do voltar a casa sem a obrigatoriedade de voltar a sair.

Em suma, nesta perspectiva o adoecer físico e/ou psicológico é um factor de peso variável e de presença nem sempre certa, enquanto exclusiva desta faixa etária.

Se a depressão no idoso é um factor de preocupação inerente a circunstâncias de vida (solidão, perdas, limitações), na faixa etária considerada madura esta doença, que foi apelada pela OMS<sup>1</sup> como uma das principais do século XXI, é altamente limitativa mas também muito se deve aos estilos de vida (eles também muitas vezes “doentios”) (Teixeira, 2002).

Todavia não é possível escamotear a constatação da prevalência de maior número de doenças crónicas na velhice, função do aumento da qualidade de prestação de cuidados de saúde (que diminuem a mortalidade e aumentam a esperança de vida), mas também da verificação de que estes indivíduos foram suficientemente saudáveis para chegarem até este ponto (Fernandes, 2002). A excepção que confirma esta regra é constituída pelas demências, enquanto doenças quase exclusivas deste tempo etário.

#### **1.4 – Tarefas desenvolvimentais do idoso**

Neste âmbito, torna-se urgente a manutenção de objectivos a atingir e de arranjar formas de crescer interiormente. A reforma é um exemplo cabal do que foi anteriormente referido. É um momento de transição, onde acaba por ser difícil organizar o tempo livre, a falta de horários e o facto de se deixar de ter tantos compromissos, nomeadamente profissionais. A reforma pode ser vista por muitos como uma forma de descanso pelos anos árduos de trabalho. No entanto, é uma nova fase de vida e, como tal, pode traduzir insegurança para quem a vive. A nossa profissão é uma forma de integração social. Com ela estamos a contribuir para a sociedade, a participar nela de uma forma empreendedora, o que, conseqüentemente, acarreta conotações negativas no momento da reforma. O facto de o indivíduo passar a ser reformado, pode de algum modo fazê-lo sentir-se afastado ou alienado dos objectivos da

---

<sup>1</sup> Sigla para Organização Mundial de Saúde

sociedade, acabando por não saber o que fazer com o seu tempo disponível. Para além de que, muitas vezes, se assiste a reformas que se traduzem em menores rendimentos financeiros mensais, o que acaba por agravar a situação de quem está reformado, podendo originar ou conduzir a situações de maior precaridade económica e dependência de terceiros (Pimentel, 2001). O contrário também pode acontecer, esta mudança para a reforma pode significar nova esperança.

As tarefas desenvolvimentais do idoso são todas relacionadas com as mudanças específicas a este tempo de vida, que não deixa por isso de ser de adaptação, às perdas biológicas, às alterações psicológicas e às reorganizações das relações sociais e familiares, mas também de adaptação ao ganho de tempo, à possibilidade de fazer coisas que foram deixadas para esta altura da vida, ao retorno da atenção para a família, com maior investimento nos netos e maior disponibilidade para fazer o que se não conseguiu antes (ler, passear, iniciar um curso de pintura ou de história, entre outros).

O envelhecimento tem que ser olhado como um processo que faz parte do nosso desenvolvimento enquanto seres humanos. O desconhecimento desta evolução natural leva a que muitos conceitos sejam mal interpretados e mal transmitidos às novas gerações (Fernandes, 2002). A noção colectiva de que o envelhecer é algo uniforme, homogéneo e carregado de conotações e representações negativistas está completamente fora da realidade, para além de que estes preconceitos e ideias mal concebidas estão de tal forma enraizadas na nossa sociedade actual que a população idosa acaba por se caracterizar, a si própria, da forma como ela a olha (Fernandes, 2002), adoptando uma postura de conformismo e por vezes de apatia, e relegando para o infinito a realização de tarefas de desenvolvimento que podem e devem ser gratificantes e enriquecedoras. Alves refere-se ao poder que o “olhar” da sociedade tem sobre todos os seus participantes, nomeadamente, sobre este grupo etário quando nos diz que, *“Os velhos, (...), querem continuar a ser úteis. Coitados! Ainda estão sob o domínio do olhar dos outros!”* (2002:65). Esta citação remete-nos para a importância do conceito de transformação de uma

nova realidade, no sentido de tornar sustentável a nossa vivência nessa nova forma de estar na sociedade: estar a envelhecer, continuando a crescer.

Mesmo alertando para a vital importância das capacidades de reorganização e resiliência de cada pessoa idosa, no processo de adaptação a este novo estatuto social, não será de descurar a influência que o meio cultural e social acaba sempre por exercer no indivíduo idoso.

Em suma, o já referido estatuto do idoso advém muitas vezes dos limites da idade cronológica, e por ela é determinado socialmente. No entanto, o conceito de idade é extremamente multifacetado, como também já tivemos oportunidade de explanar em ponto anterior. Quando nos referimos à idade de alguém, podemos nos referir a vários aspectos e dimensões dessa pessoa. Desta forma seria interessante que a Psicologia se afastasse um pouco do conceito estático de idade. Torna-se necessário que, principalmente no âmbito da psicologia do envelhecimento, se valorize mais a noção de percurso de vida, no sentido de nos permitir um acesso mais real, mais próximo, à experiência de envelhecer.

Não nos podemos esquecer de que cada pessoa idosa representa um património que vale por si só, e cada um destes elementos da sociedade carrega consigo um factor histórico de vida, e uma vida cheia de história, uma carga genética específica e um património psicossocial de valor incalculável (Paúl, 1997). Como disse Kofi Anan (2002), na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento:

*“Em África, diz-se que, quando morre um ancião, desaparece uma biblioteca. Isto lembra-nos o papel crucial que os idosos desempenham como intermediários entre o passado, o presente e o futuro; a importantíssima linha de comunicação que constituem para a sociedade. Sem os conhecimentos e sabedoria dos anciãos, os jovens nunca iriam saber donde vêm ou qual a comunidade em que se inserem. Mas para que os idosos tenham uma linguagem que os jovens entendam, devem ter a oportunidade de continuar a aprender ao longo da vida.”*

## 2 – Enquadramentos teóricos para o envelhecimento

### 2.1 - A Gerontologia e contributos das ciências adjacentes

A palavra Gerontologia tem origem no vocábulo grego *geron*, *gerontos/es*, que pretendia designar as pessoas mais velhas ou os mais notáveis do povo grego. A este termo adiciona-se a terminação *logos/logia*, que se refere aos conhecedores ou ao conhecimento. Neste sentido, etimologicamente, Gerontologia significa: disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento sobre os mais velhos (Fernández-Ballesteros, 2004).

A Gerontologia é uma disciplina recente no panorama científico, tendo assumido uma expansão mais acentuada no início do século XX (Neri, A. L., Freitas, E., Py, L., Cançado, F., Gorzoni, M., Rocha, S., 2002; Fernández-Ballesteros, 2004). Esta expansão teve origem no aumento da população idosa, no aumento da esperança de vida e na diminuição das taxas de natalidade. No entanto, este crescente interesse e desenvolvimento da Gerontologia teve, e mantém, uma base multidisciplinar, com grande enfoque das ciências biológicas (Biologia, Medicina), da Psicologia (Psicologia do desenvolvimento, Psicologia social, Psicologia cognitiva) e das ciências sociais (Sociologia e Sociodemografia) (Neri, A. L. *et al.*, 2002; Fernández-Ballesteros, 2004).

Recorrendo de forma sucinta à evolução da disciplina Gerontologia, referimos que esta teve início com o interesse da Biologia e Medicina, como já houve oportunidade de referir, no sentido do estudo e explicação do fenómeno do envelhecimento. Pretendia-se, assim, criar um corpo teórico sustentável para este novo campo de investigação. No entanto, os resultados foram dispersos e pouco capazes de integrar num todo as descobertas atingidas. Teria sido importante que as teorias criadas saíssem um pouco da perspectiva médica que as sustentava, afastando-se da mera explicação do envelhecimento por recurso ao normal ou ao patológico. As explicações produzidas focavam apenas um ou outro aspecto do envelhecimento e nunca



conseguiram destacar-se das disciplinas que as tinham iniciado (Hendricks & Achenbaum, 1999).

A Sociologia e a Psicologia, tentando criar um espaço para o desenvolvimento da Gerontologia, iniciaram a criação de modelos mais específicos sobre o envelhecimento. Nomeadamente na área da Psicologia, a vertente da Psicologia Social foi a grande responsável e a que mais se destacou na conceptualização teórica sobre a temática do envelhecer.

De acordo com Hendricks e Achenbaum (1999), a Psicologia Social atravessou três gerações de teóricos, correspondentes a três diferentes formas de ver e estudar o envelhecimento. Numa primeira fase, os teóricos focaram mais o indivíduo. Este era a unidade de análise, na sua proposta de explicação para os padrões de adaptação, funcionais e disfuncionais, à terceira idade. Sem excepção, os primeiros esforços foram no sentido de explicar a capacidade de adaptação do indivíduo, tendo como pano de fundo factores sociais tidos como inquestionáveis. Num segundo momento, surgiu em destaque o contexto social, alertando para os riscos reducionistas das concepções teóricas anteriores. Neste sentido, o foco de análise seria um conjunto de circunstâncias e não apenas o indivíduo em si. Numa terceira fase, surgiu um posicionamento intermédio em relação às anteriores perspectivas. Esta terceira geração, considerava que os indivíduos não podiam ser vistos como meros recipientes de uma estrutura inquestionável mas sim, como elementos activos na construção do seu próprio mundo, da sua própria vida. Esta perspectiva vem incorporar a preocupação com o contexto social, mas também adicionar e reconhecer a importância das pessoas individuais na criação de significados. Para Hendricks e Achenbaum (1999), e reforçando o último momento evolutivo da Gerontologia, o envelhecimento é pela sua natureza, um processo baseado em experiências. Não ocorre de forma isolada e é extremamente permeável às condições que o rodeiam.

Parkes (2003:280) transmite-nos uma noção muito interessante sobre o envelhecer e sobre quem envelhece:

*“ (...) se tivermos a sorte de viver numa sociedade em que estejam assegurados padrões de segurança decentes e cuidados médicos para os idosos, possivelmente, deixaremos de nos preocupar e faremos um esforço para desfrutar do tempo de vida que nos resta. O facto de existirem mil e uma coisas que nós já não poderemos fazer não significa que não existam ainda uma série de coisas para nós usufruirmos. Nós necessitamos de ajustar as nossas mentes, de modo a renunciarmos às coisas que agora estão para além do nosso alcance e desfrutar daquelas que ainda nos são tangíveis. A autonomia deixou de ser uma virtude, poderemos necessitar de estar preparados para delegar nos outros o prazer de usarem a sua força e habilidade a nosso favor.”*

É sobre a sociedade que recai a responsabilidade da forma como os seus elementos envelhecem e a menor ou maior valorização que ela atribui a esse mesmo processo. De acordo com Pimentel (2001), o valor que se atribui ao papel da pessoa idosa é definido em função dos valores e práticas que cada sociedade e cultura consideram básicas. O idoso, a sua representação e o seu papel social são, também, o resultado de um contínuo processo de construção social e cultural.

## **2.2– Modelos específicos para a compreensão do envelhecimento**

### **2.2.1 - Teoria da Selectividade Sócio-emocional**

A importância e relevância da sociedade e contextos sociais para a população idosa são enfatizadas por Baltes e Carstensen (1999), quando estes referem que os primeiros estudos realizados no âmbito da Gerontologia Social abarcavam questões como os estereótipos negativos relativos ao envelhecimento. O termo envelhecentismo<sup>2</sup>, por exemplo, refere-se à discriminação pela idade e apresenta proximidade conceptual a termos como sejam, o racismo ou outras formas de xenofobia social. Alegam também, que o

<sup>2</sup> Tradução Portuguesa literal do termo em Inglês “ageism”.

ambiente social ganha importância conforme as pessoas envelhecem, ou seja, o ambiente poderá ser um facilitador da autonomia e bem-estar da pessoa ou, muito pelo contrário, colocar barreiras à execução das tarefas do dia-a-dia, tornando-a mais dependente.

Baltes e Carstensen (1999) consideram que a dependência é um comportamento aberto, ou seja, visa aceitar ou pedir ajuda e, como tal, é um comportamento aprendido. Os autores demonstram que muitas interações entre a pessoa idosa e o seu ambiente envolvente, se caracterizam por um padrão estável que reforça a dependência em detrimento da independência. Este padrão é revelador de um ambiente social em que a dependência assegura o contacto social, precário apesar de tudo. Em certa medida, a dependência aprendida será como um instrumento que permite que a pessoa idosa controle aspectos específicos do ambiente que a rodeia, para além de que será o comportamento de dependência que servirá o desejo e a vontade desta para contactar e interagir socialmente. Os mesmos autores salientam que este fenómeno de dependência, em idades mais avançadas, ocorre como consequência das condições sociais em que este grupo etário vive. Ou seja, o contexto social em que a pessoa idosa se insere acaba por considerar este comportamento de dependência como adequado, aceitável e até esperado, já que se dirige a alguns cidadãos idosos como se estes fossem incompetentes e incapazes e, consequentemente, terem que depender de terceiros. A consequência será a de que, socialmente, se tende a proteger em demasia, acabando por, muito provavelmente, negligenciar capacidades e fontes de acção do idoso.

Muito embora o reforço dessa dependência possa trazer uma certa aceleração do declínio de funcionamento nas actividades diárias, será necessário ver que, simultaneamente, aceitando essa dependência, a pessoa idosa promove ou mantém algum contacto social, o que lhe pode reservar forças e energias para prosseguir com novos projectos ou objectivos, mais prioritários (Baltes & Carstensen, 1999).

De uma forma geral, a referida dependência poderá ser utilizada em duas situações:

a) quando os objectivos ou os domínios de grande prioridade para a pessoa idosa estão ameaçados e as reservas são escassas para se assumir a independência em todas as áreas;

b) quando os objectivos ou domínios de acção são de pequena prioridade mas requerem muita energia e tempo, não podendo ser alheados devido à sua importância para a própria sobrevivência.

Assim, Baltes e Carstensen (1999) consideram que a dependência não deverá ser conotada como incompetência mas, muitas vezes, como necessária para um envelhecimento de sucesso. Se olharmos uma fase muito inicial do nosso desenvolvimento, podemos estabelecer um paralelo com a infância, no que se refere ao fenómeno da dependência. Enquanto crianças, dependemos, na totalidade, dos nossos pais, e essa dependência é saudável e necessária para um desenvolvimento de sucesso, tal como os autores defendem para a fase mais tardia do nosso ciclo de vida. Subjacente ao fenómeno da dependência de outras pessoas por parte do cidadão idoso, surge a noção de que este o faz para manter ou aumentar o contacto social com outros elementos da sociedade, o que na realidade acaba por ter algum sentido já que um decréscimo evidente de contacto social na velhice.

É pois, na sequência de novas visões sobre o envelhecimento que se organizam alguns dos modelos interpretativos deste fenómeno, e que, de acordo com Baltes e Carstensen (1999), se organizam num modelo teórico que passamos a enunciar de forma sintética.

A Teoria da Selectividade Sócio-Emocional emerge para explicar o já referido decréscimo de contacto social. Deste modo, surgiram duas grelhas de observação para este fenómeno: a Teoria da Actividade, que considerava a inactividade da pessoa idosa como um problema induzido socialmente, com base em normas sociais como seja, a reforma, inerente às estruturas sócio-políticas; e a Teoria da Separação, que postulava que a proximidade da morte para este grupo etário, instigava algum afastamento mútuo entre este e a

sociedade, afastamento tal que teria características adaptativas, já que preparava a pessoa mais velha para a morte e, conseqüentemente, a sociedade para a perda daquele elemento (Baltes & Carstensen, 1999).

No entanto, a Teoria da Selectividade Sócio-Emocional crê que a diminuição da interacção entre os mais velhos e a sociedade reflecte uma redistribuição das fontes de energia destes, realizada por *motu proprio*. Ou seja, a pessoa idosa acaba por centrar e focar-se num núcleo selectivo de funções sociais e de interacções próximas a nível afectivo que, por sua vez, originam experiências significativas do ponto de vista emocional. Deixam de ter relevância para este grupo etário, as relações ou interacções sociais de cariz mais periférico.

Segundo este modelo, existe um conjunto de objectivos sociais que motivam os contactos sociais ao longo da vida. Estes objectivos e motivações podem ser de duas categorias e a sua activação será contingente com as condições sociais, psicológicas e cognitivas que o indivíduo percebe. A primeira categoria refere-se aos objectivos associados à procura de informação ou de conhecimento e a segunda categoria refere-se aos objectivos de regulação e significação emocional (Baltes & Carstensen, 1999). É de realçar que a forma como percebemos e sentimos o tempo, assume aqui um papel muito importante. Segundo os autores Baltes e Carstensen (1999), quando o tempo é percebido como ilimitado, procuram-se objectivos de longo prazo, que envolvem a exploração do mundo e a aquisição de novos conhecimentos e informação. Quando o tempo é percebido como limitado, a organização dos nossos objectivos sociais é feita a médio, ou mesmo, a curto prazo. Passamos a centrarmo-nos em objectivos mais significativos do ponto de vista emocional. No entanto, nem sempre esta noção de tempo segue este padrão de funcionamento, visto que muitas vezes não pensamos no tempo como uma dimensão limitada. Ou seja, diversas vezes estabelecemos metas infinitas, como se fossemos existir para todo o sempre, adiando projectos ou vontades.

Reportando estes aspectos teóricos para o âmbito da vivência da terceira idade, e da sua relação com a sociedade, os mesmos autores referem que, numa condição de proximidade do fim da vida, os mais velhos têm tendência

para pensar nas pessoas como uma fonte de gratificação. Ou seja, percebem provavelmente o seu tempo como um tempo limitado, e como tal, têm tendência a preferir a família ou pessoas emocionalmente significativas. No caso da pessoa idosa, uma rede de contactos sociais mais reduzida pode surgir como uma rede mais fácil de controlar, à qual se pode adaptar com maior facilidade. Na realidade, segundo Baltes e Carstensen (1999), as pessoas idosas que reduziram a sua rede de contactos sociais apenas às pessoas mais significativas, do ponto de vista emocional, apresentaram maiores níveis de bem-estar psicológico. No entanto, o contrário também pode suceder, verificando-se o aparecimento de sensações de menor controle e de menor satisfação consigo e com os outros.

Desta forma, seria importante que as pessoas idosas, ao moldarem o seu ambiente social, o construíssem de forma a maximizarem o potencial de surgimento de afectos positivos e, conseqüentemente, a minimizarem o surgimento de afectos negativos, bem como a aumentarem a sua noção de autocontrole no que se refere ao clima emocional que os envolve.

### **2.2.2 – Modelo desenvolvimental da identidade do ego**

Retornando ao campo mais específico da Psicologia, encontramos no modelo de Erik Erikson (1986) uma abordagem desenvolvimental e ecléctica, que pensamos poder constituir um ponto de referência e de suporte para uma visão mais profunda deste tempo de vida.

Erikson apresenta-nos um modelo desenvolvimental da identidade do ego, organizado ao longo de oito estádios, sendo este um dos modelos mais conhecidos no âmbito das teorias desenvolvimentistas do ciclo de vida (Whitbourne, 2001). Cada um dos referidos estádios é definido por uma crise ou tensão, na qual está patente a resolução de determinados desafios necessários ao desenvolvimento do ego. O que importa destacar destas etapas evolutivas, visto que não se torna pertinente descrevê-las na totalidade, é a sua aparente flexibilidade ou seja, as etapas ocorrem num determinado

período do desenvolvimento do ego, e em todas as etapas, todas as tarefas desenvolvimentais são trabalhadas. A título de exemplo, a etapa da autonomia pode ser revivida com particular ênfase na terceira idade, quando surgem as primeiras limitações na mobilidade, associadas ao processo de envelhecimento físico. Em suma, em cada etapa de desenvolvimento sucessiva, os conflitos anteriores têm que ser novamente resolvidos em relação à actual etapa de desenvolvimento (Erikson, 1986).

Após esta breve descrição de algumas das temáticas mais relevantes do modelo de Erikson, é necessário focar o que de importante se conceptualiza nele sobre a terceira idade. De acordo com Erikson (1986), assiste-se há já algum tempo a um aumento no número de elementos desta faixa etária. Este autor proclama a necessidade de a sociedade ter em atenção que o seu desenvolvimento deve englobar todos os elementos que a constituem, incluindo os mais velhos.

Seguindo o pressuposto de que a sociedade não tem lugar para os cidadãos idosos, o envelhecimento tem que ser visto como um projecto (Erikson, 1986). Seguindo esta perspectiva, um projecto de vida implica um *envolvimento vital* ao longo do seu percurso, já que a terceira idade assume o coroar de toda uma sequência de experiências vividas em etapas anteriores do desenvolvimento. O conceito de *envolvimento vital* refere-se ao sentido de continuidade histórica ao longo de todo um ciclo de vida, permitindo que as etapas antecessoras possibilitem um envelhecer pleno de integridade existencial “ (...) *the only immortality that can be promised.*” (Erikson, 1986:14).

A etapa que mais nos interessa explorar, ainda que de forma sintética, será a que corresponde aos últimos anos de vida. Para caracterizar este estágio, Erikson utilizou palavras tão fortes como integridade e desespero. A integridade será, neste âmbito, a disposição sintónica dominante, que procura o equilíbrio com a vertente distónica do desespero. Será pela criação de um balanço criativo e dialéctico entre estas disposições antagónicas que surgirá desenvolvimento, ou seja, de onde nascerá a resolução da tensão nuclear desta etapa: a sabedoria. Para Erikson (1986), a sabedoria reside na forma

como se integra e mantém a experiência vivida, em confronto com um gradual envelhecimento físico e mental.

Torna-se importante referir que nesta idade existem motivos reais por intermédio dos quais se pode experienciar o desespero: aspectos de um passado que muitas vezes queríamos que tivesse sido diferente; aspectos de um presente que por vezes causa dor; aspectos de um futuro que acaba por ser incerto e assustador. Por fim, outro dos elementos que podem causar a vivência do desespero será a certeza da morte, o único elemento do futuro que é totalmente esperado, mas totalmente desconhecido. No entanto, torna-se necessário reconhecer e integrar algum desespero, como uma componente do equilíbrio esperado para esta etapa de vida (Erikson, 1986).

Para Erikson (1986), a ideia de reexperienciar sugere-nos que a luta que a pessoa idosa enfrenta com a tensão existente entre a integridade e o desespero depende em grande medida de, um balanço de tensões psicossociais anteriores, bem como de uma re-síntese de toda a resiliência e forças básicas já desenvolvidas. Uma pessoa que é capaz de aceitar o passado, o presente e o futuro nesta etapa da vida, certamente terá conseguido atingir uma resolução de sucesso ao nível de todas as *crises* psicossociais (Whitbourne, 2001). Atingiu a integridade existencial.

Em resumo a Gerontologia continua e provavelmente continuará a beneficiar do interesse dos saberes oriundos de vários domínios, onde a Psicologia pode e deve assumir papel de destaque.

De entre os múltiplos modelos que se debruçam sobre o processo do envelhecimento, a escolha das produções de Baltes e Carstensen (1999) e Erik Erikson (1986) revelaram-se para nós de particular interesse pois apresentam em comum a noção de construção. Para Baltes e Carstensen (1999), a construção de um ambiente social, por parte da pessoa idosa, que lhe permitisse maximizar aquilo que de bom há, e pode haver, em envelhecer. Para Erikson (1986), a construção de um projecto de vida onde, ao longo do seu percurso, se vai dando espaço a uma continuidade histórica que permita um envelhecer existencialmente íntegro.



## **CAPÍTULO II - Temáticas do luto e da viuvez**

*“A dor e a lamentação são a nossa primeira e mais natural resposta à perda de uma pessoa amada. Ajudam-nos a ultrapassar os primeiros momentos de luto e de infelicidade, mas não são de todo suficientes para reforçar a nossa ligação à pessoa que morreu. É nisto que consiste o culto dos mortos numa primeira fase, mais primária: as oferendas, a decoração das sepulturas, as lápides, as flores. A celebração dos mortos deve, porém, ter também lugar ao nível da nossa própria alma, através da recordação, da evocação de lembranças com exactidão, de uma espécie de reconstrução do ente querido no nosso interior. Se formos capazes disso, a pessoa morta continuará a acompanhar-nos, a sua imagem ficará em nós guardada para sempre e ajudar-nos-á a tornar a dor frutuosa.”*

Elogio da Velhice, Herman Hesse (1952/2002)

## **1 – Aspectos teóricos relacionados com o luto**

À partida as palavras luto e viuvez parecem andar de mãos dadas, naturalmente.

A perspectiva que assumimos neste capítulo parte da abordagem do luto como fenómeno mais global, mais geral e mais frequente no percurso vivencial da maioria dos indivíduos.

Já a viuvez, enquanto fruto de um luto específico, ocorre apenas a um dos membros de um casal, que tem que o viver obrigatoriamente só, sem parceiro e, em princípio, pelo menos na maioria dos casos, é uma experiência de frequência única.

A junção destas duas temáticas com a vivência do envelhecimento, constróem uma realidade muito particular, um palco onde quase sempre as histórias que são representadas assumem tonalidades de tristeza, perda, receio e a incontrollável, mas também indesejável, proximidade da morte.

Dentro deste ponto optámos por proceder à organização dos vários contributos teóricos que encontrámos, em dois pontos distintos. O primeiro, claramente imbuído de um espírito racionalista, apostado na busca de

explicações causais para a compreensão deste fenómeno. O segundo, inspirado no movimento narrativo, que apresenta os contributos desta recente tendência na Psicologia, essencialmente como uma forma de dar voz aos sujeitos contadores das histórias que reflectem as suas experiências pessoais.

### 1.1 – Perspectivas racionalistas na abordagem ao luto

De acordo com Stroebe (2001), o estudo do luto é um domínio de investigação relativamente recente. Tendo por base os estudos levados a cabo neste âmbito, não existe ainda um conceito preciso, bem definido e operacionalizado em estudo, sobre a vivência da perda, da dor e da mágoa.

O luto será um “ (...) *processo psicológico pelo qual a tristeza experimentada por perdas significativas vai sendo dissipada.*” (Rebelo, 2004:45). Outras formas existem de perceber e compreender o luto e a perda. Na perspectiva que Matos e Costa (2004) apresentam, o luto poderá ser entendido como a perda de “*uma antiga coerência*” (p.18), a perda de uma forma muito própria e particular de atribuir sentido e significado às experiências bem como às relações com os outros que nos rodeiam. Muitas formas existem de olhar e tentar compreender esta dor, no entanto, nada nos poderá impedir de assinalar o luto como uma das mais intensas dores psicológicas que alguma vez experimentamos (Parkes, 2003).

O luto pode estar associado a vários factos de vida. Todos eles apresentam um dado em comum: a perda está sempre ligada ao afecto que lhe atribuímos (Rebelo, 2004). Reforçando esta noção de afecto, Parkes (2003) refere que todos tememos a perda dos outros aos quais estamos vinculados. Reportando-se ao luto, Fernandes (2002), caracteriza a perda como uma experiência universal, que surge em cada momento ou situação vivenciada como negativa ou de privação irreversível. De certa forma, a perda é uma experiência visível, “palpável”, como por exemplo, a morte de alguém, o

desaparecimento de um objecto, entre outras situações. No entanto, estas perdas acabam por provocar “perdas simbólicas”, de natureza mais abstracta.

No seu recente livro, Rebelo (2004) apresenta, por áreas de vida, as causas para a vivência do luto:

- A perda de alguém (o autor inclui nesta categoria, a morte de um filho);
- A perda por dano efectuado no próprio indivíduo (o autor inclui nesta categoria, as ablações de um seio ou a amputação de um membro);
- A perda de posição social (o autor inclui nesta categoria, a perda de emprego ou despromoção);
- A perda de objectos ou animais com elevado valor afectivo;
- A perda da pessoa amada ou companheiro.

Que a mágoa e a dor de perder alguém é um fenómeno natural bem como, um processo extremamente individualizado, já anteriormente referimos. É uma experiência que varia de pessoa para pessoa, de momento para momento e engloba, simultaneamente, várias facetas do viver e do estar da pessoa enlutada (Shuchter & Zisook, 1993).

Shuchter e Zisook (1993) propõem a existência de, pelo menos, três fases neste processo de luto. Um período inicial de choque, descrença e negação. Esta fase poderá demorar entre horas a semanas e é caracterizado por vários níveis de descrença e negação. Os autores referem que os rituais e a proximidade de familiares e amigos podem funcionar como catalisadores para a passagem desta fase. Num momento seguinte, passar-se-á a um período intermédio de expressões somáticas e emocionais de desconforto e afastamento social. Esta fase surge quando a morte é reconhecida cognitivamente e emocionalmente. Inclui períodos de grande intensidade emocional. É seguida de algum afastamento dos elementos sociais, combinado com um grande enfoque e preocupação pela pessoa falecida. Ocorrem algumas situações de identificação com a pessoa que morreu, verificando-se, por vezes, a adopção de maneirismos, hábitos e, inclusive, sintomas somáticos característicos da pessoa falecida (mais característico em mortes de algum familiar muito

próximo como sejam, a esposa ou o filho). Finalmente, surge um último período de restituição. Esta fase poderá durar vários meses até começar a ser, gradualmente, reposta por um sentimento de bem-estar, e de capacidade para levar a vida em frente. Neste tempo de recomposição e reestruturação, o enlutado reconhece ou encontra significado na perda, naquilo que já sentiu, e altera a sua atenção, dirigindo-a para o mundo que o rodeia. As memórias e a solidão ainda podem fazer parte do mundo da pessoa em luto. A grande mudança ocorrerá quando a pessoa reconhecer que já sofreu, e que já fez o seu luto e já se sente capaz de trabalhar, reexperienciar o prazer e a companhia de outros significativos.

De igual forma, Berger (1995) apresenta um modelo onde se pode verificar a existência de três momentos ou fases na vivência da perda, por intermédio de um ciclo de reacções:

- o *choque*, altura em que surge a angústia, a confusão, a dor, e em que se vivem momentos de grande revolta e de negação ao acontecimento;
- a *impotência*, momento em que o indivíduo inicia a concretização do acontecimento e se volta para si próprio;
- a *aceitação*, momento em que surgem os sentimentos de aceitação, e os primeiros sinais de resolução positiva do luto, sendo agora, possível a passagem para uma fase de reorganização.

Mesmo defendendo um modelo de compreensão do luto, conceptualizado num conjunto de fases, Schutter e Zisook (1993) assumem que este mesmo fenómeno não é linear, com limites bem concretos e limitados para aquelas. Muito pelo contrário, este processo é composto por fases que se atropelam e que se fundem, conforme a pessoa. Neste sentido, as fases de luto têm que ser entendidas de uma forma dinâmica e não como um guião geral ou prescrição da forma como a pessoa terá que fazer ou ser naquele momento. Da mesma opinião é Canavarro (2004) quando nos diz que, por vezes, num dado momento, podem surgir expressões emocionais correspondentes a mais

do que uma fase descrita. Para além de que, no que se refere à estrutura temporal, as etapas supra descritas, podem alternar no tempo:

*“A evidência que as pessoas continuam as suas relações sonhando, pensando, conversando, guardando objectos que pertenciam às pessoas perdidas, acreditando que continuam a estar presentes de forma diferente, revela-nos que estamos perante não estádios de desvinculação, como muitos de nós aprendemos, mas de reorganização da relação com a figura perdida.” (p.43)*

De acordo com Archer (2001), uma teoria compreensiva do luto, deve levar em linha de conta o processo e as fontes de variação entre indivíduos. Em primeiro lugar, deverá contemplar qual a origem desse sofrimento e qual a sua função desenvolvimental. Em segundo lugar, deverá saber que mecanismos existem na evolução do processo, e em terceiro, perceber o que leva à resolução do sofrimento.

No que se refere às origens do luto perante a morte de alguém, bem como à sua função desenvolvimental, Archer (2001) diz que, enquanto animais sociais, não possuímos um mecanismo que nos auxilie na discriminação entre perdas permanentes e perdas temporárias. Na realidade, existem muitas semelhanças nas respostas humanas, quer ao luto, quer à separação. De acordo com o autor, a mágoa e o sofrimento podem ser considerados como fenómenos de adaptação ou, como postula a teoria da vinculação (Bowlby, 1998), uma forma de manutenção dos laços entre as pessoas. Por outras palavras, o sofrimento será o risco em que se incorre por algo que tem os seus benefícios adaptativos. Matos e Costa (2004), chegam mesmo a referir a inevitabilidade do sentido de perda, com o objectivo de realçar a função adaptativa do luto, enquanto processo de transformação desenvolvimental. Ainda dentro da perspectiva das autoras, o luto integra um *“carácter criativo e transformacional”* que exige, essencialmente, a *“recuperação de um sentido de equilíbrio psicológico”* (p.15). Neste sentido, a perda e o luto são vistas como oportunidades de explorar, no sentido de reconstruir, uma nova coerência na

transformação da relação com o mundo, garantindo-se assim uma nova viabilidade psicológica.

Na mesma linha de pensamento, Nesse (2000) considera que a mágoa terá evoluído para algo que ajuda a ultrapassar a perda de alguém muito querido, por intermédio da alteração de objectivos, da aproximação a outros significativos, e da reavaliação de prioridades e relacionamentos. A perspectiva de Bonanno e Kaltman (1999), no que se refere à vivência do luto, encontra-se muito próxima à de Nesse. Para Bonanno e Kaltman, num processo de luto existe uma reestruturação cognitiva como forma de atingir a adaptação ao acontecimento. Deste modo, a diferença entre as duas perspectivas, prende-se com o facto de que, para Nesse, o luto é em si mesmo um processo adaptativo, enquanto que, para Bonanno e Kaltman, os mecanismos de *coping*, utilizados para o processo de luto, são os utilizados em qualquer outra situação indutora de *stress*.

A perspectiva defendida por Stroebe e Schut (2001b) surge como uma alternativa teórica. Estes autores defendem que a resolução é normalmente atingida por intermédio de um processo que envolve reestruturação cognitiva, cruzada com um incremento ou alteração da relação com o mundo exterior. No Modelo do Processo Dual<sup>3</sup>, ambos os estilos de *coping* não são simples alternativas, mas funcionam como processos alternados e em conjunto, num processo regulatório, de equilíbrio dinâmico, que traz implicações positivas para uma boa adaptação ao luto (Archer, 2001; Stroebe e Schut, 2001a; Stroebe e Schut 2001b):

- *coping orientado para a perda*, em que o foco de atenção está na perda, e abrange todo o processo de luto, propriamente dito, bem como a reestruturação cognitiva (muito no sentido da tese defendida por Bonanno e Kaltman);

- *coping orientado para a reestruturação*, em que está associado a questões secundárias ao luto e que envolvem o cruzamento com a realidade

---

<sup>3</sup> Tradução adoptada para o termo *Dual Process Model*.

alterada, com o objectivo de desviar a atenção da perda em si, e ligá-la mais a novas tarefas e novos relacionamentos.

Vários estudos têm sido levados a cabo com o objectivo de delimitar o tempo que o processo de luto leva, até atenuar algumas das suas mais expressivas manifestações. Os estudos revelam que o sofrimento e o pesar, pela morte de uma pessoa se mantêm intensos e fortes até treze meses após a morte, muito embora, a questão relativa à duração destes sentimentos seja e será sempre incerta (Shuchter & Zisook, 1993). Estes mesmos autores, encontraram resultados que corroboram a afirmação anterior. Muitas pessoas mantêm ligações emocionais intemporais com a pessoa que faleceu e esta vinculação pode representar, na sua maioria, uma adaptação saudável à perda desse ente querido. Em 1987, Zisook e Shuchter encontraram este género de comportamentos de vinculação, com duração de já vários anos após a perda (Shuchter & Zisook, 1993).

Estes autores referem que muitos destes indivíduos, continuam a sentir a presença da pessoa falecida; têm visões da pessoa falecida; sentem dor, ódio e culpa por muitos anos, e apresentam reacções aos aniversários ou datas especiais. Parkes (2003) considera que muitas vezes as experiências dos recém enlutados sentirem a presença das pessoas falecidas, não são verbalizadas com tanta frequência pois, culturalmente, podem ser associadas a comportamentos tidos como menos próprios e menos adaptativos.

Já nos referimos à associação entre o afecto e o luto. No entanto, novamente se reforça a noção de que as perdas com maior impacte, ao nível psicológico, são as que ocorrem em contextos de relações muito significativas (Canavarro, 2004). Neste sentido, quando perdemos uma figura significativa na nossa vida, tornamo-nos mais alerta e mais vigilantes no que se refere à sensação da sua “presença”. Por outras palavras: tornamo-nos mais vulneráveis. De certa forma, não nos “afastamos” da pessoa que desapareceu. De acordo com Canavarro (2004), por muito tempo que passe desde o desaparecimento de uma pessoa, não existe uma desvinculação. Acaba, sim, por existir uma reorganização das representações, tanto de quem sofre como



em relação às de quem desaparece, com o objectivo de se atingir uma nova forma de vinculação, adaptada às circunstâncias reais. A ligação emocional mantém-se mesmo após a perda efectiva (Matos & Costa, 2004).

No entendimento de Shuchter e Zisook (1993), a avaliação deste sofrimento e do seu processo carece de um carácter multidimensional. Estes autores têm evoluído ao nível desta temática nos seus estudos, pois tem dado mais ênfase a uma perspectiva baseada em várias dimensões da vivência e experiência do luto, particularmente, em pessoas que enviuvaram recentemente. Deste modo, Shuchter e Zisook descrevem seis dimensões do sofrimento, relativamente independentes, enquanto experienciadas por 350 viúvos e viúvas, participantes de um estudo longitudinal, que ainda se encontra a decorrer actualmente.

O referido estudo iniciou-se com a procura de um conjunto de pessoas que tivesse enviuvado num período até dois meses. Foi levada a cabo, com os participantes, uma entrevista estruturada e, solicitou-se que completassem um questionário de viuvez que incluía informação demográfica, dados de psicodiagnóstico, perguntas específicas sobre o luto e o sofrimento, indicadores de saúde e medidas de auto-relato para psicopatologia. Questionários de *follow-up* foram preenchidos novamente aos sete e treze meses (estando previsto o mesmo procedimento para os dezanove e vinte e cinco meses após a perda). A amostra recolhida apresentava maior número de elementos do sexo feminino (71%) do que masculino (29%).

Desta forma, os autores chegaram a um conjunto de seis dimensões:

- a *primeira dimensão* é relativa às respostas emocionais e cognitivas à morte do cônjuge. Esta dimensão reúne reacções como o choque, a dor do sofrimento, o sentimento de perda, o ódio ou rancor, a culpa, o arrependimento, a ansiedade e o medo, a presença de imagens intrusivas, a desorganização mental, a sensação de impotência perante as coisas, o alívio, a solidão e os sentimentos positivos;
- a *segunda dimensão*, refere-se ao *coping* com a dor emocional. Neste momento, é necessário que a pessoa faça frente à realidade. Logo, as

reações que aqui se enquadram são: o choque e a descrença, o controle emocional, a alteração das perspectivas, a fé, o evitamento e a exposição, a actividade e o envolvimento com outros, a distração passiva, a expressão e a indulgência;

- na *terceira dimensão*, os autores referem-se a emoções relativas à continuidade da relação com o cônjuge falecido, onde se reúnem aspectos como o local e o contacto contínuo;

- a *quarta dimensão* engloba as alterações ao nível do funcionamento, quer em termos de saúde quer no que se refere à função social e profissional;

- a *quinta dimensão* é referente às alterações que se dão nas relações após a morte do cônjuge: mudanças que ocorrem na família, ao nível dos amigos e das relações amorosas;

- na *sexta dimensão*, os autores evidenciam as alterações na identidade. Enfatiza-se o facto de as pessoas, após experienciarem uma situação de grande impacte emocional, como seja a morte do cônjuge, sentirem necessidade de se alterarem na forma como se percebem a si próprias e ao mundo que as rodeia (Shuchter & Zisook, 1993).

Não existe uma forma única e correcta de viver o luto (Stroebe & Schut, 2001b). A conceptualização do luto diz-nos que ele é um processo dinâmico, flutuante e com alterações ao longo do tempo (Stroebe & Schut, 2001b). Neste sentido, e apelando à perspectiva construtivista, o luto é uma verdade nunca totalmente decifrada e o seu desenrolar não é único: temos várias e diferentes perspectivas sobre o luto (Arvey, 2001). É sobre esta perspectiva que nos iremos centrar no próximo ponto desta dissertação.

## **1.2 – Perspectiva(s) narrativa(s) para a compreensão do luto**

Dentro do sentido construtivista atribuído ao *self*, as pessoas conhecem e dão a conhecer as suas experiências, por intermédio das histórias que contam. Neste sentido, e porque as narrativas são construções linguísticas e sociais,

nas quais as suas “verdades” são mensuradas de forma pragmática e não objectiva, as histórias podem ser reescritas sempre que as pressuposições que sustentam essa mesma história sejam desafiadas por acontecimentos inesperados ou incongruentes (Neimeyer, 2001; Romanoff, 2001).

As narrativas têm sido já reconhecidas como elementos importantes no processo de adaptação ao luto. Neste sentido, os investigadores têm procurado considerar as narrativas pessoais como meios de compreensão e adaptação à morte. A proposta narrativa está baseada em aspectos teóricos que nos asseguram a noção de que, indivíduos que experienciaram a morte de um ente querido revisitam esse acontecimento de forma repetida bem como as circunstâncias que lhe estavam associadas, durante o decurso de suas vidas (Capps & Bonanno, 2000). Para além do mais, a metodologia narrativa apresenta-se como um dos recursos mais poderosos para a recordação e reconstrução das experiências a nível pessoal (Capps & Bonanno, 2000).

A análise narrativa foi utilizada em estudos sobre o luto, por vários autores. Folkman (1997), em colaboração com outros investigadores, por intermédio do Projecto Roshomon, analisaram narrativas de trinta homens, sobre a sua experiência na altura em que os seus companheiros morreram com SIDA, com o objectivo de predizer sobre a adaptação à perda, após um ano.

Em direcção semelhante, Nolen-Hoeksema e colaboradores (1997), examinaram narrativas de pessoas, em processo de luto pelos seus companheiros, com o objectivo de detectar a presença de processos de luto ruminativos e qual o seu significado. De forma consistente com o seu anterior trabalho, a autora concluiu que, pensamentos negativos e recorrentes bem como, a auto-examinação e a análise do significado da perda, pareciam estar associados ao stress psicológico, após um ano da perda se ter verificado.

Stein, Folkman, Trabasso e Christopher-Richards (1997), analisaram narrativas de luto com o propósito de identificarem a existência de objectivos pós perda bem como, dos processos de definição desses mesmos objectivos. Estes autores recolheram informação que vai no sentido de que a presença de avaliações positivas (crenças avaliadas como positivas; estados emocionais e

objectivos futuros) é predictiva de bem-estar psicológico e de formulação de objectivos a longo prazo. Estes dados são válidos para o momento da perda, e após um ano desta.

Pennebaker e colaboradores<sup>4</sup> (1993 e 1997) utilizaram um software específico, já utilizado em análise de textos escritos sobre acontecimentos traumáticos, com o objectivo de aceder aos processos afectivos e cognitivos, no âmbito do luto. Os resultados sugerem que o incremento do uso de léxico causal e orientado para o momento da perda, parece estar associado a melhoras ao nível da saúde física, e que a expressão de emoções negativas, mais do que positivas, parece estar associada a maiores níveis de doença.

Na mesma linha de investigação, Capps e Bonanno (2000) realizaram um estudo com o objectivo de avaliar a adaptação ao luto conjugal, por intermédio da análise, da presença ou ausência, de indicadores temáticos e gramaticais. Para os autores, a linguagem não reflecte apenas emoções, acções, identidades e posições morais mas, edifica as mesmas.

Neste estudo, reuniu-se uma amostra final de quarenta e quatro indivíduos, dos quais 64% eram do sexo feminino. As idades dos participantes estavam compreendidas entre os vinte e quatro e os cinquenta e cinco anos. As ligações matrimoniais tinham a duração média de dezasseis anos. Como procedimento deste estudo, os participantes completaram um questionário demográfico, e o Somatic Complaints Survey. Após seis meses da perda, foi administrada uma entrevista estruturada sobre a lógica e a dor da perda. Passadas duas semanas, de ter sido realizada a entrevista, levou-se a cabo uma entrevista aberta. Tanto o questionário sobre queixas somáticas como a entrevista estruturada, bases para a avaliação da adaptação à perda, foram novamente administrados aos catorze e vinte e cinco meses, após a morte do cônjuge.

A entrevista sobre o luto e o pesar foi concebida para conseguir captar a disfunção no funcionamento diário, o que poderia ser atribuído de forma directa aos sentimentos relativos à morte do cônjuge. A cada item correspondia um sintoma em particular. A entrevista aberta decorreu num ambiente específico e

---

<sup>4</sup> Mayne, T. J., Francis, M. E.

foi registada em suporte audiovisual. Os indivíduos foram aparelhados com instrumentos de avaliação fisiológica automática, e o entrevistador estava sentado no lado oposto ao dos participantes. A entrevista iniciou-se com a indicação, por parte do entrevistador, de que aquele momento pretendia levar a conhecer melhor a experiência do luto, do ponto de vista do indivíduo. Durante o decorrer da entrevista, o investigador apelava a uma postura aberta, por parte do entrevistado (Capps & Bonanno, 2000).

Os resultados proporcionados pelo estudo de Capps e Bonanno (2000), sugerem que existe uma relação entre a forma como o indivíduo utiliza a linguagem para se referir à morte do seu cônjuge e a adaptação à perda, ao longo do tempo. Para além de que esta investigação enfatiza a utilidade da análise de narrativas pessoais enquanto meios de identificação dos processos que promovem e impedem a adaptação ao luto conjugal. Contrariamente às teorias tradicionais sobre o luto, mas de forma consistente com os resultados empíricos mais recentes, a preponderância de pensamentos e emoções negativas, na fase inicial do processo de sofrimento, podem ser de mau prognóstico no sentido em que, podem predizer um maior nível de disfunção no que se refere às tarefas diárias, ao longo do tempo. Esta investigação permitiu, igualmente, perceber que o pessimismo está associado a atribuições de menor controlo ou controlo reduzido. Por outras palavras, as pessoas tendem a diminuir as suas capacidades de acção e intervenção, em acontecimentos de índole negativa (Capps e Bonanno, 2000).

Estes autores concluíram de igual forma que, indivíduos que narravam um sentimento de menor capacidade em controlar os aspectos negativos, relacionados com a experiência da perda, sofriam mais com sentimentos de ineficácia. No que se refere a acontecimentos significativos, as pessoas tendem a reflectir sobre o seu significado na forma de narrativa. O acto de narrar cria teorias sobre o *self* e sobre o mundo, não estando estas confinadas apenas ao passado, mas de igual forma a guiarem a compreensão e o comportamento, no presente e no futuro (Capps & Bonanno, 2000; Romanoff, 2001).

Como forma de recolher o que de mais significativo foi descrito nestas últimas páginas sobre o luto, gostaríamos de dar a devida atenção à citação de Herman Hesse (1952/2002), com que iniciamos esta temática. O autor faz um pequeno resumo de tudo quanto as várias teorias e os vários investigadores tentam atingir: uma compreensão do fenómeno de adaptação ao luto.

Quando Hesse (1952/2002) defende que as reacções que temos no momento da perda não são suficientes: “ (...) *para reforçar a nossa ligação à pessoa que morreu (...)* ”, parece remeter-nos para a reorganização e nova significação da relação com a pessoa que faleceu. Este aspecto é novamente referido quando o autor nos diz que a “*celebração dos mortos*” deve ser “*uma espécie de reconstrução do ente querido no nosso interior*”, como que apelando ao sentido constructivista de que, os significados são relacionais.

Por fim, este pequeno texto de Herman Hesse (1952/2002) reforça o facto de que por muito tempo que passe, após a perda efectiva da pessoa, a ligação emocional mantém-se, e estes comportamentos podem “*ajudar-nos (...) a tornar a dor frutuosa*”, apelando à função adaptativa do luto.

## 2 – A viuvez na velhice

De acordo com Moss, Moss e Hansson (2001) existe, ainda, escassa pesquisa que seja capaz de realizar a interface entre a morte, o luto e a idade mais avançada. Na mesma linha do referido pelos anteriores autores, Hansson, Remondet e Galusha (1993) dizem-nos que realmente existem poucos estudos vocacionados para a exploração dos contextos onde as viuvezes são experienciadas, ou para o estudo da possível influência das mudanças relativas à terceira idade, nos recursos de uma pessoa viúva para lidar com a perda.

Hansson, Remondet e Galusha (1993) justificam a necessidade de estudar com maior interesse esta combinação – viuvez/terceira idade – pelos seguintes motivos:

- a viuvez ocorre, normalmente, nos períodos etários mais tardios;
- a viuvez ocorre de forma mais frequente nas mulheres, devido a questões de longevidade, bem como, os homens tendem a casar novamente após a morte da sua esposa;
- as pessoas viúvas mais velhas são as que têm maior probabilidade em viver sozinhas e com menores rendimentos;
- as pessoas viúvas, especialmente as mulheres, têm ainda muita da sua vida por viver após a morte do cônjuge (em média cerca de catorze anos para o género feminino).

Estes quatro pontos levantam questões muito importantes do ponto de vista dos viúvos, como seja, a sua independência em relação à pessoa falecida, o lidar com todas as relações familiares e com os suportes sociais possíveis, e o ir conhecendo as necessidades emocionais, de saúde ou práticas, que vão surgindo ao longo do tempo (Hansson, Remondet & Galusha, 1993).

Neste sentido, estes mesmos autores apresentam um cruzamento entre as teorias desenvolvimentais do ciclo de vida com as teorias associadas à

orientação da carreira, com o objectivo de atingirem um modelo explicativo do fenómeno da viuvez na terceira idade.

De acordo com a orientação desenvolvimental do ciclo de vida (Baltes, Reese & Lipsitt, 1980), a adaptação e o crescimento são possíveis em qualquer fase de vida, mesmo nos últimos anos. Não existe nenhuma linha final ou suposto término, no que se refere aos estados psicológicos, competências ou capacidades de adaptação, nesta linha teórica. Por outras palavras, não se assume ou pressupõe um início do declínio. O que é mais salientado e valorizado nesta abordagem é a diferenciação qualitativa. O desenvolvimento é um processo de vida e da vida, e como tal, as mudanças comportamentais e o próprio desenvolvimento podem ocorrer em qualquer fase do nosso percurso de vida.

Deste modo, da proposta elaborada por Hansson, Remondet e Galusha (1993), falta referir a sua conceptualização do processo da viuvez. Após terem referido a importância de olharmos a vida como uma constante hipótese de crescimento e desenvolvimento, estes autores conceptualizam o decurso da viuvez como se de uma carreira profissional se tratasse. A viuvez, em analogia com a carreira profissional, permite-nos olhar para o futuro de uma outra forma. Os viúvos podem assim planear o seu futuro, investir, e consequentemente, assumirem o controlo individual das suas opções de vida, bem como, permitirem-se olhar o tempo de uma forma mais ampla e mais alargada. Esta perspectiva dá-lhes espaço para reconstruírem as suas vidas (carreiras), e encorajá-los a tomar o controlo do seu percurso de vida após a perda do cônjuge.

Os estudos levados a cabo por Lund, Caserta e Dimond (1993) foram pioneiros na introdução da perspectiva longitudinal aplicada à compreensão do processo de luto em adultos mais velhos. Para além desta inovação, os autores realizaram estudos com amostras de pessoas em luto recente, e grupos de controlo constituídos por pessoas que não estavam em luto.

Para o seu estudo longitudinal, Lund, Caserta e Dimond (1993), reuniram uma amostra de 192 pessoas, com idades superiores a cinquenta anos e que



estavam viúvas, pelo menos, há três meses. Utilizaram várias escalas *standard*, muito embora tenham utilizado uma entrevista semi-estruturada. Esta entrevista permitiria aceder a informações relativas a: quais as maiores dificuldades sentidas; quais os conselhos que dariam a outras pessoas viúvas; que pensamentos teriam sobre um possível casamento; experiências com grupos de suporte; estado de saúde e actividades sociais.

Os referidos autores confirmaram que a resposta ao luto é muito variada e muito diversificada. Encontraram pessoas que, simultaneamente, se sentiam miseráveis, tristes, culpabilizadas, mas também, se sentiam orgulhosas da sua força interior no confronto diário com o luto. A solidão foi descrita como sendo a maior e única grande dificuldade destes cônjuges viúvos, para além de que estes descreveram que estar só não é o mesmo que estar sozinho.

Lund, Caserta e Dimond (1993), puderam concluir que o processo de luto em adultos mais velhos, apresenta-se mais resiliente, mais capaz de atingir outras fontes de acção e investimento, mais capaz de procurar a adaptação. Justificam esta afirmação baseando-se no facto de, os adultos mais velhos estão mais capazes de reconhecer a dificuldade que acarreta uma mudança ou alteração no ciclo de vida. Pese embora o facto do luto, após um casamento ou união de muitos anos, ser um acontecimento muito doloroso, do ponto de vista psicológico. No mesmo sentido segue a experiência relatada por Pimentel (2001), apontando que este sentimento de perda, muito específico, é vivenciado pela população idosa, em particular, de uma forma muito intensa. Normalmente, estas perdas são vividas com grande dramatismo e acabam por marcar toda a vivência posterior deste grupo etário. Estes chegam mesmo a privar-se voluntariamente de toda e qualquer actividade social e de diversão, após a morte do seu cônjuge.

No seguimento do estudo de Lund e colaboradores (1993), a noção de que os processos de luto não se encontram delimitados por fases ou estados, também é uma evidência. Os autores utilizam a metáfora da "montanha russa", como forma de se referirem ao luto. Dos dados recolhidos evidenciam os primeiros meses como os mais difíceis. No entanto, utilizando a metáfora da "montanha russa", para alguns viúvos a viagem pode nunca acabar mas, vão

aprendendo a viver com isso. Outros há que, são mais activos na procura e descoberta de formas para equilibrar os altos e baixos.

Do estudo de Lund e colaboradores (1993) resultou, de igual forma, a organização de um par de matrizes orientadoras a utilizar numa investigação no âmbito dos processos de adaptação ao luto. Em primeiro lugar, os autores referem que, para o estudo dos processos de luto, se torna crucial o uso de investigações longitudinais. Os autores consideram que a utilização de avaliações repetidas ao longo do tempo, vai permitir atingir uma noção mais apurada, tendo em conta o carácter/natureza transitórios do luto. Em segundo, e último lugar, os autores defendem a utilização de múltiplos indicadores de adaptação ao luto, justificando-se esta opção, pela grande variedade e diversidade na forma como o luto afecta cada indivíduo. Os autores apresentaram uma lista de vários indicadores (Quadro 1) com a sua devida importância para a adaptação ao luto:

**Quadro 1- Indicadores de menor, moderada e de relativa grande importância para a adaptação ao luto, presentes no estudo de Lund, Caserta e Dimond (1993).**

Indicadores de relativa menor importância
<p>IDADE – não prediz nenhuma, maior ou menor, adaptação ao luto muito embora, os autores tenham assumido que, para indivíduos com idades superiores a 75 anos, o risco era superior, nomeadamente, no que se refere ao tamanho e à proximidade percebida dos seus grupos de suporte social.</p> <p>GÉNERO – não se revelou um factor ou indicador, pese embora que ambos os géneros se distingam na sua falta de competências para algumas actividades diárias, mostram-se semelhantes nas suas adaptações, quer emocionais, psicológicas, sociais e de saúde.</p> <p>SATISFAÇÃO CONJUGAL – anterior à morte do cônjuge não se revelou importante para uma boa adaptação ao luto, necessitando de maior estudo e maior interesse por parte da investigação futura.</p>
Indicadores moderadamente importantes
<p>NOÇÃO DA SUA SAÚDE – não se revelou importante para a adaptação.</p> <p>RELIGIÃO – a actividade na sua crença religiosa mostrou alguns sinais de importância no processo de adaptação ao luto.</p> <p>CONSELHOS A DAR: o manter-se ocupado e activo socialmente, foram os conselhos mais referenciados, para além de que os viúvos que os referiam demonstraram ganhos nas suas competências percebidas para lidar com a morte.</p> <p>SUORTE SOCIAL – apenas algumas vertentes do suporte social é que se demonstraram moderadamente significativas: proximidade percebida, auto-expressão, contacto, partilha de confidências e ajuda mútua.</p> <p>REORGANIZAR A VIDA – no estudo destes autores, 10% da amostra realizou um novo casamento, evidenciando uma redução dos níveis de stress, e um melhoramento significativo nas avaliações referentes à satisfação com a vida, e à resolução do pesar e do luto.</p>
Indicadores melhor relacionados com a adaptação ao luto
<p>São os factores que estão mais relacionados com a própria pessoa, as suas fontes e recursos que vai sendo capaz de utilizar e implementar no seu próprio processo:</p> <p>TEMPO DECORRIDO DESDE O MOMENTO DA PERDA – a noção de melhoramento e de gradual adaptação à situação; revela no entanto, uma postura algo passiva por parte do sujeito;</p> <p>ADAPTAÇÃO AO LUTO NOS MOMENTOS INICIAIS – o sucesso cedo ou a dificuldade extrema, podem ser reguladores do caminho futuro e da direcção que a adaptação ao luto pode tomar;</p> <p>CAPACIDADE COMUNICATIVA – indivíduos comunicativos em relação aos seus sentimentos e pensamentos revelam melhores adaptações ao luto;</p> <p>AUTO-ESTIMA e SENTIDO DE COMPETÊNCIA – níveis positivos em ambas as dimensões, resultam numa resposta mais favorável no que concerne à adaptação ao luto.</p>

No seguimento destas conclusões, os autores referem que a experiência de perder o cônjuge nesta faixa etária requer um vasto leque de adaptações, para que se consiga conhecer as exigências de um estilo de vida e ambiente social, totalmente diferentes. Assumir o controlo das nossas vidas requer

motivação, orgulho, competência, flexibilidade e alguma ajuda de outros, tendo como pano de fundo o passar do tempo.

Continuando a centrarmo-nos em estudos recentes, Carr, House, Wortman, Nesse e Kessler (2001), apresentam uma análise da vivência da viuvez, baseada em factores bem identificados. Estes autores consideram que as consequências psicológicas da viuvez variam consideravelmente, conforme variam as características do elemento do casal sobrevivente, do falecido, e do tipo de relacionamento que existia. Os mesmos autores referem que a forma como o parceiro vive a dor da perda, pode ser influenciada pelo facto de a morte ser súbita e inesperada, ou ser o resultado de um longo período de doença, e consequentemente, ser uma morte esperada. No entanto, a investigação quanto ao facto de a morte inesperada ou esperada do parceiro acarretar maiores ou menores níveis de stress para o elemento sobrevivente, tem sido inconclusiva.

No que se refere em particular à população idosa, a investigação raramente se dirige de forma específica para estes. A maioria dos estudos enfatiza as mortes “fora de tempo”, como, por exemplo, pessoas que enviuvam muito novas, ou sobre homicídios. As mortes de pessoas mais novas ou as mortes violentas são consideradas situações em que os mecanismos de superação da dor apresentam menor eficácia e maior lentidão, no que se refere ao processo de recuperação do luto.

Para estes autores, a ligação entre os níveis de previsibilidade da morte e o bem-estar de pessoas de idade viúvas, apresenta uma importância vital. Será interessante referir que esta equipa de investigação reflecte sobre o avanço tecnológico ao nível da medicina, e sobre a sua possível interferência no adiar da morte, em pessoas idosas. Reflectem pois, sobre como este avanço tecnológico poderá lentificar a passagem entre o diagnóstico e a morte da pessoa. Deste modo, chamam a atenção para o “intervalo entre a vida e a morte” bem como, as consequências que este pode acarretar para o processo de adaptação à morte e à perda, por parte do companheiro que sobrevive.

Na perspectiva de Carr e seus colaboradores (2001), no caso das pessoas idosas, até as mortes mais súbitas podem ser vistas como tendo sucedido no seu tempo, sendo por isso quase como que esperadas. Da mesma opinião é Nolen-Hoeksema (2001) quando refere que a família de uma pessoa de idade que morre, consegue, na sua maioria, encontrar um sentido para aquela morte. Como as transições de vida que estão previstas (que são esperadas), são mais fáceis de levar a cabo, e menos indutoras de stress do que as transições inesperadas, a morte súbita de um cônjuge idoso não será mais difícil de aceitar do que, a morte de um cônjuge idoso, após um longo período de doença (Carr *et al.*, 2001).

No entanto, e como já referimos anteriormente, a vivência da viuvez não se apresenta igual para todos os elementos da população idosa, e muito menos, entre homens idosos e mulheres idosas. Com base nas conclusões de Fly (2001), existem realmente diferenças de género na forma como os idosos, lidam com a perda do cônjuge. No seguimento das conclusões de Fly (2001), os viúvos apresentam, após a morte da sua companheira, maiores níveis de eficácia em áreas materiais ou mais instrumentais como sejam, a área financeira e a área da manutenção física, em comparação com as viúvas. No entanto, quando nos reportamos para a eficácia interpessoal, emocional, de suporte social e de bem-estar psicológico, as viúvas atingem níveis mais satisfatórios que os viúvos. Num estudo de Fernandes (2002), as conclusões apontam para o mesmo sentido. Ou seja, o homem tem tendência para se isolar, a nível emocional, mais do que as mulheres, apresentando níveis de somatização dos seus sofrimentos igualmente superiores. Na sua investigação, já referida anteriormente, Lund e colaboradores (1993), também encontraram diferenças de género na realização de tarefas diárias e do quotidiano. Nomeadamente, as mulheres viúvas apresentaram maiores dificuldades em realizar pequenas reparações em casa, ou em lidar com situações legais ou financeiras. Os homens viúvos apresentaram dificuldades em tarefas como, cozinhar, fazer compras, tomar conta de si próprio ou até nas lides domésticas.

As diferenças ao nível das experiências e expressões do sofrimento entre homens e mulheres, são influenciadas por características pessoais e reacções apropriadas em relação ao sentimento de sofrimento aceite pela sociedade, bem como, pelas diferentes expectativas de vida para cada género (Black, 2002). Verifica-se que a noção que as mulheres apresentam das suas próprias capacidades de facilmente concretizarem actividades sociais, de criarem maiores redes sociais de contactos e de apoios, e de manterem uma força interior estável através de crenças espirituais muito fortes, as ajuda no processo de vivência de qualquer perda, mesmo quando se trata da morte do seu marido.

Como conclusão do seu estudo, Black (2002) aponta a necessidade de se trabalhar aspectos relacionados com os níveis de auto-eficácia em pessoas idosas. Muitos dos investigadores consideram importante proporcionar ao viúvo ou viúva novas actividades para realizarem no dia-a-dia. No entanto, na opinião de Fly (2001), todo esse esforço poderá ser inglório quando, à partida, o sentimento que a própria pessoa idosa tem da sua auto-eficácia social é muito negativo. Será então importante criar programas de intervenção com esta população, em particular, com o objectivo de fortificar os sentimentos de auto-eficácia.

Num estudo de Berna van Baarsen (2002), as conclusões apontam para uma diminuição generalizada da auto-estima em situações de luto, o que posteriormente, vai acarretar implicações na forma como este grupo etário interage socialmente. Neste sentido, a autora verificou um aumento do isolamento e da solidão em pessoas idosas viúvas. Na sua pesquisa a mesma autora refere a importância da presença de vários apoios, principalmente, a nível emocional, durante os primeiros momentos de dor intensa pela perda.

Na mesma direcção aponta a investigação de Thuen e Rheime (1997). Na tentativa de procurar uma resposta para o problema do suporte social em grupos de pessoas mais velhas, e viúvos há mais de dois anos, os autores procuraram estudar a forma como a viuvez de longa duração pode afectar o bem-estar psicológico e o suporte social destes. Tendo por base estas

variáveis, os autores compararam a amostra de pessoas idosas viúvas, com uma amostra de pessoas idosas ainda em situação de matrimónio.

Os autores realçaram o facto de a investigação levada a cabo no âmbito da terceira idade ser maioritariamente realizada com pessoas idosas mais novas. Esta situação poderá ser problemática, já que está estudado que as pesquisas concretizadas com pessoas com idades superiores a setenta e cinco anos demonstraram que estas têm uma rede de suporte primário de menor amplitude, e experienciam um menor grau de proximidade com os seus pares. Tal questão pode tornar-se mais grave quando lhe adicionamos o facto de este grupo mais envelhecido estar numa situação de viuvez (Thuen & Reime, 1997). Deste modo, os autores procuraram provar que o suporte social reduz a vulnerabilidade ao luto, comparando o efeito do mesmo em viúvos e casados.

Os resultados apontam para que, em dimensões como a auto-estima, sentido de coerência, ansiedade ou depressão, não existam diferenças, ao nível do universo masculino quer sejam, casados ou viúvos. No entanto, os viúvos demonstraram resultados inferiores aos homens casados, no que se refere ao suporte social percebido. Em relação às mulheres, as diferenças já foram notórias e favoráveis para o grupo das casadas, no que se refere às dimensões da ansiedade, sentido de coerência, e no suporte social percebido.

Thuen e Reime (1997) consideram que os indivíduos mais velhos apresentam uma particularidade ao nível da capacidade de adaptação à viuvez. Criam novas aspirações e adoptam comportamentos e acções menos exigentes. Com o avançar da idade, os processos de acomodação demonstram ser cada vez mais importantes no confronto com as situações de vida. No que se refere ao suporte social, as pessoas mais velhas e viúvas, experienciam menor suporte social do que as pessoas mais velhas, que ainda estejam casadas. Para além disso, é possível constatar que, de igual forma, os viúvos são indivíduos mais vulneráveis e dependentes do que os casados (Thuen e Reime, 1997).

Deborah Kestin van den Hoonaard (2001) apresenta-nos o livro: *"The widowed self: The older woman's journey through widowhood"*. Nesta obra a

autora remete-nos para um estudo de dois anos, onde somos levados através de histórias sobre viuvez, e sobre toda a reviravolta que a vida dá a partir do momento em que o companheiro de uma vida morre. Este estudo nasceu da curiosidade da autora em conhecer, de que forma, mulheres mais velhas, experienciam a viuvez; compreender o impacto profundo que é perder o marido na vida destas mulheres.

Nesta fase da vida, o nosso cônjuge representa o companheirismo e a ajuda a todos os níveis. Deste modo, a noção de perder o companheiro de vida surge como um acontecimento nunca previsto e esperado, no tempo em que ocorre. De que forma estas mulheres reconstituíam a sua vida após perderem alguém com quem partilharam trinta, quarenta ou cinquenta anos da sua vida?

Para dar resposta a esta questão, van den Hoonaard (2001) pensou em utilizar um processo de recolha, que permitisse olhar para a viuvez como um processo de transição, mais do que um simples estatuto social. Desta forma, considerou que o modelo narrativo permitia que as pessoas contassem a sua própria história da maneira que lhes agradasse mais, dando-lhes a oportunidade de incluírem o que achassem necessário e significativo. Neste sentido, construiu uma entrevista aberta, que permitia à participante colocar ou retirar pormenores que melhor se adequavam à sua história.

Entrevistou vinte e sete mulheres viúvas, durante um período de dois anos. As entrevistas decorreram nas casas das próprias participantes, com durações que variaram de duas a quatro horas. Neste trabalho, a autora não pretendia atingir explicações causais para o processo de viuvez. Pretendia sim, compreender um fenómeno social, colocando-nos num nível em que somos capazes de compreender o mundo pelo ponto de vista daqueles que são estudados. Num comentário muito pessoal, não será este o objectivo diário da psicologia e das pessoas que a exercem?

*“Thus, this book does not simply look at a few items (i.e., independent variables) to see how they affect a few other items (i.e., dependent variables). Rather, it looks at widows as multidimensional humans beings who interact with other individuals, bureaucracies, the*



*memories of their deceased husbands and with themselves in order to understand their everyday lives.” (p. 6).*

Com o decorrer das entrevistas, tornou-se claro que as interpretações destas mulheres, sobre o que era importante em ser viúva, não começavam no momento em que os seus maridos morriam, para além de que viam a transição para a viuvez como um processo mais do que como um evento estático. A autora também encontrou alguma tendência para a idealização dos maridos. E nunca se falou de viuvez sem se falar do casamento ou da união que existia. Aliás, falar da viuvez não será falar da forma como se morreu mas sim, da forma como se viveu. Ou seja, a forma como se viveu vai influenciar o modo como vamos organizar a viuvez.

Ao longo do livro, as entrevistas vão sendo entrecortadas com comentários e sumários interpretativos da autora. Tentaremos agora, sumariar algumas dessas interpretações, focando as várias dimensões que a entrevista abarcou.

Após a morte do cônjuge, as viúvas referiram sentir e experienciar fortes reacções, tanto emocionais como físicas. Tudo o que acontece, posteriormente, é aumentado e amplificado. Em paralelo, surge a necessidade de estarem ocupadas, muitas vezes com assuntos formais associadas à morte do marido. A resposta que mais se destacou à questão sobre, o que de mais marcante persiste daqueles primeiros dias após a morte do marido, é o choque. A autora fala sobre a convergência de emoções referidas pelas viúvas entrevistadas. No entanto, existiram casos de alguma diferenciação emocional.

Com o decorrer das entrevistas abarcam-se as questões ligadas à relação com os filhos, e à forma como estes encararam a viuvez da mãe e a morte do pai. A dificuldade que os filhos adultos têm em assumir que após a morte dos seus pais, as suas mães podem e são capazes de tomar as suas próprias decisões e de viverem sozinhas, foi uma das conclusões retiradas pela autora. Ela mesma refere, como é importante existir um equilíbrio entre o suporte à viúva e a sua privacidade. Tanto para o conforto da própria viúva, como para conforto dos próprios filhos. As mulheres viúvas querem que os

seus filhos tomem noção da sua perda e estejam disponíveis para o auxílio, quer emocional quer instrumental. Mas quando o equilíbrio é substituído por uma protecção excessiva, estas mulheres sentem-se frustradas na luta para conseguirem construir uma nova vida para elas. Há uma urgência na renegociação da relação com os filhos, pois eles olham para elas como mais vulneráveis, e tendem a reagir tornando-se mais protectores, com maior ênfase nos filhos rapazes.

Ainda falando sobre os filhos, a autora diz-nos que na sua maioria, as mulheres viúvas preferem viver sozinhas em vez de viverem com os seus filhos. No entanto, sentem-se felizes em contar que os seus filhos as convidaram para ir viver com eles. A noção de que podem ser um embaraço, uma preocupação e um limite para os seus filhos, fá-las recusar esse mesmo convite, desejando assim, não ameaçar a boa relação que têm com eles. A negociação necessária para atingir relações confortáveis e equilibradas, é subtil e complexa (van den Hoonaard, 2001).

Para além de tudo o que já foi relatado, a autora fala-nos dos desafios que as viúvas tiveram que enfrentar na tentativa de manterem, com sucesso e de forma confortável, as relações com os seus amigos.

Na relação com os amigos e com o exterior, as viúvas rapidamente sentiram que alguma exteriorização emocional menos controlada não seria tão bem entendida pelos que as rodeavam, o que implicou um grande esforço no modo como se apresentavam e se relacionavam. Tentavam não se mostrar muito abstraídas pela dor da perda, para não intimidarem a sua companhia, e inclusive, fazerem sentir que estavam a conseguir adaptar-se bem ao luto e à viuvez.

Estas viúvas compreenderam que não existe lugar para uma mulher sozinha na sociedade, quer seja em espaços mais privados, quer em locais públicos, como hotéis e restaurantes. Estar sozinha num mundo de casais pode ser muito desconfortável o que implica, necessariamente, novas aprendizagens sobre como interagir com as pessoas, e nomeadamente com o sexo oposto.

O desafio que uma nova relação ou um novo casamento traz nesta altura da vida, pode surgir como uma opção mais do que possível ou totalmente impensável. Mesmo que estas mulheres não pretendam um novo casamento, a autora afirma a necessidade de elas pensarem novas formas de agir com homens, sem serem mal entendidas para além de que, as normas sociais que regiam as relações entre homens e mulheres não casados sofreram alterações claras e evidentes desde os últimos trinta, quarenta ou cinquenta anos, em que elas permaneceram casadas.

Na maioria das viúvas entrevistadas por van der Hoonaard (2001), a vontade para casar novamente não se verificava. A afirmação de que não se casariam novamente chegou mesmo a ser peremptória. No entanto, algumas referiam a hipótese de poder vir a casar uma segunda vez ou então afirmavam que nunca tinham pensado nessa situação.

O facto de não se casarem novamente estaria relacionado com várias razões entre as quais, a certeza de já terem tido um bom marido e conseqüentemente, acabarem por comparar os dois o que, nas suas perspectivas, seria injusto. Os motivos que levavam algumas viúvas a optarem por um segundo matrimónio prendiam-se com, o cortar da solidão que sentiam naquele momento, com a crença de que um segundo casamento poderia ser tão bom quanto o primeiro, ou com a possibilidade de terem um companheiro.

Devido à imensa solidão que está envolvida neste processo de luto, acabamos por pensar na viuvez como um acontecimento única e exclusivamente negativo. O crescimento é uma parte intrínseca da viuvez para a maioria das mulheres (van der Hoonaard, 2001).

A surpresa surge quando as viúvas, participantes neste estudo, se apercebem que são capazes de aprender novas coisas e de lidarem com determinados assuntos, que antes não eram da sua responsabilidade. A maioria das mulheres ficou surpreendida, de igual forma, com a sua força emocional, e com a sua habilidade para aprender coisas novas. Todas estas situações mostraram ter grande impacto no sentido de competência e confiança destas senhoras.

Outro dos aspectos da nova vida destas viúvas que as surpreendeu foi o facto de estarem a conseguir viver sozinhas. Para muitas delas esta era a primeira vez que tal situação se verificava, visto que tinham saído de casa dos pais para casar.

A autora procurou conhecer como era a realidade destas viúvas no que se refere aos aspectos financeiros. Na realidade, o dinheiro disponível reduziu após a morte dos maridos. De qualquer maneira, o que era importante para van der Hoonaard (2001) perceber era, qual a interpretação das viúvas a esse menor rendimento. Muito embora as viúvas tenham reportado facilidade em lidar com qualquer aspecto financeiro, tornou-se claro para a autora que estes assuntos nunca são fáceis para elas.

No que se refere às ligações à comunidade, a autora encontrou nestas viúvas diferentes formas de estar e de pertença. Um pequeno número das participantes fazia parte de um grupo de suporte a viúvas. As restantes afirmavam que não pertenciam a este género de suporte, apresentando os motivos pelos quais não o consideravam como importante para elas próprias: sentiam alguma dificuldade em exteriorizar emoções em frente a outras pessoas; sentiam dificuldade em lidar com as emoções dos outros e que acabariam, por isso, por abandonar o grupo; sentiam que não iriam avançar na resolução do processo do luto; percepcionavam-se como confiantes em relação ao futuro da sua adaptação ao luto, referindo-se às viúvas que o frequentavam como estando muito mais necessitadas de suporte do que elas próprias, e apresentavam a noção de que eram capazes de realizar esta caminhada sozinhas.

As viúvas que participam ou participaram em grupos de suporte referem que inicialmente os encontros eram caracterizados por fortes expressões de pesar e de tristeza, tendo evoluído para um espaço onde se discutem as situações mais práticas do dia a dia, que acabam por ser muito úteis na perspectiva destas senhoras.

O envolvimento com a igreja foi igualmente observado como uma ponte de ligação à comunidade. As viúvas entrevistadas referiram quatro níveis de envolvimento e significado para com a igreja e a fé:

- 1- Fé pessoal e individual em Deus;
- 2- Interação e proximidade ao Padre responsável pela Paróquia;
- 3- Envolvimento activo na comunidade da igreja;
- 4- Envolvimento extensível às actividades e organizações promovidas pela igreja.

Para estas senhoras a fé em Deus é algo muito valorizado. As “conversas” com Deus foram caracterizadas como essenciais no preenchimento do vazio sentido pela ausência dos maridos. Para além da fé, muitas chegaram a afirmar a crença numa vida para além da morte, como forma de manterem vivos os seus maridos, bem como de alimentar a ideia de que um dia poderão estar novamente juntos.

A autora encontrou alguma variedade no registo de participação activa em actividades e organizações por parte da sua amostra. A variedade foi também evidente no desejo que elas demonstraram em participar neste género de situações. De uma forma geral, também não existem em grande número organizações disponíveis, o que acaba por limitar o raio de acção e interesse destas mulheres (van der Hoonaard, 2001). No entanto, a autora concluiu que as ofertas disponíveis a este nível serviam por completo as viúvas que a elas recorriam. As mulheres que encontram gosto e prazer, nestas actividades, sentem-se ocupadas e integradas na sua comunidade.

Neste estudo, van der Hoonaard (2001) explora várias realidades sobre a experiência de ser viúva na faixa etária mais avançada do nosso ciclo de vida. No decorrer desta breve abordagem ao estudo desta autora, podemos verificar a existência de vários indicadores importantes e influentes na reorganização da vida destas viúvas, após a morte dos seus companheiros. Todos os

indicadores presentes acabaram por influenciar cada história de uma forma particular e de acordo com os significados que cada viúva lhes atribuiu.

A autora da obra abrange indicadores como o tempo imediatamente após à perda do marido, passando pelo que mais surpreendeu as viúvas ao longo deste seu processo de luto e adaptação à perda. Remete-nos para a relação com os filhos e com os amigos, auscultando, igualmente, a possibilidade de novas relações ou matrimónios nos seus horizontes futuros. Faz referência à influência dos factores financeiros na adaptação ao luto, bem como explora as ligações destas viúvas à comunidade com maior relevo para a fé e para a igreja.

**Parte II**  
**À PROCURA DE SIGNIFICADO(S)**  
**EM NARRATIVAS DE IDOSOS SOBRE A VIUEZ**

**CAPÍTULO III – A perspectiva narrativa na psicologia do  
envelhecimento**



*“A realidade surgindo, sobretudo, como “um conjunto de significados que cada um de nós constrói num espaço e tempo determinados em implícita interacção consigo próprio e com os outros (...)”*

Alarcão, M. (2000)

## 1 – O movimento narrativo

Já tivemos oportunidade de fazer referência às contribuições narrativas para a compreensão do processo de luto, que pode ocorrer em qualquer etapa do desenvolvimento.

O presente capítulo retoma o tema das narrativas, focalizando-o no domínio específico da Gerontologia. Optámos pois por fazer uma breve apresentação do movimento, seguindo-se a descrição dos desenvolvimentos ocorridos na área do saber dedicada aos mais velhos.

De acordo com o que nos diz Botella e Herrero (2000), tem havido um crescente interesse pelas perspectivas narrativas. A ideia da narrativa enquanto metáfora de base para o funcionamento psicológico humano tem motivado constructivistas e construccionistas sociais, sendo, por exemplo, para Ruiz (1997), um dos temas mais fascinantes da Psicologia contemporânea.

Ao longo dos tempos, temos vindo a concluir que o pensamento das pessoas, nos seus acontecimentos diários, não segue os padrões de inferência, abstracção e de generalização que o pensamento científico ou paradigmático tanto proclamou (Baumeister & Newman, 1994; Ruiz, 1997). O pensamento paradigmático, lógico e científico, tem como metáfora de base o computador e pretende ser uma forma, quase matemática, de explicar o conhecimento. Ao longo de muito tempo, a Psicologia cresceu associada a esta premissa.

*"A experiência tem uma natureza eminentemente caótica."* (Gonçalves, 2000:43). Neste sentido, o indivíduo necessita de a organizar com coerência, e para tal, estrutura-a narrativamente. O nosso conhecimento é construído através das nossas experiências graças à capacidade que possuímos em organizar conhecimentos em matrizes narrativas (Gonçalves, 1993; 2000). As nossas histórias mais privadas não são, meramente, um instrumento descritivo das nossas vidas. Permitem-nos ordenar, dar significado às nossas experiências e à informação que nos vai surgindo. Constrói-se uma estrutura que organiza o caos e que fornece significado, ao que pode ser uma situação insignificante (Besora, 1995).

*"É curioso verificar que estas significações culturais que emergem do registo narrativo com que os sujeitos estabilizam as suas redes sociais, oferecem-se como uma dimensão proactiva e transformadora da própria realidade que narram. As narrativas não relatam realidades mas são as próprias narrativas que as criam. Daí que produzir uma narrativa seja transformar uma realidade."* (Gonçalves, 2000:37).

As narrativas são meras representações da realidade. Ou seja, elas não podem ser vistas como uma réplica exacta da realidade ou do acontecimento descrito. Deste modo, elas são sempre representações da experiência vivida, e sujeitas a mudança e reinterpretações, bem como, evoluções (Gonçalves, 2000; Gonçalves & Pinto, 2001; Gilbert, 2002). De acordo com Reissman (1993), as narrativas de cada vez que se partilham, tendem a ser alteradas. As histórias são preenchidas por experiência, e uma parte dessa experiência, cabe à tarefa de contar e reexperienciar a própria história.

A narrativa será o modo que os indivíduos poderão utilizar para comunicarem a sua experiência subjectiva, organizando-a no tempo, permitindo-lhes lidar com situações originais e de alguma ambiguidade. Enquanto vamos construindo a nossa própria história pode-se verificar que

o acto de partilhar um conjunto de experiências, de contar as nossas pequenas histórias, acaba por ser um acto social em si, no qual as identidades são estabelecidas e mantidas (Botella & Herrero, 2000; Gilbert, 2002).

O processo é circular. As histórias criam uma estrutura nas nossas vidas, a qual nós consideramos como real. Ao mesmo tempo, as nossas vidas e as nossas percepções, estabelecem a estrutura das nossas histórias. Nós criamos as nossas histórias e vemos o nosso mundo e a nós próprios, através da matriz das nossa histórias.

*“É na existência de uma matriz narrativa que o sujeito consegue um distanciamento da sua experiência, sendo capaz de abrir a construção do seu conhecimento na direcção de horizontes múltiplos de significação. Por outras palavras, nós construimos conhecimento da nossa experiência graças a esta capacidade de organizar conhecimento em termos de uma matriz narrativa”* (Gonçalves, 2000:43)

É esta a nova janela que o movimento narrativo abre sobre a Psicologia. De seguida iremos explorar como é que esta mesma janela se abriu perante a Gerontologia, bem como, que novas paisagens lhe proporcionou.

## **2 – O movimento narrativo na psicologia do envelhecimento – a narrativa gerontológica**

O termo gerontologia narrativa surge, pela primeira vez, em 1994 por intermédio de Ruth e Kenyon, como paralelo ao termo, psicologia narrativa, utilizado por Sarbin e Bruner (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001). Esta grelha de leitura é vista como uma metáfora de raiz, e tem, como propósito, reunir um conjunto de percepções sobre o envelhecimento e sobre as formas como estudá-lo.

A narrativa gerontológica possui um conjunto de características ou pressupostos básicos. Em primeiro lugar, pressupõe a noção do ser humano como contador de histórias. Contar histórias é um elemento fundamental do ser humano, ele é uma história em si. As pessoas percebem, pensam e agem com base em histórias (Gonçalves, 1993; Kenyon, 1999; Gonçalves, 2000; Kenyon, 2001). À medida que envelhecemos, vamos-nos construindo, criamos-nos a nós próprios. Esta quase autoridade que temos perante a formação da nossa identidade existe através das histórias que nos rodeiam e que circulam em nós. As histórias que produzimos dizem respeito à nossa vida, como um todo, passado, presente e futuro (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001; Randall, 2001).

Em segundo lugar, a narrativa gerontológica pressupõe que as histórias sejam um conjunto de factos e possibilidades o que implica que, por princípio, as vidas humanas estejam abertas à mudança (Kenyon, 2001; Randall, 2001). Os factos são relativos aos aspectos exteriores da história que nós somos, como sejam, as dimensões sociais e estruturais. Referem-se à história que contamos a nós próprios, e que como tal, somos, em qualquer momento. Os factos referem-se a aspectos emocionais como sejam, a tonalidade emocional, representada em conceitos como o optimismo e o pessimismo. A possibilidade advém dos aspectos mais internos que podem ser alvo de mudança, de questionamento ou de novos significados. Este termo refere-se ao processo pelo qual as pessoas podem atingir o seu sentido de possibilidade, por intermédio do contar, ler e recontar as suas histórias de vida (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001). Nas palavras de Kenyon (2001) existe um sentido, meio

entreaberto, nas nossas vidas, que leva a que, os gerontologistas narrativos hesitem em tecer considerações quanto ao que é, por um lado, fechado e controlado pelos factos da vida de alguém e, por outro lado, ao que é aberto ao seu constante sentido de possibilidade.

Em terceiro, implica que o significado e a natureza do tempo estejam associados às nossas vidas, enquanto parte integrante das histórias que construímos. (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001). Em quarto, pressupõe que as nossas vidas, enquanto histórias, envolvam quatro dimensões interrelacionadas:

1. *Dimensão estrutural* – relativa às políticas sociais, às relações de poder, às realidades económicas ou seja, aos factos da vida que podem silenciar as dimensões mais pessoais das histórias ou seja, que possam limitar a sua possibilidade;

2. *Dimensão sociocultural* – inclui os aspectos ou os significados sociais associados ao envelhecer e ao percurso de vida. Esta dimensão abrange histórias culturais, étnicas e de género, mais amplas, nas quais a nossa história vive;

3. *Dimensão interpessoal* – referente à forma como as nossas histórias se moldam e se sentem com as histórias de outros, quer familiares ou amigos, ou relações mais íntimas;

4. *Dimensão pessoal* – envolve a criação e a descoberta de significado, coerência em nós próprios ou seja, descobrir se cada peça da nossa vida faz sentido para nós próprios (Kenyon, 1999; Kenyon, 2001).

Por fim, a narrativa gerontológica pressupõe que uma história pessoal é, de certa forma, única, idiossincrática e não conhecida, na sua totalidade, para o próprio e para os outros. O momento de significado ou, como diz Kenyon (2001), “o momento da história”, tem uma qualidade existencial e espiritual muito grande. Simultaneamente, esse significado é criado/descoberto num contexto, fundamentalmente, social e interpessoal. Ou seja, a nossa vida pode ser compreendida como uma história, ou em termos de uma narrativa

metafórica. Nós podemos comunicar, e comunicamos com os outros, e podemos aprender muito sobre nós próprios e sobre os outros.

A narrativa na gerontologia reflecte uma epistemologia pós positivista que utiliza a linguagem, o discurso e as histórias, não os factos, como pontos de partida para a pesquisa (Bay, 2002). A ideia central da narrativa gerontológica será a de que, nós não temos uma história mas, somos uma história. Mais do que corpos e cérebros, nós somos biografias. As histórias que vivemos são a essência da história que somos (Randall, 2001). O envelhecimento biográfico é tão complexo e vital quanto o envelhecimento biológico, tão válido para ser estudado, e no final tão pertinente para a saúde das pessoas.

De acordo com Birren e Cochran (2001), o interesse contemporâneo por histórias de vida, autobiografias e outras formas de narrativas pessoais, reflecte o desejo generalizado de preencher o hiato criado pela forma científica e experimental como se tem abordado o processo de envelhecimento. Os mesmos autores reforçam a sua opinião referindo que, para conseguirmos perceber o que é que faz com que a vida seja merecedora de ser vivida para estes indivíduos, basta perguntar-lhes. Não conseguiremos nunca os mesmos resultados através de metodologias sofisticadas, ou através de medições de factores biológicos de risco, aparência física ou testes de personalidade.

A autora Ruth E. Bay (2002) realizou uma revisão de várias observações sobre gerontologia mais actuais, e sobre a abordagem qualitativa que nelas está patente. Todos os quatro livros a que se refere<sup>5</sup> acedem a um importante e necessário “movimento narrativo” na gerontologia, que se caracteriza por uma mudança na perspectiva do pensamento paradigmático (científico), para um pensamento metafórico (narrativo). Com esta perspectiva da narrativa, não se pretende apenas descrever ou documentar a experiência do envelhecimento, mas sim compreendê-la através do pensamento narrativo. Assim, o intuito será o de perceber como o processo de envelhecimento é vivido e sentido na perspectiva daqueles que estão a envelhecer (Kenyon, 1999).

---

<sup>5</sup> Os referidos livros são: “Age speaks for itself: Silent voices of the elderly” de Tom Koch, 2000; “Narrative gerontology: Theory, research and practice” de Gary Kenyon, 2001; “Ordinary Wisdom: Biographical aging and the journey of life” de William L. Randall, 2001; “Telling the stories of life through guided autobiography groups” de James Birren, 2001.

Segundo Gubrium (2001), a narrativa apresenta uma ligação, complexa e dinâmica, com a experiência. Para o autor, uma das formas mais significativas de mediação entre a narrativa e a experiência, são as esferas pessoais ou específicas de significado. Na mesma linha de pensamento surgem de Vries, Blando, Southard e Bubeck (2001), quando defendem que os acontecimentos de vida são como pontos de ancoragem das trajectórias de vida, fornecendo-lhes forma e substância. Na construção das suas histórias as pessoas recorrem a determinadas esferas de significado, que funcionam como linha de base para a organização dos seus pensamentos e das suas acções. Para além disso, as pessoas também utilizam elementos específicos das suas próprias biografias para especificar significados, nos momentos de partilha com outras pessoas. Voltando às palavras de Gubrium (2001), o nosso dia-a-dia é uma narrativa emergente. Nós somos activos no contar das histórias, ou seja, não reproduzimos narrativas, mas vamos acrescentando e organizando a nossa própria história.

No contexto das idades mais avançadas, a actividade de contar histórias é tão narrativamente produtora do envelhecer, como é reprodutora da sabedoria sobre aquilo que significa ser velho (Gubrium, 2001). No âmbito de uma investigação, que tinha por ponto de partida o referido pressuposto, Sharon Kaufman (1986) entrevistou pessoas com idades compreendidas entre os 70 e 97 anos. Solicitou aos participantes que contassem a sua história, como achassem melhor. A maioria utilizou âncoras narrativas, por intermédio das quais conseguiam articular o significado dos acontecimentos. Utilizaram particularidades biográficas ao longo do desenrolar da história, como um meio facilitador para os ouvintes acederem ao seu verdadeiro sentido enquanto pessoas.

Gubrium (2001) refere que as particularidades destas pessoas, enquanto pessoas a envelhecer, foram formuladas por intermédio da variedade de esferas de significado em que se basearam, e com que contactaram, para construírem os seus relatos. *“O significado é uma associação e, o contar histórias, é uma actividade de produção de significado”* (Gubrium, 2001:28).

De acordo com Randall (1999; 2001), a noção de que se vai exemplificar com uma história ou exemplo, prepara os outros para a ouvir. Esta curiosidade no que se refere à história no geral, e à formação e significado dessas mesmas histórias, é proporcional ao quanto nós gostamos de pensar sobre nós próprios. Na narrativa gerontológica, isto não é meramente permitido mas, é essencial. O mesmo autor enfatiza que as nossas próprias histórias são o nosso principal ponto de referência, nas nossas explorações. No que se refere a nós próprios, saber é necessariamente narrar.

A grande contribuição das narrativas gerontológicas para a ciência do envelhecimento terá sido a de que, todo o conhecimento é metafórico, histórico e contextual (Kenyon, 1999). Por outras palavras, é historiado ou historiável.

Para Black (2002), a utilização de metodologias qualitativas mostra-nos que a pessoa idosa é um ser capaz de construir, interpretar e criar significados de uma forma activa. Randall (2001) defende que a perspectiva narrativa, no que respeita à gerontologia, leva-nos para um mundo irrelevante do ponto de vista da idade. Sem ter em conta a idade, todos nós estamos ocupados na composição da nossa vida. Qualquer que seja o nosso estatuto, todos vivemos em histórias e somos activos do ponto de vista biográfico.

De uma forma geral, a perspectiva narrativa tem o potencial para pintar o quadro completo da vida humana devido à natureza intrinsecamente interdisciplinar de qualquer história (Randall, 2001). Com o envelhecer aumentam as nossas histórias e a gerontologia narrativa abre uma janela importante para o interior dessas mesmas histórias (Bluck, 2001).



### 3 - Perspectiva integradora

Ao falarmos de envelhecimento e de terceira idade, falamos em pessoas e, actualmente, num número cada vez mais extenso de pessoas. Torna-se necessário olhar para esta faixa etária de um modo mais atento, mais cuidado, tentando salientar o que de mais importante existe no modo (ou modos) de envelhecer nos dias de hoje.

Já não nos basta olhar de um ponto de vista médico, biológico, cultural ou social. Sentimos que é importante reforçar a interrelação entre várias áreas do saber para atingirmos novas compreensões para este fenómeno, porque é um domínio de exploração muito rico para a Psicologia.

Nesta perspectiva, tem sido interessante verificar o relevo que têm tido as perspectivas do ciclo de vida ou de história de vida, aplicadas ao estudo do envelhecimento. Pensamos que esta viragem teórica, neste âmbito, era necessária. É importante valorizar o que de bom há em envelhecer, e conhecer esta realidade de perto e no contacto com o próprio que envelhece. Se permanecermos neste caminho e no sentido de uma maior valorização da história de vida de cada um, acabaremos por conseguir pensar no indivíduo como um ser que continua a viver e que, como tal, continua a ter valor e um lugar na sociedade.

Quando nos focamos no envelhecimento torna-se muito difícil não abordar a temática da morte. Primeiro, a morte dos *outros* e só depois a nossa... de entre os *outros* escolhemos a viuvez, por à partida poder corresponder a um dos *outros* mais significativos na vida de uma pessoa.

Este *outro* foi parceiro na construção das histórias de conjugalidade, de parentalidade, de convívio, de definição de papéis, em determinado espaço (cultural, social, íntimo) e em determinado tempo. Este *outro* escreveu connosco páginas de uma vida, que já vai longa, e a sua co-autoria nessas páginas não se apaga com a sua morte. Mesmo após a morte, nós nunca abandonámos o mundo... apenas deixamos de construir (Gonçalves, 1993).

A potencialidade da abordagem narrativa, que conceptualiza cada indivíduo como um contador de histórias, é levada ao seu expoente máximo quando nos confrontamos com alguém que está muito próximo da recta final do seu projecto de vida e que por isso, é um magnífico detentor de histórias, de memórias, de vivências, que re-experencia quando constrói, com quem ouve, os momentos significativos: as alegrias, as tristezas, os medos, as dúvidas.

Retornando às palavras de Koffi Anan, estas pessoas são autênticas bibliotecas, colecções de momentos, de episódios, volumes de experiências que ganham vida divididos com quem as escuta.

É esta nova visibilidade, preconizada por esta faixa etária, que tem permitido o nascimento de disciplinas muito recentes, vocacionadas para a compreensão das imensas nuances que podem ser encontradas no conhecimento da terceira idade.

Com base na noção de projecto de Erik Erikson (1986), na sua componente mais desenvolvimental, e na noção de projecto (narrativo) defendida por Gonçalves (1993; 2000), em que passado e presente se harmonizam na forma de histórias que conferem significado à experiência do sujeito projectando-o no futuro, numa perspectiva mais construtivista, explorámos, nesta primeira parte, as possibilidades da abordagem narrativa para o domínio da terceira idade, e concretamente para a viuvez.

É com esta imagem como referência que tentamos criar as condições que sustentassem a investigação empírica que dá forma à segunda parte desta dissertação.

## 1. Introdução

*“ (...) o conhecimento não é um processo auto-reflexivo ou uma prática discursiva, a vida é ela própria conhecimento. As evoluções da vida são evoluções do conhecimento. Neste sentido, defende-se que qualquer ser vivo é já uma teoria do seu próprio meio e, mais ainda, trata-se de uma teoria activa, uma teoria que modifica proactivamente o seu meio para se modificar a si próprio como construtor do conhecimento.”*

*Óscar Gonçalves (2000:27)*

Explorando as palavras de Gonçalves (2000), pode-se olhar para a viuvez como uma nova descoberta, um novo caminho na existência de uma pessoa. Um caminho que a leva a conhecer algo que ainda não conhecia, a completar o seu mundo de experiências e, consequentemente, a completar o seu conhecimento. O mesmo se pode dizer do processo de envelhecimento. Algo novo, que vai surgindo na vida de alguém e que transforma essa mesma vida em conhecimento. Um conhecimento inseparável da existência de cada um, e por isso mesmo, da subjectividade dessa mesma existência (Stake, 1998; Gonçalves, 2000).

Como referiu Erikson (1986), existe uma continuidade histórica ao longo de todo um ciclo de vida, ou seja, já Erikson proclamava a noção de projecto. A noção de um fio condutor entre as nossas vivências passadas, os momentos presentes e a ideia do que está ainda para vir. Na mesma linha de pensamento surge Gonçalves (1993, 2000), referindo que, *“nós somos sujeitos de um projecto”* (2000:20).

Esta dissertação tem como objectivo explorar a vivência da viuvez em pessoas idosas, procurando o(s) significado(s) que surge(m) espontaneamente no relato das suas experiências enquanto pessoas viúvas. De que forma a sua noção de projecto de vida foi influenciada por este acontecimento? Que alterações foram necessárias introduzir a este projecto de vida?

Foram estas as perguntas com que iniciámos este percurso. Encetámos procurando pessoas conhecedoras do que é envelhecer, porque o vivenciam diariamente, e conhecedoras da viuvez, por esta já fazer parte da sua existência. Ouvimos e fizemos parte de um narrar de histórias de vida e não só de viuvez.

Prosseguindo a caminhada, procurámos olhar para cada história de viuvez como uma verdade, e para todas as histórias como perspectivas sobre um mesmo fenómeno. Isto porque, e segundo o que Gonçalves (2000) nos refere, não existe uma verdade só. Existe uma relatividade e várias formas de olhar o mundo ou um aspecto da vida. Foi com o objectivo de demonstrar isso mesmo que, no ponto 3, acabámos por construir dez histórias diferentes sobre um mesmo acontecimento. Ou seja, de todas as entrevistas retiraram-se os aspectos que espontaneamente surgiram nos discursos, reconstruindo-se a história com base no ouvido e observado.

Num procedimento posterior, atentou-se às diferenças ou semelhanças que surgiram nestes percursos de enviuvar e de viuvez, ou seja, à forma como cada existência, cada ser, construiu um conhecimento, igual ou diferente, sobre o mesmo fenómeno: a perda do companheiro.

## 2. Metodologia

## 2.1 – Grupo de estudo

A recolha do grupo de estudo para o presente trabalho apresentou três critérios de base. Em primeiro lugar, o conjunto de participantes teria idades iguais ou superiores a 65 anos. Em segundo, teríamos que encontrar elementos de ambos os géneros, em igual número. Em último lugar, os sujeitos teriam que já ter vivenciado a morte do seu cônjuge.

Ao longo da sua construção reuniu-se um conjunto composto por apenas mulheres. Deste modo, teve que haver lugar para uma reestruturação de um dos objectivos, tornando-se esta dissertação numa história sobre a vivência da viuvez no feminino.

No entanto, como procedimento inicial, antecipando-se a expectativa de um grupo muito envelhecido, considerou-se importante rastrear possíveis sinais de demência, na amostra recolhida. Neste sentido, com o auxílio dos critérios de diagnóstico para demência, definidos pelo DSM IV - R (A.P.A., 2000), foi possível identificar quatro pessoas que foram excluídas da amostra final.

Após este período, conseguiu reunir-se um agrupamento final composto por dez elementos, todos do sexo feminino, que apresentavam idades compreendidas entre os 73 e os 83 anos inclusive.

Numa breve descrição dos elementos centrais deste conjunto destacamos a longevidade dos matrimónios, onde encontramos um valor médio de 44 anos de casamento. Quando analisamos os períodos de viuvez das participantes verificou-se que, em média, estes rondam os 10 anos de duração<sup>6</sup>. Relativamente à existência ou não de filhos, podemos verificar que na grande maioria, cerca de 60% das senhoras, têm um filho ou mais. Os restantes elementos não têm descendência, apresentando um contacto muito pouco frequente, ou quase inexistente, com os restantes elementos da família.

---

<sup>6</sup> Torna-se importante salientar que apenas uma das senhoras vivenciou por duas vezes a situação de viuvez.

Dentro deste grupo, duas senhoras acabam mesmo por não ter mais família, desde que os seus maridos faleceram.

Para finalizar, torna-se importante salientar que, na grande maioria, o grupo é constituído por elementos de um nível sócio-económico<sup>7</sup> médio ou médio – superior. É de referir que apenas um elemento apresenta um nível sócio-económico médio – inferior.

No Quadro 2 estão presentes as informações mais importantes em relação às participantes.

Quadro 2 – Caracterização do grupo de estudo

Participantes	Idade	Viuvez – duração	Casamento	Filhos
D. Clara	77	12 meses	47 anos	Tomou conta de uma menina
D. Sofia	78	2 anos 9 meses	49 anos	Um filho
D. Esmeralda	83	2 anos 6 meses	47 anos	Sem filhos
D. Manuela	83	29 anos	37 anos	Sem filhos
D. Ermelinda	73	29 anos	20 anos	Três filhos
D. Antónia	80	17 anos	38 anos	Cinco filhos
D. Maria	80	3 meses	55 anos	Dois filhos
D. Conceição	78	14 anos	48 anos	Dois filhos
D. Albertina	76	1ª viuvez: 1 ano 6 meses 2ª viuvez: 9 meses	1º cas: 44 anos 2º cas: 13 anos	Três filhos
D. Carlota	80	4 anos	45 anos	Sem filhos

## 2.2 – Instrumentos

### 2.2.1 – Escala de Graffar<sup>8</sup>

Trata-se de um instrumento que nos permite, com base nos parâmetros profissão, nível de instrução, fontes de rendimento familiar e características do alojamento, estipular cinco categorias de enquadramento sócio-económico: a) nível 1, ou nível sócio-económico superior; b) nível 2, ou nível sócio-económico médio-superior; c) nível 3, ou nível sócio-económico médio; d) nível 4, ou nível sócio-económico médio-inferior; e) nível 5, ou nível sócio-económico inferior.

<sup>7</sup> Avaliação do nível sócio-económico de acordo com a classificação do Graffar.

<sup>8</sup> Encontra-se no anexo 1.



A presente escala pode ser de preenchimento individual, sendo este o procedimento mais utilizado. No entanto, neste caso específico, optámos por solicitar a informação às participantes, sendo o preenchimento da escala realizado pelo entrevistador.

### **2.2.2 – Guião de Entrevista sobre a vivência da viuvez<sup>9</sup>**

O momento da entrevista apresentou-se como essencial. Pretendia-se que o momento da entrevista fosse não-estruturado e de semi-directividade, já que, o objectivo era entrar numa conversa onde a narrativa fluísse de forma natural, em jeito de conto, enfim, em jeito de história de vida. A entrevista era o meio privilegiado para aceder à vivência subjectiva de cada participante. A intenção prendia-se com o desejo de deixar que o entrevistado tomasse conta da direcção da conversa. Neste sentido, a entrevista não pretendia ser um instrumento redutor de informação mas antes, um amplificador, uma via de expressão de uma experiência única e singular.

Neste sentido, seria necessário utilizar um guião de entrevista que reunisse estas características, permitindo que o entrevistado pudesse contar de forma livre e autónoma a sua história, a sua vivência, e o entrevistador acesse, dessa forma, ao máximo de informação possível, para que a procura dos significados fosse mais rica e produtiva.

Utilizámos o mesmo guião do estudo levado a cabo por Deborah Kestin van den Hoonaard (2001), anteriormente referido, quando entrevistou vinte e sete mulheres viúvas. Após termos tomado conhecimento da existência deste estudo, solicitámos junto da autora, a autorização para a utilização do guião que ela própria criara<sup>10</sup>.

O referido guião apresenta um conjunto de questões relacionadas com a viuvez, focando de forma mais intensa os momentos posteriores à perda do companheiro, nomeadamente, o próprio dia em que o marido faleceu, os dias

---

<sup>9</sup> Encontra-se no anexo 2.

<sup>10</sup> A autorização para a utilização do guião da entrevista foi concedida pela autora, sendo que essa autorização se encontra no anexo 3.

seguintes, as mudanças sentidas, as sensações, entre outros. As questões são colocadas por forma a permitir que a pessoa entrevistada sinta liberdade para expor o tema conforme achar mais correcto, salientando os aspectos que considera mais importantes ou, apenas, aqueles que quer dar a conhecer.

A utilização deste guião foi precedida de procedimentos de tradução e adaptação do formato original, originando um guião de entrevista em português para a temática da vivência da viuvez<sup>11</sup>.

O guião, tal como a entrevista, não recebeu um tratamento inflexível. O guião era trabalhado conforme o contexto. Ou seja, as perguntas surgiam ao sabor da comunicação que ia surgindo. O registo informal destas conversas levava, muitas vezes, à inclusão de elementos que permitiam a formulação de algumas questões até então não pensadas.

### **2.3 – Procedimentos**

Os contextos onde estas conversas se desenrolaram foram sempre os mais pessoais possível. Por amabilidade destas senhoras, pudemos levar a cabo estas conversas num ambiente que lhes era muito familiar: as suas próprias habitações<sup>12</sup>.

Como procedimentos técnicos e práticos, todas as dez entrevistas foram gravadas, ouvidas e transcritas. Na maioria das situações, a sua transcrição obedeceu ao que era realmente ouvido. Raras foram as vezes em que se procedeu à reordenação de termos ou à colocação de pontuação.

Privilegiando uma metodologia qualitativa, pretendia-se destacar destas conversas sobre a viuvez, uma compreensão dessa experiência vivida por cada senhora entrevistada. Arriscando um pouco mais, o instrumento qualitativo seleccionado foi a análise de conteúdo, sem recurso ao suporte informático.

No âmbito desta metodologia, procedeu-se à delimitação de temas centrais, ou indicadores, presentes nos discursos. Este procedimento designa-se de aberto ou exploratório (Ghiglione & Matalon, 2001). Este método não

---

<sup>11</sup> Encontra-se no anexo 4.

<sup>12</sup> Para três senhoras, a sua habitação era o Lar Residencial. Já habitavam este Lar antes de terem enviuvado.

implica nenhum quadro conceptual ou teórico de base para se efectuar a análise. Nas palavras dos autores “a metodologia é auto-geradora do sentido do resultado.” (p.210).

Dentro dos procedimentos abertos, é possível optar entre várias metodologias. Para este trabalho, centrámo-nos na análise temática. Esta técnica consiste em isolar temas ou indicadores presentes nos textos para análise, possibilitando que o texto possa ser reduzido, permitindo uma análise mais facilitada, bem como, a comparação entre os temas ou indicadores encontrados, ou entre textos que tenham sido alvo do mesmo método de trabalho (Ghiglione & Matalon, 2001).

### **3. Histórias sobre o enviuvar e a viuvez**

### **A mulher que chora sempre sozinha...**

Esta história é protagonizada pela D. Esmeralda, uma senhora com oitenta e três anos de vida. Fomos encontrá-la num lar residencial, onde amavelmente aceitou conversar sobre a sua experiência enquanto viúva. Ir viver para um lar foi uma opção do casal. É uma mulher de voz forte, carregada, algumas vezes entorpecida pelas lágrimas, que não conseguia esconder. Não viveu sempre na cidade, tendo nascido no interior do país. Estudou até à quarta classe, não tendo progredido nos estudos:

*“Eu só fiz a quarta classe, porque tive doente e não consegui fazer mais. Ainda me chegaram a matricular na escola comercial mas não fui. (...) Também, morávamos na L., os transportes era o comboio e eu não aguentava.”.*

Aos trinta e seis anos, casou com um engenheiro electrotécnico, oriundo de outra cultura e país. No que se refere à relação, entre si e o seu marido, a D. Esmeralda caracteriza-a como uma grande amizade e com uma tonalidade afectiva muito positiva. A D. Esmeralda referiu-se ao marido como um homem *“muito respeitador”*, tendo, como ponto de referência, o papel, menos valorizado, que as mulheres representavam na sociedade da sua época:

*“ (...) porque a mulher era muito sacrificada. Era muito mal, como é que eu hei-de dizer, era muito mal vista se alguma coisa lhe acontecesse. Enquanto eles tinham sempre a prioridade... Isso também não estava bem.”.*

Como forma de mostrar que, naquela época, era necessário valorizar uma postura de afirmação, enquanto mulher, a D. Esmeralda relatou-nos um episódio de sedução, no qual teve que mostrar a sua posição bem firme, contrapondo com a suposta falta de respeito que diz existir nos dias de hoje nas relações entre homens e mulheres:

*“Agora temos uma liberdade muito grande... eu gosto de respeitar e ser respeitada. Uma ocasião andava a dançar com um rapaz lá em casa, eu tinha umas primas que moravam perto de nós e juntavam-se e as pessoas amigas e vizinhas, juntavam-se e, uma ocasião começou, chegou-se a mim e começou assim a lambar junto dos cabelos e eu: “Ah tire lá os bracinhos”. Levou uma bofetada. Eu era muito má. Se não fosse atrevido não levava. Mas ficámos sempre amigos, mas ele nunca mais me tocou.”*

Falámos dos tempos de namoro, mas, quando lhe perguntámos quanto tempo tinha namorado com o seu marido, respondeu-nos de uma forma algo neutra:

*“Olhe, nem sei. Ele era filho de um amigo do meu irmão, de maneira que, quando veio para cá veio recomendado a uma minha irmã, que já era mais velha do que eu, doze anos, e então esteve lá em casa dela até arranjar quarto, sítio para ficar e dava explicações. Depois, como arranjou emprego certo foi para os correios, para os serviços técnicos e então depois é que casámos.”.*

Ainda no âmbito da relação no matrimónio, a D. Esmeralda destacou as diferenças existentes entre ela e o marido, no que se refere à gestão das finanças da casa, achando que se devia poupar mais porque nas alturas difíceis é que se notam as dificuldades. Muito importante também, é o facto de ambos participarem na gestão do “cofre”, algo que a D. Esmeralda destaca como um aspecto muito importante na sua relação:

*“O único cofre foi sempre de nós os dois. Nunca tivemos cofres separados. E ele nunca me foi à mão quando eu queria comprar qualquer coisa... é certo que só se realmente precisasse é que ele dizia, vamos comprar. Ele só comprava um fato se eu fosse com ele, e eu também nunca comprava nada sem a opinião dele. Ele muitas vezes diz assim: “Porque és assim? Só pensas em guardar dinheiro.” E eu, não, nós precisamos de ter cuidado com a nossa vida porque não sabemos o que nos pode acontecer. Às vezes pode vir uma doença muito grande que nos leva tudo e mais alguma coisa que a gente tiver!”.*

Esta relação ficou marcada pela inexistência de descendência. Na descrição da D. Esmeralda, ela *“não tinha muito desgosto de não ter filhos mas ele tinha muito desgosto de não ter filhos.”*. Ambos decidiram que não realizariam os exames necessários, principalmente pelo medo que a D. Esmeralda dizia sentir. Ao longo da vida, foi atribuindo à natureza o facto de não ter tido a possibilidade de ter um filho. No entanto, esta situação é marcada por grande desgosto e agora diz sentir *“muita falta”*.

*“Nunca calhou e eu também nunca fiz tratamento nenhum porque tinha muito medo... e também tinha medo de fazer tratamentos porque pessoas minhas amigas que fizeram tratamentos, umas tiveram abortos, não chegaram a ter filhos e outras depois tinham filhos uns atrás dos outros. De maneira que tinha-se que... são coisas que são da conta da natureza. Estava conformada. Estava conformada porque tinha medo porque eu também gosto de crianças mas, tinha muito medo. Agora, tenho muita pena por não ter um filho.”*

A falta de um filho assume agora, nesta fase da vida, uma importância muito grande, já que, as perdas têm sido constantes ao longo do percurso desta senhora. Sendo o penúltimo elemento de uma fratria de oito irmãos e irmãs, a D. Esmeralda é a única que se mantém viva. Actualmente, não tem mais ninguém para além dos seus sobrinhos, mas, como ela própria diz: *“também têm a vida deles... os sobrinhos não são irmãos”*.

A viuvez foi a grande perda para esta senhora. Aliás, quando abordávamos a questão da morte ou da perda, a D. Esmeralda acabava sempre por falar do seu marido e de como o tinha perdido. A primeira expressão que usou para descrever a sua reacção ao acontecimento foi a de *“um choque muito grande”*.

Os acidentes começaram a ser mais frequentes a partir de determinada altura da vida deste casal. O marido da D. Esmeralda cada vez apresentava maiores dificuldades em se poder deslocar, o que acabou por ser agravado por um atropelamento. Após ter recuperado dessa situação, acabou por cair *“outra vez e partiu outra vez a perna e o médico disse-me que ele estava muito mal.”* A partir deste momento, a D. Esmeralda estava perante a perda iminente do seu marido, acabando por relatar esse momento deixando transparecer o choque, a tristeza e algum sentimento de culpa:

*“Eu, às vezes, até ia ver se ele estava bem ou mal, mas, naquela altura, eu andava tão, tão cansada que não ouvi. Só ouvi quando elas (as pessoas responsáveis pelo turno da noite no lar) fizeram barulho a abrir a porta. Cheguei aqui, comecei a dar-lhe umas fricções no peito e ele sentiu-se um pouco melhor mas mesmo assim, de vez em quando, lá tinha um bocadinho de falta de ar. Até que, as meninas começaram a dizer que era melhor chamar um médico. Eu disse para ele: “Queres ir para o hospital?” E ele disse: “Quero.” E elas foram, porque a mim não me deixaram ir. É uma coisa mal feita, não deixarem ir as pessoas. É certo que algumas vão para lá fazer teatro sem querer mas... não me deixaram ir. Elas, quando chegaram, vieram-me dizer: “O senhor engenheiro ficou internado. Teve que fazer...”. Não sei explicar... “e se ele se sentir melhor nós telefonamos para o virem buscar. Se não sentir, fica lá.” De maneira que, às quatro horas da madrugada ouço o telefone e fiquei toda contente a esperar que ele já vinha e eles disseram: “Olhe minha senhora, a senhora é que é esposa do senhor engenheiro que está aqui a fazer tratamento? Sou sim. Olhe minha senhora, tenho muita pena mas tenho que lhe dizer que o seu marido faleceu”... Foi como quem me meteu um punhal,*

*como quem me destruiu... nunca mais fiquei bem, muito bem da cabeça... cada vez mais esquecida... e é assim... é a vida."*

Está viúva, há já dois anos e seis meses, e diz sentir que teve um casamento feliz e que é por isso que diz ter: *"tantas saudades do meu marido..."*. Afirmar que os últimos dois anos têm sido muito tristes e que a solidão a tem acompanhado: *"Sinto-me muito só... muito"*, porque *"ele estava doente mas estava cá... estavam os meus aposentos cheios agora estão muito vazios."* O tempo que passou desde a morte do seu marido não parece ter grande influência na forma como a D. Esmeralda enfrenta esta perda já que para ela, *"é sempre a mesma coisa"*.

Abordámos, com a D. Esmeralda, quais seriam as grandes dificuldades que sentia actualmente. Esta referiu que se sente pouco autónoma e incapaz de tomar qualquer decisão sobre a sua vida e de resolver qualquer assunto. Aliás, é com algum desespero que assume o facto de *"estar muito esquecida"*, como um entrave para se *"conseguir defender"* como gostaria e como fazia na altura em que o seu marido era vivo.

A saúde foi um dos grandes temas introduzidos na conversa com a D. Esmeralda, visto que esta área lhe desperta grande ansiedade e sentimentos de impotência e controle sobre a sua própria vida. Diz-nos que, com esta idade, já não pode investir muito em operações ou noutras hipóteses que não sejam os medicamentos. No entanto, contactámos algum conformismo no confronto com as adversidades de estar a envelhecer fisicamente:

*"Ora com 83 anos e fazer operações! "Oh, senhor doutor, eu com a minha idade já não aguento fazer operações."* *"Também acho que sim, a senhora precisava de fazer isso mas, já tem muita idade para fazer isso, por isso, também não a aconselho. Vamos dando-lhe alguns medicamentos para a senhora se ir aguentando, mas não queira fazer a operação."* E eu concordei, e já era a minha intenção. *Pessoas minhas amigas que já tinham feito a operação, mais novas do que eu, andam aí de muletas, e felizes daquelas que andam de muletas que outras deixaram de andar."*

A sua lucidez, mesmo assim, consegue sempre trazer ao de cima a verdadeira dimensão das suas preocupações com a saúde:

*"Não me sinto feliz por não ter saúde, tenho muito pouca saúde, principalmente esta coisa de não estar muito consciente daquilo que digo, porque quero muitas vezes falar e não sei como dizer, como se diz, é horrível."*



Na esfera social, a D. Esmeralda revelou no seu discurso, alguma dificuldade em aproximar-se de outros, ou deixar que eles se aproximassem dela: *“dou-me com muitas pessoas e não me dou com nenhuma”*. Esta forma de agir está patente no modo como fala das questões de saúde, nomeadamente no facto de sentir que as outras pessoas a consideram *“louca”* por apresentar alguns esquecimentos ou não conseguir expressar-se tão bem como antes:

*“Esta gente pensa que eu estou tola e eu enervava-me por causa disso. Eu não me interesso pela vida de ninguém, mas também não quero que ninguém se meta na minha vida porque eu não me meto na de ninguém. Já tenho idade para me governar, não é agora, com 83 anos que eu me vou modificar daquilo que eu sou. Eu sou uma pessoa correcta e gosto que os outros o sejam comigo e que não se importem comigo pelo facto da curiosidade, mas sim para me ajudar. Porque é o mesmo que eu faço com as outras pessoas. Não me interessa nada a vida delas, o que me interessa é saber se estão bem, se estão melhores, se estão piores, mais nada. E se precisar da minha ajuda, com as minhas poucas posses, eu ajudo no que puder.”*

A D. Esmeralda sente a religião como algo válido, no entanto não lhe tem sido um grande suporte na forma como tem lidado com as situações complicadas da sua vida, nomeadamente a da viuvez. Desde muito cedo que sentiu a religião como algo que lhe era imposto: *“ (...) Tinha uma tia que era muito religiosa, consumia a minha mãe para nos levar à igreja e nós lá íamos, tínhamos que ir e a minha mãe obrigava-nos também, a tua tia... não era por mal, era por bem mas eu detestava estas coisas. Eu tenho fé em Deus, eu nunca quis mudar de religião. Porque há pessoas sempre metidas na igreja e que de hoje para amanhã já têm outra religião. Eu sou católica mas não sou católica (...) Tenho a minha fé e rezo a Deus.”* No entanto, assume que ela e o seu marido iam à missa e à igreja sempre que lhes apetecia, mas a sua fé não era uma fé de obrigação.

A D. Esmeralda apela a Deus quando conversamos sobre aquilo que ela pensa da morte: *“Não penso na morte. Só peço a Deus que me dê uma morte boa, que não esteja a sofrer numa cadeira de rodas...”*. Mesmo admitindo que não pensa na morte, a D. Esmeralda diz que ficou *“sozinha para sofrer pelos outros”*, para além de que *“a vida já não tem grande interesse”*.

Retornámos ao tema da viuvez quando a D. Esmeralda nos referiu que tudo tinha mudado na vida dela desde que tinha perdido o seu marido, e que

nada pretendia mudar no que se refere ao futuro, visto que a única coisa que mais queria era *“ter o meu marido vivo... não pode ser.”*.

Na despedida agradeceu-se a partilha e o tempo que nos tinha dispensado, e pediu-se desculpa pelas lágrimas causadas: *“Oh, não chorei sozinha!”*.

### **A paixão da nossa vida... aos sessenta e quatro anos...**

Esta história é recheada de momentos de uma vida, com já setenta e seis anos. A D. Albertina, a personagem principal deste enredo, entregou-se a esta tarefa de uma forma amável e, ao mesmo tempo, fervorosa. Logo à partida assumiu o rumo da conversa e iniciou a leitura de muitos anos escritos em cadernos e folhas:

*“Sentindo necessidade de ir tomando alguns apontamentos em bocados de papel escritos, a maior parte já amadurecidos, que os fui encontrando em vários sítios, resolvi juntar alguns e colocá-los no sítio certo. Começo a partir que tive conhecimento de gente. Lembro-me da primeira professora que tive, chamava-se Maria Alves, banquinhos e cadeirinhas...”*

Esta senhora tem a sua vida registada em centenas de páginas. Ou melhor, tem pequenas reflexões sobre vários momentos da sua vida, uma actividade que ainda hoje pratica e valoriza. Foi ao longo destas páginas que a D. Albertina apresentou o início de uma relação que durou longos quarenta e quatro anos: *“Fui crescendo, aos 14 anos tinha uma rapaz chamado Augusto que me adorava e ao mesmo tempo havia o António que ambos eram amigos do meu irmão, António, eram pessoas nossas conhecidas. Mas eu, já de pequena não era calculista e ainda hoje, passados tantos anos sou igual. O que aconteceu é que o António vendo que da parte do colega havia uma certa vontade de me ver, que se deslocava do extremo da vila só para vir ao encontro do meu irmão, o António usou da franqueza e lhe disse que ia pedir namoro à Albertina. Que até já tinha uma carta para me entregar. Resposta do outro: é de mim que ela gosta. Eu sou mais rico do que tu. Ora esses dois personagens ainda não teriam 17 anos, e para não perder tempo, o António veio a casa pegou na carta e dirigiu-se a minha casa, o que era hábito eu de tarde estar à janela com o meu sobrinho Luís, que era pequeno na altura. Então eu com uma almofada, no parapeito da janela, ali era o meu lugar para distrair o menino. Quando a carta me foi parar às mãos, fui informada da conversa que tinha havido entre os dois. Aí fiquei revoltada e no mesmo instante lhe disse: pois é, mas eu quero namorar contigo. Não achei justo porque se vamos falar de riqueza, o Augusto era um novo-rico que com a guerra se fartara de ganhar dinheiro, tinha uma fábrica de conservas e barcos. Mas o António, apesar de ser só o pai a trabalhar, que naquele tempo era moda, nada lhe faltava que foi sempre um menino muito mimado, e que teve a infelicidade de naquela idade ter ficado sem pai. Por tal motivo, nem tive a oportunidade de pensar numa coisa de tanta importância na vida de uma pessoa. Começou aí a longa caminhada. Faleceu o pai dele. Passado dois anos o meu. E então foi um resolver de situações. O irmão dele já tinha vindo trabalhar para M. e a*

*seguir vinha ele. Com a morte do meu pai, as coisas complicaram-se que naquele tempo o chefe de família quando faltava não havia onde trabalhar.”.*

*As duas famílias passaram a viver juntas e “começou uma longa história, aos 17 anos engravidei.”. “Quando o filho nasceu, a inexperiência era total e o que valeu eram as avós. Mas problemas de saúde fizeram-no viver só 38 dias. Pois lembro-me que tive um grande desgosto que o corpinho estava vestido e já hirtó e eu queria pegar nele ao colo... enfim, com tão pouca idade, comecei a sentir coisas tão desagradáveis. Depois, passados dois anos nasceu a minha L. o que já com alguma prática, foi bem diferente. Dentro das possibilidades da época, tudo fiz para lhe proporcionar o melhor. Mas, passados nove meses, foi um susto total, engravidei novamente e entrei em pânico. Fui consultar uma parteira que havia na altura que se chamava dona E. para saber se conseguia o impedimento do mesmo. Ao fazer o exame foi-me explicado que era gravidez. Eu chorei, expliquei que a menina só tinha nove meses. Mas a dona E. teve uma conversa comigo que me deixou com as ideias mais claras e aconselhou-me a não fazer nada porque era um menino e que quando ele nascesse, já a menina era mais crescidinha, tinha 18 meses, a correr de um lado para o outro. Então vim para casa, leve e descontraída e afinal sempre nasceu um menino. Calhou. Porque ela não sabia. Mas foi assim com a sua conversação, consegui animar-me. Depois nasceu o W. foi uma criança que foi sempre muito especial e não compreendido. Passados quatro anos nasce o E., aventureiro.”.*

Este matrimónio deu-se de uma forma muito pouco comum, para além de que, pelas palavras da D. Albertina este casamento era algo inevitável, a que ela não podia fugir e estava envolto numa grande vergonha:

*“ (...) e de maneira que o bebe nasceu e eu só casei depois. Mas como era nova ali, ninguém sabia se eu era ou não era casada. Não tinha que dar satisfações a ninguém. Mas em mim existia uma rejeição de tal ordem que fui pedir a um padre velhinho daqui de M.. Era um senhor já com muita idade e disse-lhe, eu estou nesta situação assim mas não quero que ninguém saiba. Eu quero casar depois da igreja fechar. O senhor faz-me missa? E ele fica assim a olhar para mim e disse assim: mas porquê de igreja fechada? Porque eu não quero que ninguém saiba que eu não estou casada. E ele casou-me de igreja fechada. Mas foi um casamento tão liberto de acontecimentos e de coisas que foi um dia normal, normal. Foi como se eu fosse a um recado, vesti um casaco, levei um véu, foi a minha sogra comigo, foi o meu marido... palavra de honra, isto é uma coisa... mas foi uma coisa, não sei, parece que não havia de ter procedido assim. Passou tudo ao lado, casei, estou casada!”.*

Após ter falado deste casamento, caracterizou o seu marido. As suas palavras revelam uma tonalidade afectiva algo distante, de quem analisa de longe uma situação, como se não fosse sua: *“Ele era uma pessoa muito educada, trabalhava numa profissão que lhe foi imposta pelo arrastar das situações e ele não gostava,*

*de maneira que foi uma pessoa fracassada toda a vida.*”. Ainda no que se refere à caracterização do seu companheiro, a D. Albertina fala-nos de uma relação que se foi construindo. No entanto, das suas palavras sobressai a necessidade de justificar o porquê daquela relação: “ (...) respeitava-o era uma pessoa que, claro com o decorrer do tempo começa por ambientar-se e gostar, porque era uma amizade... quando comecei a namorar com ele, eu tive pena dele da situação do outro. Porque o outro era mais gabarola e ele era uma pessoa... foi sincero e eu dei um valor àquilo que, com 14 anos! É verdade, com 14 anos. Verdade. E então, foi pela vida fora. Ele não era mau, não era pessoa que não fosse carinhosa.”. Mesmo assim, existia alguma coisa que a D. Albertina não conseguia compreender completamente mas que, interferia de forma negativa nesta relação: “Só que... havia uma fuga que eu nunca soube para onde mas eu imaginava que fosse no jogo. (...) não me apercebi do que era mas num determinado momento, parece que ninguém o via. E de maneira que, naquele tempo não era porque ele gastasse muito, que os ordenados eram pequenos, mas aquele bocadinho fazia falta.”. Neste sentido, “eu, tive que começar por trabalhar que hoje dou muitas graças a Deus da minha iniciativa, ao que eu fiz pela vida fora. Tenho muito orgulho do que fiz...”.

Ao longo da sua vida a D. Albertina exerceu a profissão de costureira. E, nas várias páginas da sua vida, ela encontrou pequenos momentos onde, pela análise das suas palavras, se encontra uma insatisfação com a vida, e uma vontade em voar mais alto, para longe daqueles momentos mais complicados e causadores de sofrimento:

*“ Sete horas e vinte da manhã, estou sentada à máquina de costura a olhar para a rua. Manhã cinzenta, muita chuva, uma chuva lenta, maçadora, vejo nela uma calma, um lamento, um choro. As gotas de água que me batem os vidros parecem querer compartilhar comigo as lágrimas que raramente me saem dos olhos mas alimentam o meu coração. Um bom dia de trabalho.”. Ai (chora). (ri-se) ”.*

*“ (...) Quando voltei para o meu local de trabalho apoiei os braços sobre a máquina de costura e deparei com uma pintura maravilhosa que se compunha de pedaços de céu azul e rolos de nuvens brancas. Aí, contemplei-as e descobri lagos, montanhas, castelos, extensões quase planas que pareciam uma praia. Senti necessidade de me transportar para aquele sonho e foi então que larguei o fardo que trazia sobre o peito e fui para lá brincar. Andei por aqueles montes brancos, por aqueles lagos, por aqueles mundos maravilhosos, que se ia desfazendo e ao mesmo tempo escurecendo. Quando dei por mim, estava leve, tranquila, sonhando aquela maravilha. Um beijinho.”. (ri-se). ”.*

Após longos anos em união, o marido da D. Albertina sofreu um acidente vascular cerebral que o acaba por levar a uma situação de dependência. Mesmo continuando a trabalhar, a D. Albertina permaneceu ao lado do seu companheiro, estando patente no seu discurso o afecto e o cuidado necessários para aquela situação. Até o seu espaço de trabalho teve que ser repensado aquando da doença:

*“(...) veio a doença, ainda esteve nove anos doente. E depois de vir a doença, eu nunca deixei de trabalhar. Eu era necessária, a primeira fase foi muito complicada porque era preciso fazer-lhe tudo porque ele esqueceu-se completamente da vida. Esqueceu-se de como é que se vestia, como é que apertava, e essa coisa toda tinha que ser feita toda, toda por mim. Tinha um sofá, então o sofá foi para o cantinho, tinha a máquina, tinha papéis e ele estava ali. Eu conversava com ele e ele não respondia, mas ele ouvia, gostava que eu lhe falasse. As coisas da nossa terra, quando éramos novos e tudo mais. (...) Foram tantas, tantas as horas, o esforço físico que eu fiz para me transformar em mais horas do que as que o dia tem, para lhe compensar aquelas que tinha perdido e sempre com boa disposição, sempre a dar a comidinha, sempre tudo...”.*

A páginas tantas a D. Albertina deu por si a contar um episódio com uma cliente sua, na altura em que o seu marido estava doente. Está patente no seu discurso a sua forma de estar na vida, o seu modo calmo de ver as situações e a forma voluntariosa com que abraça cada sobressalto na sua vida:

*“E de maneira que um dia ela me disse assim: Eu não aguentava. Oh Albertina como é que consegue trabalhar e estar aqui a apoiar? E eu disse-lhe assim: Tudo tem que ser feito com um esquema, tudo tem as suas horas e de maneira que, bate tudo certo. Oh dona M., eu vou-lhe explicar: um dia eu fui ao Porto fazer compras, era no tempo dos saldos e vi uma porção de coisas numa montra. Entrei e comprei uma grande quantidade. E ela estava assim a olhar para mim, como quem não me estava a perceber. Comprei uma grande quantidade que ainda hoje conservo porque ainda não acabou e espero que dure ainda muitos anos. Oh Albertina mas o que é que comprou? Pacotinhos de paciência... comprei tantos, tantos (risos). Ela nunca mais se esqueceu. E foi assim, foi nos saldos, foi baratinho.”.*

Passados nove anos o seu marido acaba por não resistir à situação: *“apesar de ter sido um soco que nos deu no peito, ele estava muito bem, nós não compreendíamos.”.*

No sentido de esclarecer quanto ao sentido que atribuiu a esta perda, a D. Albertina referiu que nem todas as pessoas são iguais, valorizando a sua forma de enfrentar este momento menos bom da sua vida: *“depois foi assim... lá*

*está as pessoas, isto vai também de cada pessoa... cada ser, é um ser, nós não somos todos iguais e não é tudo: é assim. Há pessoas que têm pancadas na vida e caem com dores, não se pode fazer isso. Não se pode fazer isso. Eu tinha que fazer, tinha que estar sempre, trabalho, trabalho, trabalho. Sempre fui. Eu não tinha tempo para estar com lamechices e até porque eu não me mentalizava que aquilo era vida. Porque eu não posso ver uma pessoa assim.”*

Nas suas longas páginas escritas, a D. Albertina arranhou espaço para escrever sobre este casamento e sobre este homem que a acompanhou ao longo de quarenta e quatro anos:

*“Foi um grande sonho, porque eu desde menina sonhava que um dia, quando casasse, havia de ir muito linda toda de branco, mas, afinal, não consegui ter essa alegria, casei, sim, mas foi uma coisa bem diferente das minhas ilusões de miúda, mas os anos passaram e foram quarenta e quatro. A análise foi feita e penso que uma grande parte das coisas desagradáveis no período desses quarenta e quatro anos se passaram devido à grande frustração do emprego que não tinha nada a ver com a maneira de ser e também com o mimo com que foi criado... sendo assim os meus perdões, mas foi um homem que gostou sempre de mim e se orgulhava de eu ser a sua mulher, a vida por vezes é madrastra”.*

Após a morte do seu marido a D. Albertina nunca quis, ou melhor, nunca pensou em voltar a casar. Muito menos pensou em apaixonar-se e viver a sua história de amor aos sessenta e quatro anos de vida.

Aqui começa uma nova história. Uma história com treze anos de vida em comum e uma viuvez que dura há pouco mais de nove meses. É com muita alegria, entusiasmo e muita serenidade que fala sobre o seu segundo marido. Diz tê-lo conhecido toda a sua vida já que era amigo de infância do seu anterior companheiro: *“Estes 58 anos fomos sempre grandes amigos! Que ele era um amigo de infância.”*

A D. Albertina caracterizou esta história como: *“foi um sonho de vida, a vida inteira...”*. Pelas suas palavras acede-se à dimensão que esta relação teve, e ainda tem, na vida desta senhora: *“isto foi uma coisa linda”*. No balanço que faz desses treze anos em comum, encontramos referências ao que a mais marcou ao longo desta paixão: *“(...) era uma pessoa que me adorava, que gostava muito de mim, apreciava tudo o que eu fazia, além de ser boa companhia, tudo o que fazia era muito apreciado, muito apreciado por ele, tinha orgulho em mim, acho que são pormenores que uma mulher se sente orgulhosa e feliz, vivi horas imensamente felizes... quando saíamos, eu reparava na vaidade dele com a minha companhia. Claro que tinha a sua maneira de ser, muito poupado (...)”*.

A D. Albertina nunca achou possível de acontecer um segundo casamento. Aliás, toda a sua vida criticou quem casava uma segunda vez, não conseguia compreender: *“era uma coisa de que eu fui sempre contra”*. No entanto, a D. Albertina aconselha: *“Nós não podemos dizer, não faço, nunca ninguém pode dizer isso (...)”*. Isto porque, *“as coisas vão, é como uma bola, vão rolando e a pouco e pouco as coisas vão-se adaptando à maneira como as coisas vão correndo e quando se apercebem estão encaixadas...”*.

E assim foi, *“começou com os telefonemas”, “às vezes levava-me uma hora ou mais ao telefone”*. Nas palavras da D. Albertina está patente o sentimento de preenchimento que este contacto lhe trazia: *“eu estava sozinha, aquelas conversas faziam-me bem porque era também um desabafo que eu tinha”*.

Esta relação foi bem recebida pelos seus três filhos. Aliás é com satisfação que esta senhora refere que *“os meus filhos estavam tão habituados àquela pessoa, estimavam tanto aquela pessoa, conheciam tanto da vida daquela pessoa, que eles não ficaram admirados.”*. Um dos seus filhos chegou mesmo a dizer-lhe que *“(...) eu também não a via com outra pessoa. Eu só via aquela pessoa ao lado da mãe, no caso de uma possível retomada de vida, não via outra pessoa (...)”*.

Dos momentos iniciais desta união, a D. Albertina relembra emocionada de um dos episódios que a mais marcou, a troca das suas alianças: *“Tínhamos comprado antes: Onde é que estão as nossas alianças? Eu disse: Aqui. Pegou numa caixinha e meteu uma aliança no meu dedo (...), e meti a dele e abraçou-se a mim e disse-me as palavras mais lindas que se pode imaginar e eu nunca mais me esqueço (choro), (...), foi uma coisa...”*.

No entanto, ao longo deste sonho, mais uma vez a doença surge no caminho da D. Albertina, o seu segundo marido apresentava sinais de demência do tipo Alzheimer: *“(...) foi pena foi aquela coisa do Alzheimer, foi de Alzheimer que ele morreu... começou a perder noção das coisas, a esquecer onde pôs aquilo.... E depois saíamos, ele já estava com bastantes problemas na construção (de frases) e como eu estava sempre atenta ele às vezes perdia-se... parecia uma tradutora simultânea (...)”*. Está patente no seu discurso a atenção e o cuidado para com o seu companheiro, muito à imagem do que tinha sucedido nos anos em que o seu primeiro marido esteve dependente dos seus cuidados.

A doença foi rápida, e recorrendo aos seus apontamentos a D. Albertina conta: *“(...) foram catorze dias passados com grande angústia...isto foi quase a “terminar a*



*sua vida que para ele foi bastante dolorosa que se mantinha quase sempre com consciência e o seu sofrimento com certeza que havia de se sentir bem mal (...) ”.*

Ainda referindo-se à doença a D. Albertina continua a ler o que naquela época registou: *“Conheci um homem que amei. Era uma pessoa organizada, dinâmica e controladora. Mas quase sem se dar conta essa pessoa vai desaparecendo mentalmente, o que significa que foi uma enorme borracha que apagou tudo aquilo que ao longo da vida foi arquivando na sua extensa agenda, que a pouco e pouco foi desvanecendo a tinta e hoje já não se consegue ler nem soletrar. A vida é severamente dolorosa ao ponto de um ser humano mais parecer um robot.”.*

A doença do seu marido foi vivida com tal sofrimento e angustia que a D. Albertina conta que: *“ (...) a partir de 2003 nunca mais peguei na caneta para escrever nada... eu estava tão magoada com aquela doença que não tinha cabeça para nada.”.*

O acontecimento mais difícil acabou por surgir. Há nove meses, a D. Albertina enviuvou novamente, ao fim de *“quase 14 anos com grandes alegrias”*. Ao final de alguns meses após esta perda, a D. Albertina voltou a escrever, a escrever sobre a morte de quem mais amou:

*“Partiste ainda cedo  
e com tanto que fazer  
mas quem sofre o que sofreste  
não faz pena não viver.*

*Há muitas recordações  
Mas só as boas estão lembradas  
As más nem se pensa nelas  
para não ficar magoada  
A felicidade é linda  
quando pura é adolescente  
O amor quando verdadeiro  
Brilha aos olhos de toda a gente”*

*Tenho tantas recordações  
Bilhetinhos namoradeiros  
Estão guardados, guardadinhos  
Vou lê-los só baixinho,  
parece que estou a vivê-los.”*

Esta viuvez tem sido vivida com *“muita saudade”*. Os momentos mais difíceis são à noite, quando se prepara para deitar. É aí que as memórias se tornam mais complicadas de gerir:

*“Deito-me sempre tarde, leio sempre um bocado, gosto sempre de ler... e tenho comigo sempre no quarto, ou esteja a trabalhar, tenho a imagem dele na minha máquina de costura, está sempre comigo (choro) ... eu nunca imaginei que... que esta coisa fosse assim... e nós tínhamos muitos gostos iguais... gostávamos de coros, de música forte, e então tínhamos o hábito quando era música que gostávamos, escutávamos abraçados, gostávamos muito de escutar a música abraçados, e de maneira que, fui-me deitar. E eu tenho um rádio, quando vou para a cama tiro a colcha, destapo as almofadas, ponho o radio ali, ponho o livro... e quando estou para dormir... ouvi uma música, e ainda hoje penso na sensação que eu senti, era uma música que ele adorava, era uma música estrangeira, mas era uma música muito bonita e eu vou, sentei-me na cama e comecei a chorar... que saudade que eu tive, tão grande, tão grande, eu não tinha sentido ainda, ai meu Deus que grande saudade, foram estas as palavras... (choro) ”.*

A D. Albertina é a primeira a assumir que esta viuvez tem sido mais complicada, *“mais que a primeira”*. Esta afirmação é justificada pelos *“meus afazeres e as minhas responsabilidades quando o meu primeiro marido morreu, não me davam tempo para nada...”*.

Nestes nove meses de viuvez, os filhos têm sido uma ajuda muito importante. A presença e o afecto dos filhos foram uma constante no discurso da D. Albertina. Aliás, desde que o seu segundo marido adoeceu, a presença de um dos seus filhos é constante na vida desta senhora: *“Acontece que, quando o meu marido ficou pior, ele veio para cá ajudar porque ele tinha medo que eu, às vezes, me pudesse sentir numa aflição, por, de noite, estar aqui sozinha, não lhe fazia diferença e aqui ficou, foi ficando e aqui está. E isso foi para mim uma coisa maravilhosa (...) ”*. A propósito dos filhos, a D. Albertina teve oportunidade de ler um pequeno texto que escreveu sobre eles, sendo visível no seu discurso um grande conhecimento das características de cada um dos deles, nomeadamente, as que mais a preocupam:

*“Raízes de uma árvore fraca que, açoitada pelo tempo, era forte, bastante forte, resistia a tudo. Raízes que significam tudo de mais belo para mim. A mais velha é rija, extremamente sincera, com grande coração mas um tanto retraída. Boa mãe, boa esposa o que me deixa tranquila. A segunda, com muita determinação, preponderância, respeito por todos os que o*

*rodeiam, com uma aparente calma, que nem sempre é real. A terceira, essa é inconstante e insegura mas com um coração bom. Bastante infantil. Pois é esta raiz que mais me preocupa (...)”.*

A D. Albertina iniciou um novo projecto de vida após a morte do seu marido. Dizia-se sentir *“um bocado receosa”* em iniciar esta nova fase da sua vida: *“ (...) tive assim um obstáculo em mentalizar, porque o meu marido é que tinha as... o que se relacionava com pagar isto ou aquilo, era ele que resolvia (...)”*. Mas, diz sentir muito orgulho em: *“tomar conta do barco sozinha”*. Aliás, referindo-se aos aspectos financeiros, a D. Albertina acrescenta novos planos: *“Sim, tenho que ter muita atenção porque possivelmente ainda me vou aventurar para fazer trabalhos, porque não gosto de me sentir apertada...”*.

Falou igualmente da solidão a que muitas pessoas se entregam após estas perdas. Na perspectiva da D. Albertina, as pessoas são responsáveis pela sua solidão:

*“No que diz respeito à solidão eu acho que há pessoas que têm solidão e que têm motivos para a ter, porque são pessoas que depois de fazerem o seu ram-ram, sentam-se numa cadeira em frente à televisão e não fazem mais nada, não se ocupam de mais nada, e de maneira que essas pessoas tem mesmo de ter solidão.”*

Para finalizar a conversa, a D. Albertina referiu que: *“ (...) não tenho tempo para pensar coisas menos agradáveis, porque mesmo eu dou-me muito alívio a mim própria, encorajo-me!”*. O seu discurso em relação à solidão é carregado de optimismo, de força de vontade e de auto-estima: *“E de maneira que tenho muita dificuldade em cair no fundo, de maneira nenhuma. É uma situação que eu gosto, gosto muito de me perdurar.”*.

## A satisfação de ser avó

A D. Ermelinda apresentou-se com uma postura um pouco séria e algo atarefada. Na verdade, fomos solicitar a sua colaboração num momento um pouco inoportuno, visto que estava no seu local de trabalho, onde desempenha funções de chefia. Alegando que apresenta maior facilidade em se exprimir por escrito, sugeri partilhar a sua experiência enquanto viúva num registo escrito, pedido esse que foi aceite sem reservas.

Esta história inicia-se há vinte e nove anos atrás, quando a D. Ermelinda era mãe de três filhos, um com dezanove anos, outra com dezassete e a mais nova com dezasseis anos de idade. Há igualmente vinte e nove anos a D. Ermelinda perdeu o seu companheiro de vinte anos de vida, de uma forma totalmente inesperada:

*“Foi uma morte súbita, às três da madrugada, estávamos os dois deitados a descansar, depois de um dia árduo de trabalho, pois estive de serviço permanente nesse dia desde manhã até à meia-noite. Cheguei a casa à uma hora da manhã e com uma gripe. Fui despertada, por movimentos estranhos, e quando vi o que se passava, já nada havia a fazer.”*

Referiu que naquele momento não conseguiu ser um auxílio para ninguém, entrou *“em estado de choque”*. Pela análise das suas palavras, a D. Ermelinda caracterizou o seu pesar como um *“luto difícil e prolongado, com lutas e obstáculos difíceis de ultrapassar”*. Dos momentos mais difíceis destaca uma situação vivida com desespero, e acima de tudo muita dificuldade, nomeadamente, económica:

*“ (...) tive que ir para Lisboa, sozinha, enfrentar uma comissão de trabalhadores da empresa onde trabalhava o meu marido, porque queriam acabar com uma pensão, embora de pouco rendimento, a que ele tinha direito, alias a viúva, mas na minha situação, tudo me fazia falta. Era um complemento.”*

A viuvez revelou-se uma *“experiência dura e dolorosa, pois os projectos que tínhamos, ruíram na maior parte”*. No entanto, é com a tonalidade da vitória e da reacção às dificuldades que a D. Ermelinda assegura ter conseguido ir *“reagindo”*. A vitória diária na luta contra o facto de estar *“muito debilitada e com uma depressão após o falecimento”*, é atribuída *“a Deus, e à minha fé”*. Neste processo todo

diz ter sentido algumas alterações em si, mas a crença religiosa foi fundamental para conseguir ultrapassar as adversidades:

*“Os meus sentimentos levaram a uma modificação muito grande, mas a fé em Deus, não foi abalada e essa força é que me deu coragem para ir vencendo as etapas que me surgiram, dia a dia.”.*

No que se refere à sua profissão, manteve-se nas suas funções: *“continuei no meu trabalho”*. No entanto, acabou por ter que desenvolver actividades paralelas, apelando à sua habilidade para concretizar trabalhos manuais *“aproveitava tudo o que me aparecia neste campo, fiz também cestinhas com flores, lembranças para os noivos oferecerem aos convidados, baptizados, agarrei-me ao que me parecia impossível (...)”*.

Os filhos foram crescendo e acabaram por seguir as suas vidas, muito embora tenha tido alguns problemas com a sua filha mais nova: *“não gostava de estudar, frequentou vários colégios, liceu, fiz tudo por tudo, mas não completou o liceu. Foi trabalhar, ao fim de três anos. Tinha de ser. Foi muito difícil para mim e para ela, mas foi a sua escolha, era a solução.”*.

Como viúva que era, e referindo-se ao grande sofrimento e tristeza que essa situação lhe provocava, vestiu-se de preto durante largos anos, o que se traduziu em alterações na forma como encarava a vida:

*“Sofri muito com tudo isto, o luto continuava de tal maneira que andei sempre vestida de preto, mais de dez anos e o meu coração e todo o meu ser era triste. Perdi a alegria. Ainda hoje, volvidos 30 anos, recordo com tristeza os momentos passados, mas agradeço a Deus a força que me alimentou e fez vencer, na vida.”*.

É novamente a fé que surge como o elemento de suporte, fornecedor de energias e esperanças para enfrentar o luto, e conviver com a experiência de se estar só. Mesmo apresentando um discurso onde está patente alguma solidão no vivenciar das situações mais difíceis, há referência ao contacto com amigos:

*“A vida social também modificou totalmente, pois tínhamos um grupo de amigos que convivíamos muito mas a amizade também perdurou, pois moralmente, os amigos também me ajudaram.”*.

Contrastando com a evidente tristeza existente no seu discurso quando se refere às dificuldades sentidas e ao facto de ter perdido o seu companheiro, a D. Ermelinda introduz um ponto de viragem quando fala dos netos,

nomeadamente, da neta que está para nascer: *“Hoje, com 73 anos é uma satisfação sem limite, ser avó, é uma recompensa vinda do Único e Poderoso Amigo que nunca nos abandona e, que nos dá conselhos com factos da vida do dia a dia.”*

O discurso da D. Ermelinda assume mesmo, actualmente, uma mudança. Apresenta-se muito mais voltado para o exterior, para o investimento neste seu projecto que é *“ser avó”*. No entanto, é com grande frequência que se assiste à alusão a uma fé que tem sido o suporte nos momentos difíceis e a *“recompensa”*, no momento actual da sua vida. Aliás, é com referências à sua fé em Deus que finaliza o relato da sua vivência da viuvez:

*“Seguir o Seu caminho é para a viúva, o maior conforto. É o Anjo e que nos guia e ampara. Nunca devemos deixar morrer a Esperança, pois Ele toca-nos, quando menos esperamos.”*

### **As pessoas só morrem quando deixamos de nos lembrar delas...**

A D. Maria traz-nos com a sua experiência de oitenta anos de vida, a certeza de que as pessoas não morrem, mas, sim, permanecem no nosso pensamento e na nossa memória, durante o tempo que quisermos e permitirmos:

*“ (...) sabe, eu tenho a impressão que as pessoas só morrem quando nós não nos lembramos delas.”*

Professora do Primeiro Ciclo já reformada, a D. Maria está viúva há apenas três meses. Permitiu-nos mesmo assim aceder a esta recente experiência com uma simpatia incrível que aliás, foi permanente ao longo de toda a nossa conversa.

Esteve casada durante cinquenta e cinco anos... uma vida construída em parceria com alguém que lhe era muito especial. Para a D. Maria, as relações podem ser maravilhosas: *“O homem faz a mulher e a mulher faz o homem. (...) isso é fantástico.”* Das memórias do seu casamento surgem: *“ (...) coisas boas e coisas más, há discussões, há aborrecimentos. Nós não somos... mas claro, a gente quando gosta, gosta e é tolerante. Uma das coisas do casamento... e isto também é para si, a tolerância é essencial. A tolerância é muito importante. Porque nós, quando gostamos de uma pessoa temos que gostar dela também com os defeitos que tem porque nós também temos. Não é?”. Aliás, “ (...) quando o amor é bastante a gente ultrapassa muito, ultrapassa muito.”*

Ao final de cinquenta e cinco anos de vida em comum, o marido da D. Maria não resistiu mais a todo um conjunto de doenças que já o atormentavam há alguns anos: *“ (...) estávamos mais ou menos à espera.”* Mesmo sendo um acontecimento esperado, esta experiência foi marcante porque *“foi horrível”, “uma coisa inverosímil”*. A descrença na morte do seu companheiro levou mesmo a D. Maria a referir-se a um conjunto de situações, que mostram bem como, por vezes *“uma pessoa esquece e não se acredita”*.

*“ (...) Ainda hoje, eu às vezes estou a ver televisão e há qualquer coisa que eu sei que ele gostaria muito de ouvir, ele estava sempre aqui (escritório), eu às vezes vinha a correr, nos primeiros dias, vinha a correr para lhe dar a notícia, ou qualquer coisa assim. E estou às vezes à noite a ver qualquer coisa e se é uma coisa que: olha, vê tu o que está acontecer, por exemplo isto que se passou com o governo, e essas coisas. Eu sei que ele não está, eu sei que não está mas digo! Ainda sai...”*

Como já foi referido, o marido da D. Maria esteve vários anos doente no entanto, esta senhora orgulha-se de durante todo este percurso ele ter sido “ (...) muito acarinhado até ao fim. Não lhe faltou nadinha.”. Nos últimos dias de vida, as conversas não estavam voltadas para o tema da morte, muito embora a D. Maria tenha expressado que o seu marido “*tinha muito medo de morrer*”. Sempre que ele se referia a estes assuntos, toda a família desviava a atenção e dava pouca importância. No entanto, nestes últimos tempos de vida em comum, a D. Maria e o seu marido conversaram: “*da vida, de férias e tal, vamos lá ver se podemos. Era para... nós no dia 10 de Abril é que fizemos os 55 anos de casados. E ele queria muito fazer uma festinha. Dizia ele: olha vamos fazer a festinha dos 55 anos porque é uma capicua que não voltamos a repetir, porque 65 já era muito difícil. Digo-lhe eu: pronto, vamos fazer a festinha.*”.

No dia dez de Abril desse ano, este casal festejou os cinquenta e cinco anos de casados:

“ (...) no dia 10, foi sábado, eu de manhã fui levar-lhe o pequeno-almoço e diz ele assim: *ai mulher, e começa a chorar... que eu dava-lhe todos os dias o pequeno-almoço, há muitos anos, desde que foi operado, e depois ele estava na cama,... E depois fui-lhe levar o pequeno-almoço e diz ele: ah, afinal, deu-me um beijinho, afinal já não vamos... os 55 anos, tanto queria! Disse-lhe eu: deixa lá, vamos para o ano. E ele: nem festejámos, nem nada, nem nada. Não te preocupes. Eu tinha na véspera, deixei-o deitar, e fiz um bolinho. Fiz um bolinho e pus 5 velas. E levei-lhe à cama, com as 5 velas e acendi-as e ele começou ainda a chorar mais um bocadinho. Depois apagou-as e pronto. Ainda se levantou nesse dia e os filhos vieram cá à tarde e estivemos aí a fazer um brinde, com o bolinho que tinha feito.*”. Para além deste pequeno convívio, a D. Maria fez-lhe: “*uma poesia, fazia-lhe muitas poesias... e todos os anos lhe fazia uma poesia*”, que vinha devidamente acompanhada de um cravo e uma rosa, simbolizando os dois filhos deste matrimónio:

“*A beleza de uma rosa faz esquecer os seus espinhos, assim nosso casamento tem rosas e teve espinhos mas também muitos carinhos.*”.

A conversa sobre este pequeno verso levou a D. Maria a referir-se a um pequeno episódio que só, actualmente ganhou significado. Na altura, este momento não teve impacto, veio apenas reforçar a temática da morte e o medo que o marido tinha em morrer. No entanto: “*no dia dos meus anos, no dia três de Agosto, vai fazer agora um ano, ele escreveu-me um bilhete, que ele já andava assim triste (...). E depois, ano passado então, escreveu-me este bilhete que eu depois é que vi a determinação das coisas: “Querida Maria, neste septuagésimo nono aniversário natalício que*



*hoje celebras, faço votos a Deus, nosso senhor Jesus Cristo, que te continue a acompanhar por muitos anos e que dê toda a tua força e boa disposição com a nossa família acompanhando-te, se tal for necessário. Por mim, em qualquer sítio que esteja, estarei sempre dando-te aquela forcinha que pelo menos espiritualmente sempre gostaria de te dar.”*

Passados exactamente nove dias da celebração do seu aniversário de casamento, a D. Maria enfrenta a morte do seu companheiro de vida, “ (...) por mais preparada que uma pessoa esteja (...) a dor é muito grande”.

Nesta história, como em todas, as situações ganham significado pela tonalidade emocional que as palavras que utilizamos deixam transparecer, e a experiência do momento em que a D. Maria perde o seu companheiro só pode ser compreendido pelas suas próprias palavras:

*“Fui para a casa de banho arranjar-me, e disse assim: nem vou tomar banho agora, vou logo quando ele estiver mais sossegadinho. Ia só arranjar-me, dar uma arranjadela e comecei a sentir assim a respiração mais (fez sons) e fui a correr para o quarto. Ele já estava sereno, de boquinha fechada e eu pus-lhe a mão e ele ainda me apertou a mão e eu disse: oh Zé não vás, não me deixes. Ele ainda me apertou a mão. E depois, parece que esteve à espera que eu chegasse, deu um suspiro (fez o som) e ficou...”*

As palavras, e toda a emoção veiculada por elas, são muito importantes na história da D. Maria já que ao longo de todas estas descrições, sem sombra de dúvida penosas para si própria, esta senhora não chorou. No entanto, esta situação tem uma explicação muito específica: *“Eu tenho esse temperamento, mesmo chorar é muito difícil chorar. Eu sou capaz de chorar ao ver uma pessoa com fome, mas se for uma dor muito grande minha eu não choro...”*.

Mesmo controlando bem a expressão das suas emoções, a D. Maria deixou bastante patente no seu discurso a dificuldade que sentiu na vivência dos primeiros dias após o falecimento do seu marido. Caracterizou esses momentos como de *“uma angústia terrível”*. Esteve acompanhada desde o primeiro dia por uma irmã, igualmente viúva: *“fez-me muita companhia, não me deixou ficar”*.

*“Eu faço todas as noites, antes de me deitar, as minhas orações, aqueles primeiros dias eu não conseguia rezar (...) Ia para a cama e custava-me muito adormecer (...) Eu não conseguia vir aqui para a sala, só conseguia estar na sala de jantar. Agora já venho e pronto... e depois talvez passado para aí... Quinze dias já comecei a fazer a minha vida normal. Foram quinze dias assim de maior choque. Claro, continua sempre, não é? Está sempre presente, em tudo está presente aqui em casa.”*

Retomando a ideia de que, só quando nos esquecemos das pessoas é que elas morrem de verdade, a D. Maria mostra-nos de que forma: *“ele está presente em tudo. Ainda não mexi em nada, livralhadas e tudo (...) há coisas que eu não arrumo, bem de facto. Não mexo, não mexo. Os chinelos dele estão dentro da mesinha de cabeceira, os livros continuam pela ordem que ele os pôs (...)”*.

Mesmo apontando a sua idade como uma idade em que *“aceitam-se as coisas com mais calma, com mais, como quem diz, tem que ser”*, a D. Maria referiu-nos que nunca antes tinha pensado em si como viúva. No entanto, voltou atrás no tempo e falou-nos da altura em que o seu marido esteve hospitalizado por um longo período de tempo:

*“Pensei, nessa altura pensei, pensei mais que agora. Porque nessa altura o médico tinha-me dito, ele esteve em coma muito tempo. Estava sempre à espera de chegar lá, eles diziam-nos: não pudemos assegurar nada. Estava sempre à espera de chegar ao hospital e eles dizerem que ele tinha falecido. Foi nessa altura muito mais que agora... agora não estava assim muito bem preparada...”*.

Mas, ser viúva para a D. Maria é algo que ela não pode e nem quer evitar, como seja o facto de estar vestida de preto:

*“Estou. Estou porque não me apetece por outra cor. Eu tenho já coisas pretas e brancas, a minha filha está sempre a dizer: “Mãe, ponha branquinho.”. Olha minha filha, agora quando eu for para a praia, até comprei um fatinho com um risquinho begezinho e uma blusinha que tem um pouquinho de branco, vou pôr, para já não me apetece. Quando me apetecer eu ponho, não me importo nada. Não é por causa da sociedade, nem dessas coisas. É porque me apetece, apetece-me. E pronto... mas quando me apetecer tirar, tiro. Para já estou...”*.

Para além do ritual do vestir de preto, conversamos sobre o que a D. Maria sente em relação às visitas ao cemitério. Ela própria abordou esta questão, e foi patente no seu discurso um total desagrado pela inevitabilidade de ter que se deslocar até ao cemitério:

*“Custa-me muito ir ao cemitério. Custa. Sabe que a primeira vez que fui ao cemitério, agora já está a campa preparada, mas mesmo assim é quase a mesma coisa. A primeira vez que fui ao cemitério ainda estava a terra, que ainda não se podia... deu-me, fiquei com uns nervos que só me apetecia ir cavar aquela terra toda, porque sei que está ali um corpo a apodrecer! Horrível, é horrível. Eu não gosto de ir ao cemitério. Que hei-de fazer? A minha filha é que vai lá... eu vou uma vez por semana e ela também vai mas, se ela puder ir nem me vem buscar vai e só me diz depois. Eu tenho ido com a minha empregada, sozinha não vou. Porque a mim angustia-me, eu sei que está ali!”*.

De qualquer maneira o ritual que a mais marcou foi o funeral do seu marido: “ (...) tive a certeza que realmente sou muito amada por eles todos, não é! Muito amada por eles todos e o meu marido era uma pessoa muito amada pelos amigos e por toda a gente. Era muito, foram muito, toda gente foi fantástica. Tudo, tudo, tudo... e aqui em casa e tudo... telefonemas e visitas, e isso tudo, foi, foi, foi (...) ”.

Mesmo Assim, o facto de se ter sentido menos preparada para a viuvez, do que estaria à espera, não impediu a D. Maria de manter a sua atitude em relação ao seu futuro com uma tonalidade bem positiva e com um estilo empreendedor. Em primeiro lugar, não mudou nenhum plano de vida e pretende ver se consegue ingressar “na universidade da terceira idade”. A forma bastante positiva de enfrentar e vivenciar diariamente este recente estatuto social de viúva é evidente, quando a D. Maria se refere à melhor atitude a ter nesta situação:

*“Procurar viver sem ele e levar a coisa para a frente, não começar a lamentar-me e a choramingar, não adianta (...) resignação, que vão para a frente. Que não se ponham em casa a lamentar e choramingar (...) nós também vamos qualquer dia e portanto, ... não é a gente ficar sentada num leito parada a chorar que vai mostrar que gostamos deles ou assim... não é? Coitadinho, faz-me muitíssima falta. Muita, muita, muita, muita.... Mas olhe, tem que se viver...”*.

Quanto aos filhos, a D. Maria fala com ternura de que “eles sempre foram chegadinhos” mas que “agora, realmente, estão, estão a dar-me colo que é uma coisa por demais” e “procuram que eu não esteja só muito tempo”. Aliás, assegura que a forma como iria encarar a viuvez seria mais difícil: “muito mais, de certeza absoluta”.

Mesmo com todo o suporte e “colo” por parte dos filhos, D. Maria expressa que é uma mulher independente e que por isso mesmo, gosta de preservar o seu espaço e permanecer na sua casa:

*“Queriam muito que eu fosse para casa deles ou assim, um e outro, mas eu não vou. Vou só quando me apetece. Enquanto estivesse com saúde, não digo que de hoje para amanhã adoeça e não precise de um deles constantemente mas, procuro até não os aborrecer e que ninguém me aborreça. Gosto também de estar.... Eu não me importo de estar só. Eu preencho o meu tempo. Não me importo nada de estar só. Não, não me importo. E portanto, gosto de estar na minha casa, de fazer aquilo que me apetece. Muito independentesinha (...) ”*.

Nas tentativas de dissuadir os filhos das suas investidas, explica-lhes que: “não estou só, tenho o telefone, tenho o telemóvel, tenho-vos a vós, pronto. Só se um dia estiver doente e aí, que remédio terei.”. Mesmo tendo sido este o desejo do seu marido, a

D. Maria diz que antes da vontade dele: “ (...) não era preciso ele dizer-me. Eu tenho mais duas irmãs viúvas e estão cada uma em sua casinha. Sozinhas.”.

A única hipótese de prescindir desta independência reside na possibilidade de um dia poder ficar doente e, aí sim, ter que estar entregue aos cuidados dos filhos. Até lá, diz que sabe muito bem ocupar o seu tempo, muito embora sinta que: *“tenho tempo até demais”*. No entanto, dentro deste tempo que tem:

*“Ocupo. Olhe, leio muito, faço palavras... ao bocado é que tirei daqui as coisas por causa da menina vir cá. Leio muito, ontem vi um filme, anteontem um filme até há uma e tal, na um, lindíssimo, gostei imenso, muito interessante e faço palavras cruzadas, vou fazendo um bocadito de malha.... Faço as minhas compras, claro, e pronto... vou ao cabeleireiro, de quinze e quinze dias vou lavar a cabeça e arranjar (...)”*.

Quando questionada sobre quais os momentos que considerou mais difíceis de vivenciar neste processo de luto, a D. Maria não hesita em nos referenciar as noites como sendo um dos momentos mais difíceis de suportar. No entanto, aprendeu, nestes três meses qual a forma de evitar o desconforto das noites: *“ (...) não me vou deitar à hora, só me vou deitar quando estiver bêbada de sono... quando eu sentir que vou dormir é que vou para a cama, seja a hora que for... por que se for sem sono não consigo dormir e é muito pior. Começo a cismar, a pensar muito nele, que não está cá, nessa altura é que penso mesmo... nessa altura fico assim um bocadinho angustiada e portanto evito, procuro isso quando estou mesmo com muito soninho, muito cansada, com muito sono (...)”*.

A temática da religião e da fé não foi totalmente explícita ao longo da conversa, ou seja, não surgiu como um assunto espontâneo no discurso da D. Maria. De qualquer maneira, foi possível evidenciar que existe uma fé forte e convicta em Deus quando esta viúva fala da sorte em ir tendo saúde, ou mesmo que a auxilia e resguarda de um percurso menos próspero: *“ (...) há a sorte de graças a Deus haver saúde, porque não havendo saúde não sei o que seria. Se eu fosse uma pessoa muito doente não sei o que seria de mim... e assim lá vou enquanto Deus me der força e saúde.”*.

Esta senhora transmite-nos a sua ideia de que a vida é um fio condutor, com um início e um fim: *“ (...) há uma nascer, um crescer e um morrer, é infalível, um antes e o outro depois, todos... quando vão os dois ao mesmo tempo será uma sorte para ambos, não sei...mas alguém tem que ir à frente. Temos que nos convencer que a vida é*

*assim mesmo, a vida é assim mesmo, não somos eternos...*". Mesmo assim, perpetuamos em memórias e lembranças quem perdemos.

### **Cá vou estando e aguardando... vejo-me bem velha...**

Foi com grande receptividade que a D. Antónia aceitou partilhar a sua história e a sua vivência enquanto viúva. O palco desta história foi a sua casa. Encontrámos uma senhora com tom de voz sereno e calmo, que conta já oitenta anos de vida, dos quais trinta e oito foram vividos na companhia do seu já falecido marido.

Ao longo da nossa conversa fomos sentindo um desabrochar por parte da D. Antónia visto que ao início os seus testemunhos apresentavam tonalidades afectivas quase neutras. De qualquer maneira, as emoções não tardaram a surgir, acabando por levar a D. Antónia a desculpar-se: *“desculpe que eu fico sempre emocionada quando vivo mais esta dor”*.

A D. Antónia sempre foi dona de casa e mãe de seis filhos, uma tarefa que a ocupava a tempo inteiro. No entanto, após a reforma do seu marido, e de alguns filhos já criados, o casal pôde usufruir de uma maior liberdade e acabaram por fazer algumas viagens. Foi numa dessas viagens que o futuro se mostrou radicalmente diferente do presente:

*“ (...) fiz uma viagem com o meu marido e no regresso de avião ele sentiu-se constipado, mas atribuiu ao Ar Condicionado! Mas como nós vínhamos de um país quente (do Brasil) e lá havia Ar Condicionado em todos os hotéis não seria muito provável mas claro que podia acontecer... Regressámos em 29 de Abril. Depois casava uma filha a 30 de Maio e o meu marido continuava constipado, os próprios filhos achavam que o pai devia tomar certos medicamentos mas... ia tomando, mas sem aquela persistência: tomava, sentia-se melhor e desistia. Fazia pausas! Quando a filha casou ficamos mais livres e então um dos meus filhos que estava no Hospital de S. João disse: “o pai hoje vai comigo ao hospital para fazer uma radiografia que isso assim não está bem”; o meu marido foi fazer a radiografia e ela acusou logo um cancro nos pulmões. Mas nem o meu marido soube nem eu soube: isto ficou só entre o meu filho e o médico que avaliou a gravidade do seu estado.”*

No entanto, *“foi uma doença rápida”*: *“ (...) isto aconteceu nos primeiros dias de Junho e o meu marido faleceu em Outubro. Por isso em Outubro foi uma curta doença mas uma doença muito complicada...”*. Aliás, a D. Antónia pensa até que o marido nunca se chegou a aperceber da gravidade *“não sei, as pessoas com certeza podem ter um pouco... Sentem que estão muito doentes mas sempre com esperança.”*

Entretanto, o companheiro de vida da D. Antónia acaba por falecer, trazendo à memória desta senhora o acontecimento trágico de ter já perdido alguém muito significativo na sua vida: *“tinha-nos morrido uma filha com 18 anos... é uma coisa que não se pode explicar o que é perder um filho (...)”*. Mas para a D. Antónia estas perdas foram bastante diferentes. Ambas estavam envoltas em grande tristeza e emoção quando se referia a elas, no entanto algo as distinguia:

*“ (...) mas eu penso que foi mais difícil para mim viver o principio, aqueles primeiros anos da minha viuvez do que propriamente quando perdi a filha. Porque quando perdi a minha filha, tinha o meu marido, tinha quem sofresse comigo, tinha quem me consolasse e ao mesmo tempo quem sofresse! E com o meu marido tinha os filhos porque fiquei ainda com 5 filhos e 2 ainda estavam solteiros e (...) eu tinha ainda companhia em casa e os filhos que estavam fora também me faziam o máximo de companhia mas é diferente daquela companhia constante, aquela companhia que estava sempre presente, tinha desaparecido... realmente foi sempre difícil e continua a ser difícil porque quando o marido é companheiro, quando o marido é amigo, quando existe um elo muito grande entre os dois é muito difícil quando esse elo se rompe...”*.

Na realidade, a D. Antónia assume que perdeu quem a mais ajudava nos momentos difíceis e angustiantes, nomeadamente, no momento em que perdeu a sua filha. Pelas suas palavras, podemos pensar que esta dor se torna muito maior devido ao “elo” que existia entre este casal. Daí a tristeza e o choque de perceber que tinha perdido “o amigo”, “o companheiro”.

*“Nessa altura não pensei em dificuldades nenhuma que podiam advir, pensei só na dor de perder o marido, de sentir que o meu marido estava morto... porque ignorava a situação e a gravidade em que ele estava apesar de realmente o meu marido uns dias antes de morrer já não trazia aliança porque não lhe servia, já não trazia relógio porque não lhe servia mas apesar disso tudo, não sei, estamos sempre com esperança. O choque é sempre grande, é sempre grande... porque se espera sempre que haja um milagre.”*

Mas esse milagre não aconteceu e a D. Antónia teve que regressar a casa sem o seu “companheiro excepcional”. Mas voltou. E diz que voltou bem: *“Aguentei isso muito bem (...) eu vim logo para minha casa, deitei-me logo na minha cama. (...) sentia muito a falta dele, muitas vezes quando era para por a mesa sentia... era sempre mais aquele talher que depois eu sentia que não valia a pena não é? Porque o lugar não era ocupado! Mas, mas, vivi sempre nesta casa.”*

No entanto, a perda da filha surge sempre no discurso desta senhora como contraponto entre ambos os lutos: *“Quando foi da minha filha não consegui. Eu*

*há um bocado disse, comecei a encarar a morte da minha filha com mais coragem porque tinha o apoio do meu marido, mas mesmo assim, mudei de casa. Talvez até mais pelo meu marido, começamos de imediato, vivíamos na F., começamos de imediato a procurar casa e, depois viemos para aqui e eu e ele não quisemos viver na mesma casa. Agora eu, nesse aspecto continuei a viver com os meus 2 filhos que estavam solteiros, com a companhia dos que estavam casados quando vinham mas foi realmente como aceitei, desta maneira.”*

A adaptação à perda do marido passou, igualmente, por outras áreas importantes na vida da D. Antónia, nomeadamente, no que se refere às actividades que realizavam em conjunto: *“a falta do meu marido era muito grande em todos os aspectos e até nisso eu tinha uma vontade de ir jantar fora, mesmo sem o marido, ia com o filho mas era uma coisa que me fazia imensa falta. Íamos muitas vezes a Espanha e também deixei de ir com o marido porque o marido não estava cá, e na primeira vez que eu fui a Espanha foi numa excursão, muito bem organizada e com pessoas que eu conhecia mas aquela rigidez de horários fez-me uma confusão tão grande que eu realmente estava tão habituada a vir com o meu marido e sentir-me tão... enfim, conjugar-mos tudo da melhor maneira os dois, e fez-me também.... Custou, também me custou muito a adaptação a muitas coisas...”*

Na realidade os hábitos e as rotinas que uma família cria em redor de determinados momentos tornam-se por vezes insuportáveis quando um dos elementos desse “elo” deixa de estar presente. Ainda a propósito destes hábitos de família que se quebraram um pouco, a D. Antónia exprime o quanto lhe custaram as primeiras férias em família, sem o seu marido:

*“Também uma coisa que me custou muito e um ano não fiz, o meu marido gostava imenso e nós fizemos sempre férias para o Algarve em Setembro e... 15 dias, mas o meu marido levava os filhos casados, os solteiros ia a família completa e eu... O meu marido morreu em Outubro e no ano seguinte no Verão não fui capaz de ir e... mas, fiz aquilo que o meu marido gostava de fazer, os filhos foram... e eu fiquei, fiquei em casa dos meus pais. E eles fizeram as suas férias como se o pai ainda fosse vivo. Não o fizeram com o mesmo... a mesma alegria e o mesmo ânimo mas eu proporcionei-lhes na mesma as férias. Depois comecei a ir com eles. Íamos para os mesmos sítios e eu comecei a ir com eles... já se sabe, o marido não estava presente, fisicamente, mas estava sempre presente cá dentro e eu sentia muito, por certos sítios onde passava e tínhamos estado os dois e... bem e felizes, isso fazia-me sofrer.”*

No entanto, a D. Antónia referiu que teve que se “preparar para a vida”. Nas suas palavras denota-se uma grande determinação para a mudança mas, igualmente, uma consciência das suas incapacidades:



*“Tive de aprender, tive realmente de lutar porque nesse aspecto eu era completamente ignorante... em várias coisas que tinha de resolver na casa (...) Eu realmente era uma pessoa pouco preparada para a vida... a não ser criar os filhos e tratar dos filhos era muito pouco preparada...”.*

Para esta mulher, o luto influenciou até no vestir, chegando a envergar roupa preta durante oito anos consecutivos: *“Eu vesti-me de preto, vivi muitos anos de preto, muitos anos não me apeteceu sair de casa, não me apeteceu ir a parte nenhuma... (...) tive ritual de luto, e luto muito pesado e muito demorado... muito demorado. (...) Os meus filhos por fim, traziam, ofereciam coisas menos pesadas, até digo chocantes para mim porque para mim, tudo me chocava, tudo que fosse mais claro do que aquilo que eu queria usar... usava por dentro e queria transpor para o exterior... era a mesma coisa, tanto dentro como no exterior... andava tudo negro. E os meus filhos traziam-me coisas cinzentas ou pretas e brancas e... eu tinha uma... não tinha vontade nenhuma de usar aquilo.”.*

Mas, os seus filhos sempre foram *“(...) muito presentes também, muito amigos da mãe, dos pais...”* e na altura em que perderam o pai, *“(...) sabiam que a mãe estava mais só, então aproximaram-se mais”.* A sua aproximação evidenciou-se em várias áreas da vida. Por exemplo, e como já foi referido, os seus filhos procuraram auxiliar a mãe a aliviar o luto, ao que a D. Antónia correspondeu com um acto muito maternal e de muita atenção para com o que os filhos poderiam sentir: *“Gostava de dar prazer aos filhos, porque eles traziam essas coisas para que a mãe enfrentasse melhor a sua situação mas eu não tinha coragem... era raríssimo por uma coisa mais clara e só quando eles estavam e só quando sabia que ia estar com eles para não os entristecer.”.*

Mas para além dos filhos, os netos tiveram um papel muito importante na transformação desta avó: *“Depois, à medida que os anos foram passando realmente senti necessidade de, até porque tinha netos muito novinhos, que viam a avó sempre de negro e achavam estranho, porque as outras avós andavam de cor e com cores mais bonitas, eles não compreendiam porque... na situação, não compreendiam a causa e senti uma certa... ficavam... até um pouco mais deprimidas, até as próprias crianças ficaram mais deprimidas (risos) e eu então comecei a usar outra cor, outras cores (...)”.* Actualmente a D. Antónia sente *“uma transformação grande em mim (...) eu agora não gosto de me ver de preto (sorriso). Visto preto, realmente visto e até me sinto bem, numa cerimónia qualquer mas, no dia a dia eu já não gosto... agora já não gosto.”*

A partir de determinado momento da sua vida, a D. Antónia procurou *“criar outros interesses”* e isso teve uma importância vital para esta senhora, já que

encontramos palavras no seu discurso, que se referem de modo muito positivo, ao domínio da realização pessoal: “ (...) tentei organizar a minha vida até, com interesses muito diferentes dos que tinha na vida do meu marido, porque no tempo do meu marido eu vivia para a casa e para os filhos e para o meu marido e não tinha mais ocupações a não ser essa associação a que eu pertenci sempre. Mas, tinha a vida mais ocupada e não me dedicava a mais nada e depois comecei a criar outros interesses e realmente, sinto-me mais realizada, mais feliz, foram experiências diferentes que me dão prazer.”

Um desses outros interesses que a D. Antónia explorou, enquanto viúva, esteve ligado à religião e à igreja. Aliás, no que se refere à sua fé, esta senhora assume plenamente a sua convicção em Deus. Como já foi possível verificar, as palavras, “milagre”, “graças a Deus”, são utilizadas com alguma frequência ao longo da sua história. A propósito desta fé, a D. Antónia fez alusão a um episódio que surgiu na altura em que o seu marido já estava doente, o qual traz más memórias a esta senhora, indiciando inclusive alguma sensação de culpa:

*“Uma coisa que me pesa imenso... pesa-me imenso porque poderia ter falado ao meu marido: o meu marido não era católico praticante e eu era católica praticante. Ele levava-me à missa, deixava-me ficar e depois ia-me buscar à noite mas não ia à missa. Ele até era duma família também católica mas não ia à missa. No entanto... Eu tenho a certeza que ele acreditava em Deus mas nunca manifestou... Eu nunca tive coragem... sabe o que é? Eu realmente era uma pessoa pouco preparada para a vida... a não ser criar os filhos e tratar dos filhos era muito pouco preparada... e nunca tive coragem até de falar ao meu marido até porque ele tinha na família padres e eu nunca tive coragem de lhe falar num possível encontro com um padre e eles também diziam que tinham um padre em Aveiro, mas eu nunca o preparei... o meu marido morreu sem preparação nenhuma... lá no seu íntimo não sei o que ele pensou e como ele encaminhou a sua última caminhada... mas eu sinto-me triste por não ter tido coragem nunca de lhe falar num possível encontro com um padre e num possível sacramento da santa união... nunca lhe falei. E.... (suspiro seguido de risos)... Não sei!”.*

No discurso da D. Antónia está patente uma noção muito concreta e muito próxima da realidade actual da viuvez. Nos dias de hoje, a viuvez nunca poderia ser vivida do mesmo modo que ela a viveu há dezassete anos atrás. Aliás, ela própria diz que se fosse viúva agora: “(...) tinha que forçosamente que me libertar porque a minha ocupação tinha que me absorver naquela altura e eu, não tinha nada que me absorvesse completamente, enquanto desempenhava o meu... a minha obrigação. Porque agora, realmente, todas as viúvas geralmente estão empregadas (...)”. Acrescenta

a esta sua concepção, a ideia de que as viúvas da sua idade são muito solitárias mas, torna-se necessário aprender a viver com essa solidão. Nas palavras que se seguem, está patente uma consciência positiva do que a D. Antónia sente que é melhor para si nestes momentos em que está sozinha:

*“ (...) eu aprendi a lidar com a solidão porque eu à noite estou sozinha mas eu gosto de fazer certas coisas, olhe: gosto de ler, gosto de ver televisão, também gosto de fazer palavras cruzadas, gosto de fazer paciências... entretenho-me... até à hora de ir dormir, que eu não me deito cedo. E há pessoas que... eu não sei... ou então fazem trabalhos que não despertam muita atenção, por exemplo, conheço muitas pessoas que à noite fazem o seu croché, eu não sou capaz, para mim já não... Isso era capaz de me saturar. Gosto... se me apetece fazer um croché ou qualquer coisa mas à noite não era capaz de me por para aí a fazer croché, preciso de outra coisa, que me obrigue o cérebro a trabalhar um pouco (...) eu agora até, gosto, francamente até gosto de estar sozinha e ocupando-me assim, faço um bocadinho disto, um bocadinho daquilo e quando me canso de uma coisa faço outra e estou assim mais ou menos entretida. (risos) ”.*

Como forma de terminarmos, conversámos sobre o que de mais difícil foi de suportar ao longo destes dezassete anos de viuvez. Com a sua postura calma, que lhe foi extremamente característica ao longo de toda a conversa, salientou a ausência do marido como a situação mais difícil de suportar:

*“É a falta do meu marido porque a sua falta, a sua presença, porque... e não ter... bem, não sei explicar-lhe porque eu não tive assim, não tenho assim.... É a presença, a sua... A sua... o seu carinho. Não tenho assim... O meu marido proporcionou-me uma vida após a sua morte, uma vida estável, por isso realmente faz-me falta o meu marido.”.*

No final desta partilha houve ainda lugar para falar de um futuro, e a D. Antónia não foi capaz de esconder, novamente, uma consciência (quase fria) das suas possibilidades futuras:

*“ (...) várias vezes eu penso como será o meu futuro porque a minha idade avançou muito, está praticamente no limite (risos), está no limite e eu tenho 5 filhos e eu penso muito... isso é uma das coisas que me preocupa. É uma das coisas que realmente me deixam a pensar muito. Agora eu sou a companhia das minhas filhas, eu sou a companheira que eles precisam (risos) eu faço-lhes muita coisa, proporciono-lhes muitas coisas que realmente... eles um dia sentirão a falta da mãe nesse aspecto, mas, se eu tiver uma doença prolongada eles passam a sentir só o peso daquele tempo que trataram da mãe. E, não pensam naquilo que a mãe foi capaz de lhes dar, de fazer enquanto tinha capacidade para isso.”.*

Agradecendo o tempo que tinha dispensado para este momento, culminou: *“Cá vou estando e aguardando....graças a deus tenho vivido com... sinto-me ainda... Sinto-me bem... vejo-me bem velha.”*

## É dar-me aos outros...

A história de vida da D. Conceição conta já com setenta e oito anos de vida dos quais, quarenta e oito foram construídos em conjunto com o seu marido. Sempre que se referenciou à sua relação relembrou, expressando saudade e ternura, de “ (...) *um casal, que vivemos em harmonia e vivíamos muito um para o outro*”. Nas referências ao seu marido, a D. Conceição reforçou sempre as características mais bonitas e positivas que este evidenciou ao longo da sua vida:

*“ (...) ele era uma pessoa super ordenada tinha no seu escritório as pastas todas dos contractos disto... dos recibos, de todas as coisas. E tinha uma pasta que ele mandava para os seminários todos os meses, para o Funchal, para os seminários daqui (...) toda a gente diz ele adorava-me, ele tinha vaidade em mim, sabe o que é? Um homem que tinha vaidade na mulher. Era isso. Chegava a Primavera queria sempre ir comprar toletes para mim, eu andava sempre bem (...) ele era muito bom, ele fazia bem a toda a gente trabalhava muito de graça para todos, tudo o que lhe pedissem ele fazia, era... ele deixou boas recordações. Era médico do Ministério da Justiça, via aqueles presos todos, ia naqueles carros blindados, ia fazer as radiografias, ele tratava tudo muito bem.”.*

Como forma de reforçar a imagem positiva do marido, evidente nas anteriores palavras, a D. Conceição fez ainda referência a um episódio que ocorreu já após a perda do seu companheiro:

*“Uma vez estava no cemitério a enfeitar, no princípio, e estava a chorar e veio uma senhora ter comigo: “Não chore, o Sr. Dr. era tão bom, fui lá uma vez tirar um radiografia e ele veio de lá de dentro com um preso com a mão pelas costas dele, a dizer: “Você está bem, não tem nada de maior, está bem, e porte-se direitinho para vir depressa cá para fora, para ser um homem como deve de ser”... Um carinho a falar com o preso, aí a senhora não chore que ele era muito bom.” E era, é verdade, ele fazia muito bem a toda a gente.”.*

Mesmo assumindo que o seu marido fazia muita falta a várias pessoas, a D. Conceição remata esta temática com uma observação directa e frontal: “A quem ele fez mais falta foi a mim”, muito embora a tenha feito acompanhar de um grande sorriso, fazendo evidenciar as boas memórias que guarda desta relação.

O marido da D. Conceição faleceu após um período muito curto de doença, “ (...) em dois meses, apareceu-lhe um cancro no íliaco (...) isto no dia dois de Novembro, lá para o dia quinze fez um cintilograma ósseo e já tinha tudo espalhado pelas costelas, pelas clavículas, pelo... o cancro já estava todo espalhado por todos os sítios, e morreu em Janeiro, foi em Novembro, foi no dia dois, morreu no dia vinte e um de Janeiro... foram dois meses e meio (...) ”. No entanto esta senhora acrescenta que estes dois meses e meio foram vividos, “com muita paciência, com muita afectividade”.

Ao longo do tempo em que o marido esteve doente, a D. Conceição lembra-se que este tinha a plena consciência da situação de saúde em que estava: “sabia que ia morrer”. Esta sensação, esta certeza que o marido transmitia foi quase como que uma preparação: “Isso também, aquela... aceitação dele, ajudou-me a eu também saber aceitar a partida dele, compreende?”. Inclusivamente nas conversas que tinham sobre a ausência de um ou de outro, é patente nas palavras da D. Conceição a aceitação que o marido fez da sua própria morte: “às vezes, estávamos no escritório, eu a fazer a minha rendinha e ele a olhar para mim, dizia-me assim, vou fazer-te tanta falta... mas eu, quem é que te disse que não sou eu que vou fazer falta a ti ou tu a mim? Mas Deus sabe como eu estava, mas dizia-lhe. Que ele aceitou e teve uma aceitação fora de série...”.

De qualquer maneira, a D. Conceição disse que nunca falaram, nestes dois meses e meio, da morte de forma explícita e concreta. Percebe-se, das palavras desta senhora, que era ela que pela expressão ou exibição de determinado tipo de comportamentos, compreendia que o marido se ia despedindo das coisas da vida aos poucos. A este propósito, a D. Conceição relembra:

“ (...) ele é que pensava, ele pensava, e olhava para as coisas fixamente, fixo como quem diz estou por pouco. Eu percebia aquele olhar dele, mas não dizia, nem nós falamos.”.

Da mesma maneira como se referia à sua ausência, o companheiro da D. Conceição falava sobre tudo, nomeadamente do futuro, “assim muito entusiasmado com a vida”. Neste sentido, a D. Conceição ainda fez referência a uma pequena vontade do seu marido, bem exemplificadora do seu gosto pela vida:

“ (...) tanto que nos casou uma afilhada no dia oito de Dezembro e convidou-nos para o casamento e nós não fomos porque ele já estava muito fraco..., mas eles depois da cerimónia foram lá a casa e até levaram o senhor para filmar e filmaram-nos com eles, e ele disse: “Eu não fui ao vosso casamento porque estou assim, mas daqui a dois anos faz-se as bodas de

*ouro e vai-se fazer uma festa muito grande e vocês vêem à nossa festa.” Ainda pensava que ia fazer as bodas de ouro que estivemos casados quarenta e oito...”*

Mesmo com toda a aceitação que pudesse existir, o momento em que se perde um companheiro de vida nunca se apaga da nossa memória e faz parte de todos os outros dias que se seguem, mesmo após catorze anos de viuvez. Esta senhora faz questão de reviver cada momento daquele dia.

*Lembra-se: “Muito bem, foi um Sábado. Ele levantou-se, tomou o seu banho, vestiu-se, foi para o escritório sentou-se no maple, eu arranjei o pequeno-almoço, e vamos para tomar o pequeno-almoço e ele: “Não me apetece agora, tomo mais logo.”. “Eu já tenho café tirado e está já as pastilhas todas no pires...”, “Tomo daqui a um bocado. E toma tu que eu tomo daqui a um bocado que agora não me apetece”. E fui tomar o meu e depois ele... passado um bocado pus-me a ler o jornal no chão, assim na alcatifa, perguntou-me que jornal estava a ler, e ele teve um engasgamento. Eu olhei, deixou cair a placa e ficou assim caído e eu... ó Chico, ó Chico, ó Chico, ó Chico, ele já nunca mais deu por nada... isto, a minha filha chegou, nesse momento preciso, uma das minhas filhas, e chamou o médico. O médico veio, e ficou assim sereninho, e veio o médico e esteve a ver-lhe: “Deu-lhe uma encefalite, e temos que ir com ele para o hospital”. “Ái Sr. Dr. não mo leve para o IPO que ele fica sozinho e eu quero ficar com ele”. Falamos num instante para o Dr., agora não me lembro qual era o director na altura, ele disse “Leve-o para S. Francisco que eu vou já lá, e depois se for preciso ele vai de ambulância ao IPO fazer um TAC à cabeça”. E foi. O Dr. mandou-lhe ir buscar o oxigénio, foi na ambulância para S. Francisco, para o quarto lá puseram-lhe o oxigénio, ele ardia em febre, sempre a passarem-lhe álcool, os panos de álcool no corpo e nisto chegou o Dr. (...) do IPO. E estive a ver e disse não vale a pena, vamos-lhe por o soro para ele, para lhe amenizar este terminal de vida. Isto eram para aí onze horas da manhã e ele faleceu de Sábado para Domingo às cinco... muito sereno, muito direitinho, muito sereninho, e ficou assim sem esgueirar, sem ficar com a cara feia sem coisa nenhuma e só senti... estava eu e a minha filha no quarto e disse, o pai está respirar mais devagarinho e ela pois, e chamamos logo a enfermeira e a enfermeira disse, pois está, está a apagar-se, e acabou assim sereninho...”*

A D. Conceição mantém uma lembrança muito bonita, que marca definitivamente a imagem que guarda do seu marido para além, de nas suas palavras se conseguirem encontrar sinónimos de agradecimento, consideração e emoção a todas as pessoas, que com ela, estiveram no último adeus ao seu companheiro de sempre: *“ (...) todos conhecidos (...) o funeral dele foi uma apoteose, a igreja cheiinha, os escuteiros, porque eu e ele éramos os responsáveis pelos escuteiros cá da paróquia, os escuteiros pediram para o levar, não deixaram ir os senhores do armador, pediram para cobrir a urna com a bandeira deles, ele a entrar na igreja e o coro a cantar. Eu*

*caminharei na presença do Senhor... olhe toda a gente chorava, ele era muito bom, ele fazia bem a toda a gente (...)”.*

Na realidade, e mesmo não gostando da solidão, a D. Conceição acabou por perder aquele que era a sua “companhia”. Esta perda conta já catorze anos, dos quais podemos destacar os primeiros como sendo os mais difíceis:

*“ (...) foi muito difícil, no início foi muito difícil... eu emagreci 14 quilos, eu não tinha... eu não podia estar em casa, havia uma falta dentro de mim, faltava aquela pessoa que me falava que me chamava... que me falava, que estava junto.”.*

Pelo seu discurso, denota-se um desespero grande pela solidão em que se sentia:

*“ (...) eu tinha uma empregada que entrava às nove da manhã já do tempo do meu marido, ele faltou e a empregada continuou na mesma e ela saía às duas horas da tarde... quando ela saía eu saía também, ia direita à igreja e ali chorava e rezava pedia a Deus que me ajudasse, que não podia viver só, que não sabia. Eu dizia assim, Senhor, Tu fizeste-me o pior que me podias ter feito: foi ficar só, eu não sei viver só, ajuda-me! E vinha para casa num sufoco sempre. Foi muito difícil, não sei! Muito difícil de resistir. E por vezes..., eu estou a falar com toda a sinceridade... e por vezes apetecia-me descalçar os sapatos e fugir por aí fora e que ninguém mais me visse (...) E todos os dias refugiava-me na igreja e pedia. O meu marido morreu em Janeiro, o Fevereiro, o Março e o Abril foi terrível.”.*

Ao longo de todos esses meses, a D. Conceição diz que, “eu não sei onde pude chorar tanto (...) eu ia para a igreja e estava lá uma porção de tempo, rezava, chorava depois vinha para casa, mas chorava também (...) Não fazia sentido, dava sempre comigo deitada, sempre a chorar, a chorar, a chorar, faltava-me o meu canto, faltava.... Faltava a companhia, faltava tudo... era um vazio inexplicável...”.

E foi nesta sensação, de que as coisas não podiam continuar assim, que a D. Conceição iniciou uma nova fase na sua vida. No entanto esta força também teve origem em outros significativos. Nesse sentido, é evidente no seu discurso que, o que sentia e todas as suas acções não eram justas para quem a rodeava:

*“ (...) mas achava que não devia fazer isso, tinha duas filhas, tinha os netos, tinha tudo como gostavam de mim, eu gostava deles e achava que não tinha esse direito.”.*

E assim foi, a D. Conceição pensou que “tinha que ocupar o meu tempo, pensei... como é que havia de ocupar?”. Partiu à descoberta de tudo quanto pudesse fazer para se sentir melhor e menos entregue àquela dor:



*“Então entrei para as Vicentinas, fui para as Vicentinas e em Maio elas abriram um restaurante ali no adro onde é hoje o lar de terceira idade e eu fui para lá descascar batatas, cegar couves para caldo verde, lavar louça para ocupar o meu tempo, entrei para a catequese (...) e pedi para dar catequese com ela para ocupar e estar o menos tempo possível a pensar naquela solidão que eu tinha. E assim comecei, visitava os doentes, levava... porque eu era a ministra extraordinária da comunhão, eu levava a comunhão aos doentes, e comecei a preencher o meu tempo dessa forma e comecei a ficar melhor, a organizar, as Vicentinas faziam a venda de natal, eu comecei a fazer trabalhos de natal que eu gosto muito de fazer trabalhos de mão, desde malhas a bordados, a paninhos de tudo eu comecei a trabalhar e comecei a preencher, e a pensar que tinha de mudar de vida porque da maneira que eu estava, ninguém podia estar comigo, porque era uma tristeza tão grande e uma solidão tão grande que eu não me apetecia nada...”*

Ainda a propósito desses momentos menos bons, a D. Conceição considerou interessante fazer referência a um episódio que se tinha passado entre ela e uma amiga sua, evidenciando o modo como esta dor da perda a estava a modificar:

*“ (...) eu tinha uma amiga que me disse, tu eras tão alegre, o Chico morreu e levou tudo com ele, levou a tua alegria, levou as tuas anedotas levou a tua boa disposição, levou tudo... porque foi isso?”*

A necessidade de procurar outros interesses e outras actividades era mesmo imperativo para a D. Conceição. E ao longo destas palavras essa necessidade tem sido evidente, trazendo à superfície o retrato de uma mulher com uma imensa força de vontade, com iniciativa e empreendedora, características que lhe têm valido um percurso positivo, alegando que: *“ (...) agora felizmente tenho a vida organizada (...) ”*.

Das suas palavras retira-se igualmente, a força da fé e das actividades associadas à igreja como elementos facilitadores ao longo deste percurso enquanto viúva. A D. Conceição chega mesmo a atribuir à fé, a responsabilidade por toda a sua força:

*“ (...) levei os meus doentes, no dia mundial do doente, levei-os à igreja para eles receberem a Santa Unção e perguntei ao senhor padre se também podia, ele disse, pode Sr.<sup>a</sup> Conceição, (...) pode sim senhora, e... nesse dia que recebi a Santa Unção, aquele sacramento, eu senti uma reviravolta dentro de mim senti um a força de viver sabe... aquele sacramento deu-me força... e daí então para cá a minha vida normalizou mais (...) Eu todos os dias agradeço muito a Deus, que Jesus anda comigo ao colo...”*

Ao longo da entrevista a D. Conceição referiu ter sentido surpresa e satisfação consigo própria: “ (...) comigo fiquei, de poder aceitar, que eu julgava impossível e depois aceitar para mim foi uma surpresa (...) ”.

A aceitação do seu estatuto enquanto viúva torna-se mais evidente quando analisamos as suas palavras em relação ao que sentiu quando pensou em si, pela primeira vez, como viúva. Pelo seu discurso podemos perceber que a preocupação inicial já não existe, faz parte das preocupações do passado: “ (...) foi desde a hora que ele partiu, desde a hora que ele expirou eu pensei ... estou só, que vai ser? Eu pensei muito nisso, porque eu já pensava antes como já sabia que aquilo era um caso sem solução... que vai ser de mim.... E às vezes eu dizia às filhas e elas ó mãe não pense não fica só, a mãe não fica só, mas afligiu-me sempre isso... muito, muito...”.

Revendo-se como um bom exemplo na vivência desta viuvez, a D. Conceição apela para que outras viúvas: “ocupassem o tempo a fazer bem (...) porque eu meti-me nas Vicentinas e faço (...) ”. A esperança, o gosto, a alegria e a satisfação com a sua actual situação de vida está patente no seu discurso. O investimento no futuro (netos e bisnetos) e nos outros em geral é uma constante na vida desta senhora:

“Mas eu sinto-me... fico toda contente com... e então faço muitas coisas para os meus bisnetos, faço os enxovais deles, agora dia dezassete chega uma menina. Tenho lá dentro já a alcofa forrada, já os tenho todos passadinhos a ferro, até mostro à menina antes de ir. E tenho lá tudo arranjado, gosto de ocupar o meu tempo. Fico toda contente quando alguém me pede alguma coisa, amigas ou assim, ... peçam sempre que eu quero que me ocupem o tempo, procuro... já fiz uma toalha para cada bisneto para a comunhão deles, agora falta-me para a que vai nascer.” (...) “mas sinto-me feliz, sabe menina?”.

A sua força e a sua dinâmica são evidentes nas suas palavras. O gosto pelos outros, por ajudar, por ser útil chega a ser uma filosofia de vida: “É dar-me aos outros, eu não faço nada para mim...”.

O altruísmo é novamente a referência de base quando se conversa sobre o que mudou desde que o seu marido faleceu. A D. Conceição volta a indicar os netos e os filhos como o mote que a faz levar por diante a sua vida:

“Mudei, tinha assim um bocadinho de vaidade mais e agora não tenho. Acredite que vou ao cabeleireiro e arranjo-me para não... envergonhar os meus netos e as minhas filhas, gosto pessoal não tenho... não tenho. Eu ia ao cabeleireiro fazer a minha mise, passados dois dias ia lá ela penteava-me, andava sempre impecável, sempre, sempre... agora vou por uma obrigação... perdi assim o gosto, não tenho... compreende? Foi uma coisa que eu notei. Às

*vezes digo assim, quem me viu e quem me vê? Antigamente, comprava aqueles fatinhos... tinha vaidade em tudo... sentia-me com fogo, agora não. Agora é para não parecer mal, não defraudar a memória do meu marido e para não envergonhar os meus netos que eles gostam muito de mim... gostam, gostam...é uma super avó dizem eles, é uma super avó.”.*

Mesmo perante um percurso tão positivo enquanto viúva, a D. Conceição afirma que a sua tristeza ainda existe, ainda permanece. Por isso mesmo, ao longo desta caminhada de catorze anos, já encontrou a estratégia para conseguir torneir os momentos de maior emoção:

*“Desculpe a emoção... sinto um bocadinho... sempre a falta do meu marido... dentro do mal estou muito bem. Tenho coisas muito boas, mas quando estou pior lembro-me das coisas boas que tenho para... animar...”.*

### É um barco sem remo...

Esta história é protagonizada pela D. Carlota, uma mulher com oitenta anos de uma vida cheia de experiências, nomeadamente, a experiência de ser viúva, há já quatro anos: *“Faz para Outubro 4 anos”*. Foi este o relato que nos quis passar, um relato carregado com lágrimas desde a primeira até à última palavra. Mesmo assim, nunca estas lágrimas deixaram de fazer brilhar os seus olhos, de um azul imenso, quando comentava com algum humor determinado assunto ou tema que estávamos a conversar.

Ao longo de quarenta e cinco anos a D. Carlota viveu um casamento onde diz: *“fui muito feliz”*. Nesta fase estivemos a conversar com a D. Carlota sobre a sua relação, momento em que esteve sempre patente uma tonalidade afectiva muito positiva e carregada de alegria por ter tido um companheiro tão bom. Quando nos falou dele, transpareceram nas suas palavras o afecto e o gosto que nutria por ele: *“era muito educado, era... tinha uma maneira muito bonita”*. Considera que teve *“bom marido”*, que *“respeitou-me sempre muito, em tudo (...) de maneira que acho que fui feliz...”*.

Ainda no sentido de nos mostrar como tinha tido um bom casamento, fez referência a alguns episódios como seja, a sua despedida de solteira. Foram estes pequenos toques de modernidade ao contar a sua já longa história de vida, que nos deram a conhecer uma D. Carlota capaz de sorrir e de rir:

*“ (...) agora vou-lhe contar a minha despedida de solteira: foi assim, casávamo-nos no Sábado e isto era uma Quinta-feira e dizia ele assim: vamo-nos casar e vou-te dizer uma coisa, que tenho na cabeça há muito tempo para te dizer mas nunca te disse: olha, nas tuas coisas mandas tu, na tua vida, nos teus tachos, nos teus panos, nos teus lençóis, nas minhas coisas mando eu. Se alguma vez vires que alguma coisa não está bem, não me chames à atenção em frente de ninguém, dizes-me em casa que eu farei o mesmo. Porque nem eu sou dono de ti, nem tu és dona de mim, não somos donos de ninguém porque nós não somos nenhum objecto... foi a minha despedida de solteira.... (risos) ”.*

Mesmo assim *“a gente quando casa já um vem viuvo”*. E a D. Carlota referiu que muitas vezes quando conversavam sobre estes temas, o marido expressava a

sua vontade em morrer primeiro que ela: *“tenho muita pena de te deixar mas quero morrer à tua frente”*. E assim foi, *“ele morreu de repente”*.

É em lágrimas que nos transporta para aquele dia em não esperava perder o seu marido, estando presente no seu discurso uma imensa tristeza, o choque e a sensação de impotência evidenciada pelo seu estado de saúde: *“Ele tinha-me ido buscar ao hospital, por eu ter partido uma perna. Esteve nem 4 dias comigo, porque fazia 4 dias no dia em que morreu. Nesse dia foi aos recados, ele foi ao supermercado que eu tinha lá os meus familiares para comer, e ele é que foi buscar... vem e diz-me: precisas de alguma coisa? Digo-lhe eu: não! “Então vou tomar banho”. Foi tomar banho e eu peguei nas canadianas, porque ele já demorava muito, fui procurá-lo. Fui procurá-lo e vi-o já estendido no chão, já não falava, a “cacarejar”, muito aflito, ficou logo, por jeitos, cego e eu comecei a gritar. Veio a minha vizinha da mercearia pegada, acudiu-me, chamou o INEM... Isto, eram onze e meia da manhã, morreu às sete horas da tarde no hospital de St. António.”*

Nas suas palavras, este dia foi: *“doloroso, eu nem queria acreditar (entre lágrimas). Primeiro porque eu não podia andar e segundo, fiquei revoltada porque o meu marido esteve 7 anos e meio doente, com as pedras na bexiga para ser operado no hospital da Prelada. Ficou bom, engordou, ficou bonito e naquele dia acabou...”*.

A D. Carlota diz que este momento deu início à *“minha vida triste”*. As suas palavras remetem-nos para uma experiência de viuvez muito triste e desolada. Para si estes quatro anos têm sido: *“o fim da minha vida.... (chora) Deus, Nosso Senhor, tirou-me o meu marido cedo demais (...)”*. As palavras que nos transmitiu chegam para nos fazer compreender como esta experiência tem sido dura e difícil: *“ (...) sinto-me desamparada, sinto que estou velha, tenho 80 anos e a idade conta muito, que a idade não perdoa a ninguém.”*

Os primeiros momentos, após a perda, foram pautados por uma completa desmotivação e tristeza, associados a uma grande dificuldade na realização de tarefas diárias, como sejam a sua higiene pessoal, decorrentes das operações a que foi submetida:

*“Foram horríveis... eu não tinha vontade de fazer nada, que ainda hoje pouco mais tenho. Não tenho vontade de comer, não tenho vontade de fazer nada... e tenho muita dificuldade na minha vida privada, para a minha limpeza, custa-me muito, levo muito tempo... ando sempre constipada pelo tempo que demoro (...)”*. *“As primeiras noites estive sempre a chorar, não dormia (...) Sinto-me muito só...”*.

Este desamparo percebido e a sensação de estar só, advêm de um conjunto de factores, que a D. Carlota identifica sem qualquer dificuldade: “ (...) primeiro porque não tenho filhos, segundo porque estou sozinha, terceiro que a minha família não quer saber (...) ”.

Desde que o seu marido faleceu, a D. Carlota sentiu mudanças na forma como os seus familiares lidavam com ela, justificando-as da seguinte maneira:

*“Tenho uma irmã, três sobrinhas, dois sobrinhos por afinidade e um afilhado” mas, “a vida agora é outra, eu estou sozinha e não posso dar aquilo que dava... de maneira que, afastaram-me um bocadinho.”.*

Ainda no âmbito da sua perda, chegamos a conversar sobre o facto de estar vestida de preto, ao final de quatro anos de viuvez:

*“Estou de luto há quatro anos mas agora ando a tirar porque toda a gente me diz que é muito tempo, que não vale a pena (...) e eu comecei a aliviá-lo... comecei a meter umas blusas assim, mais clarinhas (...) ”.* Mesmo assim, quando confrontada com aquela que seria a sua vontade, respondeu num tom crítico, triste e de alguma insatisfação:

*“Eu tinha vontade de nunca tirar o luto...mas nesta idade o que é que eu vou fazer, só comprar roupa preta...começaram-me a meter coisas na cabeça e eu também me comecei a aborrecer-me também com o preto, porque é sempre uma coisa que se suja muito, e é uma coisa que não se pode andar sempre a lavar e eu já não tenho vida para isso...já não tenho.”.*

De qualquer maneira, ao longo da conversa destacou que nestes quatro anos já teve duas propostas para reorganizar a sua vida novamente. Dois senhores seus conhecidos, ambos igualmente viúvos, perguntaram-lhe se a D. Carlota estaria com vontade de voltar a casar. No entanto, a D. Carlota recusou com base nas boas recordações que perduram do seu casamento bem como, baseada nas dificuldades, cada vez maiores que vai tendo no dia-a-dia:

*“Não... porque fiquei com a boca doce e tenho medo da vida. Primeira, porque eu não sou uma mulher corrente, porque não posso fazer limpeza a uma casa, não posso assumir lavar um homem, lavar a roupa e dar a ferro, fazer o comer. E segundo, acho que não tenho aptidões para isso agora, acho que não posso...”.*

A conversa acabou por atingir a temática do futuro e a D. Carlota não foi capaz de esconder a tonalidade negativa e triste do seu discurso:

*“Aguardo, aguardo ir para um lar ou que alguém olhe por mim (...) sim, quem é que há-de olhar por mim? Para agora vou-me amanhando conforme posso e pronto, não tem sido assim muito mau. Deus Nosso Senhor tem-me ajudado mas, não tenho sempre oitenta...”*

Mesmo estando na presença de um discurso muito marcado por tonalidades negativas e de grande sofrimento, conversamos sobre o que a D. Carlota gostaria de transmitir a uma outra viúva. Novamente o discurso foi pautado por uma marcada solidão e a impossibilidade de lhes transmitir o que quer que fosse: *“Eu não posso dar confortos porque as viúvas que eu conheço todas ficam ocupadas, ou com os filhos ou com os netos... porque não há quem não tenha filhos. Tudo tem a sua ocupação, é uma vida totalmente diferente da minha... a minha é uma vida mais desolada...”*

Desta total impossibilidade de sentir que a sua história de viuvez é tão válida quanto outra qualquer história de viuvez, prosseguimos a nossa conversa e abordamos a relação com os amigos. Neste campo, a D. Carlota transmitiu-nos satisfação ao referir que tem *“muito bons amigos”*. Aliás, refere que sente que recebe mais apoio dos amigos do *“que da minha família”*. *“Mas lá está... eu não me chego porque ninguém tem o direito de estar a trabalhar para mim. Cada um tem a sua vida. Têm netos, é preciso apoiar os netos porque os netos são pequenos. Têm filhos casados e é preciso fazer a sopa para quando os filhos chegarem terem a sopa feita para os filhos... valha-me Deus também não é assim!”*. Na sua perspectiva, considera que não pode interferir na vida dos outros, quando os outros também estão ocupados. Voltamos à solidão que faz parte da vida da D. Carlota mas ela insiste dizendo que *“não podemos ser egoístas”* a ponto de sermos uma sobrecarga para alguém nosso amigo.

No final do testemunho, agradecemos à D. Carlota a sua disponibilidade mas antes, fez questão de mostrar uma fotografia do seu marido, acompanhada pela frase: *“É a vida... que remédio. E se eu tivesse coragem já me tinha matado.”*. Mesmo tendo sido possível perceber a dimensão do sofrimento desta senhora ao longo desta conversa, foi difícil ouvir esta frase mas, a D. Carlota rapidamente justificou esta sua intenção: *“Porque é uma vida muito triste, é um barco sem remo (...)”*.

No entanto, rematou a sua experiência dizendo: *“Faz-me bem, sempre, falar dele (...)”*.

## E vinha cá alguém desligar o botão...

A D. Sofia é a protagonista desta história. Um percurso de vida que conta já com setenta e oito anos de longas experiências, das quais se destaca o ter vindo viver para o Porto ao fim de vinte e seis anos de vida em Lisboa:

*“Vim viver para o Porto porque, depois o meu marido arranhou aqui emprego e então eu tive que aguardar porque estava empregada num sítio em que tinha que aguardar transferência do ministro. E depois, quando arranhei a transferência vim para cima e acabamos por casar cá em cima.”.*

Com habilitações literárias menos comuns para a época, a D. Sofia sempre trabalhou em várias áreas, destacando a evolução na sua carreira com brio e gosto: *“ (...) depois quando estava em primeira oficial, já estava num serviço que eu gostava que era a trabalhar com médicos. Estava precisamente como secretária de direcção clínica. Tinha que atender também os outros médicos. Mas foi esse o tempo que eu mais gostei.”.*

Foi com grande amabilidade que a D. Sofia aceitou conversar sobre a sua experiência enquanto viúva. Encontramo-la no lar residencial onde habita já há nove anos. A ida para este lar não foi consensual entre toda a família. A D. Carlota e o seu marido sentiram essa incompreensão quando deram a notícia ao seu filho e à sua nora:

*“Não se sentiram bem mas também a minha nora também não gosta disto. Agora, não sei porquê e ainda hoje pergunto a mim mesma porquê, se por um erro meu e do meu marido, pela forma como apresentamos as coisas, ou se como ela tem família, tem a mãe, pai não tem que o pai também já morreu, tem a mãe e tem aquelas possibilidades todas, porque mãe vive com o outro filho que está quase cego e a mulher que também é educadora infantil e que toma conta da mãe, ela não pensa que a mãe um dia irá para um lar, pensa que viverá toda a vida na casinha dela e ali morre, tá a perceber? A opção foi nossa, (...) eu, primeiro, também não gostei, mas depois comecei a pensar, a gente está tão longe, fizemos a casa aqui, eles para lá... E pronto. Num sábado em que eles lá foram apresentamos o assunto, nós pensamos isto assim e assim, e vamos para um lar o que é que vocês acham? Eu recorde-me que a minha nora foi a primeira que falou e disse que não, se pensam assim façam o que quiserem. Só disseram, façam o que quiserem.”.*

Mesmo aparentemente não tendo concordado muito com esta ideia dos pais, este filho único mantém-se por perto e vai apoiando sempre: *“Mas o meu*



*filho vem cá, a minha nora é que por exemplo é capaz de vir com ele, por exemplo vêm-me buscar, às vezes vem só ele porque ela fica a fazer o almoço e tal, ele é que me vem buscar de manhã (...)*”. No entanto, é com alguma tristeza que fala das visitas da nora e das duas únicas netas serem pouco frequentes: *“A minha nora só veio aqui três vezes e as minhas netas nem três vezes.”*.

Ao longo de quarenta e nove anos a D. Sofia partilhou uma vida com o seu marido onde tudo correu bem porque: *“gostávamos os dois da mesma coisa”*. Mesmo tendo uma vida que sempre foi recheada de tudo de bom, é possível encontrar nas palavras desta senhora alguma tristeza, frustração porque: *“para mim o que mais me custa é não termos chegado aos cinquenta anos, eu andava idealizar essa data (...) ele queria fazer uma aliança especial...”*.

Desta longa caminhada em conjunto, a D. Sofia gosta de salientar a cumplicidade entre si e o seu marido, demonstrando que este a respeitava. É com orgulho que fala de um marido que ajudava e participava activamente na casa quando ela precisava de fazer mais umas horas no emprego:

*“ (...) ele também estava pronto para tudo não é verdade, pronto para tudo, eu como tinha possibilidade de fazer mais horas extraordinárias, ele não, nessa altura, ainda não estava no banco e eu aproveitada isso tudo, e ele lá ia a casa adiantar as coisas, e o meu filho também e depois vinha-me buscar. Lá íamos, e tinha ocasiões que trabalhava das seis às oito, vinha comer e às nove horas entrava a fazer das nove à meia-noite. Por que tinha essa possibilidade de fazer essas horas extras, ele não, ele não tinha. Mas sempre bem, bem disposto, pronto para tudo, era preciso comprar fruta ou qualquer coisa... naquela altura que não era muito... não havia esse à vontade dos homens em ir aos supermercados, não havia nada disso ou ir ao bolhão e tal, ele estava sempre pronto para isso...”*.

Todo este esforço para mais umas horas extra tinha como objectivo, amealhar algum dinheiro para conseguirem construir a casa dos seus sonhos: *“ (...) íamos amealhando para fazer a casa e nos vinte e cinco anos de casados foi quando a inauguramos.”*. É com saudade que se refere à sua casa e aos tempos que lá viveu. Depreende-se das suas palavras que esse sonho chegou, mas chegou tarde para a sua vontade:

*“Se pudesse voltar para trás, olhe a única coisa era ter tido possibilidades de ter feito a minha casa mais cedo, víamos para casa o mais cedo possível porque o meu marido era doido por estar em casa e era doido por árvores de fruto por isto, por aquilo, a gente passava o tempo sem dar por ela (...) esses anos ali foi de facto na nossa casa foi uma maravilha de muita felicidade (...).”*.

Para além do tempo em que viveu na sua casa, a D. Sofia relembra com saudade e nostalgia os tempos após a reforma:

*“ (...) que a gente levava a nossa vida, passeios, íamos para aqui, para ali, gostávamos muito de campismo. Chegávamos à quarta-feira, íamos para o campismo (...) Era o nosso refúgio. (...) A gente tinha uma lancha, comprou uma lancha, para andar lá. Íamos até Aveiro, íamos até a Costa Nova, íamos aqui, íamos ali, era... andávamos sempre, sempre, sempre...”.*

No entanto, existe um marco muito negativo na história deste casal. É com tristeza que a D. Sofia fala sobre o acidente que lhe veio mudar a vida, em termos de saúde:

*“Quando foi do desastre claro, o meu filho não sofreu nada, e o meu marido foi só o volante porque aquilo foi com uns espanhóis, um casal espanhol que vinham em viagem de núpcias e nós... foi na Cúria, (...) E tivemos um furo, e na Cúria tem até uma bomba de gasolina, vamos para lá para ver o furo e claro, eu e o meu filho saímos e estivemos cá fora. Entramos para dentro do carro, mudamos para a nossa faixa de rodagem, eu ainda não tinha posto o cinto... o meu marido pôs e andou e eu ia pô-lo, não é, mas quando eu ia pô-lo já o outro carro saiu da faixa, que estava a chover, ele tinha os pneus carecas... saiu da faixa de rodagem e veio ter connosco. Eu levava os óculos, fui para a frente e fiquei logo toda cortada, ainda fui a Anadia, da Anadia mandaram-me para Coimbra, depois fui para o Porto, o meu marido disse vamos já para o Porto, que assim já lá ficamos. O meu marido ficou e o meu filho é que veio na ambulância, e viemos então para o Porto. Depois, aí claro, fiquei com a cicatriz, que era muito maior, tinha aqui a cicatriz e tal, e aí é que eu vi o problema, que não sei se fiz bem ou se fiz mal. Primeiro eu também era muito medrosa, era muito medrosa, e segundo também pensava que poderia ficar pior, não é, naquela altura, já foi há muitos anos... pronto, (...), tínhamos a data marcada só para fazer a operação. Mas eu com aquela ideia faço, não faço, é ele que quer que eu faça para que eu não me sinta com aquele desgosto de estar assim, e é por isso que ele vai fazer e é uma despesa enorme, e nessa altura lá vai a casa parar outra vez ao... comecei a pensar daquela maneira e não sabia o que fazer (...) e depois acabei por não fazer a operação.”.*

Mesmo optando por não realizar esta operação, diz que teve uma vida que *“foi de facto boa, quer dizer podia ter sido ainda mais feliz, mas já fui muito feliz, muito feliz, pelas coisas que passei...”.*

A D. Sofia está há trinta e um meses viúva. Nunca antes tinha pensado em si como viúva, já que a família do seu marido tinha a tradição de viver muitos anos. Mesmo tendo várias irmãs viúvas, a D. Sofia nunca tinha pensado nesta hipótese:

*“Nunca pensei, nunca... nunca, nunca, e sabe porquê ainda mais, lá está porque a família toda do meu marido toda morreu com muita idade, o padre tinha 101 anos e dava a missa das seis horas em Ovar, na capela de Ovar. Os avós cento e tal anos tudo assim, bisavós tudo assim, o meu sogro até morreu com quase 90 anos, a minha sogra também com quase 90 anos diz tudo, tios tudo assim, nunca pensei, nunca pensei...”*

Referir-se ao momento da perda motivou várias lágrimas e a noção de que esta *“foi a perda maior que eu tive na minha vida.”* Mesmo comparando com outras perdas que a D. Sofia já tinha vivido na sua vida, retira-se das suas palavras a dimensão que este luto teve:

*“Quer dizer, tive muito desgosto da minha mãe mesmo muito, do meu pai praticamente não tive tanto, era outro feitio, outra coisa, mas do meu marido sim... muito, mas mesmo muito, muito. Porque foi muitos anos, muitos anos que a gente gostou um do outro estávamos sempre prontos um para o outro, se um dizia uma coisa o outro dizia outra. Se um dizia: mas eu não queria isso, pronto então vamos lá... está a perceber... entendiamo-nos bem, bem...”*

A tristeza e o desgosto por estar sozinha foram uma constante ao longo deste tema. A saudade do que viveram e do que podiam ainda viver mantém-se no seu discurso e na sua vontade. A D. Sofia muitas vezes chega a transmitir alguma revolta com a vida, e com o que actualmente tem, nas palavras que utiliza quando se refere ao que esta perda veio alterar na sua vida:

*“Na minha vida veio mudar, porque se ele era vivo eu tinha a companhia dele e... continuávamos a fazer a mesma coisa, a dar as nossas voltinhas a andar devagarinho que ele também já fazia... de manhã dávamos a volta devagarinho e tal, e fazíamos essas coisas e íamos a baixa íamos aqui. Se ele não pudesse guiar alugávamos um carro e íamos, e agora não podemos fazer nada... estou aqui e nada se faz e sinto-me aqui isolada... vejo as fotografias converso com as fotografias e assim passo a vida.”*

Muito embora se sinta muito esquecida em relação a um universo de assuntos e temas, as circunstâncias que envolveram a morte do seu companheiro permanecem bem vivas na sua memória. A sensação de impotência e o facto de ninguém conseguir saber o que se passava com o seu marido, leva a que o discurso da D. Sofia seja um pouco confuso, mas ainda assim, bastante completo e pormenorizado:

*“Fomos para o Algarve, e as minhas irmãs foram connosco, elas estavam viúvas andavam sempre connosco... e fomos para lá e ele começou a sentir-se um pouco cansado, um bocado cansado... depois a ficar um bocadito magro e tal, diz ele: “Não ando bem.”*

*“Quando chegares vamos ao médico.” Viemos no fim do mês, ainda ficamos um dia em Lisboa para não fazermos a viagem toda de seguida, e no dia seguinte é que vínhamos. Começou-se a ir ao médico, e a única coisa que se queixava era que não sentia forças, que estava cansado não sentia forças, mais nada, pronto... Começou. Foi para o médico de medicina interna e ele disse: “Vamos estudá-lo até encontrar.” Ele não lhe doía nada, só as vezes no fígado é que lhe doía um bocadito, mas já há muito tempo que tomava alguma coisita para o fígado, porque é... gostava de coisas que lhe faziam mal... foram ver e nada. Depois ele foi tirar um TAC à casa de saúde da Boavista e nada. E andamos assim, Setembro, Outubro, Novembro, ainda sem se saber nada. E a gente acabou por nunca saber ao certo se ele tinha alguma coisa. Cada vez mais magro, muito irritado. Ele gostava de... quando veio para aqui, havia um senhor que era Coronel que jogava lá em baixo no Ateneu e disse: “Meta-se sócio do Ateneu e vamos uma ou duas vezes à tarde.” E íamos lá e tal, era, agora não me lembro, era um jogo difícil... e então ia e nesse dia ele veio e disse: “Ai meu Deus, estou mesmo cansado.” Meteu-se Dezembro e diz ele assim, as minhas irmãs vinham cá sempre festejar os nossos anos de casados, vieram no dia oito, reunimos todos e fomos, eles e as minhas netas, e ele sempre cansado e ao mesmo tempo parece que triste... chegou à altura do Natal e diz ele: “Ai meus Deus custa-me tanto ir ao Natal...” “Oh Zé, não me digas isso.” O Natal desde que os meus sogros morreram passou a ser em casa da mãe da minha nora, (...) “Oh Zé, a gente já vai lá há tantos anos”. Mas fomos.... Mas ele já quase que não comia, não falava, o cunhado do meu filho que gostava muito de falar com ele: “E então hoje está tão calado, já nem fala.” E ele sempre assim... e de vez em quando parece que lhe custava a respirar. Pronto, quando chegou para irmos ao Ano Novo disse: “Telefona e diz que não vamos. Não vamos porque não me sinto bem.” E eu telefonei ao meu filho: “O teu pai não quer ir, diz que não se sente bem e ficamos por aqui.” “Mas porquê?”. “Não sei. Ele diz que não se sente bem.” “Eu depois vou aí.” Passou-se o Ano Novo e o meu filho disse: “O melhor é ser internado e fazer lá os exames todos.” Mas como o meu sogro tinha ido muitas vezes ao hospital porque lhe dava muitas vezes coisas do coração e ficava como morto sempre se pensou, terá ele a mesma coisa? Virá já de família, hereditário? ... E ficamos a pensar naquilo e o meu filho disse assim: “Eu já falei com um médico amigo e nesta casa de saúde tem lá tudo, se houver qualquer problema nesta casa de saúde tem lá tudo e há casas de saúde que não têm e esta tem lá tudo por isso, ele vai tratar disso e a gente vai interná-lo lá e pronto” ... Estava para ser internado nesse Domingo. De manhã ele levantou-se, não tinha já forças para se lavar, eu tive que o estar a arranjar, as meninas queriam mas ele não queria nada. Claro, lá estive eu a ajudá-lo e tal e assim. Não comeu nada e nesse dia então, não queria nada comigo, não queria nada comigo... qualquer coisa que eu lhe dissesse, ou faz-se isto ou aquilo, ele quase que era do contra: “Oh Zé come isto.” E ele ficava irritado por eu dizer aquilo, pronto..., ele não quis e ficou aqui vestiu-se, que era para depois quando o meu filho viesse, pois a gente não sabia bem se vinha às quatro se a que horas era, ele sentou-se aqui e começou com muito calor e a transpirar. Era Janeiro, também não quis lanchar e depois pôs-se aqui e só disse assim:*

*“Vamos embora, quero ir-me embora daqui, quero ir embora daqui, não quero ficar aqui, quero ir embora daqui.” E eu disse: “Olha, espera mais um bocadinho que o João está a chegar e depois já vamos embora.”. Pronto ele ficou. Entretanto o médico estava ali a falar com ele, estávamos ali a preencher uns papéis. Ele estava aqui e eu estava ali, e estava a olhar para aqui, e deu um pulo muito grande, estava sentado e deu um pulo e voltou-se e ficou assim... as empregadas que estavam aqui, uma delas olhou, mas eu nem me apercebi, e estava ali uma senhora que era enfermeira, que estava aqui também, que vinha aqui saber como ele estava e tal, e assim, e fez-lhe sinal e ela veio e viu-lhe as unhas negras, e chegou ali e disse: “Oh Sr. doutor...”. E ele veio aqui e coisa e tal... quando lhe deu aquele coiso foi quando... faltou-lhe o ar e teve coisa...a paragem cardíaca... já não dava para fazer mais nada...foi assim, agora se ele tinha alguma coisa não se sabe.”.*

Pela descrição conseguimos compreender que esta morte não era esperada, pelo menos de um modo tão repentino e sem causa conhecida. Esta foi mesmo a sensação da D. Sofia visto que, a sua reacção à morte do marido foi de grande choque acabando mesmo por não se lembrar de quase mais nada, relativo a esse dia:

*“ (...) só lembro-me de dizer assim: “Parece que a minha nora vem aí.”. Porque ouvi dizer que ela vinha, não me lembro de mais nada. Se me disser como é que eu fui, se ia só a minha neta, se eu fui logo para a cama, se comi, se estive à mesa se não estive, não me lembro de absolutamente nada, nada, nada, nada (...) ah, ainda me lembro de uma coisa, isso lembro, quando me foram buscar a roupa eu fui lá, já estava o meu marido na cama, deitado na cama, e sei que me agarrei a ele e o beijei. Depois que me tiraram é que não me lembro de mais nada, depois fui e não me lembro (...) ”.*

Actualmente diz ainda sentir a presença do seu companheiro, e nas suas palavras encontramos o tempo como um factor que lhe tem dificultado a sua adaptação ao estatuto de viúva: *“ (...) sinto mais agora, eu acho conforme o tempo vai passando mais custa. Mais a pessoa acorda, se não sonhou deu a sensação que esteve ali um vulto que viu e que... penso muito mais nele que no principio... e encarei assim melhor mas agora não, agora não.”.*

No que se refere aos rituais de luto, e por consideração às ideias do seu companheiro de vida, a D. Sofia andou pouco tempo vestida de preto. Pelas suas palavras percebe-se um cuidado em manter algumas situações dentro das crenças que ambos tinham:

*“Fiz, mas pouco luto. Primeiro porque o meu marido não gostava, era sempre o que ele mais dizia, não gostava e então de preto, não me gostava de ver de preto, e além disso ele também não era muito disso. Quer dizer, andei seis meses ou o que é que foi, mas vesti logo*

*branco também, o preto mas com branco e tal, ou o roxo, não fiz aquele luto que dantes se fazia...”*

Ao longo do tempo, o seu problema de visão ganhou uma dimensão que a D. Sofia nunca esperou.

*“ (...) eu na altura do desastre fiquei com 70 %, há 30 anos. Agora veja, 30 anos ainda estive, não sei quanto tempo ao serviço a trabalhar, embora tivesse ajuda da minha colega, também tinha que fazer alguma coisa, e letra de médico e coisas complicadas. Então o professor A. T. a gente nem lia nada! E essas coisas todas, cansou, e depois eu também gostava de trabalhar, de fazer rendinhas, coisinhas, isto e aquilo... tudo isto foi indo, foi indo e a vista (...) agora devo de estar... parece que estava o ano passado em 10 %.”*

Actualmente a sua situação de saúde, nomeadamente no que se refere à visão, é preocupante tornando esta senhora mais dependente do que ela gostaria, porque: *“se não fosse isto ia vivendo, olhando para o tempo passado e pronto...”*. A noção de que não é capaz de realizar tarefas como antigamente e a tristeza que daí advém são possíveis de identificar nas suas palavras: *“ (...) quer dizer os da vista, que de facto agora vou para a rua e saio e enquanto não chego cá, não estou bem... fico nervosa, mesmo muito nervosa. Porque também já fui atropelada por causa dos sinais vermelhos, mesmo com os óculos e tudo não vi e fui atropelada. (...) nunca mais fiz renda porque não vejo. Nunca mais faço isto, agora se quiser ver qualquer coisa não vejo tenho que pedir às pessoas para me lerem, o meu filho até me deu uma lupa que disse que serve para bordar, mas para mim não serve para bordar, nem até para ler... quantas vezes me vêem aqui ler...”*. Muitas vezes refere-se a esta incapacidade com vergonha, demonstrando como se isola por não conseguir defender-se de outro modo: *“E ainda mais para mim acho que é aborrecido, vai ver, ainda esta semana vai ser fanecas ou até carapau com muitas espinhas, e é muito aborrecido detectar as espinhas quando se está a comer porque eu não as vejo e tal, e é aborrecido estar a tirar para fora com outras pessoas ali... isso é uma das coisa que sinto muito mal... e cada vez está pior. (chorar)”*.

Neste sentido, abordou-se o apoio que o seu único filho lhe poderia fornecer nesta fase de vida mais complicada. Do seu discurso emerge uma vontade em manter a situação tal qual como está. A saúde não pode servir para ser um fardo na vida dos filhos: *“ (...) a história de estar junto com os meus... acho que não, só se eu estivesse em plena forma. Se eu estivesse em plena forma de poder ajudar, de mexer-me, de poder ajudar, de poder fazer isto ou fazer aquilo! Agora, por exemplo, estar junto com eles e estar dependente de isto ou daquilo como por exemplo, vou ao meu filho, o meu filho já sabe as dificuldades que eu tenho (...) e outras coisas assim, e depois a gente já*

*não se pode deslocar cada vez está mais velhinha dá só trabalhos...". Na continuação da sua ideia conclui dizendo que "prefiro estar só..."*

Mesmo assim a D. Sofia foi capaz de se referir às coisas que ainda lhe dão prazer. No entanto, este discurso entrecorta sempre com o facto de, agora, ter uma incapacidade, fazendo passar pelas suas palavras, a ideia de que não está feliz: *"Por exemplo gosto na mesma de me vestir. E lembro-me do meu marido, ele gostava assim, e eu gosto de me vestir, hoje visto uma coisa amanhã visto outra... gosto de me vestir, e gostava de me arranjar e chego ao espelho e vejo que quase não me vejo a mim (chorar). Está a perceber... ou se cai qualquer coisa têm que me dizer porque eu não vejo... e isso tudo me deixa fora..."*

Nesta altura denotamos que a presença do marido ultrapassava em muito a figura de amor, ele era quem tratava da D. Sofia e quem lhe proporcionava o máximo de conforto e cuidado: *"(...) era o meu marido, era ele que me tratava da vista, era ele que fazia estas coisas... quantas vezes tenho a vista com pus. Ele mal se levantava ia logo tratar disso e tirar a prótese, fazia a limpeza... a gente querer e ter que esperar uma ou duas horas ou três horas ou.... (choro)."*

E é nestas palavras de sofrimento e de solidão que a D. Sofia se refere ao seu futuro. Para si, a esperança de um futuro existia se tivesse saúde, agora: *"para mim quanto mais depressa for melhor..."*. Foi possível ainda perceber das suas palavras que, aquilo que menos deseja é mais sofrimento: *"(...) se tivesse a certeza que deito-me e não acordo mais, pronto! Agora o sofrimento como eu vejo ai pessoas que sofrem e que passam por coisas que a maioria das pessoas não se lembram que nos pode suceder a nós, isso para mim..."*

Ao longo da conversa foi possível explorar o efeito que a fé e a religião tinham na vida da D. Sofia. Ao longo da sua vida a fé e a prática religiosa tiveram sempre lugar no entanto, *"acho que não tenho aquela religião que gostaria de ter (...) mesmo quando peço qualquer coisa acho que não tem aquela fé com que havia de ser..."*. As suas palavras demonstram uma tonalidade negativa no que se refere à sua capacidade para ter fé e para sentir a religião: *"(...) é a mesma coisa que ir a Fátima. Eu vou a Fátima, vou lá todos os anos, vou para Lisboa na Páscoa e depois vou lá, mas não é aquela fé que eu devia ter..."*. Aliás, está patente no seu discurso que a falta de fé é a responsável pelas situações menos boas da sua vida: *"(...) se tivesse mais fé as coisas não seriam assim"*.

Na finalização deste relato a D. Sofia voltou a referir a sua saúde como a maior responsável pela forma como agora olha a vida: “ (...) *se não fosse isso, eu até acho que via a vida de outra maneira, e a religião e tal... Deus me perdoe, mas acho que... eu sei que há piores eu também tenho... eu estou a queixar-me mas há piores, mas eu vivo o meu problema...*”.

A tristeza e a frustração de neste momento não ser capaz, de não estar totalmente dependente, são evidentes nas últimas palavras que proferiu, voltando a evidenciar pouca motivação para um futuro:

*“Desculpe mas de facto às vezes eu até fico assim... como é que a gente se põe assim? Uma vida como eu tive, uma vida de trabalho, uma vida de expediente. Como é que a gente se deixa ficar tão abstracta tão coisa? ... A ponto de não me lembrar das coisas (...) olhe que é triste... o estar a conversar com uma pessoa e querer dizer qualquer coisa e sabe o que quer dizer, e a palavra não lhe vem... é por isso que eu digo, a gente devia fazer assim, quando chegasse a uma certa altura pronto... ou tinha capacidades para fazer as coisas ou então não tinha e pronto... E vinha cá alguém desligar o botão...”*



## A voz da(s) experiência(s)...

A D. Manuela conta já com oitenta e três anos de vida. Uma senhora conversadora, cheia de dinamismo e experiências para contar. O palco desta história foi a sua casa, onde se permaneceu por algumas horas a assistir ao contar de tão vasta experiência.

Iniciou a sua história pelo tema que a acompanha já há vinte e nove anos: a viuvez. A sua viuvez, e a de tantas outras mulheres que acompanhou de perto desde que integrou a direcção de um movimento, associado à igreja, de apoio a viúvas. Ou seja, a sua história fez-se sempre acompanhar de todas as outras histórias que conheceu. Gosta, por isso, de frisar que: *“Quem convive com muitas viúvas tem ocasião de ver que há muitas espécies de viuvez.”*. Reforçou acrescentando que: *“A viuvez é muito complicada, minha querida, muito complicada. Porque é quase como, cada doente cada caso, e cada viúva cada caso.”*.

O conviver constante com várias viúvas trouxe à D. Manuela a capacidade de se referir ao que se deve, e não se deve, fazer enquanto viúva: *“ (...) já viu que tenho uma vivência de um milhão de casos, e sobretudo porque trabalhei muitos anos, trabalhei mais de vinte e poucos anos, na viuvez.”*. As suas palavras em relação à viuvez são conselheiras, carregam consigo a indicação de um caminho mais positivo e, conseqüentemente, menos sofredor para a viúva. Ao longo da conversa, a D. Manuela foi entrecortando a sua própria história de viuvez com alguns conselhos para as viúvas:

*“ (...) a coisa pior que pode acontecer a uma viúva é ela esperar que os outros lhe façam as coisas, fica numa dependência que depois muito dificilmente se livra dela.”*.

*“A viúva não pode desligar do que a rodeia.”*.

*“Eu lembrava-lhes, que formassem um grupo de amigas com afinidades entre elas, para elas até... que trabalhassem na igreja, no grupo social, na família, nos netos, nos filhos mas que se dessem aos outros porque a pessoa a quem elas se davam tinha desaparecido.”*.

*“ (...) e por isso é que eu digo, a viúva que venha para casa, porque se espera muito tempo fora de casa, é muito difícil depois aceitar.”*.

No entanto, cada viúva vive a sua viuvez de forma muito particular. Aliás, é a própria D. Manuela que ao longo do discurso gosta de frisar: *“Cada pessoa tem a sua sensibilidade.”*.

*“É sempre muito difícil o dia da morte do marido”. É difícil porque perdeu-se “o homem da nossa vida, o companheiro, o confidente, a pessoa com quem se construiu uma vida”. Pelas palavras da D. Manuela, a morte de um companheiro é um acontecimento que se vive com angústia e que dificilmente se esquece: “Como é que uma mulher pode esquecer um homem com quem dormiu 37 anos, minha filha? Como? Não foram 37 meses, nem dias, foram 37 anos que eu estive casada. Por isso, eu não posso esquecer de maneira nenhuma que fui casada, que tive a vivência com o meu marido, isso eu não esqueço (...).”*

A morte do marido da D. Manuela era já esperada devido ao seu estado de saúde: *“O meu marido era uma morte esperada, ele esteve 4 meses, só de uma vez, esteve 4 meses, os últimos, internado numa casa de saúde.”*. A D. Manuela gosta de frisar que o sofrimento de uma viúva não se pode valorizar, nem desvalorizar, só pela questão da morte do marido ter sido ou não esperada. Os sentimentos de dor são iguais nas duas situações: *“Quando é uma doença súbita, pois é um desgosto tremendo mas quando se acompanha o sofrimento de um marido, de um homem que se amou uma vida inteira e se vê a sofrer assim eu diria que o desgosto é igual, tanto faz a morte ser de doença prolongada como de doença rápida.”*

O dia em que o seu marido morreu é descrito como sendo um dia muito “difícil”. As sensações de descrença, de tristeza e de baralhação estão presentes no discurso da D. Manuela, quando fala sobre o momento da morte do marido: *“ (...) fica-se aturdida.”*, *“ (...) pensa que é mentira (...) ”*, *“Tenho memória porque o meu marido já estava, claro, numa fase terminal e eu estava a aguardar....claro, eu sabia mas não queria muito que tal se desse. E quando o meu marido faleceu pois, estava eu e uma tia, e eu estava a ver que se estava a chegar o último momento e... olhe sabe, o desgosto é tão grande que uma pessoa perde qualidades de raciocínio, de reacção, fiquei acho de uma calma, segundo dizem, de uma calma doentia, de uma calma doentia e, assim me mantive durante uns dias (...) ”*. No entanto, esse momento: *“Não é quando se sofre mais! Porque o desgosto foi tão grande que parece que a dor naquele momento que não é tão grande. Porque a pessoa ficou aturdida e vê o caixão e todo aquele cerimonial e depois vê o marido a desaparecer no cemitério e tudo aquilo... Uma pessoa está... aturdida... a carga emocional é tão grande, tão grande. A reacção emocional é depois (...) ”*.

O reagir emocionalmente é a grande questão para a D. Manuela: *“ (...) a vida continua (...) ”*. Na sua perspectiva, o grande desafio da viúva só surge quando esta regressa a sua casa, onde tem que reorganizar a sua vida: *“ (...) a*

velhice por si já é um problema, quanto mais ainda viúva, quanto mais ainda viúva.”. No caso desta senhora, a frase “encarei a vida” é o mote para uma viuvez bem sucedida.

Após alguns dias terem passado, da morte do seu companheiro, a D. Manuela regressou a casa. A forma como encarou o momento é demonstradora do amor à vida que esta senhora tem: “O marido morre e eu disse a mim mesmo que ia fazer um programa de vida como se ele estivesse ao meu lado. Eu ia ter a mesma dignidade que tinha quando ele era vivo. Portanto, eu fiz um novo programa de vida (...)”. A dependência era algo que assustava, e ainda assusta, a D. Manuela. A forma de contornar este receio foi obrigar-se a estar ocupada. Das suas palavras salienta-se a necessidade de estar constantemente e obrigatoriamente motivada para qualquer actividade. Aliás, a este propósito a D. Manuela contou um episódio, salientando a necessidade da viúva aprender a estar sozinha: “É preciso estar sozinha? Ponho a televisão a funcionar e às vezes nem ouço mas é uma voz humana que tenho em casa. Às vezes estou a tomar banho e aquilo a funcionar. É uma voz humana. E se estou na cozinha ou estou aqui, como vê eu moro numa casa pequenina, se há alguma coisa que me interessa, paro e ouço.... Começou a guerra do Iraque e eu disse, já não me lembro muito bem onde está o Iraque, vamos ao mapa ver onde está o Iraque. Está entre a Arábia Saudita e o Irão. Pronto, fiquei logo a saber onde era o Iraque, para depois perceber tudo o que se passava à volta.”. Referindo-se ainda à temática da solidão na viuvez, a D. Manuela faz uso de algum humor quando comenta que “ (...) isto de estar sozinha... sinceramente.... Deus quando inventou a solidão (risos) não foi numa hora muito feliz.”. Mesmo assim, na perspectiva desta senhora, a viúva não pode deixar de estar atenta ao que está à sua volta só porque agora está sozinha: “A viúva não pode desligar do que a rodeia.”. Para esta senhora é importante as viúvas não esquecerem que vivem em comunidade: “ (...) eu acho (...), que qualquer pessoa não vive isolada na vida, e nós temos que viver. A vida é nossa mas também temos que respeitar o meio onde a gente vive... ao nosso lado.”.

A importância das vivências e das raízes que se criam ao longo de uma vida, levou a D. Manuela a tomar uma decisão na qual se revê completamente, e pela qual se responsabiliza na totalidade: “Eu assumi ficar aqui, com a minha família toda em Lisboa. Eu vivia aqui, sempre vivi aqui. Só em solteira é que vivi em Lisboa. E a família talvez fizesse um pouco de pressão: “Então agora porque não vens lá para baixo?” E eu disse: “Estou velha para mudar de hábitos, para mudar de ambiente e começar uma nova vida numa terra que hoje já só me diz alguma coisa para visita.”. De qualquer maneira, a

pressão familiar foi relativamente fácil de contrapor, muito devido à forma como argumentou: “ (...) durante dois ou três dias, que o meu irmão me levou para a Serra da Estrela, eu disse: “Quero ir para casa.”. “Vais para Lisboa.”. “Não vou, para sítio nenhum. Eu quero ir para a casa onde o meu marido me deixou. Eu quero ir para casa e eu, sozinha, vou programar a minha vida. Se eu estou a raciocinar, se eu estou bem de saúde e, segundo dizem, bem de cabeça, portanto eu vou para casa.””.

É na sua cidade que se sente bem, e foi nessa cidade que decidiu reorganizar a sua vida, sem ninguém que a pressionasse porque, “eu acho que a pessoa a quem eu dava contas da minha vida não existe.”. E assim foi, “eu fiz o meu programa de vida e comecei logo por ver que o que fazíamos a dois eu tinha que fazer sozinha, eu tinha que estar motivada para qualquer coisa (...)”.

No caso da D. Manuela, a solidão poderia ser bem mais difícil de contrariar. Para além de ter toda a sua família em Lisboa, a ausência de filhos também funcionou como um elemento dificultador de todo este processo de luto. Mesmo assim, a D. Manuela refere que não existe diferença significativa no sentir de uma viúva com ou sem filhos: “ (...) uma viúva que ficou sem filhos não sente nem mais nem menos, sente talvez de uma maneira diferente”. Na sua perspectiva, “ (...) um casal sem filhos, da parte da mulher toda a sua ternura vai para o marido. Não deu ternura nem aos filhos, nem aos netos, era só para o marido.”. A diferença entre viúvas com ou sem filhos reside nas pressões que podem ou não existir em torno da viúva: “ (...) não tem pressão dos filhos, não tem pressão dos genros e das noras, porque depois começa logo, é melhor a mamã vender isto, é melhor a mamã comprar aquilo, começam logo estes problemas e uma pessoa que fica sozinha ninguém dá ordens, pelo menos a mim ninguém dá. Portanto, é diferente. Eu reconheço que é diferente (...)”.

Recorrendo a toda a sua força interior, a D. Manuela falou sobre os primeiros momentos passados em casa, enquanto viúva. A mudança desta realidade foi caracterizada, num primeiro momento, por uma intensa reflexão e, seguidamente, por um repor de hábitos e rotinas que preenchessem aquela ausência:

“Cheguei, sozinha. A primeira noite, três dias depois do meu marido ter morrido, (...) a primeira noite eu não me deitei. Fiquei aqui sentada no maple, e quer dizer... eu não sabia bem. Foi quando eu deixei de estar aturdida, deixei de estar embotada como estava porque eu nem sabia bem o que fazia, (...) eu cheguei aqui e estava sozinha. Nessa noite não me deitei, fiquei aqui sentada... sentada... sentada. Não me pergunte o que pensei, nem o que se

*passou, e não foi com certeza nessa noite que eu tracei um plano de vida. Nessa noite estava exausta. Depois de manhã retomei os meus hábitos, tomei o meu banhinho diário, e disse a mim própria... comecei a pôr a minha vida... pensei: Bem, até aqui tinha o meu marido presente, agora vou pô-lo em tudo quanto é sítio. É fotografia aqui, é fotografia ali. Há viúvas que não querem, e eu era ao contrário. Pus a fotografia em frente à cama, pus os meus santinhos e o meu marido por baixo, a minha fotografia e a dele quando fizemos 25 anos de casados. Depois na mesinha de cabeceira pus o retrato dele, que sempre tive no quarto, e depois o último retrato que tiramos juntos. Depois fiz toda uma série de, o meu marido era um bem disposto, um folião, e eu rodeei-me daqueles momentos que eu queria voltar a viver a olhar para lá. De maneira que eu disse, Maria Helena, agora ficas aqui, a casa é pequenina, programas a tua vida assim e assim.”*

Mesmo perante uma abordagem positiva do luto, a D. Manuela refere a viuvez como um momento de grandes “renúncias”, que ocorrem a vários níveis, e “que têm que se aceitar”. Nas suas palavras, “ (...) aí está o grande problema da viuvez.”. No entanto, a D. Manuela avança com a solução para que este problema se dissolva no dia-a-dia da viúva: “Elas têm que pensar, por isso é que eu digo a todas, vivam o dia que passa, não desbaratem nem saúde nem dinheiro mas vivam o dia que passa.”. Ainda falando sobre as renúncias, a D. Manuela dá alguns exemplos: “Aqui, na minha cidade, ainda hoje não consigo, entrar sozinha, almoçar e sair... são as tais pequenas coisas que há que respeitar. Ora, isso é que eu estou um bocadinho... ainda hoje estou um bocadinho inibida em poder. E como vê estou vestida de vermelho, e no entanto não sou capaz de entrar sozinha num restaurante (...) Eu ainda hoje, tenho a impressão que se entrasse sozinha e não tivesse... não sei.... O almoço para mim não era almoço. Se for acompanhada vou, com a família, ou com o grupo de amigas que tínhamos da igreja. Assim uma coisa diferente daquilo que fazia...”. Apesar de todas as inibições e renúncias, a D. Manuela considera que esta postura na vida é digna e respeitosa de toda a sua vivência: “ (...) eu estou na vida com a mesma dignidade que tinha como se tivesse o marido ao lado, a mesma coisa. A mesma coisa.”.

No entendimento da D. Manuela, a viuvez não pode estar desligada da relação que existiu: “Nós ficamos sem os maridos, o casal é isso mesmo: “Então e tu que dizes, faz-se ou não se faz?” Um casal é isso: “E tu que dizes?”. “Olha, eu acho que tu não deves fazer”; “Pois olha, eu acho que se deve fazer.”. Isto é que é o casal. E a pessoa deixa de ter essa pessoa com quem trocar ideias. Portanto tem que as tomar sozinha.”. E assim, salienta a importância da viúva ser capaz de ser independente, e de pensar pela sua própria cabeça nas decisões que tem que tomar, agora que está

sozinha: *"Eu fiquei sozinha e toda a gente sabe que eu, muito calada, muito calada, eu tenho uma personalidade muito forte, muito forte. Não sei se é um defeito se é uma qualidade. Também não tomo as soluções de ânimo leve, não! Aqui sentadita neste maple, e aqui nesta solidão eu peso os prós e os contras e vejo se faço bem. Depois, tento... mesmo que pense uma coisa hoje, não faço amanhã. Porque depois, ainda espero pelo outro dia para voltar a pensar a ver se devo fazer assim ou se não devo."* *"Nós temos que às vezes ouvir um conselho venha ele dali ou de acolá mas depois: "Todos os conselhos ouvirás e o teu não desprezarás."* A viúva depois, tem que chegar a casa e consigo mesma...às vezes, até quase, não é loucura... às vezes até quase sozinha a falar como se o marido estivesse ao pé."

Uma das decisões que tomou nestes longos anos enquanto viúva foi a de não voltar a casar. Esta sua decisão apenas se aplica a si própria enquanto viúva: *" (...) nunca disse a uma viúva que não se casasse outra vez. Nunca disse isso."* No entanto, quando a questão foi colocada a nível pessoal, a sua decisão levantou aspectos muito particulares de si, enquanto pessoa, e da sua vivência com o seu marido. De qualquer maneira, é com algum humor que conta que ficou viúva: *" (...) com 54 anos de idade, portanto não faltavam oportunidades."* No seu discurso conseguem-se compreender as suas motivações pessoais para uma decisão tão firme e convicta: *" (...) tenho a impressão que não voltava a gostar de ninguém. Sou uma pessoa com um grande... sou um bocadinho exigente com a minha consciência e tenho a impressão de que me casava com um homem a pensar no primeiro e isso para mim não dava. Para mim não dava. Eu tenho que ser muito sincera, muito leal, eu tenho que fazer uma doação total de mim e eu não dava. Portanto eu... isso para mim não dava. Renunciei, nem pensar num segundo casamento. Por isto.... Porque eu se fosse para um segundo casamento eu de maneira nenhuma esquecia o primeiro. E acho muito normal que os outros casem! Acho normal que as outras casem... em mim era inaceitável. Não era por uma questão de seriedade e honestidade, porque para mim é tão séria, tão digna, tão honesta a senhora que casa duas vezes, ou três. Como é a que casou uma vez só. É uma questão puramente pessoal, pessoal."*

A decisão de não voltar a casar acaba por ter uma justificação no dia-a-dia da D. Manuela. Muitas situações do quotidiano desta senhora acabam por fazê-la recordar pequenos, ou grandes, momentos da relação que manteve com o seu marido ao longo de trinta e sete anos de união: *"Como se o marido estivesse... eu até falo nele... é curioso porque, e a família até acha imensa graça a isso: "Olha o A. gostava muito disto."* *Ou faço aquilo que ele gostava muito. Mas não faço aquilo a chorar.... Faço aquilo... é como que volto a viver. Eu faço uma paella, que é aquela paella valenciana espanhola e tenho a paelleira e tudo. E às vezes faço e já tenho feito e digo: "Olha,*

*cá está a paella que o tio A. gostava.”. Quer dizer, eu faço aquilo como se estivesse a fazer para o meu marido. Eu acho que é como que vivo, pode ser uma infantilidade, mas é como que vivo outra vez aquele bocado que eu fazia quando a fazia para ele.”. Pelo seu discurso consegue-se atingir a dimensão e a importância desta relação na vida da D. Manuela. Tão importante foi na sua vida que é recordada com saudade: “ (...) uma saudade, chamo-lhe eu, amarga/doce. Amarga porque recordar o que se viveu de bom às vezes é amargo, e doce porque se viveu.”.*

Um dos motivos que esta senhora encontra para o impacto da sua viuvez, atinge um facto cultural como seja, o papel das mulheres da sua geração: “ (...) eu sou da geração em que as senhoras eram uma flor de estufa, de maneira que de repente ver-me sozinha, com um marido muito mais velho do que eu que me tirava as areias todas do caminho com um ar muito paternalista ele é que fazia tudo e de repente... Eu é que tive que começar a programar a minha vida.”. Este facto histórico é várias vezes referenciado pela D. Manuela como justificação de algumas vivências da viuvez que conheceu, e inclusive da sua: “Porque hoje as viúvas não são como no nosso tempo. No meu tempo, morria o marido e o mundo desabava em cima de nós. Porque... hoje não. Hoje, a viúva com 54 anos trabalha. E se trabalha dão-lhe uma semana de luto e ao fim da semana ela está no seu emprego, nem que seja a rir ou a cantar ou a dançar, é o seu emprego e ela tem que ir trabalhar. Não era a viúva de há 30 anos em que morria o marido e o mundo desabava sobre nós.”.

Na ausência de actividades e motivações, a D. Manuela procurou novas formas de dar sentido à sua vida. Como já foi referido no início, a D. Manuela pertenceu durante largos anos a um movimento de acompanhamento a viúvas, de cariz religioso: “ (...) dediquei-me de facto à igreja. Não o género da beata que não sai da igreja, não. Não. Não. Segundo as minhas convicções religiosas, eu sentia-me bem, fiz logo uma acção social junto com o trabalho de igreja, até porque diziam, modéstia à parte, que tinha um certo jeito, dizia-me a médica que estava à frente: “Oh Manela, tu és a minha relações públicas. És a minha relações públicas.”. E portanto, eu dediquei-me de alma e coração àquele movimento. E depois trabalhava a angariar fundos, para o centro, para aqueles trabalhos da igreja e tal.”.

Aliás, a fé está presente em quase todo o discurso da D. Manuela. Em muitas situações descritas por si, a D. Manuela acaba por, na sua maioria, atribuir a responsabilidade desses acontecimentos à vontade divina ou ao desígnio de Deus. No entanto, quando tentou explicar o que entendia por fé, as suas palavras encontraram uma grande subjectividade: “ (...) a fé é isso mesmo, é

*acreditar numa coisa que se não vê mas a gente acredita. Mais do que acredita, sente. E o sentir não há psicologia que seja capaz de... ou então de uma oratória que seja capaz de explicar o que é a fé. A fé é uma coisa tão íntima, tão pessoal, tão sublime, tão espiritual, que é difícil, é difícil de explicar.”* Neste sentido, esta senhora consegue compreender aquelas pessoas que dizem não ter qualquer fé, ou sentimento de fé. Aliás, no movimento religioso que dirigia, muitas vezes chegava a dizer, às senhoras que compareciam, o seguinte: *“Meninas, isto é um movimento católico mas a fé não se impõe a ninguém, propõe-se. O verbo é diferente, a fé propõe-se.”*

Ao longo da temática da fé, a D. Manuela consegue adicionar-lhe a viuvez de uma forma bastante interessante: *“Eu sou capaz de lhe dizer a si, a fé, se acreditar em Deus, pode ser que nas horas de desânimo, que é o que acontece a muitas viúvas; porque uma provação ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé. Quando uma pessoa tem uma provação, e a viuvez é uma provação, ou um filho ou assim, ou um grande problema na vida, uma pessoa quando vê que nada mais a consegue confortar, não encontra mais solução para aquilo, a gente vira-se para o Deus e procura uma fé que nos dê força, a tal psicologia, uma força interior que a gente à volta já não encontra. Porque quando uma pessoa tem um desgosto muito grande diz: “Porque é que me aconteceu isto a mim, meu Deus? Porque eu não merecia isto.”. E... vem uma reacção... “porque Deus não existe porque se existisse não me tirava o filho, não me tirava o marido”. Ou então vem o reforço da fé. É uma pessoa que, não há palavra à volta, não há nada que a conforte como aquela paz, aquela quietude que dá a religião. E portanto, uma grande provação, ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé.”*

A fé surgiu novamente na conversa, associada à sua saúde. A viuvez foi acompanhada por períodos de grande instabilidade ao nível da saúde: *“Eu tive este Inverno uma trombo flebite numa perna, que é uma coisa que, digamos, algo vulgar. Só que eu fui muito bem medicada, logo. Estava com duas injeções por dia, uma às nove da manhã e outra às nove da noite por causa, precisamente dos trombos e estava com quatro comprimidos! Dois ao almoço e dois ao jantar. Dez ou doze dias depois, aí vem outro para aqui (apontou para o coração). Eu tive um daqueles problemas em que se morre ou se escapa... ou se morre ou se escapa. Naquele momento, aquele sangue entre o coração e o pulmão houve ali grande problema...”* Neste momento difícil na sua vida, a D. Manuela acaba por fazer um reforço da sua fé, utilizando, novamente, do seu humor para explicar determinados aspectos da sua vida: *“ (...) e é como eu digo: Deus pegou-me ao colo outra vez. Deus lá me pegou ao colo e a coisa resolveu-se.”*

Sendo a viuvez um período muito difícil de contrapor e de vivenciar, a D. Manuela utilizou, ao longo de toda a conversa, e em relação a todos os



aspectos da sua vida, um discurso carregado de optimismo e sempre voltado para o futuro. Aliás, o futuro não é um tema preocupante para a D. Manuela. As suas palavras remetem-nos, novamente, para uma grande noção daquilo que pretende para si, para a sua vida: *“(...) eu por exemplo estou mentalizada para ir para um lar mas lá está, é toda uma mentalização que eu fiz logo que fiquei sozinha: “Manela, enquanto puderes...”. Por isso é que eu não abdicó de cozinhar, não abdicó de me arranjar, eu estou mentalizada por isso, a mim não me vai custar nada. Porque eu não tive filhos e enquanto eu, e já pedi à família, enquanto eu estiver como estou, deixem-me estar em casa. No dia em que percebam que a cabeça cansou e a lucidez cansou, pegam em mim e levam-me para um lar. Porque eu estou tão mentalizada, tão mentalizada.”*

Tendo em consideração todas as histórias que conheceu, a viuvez é um momento de provação muito duro, muito difícil de vivenciar. Aliás, esta senhora chega mesmo a finalizar o seu discurso com a noção de dor moral, dor íntima, que considera ser muito difícil de definir e de exprimir: *“A dor da viuvez não se mede, não se pesa, não se calcula... até pode estar a falar com uma senhora que não tenha tanta facilidade de lhe dizer aquilo que sente e que no entanto, sinta, esteja angustiada por dentro como ninguém mas ela não consegue por cá para fora... Porque isto é dor, é dor moral... a dor física a gente grita. A dor física a gente grita: “Ai que dor aqui tenho, ai que dor aqui tenho!”. A gente grita e protesta. A dor íntima... há certas dores que é como a fé, é muito difícil de explicar, foi o que me perguntou: o que é que sente no dia que o marido morre?... É muito difícil!”*

## Recordar é viver

O recordar de uma vida que conta já com setenta e sete anos é uma árdua tarefa. Mesmo assim, a D. Clara acedeu a recordar cada pedacinho da sua vida com uma alegria imensa e uma disponibilidade inigualável.

Encontramos a D. Clara num lar residencial. Recebeu-nos no seu pequeno, mas muito bem cuidado, apartamento. De facto, a D. Clara expressou gosto pelo cuidado que mantém na sua casa mas, nas suas palavras fica bem patente a noção de que aquele não é o seu cantinho: *“E gostei mais dos apartamentos aqui, porque de facto parece que a gente está mesmo na nossa casa. Compreende? Dá-nos essa ilusão!”*.

A opção de ir viver para este lar foi conjunta. Muito embora, actualmente, a vivência neste espaço não traga grande felicidade: *“Olhe, estou bem... bem, bem, bem não estou... estou bem num sentido, bem de feliz, de estar aqui, nunca estive, há quem esteja. Há aqui quem esteja e que diga que estão felizes, eu não estou... (...) estar aqui só me trouxe amargura, a mim e ao meu marido.”*.

Ao longo da história que fomos ouvindo, a vida da D. Clara apresentou-se com várias tonalidades. O passado foi repleto de alegrias e histórias bastante divertidas, o presente é mais tristonho, sem grandes motivações e, por fim, o futuro, apresenta-se como sendo um aspecto da vida, no qual, a D. Clara não pretende investir: *“o que eu tinha de futuro já acabou tudo, as minhas lutas, as minhas ansiedades.... O que é que eu espero agora do futuro?”*.

Do seu passado a D. Clara salientou o seu emprego. Até ao dia do seu casamento esta senhora esteve habituada a trabalhar, e é com carinho, consideração e saudade que recorda alguns momentos vivenciados no local de trabalho: *“Olhe, aquilo era quase como uma família, compreende? E depois conhecíamos-nos uns aos outros. A gente podia ir muito triste de casa mas a gente chegava ali, eles eram: “Menina o que é que tem, desabafe. É isto...?””*. Aliás, a este propósito acrescentou que a amizade entre os trabalhadores chegava mesmo ao ponto de se ajudarem monetariamente, quando viam que era necessário: *“Ali se resolvia, mesmo questões de dinheiro. Havia a caixa dos 20 amigos, como se chamava antigamente, uma caixa de papel, lá encostada. Ali se resolvia tudo, até para tribunal e tudo. Ali se resolvia.”*.

Do seu passado a D. Clara guarda ainda o brio e o orgulho da forma como se arranjava e de como tinha cuidado com a sua aparência. Para além deste sentido positivo em relação a si própria, a D. Clara chega a usar de algum humor: *“A minha mãe costurava, e punha-me muito abonecada e eu naquele tempo ainda não era nada de deitar fora. Agora há coisa mais bonita não é mas... eu andava muito arranjada, não era com coisas ricas mas a minha mãe vestia-me muito bem. Eu era a menina bonita do lugar.”*

A propósito da sua beleza a D. Clara diz que o seu marido: *“ (...) escolheu aquilo por que ele sempre suspirou.”*. Segundo o seu testemunho, o marido chegava a confessar à mãe: *“ (...) eu um dia ainda a hei-de conquistar.”*. Aliás, é com um sentimento de reconhecimento e orgulho no seu marido que a D. Clara chegou a confessar que o seu marido: *“ (...) foi satisfazer uma promessa a Nossa Senhora de Fátima, de que me queria levar à igreja pura.”*. No seguimento desta pequena confissão, a D. Clara acabou por contar o que se seguiu após o casamento: *“E fomos depois de casados (...) “Eu só quero que tu me acompanhes. Se quiseres rezar reza, eu só prometi de te levar comigo.” “Mas que promessa?...” “Oh mulher, deixa lá! Isso é comigo.” Então depois, insisti tanto, insisti, que ele... Como ele era malandroco toda a gente dizia que ele me havia de pousar, e ele disse: “Não. Esta é para ser minha mulher e é para ser tratada com todo o carinho.””*. Esta ideia de que as mulheres tinham que manter a sua castidade até ao casamento foi algo que a D. Clara fez questão de salientar. O orgulho e o respeito por esta premissa são claramente visíveis no seu discurso: *“Foi o único homem, até hoje, que eu conheci! Mais ninguém! Eu fui à igreja pura, como a minha mãe me pôs no mundo (...)”*.

A relação com o seu marido é guardada num cantinho muito especial do seu coração e das suas memórias. Desta relação a D. Clara gosta de salientar a grande confiança que os unia, a amizade e a partilha entre o casal. A este propósito, chegou mesmo a contar um pequeno episódio bem ilustrativo, para aquela época, da confiança entre o casal: *“O meu marido depositava toda a confiança em mim. Ele passou-me uma procuração, que eu fui com ela uma vez ao advogado. Ele olhava para a procuração e olhava para mim. “Oh senhor Dr., por favor, está a olhar para o papel e está a olhar para mim, o que se passa? Esse documento não está em condições? Não me diga, porque o meu marido que está longe, passou tantos trabalhos para me fazer chegar esse documento, porque não está em terra para poder tratar desses assuntos.” De olhos fixos em mim: “Este papel está bem demais.” “Porquê Sr. Doutor?” “A senhora sabe o que tem nas suas mãos?” “Uma procuração do meu marido que me dá todos os direitos para eu resolver*

*qualquer problema, visto que ele não está presente para os poder tratar.”. “E a senhora sabe o que tem na mão?”. “Sei Sr. Dr!”. “A senhora sabe que pode tirar tudo ao seu marido?”. “Sei Sr. Dr!”. “E o seu marido tem confiança em si para isso?”. “É porque ele entendeu que eu sou digna disso.”. E diz-me ele assim: “Pois olhe, eu estou casado há tantos anos e não fazia o mesmo à minha mulher!”. Autêntico.”.*

A D. Clara fala da sua relação apelando a várias tonalidades. Por um lado, refere a alegria de ter casado, e ter conseguido continuar a namorar: *“(…) namorei toda a vida e não namorei tempo nenhum. Em seis meses casei.”.* Após o casamento, e após estes longos anos de convivência, a D. Clara mostra algum arrependimento pela sua hesitação em iniciar esta relação: *“Foi uma vida feliz. Foi bom, viver... só foi pena eu ter-me guardado para tão tarde. Se eu adivinhava o que sei hoje, não me importava de ter casado mais cedo, mas eu tinha medo, compreende? Eu tinha medo. Ele bem me dizia, confia, mas eu tinha medo. Porque novos, velhos, todas as idades a dizer que eu ia fazer uma tolice muito grande. Porque meninas, dinheiro e música era com ele, enquanto houvesse dinheiro no bolso havia paródia.”.* Aliás, a sua hesitação em investir na relação era notória nos tempos de namoro: *“(…) ele queria beijos e eu dizia-lhe, espera, quando a gente casar damos todos e ele... ora bem... só oito dias antes de casar é que eu lhe dei um beijo. Quer melhor?”. De qualquer maneira, o casamento acaba por alterar a D. Clara. Estas alterações são evidentes no seu discurso, e são evidenciadas pela própria interlocutora: “(…) porque eu com o meu casamento, mostrei-me aquilo que era. Eu entreguei-me ao meu marido de alma e coração... não sei... foi a ele que me revelei (...)”.*

Uma relação de quarenta e oito anos arrasta consigo imensas memórias, no entanto, também nos permite conhecer muito bem a pessoa que nos acompanhou nesse trajecto. A D. Clara faz questão de salientar aquilo que mais apreciava no seu marido: *“A lealdade dele, a sinceridade. Era leal, era sincero... não tinha coragem de estar com mentiras, não.”.* De qualquer maneira, no meio das virtudes a D. Clara nunca esqueceu o passado mais boémio do seu marido: *“Mentiu muito foi para andar a enganar as raparigas. Ai, aí acredito. Então, houve uma que lhe disse: “Então andas-me a namorar e tu não queres casar comigo!”. “Porque a que eu quero está para acabar de criar”, que era eu. Ele era mais velho do que eu cinco anos e muitas outras coisas assim do género.”.* No entanto, o discurso da D. Clara não consegue afastar o sentimento e a confiança que sentia por parte do seu companheiro: *“O meu marido tinha-me um amor louco, mas sem ser de ciúmes. Não era ciumento, não senhora. Confiava. Confiava, ciumento não era. Não sei, se eu não casasse com ele, eu não sei o que é*

*que ele faria da vida dele. Lutou até à última. Dizia assim: "Enquanto eu não te vir casada eu não desisto." Foi leal até ao último momento da vida dele."*

A D. Clara caracteriza o seu casamento como sendo: "*(...) um casamento feliz.*". Mas mesmo assim, não deixou de referenciar que as relações não são sempre ideais: "*Mas quero dizer-lhe, tivemos também os nossos problemas (...) não julgue que foi sempre rosas também houve problemas (...)*". O seu discurso chegava agora àquele que sentiu ser o maior problema da sua vida, enquanto esteve casada com o seu companheiro. As suas palavras remetem-nos para muita angústia, e para a certeza de que muito ficou por conseguir devido a este revés da vida: "*(...) principalmente, o pior de todos foi a falta de saúde (...) com a falta de saúde... isso atrasou muito a nossa vida. Nós tínhamos feito uma casa, gastamos todo o dinheiro para a operação, para a primeira, que eu fiz duas à coluna, para a operação foi tudo com o dinheiro na mão*".

Após longos anos em comum o marido da D. Clara cede a uma complicação de saúde. Em pouco tempo o seu estado de saúde deteriorou-se de tal forma que a última imagem que a D. Clara guarda do seu marido é a da sua hospitalização. Estes momentos são recordados com uma enorme pormenorização de todas as situações, conversas, decisões. Mas também com uma tonalidade de grande tristeza, e na companhia de muitas lágrimas: "*Ele estava nos serviços intensivos, na parte... já não sei se era na parte nova ou na parte velha... sei que estava nos cuidados intensivos. Eu fui lá, cheguei, falei... nada. Olhe foi um choque tão grande. Eu contava que ele com sacrifício me dissesse alguma coisa, mas nada. Depois um médico disse-me assim: "Olhe, minha senhora nós vamos levá-lo para exames."* "Demora muito Sr. Dr?". E ele disse: "*Não sei.*". "*É que eu gostava de esperar para saber o resultado.*". "*Então espere.*". Lá me vim sentar à beira da senhora e disse-lhe: "*Eles vão levá-lo agora para fazer exames e diz que quando acabasse os exames que nos chamavam.*". E depois, deixaram-nos até entrar as duas. E ele estava sozinho". Após alguns momentos de espera, a D. Clara tentou perceber o que se passava com o seu marido. As expectativas, as possibilidades tornavam aquele momento muito doloroso: "*Eu sabia o nome deles mas agora já não sei. Cheguei e disse: "Oh Sr. Dr., eu gostava de fazer uma pergunta acerca do meu marido."* "Quem é o seu marido?". "*É aquele Sr. que está ali naquela cama.*". "*O que é que a senhora quer saber?*". "*Sr. Dr., acima de tudo a verdade. Queria saber o estado do meu marido? Acima de tudo a verdade. Eu estou sozinha, não tenho mais ninguém e preciso de saber com aquilo que posso contar.*". E diz-me ele assim: "*Olhe, o quadro do seu marido não é famoso. Não sei o que lhe possa dizer. Não sei se é bom que ele viva, se é bom que ele morra. Olhe, se ele viver, nunca mais é homem para nada. É para estar*

*ali, para fazer sofrer, por isso não sei minha senhora. Não temos luzes de nada.”. “Obrigada Sr. Dr.”. Vim desapontada... vim embora. Se ia triste, vim amargurada depois. Vim para casa. Cada vez pior.”. As esperanças iam sendo cada vez menores. Após terem mudado o seu marido de hospital, a D. Clara continuava a ir vê-lo todos os dias, dedicando-lhe toda a sua atenção. O seu discurso salienta o desespero que sentia por não conseguir comunicar com o seu marido: “Eu lá ia para lá, de manhã e de tarde. Estoirei. Lá ia, nada... sinal de nada... Mas nunca sinal de nada, nenhuma vez. Uma vez disse assim: “ (...) ganha coragem homem, tu não morras, tu não me deixes ficar, ganha coragem, fala comigo.”. Mas tanto valia como nada, nunca tive um sinal de nada. Nunca mais tive um sinal.”. Mesmo assim a D. Clara permanecia atenta e preocupada com a situação do seu companheiro, e novamente foi falar com a equipa médica que o estava a acompanhar. A tonalidade das suas palavras remete para o cuidado com os pormenores, para a necessidade em saber tudo ao detalhe, e para a capacidade em ser realista: “ (...) o médico veio logo direito a mim. E fez-me exactamente a mesma pergunta que me fez o do Porto: “Que é que a senhora deseja?”. “Oh, Sr. Dr., queria saber o estado do meu marido? Se no estado em que ele se encontra, se ele tem recuperação, se não tem?”. E ele disse: “Olhe, a senhora quer saber a verdade? Mas olhe que há verdades muito dolorosas e às vezes uma mentira piedosa ajuda.”. Eu disse: “Oh Sr. Dr., mentiras piedosas não. Porque eu só tenho o meu marido, não tenho mais ninguém, e eu prefiro saber a verdade.”. “A verdade é má.”. Depois chamou uma colega que ia a passar, mandou-a ligar um aparelho e eles lá tiveram os dois. Eu, de onde estava, também estava a ver, mas nada percebia! E aqueles gestos que eles fazem um para o outro, e por fim a médica disse: “Oh colega...”. Não dava sinais de nada e ele disse: “Olhe minha senhora, ouviu? A senhora não percebe mas ouviu, o marido não dá sinais de nada. Está ligado às máquinas, é como lhe digo, estivemos apenas a fazer uma experiência para ver se havia qualquer reacção. Se houvesse qualquer reacção talvez podia mas (...).”. Olhe, uma conclusão: tinha chegado o fim! Já não havia nada a fazer.”.*

Mesmo sem esperanças, a D. Clara mantinha as suas rotinas diárias. Devido ao facto de ser diabética, todos os dias tinha que fazer o teste ao sangue. Houve um dia em que a rotina deixou de ser igual à dos outros dias, em que o desespero e a aflição tomaram conta de si: *“Ora eu sou diabética, e ia todos... ou ao sábado ou ao domingo de manhã ia fazer o teste, ali ao posto médico, para me fazerem a picada, ver o peso e medir as tensões. E fui para lá um Sábado de manhã, porque a enfermeira tinha-me dito que não vinha no Domingo e que eu fosse no Sábado. E eu assim fui. Mas o mais bonito é que ele disse assim: “Oh dona Clara?”. Ele tinha recebido um telefonema já do hospital a dizer que o meu marido tinha morrido! E eu já não tive tempo de me vestir, diz*

ele assim: “Olhe dona Clara não se esteja a produzir muito, vista mesmo uma bata e venha até aqui que eu tenho que sair.” Mas era para me dar a notícia. E eu fui mas... já não tirei sangue nem fiz nada. Ele em vez de me levar para o posto de enfermagem, levou-me para o consultório médico e disse: “Sente-se dona Clara.” “Oh enfermeiro Fernando, o senhor aqui não tem o material.” A gente não lembra, não pensa, não sonha.... Mas foi para me isolar do resto das pessoas. “Oh dona Clara vamos conversar.” “Não! Oh Sr. Fernando, o que é que se passa? Tantos rodeios, estou aqui há tantos anos, nunca me chamou para o consultório. Só para fazer a pica e para fazer é preciso tantos rodeios? Estou assim tão doente?”. E ele... Quando ele me disse que o meu marido tinha morrido... Calcule como fiquei! Olhe, eu affligi-me tanto, chorei tanto, sei lá... a gente não resolve nada, as lágrimas não resolvem nada mas é um desabafo.”.

A perda do companheiro de uma vida deu início a um processo de luto que tem sido pautado por muita solidão e muita tristeza. Já contam dez meses desde a morte do seu marido, e a D. Clara não esconde tudo aquilo que perdeu com esta morte: “Porque eu não foi só o marido que perdi, perdi o companheiro, o amigo, foi aquele homem que a gente tem ao nosso lado todos os dias, para nos acompanhar nas alegrias e nas tristezas, tal e qual como diz o padre... foi o marido que eu tive. Também tive os altos e os baixos, não foi tudo mel! Também havia fel... quarenta e oito anos de casada, tivemos os nossos altos e baixos mas era um homem que só se preocupava com o meu bem-estar. Eu logo que estivesse feliz ele também estava. Se ele me visse triste ela já entristecia também. (...) A preocupação dele era que nada me faltasse, que eu estivesse bem.”.

Ao longo destes dez meses a D. Clara não esconde que este novo estatuto lhe tem sido muito custoso. A sensação de presença do seu marido, a solidão e a tristeza são os sentimentos mais presentes nas suas palavras. Estes sentimentos encontram justificação nas comparações, que a D. Clara faz, da sua situação com a de outras senhoras: “Para mim tem-me custado muito. Tem-me custado muito. Há outras senhoras a quem não custa tanto porque têm o aconchego das famílias, por exemplo, a senhora a quem se enterrou o marido a semana passada. O marido morreu e ela esteve até ao dia da missa de sétimo dia em casa do filho. Esse acompanhamento... Esta semana, ontem, esteve aí outra vez o filho e a nora. Agora eu, o meu marido morrer, eu chegar a casa e eu ali naquele sítio sozinha. Tinha ali duas camas, tirei, mandei tirar uma das camas. Ficar ali só, sozinha, sem ninguém. Virava-me para um lado, parece que o via, virava-me para o outro a ver se, e na realidade não tinha ninguém... entrei aqui... foi um problema, cheguei a ir ao psiquiatra, estive mal.”. Mesmo perante tanta tristeza e dificuldade em encarar este momento da sua vida, a D. Clara consegue relativizar as suas palavras. No entanto, mantém-se bem presente

no seu discurso a solidão a que ficou entregue: *“Agora nada cura como o tempo, e o melhor conselheiro é o tempo e nós não somos umas mais que as outras, mas a umas custa mais do que a outras. Nem eu me considero mais do que ninguém. Eu digo, há dores e dores e há certas dores que se forem acompanhadas não custam tanto mas aquelas dores que a gente tem que suportar sós, completamente sós, sem ter uma única pessoa...”*.

No decorrer deste período, a D. Clara não fez referência a grandes rituais de luto. As idas ao cemitério não fazem parte dos seus dias, pois: *“ (...) ele dizia que queria ser cremado porque não queria que eu fosse para o cemitério (...) ”*. A mudança para roupa preta foi inevitável, mas por um período relativamente curto: *“ (...) mas eu nessa altura ainda ia toda de luto, eu andei seis meses toda de preto. Ao fim de seis meses, comecei a vestir o azul marinho. Calça preta, quando saio, calça preta ou azul marinho, ainda não saí do azul marinho, do preto e do branco. Mas no fim desta época, quando chegar, faz para Outubro um ano, aí, não quer dizer que ponha logo vermelho mas, vou alterar um bocadinho (...) ”*.

O significado da morte do seu marido está patente nas palavras que a D. Clara utiliza. A tonalidade deste significado acaba por nos encaminhar para os sentimentos de desespero, tristeza e vontade em desistir de tudo: *“Foi o desabar da minha vida. A minha vida perdeu tudo. Vivo porque Deus me dá vida, e agradeço a Deus por me ter dado saúde, não é? Eu perdi o interesse. Para quê? Ninguém precisa de mim para nada. Eu não faço falta a ninguém. É o desabar. É a derrocada completa foi o que eu senti. (...) Ainda hoje disse a uma prima minha, onde fui de manhã, eu disse: “Oh prima, tu queres ver que ainda não me convenci que estou viúva. Eu tenho a impressão que o meu marido me vai aparecer a qualquer momento.”. Dizia-me ela: “Oh prima não pense nisso, ele morreu e está bem morto, foi cremado.”. Mas a minha ilusão, aí é tão grande, eu digo: “Eu não estou viúva, é impossível. Então eu havia de morrer primeiro.”. E às vezes digo assim: “Ai meu Jesus, eu estou a ficar maluca.”. Começo assim a pensar... para mim, a morte do meu marido foi... foi uma coisa muito triste, não sou a mesma.”*.

As palavras da D. Clara são muito intensas e muito sentidas quando se referem ao seu presente. A sensação de abandono, de tristeza, de solidão são uma constante: *“A minha vida é um vale de lágrimas, mas até aqui eu tinha quem me ajudasse a superar tudo isto. Ele dizia-me: “Olha mulher, veste uma saia e calça uns sapatos, vamos comer fora.”. E era assim. Agora não, estou sozinha. Uma senhora pergunta-me, que vem ver aqui o coronel: “Então, a Sr.a não vai sair?”. E eu: “Com quem? Com quem?”. Por conseguinte não dá.”*.



De facto, o gosto em se arranjar, em estar bonita e em procurar agradar alterou-se após a morte do seu companheiro. A D. Clara tem a noção de que é alguém completamente diferente do que era, e que a solidão é a sua grande companhia nos dias do seu presente: *“Olhe, perdi o gosto. Se eu tivesse alguém que me puxasse, que me animasse, que me encorajasse, é possível que eu não estivesse nesta angústia. Mas é isto, é este degredo assim.... Hoje e todos os dias, é isto. Ainda são estes livros que eu leio, estas coisas que dão na televisão. Às oito horas estou na cama. O que é depois, levanto-me cinco e meia, seis... venho, rezo, choro, a minha vida é esta. Dói, dói muito. (...) Vivo, lavo-me, arranjo-me mas não é com gosto. Faço porque digo... é como as pessoas me dizem... “Ai, quem a viu e quem a vê.” Pois é! Quando me viam eu tinha alegria de viver e tinha para quem viver, agora não tenho. Eu não faço falta a ninguém, ninguém chora por mim uma lágrima...”*

A propósito da sua vaidade, a D. Clara voltou a referir que: *“(...) quando me vestia e que entendia para mim que estava bem, porque eu com qualquer trapo metia vista, é verdade!”*. No entanto, reportando-se aos dias de hoje, esta senhora não esconde o seu desinteresse pela sua aparência: *“Arranjo-me... ora bem, eu já lhe disse que era vaidosa, agora já não sou... qualquer trapo, qualquer trapo eu visto... mas não me puxa. Desde que o meu marido morreu (...)”*.

Ao longo da sua história, a D. Clara volta a referir o seu dia-a-dia, denotando-se das suas palavras a falta de motivação e a rotina sem qualquer alegria: *“É um viver, agora, muito amargurado, muito triste. Olhe, de manhã todos os dias, excepto hoje que não sai de casa. Já tenho saído à sexta-feira mas hoje não sai. Levanto-me de manhã, às vezes são seis, seis e meia. Ando por aqui, leio um bocadinho este livro, faço as minhas orações, depois vou tomar o café às oito e meia e saio, vou até aos congregados. Porque só lá fora é que eu sinto paz, aqui sinto-me sufocada. Depois por volta das onze horas estou aqui (...)”*.

As memórias de alguns momentos a dois, devido a todos estes aspectos, são agora mais comuns: *“(...) eu a chegar a casa, ele estava aqui sentado quando eu chegava, ele era assim: “Então velhinha, hoje vens consolada. Demoraste mais um bocadito de tempo! Essa matraca muito trabalhou.” “Oh homem, nem por isso.” “Vá lá, senta aqui, conta as novidades.” E eu aqui me sentava, aqui ficávamos e era assim.”* O presente não é nem uma sombra do que já viveu: *“(...) agora chego aqui, não tenho mais ninguém. (...) mas quando a gente fica só, a gente está carente, a gente precisa de uma palavra, nem que seja aquela imposturice, uma palavra que nos caia no coração.”* A companhia e a disponibilidade do seu companheiro ao longo de uma vida é a imagem que a

D. Clara retém: *“O meu marido, carinho, paz, amor, a sacrificar-se por tudo, pelo bem-estar da família, tudo. É tudo o que eu tenho.”*. O presente e o agora são momentos cada vez mais difíceis: *“ (...) levo esta vida estúpida, sem interesse. A gente começa a desinteressar-se porque cada vez tudo nos interessa menos. Porque não tem uma finalidade, compreende?”*.

Mas, por vezes, a D. Clara apresenta um discurso, um relativizar do seu sofrimento que nos parece transmitir um sinal de esperança, por muito ténue que possa parecer: *“ (...) mas eu espero recuperar lentamente porque nada cura como o tempo.”*.

A união deste casal nunca chegou a deixar descendência. Mesmo assim, o casal teve oportunidade de ajudar a criar uma menina, como se de uma filha se tratasse: *“Mas criei uma menina. Criei uma menina dos dois aos 25 (...) Fiquei com ela até aos 25 anos. Aos 25 anos, ela disse-me que não queria (...) queria fazer a vida dela. Era de maior idade, não pude fazer nada. Tive que a deixar seguir o destino dela, que aliás não foi bom. Não tem sido feliz, tem comido o pão que o diabo amassou.”*. Por vários motivos passados, que a D. Clara pediu para passar em diante, a sua relação com “a filha” tem estado um pouco afastada. Aliás a D. Clara chega mesmo a referir: *“Estou um pouco indiferente com ela, não é que eu não lhe perdoe mas tenho que a castigar um pouco.”*.

Esta situação acaba por contribuir para sensação de solidão da D. Clara bem como para a noção de que não tem ninguém. A sua indignação e o seu vazio, estão bem presentes nas suas palavras: *“A gente fica numa solidão muito grande. Quem tem família fica melhor... fica melhor neste sentido, se a família acarinhar! Agora eu que estou sozinha, eu não merecia porque, eu ando, vou visitar pessoas, vou por aí fora, porque é que me acontece isto a mim? O que é que eu fiz a Deus? A rapariga, que tanto lhe quero, que tanto lhe tenho feito (...)”*.

A convivência com pessoas amigas tem sido outro elemento dificultador do processo de luto da D. Clara. Actualmente, esta senhora não sente que tenha amigos ou pessoas com quem goste muito de conviver. Aliás, pela análise do seu discurso consegue-se vislumbrar alguma desconfiança das pessoas que a rodeiam. Este aspecto ganha maior relevo, segundo a D. Clara, devido ao facto de estar a viver num lar residencial: *“Propriamente ter, não tenho ninguém. Daqui, tenho esta senhora mas, a gente não pode confiar. Às vezes a gente diz uma coisa na boa intenção, mas... Aqui, eu não quero queixar-me porque não é mau. Mas isto de*

*lares, não é tão bom quanto querem passar. Há muita falsidade e o pior de tudo, há pessoas que têm muito jeito para criar intrigas... E por conseguinte, a gente às vezes passa aqui maus bocados. Eu por acaso, ultimamente, estou a levar uma vida muito isolada.”*

A propósito das amizades, a D. Clara chegou a fazer referência a uma amiga que vinha já dos tempos anteriores a ir viver para o lar. Esta amizade não resistiu à distância e a D. Clara diz sentir uma enorme tristeza por todo este percurso com esta amiga: *“Olhe, eu dava-me bem com uma pessoa da minha freguesia, que as nossas portas eram em frente. O portão da rua, quando o meu marido estivesse em casa nunca era fechado à chave, estava só com o trinco. Os amigos logo que vissem luz na garagem, já sabiam que ele estava. Ele tinha lá sempre rádio e tinha para lá umas bebidas, ainda tenho para aqui algumas, era sempre uma paródia. (...) Tinha lá uma senhora em frente a mim, ela casou com um rapaz que era também meu vizinho, e também foi para lá morar. Éramos como a unha e a carne. (...) Éramos muito amigas, muito amigas. Vim para aqui todas as semanas lá ia. Todas as semanas. Quer fizesse calor, quer fizesse chuva, eu ia lá. Ainda lhe levava qualquer coisa. Neste tempo todo, ela veio-me visitar uma vez. O meu marido morreu, e eu fui a segunda pessoa a quem telefonei, não... a quarta. Primeiro telefonei à minha cunhada, depois telefonei para uma outra cunhada, que também já morreu, depois telefonei para os sobrinhos e depois telefonei para ela. E disse-lhe que meu marido ia estar três dias em câmara ardente, quando era o funeral, que ia para o prado do repouso porque ia ser cremado, e eu tinha-lhe dito sempre: “Eu sempre disse que morria primeiro. Olhe C., se eu morrer vá ao meu funeral.” “Oh Clara, não pense nessas coisas.” (...) Sabe que não apareceu cá. Em três dias. Olhe que eu fiquei tão chocada, tão doente...”*

No decorrer da conversa, a D. Clara referiu que não lhe faltaram já oportunidades para reorganizar a sua vida. No entanto, é com uma expressão algo negativa que se refere à possibilidade de uma nova relação na sua vida: *“A menina para lá vai... a gente, o casal, na sua intimidade, não sei, tem certas atitudes, tem certas coisas que eu acho que não era capaz de fazer com outra pessoa, eu julgo, não sei se chegasse a essa altura e eu mantinha as ideias que tenho hoje mas, desde sempre eu tive esse pensamento... eu casar outra vez, não, não queria. (...) E por conseguinte, acho que não. Já me rondaram e eu olhei e virei-lhe as costas e caminhei.”* Aliás, é com algum humor que remata este tema, utilizando uma expressão fantástica: *“Quem tripas comeu e quem com viúva casou fica sempre a pensar naquilo que lá passou (...)”*

Ao longo da história, a crença numa religião não esteve sempre presente de uma forma evidente. No entanto, por algumas vezes a D. Clara incluiu no seu discurso a noção de fé em Deus. Aliás, é neste contexto que relembra palavras do seu marido: *“O meu marido era católico mas não praticante e disse-me uma*



vez, que eu nunca mais me esquece, quando eu estava doente que chorava muito, eu achava que nunca mais podia caminhar e eu chorava. Chorava com toda a razão porque era uma mulher nova, com alegria de viver, com a cabeça cheia de ilusões e eu chorava e chorava. E eu dizia: "Deus esqueceu-se de mim...". "Oh mulher, Deus não se esquece de ti nem de ninguém.". E diz-me ele assim: "Olha, se a vida te corresse bem e tu tivesses saúde, até te esquecias Dele, agora como a doença te bateu à porta e tu sentes-te triste dizes que Deus já não se lembra de ti, se esqueceu, olha mulher, tem fé. Olha que é na adversidade que a gente tem que ter mais fé, e eu tenho fé que tu vais caminhar." Nunca mais me esquece destas palavras que o meu marido me disse (...). No que se refere a si própria, a D. Clara considera-se uma mulher de fé. No entanto, as palavras que utilizou associadas à fé, foram relativas a um desejo que pede continuamente a Deus: "Agora, quanto ao ser católica, eu sou católica, praticante, temente a Deus e sempre com a esperança que Ele me conceda a graça que eu Lhe tenho pedido, de não me deixar aqui acamar, não queria acamar, queria que Deus... eu me deitasse e acordasse já no outro lado... eu queria.".

Aliás, o futuro é pouco investido pela D. Clara muito porque: "(...) só espero a morte (...) ". O único pedido que tem feito a Deus tem sido: "(...) que o tempo que eu tiver de vida, era que Deus não me desse muito sofrimento... porque eu já tenho passado caldos amargos na vida e que, principalmente, não me deixasse acamar isso é que eu não queria... estar aqui acamada. Queria-me deitar e que Deus me chamasse e acabou (...) ". Na lógica da D. Clara este pedido faz todo o sentido, e olhando ao discurso que utiliza para se justificar, podemos encontrar a falta de finalidade para a sua vida, a desmotivação e a falta de esperança: " (...) o meu marido já foi, não tenho amigos, não tenho família, não tenho ninguém o que é que eu espero da vida? O quê? Para ser discriminada como às vezes sou... também tenho que falar. Não tenho nada a esperar, não tenho. Olhe, eu tenho um quisto aqui no pulmão esquerdo, eu tenho uma hérnia no umbigo, eu tenho um fibroma na barriga, eu tenho pedras nos rins, eu não aguento as urinas, eu tenho má circulação, eu tenho diabetes... não acha que já é muita coisa? (...) eu não tenho ninguém a desejar-me, não tenho ninguém de quem receba um carinho. O que é que eu ando aqui a fazer? Isto é quem se confessa, estou a falar-lhe com o coração nas mãos."

Mesmo assim, e à semelhança do que já tínhamos conseguido captar no seu discurso, a D. Clara é capaz de relativizar as palavras que utiliza, conferindo-lhes um sentido mais positivo. No final da sua história disse: "Recordar é viver."

**4. Ao encontro do(s) significado(s) – Convergências e divergências nas histórias de enviuvar e viuvez**

Após termos finalizado a apresentação dos dez percursos de viuvez, cumpre-nos iniciar uma reflexão sobre o que de comum existe nestas vivências mas também, o que se assinala como indicador de divergência na produção de significado(s) nos vários testemunhos.

Para tal, reuniu-se um conjunto de indicadores que se destacaram ao longo das várias histórias pelo facto de introduzirem alguma variabilidade entre elas, ou pela sua capacidade de fazer convergir as várias experiências.

A definição destes indicadores, e não outros, surge por dois critérios. Em primeiro lugar, os discursos recolhidos terem sido espontâneos, livres e organizados de acordo com a senhora que os produziu, ou seja, de acordo com a sua experiência. Logo, a produção desse discurso acaba por realçar ou desvalorizar determinados aspectos da vivência da pessoa, originando-se assim indicadores relevantes para esta pesquisa. Em segundo, e último lugar, surge a orientação temática de algumas questões do guião de entrevista utilizado, como seja, a título de exemplo, a relação entre pais e filhos.

Neste sentido, iremos de seguida explorar a riqueza de cada indicador na produção de significado(s) para as vivências de viuvez recolhidas.

## **Tempo**

A dimensão “tempo” assume nesta dissertação um lugar de destaque. Em primeiro lugar falámos de pessoas idosas, com muito tempo de vida e com todo o tipo de experiências a que esse mesmo tempo assistiu. Em segundo lugar falámos de um tempo cultural e social, uma época, distinto do actual, impregnado de costumes, normas e expectativas que se destacam e caracterizam de forma muito particular. Em terceiro lugar, falámos de matrimónios, de relações, de tempos de intimidade. Tal como nos diz Narciso (2002:51) “ (...) a intimidade como uma história de processos, sendo, por isso,

*impossível dissociá-la do tempo*<sup>13</sup>. Em quarto lugar, falámos da vivência da viuvez. Uma experiência que ocorre num determinado momento da nossa vida, e que se mantém por um período de tempo, dessa mesma vida, e que acaba por ser indutor de um qualquer significado. Por fim, e não menos importante, a noção de temporalidade como uma dimensão presente e inerente ao ser humano. Uma dimensão que confere estrutura às histórias da nossa vida, e na qual elas se baseiam, como nos indicam as palavras de Polkingorne, “*a dimensão básica da existência humana – a temporalidade*” (1988:119).

Neste sentido, considerámos que o tempo teria que ser visto como um indicador central na análise das entrevistas, pois teria um papel determinante na formulação de sentido e significado, de uma forma geral na vida de cada um de nós, e de forma mais particular na vivência de viuvez.

Na realidade, a referência temporal surgiu várias vezes nos discursos. Sempre que se referiram ao tempo associavam-no à sua idade cronológica, ao seu tempo de casadas, ao tempo que passara desde a morte dos seus cônjuges, ou referiram-se ao tempo como algo que era necessário preencher.

A alusão a uma época diferente de vida não surgiu de forma generalizada nos discursos recolhidos. De qualquer forma, a referência feita a este respeito introduz elementos de destaque, no que diz respeito à atribuição de significado à vivência e experiência do luto nesta fase da vida, bem como, à influência que a época, em que estas relações se iniciaram e amadureceram, pode ter exercido nas formas de viver a viuvez, destas mulheres.

A história que a D. Manuela (83 anos) contou acaba por nos levar numa viagem pelo passado, tentando fazer-nos compreender todo o contexto social em que a sua viuvez ocorreu: “*eu sou da geração em que as senhoras eram uma flor de estufa, de maneira que de repente ver-me sozinha, com um marido muito mais velho do que eu que me tirava as areias todas do caminho com um ar muito paternalista ele é que fazia tudo e de repente... eu é que tive que começar a programar a minha vida.*”. Salientando as diferenças entre as duas épocas: “*a mulher, nestes últimos anos, graças a Deus, para*

<sup>13</sup> A autora (2002: 51) refere ainda dois tempos: o tempo desenrolativo “*externalizado, quase impositivo, referindo-se a uma sucessão linear de acontecimentos, de situações, um antes, um agora, um depois, um a seguir...*”; o tempo desenvolvido “*internalizado, vivido, remetendo para uma causalidade circular evolutiva onde a história dos processos se inunda de sentidos, de significações, e se permeia de equilíbrios.*”.

*aquelas que são um bocadinho. Hoje já não há mulheres tacanhas, hoje já está tudo com o olho aberto, hoje as viúvas têm uma viuvez, não estou a falar de sentimentos, não estou a falar de sentimentos. Porque a viúva de hoje pode sentir tanto desgosto quanto eu senti. Mais não, mas igual. Isso eu dou direito a todas as mulheres. Pode sentir tanto desgosto... o que ela tem é uma viuvez diferente. Porque hoje uma viúva que fique, eu tinha feito 54 anos há 15 dias quando o meu marido morreu, ele era muito mais velho do que eu. Se o meu marido fosse vivo tinha 99 anos. E, portanto, elas hoje com 54 anos, têm que trabalhar. Ainda não atingiram a idade da reforma. Portanto, elas estão a trabalhar, a vida continua. Elas não ficam com estas inibições...".*

O tempo enquanto longevidade de um casamento, assume uma posição de destaque visto ser um período muito alargado, onde se construiu um projecto comum, com referências discursivas de maior tonalidade positiva do que negativa:

*"la fazer cinquenta se o meu marido.... ele morreu em Janeiro e nós fazíamos a oito de Dezembro cinquenta anos de casados. Por isso tivemos 49 anos de vida em comum." (D. Sofia, 78 anos).*

*"Foram quase 14 anos com grandes alegrias (...)" (D. Albertina, 76 anos).*

*"Estive casada 38 anos. Guardo memórias muito boas e algumas menos boas, não é? O meu marido foi sempre um companheiro excepcional... muito ligado à família... e isso é uma memória maravilhosa para mim." (D. Antónia, 80 anos).*

No entanto, não é claro nos discursos a noção de que quanto mais longa seja a relação, maior ênfase se dê a esse tempo em comum. Cada senhora assume a sua relação, com o tempo que tem, como significativa, e como elemento que interfere na vivência da viuvez. Neste âmbito, encontra-se uma convergência discursiva generalizada em todas as senhoras entrevistadas.

No que se refere ao tempo enquanto idade cronológica, encontram-se quatro tipos de discurso. Um discurso mais voltado para o desespero, ou para a noção de um suposto fim de linha que está cada vez mais próximo, como as



palavras da D. Carlota (80 anos) fazem pensar: *“(...) sinto que estou velha, tenho 80 anos e a idade conta muito, que a idade não perdoa a ninguém.”*

Por outro lado temos um discurso voltado para uma certa autoridade que a idade nos pode dar. As palavras da D. Esmeralda (83 anos) remetem-nos para a possibilidade de nesta faixa etária, termos o direito de poder escolher e decidir o que queremos, e achamos como certo para nós próprios: *“Já tenho idade para me governar, não é agora com 83 anos que eu me vou modificar daquilo que eu sou.”* Surge igualmente a noção de que esta fase da vida, esta idade, permite uma aceitação mais adequada de todos os acontecimentos, incluindo a viuvez, como está patente nas palavras da D. Maria (80 anos): *“ (...) na minha idade aceitam-se as coisas com mais calma, com mais, como quem diz, tem que ser!”*

Por fim, encontrámos um discurso que se refere à idade cronológica mas não lhe atribui nenhum tipo de conotação, quer positiva ou negativa. São discursos mais neutros, em que este elemento “tempo” não tem tanto ênfase.

Assim, a noção de tempo enquanto idade cronológica surge algo divergente na organização de sentido para a viuvez. Por um lado, temos uma idade que dificulta o processo, por outro temos uma idade que nos dá uma noção mais alargada de todos os acontecimentos. Temos também a idade como um elemento que nos dá poder nas nossas decisões, mas que nem por isso facilita a nossa vivência da viuvez, e por fim, temos a idade como um elemento neutro na atribuição de significado a este processo de luto.

Ainda dentro da dimensão “tempo”, falta-nos fazer referência à duração da viuvez, ou seja, o tempo que medeia entre a morte do cônjuge e o dia da entrevista. A duração da viuvez surge como um tempo muito variado, tendo em consideração a amostra que estudámos. Mesmo assim o discurso relativo aos primeiros dias de viuvez não variou muito:

*“Foi horrível. Esse dia foi horrível. Eu nem queria acreditar, não é? E depois, durante bastante tempo uma pessoa esquece e não se acredita, acha uma coisa inverosímil ele ter desaparecido.”* (D. Maria, 80 anos).

*“ (...) foi como quem me meteu um punhal, como quem me destruiu... nunca mais fiquei bem, muito bem da cabeça... cada vez mais esquecida (...)”* (D. Esmeralda, 83 anos).

*“Muita amargura... muita saudade, muita tristeza... esse lugar em que a menina está sentada, era o lugar que ele ocupava. (...) mas eu abria a porta e via o lugar vazio e ficava, eu ficava de todo (...)”* (D. Clara, 77 anos).

*“Começou a minha vida triste... porque sinto-me desamparada (...)”* (D. Carlota, 80 anos).

*“ (...) e ouvi uma música e ainda hoje penso na sensação que eu senti, era uma música que ele adorava, era uma música estrangeira, mas era uma música muito bonita e eu vou sentei-me na cama e comecei a chorar... que saudade que eu tive, tão grande, tão grande, tão grande, eu não tinha sentido ainda, ai meu Deus que grande saudade, foram estas as palavras... (choro)”* (D. Albertina, 76 anos).

*“Olhe, foi muito difícil, no início foi muito difícil, ... eu emagreci 14 quilos, eu não tinha... eu não podia estar em casa, havia uma falta dentro de mim, faltava aquela pessoa que me falava, que me chamava... que me falava, que estava junto.”* (D. Conceição, 78 anos).

*“Olhe... foi... foi a perda maior que eu tive na minha vida. (D. Sofia, 78 anos).*

*“ (...) olhe sabe, o desgosto é tão grande que uma pessoa perde qualidades de raciocínio, de reacção, fiquei acho de uma calma, segundo dizem, de uma calma doentia, de uma calma doentia e, assim me mantive durante uns dias.”* (D. Manuela, 83 anos).

*“ (...) quando senti que realmente o perdi. Nessa altura não pensei em dificuldades nenhuma que podiam advir, pensei só na dor de perder o marido, de sentir que o meu marido estava morto (...) estamos sempre com esperança. O choque é sempre grande, é sempre grande... porque se espera sempre que haja um milagre.”* (D. Antónia, 80 anos).

*“Foi uma experiência dura e dolorosa, pois os projectos que tínhamos, ruíram na maior parte.”* (D. Ermelinda, 73 anos).

As referências que encontramos estão sempre associadas a tristeza, choque, descrença, dor, e principalmente, a certeza de um processo muito difícil de vivenciar.

Se olharmos para as vivências de viuvez recolhidas, delimitadas por períodos de tempo bem definidos, a análise acaba, talvez, por produzir outra perspectiva (quadro 3).

Quadro 3 – Períodos de viuvez

Períodos de viuvez	Nomes
< 1 ano	D. Clara; D. Maria; D. Albertina <sup>14</sup>
> 1 ano; < 10 anos	D. Albertina; D. Esmeralda; D. Sofia; D. Carlota
> 10 anos; < 20 anos	D. Conceição; D. Antónia
> 20 anos; < 30 anos	D. Manuela; D. Ermelinda

Recordando as histórias de viuvez com menos de um ano de existência, podemos encontrar alguma divergência na atribuição de significado a esta mesma vivência.

Por um lado, temos um discurso claramente voltado para o desinvestimento e para a solidão que esta perda acabou por proporcionar. Estas tonalidades acabam por ser evidentes quando relembramos as palavras da D. Clara (77 anos), referindo-se à sua perda:

*“Foi o desabar da minha vida. A minha vida perdeu tudo. Vivo porque Deus me dá vida, e agradeço a Deus por me ter dado saúde, não é? Eu perdi o interesse. Para quê? Ninguém precisa de mim para nada. Eu não faço falta a ninguém. (...) Quando me viam eu tinha alegria de viver e tinha para quem viver, agora não tenho. Eu não faço falta a ninguém, ninguém chora por mim uma lágrima...”*

Ainda focando o mesmo tempo de viuvez, encontrámos discursos onde tonalidades mais positivas estiveram presentes com maior frequência. A noção de que a vida continua, que não nos podemos deixar cair em sofrimento por

<sup>14</sup> A D. Albertina foi casada por duas vezes, tendo enviuvado em ambas. Por esse motivo é colocada no quadro em dois períodos distintos.

causa desta perda são expressões utilizadas pela D. Maria (80 anos) e pela D. Albertina (76 anos):

*“Procurar viver sem ele e levar a coisa para a frente, não começar a lamentar-me e a choringar, não adianta, nunca tive mágoas dos outros, nem nada com isso, e numa mágoa grande não é preciso estar a chorar e a gemer para se sentir, não é? Eu tenho esse temperamento (...)”* (D. Maria).

*“Há pessoas que têm pancadas na vida e caem com dores, não se pode fazer isso. Não se pode fazer isso. Eu tinha que fazer, tinha que estar sempre, trabalho, trabalho, trabalho. Sempre fui. Eu não tinha tempo para estar com lamechices e até porque eu não me mentalizava que aquilo era vida.”* (D. Albertina).

O período seguinte inclui viuvezes com mais de um ano e menos de dez anos de duração. Neste grupo podemos colocar quatro histórias, onde a divergência na atribuição de sentido para este acontecimento se torna menos evidente que no grupo anterior, no entanto, as histórias que aqui se enquadram, com a excepção da D. Albertina (76 anos), são construídas em torno de sentimentos de tonalidade afectiva claramente negativa. A noção de futuro, de possibilidade de mudança é nestas histórias muito difícil de visualizar sendo que, o sentido foi o início do fim:

*“Mesmo muito triste... digo-lhe mais se Deus me levasse eu ficava bem... porque quanto mais tempo vai passando mais custa...(chorar)”* (D. Sofia, 78 anos)

*“Oh, custou muito. Fiquei sozinha para sofrer pelos outros. (...) A vida já não tem grande interesse. (...) Oh, não chorei sozinha!”* (D. Esmeralda, 83 anos)  
*“Começou a minha vida triste... porque sinto-me desamparada, sinto que estou velha, tenho 80 anos e a idade conta muito, que a idade não perdoa a ninguém. (...) O fim da minha vida.... (chora) Deus, nosso senhor, tirou-me o meu marido cedo demais, agora... (...) É a vida... que remédio, e se eu tivesse coragem já me tinha matado.”* (D. Carlota, 80 anos).

Após os dez anos de luto, encontrámos discursos convergentes na forma como lidam e lidaram com a perda. As quatro histórias, que se estendem até quase aos trinta anos de viuvez, são marcadas por muitos pontos em comum. Estamos na presença de quatro mulheres que foram capazes de reformular as suas vidas após a morte dos seus companheiros. Decidiram, com todo o sofrimento que isso poderia, e pôde, implicar, investir nas suas vidas e encontrar novas âncoras e novos portos de abrigo. Esta noção de ter que dar continuidade surge-nos de uma forma clara e evidente, nas palavras da D. Manuela (83 anos): *“O marido morre e eu disse a mim mesma que ia fazer um programa de vida como se ele estivesse ao meu lado. Eu ia ter a mesma dignidade que tinha quando ele era vivo. Portanto, eu fiz um novo programa de vida (...)”*.

A necessidade de ocupar este novo tempo, foi muitas vezes o mote para dar início às novas páginas de uma vida que se afigurava ameaçadora e desconhecida: *“Eu dizia assim: Senhor, Tu fizeste-me o pior que me podias ter feito, foi ficar só, eu não sei viver só, ajuda-me! E vinha para casa num sufoco, sempre. Foi muito difícil, não sei! Muito difícil de resistir. E por vezes..., eu estou a falar com toda a sinceridade... e por vezes apetecia-me descalçar os sapatos e fugir por aí fora e que ninguém mais me visse... mas achava que não devia fazer isso, tinha duas filhas, tinha os netos, tinha tudo como gostavam de mim, eu gostava deles e achava que não tinha esse direito. E todos os dias refugiava-me na igreja e pedia. O meu marido morreu em Janeiro, o Fevereiro, o Março e o Abril foi terrível. Tinha que ocupar o meu tempo, pensei... como é que havia de ocupar? Então entrei para as Vicentinas, fui para as Vicentinas e em Maio elas abriram um restaurante ali no adro onde é hoje o lar de terceira idade e eu fui para lá descascar batatas, cegar couves para caldo verde, lavar louça para ocupar o meu tempo, entrei para a catequese (...)”* (D. Conceição, 78 anos).

É com entusiasmo que algumas referem que a opção de escolherem novos interesses, novas ocupações e novas formas de estar no dia-a-dia, acabou por lhes possibilitar conhecer novas sensações, e conhecerem-se melhor a elas próprias: *“Criei realmente outros interesses, tentei organizar a minha vida até, com interesses muito diferentes dos que tinha na vida do meu marido, porque no tempo do meu marido eu vivia para a casa e para os filhos e para o meu marido e não tinha mais ocupações a não ser essa Associação a que eu pertenci sempre. Mas, tinha a vida mais ocupada e não me dedicava a mais nada e depois comecei a criar outros interesses e realmente, sinto-me mais realizada, mais feliz, foram experiências diferentes que me dão prazer.”* (D. Antónia, 80 anos).

A consciência de que outros significativos se mantêm nas suas vidas foi já referenciado por outra senhora. No entanto, esta noção não surge de forma imediata e leva tempo a construir. No caso da D. Ermelinda (73 anos), tal processo levou mais de dez anos mas hoje, olha à sua volta e diz: *“Hoje, com 73 anos é uma satisfação sem limite, ser avó (...)”*.

Ainda dentro da temática relativa à temporalidade, torna-se importante fazer referência a um discurso que se demarcou de todos os outros por ser único. A D. Clara (77anos), ao longo da sua história referiu-se ao tempo atribuindo-lhe ainda uma outra característica, para além das referidas. Falou-nos de um tempo que ajuda a ultrapassar as dificuldades e as adversidades: *“Agora, nada cura como o tempo, e o melhor conselheiro é o tempo (...)”*.

Por fim, ainda dentro dos discursos que se destacaram por apresentarem referências únicas em relação à dimensão “tempo”, concluímos com a alusão de que este tempo de viuvez pode nunca terminar, enquanto persistirem as memórias e os pensamentos, tal como nos diz a D. Maria (80 anos): *“Pronto, custou muito, custa muito. Mas é.... sabe eu tenho a impressão que as pessoas só morrem quando nós não nos lembramos delas. Portanto, ele está presente em tudo.”*.

### **Tipo de morte do cônjuge**

Em momento anterior, tivemos já oportunidade de fazer referência aos estudos levados a cabo no âmbito da temática do luto sobre a importância de a morte do cônjuge decorrer, ou não, após um período de doença, ou ser uma morte inesperada (Carr, 2001, Nolen-Hoeksema, 2001).

Nas histórias que demos a conhecer nesta dissertação o tipo de morte acabou por ser focado espontaneamente nos discursos. Aliás, esta dimensão era uma das primeiras referências das histórias, nomeadamente, quando se iniciava a temática da viuvez.

Pelo conhecimento das dez histórias apresentadas, podem destacar-se três tipos de acontecimentos. Conheceram-se histórias de mortes inesperadas,

sem que houvesse qualquer sinal indicador desse acontecimento; histórias de doenças prolongadas e histórias de doenças fatais, que tiveram uma evolução rápida.

As participantes que vivenciaram uma morte inesperada dos seus companheiros, apresentam respostas emocionais e discursos muito convergentes, quando nos centramos nos momentos iniciais dessa mesma vivência:

*“Fui despertada, por movimentos estranhos, e quando vi o que se passava, já nada havia a fazer. (...) fiquei em estado de choque.”* (D. Ermelinda, 73 anos).

*“Olhe, se lhe disser depois daí só me lembro, porque deram-me muita coisa, deram-me muita coisa, só me lembro de me terem dado, que eu nesse dia até tinha posto aqui para não incomodarem (...) e então levaram-me daqui, levaram-me daqui para o centro médico, então já não me lembro de mais nada, só lembro-me de dizer assim parece que a minha nora vem aí, porque ouvi dizer que ela vinha, não me lembro de mais nada, se me disser como é que eu fui se ia só a minha neta se eu fui logo para a cama se comi, se estive à mesa se não estive não me lembro de absolutamente de nada, nada, nada, nada...”* (D. Sofia, 78, anos).

*“Ele morreu de repente, de repente não porque ele ainda durou um dia. Ele tinha-me ido buscar ao hospital, por eu ter partido uma perna. Esteve nem 4 dias comigo, porque fazia 4 dias no dia em que morreu. Nesse dia foi aos recados, ele foi ao supermercado que eu tinha lá os meus familiares para comer, e ele é que foi buscar... vem e diz-me: precisas de alguma coisa? Digo-lhe eu: Não! “Então vou tomar banho”. Foi tomar banho e eu peguei nas canadianas, porque ele demorava muito, fui procurá-lo. Fui procurá-lo e vi-o já estendido no chão, já não falava, (...) morreu às 7 horas da tarde no hospital. Doloroso, eu nem queria acreditar”* (D. Carlota, 80 anos).

Os seus discursos estão muito centrados no choque e na descrença, na noção de que não era um acontecimento esperado no momento em que ocorreu. Existe inclusive, a experiência de um estado de choque tão intenso que levou mesmo ao esquecimento de alguns acontecimentos imediatamente posteriores à morte do seu cônjuge.

As experiências de viuvez, vivenciadas após um período prolongado de doença acabam por se traduzir numa interessante ambivalência discursiva, que é, aliás, convergente nas histórias que aqui se apresentam.

A D. Albertina é uma senhora que vivenciou este tipo de situação por duas vezes. Na primeira viuvez a D. Albertina (76 anos) relata a morte do seu companheiro, ao fim de nove anos de doença, como algo de certa forma inesperado: *“E depois de nove anos, ele faleceu. Estava bem. Estava bem porque... aquilo foi uma coisa que apesar de ter sido um soco que nos deu no peito, ele estava muito bem, nós não compreendíamos. O médico esteve lá eram 8 horas da noite, e o médico sentou-se, conversou comigo, só me faltou dizer... ele faleceu eram para aí umas nove horas da manhã. Ainda tomou uma injeção eram oito horas, lavei-o, mudou-se a cama, e tudo mais.”*. No entanto, no seu discurso surge igualmente a noção de que aquele estado de saúde não era digno para ninguém: *“ (...) eu não me mentalizava que aquilo era vida. Porque eu não posso ver uma pessoa assim. Eu não posso ver uma pessoa assim, às vezes lá na televisão e eu: Ai meu Deus, Deus se lembre daquela pessoa. É uma coisa que me dói na alma é as pessoas sofrerem, sofrerem e já velhinhas, velhinhas.”* (D. Albertina, 76 anos).

Na experiência da D. Maria (80 anos), acabamos por encontrar uma mesma ambivalência discursiva talhada por uma descrença no acontecimento, seguida por uma racionalização dos sentimentos: *“Foi horrível. Esse dia foi horrível. Eu nem queria acreditar, não é? Sabe, estávamos mais ou menos à espera.”*.

Quando olhámos as histórias que nos relatam viuvezes precedidas por um período de tempo relativamente pequeno de doença, já encontrámos alguma divergência ao nível das organizações de significado.

Das cinco histórias que aqui se enquadram, três delas encontram-se muito voltadas para o investimento à sua volta, no seu dia-a-dia e nos novos desafios que a vida lhes proporcionou. A D. Antónia (80 anos) fala-nos que esta perda a preparou para a vida: *“a partir daí tive de me preparar para a vida... tive de aprender, tive de realmente lutar porque nesse aspecto eu era completamente ignorante, em várias coisas que tinha de resolver na casa. Criei realmente outros interesses, tentei organizar a minha vida até com interesses muito diferentes dos que tinha na vida do meu marido, porque no tempo do meu marido eu vivia para a casa e para os filhos e para o meu marido e não tinha mais ocupações (...) e realmente, sinto-me mais realizada, mais feliz, foram experiências diferentes que me dão prazer.”*.



No caso da D. Conceição (78 anos) o período após a morte do seu companheiro revelou-se um momento de necessária mudança, na medida em que sentiu que era importante lutar contra o medo de estar só, e lutar contra a tristeza que a invadiu. Nesse sentido, o seu lema é: *“(...) dar-me aos outros, eu não faço nada para mim (...)”*. Por vezes sente alguma dúvida sobre a sua atitude, considerando-a egoísta e pouco correcta: *“(...) às vezes penso que perante Deus não tem muito valor porque foi para mim, talvez fiz isto por um egoísmo meu de não querer estar a pensar sozinha na minha solidão.”*. Conclui dizendo: *“(...) mas sinto-me feliz, sabe menina?”*.

A história da D. Manuela (83 anos) acaba por convergir com as anteriores quando salienta a urgência da reacção e da adaptação à perda por parte da viúva: *“O meu marido era uma morte esperada (...). Havia todo um problema sem solução e a que eu queria dar solução (...). Eu fiz de tudo... isso também me deu, uma vida tranquila, porque eu fiz o possível e o impossível para valer ao meu marido. (...) Eu fiz o meu programa de vida e comecei logo por ver que o que fazíamos a dois eu tinha que fazer sozinha, eu tinha que estar motivada para qualquer coisa, porque a pior coisa que pode acontecer a uma viúva é ela esperar que os outros lhe façam as coisas, fica numa dependência que depois muito dificilmente se livra dela.”*.

Estas três histórias convergem entre si na busca e na procura de novos desafios e diferentes motivações, permitindo, assim, uma adaptação, verbalizada pelas próprias viúvas, mais voltada para o exterior e para as pessoas que o povoam, mantendo como imagem de fundo as memórias que permanecem dos seus companheiros.

No entanto, é possível encontrar discursos menos positivos, mais voltados para o passado, e para o que se perdeu, e indicadores de menor investimento, tanto no presente como no futuro. Discursos marcados por sentimentos de desespero e solidão, que acabam por monopolizar a actual vivência destas senhoras.

A D. Esmeralda (83 anos) referiu ter sentido: *“(...) um choque muito grande (...)”* quando o seu marido faleceu. Hoje em dia verbaliza: *“Ele estava doente mas estava cá. Estavam os meus aposentos cheios, agora estão muito vazios.”*. Apelando ao desespero e à desmotivação que a assolam, termina dizendo que: *“A vida já não tem muito interesse.”*. A história da D. Clara (77 anos) é reveladora de uma

vivência *“muito amargurada, muito triste”*, desde que perdeu o seu companheiro. Actualmente diz não ter ninguém que a ajude e que a acompanhe, o que torna *“a minha vida”* num *“vale de lágrimas”*. Termina referindo que a morte do seu marido *“foi o desabar da minha vida. A minha vida perdeu tudo. Vivo porque Deus me dá vida (...) ninguém precisa de mim para nada.”*.

De qualquer forma, existe um discurso que acaba por fazer a diferença pela comparação que elaborou, estabelecendo um paralelo com as conclusões dos estudos de Carr, House, Wortman, Nesse e Kessler (2001) sobre a viuvez nesta fase da vida. A D. Manuela (83 anos), antes mesmo de fazer referência à sua própria perda, não quis deixar de salientar que:

*“É sempre muito difícil o dia da morte do marido, quer seja de doença prolongada, quer seja de doença súbita. Quando é uma doença súbita, pois é um desgosto tremendo mas quando se acompanha o sofrimento de um marido, de um homem que se amou uma vida inteira e se vê a sofrer assim eu diria que o desgosto é igual, tanto faz a morte ser de doença prolongada como de doença rápida. Perdeu-se o homem da nossa vida, o companheiro, o confidente, a pessoa com quem se construiu uma vida.”*.

### **A vivência da viuvez**

A integração deste indicador está relacionado com vários aspectos, focados por algumas senhoras, que acabaram por fazer parte do processo de atribuição de significado para cada vivência em particular.

Os elementos a apresentar estão relacionados com os momentos, ou dias, que se seguiram ao falecimento dos cônjuges, nomeadamente, os rituais de luto, as cerimónias fúnebres, os primeiros dias em casa sem o seu companheiro, o apoio recebido, entre outros.

A este nível acabámos por ter diversos significados, e diferentes formas de interpretar as mesmas questões ou desafios, conforme cada viúva e cada história. A convergência pode existir no que se refere às emoções sentidas, no entanto, e como iremos ter a possibilidade de verificar de seguida, quando

abordamos questões mais específicas de cada vivência, a diversidade torna-se um elemento cada vez mais frequente, na experiência da viuvez. Aliás, nem todas referem os mesmos momentos na sua história, talvez porque outros elementos se destaquem na formação de sentido e significado para este luto.

A vivência da D. Maria (80 anos), enquanto viúva estende-se num curto período de três meses. A sua presença no funeral do seu marido foi muito importante, pois conseguiu perceber a quantidade de pessoas que lhe queriam bem a si e ao seu companheiro: *“Muito amada por eles todos e o meu marido era uma pessoa muito amada pelos amigos e por toda a gente. Era muito, foram muito, toda gente foi fantástica. Tudo, tudo, tudo... e aqui em casa e tudo... telefonemas e visitas, e isso tudo, foi, foi, foi (...).”* Como em todos os funerais, não conseguiu assistir ao descer do caixão: *“ (...) só há uma coisa que eu não consigo ver a ninguém e a ele muito menos. Não consegui ver descer o caixão à cova... não consigo, não consigo.”*. Ainda hoje, as visitas ao cemitério são vividas com muita angústia, como uma rotina que preferia que não fizesse parte da sua vida: *“Custa-me muito ir ao cemitério. Custa. Sabe que a primeira vez que fui ao cemitério, agora já está a campa preparada, mas mesmo assim é quase a mesma coisa. A primeira vez que fui ao cemitério ainda estava a terra, que ainda não se podia... deu-me, fiquei com uns nervos que só me apetecia ir cavar aquela terra toda, porque sei que está ali um corpo a apodrecer! Horrível, é horrível. Eu não gosto de ir ao cemitério. Que hei-de fazer? A minha filha é que vai lá... eu vou uma vez por semana e ela também vai mas, se ela puder ir nem me vem buscar vai e só me diz depois. Eu tenho ido com a minha empregada, sozinha não vou. Porque a mim angustia-me, eu sei que está ali!”*.

No entanto, os primeiros dias após a morte do seu companheiro foram vividos com grande intensidade emocional: *“Estava magoada, angustiada, não conseguia rezar as minhas orações. Muito complicado. Ia para a cama e custava-me muito adormecer, não é? A minha irmã fez-me muita companhia, não me deixou ficar. Eu não conseguia vir aqui para a sala, só conseguia estar na sala de jantar.”*. Actualmente, sente que já regressou ao seu funcionamento normal: *“Agora já venho e pronto... e depois talvez passado para aí.... 15 dias já comecei a fazer a minha vida normal. Foram 15 dias assim de maior choque. Claro, continua sempre, não é? Está sempre presente, em tudo está presente aqui em casa.”*.

Desde o dia em que enviuvou, a D. Maria enverga roupa de cor preta, sendo esta uma atitude pela qual assume a total motivação e responsabilidade:

*“Estou. Estou porque não me apetece pôr outra cor. (...) Não é por causa da sociedade, nem dessas coisas. É porque me apetece, apetece-me. E pronto... mas quando me apetece tirar, tiro. Para já estou (...).”*

Por fim, destaca aquilo que lhe tem sido mais difícil de vivenciar: *“As noites... as noites (...)”*. No entanto, a dificuldade que sentiu levou-a a criar uma estratégia para conseguir ultrapassá-la: *“ (...) só me vou deitar quando estiver bêbada de sono... quando eu sentir que vou dormir é que vou para a cama, seja a hora que for... por que se for sem sono não consigo dormir e é muito pior. Começo a cismar a pensar muito nele, que não está cá, nessa altura é que penso mesmo... nessa altura fico assim um bocadinho angustiada e portanto evito, procuro isso quando estou mesmo com muito soninho, muito cansada, com muito sono.”*

A história da D. Carlota (80 anos), dá-nos a conhecer uma viuvez muito solitária e triste: *“A minha experiência de ser viúva é um bocado aborrecida. (...) porque estou sozinha (...) a minha família não quer saber (...)”*. Esta experiência veste-se de luto desde o dia em que perdeu o seu marido: *“Eu tinha vontade de nunca tirar o luto (...)”*. No entanto, ultimamente, tem começado a pôr umas roupas menos pesadas: *“Estou de luto há 4 anos mas agora ando a tirar porque toda a gente me diz que é muito tempo, que não vale a pena, porque ele está a sofrer. Se está a sofrer ou não, não sei, e eu comecei a aliviá-lo... comecei a meter umas blusas assim, mais clarinhas.”*. Por fim, destaca o facto de ter conseguido estar presente no funeral do seu marido, onde se congratulou por ter encontrado muito apoio de pessoas amigas: *“Tive, tive, mais dos meus amigos até do que da minha família. Tenho muito bons amigos...”*. Terminou contando aquilo que tem sido mais complicado de vivenciar, tem sido a solidão: *“Olhe menina, a minha vida correu sempre muito bem. Agora corre um bocado mais mal. Não é o dinheiro para comer que falta.... é a companhia (olhos rasos de água).”*

Da sua vivência enquanto viúva, a D. Ermelinda (73 anos) destaca o sofrimento e a luta pela vida como as situações mais difíceis de ultrapassar, porque tiveram que ser vividas a título individual. Estas adversidades foram acompanhadas de um luto muito pesado: *“Sofri muito com tudo isto, o luto continuava de tal maneira que andei sempre vestida de preto, mais de dez anos e o meu coração e todo o meu ser era triste. Perdi a alegria. Ainda hoje, volvidos 30 anos, recordo com tristeza os momentos passados (...)”*.

Da sua vivência, a D. Albertina (76 anos) destaca o que sentiu como mais difícil enquanto viúva, mesmo que o tenha sentido já na sua segunda viuvez. Neste sentido, esta senhora conta-nos que aquilo que mais receio lhe provocou, mas a surpreendeu de forma positiva, foi o ter conseguido lidar com assuntos da casa que não eram da sua responsabilidade: *“Realmente foi o tomar conta do barco sozinha, o ter sido capaz, digo eu.”*

Aquilo que recorda com mais orgulho é o funeral do seu marido. A D. Conceição (78 anos), relata-nos uma missa de corpo presente que foi para ela uma *“apoteose”*, quase como que um agradecimento pelo que o seu marido tinha conseguido fazer ao longo de uma vida: *“Quando ele faleceu apareceram catorze padres no funeral dele, todos a celebrar no altar... eu fiquei tolinha com tanto padre, e eu não telefonei a ninguém menina. Ele morreu de Sábado para Domingo, no Domingo não veio nada no jornal porque morreu às 5 horas da manhã, Segunda-feira é que se pôs no jornal que o funeral era às 4 horas, quando foram à capela eles foram depositá-lo na sacristia do lado norte da nossa igreja de M., não foi para a capela mortuária, o padre não quis que ele ficasse lá. Eu quando vi vir os acólitos e aqueles padres todos, todos, tantos... a vir buscar o corpo onde ele estava em câmara ardente. Depois fomos para a igreja, aquele altar cheio de padres, catorze... até cheguei a casa e aponte o nome deles todos, todos... todos conhecidos... o funeral dele foi uma apoteose, a igreja cheinha. Os escuteiros, porque eu e ele éramos os responsáveis pelos escuteiros cá da paróquia, os escuteiros pediram para o levar, não deixaram ir os senhores do armador, pediram para cobrir a urna com a bandeira deles. Ele a entrar na igreja e o coro a cantar.... Eu caminharei na presença do Senhor... olhe toda a gente chorava, ele era muito bom, ele fazia bem a toda a gente trabalhava muito de graça para todos, tudo o que lhe pedissem ele fazia, era... ele deixou boas recordações.”* A perda que sentiu assumia proporções que a D. Conceição nunca pensou conseguir ultrapassar. Neste aspecto, esta senhora conseguiu superar aquilo que achava impossível, mas com muito orgulho em si: *“Olhe, comigo fiquei, de poder aceitar, que eu julgava impossível, e depois aceitar, para mim foi uma surpresa.”*

A história da D. Antónia (80 anos), remete-nos para uma viuvez que, durante oito anos, foi vivida a uma só cor: *“(...) tive ritual de luto, e luto muito pesado e muito demorado... muito demorado.”* Naquela altura, sentia-se entristecida, sem vida, e era esse o significado da cor preta: *“ (...) os meus filhos por fim, traziam, ofereciam coisas menos pesadas, até digo chocantes para mim porque para mim, tudo me*

*chocava, tudo que fosse mais claro do que aquilo que eu queria usar... usava por dentro e queria transpor para o exterior... era a mesma coisa, tanto dentro como no exterior... andava tudo negro.”. Hoje em dia, no entanto, é com grande determinação e satisfação que nos conta: “E é uma transformação grande em mim porque eu agora não gosto de me ver de preto (sorriso). Visto preto, realmente visto e até me sinto bem, numa cerimónia qualquer mas, no dia a dia eu já não gosto... agora já não gosto.”.*

Dos primeiros dias guarda a memória de ter vindo logo para a sua casa, de ter conseguido manter-se no seu canto: “ (...) eu vim logo para minha casa, deitei-me logo na minha cama (...) E depois quando vim para casa vim logo para o meu quarto e deitei-me logo na minha cama. Aguentei isso muito bem...”. Da sua vivência, ao longo destes dezassete anos enquanto viúva, a maior dificuldade que sentiu, e sente, é: “ a falta do meu marido (...) porque realmente não sei o que me marca mais a não ser a falta dele (...)”.

A D. Manuela (83 anos) destaca da sua vivência a necessidade em renunciar a muitas solicitações, apelando à capacidade de adaptação que é precisa numa nova situação de vida, numa nova realidade: “Ai, a viuvez faz renunciar a tanta coisa! Há muita renúncia que tem que se aceitar. E aí está o grande problema da viuvez.”. Mesmo assumindo esta posição, a D. Manuela sente ainda alguma inibição, em determinados contextos ou situações: “Eu estava muito habituada, com um marido mais velho, que não me deixava ir a sítio nenhum sem ir ele ao lado. Ora, isso é que eu estou um bocadinho... ainda hoje estou um bocadinho inibida em poder (...) só no Algarve, e ia porque tenho um problema ósseo sério e então, aí, talvez no Algarve, aquilo é um bocadinho impessoal (...) E então aí sim, eu entro sozinha num restaurante, entro e como o que me apetece, um grelhado qualquer e saio. Aqui, na minha cidade, ainda hoje não consigo, entrar sozinha, almoçar e sair.... são os tais pequenas coisas que há que respeitar. E como vê estou vestida de vermelho, e no entanto não sou capaz de entrar sozinha num restaurante.”.

Salientando que “ (...) não é na roupa que está o luto (...)”, a D. Manuela conta-nos como foi enviuar há quase três décadas atrás: “O minha filha, eu estou viúva há vinte e nove anos, naquele tempo eu andei dois anos toda de preto, com minhas pretas e tudo, e dois anos a aliviar. Hoje eu vou às missas de sétimo dia, as viúvas já tá tudo de cor, já tá tudo de cinzento e bege e branco e da cor que calha. Portanto olhe que até os tempos hoje são outros (...)”.

Da sua vivência enquanto viúva, a D. Clara (77 anos) salienta o momento em que o seu marido a deixou: *“Depois, de tarde lá vou eu, que já o trouxeram, para a igreja da T.. Onde estive lá três dias, Sábado, Domingo e Segunda até às 10h. Que na segunda feira teve missa de corpo presente, (...) queria ser cremado (...) Eu decidi então que ele ficaria depositado na casa mortuária da T. e depois ao final partia para o P. do R.. E estive Sábado, Domingo, e Segunda foi a missa às dez horas. Às onze horas partiu e lá ficou e eu fiquei aqui! Só! Cada vez mais amargurada, cada vez mais triste.”*

Os seus rituais de luto não foram muito prolongados no tempo. Envergou roupa totalmente preta durante seis meses: *“ (...) eu andei seis meses toda de preto. Ao fim de seis meses, comecei a vestir o azul marinho. Calça preta, quando saio, calça preta ou azul marinho, ainda não sai do azul marinho, do preto e do branco. Mas no fim desta época, quando chegar, faz para Outubro um ano, aí, não quer dizer que ponha logo vermelho mas, vou alterar um bocadinho (...)”*

A D. Sofia (78 anos) utilizou luto na altura da morte do seu marido: *“Fiz mas pouco luto.”* A razão que a manteve pouco tempo de luto está associada ao que sabia que o marido menos apreciava: *“ (...) porque o meu marido não gostava, era sempre o que ele mais dizia não gostava e então de preto, não me gostava de ver de preto, e além disso ele também não era muito disso. Quer dizer andei seis meses ou o que é que foi, mas vesti logo branco também, o preto mas com branco e tal ou o roxo, não fiz aquele luto que dantes se fazia...”*

Mesmo não valorizando estes aspectos mais formais da vivência da viuvez, a D. Sofia vive agarrada à tristeza de não ter atingido um objectivo: *“ (...) para mim o que mais me custa é não termos chegado aos cinquenta anos, eu andava idealizar essa data.”*

### **O papel dos filhos e da família na vivência da viuvez**

No que se prende à família e, nomeadamente, à presença de descendência pensa-se que a existência de um suporte claro e bem estruturado, em torno da pessoa viúva, poderá facilitar a vivência desta fase.

Na realidade, ao nível da exploração teórica levada a cabo na primeira parte desta dissertação, existem alguns estudos que se referem à importância

de outros significativos, nomeadamente da família, no auxílio e suporte à pessoa viúva. A presença de apoio emocional nos primeiros momentos de luto é apontada como sendo essencial por Berna van Baarsen (2002). A autora van den Hoonaard (2001) fala sobre a necessidade de existir uma relação equilibrada entre os filhos e os pais viúvos, onde haja o suporte e o interesse em ajudar a figura parental mas, simultaneamente, haja um respeito pela sua privacidade.

Olhando agora as dez histórias recolhidas percebe-se a importância que a presença de filhos e familiares tem na adaptação à viuvez. As pessoas que não têm filhos acabaram por expressar que a sua vivência é menos bem sucedida pelo facto de não terem o apoio, o colo de um filho ou de um outro familiar. Esta perspectiva foi verbalizada por três senhoras que não têm filhos:

*“A minha experiência de ser viúva é um bocado aborrecida. É, primeiro porque não tenho filhos, segundo porque estou sozinha, terceiro que a minha família não quer saber (...) as viúvas que eu conheço todas ficam ocupadas, ou com os filhos ou com os netos... porque não há quem não tenha filhos. Tudo tem a sua ocupação, é uma vida totalmente diferente da minha... a minha é uma vida mais desolada...”* (D. Carlota, 80 anos).

*“Eu não tinha muito desgosto de não ter filhos mas ele tinha muito desgosto de não ter filhos. (...) Agora, tenho muita pena por não ter um filho. Agora sinto muita falta. As minhas irmãs, os meus irmãos morreram todos.”* (D. Esmeralda, 83 anos).

*“Para mim tem-me custado muito. Tem-me custado muito. Há outras senhoras a quem não custa tanto porque têm o aconchego das famílias e sabe, por exemplo... a senhora a quem se enterrou o marido a semana passada. O marido morreu e ela esteve até ao dia da missa de sétimo dia em casa do filho. Esse acompanhamento... Esta semana, ontem, esteve aí outra vez o filho e a nora. Agora eu, o meu marido morrer, eu chegar a casa e eu ali naquele sítio sozinha. Tinha ali duas camas, tirei, mandei tirar uma das camas. Ficar ali só, sozinha, sem ninguém. Virava-me para um lado, parece que o via, virava-me para o outro a ver se, e na realidade não tinha ninguém (...) nós não somos umas mais que as outras mas a umas custa mais do que a outras. Nem eu me considero mais do que ninguém. Eu digo, há dores e dores e há certas dores que se forem acompanhadas não custam tanto, mas aquelas dores que a gente tem que*



*suportar sós, completamente sós, sem ter uma única pessoa...”* (D. Clara, 77 anos).

A presença de filhos já não se torna um aspecto tão consensual no que se refere aos discursos recolhidos. Ou seja, as relações entre pais e filhos, ainda no período de não viuvez, acabam por marcar um pouco a direcção e o sentido dessas mesmas relações, após a perda de uma das figuras parentais. A variabilidade de perspectivas sobre o apoio que os filhos podem/devem proporcionar é mais significativa neste grupo de mulheres, do que no anterior.

A D. Maria (80 anos) vivencia uma relação muito próxima dos filhos, desde o momento em que ficou viúva. No entanto, teve que fazer compreender aos seus filhos que não pretendia abdicar de viver na sua própria casa: *“Bem, eles sempre foram chegadoinhos, não é? Mas agora, realmente, estão, estão a dar-me colo que é uma coisa por demais. Estão sempre a telefonar, eu telefono, duas vezes ao dia ou sei lá quantas e eles vêm, vêm-me buscar e.... procuram que eu não esteja só muito tempo. Queriam muito que eu fosse para casa deles ou assim, um e outro mas eu não vou. Vou só quando me apetece. Enquanto estiver com saúde, não digo que de hoje para amanhã adoeça e não precise de um deles constantemente mas, procuro até não os aborrecer e que ninguém me aborreça. Gosto também de estar... eu não me importo de estar só. Eu preencho o meu tempo. Não me importo nada de estar só. Não, não me importo. E portanto, gosto de estar na minha casa, de fazer aquilo que me apetece. Muito independentesinha (...).”*

Com um percurso muito semelhante ao da D. Maria (80 anos), a D. Antónia (80 anos) experienciou um aproximar por parte dos seus filhos: *“ (...) praticamente não mudou nada porque os meus filhos foram sempre muito presentes também, muito amigos da mãe, dos pais... sentiram também muito a falta do pai, mesmo os mais novos... é que eu tive dois filhos já podia ser avó! E esses mais novos que ainda não estavam preparados para a vida, sentiram a falta do pai, porque o pai apoiava-os muito, mas a relação dos meus filhos para comigo foi talvez um pouquinho mais presente, porque nessa altura sabiam que a mãe estava mais só então aproximaram-se mais mas de qualquer maneira os meus filhos foram sempre muito presentes.”*. Mesmo assim, acaba por referir que a grande dificuldade foi tornar-se mais independente em relação aos seus filhos, bem como, ao seu novo estatuto.

A história da D. Ermelinda (73 anos) acaba por nos encaminhar para uma percepção de que a relação com os seus filhos tem sido positiva. No entanto, o seu discurso salienta unicamente a amizade, que diz sentir por parte destes,

introduzindo igualmente o sentimento de satisfação que sente em ser avó: *“(…) espero uma netinha, que se Deus permitir, irá nascer em Outubro próximo, da minha filha mais nova, a que me deu muitos problemas, mas que é muito minha amiga. Os outros dois, também o são, graças a Deus. Vivo, agora este momento de alegria e esperança. Já não é novinha para ser mãe, mas foi sempre o sonho dela e Deus fez-lhe a vontade. Hoje, com 73 anos é uma satisfação sem limite, ser avó (…)”*.

No caso da D. Albertina (76 anos), a referência aos filhos não surge muito associada ao apoio que estes lhe providenciaram após as suas viuvezes. A postura desta senhora é a de mãe, de protectora e de conhecedora da realidade dos seus filhos, não introduzindo no seu discurso as mudanças que, eventualmente, se evidenciaram na sua relação com as “suas raízes”: *“Os meus três filhos: “Raízes de uma árvore fraca que açoitada pelo tempo, era forte, bastante forte, resistia a tudo. Raízes que significam tudo de mais belo para mim. A mais velha é rija, extremamente sincera, com grande coração mas um tanto retraída. Boa mãe, boa esposa o que me deixa tranquila. A segunda, com muita determinação, preponderância, respeito por todos os que o rodeiam, com uma aparente calma, que nem sempre é real. A terceira, essa é inconstante e insegura mas com um coração bom. Bastante infantil. Pois é esta raiz que mais me preocupa.”*. Mesmo assim, ao longo da sua história surge a satisfação por um dos seus filhos ter optado por continuar a viver com ela após a morte do seu segundo marido: *“Acontece que quando o meu marido ficou pior, ele veio para cá ajudar porque ele tinha medo que eu às vezes me pudesse sentir numa aflição, por de noite estar aqui sozinha, não lhe fazia diferença e aqui ficou, foi ficando e aqui está. E isso foi para mim uma coisa maravilhosa (…)”*.

A experiência da D. Conceição (78 anos) tem sido vivida com uma crescente sensação de bem estar e de estabilidade pelo simples facto de sentir que *“sou muito feliz porque tenho quem me ampare e quem me ajude (…)”*.

Nem sempre o apoio que se recebe dos filhos é o que estaríamos à espera. Por vezes, as expectativas podem ser frustradas por não corresponderem ao que se estava à espera. Na história da D. Sofia (78 anos), o apoio que o filho lhe proporciona é meramente instrumental. Muito neste sentido, a D. Sofia acaba por verbalizar que prefere manter as coisas da forma como estão porque receia ser um embaraço, uma preocupação e um limite para o seu filho e sua família: *“a história de estar junto com os meus... acho que não. Só se eu estivesse em plena forma, se eu estivesse em plena forma de poder ajudar, de mexer-*

*me, de poder ajudar, de poder fazer isto ou fazer aquilo. Agora, por exemplo, estar junto com eles e estar dependente de isto ou daquilo (...) não.”.*

Como forma de finalizar esta temática, vamos utilizar novamente as palavras da D. Manuela (83 anos), uma mulher que esteve casada durante trinta e sete anos, sem nunca ter tido filhos. Na sua perspectiva, uma mulher sem filhos, encaminha *“toda a sua ternura (...) para o marido”. “Não deu ternura nem aos filhos, nem aos netos, era só para o marido. E então, uma viúva que ficou sem filhos não sente nem mais nem menos, sente talvez de uma maneira diferente porque depois fica com uma ternura que já não se manifesta mais, em mais ninguém.”.* Termina o seu raciocínio utilizando algum humor: *“Depois a gente passa a gostar dos filhos dos outros, que não é bem a mesma coisa, não é bem a mesma coisa.”.*

### **Residência própria ou lar residencial**

Os discursos apresentados ao longo das entrevistas encarregaram-se de dar destaque a este indicador. O facto de um lar residencial ser uma realidade para três senhoras entrevistadas acabou por nos levar a encontrar diferenças no processo de atribuição de significado à vivência da viuvez. Ou seja, estas senhoras verbalizam que, um dos elementos dificultadores de uma vivência mais adaptada à perda dos seus companheiros, se prende com o facto de habitarem num lar, e, consequentemente, não se sentirem como na sua própria casa. De qualquer forma, convém salientar que a opção de irem viver para um lar foi de ambos os cônjuges e, como tal, vivida e decidida a dois. Talvez esta decisão seja agora, no presente, vista com outros olhos, com a certeza de se estar só num espaço que foi escolhido a dois.

Por exemplo, na história da D. Clara (77 anos) esta decisão foi tomada a dois, mas, foi imediatamente interpretada como uma má decisão: *“ (...) bem não estou... estou bem num sentido, bem de feliz, de estar aqui, nunca estive, há quem esteja. Há aqui quem esteja e que diga que estão felizes, eu não estou... (...) estar aqui só me trouxe amargura, a mim e ao meu marido.”.*

Para a D. Sofia (78 anos) a entrada para o lar residencial também foi uma decisão conjunta com o seu marido. No entanto, esta decisão foi acompanhada

por uma incompreensão familiar que ainda se mantém nos dias de hoje: “(...) *eu primeiro também não gostei, mas depois comecei a pensar, a gente está tão longe, fizemos a casa aqui, eles para lá... e pronto. Num sábado em que eles lá foram apresentamos o assunto, nós pensamos isto assim e assim, e vamos para um lar o que é que vocês acham? Eu recordo-me que a minha nora foi a primeira que falou e disse que não, se pensam assim façam o que quiserem. Só disseram façam o que quiserem.*”. Mesmo não tendo compreendido a atitude dos pais, o filho da D. Sofia mantém uma preocupação em acompanhar a sua mãe semanalmente no entanto, o mesmo não se pode dizer da sua nora e netas: “*Só veio aqui três vezes. A minha nora só veio aqui três vezes e as minhas netas nem três vezes.*”.

O facto de estar num lar, dá a sensação de estar mais isolada dos contactos que mantinha com as colegas do trabalho: “*Aqui, tinha as amigadas do emprego mas que agora, ultimamente pouco tenho estado... porque eu deixei de ir. Porque enquanto o meu marido era vivo, ele ia lá levar-me, mesmo já depois de estarmos aqui e depois ele ia ter com os colegas do banco, ia comer com eles e tal e depois às tantas ia-me buscar. Depois, passei a não ir. Agora é só assim por telefone e depois uma adocece, a outra assim. No princípio ainda vinham aqui mas depois agora não há aquele contacto mais frequente por isso, aqui, eu estou praticamente isolada, isolada.*”.

Outra dificuldade que encontra, em viver num lar, prende-se com o facto de estar praticamente cega e precisar de muito auxílio em tarefas tão simples como o vestir, algo que ainda lhe dá prazer, ou a alimentação, ajudas que anteriormente eram prestadas pelo seu marido: “*E ainda mais para mim acho que é aborrecido, vai ver, ainda esta semana vai ser fanecas ou até carapau com muitas espinhas, e é muito aborrecido detectar as espinhas quando está a comer porque eu não as vejo e tal, e é aborrecido estar a tirar para fora com outras pessoas ali... isso é uma das coisa que sinto muito mal... e cada vez está pior. (chorar) (...) era o meu marido, era ele que me tratava da vista era ele que fazia estas coisas... quantas vezes tenho a vista com pus... ele mal se levantava ia logo tratar disso e tirar a prótese fazia a limpeza... a gente querer e ter que esperar uma ou duas horas ou três horas ou....( choro).*”.

As restantes senhoras, sem excepção, mantêm-se nas suas casas, nos locais onde viviam com os seus maridos. Em todas as histórias é evidente o orgulho e a satisfação por conseguirem viver sozinhas visto que, nenhuma delas tinha experienciado anteriormente uma situação semelhante<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> No caso da D. Albertina (76 anos), esta situação não se coloca visto que, esta senhora experienciou um período de ano e meio a viver sozinha na sua casa, após a sua primeira viuvez.

Recorremos para finalizar esta temática a uma estratégia desenvolvida pela D. Manuela (83 anos) para conseguir superar a ausência física do seu marido: “ (...) pensei: Bem, até aqui tinha o meu marido presente, agora vou pô-lo em tudo quanto é sitio, é fotografia aqui, é fotografia ali. Há viúvas que não querem, e eu era ao contrário. Pus a fotografia em frente à cama, pus os meus santinhos e o meu marido por baixo, a minha fotografia e a dele quando fizemos 25 anos de casados. Depois na mesinha de cabeceira pus o retrato dele, que sempre tive no quarto, e depois o último retrato que tiramos juntos. Depois fiz toda uma série de, o meu marido era um bem disposto, um folião, e eu rodeei-me daqueles momentos que eu queria voltar a viver a olhar para lá.”

### **Fé e crenças religiosas**

De uma forma geral, todas as senhoras apresentaram um discurso religioso, voltado para a fé e para a crença de que “Deus” as ajuda a superar qualquer dificuldade que possa surgir nas suas vidas. A viuvez surge, assim, como um acontecimento vivido e suportado com o auxílio numa crença divina, numa entidade que as “leva ao colo”, como disseram a D. Manuela (83 anos) e a D. Conceição (78 anos).

É na crença religiosa que estas mulheres sustentam as suas forças e as suas vontades em reagir e mudar. A título de exemplo, referimos o discurso da D. Ermelinda (73 anos) e da D. Conceição (78 anos):

*“Os meus sentimentos levaram a uma modificação muito grande, mas a fé em Deus, não foi abalada e essa força é que me deu coragem para ir vencendo as etapas que me surgiram, dia a dia.(...) Ainda hoje, volvidos 30 anos, recordo com tristeza os momentos passados, mas agradeço a Deus a força que me alimentou e fez vencer, na vida.” (D. Ermelinda).*

*“ (...) nesse dia que recebi a Santa Unção, aquele sacramento, eu senti uma reviravolta dentro de mim senti um a força de viver sabe... aquele sacramento deu-me força... e daí então para cá a minha vida normalizou mais.” (D. Conceição).*

Existiu um discurso que se demarcou pela alusão à possibilidade de as outras pessoas não partilharem a mesma fé e religião, e o respeito que era necessário manter em relação a essas mesmas pessoas. A D. Manuela (83

anos), define-se como uma mulher católica, com grande fé em Deus. Esta sua posição não a impede, no entanto, de perceber que outras pessoas possam ter uma visão diferente da religião ou da fé: *“A fé é uma coisa tão íntima, tão pessoal, tão sublime, tão espiritual, que é difícil, é difícil de explicar. Porque eu sou uma pessoa que respeita em absoluto quem não tem fé, para mim tanto faz que tenha fé como não tenha fé, cada um é como cada um. Isso para mim. Até porque eu sou daquelas que dizia muitas vezes no nosso movimento: meninas isto é um movimento católico mas a fé não se impõe a ninguém, propõe-se. O verbo é diferente, a fé propõe-se.”*. Novamente, o seu discurso demarca-se dos restantes quando nos fala sobre a relação entre a viuvez e a fé: *“uma provação ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé. Quando uma pessoa tem uma provação, e a viuvez é uma provação, ou um filho ou assim, ou um grande problema na vida, uma pessoa quando vê que nada mais a consegue confortar, não encontra mais solução para aquilo, a gente vira-se para o Deus e procura uma fé que nos dê força (...), uma força interior que a gente à volta já não encontra. Porque quando uma pessoa tem um desgosto muito grande diz: “Porque é que me aconteceu isto a mim, meu Deus? Porque eu não merecia isto.”. E.. vem uma reacção... “Porque Deus não existe porque se existisse não me tirava o filho, não me tirava o marido.”. Ou então vem o reforço da fé. É uma pessoa que, não há palavra à volta, não há nada que a conforte como aquela paz, aquela quietude que dá a religião. Porque a gente chega à igreja e olha... até se olha para uma coisa inexplicável, até se olha para uma imagem que não é a imagem que estamos a ver, pelo menos vê o que está atrás, acima daquela imagem. E portanto, uma grande provação, ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé. E é por isso que eu vou por um bocadinho de espiritualidade na vida para, por um bocadinho de calma, de calma que até faz bem. Porque a viuvez é dura, muito dura, muito dura e muito difícil (...).”*

É importante fazer referência à existência de um discurso de fé, composto por uma tonalidade diferente. A D. Sofia (78 anos) sente muita fé e assume-se uma pessoa religiosa e praticante. No entanto considera que: *“ (...) se tivesse mais fé que as coisas não seriam assim.”*. Acaba por contradizer e invalidar a fé que sente: *“ (...) não tenho aquela religião que gostaria de ter, não! (...) acho que não sinto aquela fé que seja fé. Tanto que para mim todos os dias quando rezo peço para que tenha essa fé mas eu vejo que não tenho (...).”*

Ainda no sentido dos discursos que divergiram na forma como atribuem significado a esta vivência de viuvez, surgem dois relatos em que a fé é associada a um pedido muito pessoal. A D. Clara (77 anos) e a D. Esmeralda

(83 anos), utilizam a sua fé e devoção a Deus para pedirem um fim de vida não associada à doença e ao sofrimento:

*“Só peço a Deus que me dê uma morte boa, que não esteja a sofrer numa cadeira de rodas...”. (D. Esmeralda).*

*“Agora, quanto ao ser católica, eu sou católica, praticante, temente a Deus e sempre com a esperança que Ele me conceda a graça que eu lhe tenho pedido, de não me deixar aqui acamar, não queria acamar, queria que Deus... eu me deitasse e acordasse já no outro lado... eu queria.”. (D. Clara).*

### **Dependência económica do marido**

Este indicador surge por factos que caracterizaram uma época histórica e cultural. Como já foi anteriormente referido, estas mulheres nasceram e viveram num tempo particular que determinou vários aspectos da sua vivência, nomeadamente, o facto de serem trabalhadoras, ou permanecerem em casa, sendo essa a sua responsabilidade enquanto mulheres. De igual forma, algumas das senhoras entrevistadas fizeram referência ao facto de viverem com menos rendimentos, desde que são viúvas. Algumas salientam-no como algo difícil de vivenciar, traduzindo-se mesmo no motivo pelo qual algumas pessoas se afastaram delas de forma deliberada: *“Porque a vida agora é outra, eu estou sozinha e não posso dar aquilo que dava... de maneira que, afastaram-me um bocadinho.” (D. Carlota, 80 anos).*

No conjunto das entrevistadas, a maioria esteve sempre economicamente dependente dos seus maridos. No caso da D. Clara (77 anos), esta foi uma opção posterior ao seu casamento, visto que tinha já iniciado uma profissão: *“(...) lá estive uns poucos de anos. Ainda era solteira... depois de casada não ganhei um único tostão ao meu marido... gastava-os, mas ganhar nunca ganhei um tostão.”.*

A determinação cultural do tempo em que cresceram, associado ao que seria de esperar que uma mulher fizesse, acaba por ser um elemento a ter em conta na análise das histórias de seis viúvas. As restantes quatro mulheres iniciaram uma profissão, que mantiveram até à idade da sua reforma.

A este propósito, a D. Manuela (83 anos) falou-nos da sua experiência com outras viúvas. Desta sua vivência de longos anos com mulheres viúvas presenciou variadas situações, das quais salienta este aspecto da dependência económica, principalmente após a morte do marido:

*“ (...) havia viúvas que julgavam que eram ricas e que faziam uma vida, o marido era um homem que gostava de viver a vida e fazia uma vida com uma certa largueza, liam, passeavam e vestiam e a casa e tudo e elas pensavam que eram ricas. O marido morria e naquele tempo, há vinte e tal anos, desaparecia a fonte da casa e elas iam a ver e a coisa estava mal. Havia outras que eram casadas com forretas (risos) com forretas, que discutiam tostão a tostão e quando eles morriam elas estavam ricas sem saber que estavam ricas.”.*

Reforça demonstrando como esta situação era constrangedora para as mulheres que conheceu, salientando as diferenças que se verificam nos nossos dias:

*“Porque havia senhoras que nunca tinham passado um cheque e nem sabiam o que isso era. Havia senhoras que não tinham contas conjuntas, havia senhoras que viviam numa santa ignorância que pasmava. Hoje já não é assim. Hoje toda a mulher que trabalha, pois com certeza, está familiarizada com os problemas da assistência, do que tem direito, ao que não tem direito e com os sindicatos e com tudo. Elas hoje sabem tudo.”.*

A circunstância do marido ser o único elemento do casal a auferir rendimentos da sua profissão implicava algumas contingências, ou seja, este era também o único elemento do casal que assegurava os pagamentos da água, luz, bem como, a gestão de todo o orçamento familiar. Neste sentido, o desaparecimento deste elemento introduz, nestas mulheres viúvas, para além de muitas outras questões, a insegurança e a incerteza sobre serem capazes de assegurar a gestão do lar, que agora dependia só de si próprias. Para algumas das mulheres entrevistadas, a noção de que eram capazes de levar esta tarefa a cabo com sucesso foi incluída nos seus discursos como algo que as surpreendeu, de forma bastante positiva: *“Realmente foi o tomar conta do barco sozinha, o ter sido capaz (...)”* (D. Albertina, 76 anos).



Outros testemunhos acabam por evidenciar uma menor preocupação com este tipo de questões, já que sabiam, de antemão, que financeiramente não teriam nenhum tipo de limitação após a morte do seu companheiro: “ (...) *porque graças a Deus eu não fiquei com privações de nada, eu mantive sempre o mesmo sistema de vida, vivi sempre com o indispensável, até com mais do que o indispensável... os filhos continuaram sem dificuldade nenhuma a avançar nos seus estudos que era o que faziam nessa altura.*” (D. Antónia, 80 anos).

De uma forma geral, os discursos acabaram por não convergir na atribuição de significado a este indicador, como elemento, potencialmente, dificultador da vivência da viuvez. Esta afirmação ganha maior ênfase quando verificámos que, mulheres que sempre tiveram uma profissão, não incluem no seu discurso a preocupação com a diminuição dos rendimentos.

### **A possibilidade de outro relacionamento afectivo**

A possibilidade de um novo relacionamento afectivo surge como uma hipótese completamente colocada de parte por estas viúvas. A este nível, a convergência discursiva atinge quase a totalidade das mulheres entrevistadas. De uma forma mais ou menos evidente, assumem a relação que construíram com o seu companheiro como única e insubstituível. Estes discursos são muito semelhantes aos encontrados no estudo, levado a cabo por van den Hoonaard (2001), onde foi possível verificar uma maioria de respostas, quase peremptórias, negativas na abertura a um novo relacionamento ou casamento.

Mesmo perante a convergência, encontrámos uma voz diferente. Uma voz que assumia nunca querer casar uma segunda vez, caso ficasse viúva. Nunca pensou viver a paixão da sua vida aos sessenta e quatro anos. A D. Albertina (76 anos), esteve casada, uma primeira vez, durante quarenta e quatro anos: “*No tempo do primeiro casamento era uma coisa que eu achava muito má, uma pessoa que... portanto viver com um homem... Isto era longe do meu pensamento... não admitia que aquela pessoa fosse assim. Nós não podemos dizer não faço, nunca ninguém pode dizer isso porque as coisas vão, é como uma bola, vão rolando e a pouco e pouco as*

*coisas vão-se adaptando à maneira como as coisas vão correndo e quando se apercebem estão encaixadas... isto é assim.*”. No entanto, acabou por não resistir ao que designou como: “ (...) *um sonho de vida, a vida inteira...*”, casando uma segunda vez.

Nas restantes situações foi possível encontrar uma convergência ao nível dos testemunhos, acabando por se verificar algo a que já tínhamos, anteriormente, apontado como um elemento de grande significado: o tempo partilhado a dois. Estas relações, estes matrimónios, são sentidos como algo único, verdadeiro e, como tal, impossível de ser novamente vivenciado:

*“Não quero casar. Não.... porque fiquei com a boca doce (...).”* (D. Carlota, 80 anos).

*“Não sei.... eu.... tenho a impressão que não voltava a gostar de ninguém. Sou uma pessoa com um grande... sou um bocadinho exigente com a minha consciência e tenho a impressão de que me casava com um homem a pensar no primeiro e isso para mim não dava. Para mim não dava. Eu tenho que ser muito sincera, muito leal, eu tenho que fazer uma doação total de mim e eu não dava. Portanto eu... isso para mim não dava. Renunciei, nem pensar num segundo casamento. Por isto.... porque eu se fosse para um segundo casamento eu de maneira nenhuma esquecia o primeiro. E acho muito normal que os outros casem! Acho normal que as outras casem... em mim era inaceitável. Não era por uma questão de seriedade e honestidade, porque para mim é tão séria, tão digna, tão honesta a senhora que casa duas vezes ou três como é a que casou uma vez só. É uma questão puramente pessoal, pessoal. (...) Como é que uma mulher pode esquecer um homem com dormiu 37 anos, minha filha? Como? Não foram 37 meses, nem..., foram 37 anos que eu estive casada. Por isso, eu não posso esquecer de maneira nenhuma que fui casada, que tive a vivência com o meu marido, isso eu não esqueço (...).”* (D. Manuela, 83 anos).

Mesmo sentindo de forma bem evidente que não volta a casar, a D. Clara (77 anos), conseguiu introduzir um elemento novo a estes discursos, a possibilidade de um amigo, que a acompanhasse, que conversasse, que pudesse partilhar algum do seu tempo livre, sempre salientando a impossibilidade de existir outro tipo de interação:

*“ (...) não creio que ajeite homem, sabe porquê? A menina para lá vai... a gente, o casal, na sua intimidade, não sei, tem certas atitudes, tem certas coisas que eu acho que não era capaz de fazer com outra pessoa, eu julgo, não sei se chegasse a essa altura e eu mantinha*

*as ideias que tenho hoje mas, desde sempre eu tive esse pensamento... eu casar outra vez, não, não queria. Se eu lhe dizia que não era capaz de dar um beijo, que tenho nojo então o que é que eu hei-de fazer? E por conseguinte, acho que não. Já me rondaram e eu olhei e virei-lhe as costas e caminhei. Por conseguinte, é como lhe digo, julgo, para mais agora estou aqui, então é que as ideias estão todas arrumadas, não é? No entanto, há aqui senhoras que têm os seus namorados. Ninguém pode censurar por isso, são pessoas livres mas eu acho que (...) olhe só se fosse assim, uma coisa assim, olhe, (...) só para me fazer companhia, irmos passear, irmos almoçar, nada de carinhos, nada... assim ainda poderia ser mas é coisa que eu não penso.”.*

### **O que mudou nas suas vidas – ocupação dos seus tempos livres**

De acordo com o estudo de Lund, Caserta e Dimond (1993), a necessidade de as pessoas mais velhas, após terem perdido o seu companheiro, ocuparem os seus tempos com o investimento em actividades de carácter social, surge como um indicador de relativa importância para o processo de adaptação ao luto.

A nossa experiência mostra-nos um pouco o oposto. Na realidade, encontrámos dois tipos de funcionamento, aquelas senhoras que não estão activas, nem próximas de nenhuma actividade diferente da rotina dos seus dias, e aquelas senhoras que, após a perda dos seus maridos, procuraram actividades e ocupações. Dentro de cada grupo, a convergência de sensações e vivências é evidente.

A possibilidade destas senhoras se manterem activas socialmente e ocupadas, surgiu como um elemento de destaque na reorganização das suas vidas. Aliás, aquelas que o referiram, demonstram um nível de maior satisfação com a sua própria vida, bem como, um sentido de competência muito próprio:

*“O meu marido morreu em Janeiro, o Fevereiro, o Março e o Abril foi terrível. Tinha que ocupar o meu tempo, pensei... como é que havia de ocupar? Então entrei para as V., fui para as V. e em Maio elas abriram um restaurante ali no adro onde é hoje o lar de terceira idade e eu fui para lá descascar batatas, cegar couves para caldo verde, lavar louça para ocupar o meu tempo, entrei para a catequese juntei-me à M. E. e pedi para dar catequese com ela para ocupar e estar o menos tempo possível a pensar naquela solidão que eu tinha. E assim*

comecei, visitava os doentes, levava... porque eu era a ministra extraordinária da comunhão, eu levava a comunhão aos doentes, e comecei a preencher o meu tempo dessa forma e comecei a ficar melhor, a organizar, as V. faziam a venda de Natal, eu comecei a fazer trabalhos de Natal que eu gosto muito de fazer trabalhos de mão, desde malhas a bordados, a paninhos de tudo eu comecei a trabalhar e comecei a preencher, e a pensar que tinha de mudar de vida porque da maneira que eu estava, ninguém podia estar comigo, porque era uma tristeza tão grande e uma solidão tão grande que eu não me apetecia nada (...) Olhe o bom é para mim eu ter que fazer senão eu morria de pasmo, e eu não consigo estar quieta, eu não posso estar... à noite estamos a ver televisão e eu estou com a renda na mão... que eu não consigo estar assim... ouço e tenho que estar assim a fazer qualquer coisa a entreter-me senão não consigo... foi isso que eu procurei fazer, sabe a menina? Foi ocupar o tempo (...)" (D. Conceição, 78 anos).

" (...) quando comecei a aliviar o luto comecei também a sentir... também me entusiasmavam: a mãe tá sempre em casa, a mãe tem que sair. Até a minha empregada: ai a senhora está sempre em casa, fica todo o dia aqui em casa, porque não vai sair? E eu passei a interessar-me por.... olhe, entrei no MEV, estava viúva com 4 meses (...)Passei a ir, passei a sair, uma vez por mês. Depois, surgiu também uma oportunidade de... já na altura do meu marido eu pertencia a uma associação que é a Associação Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina, já no tempo do meu marido eu pertencia a essa associação. Também passei a, continuei nessa associação. Depois surgiu a oportunidade de ir para a Universidade da terceira Idade, fui para a universidade de terceira idade (risos), depois... vou aqui para a igreja, ainda ontem estive aqui no santíssimo sacramento e, passei a sair assim. Porque eu não sou capaz de sair assim, mas isso nunca fui, mesmo no tempo do meu marido nem depois do meu marido falecer, nunca me apeteceu sair e ir à rua, ou ir à baixa... passear, não. Eu tenho que ter um motivo para sair de casa mas, arranjei motivos que realmente me foram ocupando os dias e que me tornaram assim feliz e diferente." (D. Antónia, 80 anos).

"O marido morre e eu disse a mim mesmo que ia fazer um programa de vida como se ele estivesse ao meu lado. Eu ia ter a mesma dignidade que tinha quando ele era vivo. Portanto, eu fiz um novo programa de vida, não entrei naquela fase doentia (...) Eu fiz o meu programa de vida e comecei logo por ver que o que fazíamos a dois eu tinha que fazer sozinha, eu tinha que estar motivada para qualquer coisa porque a coisa pior que pode acontecer a uma viúva é ela esperar que os outros lhe façam as coisas, fica numa dependência que depois muito dificilmente se livra dela. Porque saiu daquele período, daquele enlutamento muito pesado e começa a entrar na realidade da vida e quando entra na realidade da vida, as pessoas à volta dizem que a gente já está um bocadinho mais conformada. Uma pessoa o que está é a, começar outra vez a viver então, uma vida diferente e então, tem que se traçar um plano de vida. Entretanto, havia uma senhora aqui do prédio que trabalhava na igreja e que já nos conhecíamos e disse, oh Sr.<sup>a</sup> dona Manuela, a senhora que é uma senhora

*que é tão carinhosa para toda a gente e é uma pessoa que faz assim umas coisas muito bonitas e tal, perguntou assim e eu disse: olhe, até pode ser. E comecei a trabalhar na igreja, para o centro, depois entrei para o grupo das viúvas, era uma acção social, era um grupo muito simpático, na altura (...)" (D. Manuela, 83 anos).*

*"No que diz respeito à solidão eu acho que há pessoas que tem solidão e que tem motivos para a ter, porque são pessoas que depois de fazerem o seu ram-ram, sentam-se numa cadeira em frente à televisão e não fazer mais nada, não se ocupam de mais nada, e de maneira que essas pessoas tem mesmo de ter solidão. Eu às vezes digo assim, não tenho tempo para pensar coisas menos agradáveis, porque mesmo eu dou-me muito alívio a mim própria, encorajo-me! E de maneira que tenho muita dificuldade em cair no fundo, de maneira nenhuma. É uma situação que eu gosto, gosto muito de me perdurar." (D. Albertina, 76 anos).*

Estas palavras demonstram que é possível ser viúva e, simultaneamente, ser-se activa socialmente. Para estas mulheres a vida não terminou no momento em que o seu marido faleceu. Com este acontecimento, as suas vidas necessitaram de uma reorganização que estas mulheres foram capazes de encetar.

Como contrapondo surgem discursos em que o desinvestimento e o desespero parecem ser as sensações mais presentes, como é o caso da D. Carlota (80 anos): *"Porque é uma vida muito triste, é um barco sem remo, não dá para a gente ter horas para nada, não para fazer comida para a gente, não dá para nada.... eu ouço muita gente ali no café a dizer: Ai não, porque não vai aquele passeio, e aquela excursão? A mim ainda não me deu para nada. Não me dá para nada.... gostava muito do meu marido..."*. A D. Clara (77 anos) acaba por exprimir uma sensação muito próxima quando diz: *"A minha vida é um vale de lágrimas, mas até aqui eu tinha quem me ajudasse a superar tudo isto. Ele dizia-me: olha mulher, veste uma saia e calça uns sapatos, vamos comer fora. E era assim. Agora não, estou sozinha. Uma senhora pergunta-me, que vem ver aqui o coronel: "Então, a Sra não vai sair?" E eu: "Com quem?". Com quem? Por conseguinte não dá. Ora neste momento que lhe estou a falar, não estou assim com pressa mas olhe que desde que o meu marido morreu que eu já desejei muitas vezes.... porque me sinto abandonada. (...) Não me sinto orgulhosa, nem feliz, nem nada, porque me faltou a pessoa para quem eu vivia (...) Quando me viam eu tinha alegria de viver e tinha para quem viver, agora não tenho. Eu não faço falta a ninguém, ninguém chora por mim uma lágrima (...)"*.

Estes testemunhos não assumem qualquer projecção no futuro, nem procuram nenhuma alternativa às suas formas de estar. São vivências mais centradas na perda, no luto e na sensação de vazio que insiste em permanecer, não permitindo que estas mulheres consigam sentir-se motivadas ou interessadas para qualquer outra actividade que não esteja relacionado com o seu sofrimento.

Após esta fase de procura de significados, torna-se importante reflectir sobre toda esta dissertação. No próximo ponto, iremos organizar um conjunto de considerações finais, relativas a todo este projecto.

### **PARTE III – Considerações finais**

Nas palavras de Pedroso de Lima, a investigação sobre o envelhecimento poderia levar mais em consideração “ (...) *os projectos e investimentos pessoais e as histórias e narrativas utilizadas para dar sentido à vida. Ao fazê-lo teremos, naturalmente, uma perspectiva necessariamente mais holística e mais criadora de alternativas. Alternativas de agir, alternativas de pensar, alternativas de se ser idoso. Só a diversidade de possibilidades permitirá às pessoas nesta fase do ciclo de vida encontrar a aceitação da sua especificidade pessoal.*” (1999:394).

Por concordarmos com esta perspectiva de investigação para o domínio do envelhecimento, e por considerarmos este o percurso mais adequado para se fazer justiça à sabedoria e conhecimento de vida manifesto por estas pessoas mais velhas, partimos para a realização de um projecto de investigação onde essas vozes pudessem ser ouvidas em pleno.

As questões orientadoras com que iniciamos este projecto foram parecendo pequenas para abarcar a informação que as participantes nos disponibilizaram. E este é um elemento que gostaríamos de salientar desde já, pois a abertura, simpatia e disponibilidade, para além da confiança que exibiram ao transmitirem-nos as suas histórias de vida, foram as condições essenciais para a concretização deste trabalho.

Terminada a longa caminhada que caracterizou a realização desta dissertação, assume-se agora a necessidade de reflectir sobre as opções de percurso seleccionadas mas também, vislumbrar as novas paisagens que esta viagem proporcionou.

Centrando a nossa atenção nas entrevistas, encontramos várias perspectivas para a interpretação do enviuvar e do envelhecer.

Não pretendendo enveredar por uma análise muito pormenorizada, no que se refere às características de cada viúva, visto que esse não seria o sentido do presente trabalho, podemos considerá-las como elementos importantes na criação de significado para a experiência de se ser viúvo. Reportando-nos às investigações de Lund, Caserta e Dimond (1993), e de Carr, House, Wortman, Nesse e Kessler (2001), este indicador surge mesmo



no grupo dos factores de elevada importância para a adaptação ao luto. Reforçando a presente ideia, lembramos o que já nos foi dito anteriormente: *“isto vai de cada pessoa”*.

O luto apresenta-se, como já tivemos oportunidade de referenciar, como uma das experiências psicológicas mais dolorosas (Parkes, 2003), pois encontra-se intimamente ligada ao afecto que o ser humano lhe atribui (Rebelo, 2004). A adaptação ao luto nos momentos iniciais surge, a nível teórico, como um elemento de bom prognóstico para a situação de viuvez (Capps & Bonanno, 2000). No entanto, os relatos recolhidos mostram-nos que o inverso também se pode verificar. O facto de inicialmente o luto ser verbalizado e construído com base em discursos altamente negativos, pode não se traduzir numa evolução positiva do processo de adaptação à perda do cônjuge. Teoricamente, o modelo de Lund, Caserta e Dimond (1993) vem, igualmente, contrapor esta visão mais determinista, apelando à chamada metáfora da “montanha russa”, no sentido de explicar que podem existir processos de luto bastante variáveis ao longo do tempo, para uma mesma pessoa.

A resposta ao luto, em função da satisfação conjugal, não é abordada por muitos investigadores. Surge apenas como indicador de menor relevância para a adaptação ao luto, na investigação levada a cabo por Lund e seus colaboradores (1993). No presente trabalho, a satisfação conjugal não se assumiu como um elemento a incluir neste trabalho pela noção com que ficámos, de que nem sempre tais relações foram positivas ou que, os maridos referidos foram os melhores do mundo. No entanto, é essa a imagem que permanece e se enaltece acerca do companheiro, ao longo de todo o discurso, de todas as participantes. Estas referem alguns altos e baixos, mas a saudade, a mágoa e a dor são justificadas por intermédio da excelente qualidade dos seus matrimónios. Neste sentido, consideramos tal indicador como um elemento não organizador de significado, dado o possível enviesamento na qualificação dos casamentos e dos seus maridos, após o seu falecimento. A

questão em causa poderá também estar relacionada com o facto de apenas termos escutado um lado da história, ou de só conhecermos a história após a morte de um dos seus autores. Se pudéssemos ouvir o que casais de idosos constróem sobre a possível perda de um deles, será que o significado produzido teria sido o mesmo?

O papel da família e da descendência não surge de forma explícita na maioria da investigação apresentada, na área do enquadramento teórico. Subentende-se que tal apoio está incluído nos domínios do suporte social mais alargado, a que a pessoa idosa pode recorrer. Apenas no estudo de van den Hoonaard (2001), a importância da família mas principalmente dos filhos, foi referenciada com destaque e influência no processo de vivência do luto pelo cônjuge.

No presente trabalho, e no que se refere às relações intergeracionais, elas assumem-se como complexas e influenciadas por padrões e sentimentos anteriores à morte de um dos cônjuges. Na maioria, a relação com os filhos sofreu reajustes e reorganizações, algumas de maior proximidade, outras de maior e crescente autonomia, mas tendencialmente equilibradas entre estes dois domínios. Aparentemente, este indicador não surge como um elemento dificultador do processo de vivência da viuvez. A sua presença é conotada com elementos positivos e facilitadores de toda a vivência, muito no sentido das conclusões de van den Hoonaard (2001).

A noção de tempo é extremamente importante, como já tivemos oportunidade de referir. Sentimo-lo como o indicador que se relaciona com todos os outros de forma quase espontânea, mas que igualmente pode ser isolado na compreensão de alguns significados para a vivência da viuvez. O tempo que se partilhou, que se construiu a dois, do qual se tem, agora, tanta saudade. O tempo que já passou desde que o companheiro partiu, o tempo de solidão, o tempo de novos investimentos, desafios. O tempo para novas funções, como ser avó, para a manutenção das funções de sempre, como ser mãe. A sabedoria das palavras, já conhecidas, remete-nos para a noção de

que “*o tempo cura tudo*”. Este indicador assume para nós um carácter de grande importância na organização de sentido para a experiência da viuvez. No entanto, a sua interpretação é também muito subjectiva e individual, o que concorre para uma visão altamente diferenciada do luto conjugal na pessoa idosa. Todavia, a tonalidade afectiva da experiência pode não estar associada ao tempo da perda. Pode estar relacionada com outros “tempos” da vida da pessoa, como seja, a idade que tem, o tempo que permaneceram casados, ou até mesmo ultrapassar em muito a noção de tempo. De qualquer forma, pela experiência que tivemos, o tempo decorrido desde o momento da perda, nem sempre é o mais determinante na adaptação à viuvez. No entanto, as viuvezes mais longas foram as que apresentaram discursos com tonalidades afectivas mais positivas muito embora, no nosso grupo de estudo, tenhamos encontrado o mesmo tipo de discurso em viuvezes com uma duração bem menor. A nível teórico esta temática surge muito presa a marcas temporais já quase pré-determinadas. No entanto, Shuchter e Zisook (1993), corroboram da nossa opinião já que ponderam a possibilidade de a duração dos sentimentos de pesar terem uma extensão incerta.

O indicador “tipo de morte” foi alvo de investigação em situações de luto, em fase tardia do ciclo de vida, como elemento com possível interferência no processo de adaptação à viuvez. Para autores como Carr, House, Wortman, Nesse e Kessler (2001), a forma como o parceiro vive a dor da perda pode ser influenciada pela natureza imprevisível, ou certa, da morte. De qualquer maneira, a investigação quanto a este elemento tem sido inconclusiva. No mesmo sentido segue a nossa experiência, ou seja, o indicador “tipo de morte” parece não funcionar como um elemento isolado na atribuição de significado para a viuvez. O que importa salientar encontra justificação no facto de, todas as pessoas puderem ficar viúvas, quer o companheiro morra de forma inesperada ou de doença prolongada. Ou seja, não será a forma como se morre mas sim a forma como se viveu que vai influenciar o modo como se vive e sente a viuvez.

A noção de época, de tempo histórico e de condições sociais assume presença em alguns discursos. A ideia de época, cultural e socialmente diferente da actual, onde as mulheres eram mais submissas a regras e normas sociais, viviam em casa das suas famílias e apenas saíam para casar, não foi raramente referenciada. Nessa mesma época eram raras as mulheres que tinham alguma ocupação para além do marido, dos filhos e da casa. No caso das senhoras que participaram, muitas delas não voltaram a casar também por questões culturais e históricas, ou seja, não seria esperado que o fizessem. Neste âmbito, a nossa perspectiva parece enquadrar-se com a exploração que van den Hoonaard (2001) realizou sobre a mesma temática.

Após a análise destas histórias, verificamos que muitas das senhoras entrevistadas fazem alusão ao facto de as viuvezes de hoje em dia serem totalmente diferentes das que vivenciaram. De facto, quando olhamos as relações “deste tempo”, pensamos em viuvezes diferentes das que estas mulheres experienciaram. As relações hoje são pautadas por uma maior instabilidade e volatilidade, não havendo muito espaço para uma relação, mas sim para várias possíveis relações ao longo de um ciclo de vida, o que acaba por possibilitar novas e diferentes experiências e, conseqüentemente, novos significados.

Novamente por questões culturais e de época, a fé e a crença religiosa são tidas como algo muito poderoso e de grande importância para cada viúva. Elas exprimem a noção de fé como algo inabalável na sua estrutura enquanto pessoas, e que tanto contribuiu para a exploração de uma vivência mais positiva da sua própria viuvez. Esta situação surge porque muitas destas senhoras acabam por integrar, apenas, movimentos religiosos como actividades de ocupação para os seus tempos. Black (2002) refere que esta é uma característica feminina, altamente positiva para a manutenção do equilíbrio ao longo do processo de perda.

A capacidade para se manter ocupado e activo socialmente surge como um elemento altamente destacado, ao nível da investigação teórica. Nesta

dissertação, e atendendo às participantes, este indicador irrompe como um dado de destaque na reorganização da vida destas viúvas. Aquelas que estão mais embrenhadas apresentaram níveis de satisfação com a vida muito superiores, sendo esta afirmação de conteúdo semelhante ao apresentado na exposição teórica anterior, nomeadamente, quando Fly (2001) faz referência aos níveis de auto-eficácia como um aspecto a trabalhar na pessoa idosa, por lhe poder permitir experienciar sensações de bem-estar e de satisfação com a vida superiores.

Ao longo das entrevistas, todas as mulheres apresentaram uma história, uma narrativa das suas vivências, que por vezes extrapolaram em muito a situação de luto e viuvez. Ou seja, todas elas são sujeitos de um projecto, actores de uma história que é da sua autoria, apelando à noção de projecto desenvolvida por Gonçalves (1993, 2000). No entanto nem todas apresentam um sentido de integridade existencial, ou um equilíbrio entre as dimensões de integridade e desespero, apresentadas por Erikson (1986). Nem todas as mulheres conseguem fazer um balanço positivo, uma integração equilibrada das suas experiências de vida, o que acaba por se generalizar para a vivência da viuvez, trazendo-lhes um presente menos positivo e consequentemente uma perspectiva de um futuro no qual não se projectam, nem visualizam.

Algumas mulheres assumem um total desespero com as suas situações actuais. Os seus projectos de vida não existem desde que os seus companheiros faleceram. A noção de continuidade, de motivação, de integridade do ser humano foi sendo desinvestida por estas mulheres ao ponto de apenas desejarem a sua própria morte.

Outras apresentam um discurso mais voltado para elas próprias, num sentido positivo, mas principalmente, usam discursos direccionados para o exterior, para outros interesses e outras fontes de gratificação, bem como, para outros significativos. São mulheres que conseguiram pegar no seu projecto de vida e reorganizaram-no, readaptaram-no, em função das situações, nomeadamente, a viuvez. Os seus projectos ganharam novos contornos, novos significados criando um equilíbrio saudável entre o passado, presente e

futuro. Estas são mulheres mais próximas da integridade existencial que Erikson propôs.

Com o desenrolar das entrevistas, e sua consequente análise, surgiu a consciência de estarmos a contribuir para a compreensão e desconstrução de um fenómeno social, principalmente associado ao factor envelhecimento. A crença de que a viuvez pode também ser um período de crescimento pessoal para quem a experiencia, mesmo implicando momentos difíceis em termos emocionais, vividos e verbalizados por todas as viúvas, também é possível crescer, ser mais, ir mais além. Reflectindo o contornar do sofrimento, da saudade e da emoção que ainda sentem, muito no sentido do *benefício adaptativo* a que se referiram Matos e Costa (2004).

O encontro com estas histórias acaba por ser produtor de várias formas de olhar para a viuvez, nesta faixa etária. Em certa medida, os olhares são tantos, quantas as histórias que aqui se deram a conhecer. Cada testemunho salienta o que de mais significativo se vivenciou ao longo desta experiência, atestando o que para si foi, ou ainda é, importante realçar desse momento.

Esta foi a vantagem que encontramos na utilização de metodologias qualitativas. A possibilidade de aceder ao significado da experiência, à diversidade de vivências, à diferença, àquilo que cada história tem de particular, só foi possível por intermédio desta metodologia.

Ir ao encontro de pessoas que vivenciaram algo de comum e tão forte, ter a possibilidade de ouvir diferentes vozes sobre um tema tão doloroso e complexo, acabou por dar lugar à diversidade, à diferença.

Não era propósito deste projecto ir ao encontro de pessoas obtendo um resultado final em formato objectivo e concreto, transparente em números e médias ou tendências estatísticas. Principalmente quando “estas” pessoas são mais velhas e quando a temática é tão indutora de sensações dolorosas e desagradáveis. Mesmo assim, a etapa final acabou por superar a expectativa inicial. A essência deste trabalho reside em aspectos tais como, nenhuma entrevista ser igual à anterior, nem pelo facto de se ter utilizado o mesmo guião

para todas elas ou, termos iniciado a procura de histórias de viuvez e termos acabado com histórias de uma vida.

A possibilidade de aceder ao que há de significativo em temas tão abrangentes como o luto e a viuvez, é algo só possível por intermédio das metodologias qualitativas.

O potencial de significado é de tal forma promissor que nós, investigadores, construtores de conhecimento e co-construtores de significados, não conseguimos controlar o ímpeto de curiosidade de querer procurar mais informação, de viajar pelo passado, destas pessoas. Porque, é esta viagem que nos vai trazer até à compreensão do presente.

Até que ponto, este papel de investigador não se confunde com o de psicólogo? O papel de psicólogo no domínio da viuvez e do envelhecimento é classificável quase como um desafio. Talvez porque, enquanto profissionais nesta área, acabemos por encontrar um bom refúgio em explicações estereotipadas sobre a viuvez e o luto, sobre tempos definidos, e bem delimitados, para a experiência do luto, apresentando uma imensa dificuldade em assumir estas temáticas como indutoras de grande fragilidade no ser humano e, como tal, indutoras de dúvidas, temores e de ansiedades, no próprio psicólogo (como no próprio investigador). As abordagens qualitativas fazem a fusão entre estas duas entidades, destes dois papéis.

Retomando os benefícios desta abordagem, o acesso ao significado advém igualmente do momento em que as histórias se cruzam, e formam ligações entre si, ou se distanciam, dando origem a novos elementos para o conhecimento sobre toda esta temática da viuvez, mas também, sobre os protagonistas neste cenário de perda. Porque, cada pessoa é especial e única neste projecto... são as suas palavras que povoam a construção de mais e variado, conhecimento sobre este tema. Mesmo assim, não se fala apenas de envelhecer, de morrer, de ser viúvo e velho. Fala-se de ser pessoa em determinadas épocas, em fases específicas da sua vida, em que acabaram por vivenciar um sem número de experiências. Fala-se de histórias de vida.

## **Referências Bibliográficas**



Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.

Alves, R. (2002). *Estórias maravilhosas de quem gosta de ensinar*. Porto: Edições Asa.

American Psychiatric Association. (2000). *DSM IV - R – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – versão revista, 4ª Edição*. Lisboa: Climepsi.

Anan, K. (2002). *Discurso de Abertura na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento – Nações Unidas*; Madrid, 8 a 12 de Abril;

Archer, J. (2001). Broad and narrow perspectives in grief theory: Comment on Bonanno and Kaltman (1999). *Psychological Bulletin*, 27, 554-560.

Arvey, M. (2001). Shattered beliefs: Reconstituting the self of the trauma counsellor. In Neimeyer, R. (Ed.), *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp.213-230). Washington D.C.: American Psychological Association.

Baarsen, B. (2002). Theories of coping with loss: The impact of social support and self-esteem on adjustment to emotional and social loneliness following a partner's death in later life. *The Journals of Gerontology*, 57B, 33-42.

Baltes, M., e Carstensen, L. (1999). Social-Psychological theories and their applications to aging: from individual to collective. In Bengtson, V. L. e Schaie, K. W. (Eds.), *Handbook of Theories of Aging* (pp. 209-226). New York: Springer Publishing Company.

Baltes, P. B., Reese, H. W., & Lipsitt, L. P. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110.

Baumeister, R. F., Newman, L. S. (1994). How stories make sense of personal experiences: motives that shape autobiographical narratives. *Personality and Social Psychological Bulletin*, 6, 676-690.

Bay, R. (2002). The search for meaning in old age: Narrative, narrative process, narrativity, and narrative movement in gerontology. *The Gerontologist*, 42, 131-141.

Berger, L. (1995). Evitar os perigos. In Berger, L. (Ed.), *Pessoas Idosas. Uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidacta.

Besora, M. V. (1995). La construccion narrativa de la experiencia en psicoterapia. *Revista de Psicoterapia*, VI (22-23), 5-19.

Birren, J. E., Cochran, K. N. (2001). *Telling the stories of life through guided autobiography groups*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Birren, J. E., Renner, V. (1977). Theory and methods in psychology of aging. In Birren, J. E., Schaie (Eds.), *Handbook of Psychology of Aging* (pp. 3-34). New-York: Van Nostrand Reinhold Company.

Black, H. K. (2002). Different ways to hurt: An elderly woman's narrative of suffering. *Journal of Aging and Identity*, 7, 3-15.

Bluck, S. (2001). Autobiographical memories: A building block of life narratives. In Kenyon, G., Clark, P., Vries, B. (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice*. (pp. 67-89). New York: Springer Publishing Company.

Bonanno, G. A., Kaltman, S. (1999). Toward an integrative perspective on bereavement. *Psychological Bulletin*, 125, 760-776.

Botella, L., Herrero, O. (2000). A relational constructivist approach to narrative therapy. *The European Journal of Psychotherapy, Counseling & Health*, 3, 407-418.

Bowlby, J. (1998). *Perda – tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes.

Canavarro, M. C. (2004). Vinculação, perda e luto: implicações clínicas. *Psychologica*, 35, 35-47.

Capps, L., Bonnano, G. (2000). Narrating Bereavement: Thematic and Grammatical predictors of Adjustment to Loss. *Discourse Processes*, 30, 1-25.

Carr, D., House, J., Wortman, C., Nesse, R., Kessler, R. (2001). Psychological adjustment to sudden and anticipated spousal loss among older widowed persons. *The Journals of Gerontology*. 56B, 237-247.

Erikson, E. H., Erikson, J. M., Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age*. New York: W. W. Norton.

Fernandes, P. (2002). *A depressão no idoso*. Coimbra: Quarteto.

Fernández-Ballesteros, R (2004). *Gerontología Social*. Madrid: Psicología Pirámide.

Fly, P. (2001). Predictors of health-related quality of life perspectives, self-esteem, and life satisfactions of older adults following spousal loss: an 18 month follow-up study of widows and widowers. *The Gerontologist*, 41, 787-798.

Folkman, S. (1997). Using bereavement narratives to predict well-being in gay men whose partners died of AIDS: Four Theoretical perspectives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 851-854.

- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ghiglione, R., Matalon, B. (2001). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Gilbert, K. (2002). Taking a narrative approach to grief research: finding meanings in stories. *Death Studies*, 26, 223-239.
- Gonçalves, M. M., Pinto, H. (2001). Psicoterapia Narrativa com Adolescentes e Jovens Adultos: A re-autoria de identidades alternativas. In Gonçalves, M. M. e Gonçalves, O. (Coords.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança* (pp. 301-330). Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, O. (1993). *Cognitive Narrative Psychotherapy. The hermeneutic construction of alternative meanings*. New York: The Guilford Press.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente. A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Gubrium, J. (2001). Narrative, experience and aging. In Kenyon, G., Clark, P., Vries, B. (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 19-30). New York: Springer Publishing Company.
- Hansson, R. O., Remondet, J. H., Galusha, M. (1993). Old age and widowhood: Issues of personal control and independence. In Stroebe, M. S., Stroebe, W., Hansson, R. O. (Eds.), *Handbook of bereavement: Theory, research and intervention* (pp. 367-380). Cambridge: Cambridge University Press.
- Hendriks, J., Achenbaum, A. (1999). Historical development of theories of aging. In Bengtson, V., Schaie, K. W. (Eds.), *Handbook of theories of aging* (pp. 21-39). New York: Springer Publishing Company.
- Hesse, H. (1952/2002). *Elogio da Velhice. Considerações e Poemas*. Algés: Difel.

Instituto Nacional de Estatística (2004). Projeções de População Residente, Portugal e NUTS II 2000-2050. Informação à Comunicação Social (Disponível online em: [www.ine.pt](http://www.ine.pt) em 08/08/2004).

Kaufman, S. R. (1986). *The ageless self: Sources of meaning in late life*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.

Kenyon, G., Ruth, J., Mader, W. (1999). Elements of a narrative gerontology. In Bengtson, V. L. e Schaie, K. W. (Eds.), *Handbook of Theories of Aging* (pp. 40-58). New York: Springer Publishing Company.

Kenyon, G., Randall, W. (2001). Narrative Gerontology: An overview. In Kenyon, G., Clark, P., Vries, B. (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 3-18). New York: Springer Publishing Company.

Lund, D. A., Caserta, M. S., Dimond, M. F. (1993). The course of spousal bereavement in later life. In Stroebe, M. S., Stroebe, W., Hansson, R. O. (Eds.), *Handbook of bereavement: Theory, research and intervention* (pp 240-254). Cambridge: Cambridge University Press.

Matos, P. M., Costa, M. E. (2004). Significações da perda e processo de luto no divórcio. *Psychologica*, 35, 11-24.

Moss, M., Moss, S., Hansson, R. (2001). Bereavement and old age. In Stroebe, M., Hansson, R., Stroebe, W. e Schut, H. (Eds.), *Handbook of Bereavement Research: Consequences, Coping, and Care* (pp. 241-260). Washington DC: American Psychological Association.

Neimeyer, R. (2001). The language of loss: grief therapy as a process of meaning reconstruction. In Neimeyer, R. (Ed.), *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp. 261-292). Washington D. C.: American Psychological Association.

Neri, A. L., Freitas, E. V., Py, L., Cançado, F., Gorzoni, M., Rocha, S. (2002). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Nesse, R. (2000). Is grief really maladaptative? [Review of the book *The nature of grief: The evolution and psychology of reactions to loss*]. *Evolution and Human Behaviour*, 21, 50-61.

Nolen-Hoeksema, S., Davis, C. (2001). Loss and meaning: How do people make sense of loss?. *The American Behavioral Scientist*, 44, 726-741.

Nolen-Hoeksema, S., McBride, A., Larson, J. (1997). Rumination and psychological distress among bereaved partners. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 855-862.

Parkes, C. M., Laungani, P., Young, B. (2003). Introdução. In Parkes, C. M., Laungani, P., Young, B. (Cord.). *Morte e Luto através das Culturas* (pp. 15-21). Lisboa: Climepsi Editores.

Parkes, C. M. (2003). Conclusões II: Ligações e Perdas numa perspectiva intercultural. In Parkes, C. M., Laungani, P., Young, B. (Cord.). *Morte e Luto através das Culturas* (pp. 271-282). Lisboa: Climepsi Editores.

Paúl, C. (1997). *Lá para o fim da vida. Idosos, família e meio ambiente*. Coimbra: Almedina.

Pedroso de Lima, M. (1999). A Personalidade na terceira idade. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 385-396.

Pennebaker, J. W. (1993). Putting stress into words: Health, linguistic, and therapeutic implications. *Behaviour Research and Therapy*, 31, 539-548.

Pennebaker, J. W., Mayne, T. J., Francis, M. E. (1997). Linguistic predictors of adaptive bereavement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 863-871.

Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto.

Polkingorne, D. E. (1988). *Narrative Knowing and the human sciences*. Albany: State University of New York Press.

Randall, W. (1999). Narrative intelligence and the novelty of our lives. *Journal of aging studies*, 13, 11-18.

Randall, W. (2001). Storied worlds: Acquiring a narrative perspective on aging, identity and everyday life. In Kenyon, G., Clark, P., Vries, B. (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 31-62). New York: Springer Publishing Company.

Rebelo, J. E. (2004). *Desatar o nó do luto*. Lisboa: Editorial Notícias.

Reissman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Romanoff, B. (2001). Research as therapy: The power of narrative to effect change. In Neimeyer, R. (Ed.), *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp 245-257). Washington D. C.: American Psychological Association.

Ruiz, A. (1997). *Narrative in Post-Rationalist Cognitive Therapy*. Santiago do Chile: Instituto de Terapia Cognitiva INTECO. (Disponível online em: <http://www.inteco.cl/ingles/ingles.htm> em 03/08/2004).

Sepúlveda, L. (2003). *O velho que lia romances de amor*. Porto: Edições Asa.

Shuchter, S., Zisook, S. (1993). The course of normal grief. In Stroebe, M., Stroebe, W. e Hansson, R. (Eds.), *Handbook of Bereavement: Theory, Research and Intervention* (pp. 23-43). Cambridge: Cambridge University Press.

Stake, R. E. (1998). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.

Stein, N. L., Folkman, S., Trabasso, T., Christopher-Richards, A. (1997). Appraisal and goal processes as predictors of well-being in bereaved care-givers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 863-871.

Stroebe, M. (2001). Bereavement research and theory: Retrospective and prospective. *The American Behavioural Scientist*, 44, 854-865.

Stroebe, M., Schut, H. (2001a). Models of coping with bereavement: A review. In Stroebe, M., Hansson, R., Stroebe, W. e Schut, H. (Eds.), *Handbook of Bereavement Research: Consequences, Coping, and Care* (pp. 375-403). Washington DC: American Psychological Association.

Stroebe, M., Schut, H. (2001b). Meaning making in the Dual Process Model of coping with bereavement. In Neimeyer, R. (Ed.), *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp. 55-73). Washington DC: American Psychological Association.

Teixeira, J. M. (2002). Envelhecimento e depressão. *Saúde Mental*, 1, 9-17.

Thuen, F., Reime, M. (1997). The effect of widowhood on psychological wellbeing and social support in the oldest groups of the elderly. *The Journal of Mental Health*. 6, 265-275.

van den Hoonaard, D. K. (2001). *The widowed self: The older woman's journey through widowhood*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press.



Vries, B., Blando, J., Southard, P., Bubeck, C. (2001). The times of our lives. In Kenyon, G., Clark, P., Vries, B. (Eds.), *Narrative Gerontology: Theory, Research and Practice* (pp. 137-158). New York: Springer Publishing Company.

Whitbourne, S. K. (2001). *Adult Development & Aging: Biopsychosocial perspectives*. New York: John Wiley & Sons.

Woolf, V. (1978). *Os três Guinéus*. Lisboa: Editorial Veja.

**ANEXOS**

**Anexo 1**  
**Escala de Graffar**

## DETERMINAÇÃO DO NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO (GRAFFAR)

### Profissão

1. Directores de banco, directores técnicos de empresas, licenciados, militares de alta patente.
2. Chefes de secção administrativa, subdirectores, peritos, técnicos e comerciantes.
3. Ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros, contra-mestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes, mestres de obras.
4. Operários especializados, motoristas, policiaes, cozinheiros.
5. Trabalhadores manuais não-especializados, jornaleiros, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza.

### Nível de instrução

1. Ensino universitário ou equivalente (> 12 anos de estudo).
2. Ensino médio ou técnico superior (10 a 12 anos de estudo).
3. Ensino médio ou técnico inferior (8 a 9 anos de estudo).
4. Ensino básico completo (6 anos de estudo).
5. Ensino básico incompleto ou nulo.

### Fontes de rendimento familiar (fonte principal)

1. Fortuna herdada ou adquirida.
2. Lucros de empresa, altos honorários.
3. Vencimento mensal fixo.
4. Salários (por semanas, horas ou tarefas).
5. Sustentos por beneficência pública ou privada (não se incluem pensões por desemprego ou incapacidade).

### Conforto no alojamento (impressão subjectiva)

1. Casa ou andar de luxo, muito grande, máximo de conforto.
2. Categoria intermédia entre 1 e 3: casa ou andar espaçoso e confortável.
3. Casa ou andar modesto em bom estado de conservação, com cozinha e casa de banho.
4. Categoria intermédia entre 3 e 5.
5. Alojamento impróprio, barraca, quarto, andar ou casa sem conforto, promiscuidade.

### Aspecto do bairro habitado

1. Bairro residencial elegante, caro.
2. Bairro residencial bom, confortável.
3. Ruas comerciais, ruas estreitas e antigas.
4. Bairro operário, populoso, mal arejado.
5. Bairro de lata.

### Cotação

- |                    |                |
|--------------------|----------------|
| Nível 1 (superior) | - 5 a 9 pontos |
| Nível 2            | - 10 a 13      |
| Nível 3            | - 14 a 27      |
| Nível 4            | - 18 a 21      |
| Nível 5 (inferior) | - 22 a 25      |

## **Anexo 2**

**Guião de Entrevista original (van den Hoonaard, 2001)**

## *Appendix B*

### *Interview Guide*

1. Where and when were you born?
2. How long were you married?
3. What I'd like for you to do now is tell me about your experience with being a widow. You can begin wherever you like, and include or leave out whatever you choose. I'm just interested in finding out about your experience. Could you tell me about this?
4. What are your most vivid memories from the first few days after your husband died?
5. How would you say your life has changed since your husband died?
6. What has been the most difficult aspect of your life since his death?
7. Anything that particularly surprised you?
8. Have you ever lived alone before?
9. Has your relationship with your children changed since your husband died? How? Friends?
10. Do you remember the first time you thought of yourself as a widow?
11. What are the most important things other people should know about the experience of being a widow?
12. How would you say you have changed since your husband died?
13. Money
14. Decisions
15. Relations with men—wedding rings
16. Weekends; difficult times
17. Mothers as widows?
18. Church support?
19. Is there anything that I haven't asked you about that I should have?

**Anexo 3**

**Autorização para a utilização do Guião de Entrevista original**

"Good morning.

I was pleasantly surprised to receive your email and am glad that you have enjoyed *The Widowed Self*. Please go ahead and use the interview guide if you would like. I revised the guide as I went along because some questions worked better than others while new topics came up in early interviews that I had not anticipated. I look forward to hearing more about your work."

Deborah van den Hoonaard

**Em resposta a:**

"Hello!

My name is Alexandra Pinheiro and I'm a psychologist.

I'm writing from Portugal, and I'm now doing a post graduate study on narratives of widowhood with older women on the Oporto Psychology University.

My interest on this subject is very substantial and was supported by the reading of your book: "*The widowed self: The older woman's journey through widowhood*". It's an amazing study and has a similar structure to the one I want to give to my work. The way you talk about this ladies and there feelings support my ideas to develop this issue: we need to listen them carefully and with all the respect to their experience.

So, my work is now turned to the realization of the interviews and the qualitative method seems to be the most correct for me. In that way, I ask if I can use, for my study, the interview guide that you "create" and used?"

With my most respectful complements,

Alexandra Mendes Pinheiro



**Anexo 4**  
**Guião de Entrevista sobre a vivência da viuvez (Nogal, A. & Coimbra, J.,  
2004)**

## **Guião da Entrevista**

Traduzido e adaptado por Nogal, A. & Coimbra, J., 2004

1. Onde e quando nasceu?
2. Quanto tempo esteve casada?
3. O que eu gostaria que fizesse agora era que, me falasse da sua experiência enquanto viúva. Pode começar por onde achar melhor, incluindo ou não os pormenores que entender. Estou apenas interessada em conhecer a sua experiência. Pode-me falar sobre ela?
4. Quais as memórias mais marcantes que guarda dos primeiros dias após a morte do seu marido?
5. De que forma é que acha que a sua vida mudou desde que o seu marido faleceu?
6. Qual o aspecto mais difícil que destaca desde essa altura?
7. Surpreendeu-se com alguma coisa ou situação?
8. Já alguma vez tinha vivido sozinha?
9. A relação com os seus filhos alterou-se de alguma maneira, desde a morte do seu marido? De que forma? E com os amigos?
10. Lembra-se da primeira vez em que pensou em si própria como viúva?
11. Quais serão os aspectos mais importantes da experiência de ser viúva, que gostaria que as outras pessoas conhecessem?
12. Como é que acha que mudou desde que o seu marido faleceu?

### **Não esquecer:**

Aspectos financeiros

Decisões

Relações com homens – as alianças de casamento

Os fins de semana

Mãe e viúva

Suporte da fé e da igreja

**Existe algum aspecto que não perguntei e que devia ter perguntado?**

**Anexo 5**  
**Folha para consentimento**

## FICHA DE CONSENTIMENTO

Estamos a solicitar a sua participação num estudo de investigação sobre as temáticas do envelhecimento.

Trata-se de um grupo de investigação interessado em aprofundar o conhecimento científico neste domínio, pelo que gostaríamos de contar com a sua participação no presente estudo, concedendo-nos o seu consentimento para a realização de uma entrevista psicológica semi-estruturada.

As suas respostas ou informações pessoais serão estritamente confidenciais e a sua participação será voluntária, pelo que poderá retirar-se do estudo em qualquer momento do seu decurso.

Assinatura do Investigador

---

Assinatura do Voluntário

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **Anexo 6**

**Compilação de todos os testemunhos recolhidos**

**D. Albertina 76 anos**

"Sentindo necessidade de ir tomando alguns apontamentos em bocados de papel escritos, a maior parte já amadurecidos, que os fui encontrando em vários sítios, resolvi juntar alguns e colocá-los no sítio certo. Começo a partir que tive conhecimento de gente. Lembro-me da primeira professora que tive, chamava-se Maria Alves, banquinhos e cadeirinhas..." mas isto passo à frente que não é bem, bem o que eu queria. (procura) "Fui crescendo, aos 14 anos tinha uma rapaz chamado A. que me adorava e ao mesmo tempo havia o An. que ambos eram amigos do meu irmão, An., que eram pessoas nossas conhecidas. Mas eu, já de pequena não era calculista e ainda hoje, passados tantos anos sou igual. O que aconteceu é que o An. vendo que da parte do colega havia uma certa vontade de me ver, que se deslocava do extremo da vila só para vir ao encontro do meu irmão, o An. usou da franqueza e lhe disse que ia pedir namoro à Albertina. Que até, já tinha uma carta para me entregar. Resposta do outro: é de mim que ela gosta. Eu sou mais rico do que tu. Ora esses dois personagens ainda não teriam 17 anos e para não perder tempo, o An. veio a casa pegou na carta e dirigiu-se a minha casa, o que era hábito eu de tarde estar à janela com o meu sobrinho L., que era pequeno na altura. Então eu com uma almofada, no parapeito da janela, ali era o meu lugar para distrair o menino. Quando a carta me foi parar às mãos, fui informada da conversa que tinha havido entre os dois. Aí fiquei revoltada e no mesmo instante lhe disse: pois é, mas eu quero namorar contigo. Não achei justo porque se vamos falar de riqueza, o A. era um novo-rico que com a guerra se fartaram de ganhar dinheiro, tinham uma fábrica de conservas e barcos. Mas o An., apesar de ser só o pai a trabalhar, que naquele tempo era moda, nada lhe faltava que foi sempre um menino muito mimado e que teve a infelicidade de naquela idade ter ficado sem pai. Por tal motivo, nem tive a oportunidade de pensar numa coisa de tanta importância na vida de uma pessoa. Começou aí a longa caminhada. Faleceu o pai dele. Passado dois anos o meu. E então foi um resolver de situações. O irmão dele já tinha vindo trabalhar para M. e a seguir vinha ele. Com a morte do meu pai, as coisas complicaram-se que naquele tempo o chefe de família quando faltava não havia onde trabalhar. E nós, que três meses antes, do falecimento do meu pai tinha falecido o marido da minha irmã, que foi um grande desgosto (...) " quer dizer, isto aqui assim.... Era uma pessoa muito querida, que a minha mãe quando o meu pai faleceu não pôs um fio de luto porque ela já estava toda de preto porque aquele genro era como um filho. De maneira que aquilo foi... a situação complicou-se, de qualquer maneira tínhamos que migrar. E pensou-se em ir para L., porque era em L. que nós tínhamos pessoas amigas. Então pedidos para o P. porque o meu irmão An. andava no longo curso, e as viagens era P., L. e para o estrangeiro. De maneira que, como fazia, tinha-se migrado que era uma coisa recente, não é? Mas que, por sua vez, a mãe dele estava viúva e os dois filhos precisavam da mãe que os acompanhasse para tratar deles e ela coitada, tinha muito desgosto que nunca tinha saído da terra e daí, ele convenceu o meu irmão de que era a mesma coisa ir para L. ou para o P. mas que ele vinha para Le.... foi por essa razão que nós viemos para cá. Portanto, o meu irmão... "começou uma longa história, aos 17 anos engravidei." Viemos para cá morar e então, as dificuldades nas casas que era, eram muito grandes, isto há 58 anos. Havia muitas dificuldades porque havia poucas casas... havia casas velhas, havia casas e de maneira que como nós vivíamos numa bela casa, nós aqui não íamos procurar uma casa qualquer. De maneira que, andaram, andaram e como as dificuldades eram grandes em arranjar, e como eram duas famílias, eles arranjaram uma casa maior para as duas famílias. E foi aí, que a coisa correu assim desta maneira. Porque ainda hoje existe e muitas vezes eu ainda passo lá, nessa vivenda. Pronto, viemos então para cá.

"Quando o filho nasceu a inexperiência era total e o que valeu eram as avós. Mas problemas de saúde que o fizeram viver só 38 dias. Pois lembro-me que tive um grande desgosto que o corpinho estava vestido e já hirtó e eu queria pegar nele ao colo... enfim, com tão pouca idade, comeci a sentir coisas tão desagradáveis. Depois, passados dois anos nasceu a minha L. o que já com alguma prática, foi bem diferente. Dentro das possibilidades da época, tudo fiz para lhe proporcionar o melhor. Mas passados nove meses, foi um susto total, engravidei deste meu filho. Um susto total, engravidei novamente e entrei em pânico. Fui consultar uma parteira que havia na altura que se chamava dona E. para saber se conseguia o impedimento do mesmo. Ao fazer o exame foi-me explicado que era gravidez. Eu chorei, expliquei que a menina só tinha nove meses. Mas a dona E. teve uma conversa comigo que me deixou com as ideias mais claras e aconselhou-me a não fazer nada porque era um menino e que quando ele nascesse já a menina era mais crescidinha, tinha 18 meses, a correr de um lado para o outro. Então vim para casa, leve e descontraída e afinal sempre nasceu um menino. Calhou. Porque ela não sabia. Mas foi assim com a sua conversação, conseguiu animar-me. Depois nasceu o W. foi uma criança que foi sempre muito especial e não compreendida. Passados 4 anos nasce o E., aventureiro. Hoje, como tem conhecido bastantes países, sempre trabalhando com o seu feitio muito próprio (...). Porque depois divorciou-se e depois casou outra vez. E quase em todas as minhas histórias, tem depois um versinho: "A vida de cada um é um enigma. Será? Tanta luta que é preciso. Será destino? O que vem a ser afinal?"

"Mas voltando ao W.. No jantar dos meus anos eram os filhos pequenos e com conhecimento da sua existência, ele comprou-me uma prenda e ao sair, com a mulher e os filhos, abraçou-me e disse: a sua prendinha está no seu quarto. Aí, depois da saída, fui logo ver do que se tratava. Vi então uma carta dentro dela. Um escrito, agradecendo por eu naquele dia o ter trazido comigo." Este é um filho muito especial (risos). "Essa carta conservarei toda a vida. Aos 8 anos teve que fazer uma intervenção cirúrgica aos intestinos derivado a uma má posição que ele tinha, que de acordo com o Dr. Ele já poderia ter nascido assim, como também, podia ter sido de um salto quando era pequeno nas brincadeiras. Pois não havia aproveitamento dos alimentos e depois de todos os exames feitos, chegou-se à conclusão que era inevitável, tinha que ser operado. Chegado o dia marcado, eu na véspera, disponibilizei a tarde, para irmos os dois passear. Saímos os dois e pergunto-lhe eu: onde queres ir? Resposta dele: ao museu S. dos R.. Eu fiquei sem fala e lá fomos. Foi surpreendente, com que curiosidade ele observava aquilo e com tempo." Imagine, uma tarde inteira no museu S. dos R., com uma criança de oito anos. "Na época isso tinha uma importância que não estava ao meu alcance e pela vida fora, tudo tem sido sonhos na vida dele. Um dia numa consulta havidas antes de ser operado, a conversar comigo, disse-me que nem estava satisfeito com o ensino porque devia ser assim, ele a explicar-me, sabes, passa, sabes, passa. Porque se assim fosse, eu aos doze anos era professor, porque eu estou aborrecido de todo o ano dar a mesma coisa. Hoje penso o que havia de avanço naquela cabecinha mas ninguém reparava. Enquanto estudou, foi sempre um conflituoso com os professores... ele lá tinha as suas razões.". Tinha de certeza. É verdade, porque... conflituoso, entre aspas, porque não era uma coisa.... Estava sempre. E era uma criança que... ele foi operado aos oito anos. Ele andava na 3ª classe mas, passado um mês foi operado e então deixou a vida escolar e depois não queira estar em casa, quando veio do hospital, queria ir para a escola. Mas não havia onde o colocar porque já estava tudo cheio e já estava assim e eu, ainda fui a umas poucas de escolas que tinham a 3ª classe e que me diziam que não dava. A cara que ele ficava, com os olhos muito atentos ao que as pessoas estavam a dizer e então passou, numa das escolas a que eu fui, passou o director, que era um rapaz novo e a professora também era muito nova e então perguntou o que estava a acontecer. Ele olhou para o miúdo e disse assim: tu queres vir para a

escola? E diz ele: quero. Então vens para a escola que eu arranjo-te uma cadeirinha que tu vais lá ficar à frente. E foi. Só que ele era assim, e ainda hoje é: perde muito por aquele feitio que tem. Ele é uma pessoa com uns conhecimentos fantásticos.

Que idade é que tem dona Albertina?

Vou fazer dia 22 de Agosto, 76 anos.

É a idade do meu avô.

Isto é um apontamentosinho só: "Eu acho que a palavra se, é assustadora. É uma palavra com uma só sílaba e com duas letras apenas mas cheia de mistério e de indecisões. Quantas vezes é pronunciada quando já não há remédio? É sempre quando chega a desilusão e vem logo ao pensamento: se eu não tivesse feito isto ou aquilo ou se eu não.... Portanto é sempre uma sílaba com duas letras apenas e que é tão mal amada." Tã bem? Escrevi, escrevi.... Olhe, 7 horas da manhã. "Sete horas e vinte da manhã, estou sentada à máquina de costura...." (emociona-se). Ai....

Tantas memórias!

"... sentada à máquina de costura a olhar para a rua. Manhã cinzenta, muita chuva, uma chuva lenta, maçadora, vejo nela uma calma, um lamento, um choro. As gotas de água que me batem os vidros parecem querer compartilhar comigo as lágrimas que raramente me saem dos olhos mas alimentam o meu coração. Um bom dia de trabalho.". Ai (chora). (ri-se)

Estas coisas mexem connosco....

Ah, eu não posso passar sem lhe ler isto, é muito rápido. Um fim de tarde. "Foi um dia duro para mim. Como em tantos outros, muito trabalho. Às sete horas chegaram os primeiros do colégio – eu morava ali à beira do J. de D., de maneira que os netos saiam da escola e iam para casa da avó – fui muito bem atendida e é o costume àquela hora, ser sempre necessário perder um tempinho com eles. Chegada a hora de marcha, acompanhei-os até à porta. Quando voltei para o meu local de trabalho apoiei os braços sobre a máquina de costura e deparei com uma pintura maravilhosa que se compunha de pedaços de céu azul e rolos de nuvens brancas. Ai, contemplei-as e descobri lagos, montanhas, castelos, extensões quase planas que pareciam uma praia. Senti necessidade de me transportar para aquele sonho e foi então que larguei o fardo que trazia sobre o peito e fui para lá brincar. Andei por aqueles montes brancos, por aqueles lagos, por aqueles mundos maravilhosos, que se ia desfazendo e ao mesmo tempo escurecendo. Quando dei por mim, estava leve, tranquila, sonhando aquela maravilha. Um beijinho.". (ri-se). Isto: "A criança para mim é uma coisa maravilhosa. É a coisa mais maravilhosa que o mundo tem. Tão ingénua, tão pura: oh pequeninos porque é que vós não podeis ser bem aproveitados para que a vossa cabecinha pudesse aprender amor pelos outros. Para que futuramente a humanidade pudesse ter cura para tantos e terríveis males que a têm tão enferma. Era tão fácil, tão bom. Um voto do tamanho do mundo para que isso um dia seja possível.". Não me convenço que seja. Ah, isto aqui são coisas do primeiro casamento. Quando ele esteve doente. Ele esteve no hospital de S. J. porque teve um AVC e depois permaneceu a ir às consultas para ver como é que ele estava não é? De maneira que isto foi no dia 25/07/81. "Este dia ficou marcado porque como eu andava com o An., meu marido, em consultas periódicas de neurologia neste hospital, e essas consultas eram feitas no 7º piso e lá se encontravam coisas terríveis. Pois ao chegar à portaria deparei com uma mulher velhinha sentada a pedir esmola. Entrei e subi ao 7º piso e tudo era tristeza. Eu que levava um bloco para ir fazendo apontamentos de trabalhos feitos, pois tinha tido trabalhos dos quais ainda não tinha tido vagar e ia tomando nota e ao mesmo tempo ia fazendo as facturas. Enquanto esperava por aquelas consultas, era a fazer jogos e desenhos que eram só o médico e o doente. Claro que eu não tinha cabeça para fazer o que tinha pensado mas sim o que tinha visto. Por isso escrevi o que sei juntamente com algumas lágrimas. Isto é a mulher velhinha: tenho pena de ti que sofres, tu que não tens carinho, tu que estás desprotegida, tu que falas e não te escutam, tu que estendes a mão e não consegues segurança, tu que estás morta de alma. Quem és afinal? Um ser humano? Ah, sim bem vejo. Mas transfigurada, tens sede na alma e no corpo. Toda tu és ansiedade és abandono minha pobre mulher.". (chora). Eu nunca mais me esquece daquela figura. Isto é crianças que eu vi: "Doença, flagelo de morte, crianças sofrendo tanto, com carinhas tão angustiadas, como que a dizerem: eu não fiz mal a ninguém para sofrer assim. Oh meu Deus a morte se aceitava de uma maneira mais doce, para enfim descanso de tantas almas, que nem tiveram tempo de conhecer. O mundo tão desvairado e tantas vezes injusto para estas pétalas de rosas que são as crianças". Isto foi dedicado a mim, à minha pessoa, a 28/08/2000, dia do meu aniversário, estava eu a preparar o almoço. Veja só... que fiz um intervalo, comecei a pensar, a pensar, a pensar e pronto...: "Oh mulher que tanto falas, e que tanto tens para dizer, alguns são de orelhas moucas e não querem saber. Não és justiceira, és verdadeira. Tens alma e coração firme nas tuas maneiras. Não te dão valor? Não! Tu que também tratas, só sabes bem tratar, tu salvas aparências com um sorriso no olhar, todos os que te rodeiam adivinhas os anseios para poderes agradar. Não te dão valor? Não! Às vezes dou comigo a pensar na estrada longa da vida. Tantas desilusões já sentidas que doem tanto, tanto e não (imperceptível). Não te dão valor? Não! Há que rir para disfarçar, chorar não posso chorar e esforço-me para ser forte. Interromperam-se-me as lágrimas, choro dentro do meu coração (imperceptível), a todos perdão. Não te dão valor? Não! Gostas muito de presentear, não tens nada para dar, dás um gesto um carinho e um olhar que para ti são gratidão. Não te dão valor? Não! Deus dà-nos o tempo de graça e eu luto por essa dívida, tenho tanto que fazer, tenho tanto que dizer que a muito custo vou alinhavando a vida de cabeça sempre erguida não há tempo a perder, tenho tanto que fazer. Não te dão valor? Não!". "Deus é a minha fé, és energia da minha alma, universo sem fim. Sempre me orientas e me pões calma." Como eu fiz muitos serões, madrugadas eu ...quando ouvisse o cão a ladrar eu já sabia que horas eram mais ou menos. Na noite nós conhecemos as horas. E então, eu escrevi isto para dar aos meus netos, para eles terem num póster no quarto deles. Anos a fazer serões que passei a ter horror às noites: "A noite é escura da cor do susto, da cor do medo, tudo que a envolve é mistério, com teias invisíveis, armadilhas e alcapões. Será tão difícil de entender, o seu silêncio arrasta confusões. Luz é alegria para que tudo se possa ver, almas escondidas poderem aparecer. O frio da noite gela corações podemos evitar tantas, tantas aflições.". isto são os 16 mandamentos do pensamento.

Nunca tinha ouvido tal coisa!



Pois não, é tudo fruto da minha cabecinha (riso). Mas isto é, a menina ainda não me conhece mas eu sou a coisa... o que mais me preocupa é a saúde. E eu quase que posso dizer que estou cega completamente da vista esquerda, porque não estou. Mas juro-lhe, pela luz dos meus olhos que isto é tudo cá de dentro, meu, meu, meu! Não gosto e nunca gostei de copiar nada de ninguém, mas de nada.

Genuína.

É verdade, nos trabalhos, no que faço, que são bastantes e... nunca.... nunca fiz isto por dinheiro, por valores.... não a quantidade e a qualidade são porque são extraídos de mim. São meus, meus. Imitar, não gosto.

"Sou aquilo que não sou, de algo que queria ser. Sou um resto de vontade que acabou por morrer. Pequeninha, era linda cheia de boas intenções, hoje estou inacabada, a todos os meus perdões." Os meus três filhos: "Raízes de uma árvore fraca que açoitada pelo tempo, era forte, bastante forte, resistia a tudo. Raízes que significam tudo de mais belo para mim. A mais velha é rija, extremamente sincera, com grande coração mas um tanto retraída. Boa mãe, boa esposa o que me deixa tranquila. A segunda, com muita determinação, preponderância, respeito por todos os que o rodeiam, com uma aparente calma, que nem sempre é real. A terceira, essa é inconstante e insegura mas com um coração bom. Bastante infantil. Pois é esta raiz que mais me preocupa – ele esteve muito tempo no estrangeiro e de maneira que é uma pessoa que sempre viveu longe daqui mas graças a Deus que nunca houve problemas. Isto são tudo poemas feitos para os filhos, para a L., para o W. e para o E.. Estes são para os netos e para as noras. "isto são apontamentos que hoje em Janeiro de 2003 já tem bastantes diferenças mas na altura que foram feitos foi com grande sentimento que os fiz". Mas hoje, a coisa é diferente...

"Mulher, és forte e frágil no balanço da vida, na rotina do mundo, nas roupas amargas do susto da vida. Resiste mulher, pode ser duro que nem rochas que aguentas toda a onda do mar e violência mas paciência mulher. És mulher, é quanto basta." "Tanto amor, tanto carinho que no meu peito encerra, para os meus queridos filhos que só um dia acabará quando a casa for terra." (...) Isto é uma parte de política (ri-se) que também me tocou um pouquinho. Ah... eu não tinha posto aqui um apontamento, mas passou-me esta folha: "É o começo de uma nova etapa, que a qual começou no dia 28 de julho de 1990. Dia esse que tenho recordações lindas, foi o dia do meu segundo casamento. Foi um grande sonho que desde menina sonhava (...)" o meu primeiro casamento, foi um casamento ali... isto foi assim, eu engravidei. Aos 17 anos engravidei e depois aqui, os costumes podiam ser uns mas eu estava habituada aos costumes lá no A..

Veio do A.?

É verdade. E de maneira que esta situação, eu sentia-me envergonhada. E a minha mãe e a minha sogra... foi uma coisa assim um bocado... e de maneira que o bebé nasceu e eu só casei depois. Mas como era nova ali, ninguém sabia se eu era ou não era casada. Não tinha que dar satisfações a ninguém. Mas em mim existia uma rejeição de tal ordem que fui pedir a um padre velhinho daqui de M.. Era um senhor já com muita idade e disse-lhe, eu estou nesta situação assim mas não quero que ninguém saiba. Eu quero casar depois da igreja fechar. O senhor faz-me missa. E ele fica assim a olhar para mim e disse assim: mas porquê de igreja fechada? Porque eu não quero que ninguém saiba que eu não estou casada. E ele casou-me de igreja fechada. Mas foi um casamento tão liberto de acontecimentos e de coisas que foi um dia normal, normal. Foi como se eu fosse a um recado, vesti um casaco, levei um véu, foi a minha sogra comigo, foi o meu marido... palavra de honra, isto é uma coisa... mas foi uma coisa, não sei, parece que não havia de ter procedido assim. Passou tudo ao lado, casei, estou casada! Ele era uma pessoa muito educada, trabalhava numa profissão que lhe foi imposta pelo arrastar das situações e ele não gostava, de maneira que foi uma pessoa fracassada toda a vida. E então eu, tive que começar por trabalhar que hoje dou muitas graças a Deus da minha iniciativa, ao que eu fiz pela vida fora. Tenho muito orgulho do que fiz. Tenho pessoas onde eu ia comprar... uma pessoa amiga, amiga, amiga que quando eu casei segunda vez me foi levar um ramo de flores à igreja, uma coisa linda. E de maneira que esta situação foi pela vida fora.

Quanto tempo esteve casada com o sr An.?

Quarenta e um anos... vida essa que foi assim. Vivia, respeitava-o era uma pessoa que, claro com o decorrer do tempo começa por ambientar-se e gostar, porque era uma amizade... quando comecei a namorar com ele, eu tive pena dele da situação do outro. Porque o outro era mais gabarola e ele era uma pessoa... foi sincero e eu dei um valor àquilo que, com 14 anos! É verdade, com 14 anos. Verdade. E então, foi pela vida fora. Ele não era mau, não era pessoa que não fosse carinhoso. Só que... havia uma fuga que eu nunca soube para onde mas eu imaginava que fosse no jogo. Que havia o irmão dele que andava sempre, sempre... não me apercebi do que era mas num determinado momento, parece que ninguém o via. E de maneira que, naquele tempo não era porque ele gastasse muito, que os ordenados eram pequenos, mas aquele bocadinho fazia falta. Mas os meus filhos sempre saíam arranjados, sempre, sempre. Tantas preocupações... de maneira que depois, veio a doença ainda esteve 9 anos doente. E depois de vir a doença, eu nunca deixei de trabalhar. Eu era necessária, primeira fase foi muito complicada porque era preciso fazer-lhe tudo porque ele esqueceu-se completamente da vida. Esqueceu-se de como é que se vestia, como é que apertava, e essa coisa toda tinha que ser feita toda, toda por mim. Tinha um sofá, então o sofá foi para o cantinho, tinha a máquina, tinha papeis e ele estava ali. Eu conversava com ele e ele não respondia mas ele ouvia, gostava que eu lhe falasse. As coisas da nossa terra, quando éramos novos e tudo mais. E depois ele gostava... e de maneira que foi assim. Uma ocasião estava a fazer uma toilette para uma senhora, para um baptizado e tal e de maneira que, e ela ao apreciar, porque nada lhe faltava, e tinha tudo. Só não tinha era filhos. Era a única coisa de mal que ela tinha, era isso. Eram pobres nisso. E de maneira que um dia ela me disse assim, eu não aguentava. Oh Albertina como é que consegue trabalhar e estar aqui a apoiar? E eu disse-lhe assim: tudo tem que ser feito com um esquema, tudo tem as suas horas e de maneira que, bate tudo certo. Oh dona M., eu vou-lhe explicar: um dia eu fui ao P. fazer compras, era no tempo dos saldos e vi uma porção de coisas numa montra e entrei e comprei uma grande quantidade. E ela estava assim a olhar para mim, como quem não me estava a perceber. Comprei uma grande quantidade que ainda hoje conservo porque ainda não acabou e espero que dure ainda muitos anos. Oh Albertina mas o que é que comprou? Pacotinhos de paciência... comprei tantos, tantos (risos). Ela nunca mais se esqueceu. E foi assim, foi nos saldos, foi baratinho. Olhe... de maneira que é assim...e então ela achava-lhe graça como é que numa situação daquelas tem sempre uma disposição e então eu ria-me com ela...

E ele partiu?

E depois de nove anos, ele faleceu.

Que idade é que tinha nessa altura?

Sessenta e três o meu marido e eu sessenta e um. Éramos dois anos de diferença. Assim como para o meu segundo marido, que eles eram amigos de infância porque o meu segundo marido também era de V. R.. Vizinho dele. Estes 58 anos fomos sempre grandes amigos (diz em tom mais alto)! Que ele era um amigo de infância. A mim ele, sabia as minhas qualidades, ele realmente era... aquele homem viveu! Foi um sonho de vida, a vida inteira...

Isto para quem não conhece as coisas mas isto foi uma coisa linda. Foi uma coisa linda e eu quando... ele ia muitas vezes à minha casa. Não era muito tempo e às vezes eu tinha pessoal a trabalhar, ainda cheguei a ter 8 meninas a trabalhar, e de maneira que, eu às vezes estava a fazer provas e ele estava à beira, mesmo antes do meu marido adoeecer e mesmo depois. E então dizia assim, conversava, dizia às vezes uma gracinha às miúdas e elas adoravam-no. Só aquele bocadinho às vezes nem dava fé porque estava a fazer provas nem dava fé. E ele depois lá ia. Quando o meu marido morreu, eu fui uma semana para casa da minha filha para fazer umas toiles, porque não tínhamos nada preto, porque aquilo ele esteve tantos anos doente que eu nunca me capacitei que chegava a hora e não tinha vagar para fazer. Tinha para fazer mas nunca fiz. E depois fui lá para casa dela – a minha filha mora ali na S. da H. – e de maneira que ele, isto... o funeral foi num Domingo, no dia 1º de maio. Sei que era dia feriado, porque parecia Domingo, mas não me recordo que dia era. E de maneira que ele no próximo Sábado, eu estava lá na minha filha, e ele apareceu lá. Porque ele ia muitas vezes à minha filha, e Deus me livre, era amigo da família toda. A família que ele tinha cá éramos nós. De maneira que, eu tinha o meu namorado, ele depois arranjou namorada e mantinha-se uma distância normal. Amigos e, de maneira que ele foi a casa da minha filha e estávamos lá a conversar e então, eu estava a talhar na mesa da sala de jantar e a sala de jantar a janela é tudo em portas de correr para o quintal e estávamos ali, praticamente em contacto uns com os outros. Ele ao ir embora, veio à sala de jantar despedir-se de mim e eu disse-lhe assim: olha tenho uma coisa para te dizer, agora não vás a minha casa que eu estou sozinha. Ele ficou assim, mas então tem algum mal. Digo assim: pois eu estou sozinha e não quero que vás à minha casa. Pronto, ele não foi mas depois começaram os telefonemas. Perguntar se eu estava bem. Estou bem, estou a trabalhar.

E estava mesmo bem?

Estava bem. Estava bem porque... aquilo foi uma coisa que apesar de ter sido um soco que nos deu no peito, ele estava muito bem, nós não compreendíamos. O médico esteve lá eram 8 horas da noite, e o médico sentou-se, conversou comigo, só me faltou dizer... ele faleceu eram para aí umas nove horas da manhã. Ainda tomou uma injeção eram oito horas, lavei-o, mudou-se a cama, e tudo mais. Não compreendemos. É verdade. Depois foi assim... lá está as pessoas, isto vai também de cada pessoa... cada ser é um ser, nós não somos todos iguais e não é tudo: é assim. Há pessoas que têm pancadas na vida e caem com dores, não se pode fazer isso. Não se pode fazer isso. Eu tinha que fazer, tinha que estar sempre, trabalho, trabalho, trabalho. Sempre fui. Eu não tinha tempo para estar com lamechices e até porque eu não me mentalizava que aquilo era vida. Porque eu não posso ver uma pessoa assim. Eu não posso ver uma pessoa assim, às vezes lá na televisão e eu: ai meu Deus, Deus se lembre daquela pessoa. É uma coisa que me dói na alma é as pessoas sofrerem, sofrerem e já velhinhas, velhinhas. Velho ele não era velho! Era um homem novo.... 54 anos.... a idade do meu filho. Outro dia até senti um tremor de me lembrar que o pai tinha a idade dele. Eu era tão nova quando isto aconteceu, tinha 52 anos. Que nem me apercebia, eu nem me apercebia das confusões que a minha vida tinha. De maneira que... depois começou, eu sabia, não era uma coisa de que eu fui sempre contra e ainda hoje, depois de ter casado segunda vez, eu digo, eu não aconselho a ninguém que o faça.

Porquê?

Por uma razão muito simples, ou é o meu feitio porque eu gostava e sempre gostei de não ter preocupações com terceiros... e aquilo afecta muito. E eu digo... No tempo do primeiro casamento era uma coisa que eu achava muito má, uma pessoa que portanto viver com um homem... Isto era longe do meu pensamento... não admitia que aquela pessoa fosse assim. Nós não podemos dizer não faço, nunca ninguém pode dizer isso porque as coisas vão, é como uma bola, vão rolando e a pouco e pouco as coisas vão-se adaptando à maneira como as coisas vão correndo e quando se apercebem estão encaixadas... isto é assim. Porque eu depois, passado dois meses eu era a mulher mais feliz do mundo. Eu vivia em casa da minha filha e nós íamos, já não me recordo onde íamos, íamos a Espanha, sempre que podíamos. Porque depois ele adoeceu também mas, éramos as duas pessoas numa só. Onde ia uma ia a outra, onde ia uma ia a outra. Ele não era pessoa de ir a um café....

Ele era viuvo, era casado?

Ele era casado. É uma longa história... ele casou, novo, casou muito novo também. E, a primeira mulher, a mãe da Dr. O. faleceu de parto e de maneira que ele ficou com 21 anos com uma filha na mão. A mãe dele veio cá para o funeral e levou-lhe a menina. Esteve aqui um tempo, bastante e depois arranjaram-lhe um casamento, que era uma rapariga, muito doente, muito doente mas que sempre guardou segredo e faleceu para aí passados dois anos. Verdade! Ainda nasceu uma menina mas essa menina depois faleceu. Ele depois andava um pouco à deriva, ele tinha a filha no A. com a avó e ele andava aqui. Ele era uma boa figura e aquilo eram 7 cães a um osso. Só que ele teve muito pouca sorte com o cão que lhe apareceu (risos). E depois de conhecer a coisa, então é que via o que aquilo era. (...)

(...) porque há muitas pessoas que têm coiso com os a.. Há pessoas mas... não é por ser a minha terra mas os a. têm um temperamento diferente do que os de cá. Eu estou cá há já 58 anos e não me dou no A.. Acho que aquelas pessoas são muito paradas. Já não me... parece que ao longo da minha vida fui criando os meus hábitos e os meus costumes, das minhas necessidades. Fui eu próprias que os criei, não foi ninguém...

E de maneira que ele dizia ao médico que já fugia amanhã, se arranjasse uma mulher igual à que eu gosto. Aquilo eu sabia que era. Quando eu envievei, começou com os telefonemas, telefonemas e disse eu assim, tu tens a certeza

absoluta? Mas eu não tenho segredos para ti e com a máxima franqueza eu já te disse, não! Eu quero agora viver para mim, para os meus filhos, para os meus netos. Porque eu muitas vezes comprava tecidos para fazer uma peça de roupa para mim e ficava que não tinha vagar. Houve uma altura em que uma cliente, essa tal dona... que me disse assim oh dona Albertina, (imperceptível) fazia-lhe tanta, tanta falta. Ela estava sempre desejosa... mas eu olhe, desculpe que eu agora estou a fazer uma toilette para mim que estou com uma necessidade absoluta. Porque eu ia todas as semanas ou de 15 em 15 dias ao P. comprar coisas, que precisasse. De maneira que não tinha muito tempo... porque lá está é da maneira de pessoa, é um lencinho, uma blusinha diferente. Exactamente. Então, eu digo assim, eu tenho uma saia casaco de linho azul escura, que se eu a puser em pé ela vai sozinha. Ela nunca mais se esqueceu desta. Foi essa e os pacotinhos de paciência. E então, disse-lhe que não e acabei as minhas roupas. E ele então, numa daquelas investidas disse-me assim: olha, nós – lá está, os telefonemas e aquelas coisas, olhe que às vezes levava-me uma hora ou mais ao telefone, ele fechava o escritório e estava horas e eu já eram horas das minhas se irem embora e eu estava sozinha, aquelas conversas faziam-me bem porque era também um desabafo que eu tinha, a vida e depois fiz serão até às tantas horas e assim, e ele batia sempre na mesma tecla. A pessoa depois vai ficando moldada àquela ideia e a coisa vai, vai, vai... sim e ele vivia dizendo-me assim: eu preciso de falar contigo mas não falo por telefone porque aquilo que eu te quero dizer não posso de maneira nenhuma falar por telefone. Era para ver se me convencia. Tu quando é que saís, quando é que vais ao P.? Olha, amanhã e depois não vou. Ainda não tenho a certeza mas esta semana ainda vou. Se não for quinta é na sexta mas vou. Depois até acabei por nem poder ir e depois só fui na segunda. Olhe....

Estava viúva há quanto tempo, quando ele quis falar consigo?

Há ano e meio. Ano e meio. Foi até nisso eu fui contra as minhas ideias. Mas pronto.... fiz tudo quanto era possível e impossível fazer em vida. Depois de morto nada presta. Depois da pessoa falecer nada presta. Foram tantas, tantas horas, o esforço físico que eu fiz para me transformar em mais horas do que as que o dia tem, para lhe compensar aquelas que tinha perdido e sempre com boa disposição, sempre a dar a comidinha, sempre tudo... Oh An. olha que são horas de fazer chichi. Porque eu controlava muito a hora de fazer chichi porque ele não queria fraldas. E digo eu, oh An. anda... não tenho vontade. Tens porque tu fizeste quando eu fiz, e eu agora já fui fazer, por isso tu também já tens vontade. E ele muitas vezes não queria e quando não já não ia a tempo, fazia pelas pernas a baixo e eu tinha que o meter na banheira e eu tinha que lhe tirar calças, trussos, meias, sapatos tudo. Com o chuveiro passava-lhe. E depois era nível, que eu usava boiões de nível e não lhe faltou nada. Eu estou tão leve, tão leve, tão leve do tratamento que tenho feito às pessoas de quem tenho cuidado. Já têm sido várias.... a minha sogra, foi uma tia que me veio visitar do A. e ficou cá 28 meses com uma trombose e estava tão bem tratada que o médico do domicílio um dia me disse assim, minha senhora eu gostava tanto que a minha esposa visse esta senhora porque ela é visitadora também e gostava muito... oh Sr Dr. esteja à vontade. (...) é isso de que eu tenho a minha vida cheia! Era Inverno ela estava... não havia fraldas, mas na lavandaria que tinha aberto algum tempo antes de ela adoecer, que são pessoas muito amigas e um dia encontrou a minha filha ele, a maezinha esta bem?... está, foi isto assim, assim... ai meto ai tudo a secar ao fim da tarde que à amanhã de manhã venha ai buscar que meto à volta da estufa que fica tudo seco, foi o que lhe valeu... não era fraldas eram baetas umas baetas que havia nesse tempo com umas barrinhas, então fazia... comprei um plástico que era uma manga e eu cortava e fazia uns triângulos com um alfinete para que ela não andasse assim... eu fiz tudo, para que houvesse higiene naquela pessoa e era assim que ela estava... e com uma botijinha aos pés, os pezinhos com meinhas de lã com um xalinho, embrulhadinhas nas pernas, tudo... eles foram lá às 2 e meia da tarde... e depois ainda fui conversar com eles... e depois foi o meu marido o primeiro... este meu filho vai fazer 6 anos para Novembro teve um derrame cerebral esteve à morte após um mês de divórcio veja o que me custou, foi um desgosto tão grande, tão grande, tão grande que ele teve que o meu segundo marido, quando aconteceu isso, ele já estava doente, me disse assim, aquilo foi uma coisa tão grave que não podia ser operado, porque os médicos, tinha que o organismo absorver... quando estava à beira dele os médicos diziam, vamos ter fé que a coisa parece que está a encaminhar bem sem operação e foi, graças a Deus, ele faz quase a vida dele normal excepto, o conversar conversa muito bem, no escrever tem falhas de português que era a área dele...

Imagino.

Tem falhas no português e pode repetir a mesma coisa, essas coisa tem que ser corrigidas. Enfim, de maneira que portanto ano e meio de estar viúva, de maneira que foi essas conversações e eu disse assim nós temos que conversar, e ele, mas é que eu vou sempre com tanta pressa... eu geralmente ia sempre de manhã ao P. porque de manhã perdia menos tempo, estava menos gente na rua, e eu não ...

Vagar para pensar estar a perder tempo...

Em perder tempo e de maneira que vinha, diz ele assim, eu peço-te uma coisa vê se te disponibilizas para coiso, de tarde, e digo assim então ficará para segunda feira e eu então fiz as compras fui à bombom, fui... e disse-lhe assim eu às duas horas vou fazer as minhas compras, naquela altura não havia telemóvel, e então depois era assim, eu demoro... eu estarei pronta, estarei lá às duas horas não sei, porque às vezes o transporte atrasa ou assim... mas eu acho que às 3 e meia, 4 horas eu estou pronta e nos ali nos clérigos ou a bombom ou ... estou por ali, o pobre esperou mais de que? Às três horas já estava lá. Ele disse que não tinha tempo para fazer as coisas. Bom, depois fomos a G. Sentámo-nos num café eram 4 e 15 h, saímos de lá já quase a escurecer...

Que grande conversa.

Conversamos, Conversamos, Conversamos, escurecer não digo, mas...

Era final de tarde...

Era final de tarde. Eram umas 8 horas e de maneira que eu fiquei e digo assim, olha eu não sei o que te dizer, porque eu tenho a casa cheia de costura, e eu tenho as minhas coisas... e o que é que eu digo a fulana, e a fulana, tu tens que começar a pensar nas pessoas.. ó homem mas é que eu não tinha isso na minha cabeça... foi... naquela altura eu pus muitos obstáculos como por exemplo, o que é que a tua dita cuja fará depois? Eu comigo não quero confusões! E

não as tens, diz ele, não as tens, não as vais ter. ele garantiu-me e eu fiquei convencida porque ela sendo uma pessoa com um passado assim, havia de ter vergonha, não é?

Claro...

Porque foi uma coisa, foi de certeza porque ele garantia, ele dizia eu não consigo mais ter contigo, não posso! Eu estou esgotado, eu não consigo, eu até posso ser mau mas não te posso suportar, não suporto! E dizia-me abertamente, ela... ai uns 9 anos antes de nos casarmos, ele propôs uma coisa, eu sei que tu precisas de uma mulher mas sou te arranjo que eu quero saber quem é... já vê...

Ela era mesmo ruim. (risos)

Dai pode ver os sentimentos daquela mulher... então... vergonha eu não preciso que arranjes... eu sei que tu as tens mas eu como não sei quem são, quero saber, ainda mais te digo vou te por já à vontade vai ser aqui na nossa casa... diz ele és maluca, completamente maluca... e depois a rir-se dizia assim até se preciso for é na nossa cama comigo também. (risos)

A senhora realmente era assim um bocadinho, coitado do senhor! (risos)

Veja lá! Isto são pormenores que um dia, e ele sabia quem era, via-se a milhas... iam a Espanha fazer compras que muita gente ia Espanha fazer compras antigamente, iam a Espanha, e depois se tivesse... que estava com dores de cabeça ia para o banco de trás para ela ir no banco da frente com ele. São coisas mesmo inacreditáveis mas... ele chegou-me a contar isto, chorando...

A pressão em que ele vivia...

Ele estava num estado que, ele teve um enfarte passados dois anos.

De vocês casarem?

E depois da operação, no mesmo dia eu falei com o médico, não foi no mesmo dia, foi ao outro dia que falei com o médico e disse, Sr Dr. como é que as coisas estão, diz ele, o minha senhora as artérias do seu marido estavam como os canos de uma casa velha, porque aquilo era um restaurante e a sua excelência estava sempre doentinha para fazer a comida e então aquele homem estava com uma acumulação de coisas más na vida dele... que sofria dos intestinos horrivelmente, horrivelmente... deixou de tomar medicação para os intestinos, ele estava bom dos intestinos... como é que é possível? Os intestinos aquilo era uma doença crónica, ele fazia quantos exames havia... comprimidos para fazer a digestão, antes para preparar o estômago... e então depois e estava com uma tranquilidade de ver que aquilo não era a destruição de um lar aquilo era o alívio de um inferno e então dai e que eu comecei a pensar que realmente não estou a fazer nada mal...

E os seus filhos como é que aceitaram isso?

Falei, um por um, um de cada vez...

Já com a decisão tomada?

Sim, quer dizer eu a conversa... só tive a certeza quase há ultima da hora, aquilo foi um bocado muito difícil... e então primeiro falei com a minha filha, os meus filhos estavam tão habituados aquela pessoa, estimavam tanto aquela pessoa, conheciam tanto da vida daquela pessoa, que eles não ficaram admirados e este meu filho andava sempre muito atarefado e eu disse assim o filho, eu quero falar contigo, e ele está bem mãe depois venho cá... um dia chegou lá e digo assim a mãe quer falar contigo, e ele ó mãe desculpe que já quantas vezes já me disse que queria falar comigo, venha cá, sentou-se e puxou uma cadeira para mim, senta-te o que é que se passa? Filho não sei por que ponta hei-de começar e ele, mãe pela primeira e siga até ao fim, eu sou todo de ouvidos. Digo assim, olha filho, a tua opinião qual era se soubesses que a tua mãe queria mudar a situação? E ele teve uma atitude que foi assim que até me assustou, mãe eu compreendo... vou casar com o Sr E.! Diz ele assim, eu também não a via com outra pessoa. Eu só via aquela pessoa ao lado da mãe, no caso de uma possível retomada de vida não via outra pessoa eu na encara ninguém ao meu lado. E de maneira que, só que as coisas depois foi uma aceleração, ele teve que entregar muitas coisas, diz ele que ia mudar de terra, que ia para casa de um tio, tive que me despachar acabei o que tinha que acabar, e de maneira que entretanto fomos procurar casa e depois fomos... a casa só tinha a cama e as mesinhas de cabeceira, e não tinha mais nada... não tínhamos cadeiras, eu com a minha azafama não tinha tempo, eu não tinha tempo de arranjar mais nada... e ele queria organizar as férias do pessoal e aquilo foi tudo ai, .... e de maneira que naquele dia nos fomos lá comprar duas cadeiras e uma mesa para a cozinha, porque a primeira refeição foi feita na cama... (risos) e uma toalha em cima da cama e nos sentados em cima da cama...

Tinha referido ao bocado, quando estava a ler esta quando íamos começar a ler isto, isto veio tudo quando começamos a ler este bocadinho dos seus textos, tinha-me dito ao bocado que foi um dia de sonho? Foi um dia de sonho porque, consegui casar como sempre tinha sonhado?

"Foi um grande sonho, porque eu desde menina sonhava que eu dia quando casasse havia de ir muito linda toda de branco mas afinal não consegui ter essa alegria, casei sim mas foi uma coisa bem diferente das minhas ilusões de miúda, mas os anos passaram e foram 44, a análise foi feita e penso que uma grande parte das coisas desagradáveis no período desses 44 anos se passaram devido a grande frustração do emprego que não tinha nada a ver com a maneira de ser e também com o mimo com que foi criado... sendo assim os meus perdoes, mas foi um homem que gostou sempre de mim e orgulhosamente e se orgulhava de eu ser a sua mulher, a vida por vezes é madrasta"... como eu ia lembrando, no dia 28 de Junho de 1990 a partir ... eu tenho estas coisas escritas mas não tenho aqui, isto já foi do internamento, quando ele esteve doente...

Então vamos continuar de cabeça só, vamos deixar isso?

Fomos então comprando as coisas não é, tudo o que naquela casa havia que foram coisas, aquela casa era pequenina era um t1 e era tudo coisas feitas à medida do espaço que eu tinha e para adaptar aquilo que tinha necessidade, para por a televisão e para por o gira-discos e para... por as coisas que havia, por exemplo ... e foi-se fazendo assim, era uma casa que estava muito arranjadinha parecia um brinquinho. Bom, então vivíamos numa felicidade que nem queira saber ele foi... passado um mês ou dois ele foi a uma consulta de rotina ao tal médico, e fomos e chegamos lá e o doutor...era nas traseiras do hospital do T. e ele entrou, eu não quis entrar, fiquei cá fora na sala. De maneira que o medico quando o viu que já sabia que estava tudo orientado...não me diga que vem sozinho, ele não, não venho sozinho, a minha mulher está ali na sala, então tens que me apresentar, também. Lá estiveram a conversar antes de ele ir embora, lá lhe esteve a contar ...depois antes de ele ir embora, o meu marido veio cá fora e disse-me para entrar, o médico olhou para mim cumprimentou-me e disse-me ó minha senhora, dê-me um abraço, o minha senhora, o senhor E. eu peço desculpa mas vai autorizar senhora para eu dar um abraço. A senhora é a fotocópia do que me foi explicado... é verdade. A senhora é uma fotocópia do que o senhor E. me dizia, os pormenores todos que eu vejo na senhora já me tinha sido indicados por ele... e eu ouvir isto é uma coisa bonita, não é? De maneira que ali fomos sempre felizes, ele vinha almoçar, vinha jantar, aquela comidinha prontinha. Aquele homem andava no céu... íamos almoçar fora no Domingo ao meio dia... de resto era sempre feito tudo em casa. Pronto passaram umas... foi pouco tempo, foram dois anos, foi pouco tempo e foi, ele... quando teve o enfarte foi quando houve a expo de Sevilha...

Em 98

E de maneira que nos tínhamos até foi a filha que...

A de 98 foi cá, foi em 92!

Sim foi em 92, e de maneira que e então a filha andava satisfeitiíssima, o pai ia à farmácia e ela diz que nunca conheceu o pai com aquela alegria... ele se transformou. Foi pena ele estar em tão mau estado... de saúde e então ele dizia muitas vezes, se eu tivesse casado contigo desde o princípio eu tinha pregos de ouro! (risos) fazia tudo, tudo, tudo, até lhe cortava o cabelo...comecei-lhe a pentear o cabelo depois de ele ter sido operado, e eu ai...

Já depois de ter tido o problema de coração?

Exactamente, e depois ai... foram anos, depois nunca mais quis ir ao barbeiro, ele punha aqui a cabeça e cortava-lhe... depois olhava ao espelho e dizia ó mulher o que é que tu não sabes fazer... eram momentos que não me esquecem, não esquecessem...

Quanto tempo esteve casada com ele?

13 anos.

13 anos, ainda esteve casada 13 anos, que bom.

Depois da operação é que ele ficou, a tempo inteiro em casa, ele teve que se reformar, vendeu a firma, e teve que ficar...de maneira que aí é que ele depois teve tempo para apreciar, para tudo, para tudo... ele olhava tudo o que eu fazia, estava a beira do ... a minha beira a todo o momento. ... ele teve que fazer duas operações porque na convalescença de uma passado mês e meio entupiu-lhe uma artéria que foi transplantada porque ele levou três bypass, de maneira que uma entupiu e teve que ser aberta outra vez, ainda não estava completamente cicatrizada...

Isso é muito complicado...

Foi, foi muito complicado que ele estava muito doente, mas mesmo assim durou tanto tempo, e não morreu do coração... tinha um coração bom, colesterol bom, ele subia aquilo tudo...

(risos) pôs aquele homem saudável.

É verdade, foi pena foi aquela coisa do Alzheimer, foi de Alzheimer que ele morreu... começou a perder noção das coisas, a esquecer onde pôs aquilo.... E depois saímos, ele já estava com bastantes problemas na construção e como eu estava sempre atenta ele às vezes perdia-se... parece uma tradutora simultânea, e de maneira que foi... estes tempos todos mas no dia em ... na primeira noite em que nós ficamos juntos aquilo foi muito engraçado, ele foi a V. R. falar com a irmã, foi como se tivesse ido em serviço por qualquer coisa, e foi falar com a irmã, ... de maneira que foi falar com a irmã e contar-lhe o que se passava e a irmã disse, fazes bem, porque se fosse uma pessoa que eu não conhecesse ainda podia dizer assim, vê lá onde te vais meter...

Mais outra mulher...

Claro, e de maneira que ele então me telefonou a dizer eu já cheguei a L.... ainda não havia telemóveis só telefone fixo. Eu já cheguei a L. e de caminho estou aí, e chegou ao fim da tarde e eu ainda estava na minha casa... e ele depois foi ligar o cilindro,... e eu quando cheguei a casa, eu já tinha lá muita coisa, aquilo estava tudo prontinho à hora. E depois quando eu cheguei, ainda levei bastantes coisas e até foi o meu genro que me foi levar. E de maneira que quando eu lá cheguei ele estava lá em casa, primeiro antes de mais nada onde estão as nossas alianças? Tínhamos comprado antes, onde é que estão as nossas alianças... eu disse aqui, pegou numa caixinha e meteu uma aliança no meu dedo e agora pega aqui, e meti na dele e abraçou-se a mim e disse-me as palavras mais lindas que se pode imaginar e eu nunca mais e esquece (choro), como se estivesse a ouvir naquela hora, foi uma coisa... e de maneira que foi uma coisa linda... aqueles 13 anos e então depois quando ele ficou assim...

Vamos mudar de cassete, D. Albertina...

Engraçado, nós fomos passar a nossa lua de mel a L., fomos instalarmos no Meridian mas foi, engraçado...

Quanto tempo é que ele esteve doente?

Ainda estive 4 anos e meio, mas aos 5 anos ele já tinha coisas. Mas passados 13 anos e fazendo um balanço deu para compreender que em primeiro lugar era uma pessoa que me adorava, que gostava muito de mim, apreciava tudo o que eu fazia, além de ser boa companhia, tudo o que fazia era muito apreciado, muito apreciado por ele, tinha orgulho em mim, acho que são pormenores que uma mulher se sente orgulhosa e feliz, vivi horas imensamente felizes... quando saíamos, eu reparava na vaidade dele com que a, com a minha companhia. Claro que tinha a sua maneira de ser, muito poupado, hoje se assim não fosse não teria recursos para ser tão bem tratada. "Um dia pedi a Deus que me deixasse descansar e Jesus me respondeu, tens muito caminho para andar. Precisas de conselhos sê forte, fala, primeiro contigo porque só tu tens consciência do que te rodeia. Faz uma separação daquilo que te preocupa e resolve os problemas, um de cada vez e vais ver como é mais fácil. Eu acho que é uma virtude saber perdoar, a alma fica ferida e o coração a sangrar, mas a cabeça sempre erguida para podermos caminhar. Se encaras-te a vida com coragem e optimismo Deus te ajudará para que a caminhada da tua existência seja mais leve. Todo o ser humano é contemplado com uma serenidade, quando a verdade está acima de todas as decisões, quando não vive sempre nas dúvidas. A verdade para mim é como um objecto, de uma riqueza incalculável, tão transparente, sem sombras, quando necessário procura-se na folha certa. Segredo é uma responsabilidade, que quando nos é confiado, temos o dever de o ter bem guardado, para que a pessoa que o confiou tenha por nos respeito e confiança, isto é o que nos pode dar tranquilidade e paz, quando não, aí se instala a insegurança. Sinto-me preocupada com a situação presente e sem nada poder fazer" isto são pormenores que eu sentia vontade de escrever aqui é, falando na doença.

Está viúva há quanto tempo do Sr. E.?

Vai fazer dia 5, nove meses, amanhã... depois de amanhã, nove meses... foram 14 dias com grande angustia isto é o decorrer da doença...

Quer contar?

Não...(choro), foram 14 dias passados com grande angustia...isto foi quase a "terminar a sua vida que para ele foi bastante dolorosa que se mantinha quase sempre com consciência e o seu sofrimento com certeza que havia de se sentir bem mal, quando os que o rodeavam bastante sofreram mas a minha alma está tranquila que não houve nada que não fosse feito, pois nesta altura nada mais há que dizer a não ser pedir a Deus que dê paz à sua alma, e saúde para quem tanto lutou e sofreu. Foram quase 14 anos com grandes alegrias mas também com algumas desilusões, e que eu não era merecedora, não se entendem as pessoas" coisinhas às vezes, isto era tudo relacionado com a maneira de ser dele que eu sou uma pessoa que ao longo da vida fui muito responsável por mim, tinha mesmo que o ser, havia um orgulho em que nunca precisava de pedir nada a ninguém, era eu, só contava comigo e de maneira que com ele se passava a mesma coisa... eu nunca lhe pedi nada, pedir, isto é, pedir é como quem se confessa eu fiz o meu marido muito feliz e ele também me fez muito feliz a mim porque eu também lhe desculpava certas coisas porque sabia o feito dele... cá esta este pormenor mas eu fui habituada no decorrer da minha vida fazer das tripas coração para permanecer sempre com boa figura e os meus, e isso custa muito. Eu comprava na época dos saldos, retalhinhos, sem ter falta mas comprava porque um dia me iam servir e de facto era assim. Eram assim que eu nunca comprava uma peça para mim, eu nunca comprava tecidos caros e aos olhos de muita de muita gente eu andava num luxo. Eu tinha uma grande mágoa de muitas pessoas imaginarem que eu que andava luxuosa... mesmo antes do segundo casamento eu tinha tristeza com isso. Era assim... eu fui de um orgulho tal que no primeiro casamento eu tinha a minha aliança e um anelzito e uma voltita... a minha filha tinha uma volta e eu não podia comprar mais, não era porque eu não tivesse possibilidade de comprar, quando eu puder eu compro. E quando eu enivre da primeira vez aí está viva uma pessoa que muito minha amiga, que era minha cliente, ela e a filha, que tem uma ourivesaria no Y. aqui em M. a d. Z., ele adora-me e ela fez... um dia eu compro... depois de vender muita coisa a primeira coisa que ela vendeu foi isto, o ouro porque eu caí... foi ela que mo vendeu, não queria receber o dinheiro, e quando fazia a roupa, eu não lhe pago a roupa e era assim que eu podia... ela na brincadeira dizia eu não lhe vou pagar esta roupa e depois claro que não... o meu marido nunca me deu uma peça de roupa... foi uma pessoa que teve economia, quando a minha neta casou, a filha da minha filha que teve o bebe agora coincidiu com a neta dele também, tiveram no mesmo dia... foi o casamento e eu fui com a minha filha ao P. comprar a fatiote, o tecido para fazer e de maneira que ele disse compra o que tu quiseres, compra o que tu quiseres, era pessoa que me dava o que eu quisesse, mas também eu não lhe pedia, eu não pedia, ele às vezes ia comigo e queria pagar, e eu dizia eu não tenho dinheiro. E então era assim ele tinha aquele feito. Ele dizia assim compra o que tu gostares... isto no segundo marido, o casamento da minha neta foi em Agosto e de maneira que foi resolvido um bocado em cima do Joelho porque tinha casado um irmão dele e depois a mãe disse e agora porquê que vocês não casam, em dois meses casaram-se... e quando eu fui comprar eu não sabia o que comprar, mas eu comecei a pensar... com os mesmos sapatos, aí este tecido é tão lindo eu gostava imenso daquele, pronto, e então digo assim, olha L., eu não estou para gastar tanto dinheiro, eu tenho aquela blusa tão linda... e eu cheguei a casa e trazia o saco da roupa da minha filha. Ela entrou e despediu-se do padrinho e foi embora e de maneira que ele disse ora mostra-me o que compraste, e digo assim não comprei nada, já até se levantou, estava aqui sentado, então tu não compraste nada, então porquê? Eu disse, olha vamos remediar com o que tenho, dizia ele mas para a rua foste, então porque não compraste, e não comprei e fui. Bom, mas noutras situações, era o feito da pessoa, ele não era pessoa de dar um presente, não era não, mas era muito meu amigo. Não era esse feito, tanto é que ele quando foi o divórcio a d. Z. tinha a ourivesaria ali perto, e foi logo dizer d. Z. já está tudo arranjada já podemos marcar o casamento. Porque foi quando abriram os tribunais, o casamento ficou dissolvido e depois nos casamos logo em Setembro, fomos logo tratar das coisinhas para marcar o casamento. De maneira que, ele foi à d. Z., e não eu lhe contasse assim essas coisas, ele quando tinha eu não me preocupava se ele tinha... a D. Z., ficou toda contente e disse o Sr. E. merece dar uma prenda a D. Albertina e isto é uma situação... e diz ele assim o D. Z. ajude-me, é mesmo dele que não tinha jeito para isso. Bom, mas... o nosso primeiro dia foi muito bonito, a troca das alianças, eu tirei a minha ele tirou a dele, eu dei a minha à minha filha ele deu à dele, e foi assim, foi uma coisa

muito bonita... 2003, ele estava muito doente, mas eu quero que fique gravado..." a ouvir o noticiário da noite, 21 do 3 de 2003, a ouvir o noticiário da noite, anunciaram ser o dia da poesia, ai antes de descansar senti a necessidade de assinalar a data, um triste acontecimento, que nos estava a magoar a todos. Conheci um homem que amei era uma pessoa, organizada, dinâmica e controladora. Mas quase sem se dar conta essa pessoa vai desaparecendo mentalmente, o que significa que foi uma enorme borraça que apagou tudo aquilo que ao longo da vida foi arquivando na sua extensa agenda, que a pouco e pouco foi desvanecendo a tinta e hoje já não se consegue ler nem soletrar. A vida é severamente dolorosa ao ponto de um ser humano mais parecer um robot. Não somos nada, ... nos dê muita coragem porque a caminhada vai ser longa e com muita dor. Um grande perdão a Deus para alívio de todos nós." A partir de 2003 nunca mais peguei na caneta para escrever nada... eu estava tão magoada com aquela doença que não tinha cabeça para nada. E por incrível que parece no ano seguinte no dia 21 do 3 de 2004 foi lembrado o dia da poesia precisamente aqui... então já o que escrevi foi bem diferente, e antes de adormecer peguei no meu bloco e escrevi um poema de um acontecimento muito triste que eu tenho bem guardado com muita resignação,

"Partiste ainda cedo  
e com tanto que fazer  
mas quem sofre o que sofreste  
não faz pena não viver.

Há muitas recordações  
Mas só as boas estão lembradas  
As más nem se pensa nelas  
para não ficar magoada  
A felicidade é linda  
quando pura é adolescente  
O amor quando verdadeiro  
Brilha aos olhos de toda a gente"

Tenho tantas recordações  
Bilhetinhos namoradeiros  
Estão guardados, guardadinhos  
Vou lê-los só baixinho,  
parece que estou a vivê-los"

...este registo, só é prova o meu sentimento...

muita saudade?

Muita...(choro)

Como é que tem sido essa experiência da viuvez, esta em particular. Tem sido muito dura esta?

Esta experiência tem sido muito ocupada... muito ocupada... à noite leio muito e durmo por volta de uma hora ou duas. Deito-me sempre tarde, leio sempre um bocado, gosto sempre de ler... e tenho comigo sempre no quarto, ou esteja a trabalhar, tenho a imagem dele na minha maquina de costura, está sempre comigo (choro)... eu nunca imaginei que... que esta coisa fosse assim ... e nos tínhamos muitos gostos iguais... gostávamos de coros, de música forte, e então tínhamos o habito quando era música que gostávamos, escutávamos abraçados, gostávamos muito de escutar a música abraçados, e de maneira que esse fui me deitar e eu tenho um radio. Quando vou para a cama tiro a colcha destapo as almofadas, ponho o radio ali, ponho o livro... e quando estou para dormir... ouvi uma música e ainda hoje penso na sensação que eu senti, era uma música que ele adorava, era uma música estrangeira, mas era uma música muito bonita e eu vou sentei-me na cama e comecei a chorar... que saudade que eu tive, tão grande, tão grande, tão grande, eu não tinha sentido ainda, ai meu Deus que grande saudade, foram estas as palavras... (choro) ... era uma pessoa, era muito romântico, era muitas coisas que encaixavam na minha maneira de ser. Então ele teve um período que nos tínhamos a sensação que adivinhávamos o que um ia dizer a outro...quantas vezes... era assim. E abraçava-se a mim, e as vezes até com coisas na mão...

A doença era progressiva...

A do meu marido foi galopante, o estado dele em cinco anos que muitas pessoas não sabiam que ele estava assim. Aquilo foi praticamente em dois anos e meio, a evolução, porque até ali, era o esquecer disto ou daquilo...era assim. E depois conversava muito comigo e eu estava sempre a apanhá-lo... e de maneira que ele ficou assim começou a ficar muito desorientado...como?

Ele morreu em que dia?

25 de Novembro, de maneira que quando ele piorou, os médicos, foram vários que o viram... a médica de família mora aqui por cima, ela quase todos os dias vinha e perguntava, como é que ele está. Muito atenciosa, estava mal, mas nunca se pensou que ele falecesse assim as onze horas da noite...

Foi aqui em casa?

Sim, foi em casa... ele chegou a estar quinze dias de uma vez e um mês de outra no M. L., para... porque ele estava com excesso de euforias, e era para controlar a medicação...

Depois do Sr. E. ter falecido não quis sair de casa?

Não, não... Gosto muito do meu cantinho.

Esta vivuvez custou-lhe muito, se calhar mais que a primeira?

Mais que a primeira...

Porque é que acha que é assim?

Talvez tivesse sido, por os meus afazeres e as minhas responsabilidades quando o meu primeiro marido morreu, não me davam tempo para nada... eu levei a minha vida sempre de tal maneira que eu quando casei a segunda vez eu não tinha um tostão a dever a ninguém... a única coisa que eu não paguei, porque não me dava jeito, foi a conta do talho, foi a única coisa, eu gastei daquele talho 30 anos, e depois quando me casei segunda vez fui morar para outro sítio, e depois voltei a morar em M. e gastei dele outra vez. E de maneira que mas, não é de uma pessoa se orgulhar? Nada, nem na farmácia. O meu marido quando acabou o tratamento, aquelas consultas no hospital de S. J., ele disse assim eu quero que este médico me fique a tratar, o Dr. C. F., o médico de neurologia. Eu gostava que este médico me ficasse a tratar, não te preocupes é por este que vais ser seguido disse-lhe eu, 15 contos que ele levava por cada consulta naquele tempo, era muito dinheiro, há nove anos... portanto desde que começou ... e foi lá que ele foi tratado, mas eu conservo esta fotografia comigo não... uma ocasião pus esta fotografia aqui e nunca mais a tirei... foram momentos maus e momentos bons... primeiro foram os filhos depois os netos e a pessoa há uma adaptação às coisas. Então eu não tenho um momento livre, é a vida de casa e tenho uma empregada 4 horas por semana, ... se eu dissesse assim faço a minha vida de casa e tenho tempo para dar um passeio, sair ou ter com uma amiga, ... e depois reclamam o filha tu não apareces, parece impossível há pessoas que tem necessidade, que estão doentes... e eu digo não tenho tido tempo... e era uma assim és capaz de me dizer porque razão não tens tempo ou é tanta a vergonha de dizer? E não tenho tempo porquê, porque eu quero fazer tudo a minha maneira, quero fazer tudo com pormenores que me agradem e que me deixem satisfeita. Por exemplo eu tenho agora umas prendinhas para dar mas estão aqui as saquinhas que agora vai ser posto o cordãozinho e eu é assim que eu funciono, isto é um saquinho para duas colheres de prata... e demora o seu tempo... eu acho que as pessoas tem que aprender a organizar o seu tempo.

Como é que reorganizou a sua vida durante estes nove meses?

Reorganizei em que sentido?

Como é que projectou a partir de 25 de Novembro de 2003 como é que via a sua vida?

Um bocado receosa, tive assim um obstáculo em mentalizar, porque o meu marido é que tinha as... que se relacionava com pagar isto ou aquilo, era ele que resolvia, claro que a partir de uma certa altura já não podia fazer... mas mesmo assim eu foi hábito, o meu marido logo no princípio perguntou assim, eu não sei como queres governar a casa se te der xx dá para orientar a casa, achas que chega? Não, não é preciso mais. Mas isso é só para a orientação, tudo o que for a mais eu pago, de maneira que foi sempre assim, foi sempre assim... eu não tinha responsabilidade, água, luz, telefones, vinha tudo através do banco e vem. De maneira que estava tranquila, essas coisas não tinha canseira, não tinha preocupação. Agora depois de ele falecer as coisas tiveram que tomar uma posição diferente, agora a responsabilidade é toda minha, não é? Mas...

E essa solidão que dizia ao bocado conseguiu logo do primeiro dia resolve-la bem?

Isto é, isto tive uma ajuda que foi o seguinte, o meu filho como estava divorciado, ficou um filho com ele e outro filho com a mãe, e de maneira que o filho também já é adulto, um rapaz com 24 anos... e de maneira que quando ele adoeceu na altura daquela aflição, esteve em convalescença, e o meu marido disse o W. não pode ir para casa, tem que ser tratado, o W. tem que ficar nesta casa porque tu tens que o tratar e foi assim ele veio para aqui, mas quando ficou melhor foi para casa dele. E a minha empregada é a empregada dele e de maneira que lá resolvemos isto assim. Acontece que quando o meu marido ficou pior, ele veio para cá ajudar porque ele tinha medo que eu as vezes me pudesse sentir numa aflição, por de noite estar aqui sozinha, não lhe fazia diferença e aqui ficou, foi ficando e aqui está. E isso foi para mim uma coisa maravilhosa, porque eu tenho muito medo de... um susto para mim é uma pessoa morrer. Porque aquela presença... por exemplo nos funerais, eu não gosto de olhar o caixão, gosto de me lembrar da pessoa em vida e depois de morto não gosto de ver. E de maneira que aqui havia o medo quando foi do meu primeiro marido os meus netos era à vez eles faziam aquilo tão rigoroso: hoje sou eu, hoje sou eu! Eles queriam...

Eles ficavam sempre consigo...

Sempre comigo! Um dia eu disse, olhem eu tenho que me habituar a ficar sozinha. Era um fim de semana e a minha filha ia de fim de semana a Espanha e de maneira que era a vez da minha neta mas como ela não ia tinha que ficar um dos outros. E eu disse nem é tarde nem é cedo, e eu disse, vamos resolver isto e a avó hoje fica sozinha. Isto era uma sexta-feira. De maneira que eu andava a ver uma telenovela e claro que a novela tinha, pois eu já não ligava nada à novela, mas aquilo... mas naquele espaço a gente esta sempre um pouco... e depois dos miúdos irem embora fui tratar do meu jantar aqueci uma sopinha, fiz uma sandesinha e trouxe num tabuleirinho para a sala de costura da outra casa. E então fui para ali, sentei-me, comi e entretanto começou a novela, e eu não vi a novela porque adormeci. Ao adormecer escureceu e eu quando acordei dei um salto, ai, foi um susto tão grande! E eu como o quarto era mais pequeno, eu estava por exemplo, como se o quarto de costura fosse metade desta sala e eu estava sentada no sofá e o interruptor da luz era ali (a apontar para a outra ponta) e eu arregalei os olhos o mais que pude enchi o peito de ar e tentei chegar ao interruptor... assustei-me tanto, tanto, aquela casa era uma casa muito grande e tinha os quartos todos com hall e casas de banho e depois uma porta que dava para a sala de jantar. Eu fechava tudo e ficava ali e fazia de conta que era esta casinha, mas custou-me muito. Mas ainda foi uns bons dois meses ou três que os miúdos andaram lá a dormir, é verdade. E agora com o meu filho ele como continuou aqui eu nunca tive medo do medo, é verdade. Eu nunca tive medo e então à pessoas que tem medo dos assaltos, e eu nunca tive medo dos assaltos eu fecho a porta e nem disso me lembra e só me lembra é que era ali que estava... e então ali no escritório aquele sofá e a máquina de costura foi tudo tirado dali para caber a cama articulada e era ali que ele estava e de manhã abro logo aquela porta, a janela e tudo mais. Tirou-se a cama passado um dia ou dois, e de maneira que ... imperceptível ... e



quando chega a noite antes de a gente ... a porta está aberta, sempre aberta, a gente passa para trás e para frente e ela está sempre aberta, quando nos vamos deitar eu fecho aquela porta, pronto é um costume que eu tenho... fecho aquela porta porque por mim não, porque se precisar de ir à casa de banho tenho casa de banho no meu quarto mas o meu filho se se levantar para ir à casa de banho tem que passar em frente aquele quarto e dá-me a sensação que ele se lembra que vê, porque ele foi o meu auxílio, que eu tive, uma coisa fantástica, o meu filho foi incansável... incansável mesmo. Ele agarrava-se a mão e dizia, o W., o W.. Começava a falar e já não se percebia as coisas, enfim e então ele esteve sempre aqui e eu nunca tive... acontece que ele às vezes tem reuniões do condomínio da casa dele e precisa de sair, janta e sai, mas eu fico tão tranquila porque eu sei que ele volta, é verdade, não tenho... e então nessa altura a porta está sempre aberta e o mais engraçado é que eu depois quando calha estas saídas podia as vezes evitar de estar lá dentro nesse quarto e é onde eu estou bem. Parece que ali... o sitio onde ele estava, é ali a minha máquina, a minha cadeira de costura, e estou ali e há ocasiões que não tenho nada que estar à máquina e estou ali, e estou ali bem. No que diz respeito à solidão eu acho que há pessoas que tem solidão e que tem motivos para a ter, porque são pessoas que depois de fazerem o seu ram-ram, sentam-se numa cadeira em frente à televisão e não fazer mais nada, não se ocupam de mais nada, e de maneira que essas pessoas tem mesmo de ter solidão. Eu às vezes digo assim, não tenho tempo para pensar coisas menos agradáveis, porque mesmo eu dou-me muito alívio a mim própria, encorajo-me! E de maneira que tenho muita dificuldade em cair no fundo, de maneira nenhuma. É uma situação que eu gosto, gosto muito de me perdurar.

Diga-me lá qual foi o aspecto mais difícil de ter ficado viúva desta vez, porque foi a que considerou mais dolorosa, qual foi a situação que a surpreendeu mais?

Realmente foi o tomar conta do barco sozinha, o ter sido capaz, digo eu. Sim, tenho que ter muita atenção porque possivelmente ainda me vou aventurar para fazer trabalhos, porque não gosto de me sentir apertada...

Gosta de estar tranquila... não quer ter preocupações do que as que já tem.

Sim e possivelmente vou fazer uns trabalhos, umas coisitas para o Natal. É por isso que não tenho tempo para nada. Por isso a solidão só se me apanhar... só se eu tiver uma doença e que me ponha dependente e aí bate-me a porta de certeza absoluta. Mas eu não tenho tempo, nem tenho vá lá feito para sair de casa e ir à conversa com umas amigas para o café, cabecinha sempre ocupada, sempre, sempre.

Faz-me lembrar a minha avó.

Porque não posso de maneira nenhuma deixar cair nessa... e a maneira ... porque há pessoas que não sabem fazer nada e essas pessoas nem se apercebem do sofrimento que estas pessoas estão a cair, não é? E não conseguem sair, de maneira nenhuma. Porque o ter que fazer... eu por exemplo, aquele móvel, não importa, na outra casa na pequenina porque nós mudamos 3 vezes de casa...

Em 13 anos?

E pelo seguinte, eu ficava escandalizada porque eu nem tinha saído da pequenina. Porque eu tinha-a tão linda, tão linda. Ai que eu tinha aquela casinha que parecia uma casinha de bonecas e eu não queria sair. Era uma graça e então (...) então enquanto ele estava ocupado a trabalhar e só vinha a casa para jantar e depois para se deitar é muito diferente do que estar a tempo inteiro em casa, aí é que se apercebem as dimensões e como ele gostava de ter a mesa da sala de jantar, ele fazia daquilo um escritório e depois aquilo nunca tinha jeito de sala de jantar... e ele disse-me acordei hoje às 3 hora da manhã e meteu-se-me uma coisa na cabeça anda cá que vamos falar, nós vamos arranjar um casa nova, aí meu Deus olha agora que eu tinha... eu fiquei passada. Mas ó mulher tu não tens espaço nem para ti nem para mim. Eu tinha um t1 mais 1 e o mais um era sobre o comprido, e eu mandei fazer um roupeiro para caberem as coisas e ele até quis com espelhos para dar a ilusão de maior e estava muito bem aquilo. Eu gostava tanto da casa mas depois ele começou a dizer que não tinha jeito. Bom e então depois fomos mudar, porque eu não queria vir para M. sem casar. Só vim depois de casar e então ficamos por aqui. Havia um construtor que era amigo da minha filha e do meu genro e ela ficou com muita pena de nós termos ido comprar a casa a um construtor que era uma pessoa das mais ordinárias que nos havia de aperecer, de mal feito que era o trabalho. Mas por acaso não tivemos razão de queixa, porque nós fomos a estriar a casa e estavam ainda a acabar algumas e quando fomos chamamos o responsável da obra para não fazer o que estava bem, ele veio e acertou e por acaso até foi um senhor impecável... a segunda um dia a minha filha disse aí que pena morarem tão longe ...e depois eram sítios que não eram a caminho de nada ... era segunda feira e ela disse, aí ontem se vocês morassem mais perto eu tinha ido passar a tarde com vocês que estava o J. e o meu marido no computador que não me ligaram nenhuma e eu tinha ido aí um bocadinho da tarde ter com vocês. O meu marido quando veio, comentei com ele e ele depois ficou...(virou a cassete).... Nós já tínhamos casado porque eu casei já naquela casa, casei no A. numa igreja muito bonita e de maneira que, ainda morávamos na C. e uma ocasião viemos a M. e passamos nesta rua e ficámos admirados de estarem a construir esta casa. Imagine... passados uns meses foi quando esta conversa veio e ele de tarde pega no carro, tínhamos que vir a M. e veio a passar por aqui. E diz ele assim, vamos perguntar se eles têm um andar? E havia aqui um andar, que era este, que o senhor não o queria vender, porque é dono de uma vivenda que fica aqui ao lado e ele não queria vender esta casa porque já lhe tinham aparecido pessoas (...). E de maneira que depois viemos para aqui. Agora daqui só para... aí credo eu que nunca tinha mudado de casa, trinta anos morei naquela casa... é verdade. E sobre a nossa conversa não sei se está ou não satisfeita?

Eu estou super satisfeita, porque nunca tive ninguém que me organizasse a entrevista tão bem sem ter eu quase sem intervir.

Que engraçado, eu até ia fazer a observação, quando a Sra. Dr.ª chegou: na área em que está com certeza que escuta mais do que fala. Aqui no meu caso eu terei que falar primeiro e depois me irá fazer as perguntas que entender... e assim foi!

E assim foi. A dona Albertina fez muito bem o processo todo.

E peguei nisto para ler algumas coisas porque às vezes...

Muito interessante...

Não é? Orienta-se muito bem.

Já tem uma coisa muito boa, escreve e isso é terapêutico, faz bem. E quando nós precisamos de organizar o que vai cá dentro, não há nada como organizar em frases.

É, eu sou capaz de encontrar... mas não nem encontro...

Se eu lhe disser as horas nem acredita!

**D. Sofia 78 anos**

D. Sofia, nasceu em que data?

Em 4 de Fevereiro de 1925.

1925, então tem 77 anos?

78. Já vou a caminho dos 79 anos, se lá chegar.

E, nasceu aqui no P..

Não, em L.. Em S. P. e vivi lá, a bem dizer, até aos 26 anos, depois é que vim para cima.

E veio viver para o P.?

Vim viver para o P. porque, depois o meu marido arranhou aqui emprego e então eu tive que aguardar porque estava empregada num sítio em que tinha que aguardar transferência do ministro. E depois, quando arranhei a transferência vim para cima e acabamos por casar cá em cima. Quer dizer que a minha família veio cá em cima, os meus sogros eram de O., vieram e casamos em C. e depois fomos morar para S.R..

Que habilitações literárias é que tem?

Tenho o quarto ano do comercial.

Neste momento está reformada. Que profissão é que exerceu?

Primeiro, quando acabei o curso, fui arranjando empregos... fui empregada de cinco advogados, era um escritório com cinco advogados, era eu que tratava de tudo, escrevia à máquina, ia ao tribunal e essas coisas. Depois, daí houve um concurso muito grande na caixa do comércio e eu concorri. Concorri e depois, era por escrita e depois era por umas promoções, fui passando até que ficaram quinze pessoas e, entraram essas quinze pessoas. E fiquei então na caixa do comércio aqueles anos todos.

Dessas actividades todas que teve qual foi a que mais gostou e porquê?

Quer dizer, a que gostei foi de facto, quando vim para cima que depois deixei, quer dizer, fui concorrendo, entrei para lá como dactilógrafa depois fui subindo a dactilógrafa de primeira, e isso já não tinha mais promoções mas eu depois comecei a concorrer e passei para aspirante e depois fui concorrendo a aspirante de segunda, aspirante de primeira, terceira oficial, segunda oficial e depois quando estava em primeira oficial, já estava num serviço que eu gostava que era a trabalhar com médicos. Estava precisamente como secretária de direcção clínica. Tinha que atender também os outros médicos. Mas foi esse o tempo que eu mais gostei.

E já está reformada há quanto tempo?

Já estou reformada há, ora trinta, há trinta e tal anos. Ora bem, era para me ter reformada mais cedo mas como estava com aquela actividade, habituada aquilo, e depois tive o desastre e ficava sozinha ali em casa, os próprios médicos foram eles que me aconselharam. Não senhora, não se reforma não senhora. Porque eu quase que não podia ler nem escrever. Não se reforma, vamos arranjar uma colega que trabalha consigo e vão as duas fazer. E então depois, eu regresssei ao serviço e ainda estive uns anitos.

O que é que sentiu quando se reformou?

Quer dizer, na altura bem. Quer dizer, o meu marido também ia em breve para a reforma e além disso tínhamos a nossa casinha, que era o que nós sempre pensamos e sentiamo-nos bem.

Nunca sentiu...

Não, não, não. Encontrava-me todas as semanas com as colegas, ia almoçar à cantina encontrava-me e tal, pronto. Ele ia também à cantina do banco.

Ele era bancário?

Era.

Olhando agora para a sua reforma, qual é a melhor parte de estar reformado?

Bom, a melhor parte era quando o meu marido era vivo, que a gente levava a nossa vida, passeios, íamos para aqui, para ali, gostávamos muito de campismo. Chegávamos à quarta feira, íamos para o campismo, lá nos reuníamos na base de s. j., que dantes aquilo só era para os m. mas nós arranhamos maneira de ir para lá e lá fizemos muitas amizades, e muita coisa. Era o nosso refúgio. Gostávamos os dois da mesma coisa.

E quantas vezes casou? Casou uma vez?

Uma.

Com o sr?

O senhor J.. E que faltava onze meses e um dia para fazer cinquenta anos de casada.

E quando é que casou pela primeira vez?

Em 1951.

Esteve casada quantos anos?

Ia fazer cinquenta se o meu marido.... ele morreu em Janeiro e nós fazíamos a oito de Dezembro cinquenta anos de casados. Por isso tivemos 49 anos de vida em comum.

Ele faleceu há quanto tempo?

Há trinta e um meses. No dia 7 de Fevereiro de 2000.

E filhos? Tem filhos?

Sim, tenho um filho que é engenheiro. Tem já 50 anos. Ou seja, ele casou quando eu fiz 25 anos de casada. Quando fizemos 25 anos de casado ele tinha para aí, 23 anos.

E que papel ele representa na sua vida neste momento? Já vi que tem muitas fotografias...

Netas e dele... quer dizer, para mim, eu naquela altura como estava só habituada a ele, e ele era só meu... até iria também morar para nossa casa, quando fizemos a moradia, já fizemos maior, já coisa e tal. Precisamente por palermice nossa, porque se nós também casamos e quisemos a nossa casa é muito certo para ele também. E depois, claro, a vida... ele tem a vida deles... agora moram em G., têm uma moradia em G.. Têm a vida deles e nós fazíamos a nossa. Íamos lá casa, ele queria pronto, venham cá jantar, venham cá almoçar, essas coisas assim. Mas também não nos metíamos na vida deles, cada um faz a sua vida e tal. Só em dias de festa é que nos reuníamos ou nos aniversários. Ora bem, elas agora é que há uns anos é que não querem em casa, é com os amigos.

Tem quantas netas?

Tenho duas. Tenho uma, a mais velha, está licenciada em farmácia mas não quis ainda assentar a vida dela e este novo ano, acaba análises clínicas. Tem 26 anos. E a outra, a mais nova, que desde pequena que dizia que havia de trabalhar com o pai, mas afinal chegou à idade de escolher e já não quis, se não perder, que nunca perdeu, este novo ano lectivo fica educadora infantil.

Consegue descrever as suas netas?

Sim, consigo. Para mim, para a época em que vivemos, acho que elas nem são bem desta época. Não são, pequenas de andar em boites. Foram sempre educadas, até aos seis, sete anos, os pais nunca foram para parte nenhuma ficar para fora do país... ou iam para o Algarve ou iam para T., sempre juntos. Começaram a crescer, então começaram a ir, mas nunca se separam dos pais e são pequenas coisas que a gente nota, sabem lidar na cozinha, ajudam a mãe, sabem arranjar travessas. A mais velha até dá catequese. Não são deste tempo, graças a Deus não são deste tempo.

O que é que mais gosta nelas?

Do carinho delas.

Elas são presentes na sua vida?

Sim, sim.

O que é que menos gosta nas suas netas?

O que menos gosto nas minhas netas... se quer que lhe diga, nem sei, nem sei, porque... sei lá. Ainda me lembro que aos 65 anos ainda jogava à macaca com elas, lá em minha casa. Eram sempre muito prestáveis, até a mais velha dizia sempre oh vó, não estejas com essas coisas, tens pouca vista deixa estar que eu ponho essas receitas a limpo, e um dia foi lá passar o dia e lá esteve entretida com aquilo. Não vejo assim nada...

O que é que gostava de conseguir transmitir às suas netas?

Bom, que elas continuassem sempre assim e que, para além de serem umas boas donas de casa pois, que sejam boas mães, que são doidas por crianças porque têm primitos... porque a irmã da minha nora também é educadora infantil e por isso, o filho dá-se muito com elas, é como se fosse irmão delas, andam todos assim juntos e por isso elas são muito amigas das crianças.

O que é que acha que já lhes conseguiu transmitir até agora?

Transmitir... eu papel, muito papel não tive. Já vivíamos distantes porque eu nessa altura, a minha moradia era adiante do M. V. e por isso elas iam lá passar o Sábado comigo, iam logo de manhã, ou o meu filho, ou a minha nora traziam-nas de manhã ao B., que ia às compras ao B., elas já vinham e depois à noite, às vezes até ao almoço já iam eles, porque às vezes o meu filho e a minha nora aproveitavam e iam aqui ou ali e, só vinham para jantar e elas passavam o dia comigo e era assim. Porque mais nunca... nem para férias nem nada, cada um tinha o seu gosto, ia para aqui ou para ali. Às vezes quando eles estavam em T. e eu estava em L., ia lá visitá-los mas nunca houve aquele contacto... olhe, que me lembre tive que ficar uma vez com elas porque morreu um parente à minha nora e era lá para cima para T. e ia a família dela toda para lá e ela não tinha a quem deixar as meninas e elas ficaram comigo. Mais contacto assim de viverem comigo nunca

viveram. Já com a outra avó não porque estão praticamente pegados. Enquanto o meu filho morava em S.R. então é que eles estavam pegados porque depois o meu filho, enquanto não construiu a moradia ficou a viver na casa em que eu morava. Eu ia muito à igreja de C., o meu filho fez a comunhão na igreja de C.. Eu morava em S. R. em frente ao bairro S. na rua C. S.. E a minha nora morava em S. R. na esquina onde tem por baixo uma bomba de gasolina e depois tem o prédio todo que era deles, que era do... como é que ele se chamava, eu estou muito esquecida, mesmo muito esquecida, da escola de condução, do engenheiro V. S.. A minha nora é licenciada em ciências, tá lá colocada em G. também, o meu filho agora também está por isso a vida deles é mais lá do que aqui.

Como é que acha que as suas netas vêm a avó?

Quer dizer, para elas não se sentiram bem por eu ter vindo para aqui...

Há quanto tempo é que está aqui?

Vai fazer nove. Não se sentiram bem mas também a minha nora também não gosta disto. Agora, não sei porquê e ainda hoje pergunto a mim mesma porquê, se por um erro meu e do meu marido, pela forma como apresentamos as coisas, ou se como ela tem família, tem a mãe, pai não tem que o pai também já morreu, tem a mãe e tem aquelas possibilidades todas, porque mãe vive com o outro filho que está quase cego e a mulher que também é educadora infantil e que toma conta da mãe, ela não pensa que a mãe um dia irá para um lar, pensa que viverá toda a vida na casinha dela e ali morre, tá a perceber? A opção foi nossa, quer dizer até foi do meu marido porque ele pensou que eu cada vez via menos e não podia fazer um certo número de coisas, a casa era muito grande, e por isso ele disse às tantas, o que é que vai ser? E então encontrou um amigo que era do banco que era cá na altura, não sei se era já... sei que ele estava cá nesse mandato mas não sei qual era a categoria dele. E ele disse, olha porque é que não trazes, convences a tua mulher, para ela era bom, ela depois pode cegar... e depois, eu primeiro também não gostei, mas depois comecei a pensar, a gente está tão longe, fizemos a casa aqui, eles para lá... e pronto. Num sábado em que eles lá foram apresentamos o assunto, nós pensamos isto assim e assim, e vamos para um lar o que é que vocês acham? Eu recorde-me que a minha nora foi a primeira que falou e disse que não, se pensam assim façam o que quiserem. Só disseram façam o que quiserem.

E o seu filho?

O meu filho, de facto quando fez a moradia fez um quarto no 1º andar, que ele é engenheiro civil, e quando fez, fez um quarto que fica completamente isolado dos outros quartos. A gente sobe as escadas, o 1º lanço tem uma porta em frente e aí há um quarto enorme com um bruto quarto de banho e depois, quem subir as escadas é que vai para os outros quartos. Aquilo era um quarto onde nós ficávamos quando íamos no Natal, Páscoa em que ficávamos de um dia para o outro ou isso era lá que ficávamos, tá a perceber? Agora, ainda às vezes aqui sozinha eu digo, não levaram a bem, a resposta deles foi aquela, não levaram a bem e...

Se calhar tinham outros planos.

Se calhar tinham outros planos, mas também lá está, o feito também aí do meu filho, que a gente entendia que era assim ele não diz que não. A minha nora a mesma coisa. Mas o meu filho vem cá, a minha nora é que por exemplo é capaz de vir com ele, por exemplo vêm-me buscar, às vezes vem só ele porque ela fica a fazer o almoço e tal, ele é que me vem buscar de manhã, as minhas netas vão à missa, cada um vai à hora que pode para a minha nora ficar ali para fazer o almoço e o meu filho vem-me buscar, pronto, sempre vê o correio e as minhas coisas, está aqui mas se às vezes ela vem, às vezes trazer, porque eles vão às vezes à missa a C ou à T., se vem ela não sobe. Espera mas não sobe. Só veio aqui três vezes. A minha nora só veio aqui três vezes e as minhas netas nem três vezes. Veio o primeiro ano que a gente teve aqui de casados, em que fomos comer fora mas depois o bolo e tal reunimo-nos aqui até com umas pessoas amigas que eles também conheciam mas... veio outra vez em que o meu marido estava doente e veio para me vir buscar na morte do meu marido, o meu filho telefonou-lhe estava aqui e ela veio para me vir buscar mas pronto.

E amigos?

Aqui tenho poucos, sabe porquê? Primeiro, porque a minha mocidade foi toda em L.. Lá sim. E se eu lá tenho feito a casa, por um lado tinha amigos e tinha a minha família toda, as minhas irmãs, os meus irmãos... aqui não.

Ainda tem irmãos vivos?

Sim, da parte das minhas irmãs, dos maridos é que não. Mas mais do meu irmão ainda é vivo a minha cunhada também. E tinha as amizades lá. Aqui, tinha as amizades do emprego mas que agora, ultimamente pouco tenho estado... porque eu deixei de ir. Porque enquanto o meu marido era vivo, ele ia lá levar-me, mesmo já depois de estarmos aqui e depois ele ia ter com os colegas do banco, ia comer com eles e tal e depois às tantas ia-me buscar. Depois, passei a não ir. Agora é só assim por telefone e depois uma adoce, a outra assim. No princípio ainda vinham aqui mas depois agora não há aquele contacto mais frequente por isso, aqui, eu estou praticamente isolada, isolada.

Agora vamos para aquelas perguntas mais complicadas.

Qual é a primeira imagem que tem do seu companheiro, o Sr J.?

Que dizer, boa... mesmo muito boa! Primeiro quando o conheci diziam que ele era boémio que era assim que era assado e tal e de facto parece que tinha sido assim mas... depois começou a namorar e tal, foi mudando... e ficou muito diferente, muito diferente. Deixou essas borgas, deixou essas coisas e foi um marido exemplar. Depois como tínhamos os mesmos gostos.... A gente tinha uma lancha, comprou uma lancha, para andar lá. Íamos ate Aveiro, íamos até a costa nova, íamos aqui íamos ali era... andávamos sempre, sempre, sempre... mesmo quando íamos as quartas feiras e vínhamos no domingo, e que nessa altura e o meu filho namorava e por isso queria cá ficar, eu deixava-lhe já o almoço adiantado e ele acabava-o de fazer e depois a tarde vinha ter cá baixo ao P., encontravamo-nos e íamos então jantar, porque nessa altura ele gostava imenso do campismo, a minha nora não gostava, ele depois deixou de ir e ficava cá. Depois de casados ainda

tentamos ver se eles... mas a minha nora não gosta de campismo. Não há dúvida que foi um marido exemplar, amigo do filho, foi uma vida... tivemos uns coisitos... pouca sorte nossa, foi um desastre...

Teve um desastre d Sofia, de automóvel?

De automóvel. Fiquei sem a vista, isto é uma prótese e claro a vista que via, porque esta já quase que não via, já desde miúda, que tive que ser... até nessa altura diziam que ficava cega, andei ate muitos anos, sempre com a vista vendada. Por isso daí, tivemos o desastre, claro já nos atrapalhou mais a vida que a gente já andava a amealhar para a nossa casa. Ai tivemos esse desastre, pronto, sucedeu e foi... e depois disso também tivemos um problema que ai não sei se fiz bem ou se fiz mal porque o meu marido era uma pessoa que gostava que eu me vestisse bem, que me arranjasse, ele ia sempre comigo todos os sábados ao cabeleireiro, todos os sábados... ia-me lá levar, depois vinha para baixo, vinha para o café, ia-me buscar, sempre pronto, pronto, pronto. Já depois de estar aqui, eu disse-lhe escusamos de ir ao P. a gente arranja aqui cabeleireiro, mas ele mesmo assim ia-me levar, ia tomar o pequeno almoço, e quando via que era horas ia-me buscar e tal... depois sempre, sempre, sempre, sempre, sempre impecável e gostava de ir. Quando foi do desastre claro, o meu filho não sofreu nada, e o meu marido foi só o volante porque aquilo foi com uns espanhóis, um casal espanhol que vinham em viagem de núpcias e nos... foi na C., e nós vínhamos da M. e o meu filho tinha matriculas na segunda feira, isto era uma sexta feira. E tivemos um furo e ali na A., na C. tem até uma bomba de gasolina, vamos para lá para ver o furo e claro eu e o meu filho saímos e estivemos cá fora, entramos para dentro do carro, mudamos para a nossa faixa de rodagem, eu ainda não tinha posto o cinto... o meu marido pôs e andou e eu ia pô-lo, não é, mas quando eu ia pô-lo já o outro carro saiu da faixa que estava a chover, ele tinha os pneus carecas... saiu da faixa de rodagem e veio ter connosco. Eu levava os óculos, fui para a frente e fiquei logo toda cortada, ainda fui a A., da A. mandaram-me para C., depois fui para o P., o meu marido disse vamos já para o P., que assim já lá ficamos. O meu marido ficou e o meu filho é que veio na ambulância, e viemos então para o P.. Depois ai claro fiquei com a cicatriz, que era muito maior tinha aqui a cicatriz e tal, e ai é que eu vi o problema, que não sei se fiz bem ou se fiz mal. Primeiro eu também era muito medrosa, era muito medrosa, e segunda também pensava que poderia ficar pior, não é, naquela altura, já foi há muitos anos... pronto, depois o meu marido soube que um rapaz amigo dele de O. tinha vindo da América e que estava, que tinha lá tirado a especialidade e fazia isso, chegou-se a marcar, tínhamos a data marcada só para fazer a operação. Mas eu com aquela ideia faço, não faço, é ele que quer que eu faça para que eu não me sinta aquele desgosto de estar assim, e é por isso que ele vai fazer e é uma despesa enorme, e nessa altura lá vai a casa parar outra vez ao... comecei a pensar daquela aneira e não sabia o que fazer. E depois na véspera um dos médicos amigos de lá o director, que era da casa de saúde onde eu ia ser operada, casa de saúde A., eu disse-lhe Sr Dr. J. de M. olhe, eu não sei o que hei-de fazer, passasse isto assim a assim e tal, diz ele, eu falo com o seu marido e apresento-lhe o problema que a senhora quer mas ao mesmo tempo não sabe o que fazer, e o meu marido disse-lhe eu quero que ela faça porque não quero que ela fique assim defeituosa, pronto, a casa espera... mas olhe que ela parece que antes quer a casa, e depois acabei por não fazer a operação. Para .... Ainda fui a Barcelona também só uma a vista móvel não podia pois puxava tudo por partes, tinha que ficar esta fixa, e implante só quando eu cegar desta. Porque não se sabe o que vai suceder, eu agora todos de 6 em 6 seis meses vou ao médico, mas já corri todos os médicos M., L., C., todos dizem a mesma coisa, vai vendo, vai-se vestindo, vai fazendo pouco mais ou menos as suas coisitas? Vou Sr. Dr., o que é agora tenho que ampliar em A5 as palavras bordadas, por que senão qualquer dia não consigo, já não leio, e depois não faço esforço nenhum, não é, passo a ver fotografias e ouvir música que eu adoro e coiso e a cabeça vai ficando parada. Então agora depois que tive este problema do coração e assim que faço... vou...mando ampliar e é assim que faço...

Quanto tempo namorou?

6 anos!

6 anos! E que recordações é que tem desse tempo? Desses 6 anos.

Olhe vida boa, quer dizer, bailes, eu era muito dançarina, ele também o era, bailes, conheci-o num baile de Carnaval onde toda gente dizia, bailes de Carnaval nunca chegam ao Natal. Eu namorei 6 anos, tive quase 50 anos casada, e fomos muito felizes, mesmo muito felizes.... íamos assim para bailes a cinemas, para isto para aquilo, tínhamos um grupo amigo, eu tinha as minhas amigas lá. Uma altura, não estava no banco, uma altura ele estava nos escritórios da cp em santa A., por isso também tinha os seus amigos e por isso a gente reunia-se e para aqui ia para a praia, pronto... vida boa!

E o que é que mais gostou no seu marido? na altura, quando o conheceu?

Bom, não sei... achei-o muito simpático, ate lhe digo, estávamos quatro ,as minhas irmãs eram pequenas por isso não estavam, estávamos quatro mascarados, capa e batina e com a máscara que só se tirou a meia noite e eles por acaso, ele e os amigos não iam lá, aquele sítio que era o Atneu da rodoviária, eles espreitaram e eram para ir embora para a borgia mas não sei porquê resolveram ficar e então lembro-me disso tão bem, as cinco sentadas e eles a entrar. Éramos nós umas para as outras eles vem para aqui quem é que vão buscar... autêntico, parece que estou a ver isso... e ele veio-me buscar, estivemos a dançar e só à meia noite é que tiramos as máscaras e assim ficou. Depois no baile da (...) e no baile da (...) também nunca lhe dizia o que queria saber, nunca lhe dizia mas coisas do destino. Nunca lhe disse onde estava empregada, e não é que um dia ia a sair do emprego já passava um mês ou dois meses, tinha tido o último baile e não o vou encontrar quase à porta do meu emprego, ele ia a passar e viu-me ficou a saber que estava ali empregada. E começou a ir lá e tal... e começamos a namorar.

As coisas que já me contou do acidente, desses reveses, o casamento correu sempre como teria pensado como seria?

Sim, sim, quer dizer com grande esforço, mas ele também estava pronto para tudo não é verdade, pronto para tudo , eu como tinha possibilidade de fazer mais horas extraordinárias, ele não, nessa altura, ainda não estava no banco e eu aproveitada isso tudo, e ele lá ia a casa adiantar as coisas, e o meu filho também e depois vinha-me buscar lá íamos, e tinha ocasiões que trabalhava das seis as oito, vinha comer e às nove horas entrava a fazer das nove à meia noite. Por que tinha essa a possibilidade de fazer essas horas extras, ele não, ele não tinha. Mas sempre bem, bem disposto , pronto para tudo, era preciso comprar fruta ou qualquer coisa ele naquela altura que não era muito... não essa a vontade dos homens em ir aos supermercados, não havia nada disso ou ir ao bolhão e tal, ele estava sempre pronto para isso. ... para

ver se íamos amealhando para fazer a casa e nos 25 anos de casado foi quando a inauguramos. E sabe que durante o tempo que se fez a casa eu, ele, o meu filho e a minha nora, na altura ainda não estava casado é que sabiam, nem mesmo a minha família sabia nem a minha mãe, nem sogros nem nada. Só no dia da inauguração, a gente teve que dar a morada, mas dissemos que era uma casa alugada para festejarmos porque éramos muitos... só depois e que souberam que a casa era nossa...

E em relação ao pai que foi o seu marido, acha que foi um bom pai?

Sim, quer dizer, não era muito afável, era neste género assim, pronto ele quis tirar a carta e tirou a carta, ora tinha tirado a carta também queria guiar, ora senão para que tinha tirado a carta, ele não queria entregar o carro, era preciso eu dizer mas olha que ele tem que guiar um bocadinho, e o meu filho por sua vez como sabia do feitio do pai até da mesada dele queria pagar a gasolina, que o meu filho nisso também sai ao pai. E ele não queria. E depois eu lá tentava e lá emprestava. Depois como viu que ele guiava e tal, depois não se importava, mas tinha algumas coisas... não era bem aberto, não era capaz de dizer assim era preciso isto ou fazer aquilo, já estas um homenzinho... não. O meu filho vinha ter comigo.

Mas no entanto tinha uma relação positiva?

Sim, sim, sim... sim..., quer dizer também gostava que ele tivesse ido para médico, não foi, queria que a neta fosse para médica, não foi, porque ele também é que era para ter sido mas com estroinice dele é que deu cabo de tudo e acabou por não ir. (risos) ele como não foi queria que alguém fosse... a neta esteve lá perto....

Então posso concluir daí que teve um casamento feliz?

Sim, não duvide disso... para mim o que mais me custa é não termos chegado aos 50 anos, eu andava idealizar essa data.

Era um sonho para vocês....

Era um sonho, era... era um sonho...

D Sofia...

Ele queria fazer uma aliança especial... é assim.

A gente não sabe o que a vida nos espera... neste momento quais são as maiores dificuldades que enfrenta a d Sofia, assim actualmente?

Só estes problemas comigo que eu tenho... quer dizer os da vista, que de facto agora vou para a rua e saio e enquanto não chego cá não estou bem... fico nervosa, mesmo muito nervosa, porque também já fui atropelada por causa dos sinais vermelhos, mesmo com os óculos e tudo não vi e fui atropelada. E este é um dos problemas, e esta coisa agora que tive o enfarte há dois anos e que ando constantemente no hospital, tenho meses que vou 4 e 5 vezes ando no controlo do sangue... coisas que eu nunca tinha tido, não é... nunca tida tido e agora estou a ser atacada por estas coisas todas (risos) tá a perceber, porque senão até mesmo aqui sozinha, se estou bem disposta não estou nos dias maus, e tal e se a tensão esteja mais normal entretenho-me... nunca mais fiz renda porque não vejo, nunca mais faço isto agora se quiser ver qualquer coisa não vejo tenho que pedir às pessoas para me lerem, o meu filho até me deu uma lupa que disse que serve para bordar mas para mim não serve para bordar, nem até para ler... quantas vezes me vêem aqui ler... mas se não fosse isto ia vivendo olhando para o tempo passado e pronto...

Quando olha para a sua vida até hoje, como ultrapassou as suas dificuldades e que aprendeu com elas?

Bom, aprendi que de facto se houver força de vontade muito grande e que se a gente pensar que tem que ser assim... pois trabalha e faz todos os possíveis para conseguir o que pretende.

Como é que ultrapassou essa dificuldade do acidente, de ter ficado sem uma vista?

Bom isso aí no principio muito mal, porque o meu marido vinha para o emprego, o meu filho tinha as aulas, o liceu, comiam na cantina, tinham ambos as cantinas, o meu filho também comia no coiso... lá havia uns dias que não tinha aulas de tarde e então vinha e eu estava ali sentada, lá ia fazendo qualquer coisa mas a vida que eu levava no emprego era muito diferente e depois o convívio, muitas colegas, mesmo muitas colegas, as secções eram grande, era muito pessoal e mesmo só médicos clínicos com os adjuntos eram 14. Agora era preciso isto era preciso aquilo... e por isso havia aquele convívio, e ali estava sem ninguém e só quando eles viessem é que estava. Mas depois quando o meu marido se reformou a gente ia para o campismo, ou íamos para aqui ou íamos para ali, ou íamos para T. depois as minhas irmãs também estavam viúvas e vinham cá a cima e íamos todos depois para B. ou para aqui ou para ali e pronto... as coisas vão passando, vão passando...

Olhando para si própria, sente-se contente sente-se triste, sente-se orgulhosa de si, sente-se feliz consigo?

Não, sinto-me triste...

Consigo?

Mesmo muito triste... digo-lhe mais se Deus me levasse eu ficava bem... porque quanto mais tempo vai passando mais custa... (chorar) a sentir as rugas, para mim é assim...

Em relação à pessoa que é, não sente orgulho por aquilo que fez na vida por tudo o que passou, por tudo o que construiu?



É verdade, isso sim, isso sinto... foi com muito sacrifício que fizemos tudo e ... gozamos aqueles anitos, gozamos ... só vendemos a casa quando viemos para aqui, uma vez que o meu filho não a queria o que é que gente estava lá a fazer, vendemos, mas hoje... hoje, preferia se eu tivesse saúde ou vista encarava de outra maneira arranjava entretenimento e não pensava tanto...

Acha que as suas condições de saúde não ajudam também...

Mas mesmo muito... mesmo muito, antes do enfarte eu ainda ia e tal e coisa... mas agora são tantas coisas e tantas que me estão aparecer ... mesmo esquecimento, às vezes tenho uma consulta marcada, desequilíbrio, ainda noutro dia cai, vou a andar e de um momento para o outro... por isso eu noto que cada vez...

Esta a ficar mais trôpega...isso preocupa-a?

Muito... muito, muito, muito....

E ainda mais para mim acho que é aborrecido, vai ver, ainda esta semana vai ser fanecas ou até carapau com muitas espinhas, e é muito aborrecido detectar as espinhas quando está a comer porque eu não as vejo e tal, e é aborrecido estar a tirar para fora com outras pessoas ali... isso é uma das coisa que sinto muito mal... e cada vez está pior. (chorar)

E não consegue arranjar maneira de dar a volta a isso?

Não porque aqui também há umas coisas que acho que não correm como deviam correr, não correm iguais para todas as pessoas...(choro)

Não se trata todos da mesma maneira? Se quiser a gente pára um bocadinho....

Mas é assim, o que mais me custa é essas coisas e cada vez pior. Eu agora vou ver o que, que o médico vai dizer agora em Outubro. Ainda ontem o meu filho chegou de faro ainda estes dias foram para a povoia que eles tem casa na povoia e como a minha nora só segunda feira começa e as minhas netas. Primeiro foram ver como aquilo estava e aproveitam como o tempo está bom, aproveitam e ficam lá. E depois o meu filho disse quando é a consulta e eu disse é agora em Outubro, diz ele, eu também me queria parecer mas comecei a pensar que era em Setembro e era para saber... ele quer ir sempre comigo, para saber o que o médico diz e o que não diz e o que é que acha e .... Vai sempre, pede dispensa e vai sempre comigo mas... eu vejo que cada vez pior, eu na altura do desastre fiquei com 70 % há 30 anos. Agora veja 30 anos ainda estive não sei quanto tempo ao serviço a trabalhar embora tivesse ajuda da minha colega, também tinha que fazer alguma coisa e letra de médico e coisas complicadas, então o professor A. T. a gente nem lia nada. E essas coisas todas cansou, e depois eu também gostava de trabalhar, de fazer rendinhas, coisinhas isto e aquilo...tudo isto, foi indo, foi indo e a vista...

Está com quanto?

Agora devo de estar...parece que estava o ano passado em 10 %. Quer dizer, eu daqui para ali se passar uma funcionária só pelo corpo, porque a cara já não a vejo... já não a vejo...mesmo na rua e tudo vou com os óculos e quantas vezes, na rua tenho que andar sempre com os óculos escuros, e mas mesmo assim se o sol bate, eu tenho que parar na rua porque ou tenho que por a mão porque se entrar um pouco mais de claridade não consigo ver nada.

Tem que ter muito cuidado...

O médico disse quer que eu ande porque o coração precisa que a pessoa ande, embora devagar mas que anda, porque sentada *nem pensar nisso mas o quê que ande acompanhada porque sozinha é um caso sério é um risco. Quando chego e ouço tocar a campainha digo, hoje já me safei, ora isso faz também que eu ande ansiosa... aborrecida ao mesmo tempo.* Eu sei que enquanto vou pronto ando e fico melhor do que estar aqui mas vou naquela pressão de se me sucede ou não alguma coisa

Assim até ao momento qual foi o seu grande desafio da vida?

O meu grande desafio na vida? Nem sei... olhe que nem sei (risos) nem estou a ver! Era isso, era ter a casinha estava como queria...não sei.

Agora falando um bocadinho de outras áreas da vida, alguma vez sentiu a religião ou a fé como algo importante na sua vida?

Quer dizer, acho que não tenho aquela religião que gostaria de ter. não! Desde que tive o desastre eu vejo a vida, negativamente e acho que não sinto aquela fé que seja fé. Tanto que para mim todos os dias quando rezo peço para que tenha essa fé mas eu vejo que não tenho, porque começo a pensar nessas coisas negativas, em coisas que me sucederam ou que podem suceder...

Esta sempre a pensar no futuro...o que é que me vai acontecer.

Ainda ontem a noite o meu filho, se riu comigo, como sabe que é assim eu assim que ele telefonou, ainda bem que vocês já chegaram tem sido uma preocupação e tal, só esta porcaria dos desastres, pronto já te estou farto de dizer que é pensamento positivo e não negativo, para que está com isso, graças a Deus não estou assim preocupado, para que é que está com essas coisas, mas eu não posso, faz parte de mim. E por mais que eu peça para não ser assim...

Mas no entanto reza todos os dias...

Todos os dias, se soubesse o que eu rezo... se soubesse o que eu rezo (risos). Logo de manhã a primeira coisa é o terço da Ave Maria, à noite rezo-Lhe outro terço. Ao domingo às sete horas da noite, às sete horas da tarde, aqui nessa cadeira, foi nessa cadeira que ele morreu estava aqui até o médico, éramos para ir para a casa de saúde estava aqui o meu filho, o meu filho trouxe o médico estávamos a tratar de tudo e ele morreu aqui nesse dia, deu-lhe um colapso e ficou... às sete horas todos os domingos rezo-Lhe outro terço. Fora o que eu rezo por este por aquele...mas não.... Mesmo quando peço qualquer coisa acho que não tem aquela fé com que havia dizer...

Como é que acha que poderia mudar isso?

Não sei.... Não consigo, não consigo...

Como é que vê Deus, quando pensa na sua fé como é que vê Deus?

Eu vejo que...sei lá... que é uma pessoa que faz, é a mesma coisa que ir a Fátima, eu vou a Fátima, vou lá todos os anos, vou para L. na páscoa e depois vou I, .... Mas não é aquela fé que eu devia ter...

E acha que é por isso que a sua vida é como é?

Acho... acho que sim, mas não encontro a solução...

Então atribui a responsabilidade à sua pouca fé? Se tivesse mais fé...

Sim, se tivesse mais fé que as coisas não seriam assim.

Como é que o seu marido partilhava essas coisas de fé?

Pouca coisa, aí pouca coisa, no princípio ele até não ia. Eu até podia ir não havia novidade nenhuma, o meu filho foi logo para a doutrina, fez a comunhão ele aí não se metia, não... no entanto tinha um tio padre... depois mais tarde, mais tarde, já depois da comunhão do meu filho começou então a ir, já ia já ia à missa, não comungava e tal mas ia. Depois disso não sei porque deixou outra vez de ir... ia me levar ia para o café sentava-se no café, esperava.... ia a Sto O., às vezes ia ... que era mais perto lá em cima?

M. V.?

No M. V., mas ele vamos ante a Sto O. e ele ia atravessava e ia para o café e quando estava acabar e que via que era hora vinha-me buscar. Se tínhamos combinado ir almoçar fora íamos almoçar fora, se era em casa era em casa, se era para o meu filho era para o meu filho... e era assim mas desde o desastre... talvez por essas coisas me terem sucedido... talvez daí... eu fui catequista... e era... andava sempre metida nessas coisas...

Sentiu que a sua fé mudou ao longo do passar dos anos? Em que momento é que a fé foi importante para si, e que momentos é que a fé não foi importante?

Quer dizer, antes até do desastre, talvez quando foi da hérnia discal, esta a ver eu casada á pouco tempo a precisar de fazer as coisas, quando não tinha empregada tinha que mandar o meu filho para O. para os meus sogros, aos meus sogros tinham que vir para cá para eu não faltar ao serviço. A fazer uma cama, na véspera de natal que era para os meus sogros, a pegar no colchão para entalar a roupa fiz aquilo quer dizer não levei a bem, e depois ainda por cima tive um mês e tal sem me levantar e só me levantei com colecto ortopédico que andei com ele para aí 30 anos, nem me quero lembrar de varas e tudo o que eu passei e depois o desastre e essas coisas... acho que não merecia aquilo! Para mim acho que não merecia aquilo, depois começava a ver outras pessoas amigas, isto e aquilo e eu assim meu Deus só a mim me sucede isto, que era mesmo, só a mim me sucede isto e desde aí...

Ao longo da sua vida d. Sofia lidou muitas vezes com a morte de pessoas especiais para si?

Não, não... quer dizer, o meu pai praticamente não estava junto, não estava junto ele estava em casa da minha madrinha e também foi de repente foi do coração, também não estava junto. Familiares estava tudo em africa. E familiares meus só tive a minha mãe, mas já foi cá para cima, e foi os meus sogros mas não tive assim...

E quer me contar como foram algumas dessas experiências, que significado é que tiveram para si essas experiências, tanto a sua mãe como os seus sogros?

A minha mãe embora não vivesse com ela, porque ela estava em L. e eu aqui, enquanto não lhe deu a trombose, vinha passar muito tempo, vinha passar quinze um mês a passar comigo, senti imenso, não há dúvida que senti imenso, e quem me dera que ela continuasse... uma pessoa tão boa, uma pessoa que não fazia ao ponto do próprio médico dizer, eu podia pensar que muita gente tinha uma trombose mas a d L. nunca, se ela não comia nada com sal por iniciativa dela, se ela tinha... por que lhe sucedeu aquilo, teve 20 anos sem falar, sem falar... a mão e a perna depois arrastou-se, sem falar, a única coisa de bom nisso depois se descobriu que ela só dizia "atinque tinqe", qualquer coisa era "atinque tinqe" a única coisa que se descobriu ela estava a viver com o meu irmão e a minha cunhada, e a minha cunhada viu que ela tinha feito que ela tinha feito uns riscos mas não se conseguia ler nada, e não sei se foi o meu irmão se foi ela que se lembrou de por um espelho e estava as palavras ao contrário, estavam ao contrário e daí a gente já a percebia, a gente no início era um castigo para a perceber e ela coitada enervava-se, com aquilo. Ora ela que era tão católica, uma boa mãe como tinha sido, um bom exemplo, e como é que lhe deu aquilo, não levei a bem. Mais tarde a minha cunhada viu aquilo e ela voltou a tempo da meninice de fazer cópias, a minha cunhada passava-lhe contas de somar de diminuir, a gente comprava-lhe cadernos e lápis e ela pintava e foi assim que ela passou 20 anos. Por isso todas essas coisas me deixaram marcadas. Os meus sogros senti a falta deles, mas pouco lidava com eles, a não ser 15 dias, 20 dias que eles vinham

também para cá, quando já estavam mais coisa, ou nos íamos para lá 2 ou 3 dias, mas ela, mas em especial ela, porque lidava mais com ela do que com ele, era uma sogra como não há, ela era capaz de me defender a mim e ir contra o filho, na presença dele. No princípio ela dizia-me assim Sofia nada de dizer ao J. se sobrou dinheiro, guarde esse dinheiro, um dia a sua mãe pode precisar, lhe quer mandar escusa de dar conhecimento ao J. O mãe não é preciso o J. não tem problemas com isso, faça o que eu lhe digo tem o seu dinheirito, ganha o seu dinheiro, não tem que estar a dar coisas nem a dizer, precisa manda. Era tudo assim. Se era preciso alguma coisa o J. para que estar com isso a Sofia ora não sabes te levantar e ir buscar... punha o filho na ordem.

E o seu sogro?

O meu sogro era um paz de alma, era um paz de alma também....

Eles faleceram muito próximo um do outro?

Dois anos, quer dizer ela morreu de qualquer coisa, não se chegou a saber bem o que era, mas devia ser maligno e teve aí uns mesitos... e ele no dia em que ela fazia 2 anos estava precisamente encostado lá em O., porque ele quis ficar a viver sozinho, bem sei que o meu cunhado vivia por cima, por cima não, ao lado e por isso estavam assim perto, ele estava lá encostado no quintal a uma árvore e deu-lhe a trombose, ainda esteve 15 dias internado e morreu. Mas eram uns sogros exemplares, eram uns sogros exemplares...

Sentiu a falta deles?

Sim... mesmo muito e que ajudaram, e se era preciso qualquer coisa o meu filho lá ia para lá quer dizer, fazia até às vezes ainda mais tempo quando ele era pequenito, mais tempo com os avós do que com os pais. (risos) outras vezes era ela que vinha para cá tomar conta da casa... ainda quando eu estive com a hérnia e não me levantar ela veio para cá tomar conta da casa... eram formidáveis!

D. Sofia, agora gostava que me falasse por mais difícil que seja, que sei que lhe custa muito falar disso, me falasse um pouco sobre o falecimento do seu marido, o que lhe aconteceu nesse dia, o que lhe aconteceu para ele ter falecido, se foi por doença se foi súbito...

Não, nós o mês de Setembro passámos no A., todos os anos passávamos o mês de Março no A. e o mês de Setembro também no A., o resto era nas termas de M. R., era nas termas de ... era em A. era aqui, era ali, e íamos lá para cima para a inatel... para agora também não me lembro o nome, vila nova de Cerveira e... e andávamos sempre de um lado para o outro e nos então... já não sei o que ia a dizer...

Que em Setembro iam para o A....

Fomos para o A., e as minhas irmãs foram connosco, elas estavam viúvas andavam sempre connosco... e fomos para lá e ele começou a sentir-se um pouco cansado bocado cansado...

Em Setembro de 2000?

De 2000, não. Setembro de 99, e depois a ficar um bocadito magro e tal, diz ele, não ando bem, quando chegares vamos ao médico. Viemos no fim do mês, ainda ficamos um dia em L. para não fazermos a viagem toda de seguida e no dia seguinte é que vínhamos. Começou-se a ir ao médico, e a única coisa que se queixava era que não sentia forças, que estava cansado não sentia forças, mais nada, pronto...começou foi para o médico de medicina interna ele disse vamos estudá-lo até encontrar, ele não lhe dói-a nada, só as vezes no fígado é que lhe dói-a um bocadito, mas já há muito tempo que tomava alguma coisita para o fígado, porque é ... gostava de coisas que lhe faziam mal... foram ver e nada, depois ele foi tirar um ta cá casa de saúde da Boavista e nada e andamos assim, Setembro, Outubro, novembro, ainda sem se saber nada e a gente acabou por nunca se saber ao certo se ele tinha alguma coisa. Cada vez mais magro, muito irritado ele gostava de... quando veio para aqui, havia um senhor que era coronel que jogava lá em baixo no ateneu e disse, meta-se sócio do atneu e vamos uma ou duas vezes à tarde vamos e íamos lá e tal, era, agora não me lembro era um jogo difícil...e então ia e nesse dia ele veio e disse, aí meu Deus estou mesmo cansado, pronto, estávamos á espera do coiso..., meteu-se Dezembro e diz ele assim, as minhas irmãs vinham cá sempre festejar os nossos anos de casados, vieram no dia oito, reunimos todos e fomos eles e as minhas netas, e ele sempre cansado e ao mesmo tempo parece que triste... chegou á altura do natal e diz ele, aí meus Deus custa-me tanto ir ao natal... ó J. não me digas isso, ah e o natal desde que os meus sogros morreram passou a ser em casa da mãe da minha nora, porque como ela tinha 3 filhos junta tudo, na véspera de natal reunia os 3 filhos o dia era em casa do meu filho e o ano novo quando era em minha casa era em minha casa e ia lá a sogra do meu filho, quando viemos para aqui, era em casa do meu filho e ela também ia ao meu filho, pronto, mais irmos para a d. rosinha e tal, o J. a gente já vai lá á tantos anos, mas fomos.... Mas ele já quase que não comia, não falava, o cunhado do meu filho que gostava muito de falar com ele, e então hoje está tão calado, já nem fala e ele sempre assim ... e de vez em quando parece que lhe custava a respirar. Pronto, quanto chegou para irmos ao ano novo disse telefona ao O. e diz que não vamos, não vamos porque não me sinto bem. E eu telefonei ao meu filho, o teu pai não quer ir, diz que não se sente bem e ficamos por aqui, mas porquê? Não sei ele diz que não se sente bem. E eu depois vou aí. Passou-se o ano novo e o meu filho disse o melhor é ser internado e fazer lá os exames todos, mas como o meu sogro tinha ido muitas vezes ao hospital porque lhe dava muitas vezes coisas do coração e ficava como morto sempre pensou terá ele a mesma coisa virá já de família, hereditário... e ficamos a pensar naquilo e o meu filho disse assim eu já falei com um médico amigo e nesta casa de saúde tem lá tudo se houver qualquer problema nesta casa de saúde tem lá tudo e há casas de saúde que não tem e esta tem lá tudo por isso ele vai tratar disso e a gente vai interna-lo lá e pronto...estava para ser internado nesse domingo. De manhã ele levantou-se não tinha já forças para se lavar, eu tive que o estar a arranjar, as meninas queriam mas ele não queria nada claro, lá estive eu a ajuda-lo e tal e assim não comeu nada e nesse dia então não queria nada comigo, não queria nada comigo... qualquer coisa que eu lhe dissesse, ou faz-se isto ou aquilo, ele quase que era do contra: Ó J. come isto e ele ficava irritado por eu dizer aquilo, pronto... lá estiveram duas meninas aqui neste sítio a contar, ele não quis e ficou aqui vestiu-se, que era para depois quando o meu filho viesse, pois a gente não sabia bem se vinha as quatro se a que horas eram, ele sentou-se aqui e começou com muito calor e a

transpirar. Era Janeiro também não quis lancha e depois pôs-se aqui e só disse assim vamos embora, quero ir me embora daqui, quero ir embora daqui, não quero ficar aqui, quero ir embora daqui, e eu disse olha espera mais um bocadinho que o J. está a chegar e depois já vamos embora, pronto ele ficou. Entretanto o médico estava ali a falar com ele falou, estávamos ali a o preencher uns papéis ele estava aqui e eu estava ali e estava a olhar para aqui e deu um pulo muito grande, estava sentado e deu um pulo e voltou-se e ficou assim... as empregadas que estavam aqui uma delas olhou mas eu nem me apercebi, e estava ali uma senhora que era enfermeira e que estava aqui também que vinha aqui saber como ele estava e tal e assim, e fez-lhe sinal e ela veio e viu-lhe as unhas negras já e chegou ali e disse, o sr doutor e ele veio aqui e coisa e tal... quando lhe deu aquele coiso foi quando... faltou-lhe o ar e teve coisa...a paragem cardíaca...já não dava para fazer mais nada...foi assim, agora se ele tinha alguma coisa não se sabe.

Que é que sentiu nesse dia?

Olhe, se lhe disser depois daí só me lembro, porque deram-me muita coisa, deram-me muita coisa, só me lembro de me terem dado, que eu nesse dia até tinha posto aqui para não incomodarem como ele já estavam assim coiso e um bocado irritado tinha posto ali proibida as visitas e depois quando começaram a contar e então levaram-me daqui levaram-me daqui para o centro médico, então já não me lembro de mais nada, só lembro-me de dizer assim parece que a minha nora vem aí, porque ouvi dizer que ela vinha, não me lembro de mais nada, se me disser como é que eu fui se ia só a minha neta se eu fui logo para a cama se comi, se estive a mesa se não estive não me lembro de absolutamente de nada, nada, nada, nada... nem agora, acho que estou a ficar muito esquecida dessas coisas, porque na altura eu sabia, mas agora não me lembro de nada, absolutamente de nada, sei que fiquei lá uns dias em casa, quantos dias não sei, nem como não sei não sei de nada...

Foi ao enterro dos seu marido?

Fui, fui, que ele depois foi para O.... ele daqui foi para uma capela qualquer mas eu aí não estive porque só conseguiram isso as dez horas da noite ou onze horas...há ainda me lembro de uma coisa, isso lembro, quando me foram buscar a roupa eu fui lá, já estava o meu marido na cama deitado na cama, e sei que me agarrei a ele e o beijei depois que me tiraram-me e não me lembro de mais nada, depois fui e não me lembro, e depois no dia seguinte é que seguimos todos para O. é que saiu de lá porque os meus sogros têm lá jazigo e ele queria lá ficar e pronto... e foi assim.

E o que é que significou perder o seu marido?

Olhe... foi... foi a perda maior que eu tive na minha vida. Quer dizer, tive muito desgosto da minha mãe mesmo muito, do meu pai praticamente não tive tanto, era outro feito, outra coisa, mas do meu marido sim... muito mas mesmo muito, muito porque foi muitos anos muitos anos que a gente gostou um do outro estávamos sempre prontos um para o outro, se um dizia uma coisa o outro dizia outra. Se um dizia: mas eu não queria isso, pronto então vamos lá... está a perceber... entendiamo-nos bem, bem... e é assim.

E o que é que esta morte veio mudar na sua vida?

Na minha vida veio mudar, porque se ele era vivo eu tinha a companhia dele e ... e continuávamos a fazer a mesma coisa, a dar as nossas voltinhas a andar devagarinho que ele também já fazia... de manhã dávamos a volta devagarinho e tal e fazíamos essas coisas e íamos a baixa íamos aqui, se ele não pudesse guiar alugávamos um carro e íamos e agora não pudemos fazer nada... estou aqui e nada se faz e sinto-me aqui isolada... vejo as fotografias converso com as fotografias e assim passo a vida.

As vezes sente a presença dele?

Sim, sim, sim....

Sentia mais ou agora sente menos?

Não, quer dizer sinto mais, sinto mais agora, eu acho conforme o tempo vai passando mais custa mais a pessoa acorda se não sonhou deu a sensação que estive ali um vulto que viu e que... penso muito mais nele que no princípio... e encarei assim melhor mas agora não, agora não.

Fez luto na altura?

Fiz mas pouco luto. Primeira porque o meu marido não gostava, era sempre o que ele mais dizia não gostava e então de preto, não me gostava de ver de preto, e além disso ele também não era muito disso. Quer dizer andei 6 meses ou o que é que foi, mas vesti logo branco também, o preto mas com branco e tal ou o roxo, não fiz aquele luto que dantes se fazia...

Não tinha a ver consigo...

Não, não, não...

Após estas experiências todas de vida que teve, a sua forma de estar perante a morte modificou-se d. Sofia?  
Antes da morte do seu marido como é que pensava na morte?

Penso na mesma, para mim é uma incógnita, continuo sempre a pensar... e as vezes digo assim bom sei lá, a gente não sabe de nada, será que de facto a gente sai daqui, e a nossa alma continua no coiso... deixa-me sempre essa incerteza, não sei (riso) se penso bem se penso mal mas estou sempre...

Pensa na morte da mesma maneira...

Da mesma maneira, mesma maneira, mesma maneira...

Posso lhe perguntar uma coisa?

Diga!

Se tivesse que dar uma imagem ou uma forma à morte, que imagem ou que forma é que escolhia para dar?

se tivesse de olhos fechados....

Não vejo...

Não vê nada... se calhar é o tal ponto de interrogação! O que é que a assusta mais na morte, face a morte?

Sufrimento... se tivesse a certeza que deito-me e não acordo mais, pronto! Agora o sofrimento como eu vejo ai pessoas que sofrem e que passam por coisas que a maioria das pessoas não se lembram que nos pode suceder a nós , isso para mim...

É o que é mais assusta...

É o que mais me assusta!

Já sei que pensa muito no futuro o que é que pensa o que é que costuma pensar quando pensa no futuro?

No futuro ... a mim o meu futuro era o vez que já não tenho possibilidade de ter saúde nem ter visão nem nada, para mim quanto mais depressa for melhor...

Não que ter muito futuro...?

Não!

Mas tem cá as suas netas o seu filho...

Tenho, tenho, as netas o filho, mas pronto qualquer dia as minhas netas hão-de casar se calhar se possível for, vão para ali ou para acolá assim como eu sai de L. e vão para o P.... e outras coisas assim e depois a gente já não se pode deslocar cada vez esta mais velhinha dá só trabalhos...

Nem quer pensar....

Nem quero pensar! Para mim digo-lhe era deitar-me...

E não acordar...

Se tivesse que escolher de três experiências que gostasse de viver agora que experiências é que escolhia para viver agora?

.....quer dizer não... as historia de estar junto com os meus... acho que não , só se eu estivesse em plena forma, se eu estivesse em plena forma de poder ajudar de mexer-me de poder ajudar de poder fazer isto ou fazer aquilo , agora por exemplo estar junto com eles e estar dependente de isto ou daquilo como por exemplo, vou ao meu filho o meu filho já sabe as dificuldades que eu tenho pois ele é um prato de bacalhau, ate no prato de bacalhau...

ele ajuda a tirar as espinhas....

Ou nisto ou naquilo, a minha nora por exemplo se tem algo coisa diz assim dá daqui porque daqui tem este osso ou coisa e tal... esta a perceber.? Isso são coisas que... para mim faz-me sentir mal...

Nem essa experiência quer?

Não, não...mesmo por exemplo dou me muito bem as minhas irmãs e com os meus irmãos mas vou, estou lá 15 dias mas prefiro estar só... sou capaz de passar o dia só.. quantas vezes vem aqui as senhoras e dizem saia dessa cadeira, sai daí... e tal. Às vezes esta escuro... mas sinto-me bem. Por exemplo gosto na mesma de me vestir E lembro-me do meu marido ele gostava assim, e eu gosto de me vestir, hoje visto uma coisa amanhã visto outra... gosto de me vestir, e gostava de me arranjar e chego ao espelho e vejo que quase não vejo a mim (chorar) tá a perceber... ou se cai qualquer coisa têm que me dizer porque eu não vejo... e isso tudo me deixa fora... seria de facto deitar-me e não acordar do que estar assim senão era o meu marido era ele que me tratava da vista era ele que fazia estas coisas... quantas vezes tenho a vista com pus ele mal se levantava ia logo tratar disso e tirar a prótese fazia a limpeza a gente querer e ter que esperar uma ou duas horas ou três horas ou....( choro) a mim é a viuvez desde o momento que a pessoa que se de bem, a gente sabe que há casais que ai meus Deus... mas desde o momento que a gente se de bem, agora dar também trabalho não gosto. Olha as vezes quando vejo a telenovela vejo que até agora praticamente nem vejo porque me cansa a vista, mas vejo a portuguesa e a brasileira e tal, quando era nas " mulheres apaixonadas" quantas vezes eu tenho que desligar que eu fico revoltada por certas coisas que la dão , como por exemplo aqueles avos amigos dos netos, são velhinhas tem as suas coisas, o neto reconhece e sabe ser neto, por exemplo a neta não chama-lhes nomes, chama-lhes isto chama-lhes aquilo e não quer isto não quer aquilo, olhe que de facto...

Fica incomodada?

Fico incomodada, com essas coisas... Fico incomodada, com essas coisas... por isso é que eu digo ir para aqui ir para ali e dar trabalho aos outros, não, não quero, não quero... por isso é que o meu marido certamente pensou e pensou em mim eu vou primeiro, porque ele muitas das vezes dizia assim ó Sofia, desculpa mas eu ainda te vou fazer muita falta, quantas ele dizia. E eu dizia sabes lá Zé, a gente nem sabe quem vai primeiro deixa estar, nem se fala nisso, sabes lá... mas se eu for primeiro vais sentir a minha falta, não podes fazer isto não podes fazer aquilo...

E tinha razão...

E tinha razão, parece que ele já pressentia...

Ele costumava falar nisso nos últimos tempos?

Sim às vezes dizia, aí nessa cadeira, às vezes dizia... agora já sentia e não dizia nada, mas ele também foi fazer um exame e eu recorde-me muito bem, precisamente por causa disso do ar, eu sabia bem esse nome até lidava com isso e com os médicos, é uma prova, é uma prova funcional respiratória, e ele até foi fazer isso para ver se tinha alguma coisa... não dava nada.

Ficou cansado.

Mas é assim... há outras pessoas não, podem ter as suas mazelas mas são mazelas que vão andando, que vão aqui... por exemplo a D. Alda, pronto, sim senhor ela, tem as suas mazelas mas ela lá vai, vai para aqui sai de manhã vem a hora do almoço, a manhã passou, sai a seguir ao almoço, vem a seguir ao almoço, pronto... por isso vê de uma maneira diferente, mas eu não, não tenho essas possibilidades, não tenho coiso e não.. e também não gosto de estar a sobrecarregar alguém, a sobrecarregar alguém, por minha causa...

Acha que os outros não merecem?

É... sim é que por exemplo, a pessoa também pode dizer assim eu vou, eu vou... mas eu penso e digo assim: pois vais sim senhor mas é muito mais idosa de que eu, é capaz de coitada fazer aquilo mas para auxiliar a pessoa, mas já não é pessoa em condições para fazer isso, está a perceber? Por exemplo, eu tenho 78 anos, às vezes saio, ainda a semana passada, e ela disse, eu vou com a senhora, eu vou com a senhora, pronto mas tem 74 anos, cansa-se muito, eu vejo que ela também se cansa muito, até se canse ainda mais do que eu não é?

A d Alda?

Não, uma outra senhora que é solteira, é solteira... mas quer dizer, ela vai, mas eu cá para mim digo assim coitada ela vem fazer-me este favor, quando fica cansadíssima, eu noto que ela fica cansadíssima, e depois passado dias em conversa não diz a referir-se aquele dias mas diz assim aí meu Deus, só de andar hoje, sai do autocarro andei um bocado por Santa Catarina, olhe estou aqui que nem posso. E eu avalio por mim o que ela fez, está a perceber? Há pessoas que não se importam mas isso para mim...

É muito importante?

É muito importante...

Quando olha para sua vida, eu peço-lhe três adjectivos para a sua vida. Que três adjectivos escolhia para adjectivar a sua vida.

Não sei porque como digo estou... cada vez com menos capacidade de pensar está a perceber, eu noto em mim, cada vez... é que eu quero insistir com as palavras, ainda agora andei a ver se encontrava maiores e tal, eu quero insistir, porque eu estou naquele ponto em que escrevo uma coisa, e por exemplo seria bordado mas em vez de "bor" escrevo outra coisa e depois escrevo o bordado, está a perceber, em vez do bordado escrevo... outras três letras e o "dado" fica bem e depois vou e tal, e as outras não ficam bem, pronto deixo aquilo... e passado dias se torno a pegar naquilo vou ver e nesse dia porque eu tenho dias.... E nesse dia... Aí meu Deus, que estúpida então é isto como é que eu fui, está a perceber? E tenho dias que estou de facto assim, é isso que eu noto, é isso que o médico quer que eu vá a neurologia, porque eles não me querem dar mais medicamentos porque eu estou a tomar 16 medicamentos por dia... 16... está a perceber? E quantos mais medicamento puser às vezes vai afectar o sangue, que está a ficar normalizado mas mudo de medicamento, e volta outra vez à estaca zero, está a perceber? E tudo isso me deixa baralhada e com a cabeça esvaída e parece que a puxar a puxar, faço um esforço enorme para puxar, está a perceber? Não consigo...

Foi boa, foi triste, foi cheia de mágoa, foi cheia de ressentimentos, foi cheia de felicidade, como é que foi a sua vida?

Não, foi boa, até quase muito feliz, quase muito feliz, porque em nova não tinha problemas não tive problemas a não ser esta história lá com o sarampo mas depois ... não tinha problemas, tinha muitas amigas, tinha capacidade para isto e para aquilo.... Foi de facto boa, quer dizer podia ter sido ainda mais feliz, mas já fui muito feliz, muito feliz, pelas coisa que passei...

O que é que mudava, o que mudaria hoje? Se pudesse voltar para trás?

Se pudesse voltar para trás, olhe a única coisa era ter tido possibilidades de ter feito a minha casa mais cedo, vírmos pra casa o mais cedo possível porque o meu marido era doido por estar em casa e era doido por árvores de fruto por isto por aquilo, a gente passava o tempo sem dar por ela... as vezes: oh Zé vamos almoçar, o quê, ainda agora estou aqui, nem os coelhos nem isto nem aquilo, não me digas que está na hora... está na hora e assim foi, uma vida então... esses anos ali foi de facto na nossa casa foi uma maravilha de muita felicidade. Depois a noitinha acabar de arrumar e por a louça a lavar, era ele que punha a louça na máquina para tirar as espinhas... era ele e tal, vínhamos para cima e tal ali e estávamos a ver televisão ou a ler, ou isto ou aquilo... era isto...

e...

e continuar a dar os nossos passeiozinhos, isso era fundamental isso era, os nossos passeios de barco... foi uma vida boa, foi uma vida boa, por acaso foi... irmos ali... olha agora... este mês nem estava cá, estava a chegar de monte real, era o mês para irmos a monte real, não íamos lá para fazer tratamento, a gente gostava tanto daquilo que pronto íamos para lá... íamos até as termas, dávamos uma caminhadinha a andávamos íamos para lá, já depois de estarmos aqui, até levávamos a doutora connosco, uma doutora que está aí, ela ia fazer tratamento... lá ia connosco, e íamos para o C.... íamos muito também para L..

O que é que pensa desta conversa que teve destes assuntos que falamos, o que pensa disto tudo?

Por um lado gostei porque deitei cá para fora aquilo que precisava de deitar, as vezes falo sozinha e hoje ( choro e riso ) ...

Era importante para si falar mais destas coisas?

É, é...

Acha que se conseguisse fazer isto mais vezes ficava melhor?

Era capaz, era capaz...

Queria dizer mais alguma coisa?

Só isso, que me lembre... agora estou á espera da minha irmã para...

Vem cá?

Vem, vem aí, íamos... tratar de algumas coisas que eu preciso, assim ela faz-me companhia e tal, por exemplo, eu adorava ir todos os meses a O., todos os meses, no principio ainda arranjei... o meu filho claro só lá vai nos fieis claro. Eu tenho que compreender que ele também tem a vida dele, vê a vida de outra maneira... custou-lhe, morreu o pai, mas vê a vida de outra maneira tem a mulher tem os filhos tem os seus amigos e pronto... os fieis, pronto, no principio ainda tinha quem fosse comigo, agora não, como é que eu vou, não vou. Ou é quando a minha irmã vem, mas claro, vem para cima depois tá cá 8 dias e depois é que vai embora, mas mesmo assim quando me vem trazer, quando vem sozinha, vem gastar o dinheiro para me vir trazer, está a perceber, é assim são situações muito aborrecidas sempre...

Quando as suas irmãs ficaram viúvas como é que pensou na sua possível viuvez na altura?

Nunca pensei, nunca... nunca, nunca, e sabe porquê ainda mais, lá está porque a família toda do meu marido toda morreu com muita idade, o padre tinha 101 anos e dava a missa das 6 horas em O., na capela de O., os avós cento e tal anos tudo assim, bisavós tudo assim, o meu sogro até morreu com quase 90 anos, a minha sogra também com quase 90 anos diz tudo, tios tudo assim, nunca pensei, nunca pensei...

Morreu com que idade o seu marido?

Com 78, nunca pensei...

Eram da mesma idade?

O meu marido tinha 78, eu tinha 76... eram dois anos de diferença, nunca... nunca na minha mente coiso, quer dizer, o meu cunhado da minha irmã a seguir a mim, a gente já sabia que ele tinha aquela doença ele andava sempre com, com o oxigénio atrás dele e tal... estive muito tempo ligado às máquinas, também sofreu bastante e morreu, o outro foi de repente também um cancro, foi de repente, nunca pensei, mas claro a minha irmã a seguir a mim, graças a Deus tem vista tem tudo, pronto guia carro, era ela que andava com o carro, era ela que ia levar o marido ao emprego, porque para deixar o carro em cascais pois, tinha que ir a pé para a baixa... a vida dela era aquela, por isso continuou a fazer a mesma vida, só depois que ele acamou, e que passava lá no hospital porque aquilo era... e tinha lá possibilidades de lá estar... a outra minha irmã também, pronto foi só aquele problema do marido de resto continuou empregada, a mais nova ainda continua empregada. Mas tem boa vista, borda a ponto de cruz, sei lá faz tudo, toalhas aquilo... está sempre entretida e pronto. Agora eu não posso fazer nada está a perceber?

É isso que mais lhe custa.

É isso, porque se não fosse isso eu até acho que via a vida de outra maneira e a religião e tal... Deus me perdoe, mas acho que... eu sei que há piores eu também tenho... eu estou a queixar-me mas há piores, mas eu vivo o meu problema...

Claro e com todo o direito. D. Sofia, muito obrigada por ter falado comigo, muito obrigado.

Desculpe mas de facto as vezes eu até fico assim... como é que a gente se põe assim, uma vida como eu tive, uma vida de trabalho, uma vida de expediente como é que a gente se deixa ficar tão abstracta tão coisa... a ponto de não me lembrar das coisas como por exemplo agora de alguns exames que ao bocado queria dizer e que ainda estou a pensar, estou a falar consigo mas estou a pensar se descubro, porque levo assim tempos e se for preciso daqui a uns dias sem mais nem menos é que aquilo me vem a cabeça, olhe que é triste... o estar a conversar com uma pessoa e querer dizer qualquer coisa e sabe o que quer dizer e a palavra não lhe vem... é por isso que eu digo a gente devia fazer assim quando chegasse a uma certa altura pronto... ou tinha capacidades para fazer as coisas ou então não tinha e pronto...

E vinha cá alguém desligar o botão...

E vinha cá alguém desligar o botão, agora é que disse bem, essa é que está boa até... (risos) até me fez rir... e é assim.

Ainda vou andar cá um dia ou dois e passo aqui a dar-lhe um beijinho.

A quem é que vem agora?

A senhora tinha-me falado na D. Emília...

Sim, a D. Emília foi depois do meu marido foi...(parei gravação)sabe, como sou muito esquecida quando faço uma coisa e tenho que fazer passado meses, vou a esse mês e dois dias antes digo: dia tal tenho que fazer tal, e ontem cheguei ali e tinha assim: fazer análises da função tiroideia. Digo assim: oh meu deus então tenho que ir fazer, porque para a semana tenho que ir fazer que começar com os tratamentos medicina física e é uma manha perdida a gente vai e tal e é uma manhã perdida. Fui ao médico, e ele disse mas vai também fazer as outras análises por causa do colesterol e dessas coisas que a senhora anda a tomar os medicamentos para saber como é que isso está. De manhã levantei-me, às 6 da manhã e digo assim: vou-me arranjar que costumava ser às sete e meia. E como é aqui muito pertinho, eu lá vou devagarinho, que é aqui no largo dos aviadores, vou aqui, vou por ali, não atravesso para o outro lado porque é deste lado daqui, é rés do chão, tem uma rampazinha e tal. Mas depois estava até a urinar para o frascinho e disse: ai meu deus, disseram-me que o coiso está de férias, que fechou e que só abre no dia um. Bem, agora já urinei lá pus o frasco para o lado. Mas vou tentar telefonar. Tentei telefonar era uma coisa que fazia (fez o som), nem dizia para eu deixar mensagem nem nada. Meu deus mas que esquisito. Bom, pode ser que ainda não tenha chegado ninguém. Vou outra vez e nada. A mesma coisa. Bem, pronto tá fechado. Só abre dia um. Bem, fui lá baixo tomei o pequeno almoço e pensei: bem, mas também tem que ter lá qualquer papel a dizer que e aproveito, dou a voltinha e venho pelo outro lado. Não é que sou tão azarenta que estava aberto! Quer dizer, o número de telefone é que mudou. E eu chego lá e digo: ah, afinal estão abertos. Pois estamos mas ainda pode fazer. Ora bem, ora se eu tenho tanta dificuldade, porque é que me sucedeu isto?

Está sempre a pensar negativo!

Pois é.... é como o meu filho diz. Mas sabe uma coisa que eu ainda não lhe disse mas vou dizer: eu em nova não podia ver carros funerários pretos que me dava azar. Mas olhe que me sucedia qualquer coisa e ainda hoje me sucede qualquer coisa. É verdade. E então, quando eu era empregada (risos) eu tinha que passar todos os dias por uma funerária. E de manhã eles tinham cá alguns carros fora e eu cismava com aquilo. Olhe que ia dar uma volta enorme só para não passar pelos carros, que me sucedia sempre alguma coisa. E eu só dizia assim: um dia que não me suceda eu acabo por acreditar e não é que ainda hoje aqui, elas dizem assim: olhe, fecha os olhos. Quando o meu marido me dizia assim eu já sabia o que é que era. Ele só dizia, só abres quando eu disser, que às vezes a carreta ia à nossa frente. E sucedia-me isso. Por isso, eu já tenho tendência para ter esses pensamentos mais negativos. Pois... porque é que havia.... já tinha feito as análises, agora amanhã levanta-te outra vez às seis e meia para tomar banho, arranjar e lá estar às sete e meia. Tá a ver. E se for com outra pessoa, é capaz de não lhe suceder isto! Se for alguém que veja e que possa ir e até goste de andar na rua, de certeza que não lhe sucede isto. Pois. Pois é. Depois a seguir, às vezes arrumo gavetas, tiro coisas das gavetas e vou por, vou pondo e é assim que vou passando os dias... ouço música, tenho muita coisa gravada, música que eu gostava e que gostava o meu marido. Às vezes ele até pedia. Entretenho-me, penso nele, penso que ele está aí, a ouvir comigo (chora), e a cantar, ele sempre a cantar.... e vou ocupando o tempo. Nem vou lá a baixo lanchar.... não. Lancho aqui. É o que eu faço e é assim que eu passo o meu tempo. (silêncio) depois começa mais a coisa e pronto! Quando for horas abro a cama, vejo o que é que vou vestir amanhã, tiro para fora, ponho este colar ou ponho aquele, ponho... vive-se. Desde novita, sempre gostei de me arranjar. Lembro-me muito bem, éramos cinco irmãos e por isso os ordenados eram poucos mas eu tinha que ter sete vestidos, era um para cada dia. Ao outro dia lá... era, era. Sempre fui assim. Gostava de me arranjar e pentear. E o meu marido também gostava que eu me arranjasse. Mas agora quase que nem vejo, tenho que por assim para (demonstra) para saber o que é e o que não é. É assim .... o mal é a rejeição que pode haver na operação é por isso que ele me diz, só quando não vir nada, nessa altura tenta-se.

E vai tentar ainda....

Se lá chegar vou! Vamos fazer, vamos. É por isso é que eu mudei agora de médico porque ele é médico em st antónio e está no banco de olhos, que é para depois se houver qualquer coisa ele ter mais facilidade de arranjar. É que se tivesse sido o outro, eu deste via bem. Mas logo por azar tinha que ser... por isso é que eu digo, são tantas coisas negativas que mesmo que eu queira não consigo!

Obrigada D. Sofia....

É assim....



**D. Manuela 83 anos**

É sempre muito difícil o dia da morte do marido, quer seja de doença prolongada, quer seja de doença súbita. Quando é uma doença súbita, pois é um desgosto tremendo mas quando se acompanha o sofrimento de um marido, de um homem que se amou uma vida inteira e se vê a sofrer assim eu diria que o desgosto é igual, tanto faz a morte ser de doença prolongada como de doença rápida. Perdeu-se o homem da nossa vida, o companheiro, o confidente, a pessoa com quem se construiu uma vida. Eu estive casada 37 anos, casei muito nova, uma criança e portanto foi toda uma vida em conjunto sem filhos, sem filhos e, um casal sem filhos, da parte da mulher toda a sua ternura vai para o marido. Não deu ternura nem aos filhos, nem aos netos, era só para o marido. E então, uma viúva que ficou sem filhos não sente nem mais nem menos, sente talvez de uma maneira diferente porque depois fica com uma ternura que já não se manifesta mais, em mais ninguém. Depois a gente passa a gostar dos filhos dos outros, que não é bem a mesma coisa, não é bem a mesma coisa.

O meu marido era uma morte esperada, ele esteve 4 meses, só de uma vez, esteve 4 meses, os últimos, internado numa casa de saúde. Havia todo um problema sem solução e a que eu queria dar solução, ia ao céu, ia aos médicos, ia ao padre eu fazia tudo. Eu fiz de tudo... isso também me deu, uma vida tranquila, porque eu fiz o possível e o impossível para valer ao meu marido. Claro que depois veio a inteligência que nos diz que é a ordem natural da vida, porque nasce-se e morre. Eu fui viúva muito nova com 54 anos, sem filhos, foi duro, muito duro, um bocadinho difícil de aceitar mas felizmente que Deus conserva-me uma certa, ainda hoje e apesar da idade, uma certa lucidez, uma certa compreensão e um certo conhecimento da vida porque eu estou sempre atenta ao que se passa à minha volta e estou sempre a ver nos outros uma lição para mim mesmo e foi isso que eu fiz. O marido morre e eu disse a mim mesmo que ia fazer um programa de vida como se ele estivesse ao meu lado. Eu ia ter a mesma dignidade que tinha quando ele era vivo. Portanto, eu fiz um novo programa de vida, não entrei naquela fase doentia de... pois claro, fui muitas vezes ao cemitério... isso é fatal. Fui muitas vezes ao cemitério, não sei, porque até, eu sou uma pessoa com uma fé religiosa muito acentuada, mas eu ia porque foi o sítio para onde... foi o último sítio para onde o levaram, era por isso que eu ia lá. Porque era na igreja e nas minhas orações que eu depois comunicava com ele não era no cemitério mas isso, são fazes que enfim... há que respeitar esse problema. Eu fiz o meu programa de vida e comecei logo por ver que o que fazíamos a dois eu tinha que fazer sozinha, eu tinha que estar motivada para qualquer coisa porque a coisa pior que pode acontecer a uma viúva é ela esperar que os outros lhe façam as coisas, fica numa dependência que depois muito dificilmente se livra dela. Porque as pessoas, quando se fica viúva, todas nos acarinhm muito: ai coitada vou fazer-lhe um bocadinho de companhia. Mas depois quando nós entramos na realidade da vida é que as pessoas que estão à nossa volta nos dizem: agora já está mais conformada, é quando a gente está menos conformada. Porque saí daquele período, daquele enlutamento muito pesado e começa a entrar na realidade da vida e quando entra na realidade da vida, as pessoas à volta dizem que a gente já está um bocadinho mais conformada. Uma pessoa o que está é a, começar outra vez a viver então, uma vida diferente e então, tem que se traçar um plano de vida.

Eu andei vinte e tal anos, como sabe, no movimento de viúvas. Pois eu fazia parte, enfim da equipa directiva. Depois tive um desastre muito grande e achei que não estaria com condições e aí, foi quando entrou a E. E eu, portanto tive uma grande prática com senhoras viúvas, vi centenas de casos e entre eles, lá está... as viúvas que se punham a chorar, a chorar e que não traçavam um programa de vida e que não faziam nada, entraram em depressões, entraram em problemas. Nós temos que às vezes ouvir um conselho venha ele dali ou de acolá mas depois, todos os conselhos ouvirás e o teu não desprezarás. A viúva depois, tem que chegar a casa e consigo mesma... às vezes, até quase, não é loucura... às vezes até quase sozinha a falar como se o marido estivesse ao pé. Nós temos que pensar, e segundo a minha fé, o meu marido não morreu porque ele está no céu... para mim deixei de o ver. Deixei de o ver. E como o meu marido foi a paixão da minha vida eu fiquei agarrada à recordação daquele homem, daquele meu marido e daquela minha vida. Graças a Deus tive, como todos os casais têm bons e maus bocados, luta pela vida, muito bons bocados e uma pessoa recorda isso com uma saudade, chamo-lhe eu, amarga/doce. Amarga porque recordar o que se viveu de bom às vezes é amargo e doce porque se viveu. Porque infelizmente há muitas viúvas que têm muito pouco que recordar e isso é que são os piores bocados para as viúvas. Depois tracei um programa de vida, vamos lá estar motivada para fazer qualquer coisa... eu sou da geração em que as senhoras eram uma flor de estufa, de maneira que de repente ver-me sozinha, com um marido muito mais velho do que eu que me tirava as areias todas do caminho com um ar muito paternalista ele é que fazia tudo e de repente... eu é que tive que começar a programar a minha vida. Deus deve-me ter pegado ao colo, que eu digo que de vez em quando Deus que me pega ao colo e então hoje, eu estou com, olhe faz amanhã, 29 anos que Deus chamou para Si o meu marido e eu, sou uma viúva que às vezes já tenho servido de exemplo porque até, pessoas de família, quando alguém fica viúva: olha, você veja o que fez a Manuela, olha a maneira equilibrada e correcta como ela equilibrou a vida dela. Encarei a vida, encarei a vida.

É preciso estar sozinha, ponho a televisão a funcionar e às vezes nem ouço mas é uma voz humana que tenho em casa. Às vezes estou a tomar banho e aquilo a funcionar. É uma voz humana. E se estou na cozinha ou estou aqui, como vê eu moro numa casa pequenina, se há alguma coisa que me interessa paro e ouço e acham-lhe graça como é que eu com a idade que tenho, ..... Começou a guerra do Iraque e eu, já não me lembro muito bem onde está o Iraque, vamos ao mapa ver onde está o Iraque, está entre a Arábia Saudita e o Irão. Pronto fiquei logo a saber onde era o Iraque, para depois perceber tudo o que se passava à volta. A viúva não pode desligar do que a rodeia. Este é um conselho que eu dava muitas vezes às viúvas. E a E. lembrou-se de dizer, porque às vezes nas camionetas quando era preciso dizer alguma coisa, e eu estava a ver que aquilo estava a ir um bocadinho abaixo, eu já ia: deixa lá dizer duas palavras a estas senhoras. Eu lembrava-lhes, que formassem um grupo de amigas com afinidades entre elas, para elas até... que trabalhassem na igreja, no grupo social, na família, nos netos, nos filhos mas que, se dessem aos outros porque a pessoa a quem elas se davam tinha desaparecido. E toda a mulher tem dentro de si uma ternura, isso é maternal, a mulher tem um instinto maternal... seja para o que for. Portanto é esse o conselho que eu dou às viúvas.

É difícil no dia em que morre o marido, fica-se aturdida. Uma pessoa está entre a morte e a vida, pensa que é mentira, e começa e fica um bocadinho embotada.

Tenho memória porque o meu marido já estava, claro, numa fase terminal e eu estava a aguardar....claro, eu sabia mas não queria muito que tal se desse. E quando o meu marido faleceu pois, eu estava eu e uma tia, e eu estava a ver que se estava a chegar o último momento e... olhe sabe, o desgosto é tão grande que uma pessoa perde qualidades de raciocínio, de reacção, fiquei acho de uma calma, segundo dizem, de uma calma doentia, de uma calma doentia e, assim me mantive durante uns dias. Mas durante dois ou três dias, que o meu irmão me levou para a Serra da Estrela, eu disse quero ir para casa. Vais para L.. Não vou, para sítio nenhum. Eu quero ir para a casa onde o meu marido me deixou. Eu quero ir para casa e, eu sozinha vou programar a minha vida. Se eu estou a raciocinar, se eu estou bem de saúde e, segundo dizem, bem de cabeça, portanto eu vou para casa. Porque uma viúva não deve ser pressionada, porque ela entende que a pessoa a quem ela dava satisfações da vida já não existe. Olhe que isso muitas vezes cria uma revolta nas viúvas. E é preciso muito cuidado. A viúva precisa de muito carinho, muito amparo, dando-lhe conselhos, mostrando-se-lhe um exemplo que não resultou, aquela viúva fez assim e tal... isso tudo assim está certo. Mas nunca pressionar uma viúva, porque se elas forem como eu, eu acho que a pessoa a quem eu dava contas da minha vida não existe. Portanto... mas também tem que se assumir as atitudes que tomam. Eu assumi ficar aqui com a minha família toda em L.. Eu vivia aqui, sempre vivi aqui. Só em solteira é que vivi em L.. E a família talvez fizesse um pouco de pressão, então agora porque não vens lá para baixo. E eu disse, estou velha para mudar de hábitos, para mudar de ambiente e começar uma nova vida

numa terra que hoje já só me diz alguma coisa para visita. Estou lá 15 dias, com a família toda, desdobram-se em atenções e carinhos, vem ver isto, vem ver aquilo, comes aqui, agora comes acolá. Mas, aqui tenho as minhas raízes. Aqui estou há mais de sessenta e tal anos, portanto não se vive impunemente tantos anos numa cidade sem se criarem raízes à própria cidade, já não é às pessoas é à própria cidade. Aqui tenho os meus hábitos, os meus sítios portanto... naquele dia eu quis logo vir para casa, logo aí se manifestou, eu vim para casa, vim para aqui, cheguei, sozinha, a primeira noite, três dias depois do meu marido ter morrido, pois o meu irmão, que até é médico, e que me levou para a Serra e... eu cheguei aqui... a primeira noite eu não me deitei. Fiquei aqui sentada no maple, e quer dizer... eu não sabia bem, foi quando eu deixei de estar aturdida, deixei de estar embotada como estava porque eu nem sabia bem o que fazia, e depois claro, agora tens que comer, agora tens que te deitar, agora tens que descansar, a família toda à minha volta e eu cheguei aqui e estava sozinha. Nessa noite não me deitei, fiquei aqui sentada... sentada... sentada, não me pergunte o que pensei, nem o que se passou e não foi com certeza nessa noite que eu tracei um plano de vida. Nessa noite estava exausta. Depois de manhã retomei os meus hábitos, tomei o meu banhinho diário, e disse a mim própria... comecei a por a minha vida... pensei, bem, até aqui tinha o meu marido presente, agora vou pô-lo em tudo quanto é sítio, é fotografia aqui, é fotografia ali. Há viúvas que não querem e eu era ao contrário. Pus a fotografia em frente à cama, pus os meus santinhos e o meu marido por baixo, a minha fotografia e a dele quando fizemos 25 anos de casados. Depois na mesinha de cabeceira pus o retrato dele que sempre tive no quarto e depois o último retrato que tiramos juntos. Depois fiz toda uma série de, o meu marido era um bem disposto, um folião, e eu rodeei-me daqueles momentos que eu queria voltar a viver a olhar para lá. De maneira que eu disse, Maria Manuela, agora ficas aqui, a casa é pequenina, programas a tua vida assim e assim. Entretanto, havia uma senhora aqui do prédio que trabalhava na igreja e que já nos conhecíamos e disse, oh Sr.<sup>a</sup> dona Manuela, a senhora que é uma senhora que é tão carinhosa para toda a gente e é uma pessoa que faz assim umas coisas muito bonitas e tal, perguntou assim e eu disse: olhe, até pode ser. E comecei a trabalhar na igreja, para o centro, depois entrei para o grupo das viúvas, era uma acção social, era um grupo muito simpático, na altura, hoje está um bocadinho, um bocadinho não, um bocado decadente. Porque hoje as viúvas não são como no nosso tempo. No meu tempo, morria o marido e o mundo desabava em cima de nós. Porque... hoje não. Hoje, a viúva com 54 anos trabalha. E se trabalha dão-lhe uma semana de luto e ao fim da semana ela está no seu emprego, nem que seja a rir ou a cantar ou a dançar, é o seu emprego e ela tem que ir trabalhar. Não era a viúva de há 30 anos em que morria o marido e o mundo desabava sobre nós. Eu não tinha nada para fazer, não tinha filhos, nem tinha netos sequer. De maneira que eu então, dediquei-me de facto à igreja. Não o género da beata que não sai da igreja, não. Não. Não. Segundo as minhas convicções religiosas, eu sentia-me bem, fiz logo uma acção social junto com o trabalho de igreja, até porque diziam, modéstia à parte, que tinha um certo jeito, dizia-me a médica que estava à frente: oh Manuela, tu és a minha relações públicas. És a minha relações públicas. E portanto, eu dediquei-me de alma e coração àquele movimento. E depois trabalhava a angariar fundos, para o centro, para aqueles trabalhos da igreja e tal. Entretanto, os anos foram passando criei um bom grupo de amizades que depois, lá está, como éramos todas viúvas, tínhamos uma liberdade de movimentos, por exemplo, era preciso à noite ir ouvir uma conferência ali ou era preciso ir fazer um trabalho acolá, como nenhuma tinha marido, tínhamos disponibilidade lá íamos nós para ali e para acolá. Fizemos uma viagem ao estrangeiro, fizemos isto sempre juntas. Sempre juntas, porque não sei... eu às vezes até digo criei amizade com pessoas com quem tenham afinidades. Com as outras têm-se apenas aquelas relações públicas, que temos que ter. Então quem anda em movimentos da igreja devia... até me dizem, oh, Manuela, tu entra a condensa e: Olá Maria Manuela, entra a Miquinhas e: Olá Manuela. Para mim a igreja são todos irmãos em Cristo. Até mesmo fora da igreja eu tenho essa maneira de pensar. Portanto, depois...

Claro que há muitas coisas que se... renuncia-se a muita coisa. Ai, a viuvez faz renunciar a tanta coisa! Há muita renúncia que tem que se aceitar. E aí está o grande problema da viuvez. Porque há viúvas que dizem, porque eu agora e por que coisa, e lamentam-se e depois querem que os filhos lhe façam a companhia que lhe fazia o marido. Isso é utópico, isso não pode ser. Porque eles têm a sua própria vida, porque o marido estava 24h, mesmo que fosse... saía de manhã, vinha ao almoço e ao jantar e depois ficava até ao outro dia, que é metade de um dia. Desde que um homem chega a casa até que sai, são 12h contínuas com a esposa. E portanto, não pode de maneira nenhuma. Elas têm que pensar, por isso é que eu digo a todas, vivam o dia que passa, não desbaratem nem saúde nem dinheiro mas vivam o dia que passa. Porque depois... por isso é que eu vejo às vezes certos casais que separam-se, separam-se e depois... claro que eu compreendo que há verdadeiros contrastes entre certos maridos e certas mulheres e a vida não se fez para se ser infeliz. Deus quer que toda a gente seja feliz. Portanto, eu compreendo que um marido inferniza a vida da mulher e que a mulher inferniza a vida do marido, isso... não é isso que Deus quer. Ou há tolerância e compreensão ou, se não há tolerância nem compreensão, o melhor é cada um fazer a sua própria vida, a sua própria vida. Agora a viuvez é diferente porque no divórcio, o homem ou a mulher ficam com raiva de não ser compreendidos. Na viuvez não. Na viuvez é a ordem natural da vida, custa mais a aceitar. É a ordem natural da vida. A gente sabe que foi a morte, a morte ninguém foge a ela. E portanto, uma viúva precisa de mais compreensão, de mais acompanhamento, de mais carinho.

Ao longo destes 29 anos, que faz amanhã....

O que é que eu renunciei? Primeiro renunciei a toda uma vida.... ainda ontem fui ver o "My fair lady". Ao coliseu com os meus sobrinhos. Um sobrinho meu entendeu, olha a tia Manuela, fiz anos no dia 29 de Maio, 83. E ele disse o que é que está a dar. Olha vou-lhe dar um bilhete para ir ver connosco o "My fair lady". Porque ela precisa, coitadinha, de se distrair. E eu tive este ano um problema muito grave, muito grave, de saúde. Portanto, olhe fui ver o "My fair lady". E depois ia a mãe de uma sobrinha minha também e diz ela, estava numa de recordações assim um bocadinho para o doentio. E eu disse-lhe assim, olhe, esteja caladinha porque durante vinte e tal anos o 16 e o 18 da 1ª fila do Sá da bandeira, eram meus e do meu marido, eram lugares cativos. Nunca mais eu pus os pés no Sá da Bandeira. Agora, vou uma vez por outra quando a família tem a ternura porque... então, eu vou sozinha nesta idade sentar-me a ver um espectáculo, sozinha? Não dá! Não dá! Isso é que eu estou um bocadinho inibida. Eu estava muito habituada, com um marido mais velho, que não me deixava ir a sítio nenhum sem ir ele ao lado. Ora, isso é que eu estou um bocadinho... ainda hoje estou um bocadinho inibida em poder... só no A., e ia porque tenho um problema ósseo sério e então, aí, talvez no A., aquilo é um bocadinho impessoal, o A. não é positivamente, nem L., nem o P.. É estrangeiros e tudo aquilo à volta. E então aí sim, eu entro sozinha num restaurante, entro e como o que me apetece, um grelhado qualquer e saio. Aqui, na minha cidade, ainda hoje não consigo, entrar sozinha, almoçar e sair.... são os tais pequenas coisas que há que respeitar. E como vê estou vestida de vermelho, e no entanto não sou capaz de entrar sozinha num restaurante. Porque se eu começo a comer sozinha... tinha um advogado nosso amigo que ia almoçar às vezes onde nós íamos almoçar, dizia assim: eu às vezes interrogo-me o que é que este casal tanto tem para dizer um ao outro? (Ri-se) O meu marido não se calava. E eu ainda hoje, tenho a impressão que se entrasse sozinha e não tivesse... não sei... o almoço para mim não era almoço. Se for acompanhada vou, com a família, ou com o grupo de amigas que tínhamos da igreja. Assim uma coisa diferente daquilo que fazia.... Como já lhe disse, eu estou na vida com a mesma dignidade que tinha como se tivesse o marido ao lado, a mesma coisa. A mesma coisa. Agora, também não me coíbo disto, daquilo e daquele outro. Não me coíbo de ir ver o "My Fair Lady" ou de, ainda no outro dia, a minha sobrinha disse: Oh tia, a minha mãe está a ir tão a baixol. E digo-lho eu: Pois está, porque a tua mãe tem cinco filhos e vocês puseram-na... a mamã era intocável e vocês resolveram-lhe tudo e agora a mamã está uma inválida. A senhora está numa

dependência que é uma coisa impressionante. Porque os filhos... a mamã ficou viúva, a mamã não se pode incomodar com isto, não se pode incomodar com aquilo, não pode ir ali sozinha, não vai aqui, não vai acolá. E puseram a mamã, e ela é uma santa e uma querida de uma senhora, mas não há dúvida nenhuma que está numa dependência dos filhos... com a minha idade certinha. Fazemos diferença de... Claro que se encham de... Veja a tia Manuela. Veja a tia Manuela. E eu digo-lhes: vocês sejam, por amor de Deus, vocês sejam caridosos. Vocês é que puseram a mamã assim. E agora, veja a tia Manuela! É que a tia Manuela ficou sem cinco filhos, e a vossa mãe ficou com cinco filhos e por acaso, uns ricos filhos mas lá está, tanto quiseram proteger a mãe depois que ficou viúva, que hoje a senhora está numa dependência que até impressiona. Eu não. Eu fiquei sozinha e toda a gente sabe que eu, muito calada, muito calada, eu tenho uma personalidade muito forte, muito forte. Não sei se é um defeito se é uma qualidade. Também não tomo as soluções de ânimo leve, não! Aqui sentadita neste maple, e aqui nesta solidão eu peso os prós e os contras e vejo se faço bem. Depois, tento... mesmo que pense uma coisa hoje, não faço amanhã. Porque depois, ainda espero pelo outro dia para voltar a pensar a ver se devo fazer assim ou se não devo. E digo muitas vezes às viúvas, quando ficam viúvas, e não saiam de casa. O marido morreu fiquem na vossa casa. Com a vivência que tiveram com o marido... fiquem lá, não vão agora dois ou três meses. Porque depois quando voltam, a decepção é maior. Porque já estiveram muito tempo fora do seu habitat. Mas isso é essencial. E eu vi mesmo através do movimento das viúvas que muitas...: Ai a mamã para não ir sozinha para casa... foram para casa das filhas. Ao fim de dois meses já estavam a aborrecer porque há as crianças, há os novos e o conflito de gerações: é a senhora que não quer ouvir barulho e é o neto que põe a música muito alta. Portanto elas depois voltaram para casa e quando voltaram para casa, foi extremamente doloroso. Depois choravam, choravam, não se adaptavam, porque estavam sozinhas. Porque isto de estar sozinha... sinceramente.... Deus quando inventou a solidão (risos) não foi numa hora muito feliz. Custa um bocadinho, custa um bocadinho, mas tem que se aceitar. Eu acho que uma pessoa tem que aceitar aquilo que a vida lhes dá de bom e de mau. O bom, dar-lhe o devido valor... o mau, procurar não empolar muito. Às vezes há maus bocados. Eu tive este inverno uma tromboflebite numa perna, que é uma coisa que, digamos, algo vulgar. Só que eu fui muito bem medicada, logo. Estava com duas injeções por dia, uma às nove da manhã e outra às nove da noite por causa, precisamente dos trombos e estava com quatro comprimidos! Dois ao almoço e dois ao jantar. Dez ou doze dias depois, aí vem outro para aqui (apontou para o coração). Eu tive um daqueles problemas em que se morre ou se escapa... ou se morre ou se escapa. Naquele momento, aquele sangue entre o coração e o pulmão houve ali grande problema.... e é como eu digo: Deus pegou-me ao colo outra vez. Deus lá me pegou ao colo e a coisa resolveu-se. Não é que tivesse grande influência na parte física mas, eu com a cabeça que ainda tenho, tive a noção, a noção do que tive. E tive uma cunhada minha que esteve um ano em coma... os tais tristes exemplos de quem já tem muita idade e vê! E eu tive a noção... ai Meu Deus e se eu ficava como a .... dizia eu! E isso deitou-me mais a baixo a parte psíquica, porque tive a noção do que poderia ter acontecido. E claro, lá está... tracei logo outro programa de vida! Manuela tens que renunciar a isto, a isto e a isto. Porque o médico proibiu-me os excessos e os cansaços. E eu digo... tens que cortar. Por exemplo, eu nunca faltava às reuniões lá em baixo, para mim com chuva ou com sol, a Ercília sabia que eu ia sempre. Tive que cortar um bocadinho. Primeiro foi em Janeiro com o frio depois agora com o calor. Corta aí um bocadinho. Fujo até de certas barafundas. Outro dia fui a Fátima com a paróquia e... não, não, não isto eu sou como na política, sou independente (risos). Vocês vão lá a essas andanças todas, querem ir às medalhinhas e ali e acolá. Eu vou para estar sossegadinha, na capela das aparições, no santíssimo muito calmamente, entregue cá à minha devoção e andem para aí todas como quiserem. Por exemplo, em Fátima fui almoçar sozinha. Não me custou nada, eu tinha saído daqui às sete horas da manhã portanto, tinha que almoçar. E almocei depois fui a correr e quando chegou a hora de vir embora, então Manuela, vinha tudo... Ah, eu venho muito calma, muito tranquila que o médico proibiu-me excessos e cansaços portanto eu... Vê? É a tal ideia que eu tenho de fazer um programa segundo o que eu gosto. Sou incapaz de ir contra, a Ercília sabe, oh Manuela, dê a sua opinião. Não, vocês é que mandam agora, portanto eu limito-me a obedecer, eu limito-me a obedecer quando são os outros que mandam. Agora quando sou eu que tenho que resolver... isso resolvo com muita calma e acho que, as viúvas... estou farta de lhes dizer, não se deixem levar pelo primeiro impulso. Nem pela primeira ideia. Nós ficamos sem os maridos, o casal é isso mesmo: então e tu que dizes, faz-se ou não se faz? Um casal é isso: e tu que dizes? Olha eu acho que tu não deves fazer... pois olha eu acho que se deve fazer. Isto é que é o casal. E a pessoa deixa de ter essa pessoa com quem trocar ideias. Portanto tem que as tomar sozinha. Mesmo que vocês tenham filhos, eu dizia às viúvas... primeiro pensem, tenham a vossa vontade e depois peçam o conselho aos filhos. Os filhos concordam ou não concordam, isso então... cada um tem a sua vida, cada um tem os seus problemas, mas, digam sempre a vossa vontade. E depois, transigam-se (?) porque se um filho está a dizer a uma mãe: oh mamã não se meta nisto, há este contra, há isto há aquilo. A mãe tem obrigação de ponderar a opinião do filho. Mas também tem obrigação de ver a sua vontade. Porque senão.... e por isso é que certas viúvas são... umas são viúvas alegres.... e esquecem-se.... nunca disse a uma viúva que não se casasse outra vez. Nunca disse isso.

Essa possibilidade, também eu fiquei com 54 anos de idade, portanto não faltavam oportunidades. Não sei... eu.... tenho a impressão que não voltava a gostar de ninguém. Sou uma pessoa com um grande... sou um bocadinho exigente com a minha consciência e tenho a impressão de que me casava com um homem a pensar no primeiro e isso para mim não dava. Para mim não dava. Eu tenho que ser muito sincera, muito leal, eu tenho que fazer uma doação total de mim e eu não dava. Portanto eu... isso para mim não dava. Renunciei, nem pensar num segundo casamento. Por isto.... porque eu se fosse para um segundo casamento eu de maneira nenhuma esquecia o primeiro. E acho muito normal que os outros casem! Acho normal que as outras casem... em mim era inaceitável. Não era por uma questão de seriedade e honestidade, porque para mim é tão séria, tão digna, tão honesta a senhora que casa duas vezes ou três como é a que casou uma vez só. É uma questão puramente pessoal, pessoal. Como se o marido estivesse... eu até falo nele... é curioso porque, e a família até acha imensa graça a isso, olha o A. gostava muito disto. Ou faço aquilo que ele gostava muito. Mas não faço aquilo a chorar.... faço aquilo... é como que volto a viver. Eu faço uma paella, que é aquela paella valenciana espanhola e tenho a palleira e tudo. E às vezes faço e já tenho feito e digo: olha, cá está a paella que o tio A. gostava. Quer dizer, eu faço aquilo como se estivesse a fazer para o meu marido. Eu acho que é como que vivo, pode ser uma infantilidade, mas é como que vivo outra vez aquele bocado que eu fazia quando a fazia para ele. Há viúvas que não, levam tudo ao trágico, não voltam a viver os bocados bons parece que só se lembram dos maus... bom, cada um é como é! Cada pessoa tem a sua sensibilidade. Quem convive com muitas viúvas tem ocasião de ver que há muitas espécies de viuvez. Cada pessoa, às vezes reage de sua maneira. Eu não digo, eu até digo... e depois há viúvas que tiveram uma vida um bocadinho triste. Eu até digo que há viúvas muito alegres, que tiveram maridos a quem eu chamo uns pantufas, que não gostam de sair. De maneira que, às vezes, instintivamente, não quer dizer que não sejam senhoras muito dignas, o marido morre e elas depois passam a viver uma vida que não tiveram! Uma vida que não tiveram. Há que respeitar isso, há que respeitar isso. Há pessoas, todos na vida temos direito a ser felizes, e portanto, a viúva que durante o casamento não se realizou... a cem por cento, por qualquer coisa, por diferenças de feitios, por falta de meios, por aquilo ou aquele outro, não interessa. Interessa é que a pessoa, fosse lá porque fosse, não viveu a vida que gostava de viver e depois de viúvas, então, digo-lhe eu, as tais viúvas alegres que o povo lhe chama a viúva alegre. Que é aquela que depois, vai viver aquilo que não viveu. Eu diria que não é censurável... eu até, às vezes digo assim, se eu nos meus tempos que estudava se tivesse ido para psicologia se calhar até era capaz de dizer umas coisas acertadas. Eu não acho isso censurável... acho que são manifestações e em Psicologia essas coisas explicam-se. Eu

não sei mas essas coisas explicam-se. Outras é ao contrário, depois acham tudo mal, não acham graça a nada, parece que Deus deixou de existir e de criar o universo. Também não é assim. O mundo continua a vida continua. Ainda agora uma cunhada minha, o netinho fazia a primeira comunhão. Ela morreu-lhe o marido, coitadito. Ele até era meu compadre, sou madrinha da filha dela. E ela: ai, não queria ir à comunhão do menino. Isto não se admite. Até vai-se estragar a vida de uma criança de nove anos, todo contente que os meninos todos tinham uma festa porque, Deus levou o avô para o céu... não pode passar. Pois se o menino estava a fazer a comunhão a acreditar que havia céu, e estavam-lhe a dizer que afinal o menino não ia ter festa!! Não! Eu disse-lhe. Depois a filha disse: oh madrinha, a madrinha tem razão. E eu disse-lhe: oh Nor, como é que tu estavas a pôr ... à comunhão do teu menino. Olha, a tua filha, é filha única. Tem tanto desgosto pelo pai quanto tu tens pelo marido. Ou se calhar como esta criança pequenina tem saudades do avô. Mas agora não se pode estragar a vida à criança.... há festa na mesma, e tudo na mesma, como se o avô fosse vivo na mesma L.! Faz de conta que o nosso T. está vivo, está aqui. Ele está aqui no meio de mim e de ti, dizia-lhe eu. Ele está aqui e não se pode estragar a festa ao teu menino. Temos que rir, temos que acompanhar a criança porque é uma vida que está a começar. Ainda fazes deste menino um homem azedo. Não pode ser assim.

As viúvas é muito difícil. Eu diria que, se escolheu a viuvez, escolheu.... seria mais fácil a infância, seria mais fácil o casamento e seria até mais fácil a doença, porque as doenças aceitam-se conforme às vezes o sofrimento. A viuvez é muito complicada, minha querida, muito complicada. Porque é quase como, cada doente cada caso, e cada viúva cada caso. Pois é como lhe digo, há as que se entregam a um desgosto doentio e há as que ficam viúvas alegres, há as que se pensam casar e eu, de maneira nenhuma condeno, de maneira nenhuma. Pois acho que era isso que elas queriam, elas não aguentavam a solidão da vida, fosse por que razão fosse cada um tem a sua parte mais íntima. Portanto, elas quiseram casar outra vez, tudo bem. Da mesma maneira que há outras que não.... e eu estarei nesse número. A ideia de um segundo casamento... de maneira nenhuma, de maneira nenhuma. Isto não é uma questão de ser uma mulher mais séria ou mais honesta. O problema não é esse. É um problema de consciência, como é que eu me podia casar com um homem a pensar no que Deus levou? Não pode ser? Para mim não podia ser.

Olhe o que eu vi, e vi casos muito tristes, e quase todas as pessoas me diziam.... é triste: oh Manuela, estás só, mas olha estás só mas não estás triste. Eu dizia: não estou triste! Não filha, porque tu estás só porque ficaste sozinha e nós estamos sós porque os filhos têm a vida deles e aparecem só de vez em quando ou falam de vez quando e, quando vêm é só por obrigação. Isto é o que me disseram muitas viúvas que de facto.... eu tive.... olhe uma vez uma viúva sentiu-se mal e eu, imediatamente vim com ela cá baixo e pedi-lhe o número de telefone para participar ao filho que ela estava indisposta e depois disse: olhe, vamos ali já para a entrada, quando o seu filho vier e disse-lhe assim, esteja aqui sentadinha diga-me só a cor do carro do seu filho, mais ou menos, para quando ele vier, eu estou aqui à entrada.... e ela disse-me, não sei, nunca andei no carro. Olhe que isto é autêntico. Nisto, chega o filho, numa bela máquina e eu disse: Ai minha mãe do céu! Eu lá falei, a mãe sentiu-se um bocadinho indisposta e nós declinámos responsabilidade. Se se sentisse muito mal, muito mal, ela ia para o hospital, para as urgências. Mas não, é apenas uma indisposição portanto achamos por bem.... Ah, muito obrigado. A senhora nunca tinha entrado no carro do filho. Isto passa-se entre pais e filhos. Outros, às vezes davam as suas queixas, dos genros, das noras quase e sempre as viúvas põem as culpas às noras e aos genros (risos). Os filhos são filhos, os filhos são filhos. Até se compreende. Lá perdoam mais os filhos do que os genros e as noras. Até uma vez, uma senhora num retiro em Fátima.... olhe foi tão engraçada que eu nunca mais me esqueci. Olhe, eu vou dar um conselho às senhoras viúvas, nós da direcção olhámos umas para as outras e, deixa lá a senhora, com certeza não vai dar nenhum conselho que não se possa ouvir. E então, lá foi ela para o microfone, eu achei-lhe tanta graça diz ela: às noras é assim, falar não, falar pouco, visitar ainda menos, não, dar muito, visitar pouco e falar nada. (risos) dizia ela que dar muito, visitar pouco e falar, então fecho eclair na boca e então ainda menos. (risos) foi uma risota tão grande, tão grande porque de facto às vezes as viúvas também ficam com esses problemas. É natural que uma viúva sem filhos, já lhe disse, pouco mais ou menos, tenha uma viuvez, uma vivência diferente. Porque, não tem pressão dos filhos, não tem pressão dos genros e das noras, porque depois começa logo, é melhor a mamã vender isto, é melhor a mamã comprar aquilo, começam logo estes problemas e uma pessoa que fica sozinha ninguém dá ordens, pelo menos a mim ninguém dá. Portanto, é diferente. Eu reconheço que é diferente muito embora a viuvez é toda igual, morreu o marido, é tudo igual. Só que cada doente cada caso, cada viúva cada caso. Por isso nós tínhamos um movimento de viúvas e uma vez até levamos um psicólogo. Levamos uma vez um psicólogo, levamos um cardiologista, levamos um psicólogo, um médico, levamos, na ocasião era a Braga da Cruz, levamos da Condição Feminina, naquele tempo era a Condição Feminina e levamos a directora aqui no P.. Porque sucedia uma coisa muito engraçada, que só quem anda nestes casos é que...., havia viúvas que julgavam que eram ricas e que faziam uma vida, o marido era um homem que gostava de viver a vida e fazia uma vida com uma certa largueza, liam, passeavam e vestiam e a casa e tudo e elas pensavam que eram ricas. O marido morria e naquele tempo, há vinte e tal anos, desaparecia a fonte da casa e elas iam a ver e a coisa estava mal. Havia outras que eram casadas com forreiras (risos) com forreiras, que discutiam tostão a tostão e quando eles morriam elas estavam ricas sem saber que estavam ricas. Porque havia senhoras que nunca tinham passado um cheque e nem sabiam o que isso era. Havia senhoras que não tinham contas conjuntas, havia senhoras que viviam numa santa ignorância que pasmava. Hoje já não é assim. Hoje toda a mulher que trabalha, pois com certeza, está familiarizada com os problemas da assistência, do que tem direito, ao que não tem direito e com os sindicatos e com tudo. Elas hoje sabem tudo. Mas nós às vezes tínhamos cada caso quando começamos no movimento que tivemos que levar até nessa ocasião, que era para alertar aquilo a que as viúvas tinham direito. Que fossem ver, elas tinham direito a tanto, os filhos a tanto, as pensões que tinham e onde deviam ir. Nós até isso, na altura, tínhamos que adiantar e dar umas certas dicas. Porque eu já lhe digo, umas julgavam que estavam ricas e não tinham nada e outras, compravam aos tostões e ao fim os maridos tinham umas contas correntes, daquelas pessoas que amealham, gostam de amealhar, amealhar. Depois havia outras que tinham problemas com os filhos, porque os filhos queriam que as legítimas, como eles diziam, queriam tudo e mais alguma coisa, nessa ocasião. Agora continua tudo mais ou menos. Só que a mulher, nestes últimos anos, graças a Deus, para aquelas que são um bocadinho, hoje já não há mulheres tacanhas, hoje já está tudo com o olho aberto, hoje as viúvas têm uma viuvez, não estou a falar de sentimentos, não estou a falar de sentimentos. Porque a viúva de hoje pode sentir tanto desgosto quanto eu senti. Mais não, mas igual. Isso eu dou direito a todas as mulheres. Pode sentir tanto desgosto... o que ela tem é uma viuvez diferente. Porque hoje uma viúva que fique, eu tinha feito 54 anos há 15 dias quando o meu marido morreu, ele era muito mais velho do que eu. Se o meu marido fosse vivo tinha 99 anos. E, portanto, elas hoje com 54 anos, têm que trabalhar. Ainda não atingiram a idade da reforma. Portanto, elas estão a trabalhar, a vida continua. Elas não ficam com estas inibições... eu, por acaso até sei de uma senhora que ficou viúva, depois vieram-me dizer, olha veja lá que ela já estava sentada num snack a almoçar. Então pois, se ela ia almoçar quando o marido era vivo porque é que ela não há-de ir almoçar agora que o marido morreu. Olha agora! Ela não era a vida dela? Era a vida dela. O que eu.... isso digo, segundo a minha maneira de pensar e estar na vida, o que ela tem que estar é sentada no snack com a mesma dignidade e a mesma compostura que tinha quando o marido era vivo. Se pensa casar outra vez, deixa passar o luto oficial e casa. Agora, enquanto ela estiver com a mesma dignidade, pode estar aqui ou acolá que isso não tem que ver, nem pouco nem muito. Isso para mim, apesar da minha idade, isso não tem nada de mal, não tem. Agora, claro, também as pessoas da minha idade já tá tudo a partir para o além (risos). Mas ainda, eu conheço senhoras mais novas que às vezes ainda fazem umas críticas, às pessoas viúvas que assim e que assado. Não, eu defendi sempre, e demais o movimento em que eu andava era de igreja. Mas nós na

igreja, nunca dissemos a uma viúva que tivesse vontade de casar que não casasse. Era preferível casar-se do que andar a fazer tristes figuras. Uma pessoa quer refazer a sua vida, por isto, por aquilo ou por aquele outro, às vezes até por necessidade económica ou por qualquer outra coisa. Ninguém tem nada a haver com isso. Porque a viúva fica absolutamente independente com a viuvez, a pessoa a quem ela dava contas tá... Deus levou-a. Por isso, a pessoa fica com uma independência de fazer o que quiser, quer tenha filhos quer não tenha. Porque as independências, quer dizer, houve uma modificação na sociedade em que a independência passou um bocadinho a barreira do som (risos)! Cá na minha opinião. Eu acho que houve uma modificação na sociedade em que hoje, a mulher julga-se tão independente e o homem tão independente que eu às vezes vejo a vida de certos casais, calada fico em observação, digo assim, isto não vai longe! Eles não sentem a necessidade um do outro. É uma independência tal que eles não sentem a necessidade um do outro. Não sentem. Podem sentir uma necessidade física ou lá o que quiserem mas, fora disso a mulher almoça num lado e janto no outro, vai para férias para um lado ele vai para férias para outro, *bem também a sociedade está feita assim!* Eu acho que devia de haver uma lei em que o *cônjuge* tivesse as férias na mesma altura do que outro. Mas chegámos a um ponto onde às vezes, o marido tem no seu emprego num lado e a esposa só tem noutro. De maneira que eu digo assim: como é que estes casamentos podem resultar a 100%, não podem! Quer dizer, eles vivem juntos mas aquilo não é uma doação total um ao outro. Não é. Eles até as férias, um vai para um lado o outro vai para outro. E depois, o almoço é a mesma coisa. Porque não dá tempo com os trânsitos de estarem juntos a almoçarem no mesmo sítio. Em casa nem pensar. Só quem está mesmo assim à beirinha da porta. De contrário, almoça um para um lado, outro para outro, depois agora as crianças foram feitas por horários, metem-nas às 9h e vão buscá-las às 19h. Mas os pais também estão ocupados como é que eles podem ter as crianças. Nós temos que aceitar, e eu aceito a vida assim. E aceito que hoje, da maneira como a vida está, um ordenado só torna a vida muito complicada, muito difícil. Portanto tem que haver... a gente tem que por os pés na terra e a vida não é só cor de rosa, não é só idealismo, a vida tem uma parte material muito forte, muito pesada e muito séria. Portanto a pessoa tem que, tem que haver os dois. Mas eu às vezes digo assim: mas será que às vezes não se podia dar um jeitinho para fazerem a vida de outra maneira e em vez de terem uma hora, terem hora e meia para almoçar, dar duas horas. Já dava para virem a casa! E agora já há aquelas comidas feitas no microondas aquece-se os congelados e pronto! Portanto, não sei! Programarem de outra maneira por isso é que depois, os casamentos é um a seguir ao outro, a desfazerem-se. Tinha uma amiga minha nas viúvas que era muito engraçada e que dizia assim: nunca mais mando cumprimentos para as esposas de ninguém. Ela era assim muito conservadora. Então porquê? Então, olhe, encontrei um senhor mandei-lhe cumprimentos para a mulher e ele, oh sr. Dona ..... já não estou com ela. Encontrava outro, mandava cumprimentos para a esposa e já não estava com ele. Ela ao quarto ou ao quinto que lhe apareceu diz ela: eu vou ser a pessoa mais malcriada do mundo, nunca mais pergunto pela família. Porque de facto a gente fica surpreendida. Nós tivemos ali uma viúva que a neta dela, ali não havia psicologia que lhe desse a volta. Tivemos uma viúva que a neta dela quando veio da lua de mel já veio separada do marido. Portanto, isso ultrapassa toda a psicologia que pode haver. Quer dizer, eles não se conheceram no dia do casamento? Devem ter tido um namoro mais ou menos íntimo, mais ou menos assíduo ou à distância, não sei bem como foi o namoro mas, prepararam um casamento com um festão, até como foi. Portanto, eles tiveram um namoro. Irem para lua de mel e quando vieram da lua de mel, porque eu até acho que nem deram tempo a um conhecimento um do outro. Porque em lua de mel é tudo mel. Não tiveram tempo, nem qualidade. Não tiveram... olhe, nos casamento eu costumo dar este conselho: façam os possíveis no casamento para não haver perdão porque o perdão não dignifica quem o dá nem quem o recebe. O perdão para mim é uma palavra que tem uma carga um bocadinho... embora na igreja Nosso Senhor perdoe mas, isso é diferente. Isso é um perdão divino. Eu substitua a palavra perdão por compreensão e tolerância. A mulher tem que pensar que aquele homem que está a viver com ela tem hábitos de uma vivência antes de estar com ela e sabe que o homem é um animal de hábitos, como o cãozinho. Ele traz os seus hábitos, a sua personalidade, traz os seus vícios, traz tudo. E ela também. E ela também. Vem da casa dela, com a mãe, etc. cada um leva os seus hábitos. Ninguém é abduque de si próprio, que não há felicidade em que a pessoa não é ela própria. Agora, se ela transigir 50% e ele transigir outros 50%, encontram-se. É ela ter tolerância e compreensão para o que ele traz de hábitos e ele ter compreensão para os hábitos dela. Ele gostou dela assim! Ela gostou dele assim! Portanto, não é perdoar, porque o perdão dá-se agora e amanhã torna a reincidir na falta.... não! É tolerância e compreensão. É o homem pedir .... por exemplo eu sempre percebi que o meu marido era um homem mais velho. Portanto eu tinha que compreender que aquele homem trazia uma vivência já... tive a sorte de ele ser um bem disposto. Sempre era mais bem disposto do que eu. De maneira que tive essa sorte, porque a mulher tem que compreender, dar tolerância, compreensão para os defeitos que ele traz. E o homem que não fizer assim também tem que pensar que aquela mulher traz os seus hábitos, traz as suas vivências, traz... enfim... *se quando namoravam falavam daquilo e daquele outro e se concordavam muito bem e decidiram casar, muito bem.* Mas a vida não é cor de rosa. A vida ... eu até digo, a maior parte da ruptura destes casamentos novos é porque homens e mulheres estão todos no mesmo emprego, vão todos almoçar juntos e o que é que se discute ouve: eles contam a última anedota: olha, já sabes esta? E é umas gargalhadas que eu sei lá! Depois contam o último escândalo dos colunáveis, falam disto e daquilo, riem-se e tal. Aquilo à hora do almoço é um céu aberto. Entra no restaurante ou nos snacks onde as senhoras da sua idade ou os rapazes da sua idade e aquilo é uma alegria que a gente: ah, estes são felizes, esta malta! Tá toda bem disposta! Chegam a casa e o que é que acontece: é o menino que está com o sarampo, é o carro que furou o pneu ou deu um toque, é este problema, é aquele é aquele outro. Quer dizer, à noite, à hora de jantar, à noite quando se junta o casal é que aparece o lado negativo da vida. É a despesa da casa, é a despesa do carro é o menino com o sarampo é outro que partiu a cabeça... à noite vêm os problemas, os problemas da vida. Portanto eles e elas entendem que vida era aquela que tiveram naquela brincadeira do almoço. Que isso é que é bom. E não é! E depois é: tu estás sempre maldisposta, vem um homem cansado para casa ou vem uma mulher cansada para casa e andamos sempre a alar nisto ou naquilo. E depois começam a ter a noção de que aquelas colegas ou aqueles colegas é que são bem dispostos e que não tem problemas. Mas é que não há casa nenhuma, olhe que é a máquina que avariou, é preciso comprar outra é o pneu do carro, e etc. e tal! Não é todos os dias mas acontece frequentemente. Não é todos os dias que há uma desgraça, mas hoje há uma, daqui a uns tempos há outra. E isso... entram num stress como vocês dizem, ficam stressados e começam num stress e começam as discussões em casa e começa isto e aquilo, e depois acaba. (mudou de lado a cassete)

Um dia as pessoas que fiquem viúvas, talvez não tenham tanto para recordar quanto uma pessoa que fez um casamento mais calmo, com altos e baixos na vida, que luta pela vida. Porque antigamente, juntava-se dinheiro aos bocados e portanto fazia-se uma vida, ia-se montando uma casa, a gente não comprava uma casa sem ter dinheiro para ela, agora pede-se um empréstimo ao banco, o que é diferente. De maneira que havia toda uma luta pela vida mas era uma luta a dois, era uma luta a dois. E outras coisas assim parecidas. Agora não, a vida agora de facto tem um nível de vida bom, tem mais facilidades, de gastar dinheiro mas, eu diria que, no outro dia riram-se que dizia assim: quantos anos tem? Tenho 83, graças a Deus. Ai quem me dera lá chegar. Olhe que com o estilo de vida que eu vejo os novos mesmo com todo o avanço da ciência não sei se chegarão lá! Porquê? Então, isto é um stress e uma canseira, não tem sossego, nem descanso. Eu tenho dois sobrinhos que se casaram com duas médicas e eu farto-me de rir. Digo assim: por onde é que ela está? Ah, foi fazer um estágio para a Alemanha. A outra foi 15 dias à América. Andam todos num rodopio. E depois nem um nem outro ainda têm filhos. Pois, porque sinceramente, não dá. Ao estilo de vida que têm! Ainda no outro dia, a minha sobrinha tem dois netinhos mas é da filha, e eu disse assim: oh filha, calma aí! Eu tanto queria



um netinho dos meus filhos, tanto do mais novo como do mais velho. Oh filha, e tu achas que eles têm tempo de andar com a alcofa? Ou então, tá caladinha senão vêm cá pô-los a casa! Ela muito se riu. Então tu achas que elas têm tempo? Elas estão a acabar o estágio, estão quase a defender a tese de final do curso de médicas, de maneira que, estão a tirar as suas especialidades e tudo mais, claro que estão num rodopio. Uma está para a Alemanha, foi seis meses e depois dois meses, porque lá há uma especialidade que ela quer tirar a outra ainda no outro dia foi 15 dias para a América, porque chefe dela entende que ela é a mais competente para ir assimilar os conhecimentos e lá vai para a América 15 dias ou para a Holanda 15 dias. E andam neste estilo de vida, e não podem ter bebés. É por isso que, escolheu um tema que eu acho muito difícil porque a viuvez do meu tempo era uma, a viuvez hoje, e morrem rapazes muitos com 30 e tal 40 anos, a viuvez de hoje é outra. Uma mulher de 30, 40 anos habituada a uma vida... o que eu vejo, em quase todas é que refazem a sua vida, quer à face da lei, quer não seja à face da lei, não interessa. Cada um assume a posição que quis tomar na vida, o problema é seu.

O mais importante neste trabalho é juntar duas variáveis que eu acho que, quando se juntam, ainda se tornam mais complicadas que é, a viuvez na 3ª idade ou na 4ª idade, porque agora cada vez mais vamos sendo mais velhinhos.

Mas oh minha filha, hoje a viuvez na 3ª idade, pelo que eu vejo para aí põem-nas logo num lar!

Pois é, a minha dificuldade em arranjar amostra é mesmo essa!

Põe-nas logo num lar. No lar... eu por exemplo estou mentalizada para ir para um lar mas lá está, é toda uma mentalização que eu fiz logo que fiquei sozinha: Manuela enquanto puderes, por isso é que eu não abduco de cozinhar, não abduco de me arranjar, eu estou mentalizada por isso, a mim não me vai custar nada. Porque eu não tive filhos e enquanto eu, e já pedi à família, enquanto eu estiver como estou, deixem-me estar em casa. No dia em que percebam que a cabeça cansou e a lucidez cansou, pegam em mim e levam-me para um lar. Porque eu estou tão mentalizada, tão mentalizada. Porque eu vejo... toda a gente mete os pais num lar! Então eu que não tenho filhos... onde é que eu fico? Na câmara municipal! Não dá! Não dá! E é bom que as pessoas, olhe já tenho mentalizado muita senhora que os lares: olhe só vão para os lares quando as senhoras, claro vocês não querem cozinhar, não querem picar a cebola, não querem lavar, não querem arrumar, não querem passar, não querem ir.... ah, eu até tenho a conta com o meu filho, ele é que passa os cheques. Então, quer dizer, põem-se numa tal dependência que depois têm mesmo que ir para um lar! Não têm outra hipótese e os filhos também não têm disponibilidade para agora andarem a sempre, sempre, sempre. A minha sobrinha tem a mãe. A mãe está de facto numa certa dependência e eu aproveito, de cada vez que ela vai fazer compras com a mãe, eu digo: também posso ir? Então não pode tia Manuela! Aproveito o carro e a mala do carro, compro logo presunto, que assim aproveito. A gente tem que gerir a vida não é? Portanto se eu for para um lar vou muito bem. Mas agora vejo as outras pessoas, faz-lhes uma confusão ....

A última senhora que entrevistei foi num lar e foi aí que desisti de procurar nos lares, porque as pessoas não estão capazes de reflectir as coisas como por exemplo a dona Manuela fez, se calhar na altura porque tinha 54 anos, se calhar se tivesse só perdido o marido há dez anos ou há dezanove ou há dez anos se calhar....

Mas olhe, a minha cunhada perdeu o marido em Janeiro, dia 17 e está a fazer uma aceitação que, saltamos-lhe todos em cima, desde a filha, eu, o meu sobrinho e de cada maneira! Oh L., por amor de Deus, só tens uma filha, não infernizes a vida da tua filha, coitadinha! Tu estás lá em cima com uma casa linda, não te falta lá nada, não te falta pão para comer. Ela está aqui, coitadinha, a criar um filho com uma vida, "canseirosa" como tudo e tu ainda estás a infernizar! Ai, ai, ai que eu estou aqui sozinha sem o T.! Olha lá tu ficaste viúva com 69 anos quase 70. Eu fiquei com 54 e sem filha nem neto! Ai mas tu és uma pessoa... olha Deus Nosso Senhor também já faz tudo pelo melhor, a mim já me pôs viúva mais cedo e deu-me a cabeça com mais visão das coisas, pois com certeza. E eu também lhe disse: olha que tu não eras mais amiga do teu marido do que eu era do meu, tu até sabes? Portanto, há que aceitar aquilo que Deus dá. Então se morre um filho a uma mãe e a mãe continua a viver, nunca mais passa, como é que uma mãe pode esquecer um filho? Como é que uma mulher pode esquecer um homem com dormiu 37 anos, minha filha? Como? Não foram 37 meses, nem..., foram 37 anos que eu estive casada. Por isso, eu não posso esquecer de maneira nenhuma que fui casada, que tive a vivência com o meu marido, isso eu não esqueço, mas a vida continua, Deus entendeu que me havia de prolongar a vida.... enquanto tive mais saúde e fui mais nove ainda procurei dar o meu carinho, e a E. sabe o carinho que eu dava às senhoras, ainda hoje elas suspiram pela Manuela, porque eu tinha, Deus deu-me esse dom de uma certa afabilidade, eu não me interessa, eu às vezes até digo, olha fulaninha como se chama? Ah, não sei! Eu não ligo nenhuma aos nomes, essas coisas para mim não contam! De maneira que eu procurei dar uma... cá no prédio às vezes... aqui ninguém se visita mas toda a gente bate aqui à porta, eu digo que o meu rés do chão é o muro das lamentações, porque toda a gente sabe que tem aqui uma palavra amiga, toda a gente sabe que tem aqui uma palavra amiga.... mas eu até digo que isto seria, como eu nunca tive filhos, aquela carga afectiva que toda a mulher tem. É por isso que a minha carga afectiva foi toda para cima do meu marido. E eu não me casava outra vez. Toda a mulher tem uma carga afectiva muito grande, por isso é que Deus a fez mãe e esposa. Deus a fez mãe, mãe sobretudo, que é um dom maravilhoso. Portanto, quando Deus entendeu que a mulher ia ser mãe, já lhe deu uma carga afectiva, maternal, que toda a mulher tem. Que eu não, como não tive filhos, diz que Deus a quem não deu filhos, deu o diabo sobrinhos, foi como me fez a mim... e portanto há sempre uma carga afectiva maternal na mulher. E eu, quer dizer, como não tive, não esgotei, será por isso que eu tenho esta afabilidade. Não quer dizer que eu me apaixone por todas as pessoas mas esta afabilidade que eu... e sou uma pessoa que às vezes tenho-me zangado comigo própria, agora não, porque: tu tens os teus problemas, para que é que estás a viver os problemas dos outros dessa maneira? Até tenho uma senhora aqui do prédio que diz: oh Sr.ª dona Manuela, a senhora é uma senhora que vive os problemas dos outros... e que culpa tenho eu? (risos). É uma questão de sensibilidade mas os tempos, claro, a Alexandra está a ver o seu problema da psicologia nesta geração, mas como consultora, vai ouvir pessoas de muito mais idade, e dê sempre um desconto, sempre. Há sempre uma maneira diferente de pensar entre duas gerações, é fatal como o destino. Há sempre entre pais e filhos, o pai já ralha e a mãe porque o filho... o filho diz isso é no seu tempo e diz para os pais assim. Com os avós, antigamente éramos educados num certo respeito pela 3ª idade. Também não se chamava 3ª idade, pelo contrário, os pais e os tios aquilo quando entravam ficava tudo em sentido, os mais velhos. Hoje não, porque pensam na 3ª idade como um peso, como um fardo, que é uma carga. É como chamam hoje à terceira idade! É minha filha. Porque eles não têm tempo, como é que uma pessoa que sai às 9 horas da manhã e chega às 7 horas da noite, como é que pode olhar por uma pessoa da 3ª idade, que deixa a porta aberta, que não desliga o fogão, que deixa a torneira aberta, que faz tolices, que deixa cair as coisas, que chega a casa e deu-lhe uma coisa qualquer e caiu olha... uma senhora aqui de 80 anos já caiu duas vezes, outro dia levou 10 pontos na cabeça e tem 3 pessoas a tomar conta, mas num intervalinho em que não tinha ninguém, foi o suficiente. Portanto isto é uma carga só que esta senhora não aceita ir para um lar, meteu-se-lhe na cabeça e nem pensar. E eu às vezes digo-lhe: olhe, pois eu então enquanto eu puder estou em casa mas quando não puder, já pedi à família que esteja atenta, que estejam atentos, enquanto eu não fizer asneiras, aquilo que se chamam asneiras grandes, deixem-me estar em

casa, que é onde eu estou muito bem, no dia em que virem em que eu não tenho capacidade para estar em casa, então tenham a caridade de me por num lar e podendo ser, num dos mais baratos, porque os mais caros, tanto quanto eu tenho visto, são uma exploração! E põem os velhinhos todos a dormir, não dá, não dá.... às vezes nas misericórdias... são muito vigiados, são muito vigiados têm uma vistoria oficial de vez em quando, e os particulares não têm. Fazem o que querem e ainda lhes sobra tempo. Nós ainda tivemos senhoras que foram para lares e nós depois até íamos lá visitá-las, para aí há uma dúzia de anos, e íamos lá visitá-las, para dar uma força e tal, e salvo honrosas exceções, vínhamos de lá um bocadinho desanimadas. Quanto mais caro era, pior o serviço. Era fantástico...

Eu tenho passado algum tempo em lares e eu venho muito decepcionada....

Os lares e... até o único lar, o único lar... há dois lares, só dois. Um é daqui das irmazinhas dos pobres, olhe é ali no P. M.. Para mim é o melhor lar que há, mas claro as senhoras não querem ir para lá porque é das irmazinhas dos pobres.... mas é onde se está bem, bem tratadas, tem jardim à frente e quintal atrás, é um casarão enorme mas claro que é um lar que, enquanto o estado não cortar, recebe pessoas das mais pobres e, claro, também recebe pessoas que podem pagar melhor. E em questão de saúde, assistência com paciência, é o do C.. Que até tem o chamado calvário que acolhe aqueles doentes imobilizados, claro que só pode ter uma dúzia deles mas... nós tínhamos um grupo de lá do C., e agora até acho que ainda temos uma ou três ainda vão lá às reuniões da E. e, nós.... e às vezes eu ia lá e achava que aquilo tinha uma assistência única, impar... impar mesmo. Claro que era muito pequena porque claro.... mas eram os dois únicos para falar com franqueza. A mais fui a lares particulares, particulares e caros como fogo, caros... eu tive ali uma senhora, depois o marido morreu, puseram-na num lar... tratavam-na bem mas tratavam bem mas também lhe davam 300 contos!

É que o preço médio é esse....

Por mês para lá ter a senhora. Então como é que se pode dar 300 contos? 300 contos... claro está que, agora de uma maneira geral estão a fazer assim, os hospitais dão uma assistência que é uma desgraça.... antigamente uma pessoa fazia uma operação e enquanto não tirasse os pontos não saía do hospital, agora ao 3º dia mandam-na para casa e depois é que vai lá tirar os pontos. *Mandam sempre para casa e então, mandam pessoas para casa com problemas de... trombose e limitações assim parecidas...* aquilo é uma dor de consciência... e mandam as pessoas assim para casa. A família em casa, lá está, não pode deixar um doente trombosado numa cadeira ou numa cama, de maneira que os metem em lares, e então, não queira saber quanto levam por um doente assim, não é?

E cada vez é pior...

Mas... quer dizer, enquanto há nas famílias de facto uma formação moral, muito forte e um amor de família muito forte e um problema de consciência muito forte.... há famílias que de facto são... fazem um holocausto da sua vida a favor de uma doença. Nós conhecemos filhas, noras e netos que era assim, e fazem mesmo... vive-se para aquilo, não fazem mais nada e não há também dinheiro para mais nada. De maneira que, vão olhando. Quem não tem tanta, não se lhe chame, consciência ou nem sei filha, não percebo de psicologia... eu vi a minha cunhada, que esteve um ano em coma, e... não queira saber... não queira saber o que naquela casa se gastou com aquela... o meu sobrinho graças a Deus podia e... mas... e além do que gastaram, que gastaram milhões, ainda foi o sacrifício, porque por exemplo a minha sobrinha ainda tinha uma senhora a tomar conta dela toda a noite mas, sentia qualquer coisa e lá vinha a correr, lá saía a minha sobrinha da cama. Olhe o filho, que é meu sobrinho e que lhe quero como um filho, quando.... passado pouco tempo da mãe morrer, estava com um enfarte. E nós dissemos que foi daquela angustia de ver e ter a mãe um ano em casa.... pôs a mãe um mês num lar, porque chegou ao mês de Agosto, uma empregada não podia a outra empregada não podia, a senhora que ia de noite não podia, a enfermeira que ia das 9 ao meio dia não podia... e eu disse: como vai ser? E diz ele, eu tenho que ir porque a... a minha sobrinha que é uma querida, que não há, e ela também estava extremamente cansada porque era preciso.... aquilo era uns cuidados que Deus me livre! Morta... ela só trabalhava o coração e o tubo digestivo, mais nada. Cega, surda, paralítica, muda, o peso de um morto e depois uma senhora com 100 kg e alta, assim da sua altura e forte, de maneira que aquilo foram uns trabalhos. Eu depois indiquei-lhe um lar que tinha sido onde uma senhora dali tinha posto o marido, também um mês e depois o marido morreu e ela, teve que ir com as filhas por a vida dela em ordem... é que depois isto é assim, ela tinha que ir para V., com as filhas, por a vida dela em ordem. A questão de heranças, de passar para o nome dos filhos, passar para o nome dela e as filhas não podiam ir senão no mês de Agosto, que era quando tinham férias, e a senhora chegou ao mês de agosto, com o marido, não podia sair de casa.... ela tinha que ir que era cabeça de casal, tinha que ir aos notários com as filhas e tudo e, teve que por o marido no lar, também lhe levaram por um mês 300 contos, por um senhor a dormir, não é? A dormir. E também teve que por e, quando veio para casa, ele também já estava há 5 anos muito mal.... e o meu sobrinho também chegou e disse: o que é que acha? E eu disse-lhe que a F. tinha ficado muito contente e as filhas e tudo, com aquele lar... e de facto ela dizia que em limpeza e em assistência e tudo. E ele depois pô-la lá um mês enquanto foi fazer as férias e... depois olhe, é uma maca para ir, uma maca para trazer, é um problema que não queira saber. O meu sobrinho dava, disse ele: oh tia, os 300 contos que eu dava lá, dava-os aqui ao pessoal, além de lhes pagar um mês de férias... eu paguei-lhes o mês de agosto, paguei-lhes a dobrar que era obrigatório e depois, ainda lhes dava a cada uma delas, os 150 contos a cada uma para me ficarem a olhar pela mãezinha. Ninguém abdicou das suas férias, porque também precisavam de férias, precisavam de férias... e não teve outra oportunidade. Olhe, incomodou-se tanto, tanto, tanto, com o problema da mãe que, a mãe morreu em Dezembro e ele em abril ou em maio estava com um enfarte. E depois ele era assim, levantava-se de manhã e ia dar um beijo à mãe, vinha ao almoço e ia dar um beijo à mãe, ia-se embora e ia dar um beijo à mãe, tal e qual como fazia em vida. A mesma coisa ele fez sempre, sempre igual. E o quarto dele era assim uma suite e o quarto da mãe era ali e, portanto, ele era obrigado a passar ali. Portanto, essas coisas... mas só a um nível assim é que se aguenta. Por isso é que estou mentalizada e sabe o que lhe digo: Deus permita que lá me aceitem! Que há alguns agora que não querem trombosados. Acho que não aceitam. No hospital do P. H., já há lá uma lista de 4 lares que aceitam os trombosados que saem de lá numa maca, coitadinhos. Porque há lares que não aceitam. E aqueles já dizem onde se podem dirigir, porque estes aceitam doentes neste estado. Sabe é muito complicado, porque... vai ter a sua psicologia para os dias de hoje, a Xana é muito nova, portanto são dentro da sua geração, compreender as pessoas da sua geração é uma questão da ciência da psicologia, que a psicologia é uma ciência. Portanto, é uma questão de por em prática os seus conhecimentos científicos como se faz psicologia com pessoas da sua idade. Com as pessoas mais velhas, e eu diria a rir, a rir, com as que tem bom feitio (risos) a coisa não será difícil mas agora, com aquelas mais retorcidas... mas a psicologia foi feita precisamente para os feitios de gancho. Estavam a dizer para levar a minha cunhada, e já a levaram a um psiquiatra. E, mas eu... disse, ela na idade em que está não vai lá de psiquiatra e até, pelo que lhe conheço que ela é um bocadinho quando embica... sabe que é daquelas pessoas que olham para ali, puseram-lhe aquele risco branco na estrada e ela vai por ali, por ali, por ali e não é pessoa de fazer um desvio. Aliás, eu tenho duas cunhadas assim, o meu marido eram 9 irmãos. E... elas eram umas pessoas e,



demais até tiveram uns casamentos felizes mas, eram pessoas que é o que eu digo... elas metendo-se uma coisa na cabeça aquilo era uma coisa muito difícil de mudar. Por exemplo, são pessoas que têm uma jarra ali em casa e dali não sai. Tem que estar ali, toda a vida. Há pessoas que... eu sei de uma viúva que uma vez nos disse... isto é patológico... que a cadeira à mesa ficava sempre uma cadeira que era o lugar do marido, na cabeceira da mesa! Oh filha, isto é... como é que aqueles filhos e aquela família se sentava naquela mesa, que gosto seria o daquela refeição com aquela cadeira ali vazia? Isto é patológico, isto é trágico! Eu acho que quem devia ocupar o lugar do marido era a viúva, ou então o filho mais velho. Sentava o filho mais velho, a filha mais velha ou ela própria... lá está, não se sabem valorizar. Ela sentava-se no lugar do chefe de família! Veja lá se isto lembra a alguém, a cadeira vazia à mesa!

É no sentido de renovar as coisas menos boas em coisas mais positivas...

Porque é... e a psicologia das viúvas... olhe que eu acho que vai ser difícil, escolheu um tema difícil porque é uma das áreas, eu não quero desgostá-la minha filha... porque nem todas têm o feito da Manuela! Nem todas têm o meu feito!

Acha difícil?

É muito difícil pois nós convivemos ali com viúvas minha filha, que era... olhe, eu diria que me fez muito bem e até sentia-me eu, valorizada a mim própria por conseguir lidar com certos feitos que lá havia. Era preciso... olhe que... é o que eu digo, sou psicóloga nata, nasceu comigo! Porque há viúvas muito difíceis, eu vou-lhe contar, então as mais velhas! Ou entram numa apatia que ficam umas inúteis ou então entram numa rebeldia que... olhe uma vez em Fátima, éramos eu e uma amiga minha que morreu, e ela... era eu e ela que destinávamos os lugares e eu já os conhecia, muito bem. Casávamos... eu sou uma casamenteira, casava esta com aquela, casava aquilo muito bem. De maneira que... e lá se ia casando aquilo. E uma vez, ao fim de estar tudo, nós íamos sempre ao fim bater à porta dos quartos à meia-noite para perguntar, conforme entravam para os quartos, e nós íamos perguntar se estava tudo bem, se precisavam de alguma coisa. E batemos a um quarto, batemos, batemos e não estava lá ninguém! Bem, viemos cá baixo à recepção e pedi o favor de me irem abrir a porta, porque a senhora com certeza estaria com algum problema. Não estava lá ninguém... não estava lá ninguém e eu fiquei muito preocupada, mas espera ela costuma andar com fulano, mas olha aquilo foi uma inspiração divina, estávamos em Fátima, foi divina e eu fui ao quarto das que eu sei que andavam sempre juntas, eram três, e então o que é que tinha acontecido, ela preferiu dormir no chão no quarto das duas amigas do que vir para ali dormir sozinha. Está a ver o que é que é a psicologia? Onde é que há psicologia que perceba isto? Isto prova que há tempos a porta aparecem-nos assim: olhe era isto assim-assim, aí Sra. dona Manuela não se zangue, aí mas nós nunca... olhe... mas não estava a dormir no tapete, ao lado delas e lá com uma caminha para ela e quarto de banho para ela, e foi dormir no tapete! Ao lado da outra! Olhe que não há psicologia que perceba isto, não há, filha! Não há! Nem a prática da vida como eu tinha. E pronto e eu disse eu admito que a senhora fizesse isso, mas podia ter tido um bocado de... olhe, de... consideração por mim e por aqui pela E. e vinha-nos dizer... vinha-nos dizer que preferia ficar com aquelas duas senhoras que nós ate... as pessoas entendem-se pelas palavras... nos até podíamos arranjar um quarto para três pessoas, ou pedíamos um divã, no... aqui no hotel e punham um divã aqui a um canto e a senhora ficava. Olhe que a senhora preferiu dormir no chão. E não dormir na sua cama. Por há estes casos assim complicados, isto não há psicologia, minha filha, não há curso, nem estágio, nem tese que defenda tal. Isto não há. (risos) isto não há. Há psicologias muito difíceis, e é preciso, eu por exemplo com a minha idade, pois claro, já viu que tenho uma vivência de um milhão de casos, e sobretudo porque trabalhei muitos anos, trabalhei mais de vinte e poucos anos, na viuvez. Agora não, agora elas lá é que tomam conta, agora vejo fazer coisas que ate... bem, mas eu até as vezes interrogo-me se estão certas se estão erradas, mas não duvida nenhuma que os tempos são outros o que é eu acho que são os tempos são outros mas as pessoas que estão a dirigir não são deste tempo, são do tempo antigo. E querem ver ser apanham a pedalada dos tempos modernos, mas às vezes não resulta. A filha, coitada, esforça-se muito esta cheia de boa vontade, mas ela também não é muito saudável, é mais débil que saudável. Tem cinco filhos, portanto toda uma vida, mas é isso mesmo... só para as galinhas e os pintainhos, hoje tem que olhar para um pintainho amanhã tem que olhar por outro, pois já tem os netos e tal... e claro. E depois as velhas estão a ficar muitas velhas, com uma rebeldia e as novas não aparecem... isso é escusado... as novas é um movimento de... as novas não aparecem porque hoje a viuvez é diferente. Ponha isso no seu luto da viuvez... a viuvez de hoje é muito diferente da viuvez de há 30 anos. Muito diferente, a sociedade evoluiu de uma maneira em a mulher se tornou independente, em que a mulher tem conhecimentos que... antigamente só uma certa elite de senhoras é que estava a um certo nível! Hoje toda a gente é doutorada! (hoje toda gente tem um...) Tem uma preparação que antigamente não tinham, sabe isso concertiza. Até na própria família se vê pessoas com muitos bens matérias e andavam ali... portanto a coisa hoje esta muito, muito, muito diferente, muito diferente e agora que eu digo, dizia-me a minha avó e com esta acabo, a minha avó uma vez: achas que eu vou assim bem ao casamento? Dizia assim: aí acho que sim, vais muito bonita! Olha, ponho assim o veuzinho para baixo ou ponho para cima? Sim, porque ainda gosto de andar a moda, à moda gosto de andar, se o veuzinho e para baixo eu levo para baixo, se e para cima, põem-se assim para cima. E digo-lhe eu assim: com que então a avozinha ainda gosta de andar a moda? Olha para mim só há uma moda essa para mim não muda! - Então qual é? - O pudor e a honra! O pudor e a honra, quer dizer o pudor o respeito que a mulher deve a si própria e a situação que tem na vida. Porque uma mulher solteira pode fazer o que quiser, uma mulher casada já não pode! Exacto! Uma mulher solteira pode fazer o que quiser, uma mulher casada... (ainda nos meus dias) pois, isso é diferente! Portanto a minha avó dizia o pudor, e a honra. A honra porque... a honra não é uma honra física, é uma pessoa estar com honra, honrar os seus compromissos, honrar o seu trabalho, os seus compromissos, o seu convívio, viver com honra e com dignidade. Isso então dizia ela, essa moda para mim é que não muda! Então qual é... vizinha. O pudor... mesmo a moda antiga... o pudor e a honra minha filha, fora disso se se usa o véu para cima ou para baixo... ela queria por assim ao para baixo... para ser janota. E portanto ela queria assim e eu digo na mesma na viuvez a mulher que fique viúva, a mulher que case, a mulher desde que viva com pudor e honra. Depois cada um vive a sua geração. Cada um que viva a sua geração. A minha cunhada disse-me o Manuela, quanto tempo andas de luto? Ora veja lá nos tempos de hoje. E eu disse-lhe assim. O minha filha, eu estou viúva à 29 anos, naquele tempo eu andei dois anos toda de preto, com minhas pretas e tudo e dois anos a aliviar, hoje eu vou as missa de sétimo dia as viúvas já ta tudo de cor, já ta tudo de cinzento e bege e branco e da cor que calha. Portanto olha que até os tempos hoje são outros, e eu tinha 19 anos ou 20, pois eu tinha acabado de casar quando morreu a minha sogra, e eu pus um chapéu preto com véu aqui assim por baixo a apertar aqui, parecia a rainha de Inglaterra! A rainha-mãe! (risos) O que naquele tempo a minha mãe disse: minha filha tens que por o chapéu da cor do... naquele tempo usava-se chapéu para tudo para nada... de maneira que tens que por o chapéu tens que comprar um chapéu de luto. Então não que, veja lá, eu uma criança e me puseram... e a minha mãe entendeu que eu pela minha sogra havia de por um. A minha mãe coitadinha só tinha visto uma vez ou duas mas entendeu que era o respeito eu devia. Eu disse o filha nem penses nisso, o L... e olha ate te digo não é na roupa que esta o luto portanto nem penses nisso filha. E eu disse logo olha que vais à comunhão do menino, vê lá se vais toda de preto, coitadinha da criança. Põe uma coisinha branca, aqui assim para o menino ficar mais contentinho. E diz logo a filha: estás a ver mamãe, estás a ver.... A ver se pões uma coisinha assim branca que criança coitadinha

até fica mais contente... ela ia de calças pretas, casaquinho preto. Assim lá ia com uma camisinha branca. Diz ela, vês olha pus... pois claro então a criança coitadinha ele... achas que o que o teu neto... avo toda de preto. Põe uma coisinha branca não que dizer que por leares o peito branco olha pois amanhã se te apetecer outra vez põe te toda preto. Que ela esta lá em cima na aldeia e nas aldeias às vezes ainda há assim ... (ainda há aldeias na própria cidade do P.) às vezes há que, eu acho que sim, que qualquer pessoa não vive isolada na vida, e nos temos que viver. A vida é nossa mas também temos que respeitar o meio aonde a gente vive... ao nosso lado.

A gente isso tem que respeitar, de maneira que a viuvez escolheu, para mim eu acho que escolheu um tema muito difícil... muito difícil, a E. disse-me: o Manuela, a Manuela, até tem graça que tenho aqui um postal que ela me escreveu, ela é muito querida, ora leia... ela escreveu-me isso quando tive o acidente. (...) Ela é muito querida e eu disse-lhe o Manuela eu queria te pedir um favor. Que é filha? Eu queria que ouvisse... até me disse ela esta... coitadinha da senhora o que ela escolheu (risos) o que a senhora escolheu. Uns dos problemas difíceis e até porque graças a Deus. Olha as viúvas novas essas. não ... e as mais velhas ...olha que a velhice por si já é um problema, quanto mais ainda viúva, quanto mais ainda viúva. E ela pois, está um bocadinho desconsolada porque tem ela disse-me tem tido uns testemunhos lamuriantes, são uma lamúria, uma lamúria, uma lamúria, são projectos de vida sem nada, e eu lembrei-me, digo assim uma viúva que de facto está com uma posição na vida é a Manuela. Digo assim olhe que eu abro uma excepção porque sabe que eu tenho estado adoentada e mas vá lá com é um pedido seu... (risos) (e eu agradeço-lhe muito) com é um pedido da E. digo assim mas oh E. olha eu até lhe disse mas oh E., escolha antes pessoas antes com filhos e netos, mas ela disse, oh Manuela, mas é que eu acho. Eu lembro-me da último que falei na camioneta, e as senhoras ficaram doidas porque iam lá umas senhoras também viúvas de novo, e então que formassem um grupo de amizades com quem tivessem afinidades, que não escolhessem feitos difíceis para o grupo. Porque se não depois não havia entendimento. Mas que estavam todas com boa cabeça, que seleccionassem as amizades a gente da se com toda a gente, tenho um sorriso para toda gente, mas toda a vida fui muito selectiva nas minhas amizades. Naquelas amizades, lidarem comigo, andarem, ate mesmo no casais que andavam como meu marido e tudo eu nisso era muito selectiva... tínhamos que ser um grupo com o mesmo pensar, tudo muito ajuzadinho, as senhoras... todas boas donas de casa, todas divertidas, que era para vamos almoçar e íamos almoçar todos e tudo mais. Sempre fui muito selectiva, mesmo quando entrei para o grupo das viúvas, eu fiquei na equipa da direcção e, Jesus, toda a gente conhecia a Manuela. Era como dizia a C., oh filha, tu és a minha relações públicas. Mas não há dúvida nenhuma que o meu grupo, com quem eu andava todos os dias era ali àquele nível... porque eu nas amizades sou um bocadinho selectiva. Porque eu não estou para viver uma vida em conflito! Eu com as pessoas que vejo que são do contra, contestatárias eu cumprimento na mesma e eu digo... mas como tenho um espírito tolerante eu não vou estabelecer discussões. Digo logo, olha fica lá com a tua ideia que eu fico com a minha, governa-te com a tua ideia que eu governo-me com a minha e não procura entrar numa convivência diária com essas pessoas que me davam cabo da minha paciência e da minha paz. Não pode ser! Dou-me com toda a gente mas naquela amizade mais íntima, mais diária, se não é diária é ali com quem eu me dou ou encontro mais sou um bocado selectiva... se calhar nisso até não sou muito boa cristã mas sou um bocado selectiva porque acho que cada um... vê é a tal psicologia e cada um pensa... e eu penso que evito discussões, evito sarilhos, evito zangas porque há pessoa que com franqueza... é muito difícil a gente lidar com elas. Olhe, tinha um casal que o marido, até era médico e era uma jóia de pessoa. E nós, por respeito ao marido íamos aguentando a esposa. Não é que ela não fosse um amor de senhora, ela recebia na casa dela primorosamente, fidalgamente até era, uma boa senhora... mas aquilo era, aquilo nasceu com ela, a gente dizia assim. Ai que calor... e ela, ai eu não acho nada, há um bocado até vesti o casaco que tinha frio! Olhe era imediatamente... a gente abria a janela e ela mandava fechar, está a perceber? Era do contra. Onde vamos almoçar? Vamos almoçar ao P., ou vamos almoçar a Aveiro. Se a gente dissesse ao P., ela queria ir a Aveiro, se a gente dissesse Aveiro ela queria ir ao P.. Ai, era sempre assim, mas não era por mal! Era ela que estava sempre, sempre em oposição. O marido já não fazia caso: está bem filha. Por acaso ela até era muito boa esposa, muito boa mãe, muito boa dona de casa, disso não há dúvida nenhuma. Agora era contestatária por natureza, ela tinha sempre qualquer coisa, ela tinha sempre, sempre que estar do contra. Por exemplo, a gente aparecia com uma toilette nova e ela dizia, ai que bonita, oh Manuela que bonita que vem. Mas olhe que a que trouxe... dizia logo que a que eu tinha usado da outra vez era muito mais bonita. (risos) não faz ideia, ela era tão boa pessoa, tão boa pessoa e o marido, então era um santo. A gente, sabe o que lhe fazíamos? O que também é muito triste! Ninguém fazia caso do que ela dizia. Tanto fazia ela estar a falar como estar calada. A opinião dela nunca contou... aquela podia ir votar que votava em branco (risos) que a gente nunca contava a opinião dela. Resolvíamos os conflitos assim.

Há ali um senhor na igreja também muito engraçado, era engenheiro. Tínhamos uma coordenadora, agora temos um padre mas tínhamos uma senhora que eu mantenho a catequese de adultos... lá está, para não cortar toda... ainda agora fiz anos e ofereceram-me logo, ora veja ali, um da Agustina e outro que já sabem que eu gosto de ler e agora estou a ficar com a vista cansada, bem se não posso ler uma dúzia de páginas leio duas de cada vez... é para não cortar com todo um passado, para não cortar, porque isso também tem influência na disposição das pessoas... para não cortar com tudo, as tais renúncias... já fiz tantas que... então, vou à catequese de adultos. Mas é muito diferente da das crianças, como é óbvio. Mas vou para por um bocado de espiritualidade na vida, para não ser só a parte material da vida, para não ser só o pão e a comida, para não ser só o lavar e passar. Bem... de maneira que havia lá um senhor, até boa pessoa, mas eu farto-me de rir, ele também é um bocadinho contestatário. E, no outro dia eu até disse para a doutora, oh não faça caso, já sabe que ele... mas ela no outro dia perdeu um bocadinho o controle e diz ela assim: oh Sr. engenheiro eu nunca vi alguma coisa em que o Sr. não diga ou MAS ou SE (risos). Aquilo é dele, ele diz logo, mas... e se fosse assim...! Ele tem sempre uma reticência, para por. Mas é uma pessoa inteligente, quer dizer, ele é homem do que se diz é para discutir... ele é, aquilo é dele. Pois, se há coisas... como a fé de Deus é um mistério, no outro dia eu disse-lhe assim: olhe lá, o Sr. sabe o que é um mistério? Um mistério é uma coisa que por mais que se estude nunca se decifra, por isso é que lhe chamam mistério. Porque é que está a por? Viu Jesus cristo... depois eu digo-lhe: sabe qual é o mal? É porque o Sr. engenheiro, na engenharia é tudo muito concreto, é tudo cal e cimento. Olhe... e a religião não é tudo cal e cimento. Nós acreditamos naquilo que nos disseram e ter fé é acreditar numa coisa que não se vê. Porque não há ninguém que tivesse visto Deus e nós acreditamos nele. Portanto, isso são coisas que... a fé é isso mesmo, é acreditar numa coisa que se não vê mas a gente acredita. Mais do que acredita, sente. E o sentir não há psicologia que seja capaz de.. ou então de uma oratória que seja capaz de explicar o que é a fé. A fé é uma coisa tão íntima, tão pessoal, tão sublime, tão espiritual, que é difícil, é difícil de explicar. Porque eu sou uma pessoa que respeita em absoluto quem não tem fé, para mim tanto faz que tenha fé como não tenha fé, cada um é como cada um. Isso para mim. Até porque eu sou daquelas que dizia muitas vezes no nosso movimento: meninas isto é um movimento católico mas a fé não se impõe a ninguém, propõe-se. O verbo é diferente, a fé propõe-se. Eu sou capaz de lhe dizer a si, a fé, se acreditar em Deus, pode ser que nas horas de desânimo, que é o que acontece a muitas viúvas, porque uma provação ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé. Quando uma pessoa tem uma provação e a viuvez é uma provação, ou um filho ou assim, ou um grande problema na vida, uma pessoa quando vê que nada mais a consegue confortar, não encontra mais solução para aquilo, a gente vira-se para o Deus e procura uma fé que nos dê força, a tal psicologia, uma força interior que a gente à volta já não encontra. Porque quando uma pessoa tem um desgosto muito grande diz. Porque é que me aconteceu isto a mim, meu Deus? Porque eu não merecia isto. E.. vem uma reacção... porque Deus não existe porque se existisse não me tirava o filho, não me tirava o marido. Ou então vem o reforço da fé. É uma pessoa que, não há palavra à volta, não há nada que a conforte

como aquela paz, aquela quietude que dá a religião. Porque a gente chega à igreja e olha... até se olha para uma coisa inexplicável, até se olha para uma imagem que não é a imagem que estamos a ver, pelo menos vê o que está atrás, acima daquela imagem. E portanto, uma grande provação, ou faz um reforço da fé ou uma negação da fé. E é por isso que eu vou por um bocadinho de espiritualidade na vida para, por um bocadinho de calma, de calma que até faz bem. Porque a viuvez é dura, muito dura, muito dura e muito difícil... a mim parece-me que escolheu na psicologia, parece que se estudasse a demência parece-me que era mais fácil. A dor da viuvez não se mede, não se pesa, não se calcula... até pode estar a falar com uma senhora que não tenha tanta facilidade de lhe dizer aquilo que sente e que no entanto, que sinta, esteja angustiada por dentro como ninguém mas ela não consegue por cá para fora... porque isto é dor, é dor moral... a dor física a gente grita. A dor física a gente grita: ai que dor aqui tenho, ai que dor aqui tenho! Agente grita e protesta. A dor íntima... há certas dores que é como a fé, é muito difícil de explicar, foi o que me perguntou: o que é que sente no dia que o marido morreu?..... é muito difícil! Uma pessoa fica... o choque emocional é tão grande, mas tão grande que.... mas por um marido como por um filho... é tão grande que a pessoa fica aturdida, é mesmo o termo, percebe? Não é quando se sofre mais! Porque o desgosto foi tão grande que parece que a dor naquele momento que não é tão grande. Porque a pessoa ficou aturdida e vê o caixão e todo aquele cerimonial e depois vê o marido a desaparecer no cemitério e tudo aquilo... uma pessoa está... aturdida... a carga emocional é tão grande, tão grande. A reacção emocional é depois e por isso é que eu digo, a viúva que venha para casa, porque se espera muito tempo fora de casa, é muito difícil depois aceitar. Tem que vir para casa, traçar um plano de vida, pensar que Deus levou-o mas para mim está vivo, Deus levou-o, para mim está vivo. Tem que ser assim, tem que ser assim! A pessoa tem que pensar que ele está vivo, fazer a sua vida normal, igual a si mesmo. No outro dia tive uma prima minha que também ficou viúva, e ela era lá da sociedade lá de L. e eu disse-lhe... ela fala-me às vezes pelo telefone... e ela é uma rapariga toda inteligente, o meu primo era uma cabeça, uma inteligência. De maneira que eu disse-lhe: oh I., minha filha... olha vou a paris, vou ali e acolá... e eu disse: vai filha! Sê igual a ti mesma. Olhe que ele era meu primo direito, quase como um irmão. E eu disse-lhe: sê igual a ti mesma. Tu ias constantemente a paris, vais constantemente a paris, vais constantemente aos sítios que ias. Sê igual a ti mesma, continua a ser a mesma I.... tão agradável e simpática era a tua companhia para toda a gente. Agora não tens o Q., continua. Olha estás a dizer-me o mesmo que me disse o M. S.! Portanto, é isso mesmo filha, deixa falar quem fala. Tu tens as tuas casas no A., tu tens aqui e acolá, tens em C., tu vais fazer exactamente como fazias com o Q.! A mesma coisa! E diz ela, tem graça... e assim vais conseguir vencer a tua viuvez. Ela agora morreu-lhe um irmão, que era toda uma paixão dela: olha minha filha eu não te disse, o irmão e o marido em 11 meses é uma carga muito pesada I., para ti foi... não te deixes ir abaixo, não te deixes ir abaixo. Olha, programa já uma viagem, vai até ao brasil e vem, com uns casais amigos que vocês andam sempre nessas viagens. Porque o marido e o irmão que para ti eram tudo em 11 meses é uma carga afectiva muito grande. Tens que reagir. Ai, Manuela... eu de vez em quando, eu, por exemplo, no dia em que ele faz anos eu telefono-lhe logo. E ela só me diz assim: logo se vê que me telefona uma viúva inteligente. Eu tenho sempre essa atenção. Olha minha filha, isto não há nada como a gente sentir na pele, o problema dos outros e... portanto.... lá se vai passando.

D. Manuela, não lhe vou tirar mais tempo.

Tá a ver.... agora tire daí o que lhe convém.... porque uma coisa é uma pessoa falar que não tem a mínima noção do que seja a psicologia... mas eu acho que até está bem.... outro dia ....

A conversa manteve-se sem ser gravada durante mais uma hora em que se falou de muita coisa extra da viuvez!!

**D. Carlota 80 anos**

D. Carlota, quantos anos tem?

Tenho 80!

Já está crescidinha!

Já pois...

E está viúva há quanto tempo?

Faz para Outubro 4 anos.

D. Carlota eu gostava que me falasse um bocadinho da sua experiência enquanto viúva.

A minha experiência de ser viúva é um bocado aborrecida. É, primeiro porque não tenho filhos, segundo porque estou sozinha, terceiro que a minha família não quer saber, mais nada, para agora.

Mas tem família?

Tenho uma irmã, 3 sobrinhas, 2 sobrinhos por afinidade e um afilhado mais nada.

E nunca está com ninguém?

Raramente, em 20 anos estive sempre, agora ultimamente não. Porque a vida agora é outra, eu estou sozinha e não posso dar aquilo que dava... de maneira que, afastaram-me um bocadinho.

Já está viúva, vai fazer em Outubro 4 anos....

Dia 21 de Outubro...

Quanto tempo é que esteve casada com o seu marido?

Casei em 55 e ele morreu em 2000.... 46 ou 45 anos de casamento.....

É uma vida muito completa, que memórias é que tem desses tempos?

Muito boas porque tive bom marido, era um algarvio à maneira, respeitou-me sempre muito, em tudo, em tudo. Eu era o Salazar da minha casa, eu é que sabia o que faltava de maneira que acho que fui feliz...

Foi feliz nesses 45 anos... quer-me falar do dia em que ele faleceu? Ele esteve doente, ou morreu de repente...

Ele morreu de repente, de repente não porque ele ainda durou um dia. Ele tinha-me ido buscar ao hospital, por eu ter partido uma perna. Esteve nem 4 dias comigo, porque fazia 4 dias no dia em que morreu. Nesse dia foi aos recados, ele foi ao supermercado que eu tinha lá os meus familiares para comer, e ele é que foi buscar... vem e diz-me: precisas de alguma coisa? Digo-lhe eu: não! "então vou tomar banho". Foi tomar banho e eu peguei nas canadianas, porque ele demorava muito, fui procurá-lo. Fui procurá-lo e vi-o já estendido no chão, já não falava, a "cacarejar", muito aflito, ficou logo, por jeitos, cego e eu comecei a gritar. Veio a minha vizinha da mercearia pegado, acudiu-me, chamaram-me o INEM... isto eram 11 e meia da manhã, morreu às 7 horas da tarde no hospital de S. A..

Como é que foi esse dia para si?

Doloroso, eu nem queria acreditar (entre lágrimas). Primeiro porque eu não podia andar e segundo fiquei revoltada porque o meu marido esteve 7 anos e meio doente, com as pedras na bexiga para ser operado para ser operado no hospital da P. Ficou bom, engordou, ficou bonito e naquele dia acabou...

Acabou tudo ou começou uma nova vida?

Começou a minha vida triste... porque sinto-me desamparada, sinto que estou velha, tenho 80 anos e a idade conta muito, que a idade não perdoa a ninguém.

Sente-se muito só....

Sinto-me muito só.... mas....

Quais são as situações que destaca destes 4 anos assim sem o seu marido?

Destaco que me apareceram duas oportunidades.... nós fizemos ali na CP uns passeios, nove anos, nove casais e apareceu-me um senhor que ia connosco, pois eu disse-lhe que não queria casar e depois apareceu-me um amigo meu, que é da minha criação, que era caixeiro mas no freixo, e também estava viúvo e também queria casar mas eu não quis casar. Não quero casar.

Mas já era essa a sua ideia quando o seu marido faleceu?

Não.... porque fiquei com a boca doce e tenho medo da vida. Primeira porque eu não sou uma mulher corrente, porque não posso fazer limpeza a uma casa, não posso assumir lavar um homem, lavar a roupa e dar a ferro, fazer o comer. E segundo, acho que não tenho aptidões para isso agora, acho que não posso....

Prefere ficar assim?...

Prefiro ficar pelo meio do caminho que é o meu destino. Foi a minha sorte.

Foi a sua sorte.... (entre lágrimas da D. Carlota).... Está de luto.... já está de luto há 4 anos?

Estou de luto há 4 anos mas agora ando a tirar porque toda a gente me diz que é muito tempo, que não vale a pena, porque ele está a sofrer, se está a sofrer ou não, não sei, e eu comecei a aliviá-lo.... comecei a meter umas blusas assim, mais clarinhas....

Mas sente vontade em tirar o luto ou tem vontade de vestir outra cor?

Eu tinha vontade de nunca tirar o luto...mas nesta idade o que é que eu vou fazer, só comprar roupa preta...começaram-me a meter coisas na cabeça e eu também me comecei a aborrecer-me também com o preto, porque é sempre uma coisa que se suja muito, e é uma coisa que não se pode andar sempre a lavar e eu já não tenho vida para isso...já não tenho.

Quais são as memórias que marcam, que guarda dos dias depois ao seu marido ter morrido? Como é que foram esses dias?

Foram horríveis.... eu não tinha vontade de fazer nada, que ainda hoje pouco mais tenho. Não tenho vontade de comer, não tenho vontade de fazer nada... e tenho muita dificuldade na minha vida privada, para a minha limpeza, custa-me muito, levo muito tempo... ando sempre constipada pelo tempo que demoro, porque os Invernos são grandes, o verão é mais pequeno, já ando melhor e é assim... a minha vida....

Permaneceu na sua casa, logo a seguir que o seu marido faleceu?

Eu nunca saí da minha casa. Nunca abandonei a minha casa. Ele dizia-me assim: eu queria morrer à tua frente, mas tu nunca deixes o teu barraco. E eu cá estou...

Fez-lhe a vontade...

Fiz-lhe a vontade....

Falavam muitas vezes da morte?

Eu namorei cinco anos. E ele era muito pretendido aqui na estação, trabalhava na CP. E iam lá filhas de chefes, filhas de inspectores e ele... pronto, era pretendido. Era muito educado, era... tinha uma maneira muito bonita e ele dizia-me sempre assim: olha Carlota, se tu não quiseres casar comigo, eu aqui no P. não caso com ninguém, vou casar ao A., vou casar a L.. E casámos... eu gostar, gostei de ti e é contigo que quero casar, se não me quiseres, não quero que me cases contra a vontade, eu gosto muito de ti e é contigo que quero casar e caso-me contigo....

Foi assim que ele a pediu em casamento?

Olhe, ele pediu-me em casamento de uma maneira assim um bocado chata. O meu pai morava aqui no bairro, junto ao bairro da P, pegado ao bairro da P e a casa do meu pai era no andar de baixo. E a casa aluiu, a parte da frente, dos barrotes, cederam e aluiu. O meu pai pediu ao senhorio para compor, ele disse que não ajeitava, o meu pai meteu à câmara e ele depois ajeitou. Mas o que é que ele fez, até chegar ao meu pai, o meu era a dez e as casas iam até ao treze, pôs até ao meu pai e depois construiu o prédio de P. A. V. e de maneira que a minha mãe: ai meu Deus que eu não posso pagar tanta renda, para irmos todos... o meu marido disse: pronto, vamos casar mais cedo. Em vez de levar mais, leva-se menos e como vamos viver com os teus pais, é só o quarto que se paga. E foi assim o meu pedido de casamento.

Como é que se sentiu na altura?

Senti-me muito nervosa por causa da vida dos meus pais, mas a minha mãe a chorar agarrada à minha saia para eu não sair da beira dela e eu olhe.... até já tínhamos uma casa ali na P., no bairro da P., alugada mas, ela disse para eu ficar e eu fiquei. Olha que te vais arrepender, olha que não há nada como estar sozinha mas a vida é tua, é a tua família e tal... e eu lá... então ficou decidido eu casar...

... e 45 anos depois....

eu depois mostro-lhe o retrato dele que eu tenho ali... anda comigo sempre, mas ele não.... mas anda sempre na minha cabeça.... (chora)

Já alguma vez tinha vivido sozinha?

Pois não.

Estes 4 anos têm sido....

O fim da minha vida.... (chora) Deus, nosso senhor, tirou-me o meu marido cedo demais, agora...

Quando olha para o futuro o que é que vê?

Aguardo, aguardo ir para um lar ou que alguém olhe por mim....

Aguarda ir para um lar, d. Carlota?

Sim, quem é que há-de olhar por mim? Para agora vou-me amanhando conforme posso e pronto, não tem sido assim muito mau. Deus nosso senhor tem-me ajudado mas, não tenho sempre 80... se fosse mais nova talvez tentaria casar... assim não...

Não tem filhos, portanto.... lembra-se da primeira vez que pensou em si como viúva?

Eu nem pensava que estava viúva. Para mim foi um sonho... foi uma desilusão que nosso senhor me deu mas... achei que foi um sonho. As primeiras noites estive sempre a chorar, não dormia, tive que ir ao médico da cabeça porque eu achava assim: então, tantas pessoas viúvas que por aí há e eu tenho que ir ao médico da cabeça? E lá fui... lá me tratei. Mas ao início gostei do médico mas depois no fim, chateei-me com o médico. Porque ele disse assim: D. Carlota, da minha parte está curada, agora tem que dar uma ajudinha da sua. Agora vou-lhe dizer, quando se sentir muito aborrecida, muito nervosa, pegue num espelho e fale para ele. Oh sr doutor, quem fala para o espelho é tolo!! Diz ele não, é um desabafo.

E já alguma vez fez isso?

Não, nunca foi preciso. Por acaso, recuperei bem.

Como é que desabafa?

A chorar... fiquei com uma redução... menos vista do que tinha por chorar. Depois fui ao médico e ele disse: a Sra. estragou e agora vai recuperar aos pouquinhos. Mas recuperei pouco...

O que é que gostaria de passar para outra viúva? Se tivesse a conversar com outra viúva o que é que gostaria de lhe transmitir como... a sua experiência, o que é que gostaria de lhes passar?

Eu não posso dar confortos porque as viúvas que eu conheço todas ficam ocupadas, ou com os filhos ou com os netos... porque não há que não tenha filhos. Tudo tem a sua ocupação, é uma vida totalmente diferente da minha... a minha é uma vida mais desolada...

Sem outras coisas a que se agarrar...

Tenho que me agarrar a chorar e a desabafar o melhor possível.

E nunca arranjou mais nada para fazer, outras ocupações?

Olhe, nunca arranjei mais nada porque, é como lhe digo, eu fiquei muito doente... porque eu depois, não disse tudo à menina... eu depois de ele morrer fui tirar os pontos da minha perna e o médico mandou-me sentar. Oh Sr doutor eu não me posso sentar. A D. Carlota porque é que não se pode sentar? Porque tenho uma dor que me vem assim à virilha e não me consigo sentar. Vamos ver isso. Chamou a empregada: oh D. Rosa, leve a D. Carlota ali ao aparelho. Fui ao aparelho, vim e ele veio com a minha perna lá marcada: d. Carlota, vou-lhe dar uma notícia muito desagradável, a senhora vai ter que ser operada novamente porque a senhora estragou a operação. Oh Sr doutor, eu não quero. Não quer, se não quer nunca mais anda, D. Carlota. Não pode pensar assim, tenha paciência. Eu fui com duas sobrinhas minhas, com a mais velha e com a mais nova. E a mais velha disse assim: oh tia não penses nisso, tens que ser operada. Sr. Doutor eu responsabilizo-me, a minha tia vai ser operada. Não, não, a gente não pode fazer o que a menina diz, a tia tem que decidir pela boca dela. Bem, a chorar lá tive que dizer que sim. Passado um mês lá fui operada outra vez e, meteram-me então uma prótese. Primeiro eu tinha 6 parafusos e a segunda tenho uma prótese. Nunca podia tomar comprimidos, vá lá, de nada porque eu não tenho vida para nada.

Acabou sempre por ficar muito isolada, quanto mais não seja pela saúde, não é?

Eu não posso nada. Porque para cima, tá tudo bem... para baixo que é o principal.... eu estou mais de 15 minutos a limpar este pé. Os dedos dos pés, com a toalha. Porque ele disse-me, limpe bem por causa dos fungos, e não sei quê. E eu passo a minha vida constipada por causa disto.... o que é que eu vou fazer? O que é que eu vou fazer? Veja lá a D. E., a mãe foi para fora, queria que eu fosse para C. P.... para quê? Uma mulher de 94 anos e eu com 80 e eu ainda estou pior do que ela porque ela lava-se bem e eu não. Não posso querer nada... eu tenho que me render àquilo que posso, mais nada. Eu tenho que me render àquilo que tenho, mais nada. A minha vida é esta.... tive muito azar, tive muito azar. Tenho um senhor muito amigo, andava com a gente nos passeios, diz-me: olhe d. Carlota, sabe uma coisa que eu tenho pena? De não filmar o enterro do furtado. A Sra. atrás de canadianas, com as pernas inchadas até aos joelhos... a arrastar uns chinelos....

Mas foi ao enterro do seu marido....

Fui ao enterro do meu marido. Depois esse Sr pediu ao homem do cemitério a pedir que tinha que entrar o carro porque eu tinha que ir. Sim senhor. Lá entrei e ali é que já não me deixaram sair da carrinha... fiquei a vê-lo a enterrar de dentro do carro.

Teve muito apoio nessa altura?

Tive, tive, mais dos meus amigos até do que da minha família. Tenho muito bons amigos...

E tem ainda?

Tenho. Mas lá está... eu não me chego porque ninguém tem o direito de estar a trabalhar para mim. Cada um tem a sua vida. Têm netos, é preciso apoiar os netos porque os netos são pequenos. Têm filhos casados e é preciso fazer a sopa para quando os filhos chegarem terem a sopa feita para os filhos.... valha-me Deus também não é assim!

Eu percebo....

Não é assim, eu não sei se sou mas, parece-me que Deus me deu uma mentalidade muito correcta porque... vejo as coisas assim: não pode ser, não posso intervir na vida dos outros, quando os outros também estão ocupados a ajudar os filhos, a ajudar os netos....

Que direito tenho eu de me meter....

(afirmativa com os olhos) Não pode ser só aquilo que a gente quer. Não podemos ser egoístas.

Mas continua a vir todos os sábados comer a sopinha com os meus avós?

Olhe venho porque o L.... eu como no pão quente dali de cima mas ao sábado eu não tenho... "vens comer todos os sábados comigo e com a Maria"... mas..."vens, olha para o que eu te digo, eu espero sempre". Também lhe vou dizer uma coisa, o seu avô também me fez muita companhia quando era novo, porque o avô passava a vida com o doutor e com o C.... e eles passavam a vida no meu bairro, com o meu falecido irmão, que era mais velho e prontos.... eu sou mais velha que o avô 4 anos e meio mas pronto ele foi criado ali com a gente. Às vezes quando a avó queria saber dele, lá ia ao bairro procurá-lo.

Gostava de me dizer mais alguma coisa D. Carlota?

Olhe menina, a minha vida correu sempre muito bem. Agora corre um bocado mais mal. Não é o dinheiro para comer que falta.... é a companhia (olhos rasos de água).

Um marido nesta altura da vida é muito a companhia, não é?

A gente quando casa já um vem viúvo. E ele dizia-me muitas, muitas vezes, às vezes na cama quando estávamos a conversar: tenho muita pena de te deixar mas quero morrer à tua frente. Mas muitas vezes, e ainda era muito novo, ainda não tinha 50 anos e já conversava assim. E dizia-me assim: se Deus me fizer a vontade, queria deixar-te já a reforma prontinha, ao menos um ano de reformado, para eu descansar a minha cabeça, que tenho a minha cabeça muito arrasada e tu ficares com as coisas muito direitinhas. Ainda esteve, reformou-se com 61, morreu com 75....

Ainda esteve 14 anos reformado... foram bons anos esses?

Era o ano de a gente andar sempre à volta da minha sogra e do meu sogro, no A.. Sempre, 3 vezes e quatro e cinco, sempre: vamos à minha mãe, vamos para a minha mãe. Ele morreu e a mãe ficou viva. A minha sogra morreu há dois e ele morreu há 4. A minha sogra com 94 anos, enterrou um genro de 68 que viveu sempre com ela e um filho.... (silêncio).

Obrigada.... pelas lágrimas que lhe causei, desculpe.

Eu choro todos os dias.... vou-lhe mostrar a fotografia do meu marido....

Mostre lá!

(procura a fotografia na carteira)...

Tinha uma boa figura! Está sempre consigo, no seu coração, não é?

É a vida... que remédio e se eu tivesse coragem já me tinha matado.

Porquê?

Porque é uma vida muito triste, é um barco sem remo, não dá para a gente ter horas para nada, não para fazer comida para a gente, não dá para nada.... eu ouço muita gente ali no café a dizer: ai não, porque não vai aquele passeio, e aquela excursão? A mim ainda não me deu para nada. Não me dá para nada.... gostava muito do meu marido....

De certeza que ele também não gosta de a ver assim....

Ele fez-me muito feliz e agora....

Vá, não a faço chorar mais....

Fez-me muito, feliz, muito feliz, muito feliz.... eu às vezes até com amigos, até com esse Sr. que queria casar e o A. que também queria, e eu dizia: fui muito feliz no meu casamento. E diz ele assim: pois eu não, a minha mulher era muito de bico virado, eu dizia um e ela dizia cinco.... olha é muito bonito o respeito de parte a parte, mas gente não pode ir com a ideia de mandar.... ela manda.... a minha despedida de solteira, agora vou-lhe contar a minha despedida de solteira: foi assim, casávamo-nos no sábado e isto era uma quinta feira e dizia ele assim: vamo-nos casar e vou-te dizer uma coisa, que tenho na cabeça há muito tempo para te dizer mas nunca te disse: olha, nas tuas coisas mandas tu, na tua vida, nos



teus tachos, nos teus panos, nos teus lençóis, nas minhas coisas mando eu. Se alguma vez vires que alguma coisa não está bem, não me chames à atenção em frente de ninguém, dizes-me em casa que eu farei o mesmo. Porque nem eu sou dono de ti, nem tu és dona de mim, não somos donos de ninguém porque nós não somos nenhum objecto.... foi a minha despedida de solteira.... (risos)

E funcionou durante a vida toda?

Respeitávamo-nos muito bem um ao outro. Se havia alguma coisa enfunava-mos e depois, nunca ficávamos de mais, passado horas falávamos um com o outro, porque ele não gostava que eu dissesse certas coisas que ele sentia-se muito ofendido, porque também não me dizia, ele era muito sensível, muito mais do que eu. Eu era muito mais para a frente, ele não, ele ficava mais ofendido mas... foi uma maravilha.... eu só digo às pessoas assim: um casamento como o meu mas com mais dinheiro....

Para correr tudo mesmo bem....

Porque é preciso menina. Sem dinheiro não se faz nada menina. Se a menina não tiver dinheiro a menina não faz nada. Pode ter muito amor... é o que eu digo muitas vezes à Maria... diz ela que se não fosse a reforma dela... feliz da pessoa que auxilia um ao outro... então para que é que a gente casa? Só para olhar um para outro? Não, é para compartilhar tudo... o bom e o mau, o que aparecer.... é assim, a minha vida.

Oh D. Carlota, obrigada e desculpe...

Desculpe porquê?

O tempo que lhe tomei...

Olhe fiquei muito feliz.... lembrei-me mais uma vez, mais a sério do meu marido, que vou pensar hoje todo o dia.... tem que ser.... também não tenho mais que fazer, tenho que fazer alguma coisa.... mas fui muito feliz....

Fez-lhe bem falar sobre isto?

Faz-me bem sempre falar dele, oxalá que a menina se tiver filhos, que o seu genro seja como o meu marido foi.... mais nada!

**D. Conceição 78 anos**

ia-lhe perguntar, quando nasceu, já sei que tem 78 anos, mas mesmo assim quando é que nasceu?

Nasci em 25 em M....

Em 1925?

Em 1925... aqui nasci, aqui penso acabar.

(risos)

Quanto tempo esteve casada?

48 anos.

O que eu gostaria que me contasse, ou que me falasse começando por onde quisesse, por onde achar melhor, por onde a sua memória ou a sua vontade lhe chamar, gostaria que me falasse da sua experiência de viuvez que já lá vão 14 anos, não é, que me falasse da sua experiência enquanto viúva durante esse tempo.

Olhe, foi muito difícil, no início foi muito difícil, ... eu emagreci 14 quilos, eu não tinha... eu não podia estar em casa, havia uma falta dentro de mim, faltava aquela pessoa que me falava que me chamava... que me falava, que estava junto. De maneira que eu tinha uma empregada que entrava às nove da manhã já do tempo do meu marido, ele faltou e a empregada continuou a mesma foi às duas horas da tarde... quando ela saía eu saía também ia direita à igreja e ali chorava e rezava pedia a Deus que me ajudasse, que não podia viver só, que não sabia. Eu dizia assim, Senhor Tu, fizeste-me o pior que me podias ter feito foi ficar só, eu não sei viver só, ajuda-me! E vinha para casa num sufoco sempre. Foi muito difícil, não sei! Muito difícil de resistir. E por vezes..., eu estou a falar com toda a sinceridade... e por vezes apetecia-me descalçar os sapatos e fugir por aí fora e que ninguém mais me visse... mas achava que não devia fazer isso, tinha duas filhas, tinha os netos, tinha tudo como gostavam de mim, eu gostava deles e achava que não tinha esse direito. E todos os dias refugiava-me na igreja e pedia. O meu marido morreu em Janeiro, o Fevereiro, o Março e o Abril foi terrível. Tinha que ocupar o meu tempo, pensei... como é que havia de ocupar? Então entrei para as V., fui para as V. e em Maio elas abriram um restaurante ali no adro onde é hoje o lar de terceira idade e eu fui para lá descascar batatas, cegar couves para caldo verde, lavar louça para ocupar o meu tempo, entrei para a catequese juntei-me à M. E. e pedi para dar catequese com ela para ocupar e estar o menos tempo possível a pensar naquela solidão que eu tinha. E assim comecei, visitava os doentes, levava... porque eu era a ministra extraordinária da comunhão, eu levava a comunhão aos doentes, e comecei a preencher o meu tempo dessa forma e comecei a ficar melhor, a organizar, as V. faziam a venda de natal, eu comecei a fazer trabalhos de natal que eu gosto muito de fazer trabalhos de mão, desde malhas a bordados, a paninhos de tudo eu comecei a trabalhar e comecei a preencher, e a pensar que tinha de mudar de vida porque da maneira que eu estava, ninguém podia estar comigo, porque era uma tristeza tão grande e uma solidão tão grande que eu não me apetecia nada... eu tinha uma amiga que me disse, tu eras tão alegre, o C. morreu e levou tudo com ele, levou a tua alegria, levou tuas anedotas levou a tua boa disposição, levou tudo... porque foi isso? No ano seguinte levei os meus doentes, no dia mundial do doente, levei-os à igreja para eles receberem a Santa Unção e perguntei ao senhor padre se também podia, ele disse, pode Sr.<sup>a</sup> Conceição, se já tem 65 anos, tinha 64 quando o meu marido faleceu, pode sim senhora, e... nesse dia que recebi a Santa Unção, aquele sacramento, eu senti uma reviravolta dentro de mim senti um a força de viver sabe... aquele sacramento deu-me força... e daí então para cá a minha vida normalizou mais. Convivo mais, visito, dou os meus passeios anuais com a minha filha mais velha, temos dado a volta..., este ano não fomos porque a data não coincidia bem com as nossas férias e não fomos. E daí então comecei a organizar... com a vida mais organizada e com mais alegria de viver, mas foi muito custoso, foi... possível mas muito difícil, muito, muito... para mim foi muito difícil. Eu pensava muitas vezes, queria me lembrar de coisas más que tivesse com o meu marido, mas não tinha...

Não vinha nada à memória?

Não vinha nada de mal, porque acho que muitas senhoras é uma libertação quando o marido morre, para mim não foi... para mim foi... muito mau, foi um peso muito grande e cá estou assim, mas nesta experiência não tenho assim...

Nunca tinha estado sozinha antes?

Pois não, nunca. Até porque eu nunca gostei de estar só. Por vezes tinha reuniões disto, de acção católica tinha... e dizia quanto tempo demorará? Para aí duas horas. Então eu vou dar umas voltas até quando estiveres cá, que eu não gostava de estar só. Nas horas de trabalho dele que era de manhã, eu tinha a minha lida da casa com a empregada, mas de tarde estávamos sempre juntos. Se ele ia a algum lado eu ia com ele e estávamos sempre. Porque nunca gostei... mas, agora felizmente tenho a vida organizada, por vezes estou triste, e de manhã digo assim, mais um dia e faz-me muita falta e quantas vezes ainda choro de saudade... mas compreende que a vida que é assim, tem que ser, e um tem que ir primeiro e por vezes dou graças a Deus, porque nada lhe faltou, se fosse eu e ele ficasse sozinho talvez fosse mais difícil para ele, mas no princípio para mim foi muito, muito difícil...

Ele ficou doente?

Ficou, em dois meses, apareceu-lhe um cancro no ilíaco... descobriu-se no dia 2 de Novembro. E mal aquilo apareceu, disse, vais ter que fazer umas aplicações é melhor... ele quis ir para o IPO, eu ainda queria que ele fosse a Paris ou a Londres, ele não, não, aqui temos muito bons médicos e boa aparelhagem e não quis... isto no dia 2 de Novembro, lá para o dia 15 fez um centígrama ósseo e já tinha tudo espalhado pelas costelas, pelas clavículas, pelo... o cancro já estava todo espalhado por todos os sítios, e morreu em Janeiro, foi em Novembro, foi no dia 2, morreu no dia 21 de Janeiro... foram dois meses e meio. Com muita paciência, com muita afectividade...

Como é que ele reagiu e como é que...

Muito bem, muito bem, sabia que ia morrer e... quis receber a Santa Unção em casa, foi lá o senhor padre, um padre capuchinho nosso amigo, rezou missa lá em casa, no escritório dele. E recebeu a Santa Unção e à noite disse o genro olha preparei-me para a nova etapa da minha vida. Ai foi pai, como é que se preparou? Recebi a Santa Unção, estou pronto para partir para a outra vida. E ele era uma pessoa super ordenada tinha no seu escritório as pastas todas dos contractos disto... dos recibos, de todas as coisas. E tinha uma pasta que ele mandava para os seminários todos os meses, para o Funchal, para os seminários daqui... e que eu tenho mantido essa tradição, todos os anos mando a mesma coisa que ele mandava, e ele dizia, mando este cheque para o seminário ... para o seminarista e peço orações porque estou canceroso, peço orações para que Deus me dê força para aguentar-me até ao fim a vontade que Deus quer, e peço orações pela minha mulher que neste momento está a sofrer junto comigo. Tudo escretinho ali... ele ficava com as fotocópias todas do que mandava. Tudo assim. Isso também, aquela... aceitação dele, ajudou-me a eu também saber aceitar a partida dele, compreende? Porque pensava muito nisto tudo. No último natal, tinha tudo reunido em minha casa e trocamos as prendas e também lhe demos as prendas a ele. Ele disse: para o ano já cá não estou. Mas aquilo com um ar de satisfação e uma aceitação...

De paz.

De paz... para o ano já cá não estou. Eu dei-lhe um corte para um fato, e ele, já não faço e eu disse, então, como é que tu sabes que não fazes. E as vezes, estávamos no escritório, eu a fazer a minha rendinha e ele a olhar para mim, dizer assim, vou fazer-te tanta falta... mas eu quem é que te disse que não sou eu que vou fazer falta a ti ou tu a mim? Mas Deus sabe como eu estava, mas dizia-lhe. Que ele aceitou e teve uma aceitação fora de...

Como é que... quando soube que o seu marido estava doente como é que reagiu?

Ai... fiquei muito triste, fiquei muito em baixo porque me disseram logo. Ele quando foi fazer o exame ao IPO, um médico nosso amigo, o Dr. L. C., disse-me, D. Conceição, a única coisa que eu tenho esperança é que ele tem uma fé muito profunda, e que vai aceitar, mas vai ter um sofrimento muito grande. Ele fez terapia da dor, fez tudo, fez cubalto, só não fez quimioterapia, porque acho que já não valia a pena. Mas para amenizar o terminal, e depois teve uma morte muito... muito boa, muito calma.

Lembra-se, recorda-se desse dia?

Muito bem, foi um sábado. Ele levantou-se tomou o seu banho, vestiu-se, foi para o escritório sentou-se no maple eu arranjei o pequeno-almoço e vamos para tomar o pequeno-almoço, e ele não me apetece agora, tomo mais logo. Eu já tenho café tirado e está já as pastilhas todas no pires, tomo daqui a um bocado. E toma tu que eu tomo daqui a um bocado que agora não me apetece e fui tomar o meu e depois ele... passado um bocado pus-me a ler o jornal no chão, assim na alcatifa, perguntou-me que jornal estava a ler, e ele teve um engasgamento. Eu olhei, deixou cair a placa e ficou assim caído e eu... ó C., ó C., ó C., ó C., ele já nunca mais deu por nada... isto a minha filha chegou, nesse momento preciso uma das minhas filhas, e chamou o médico. O médico veio e ficou assim sereninho, e veio o médico e esteve a ver-lhe, deu-lhe uma encefalite, e temos quer ir com ele para o hospital, ai Sr. Dr. não me leve para o IPO que ele fica sozinho e eu quero ficar com ele. Falamos num instante para o Dr., agora não me lembro qual era o director na altura, ele disse leve-o para S. F. que eu vou já lá, e depois se for preciso ele vai de ambulância ao IPO fazer um TAC à cabeça e foi o Dr. lhe mandou-lhe ir buscar o oxigénio, foi na ambulância para S. F., para o quarto lá puseram-lhe o oxigénio, ele ardia em febre, sempre a passarem-lhe álcool, os panos de álcool no corpo e nisto chegou o Dr. não sei quês Santos do IPO. E esteve a ver e disse não vale a pena, vamos-lhe por o soro para ele para lhe amenizar este terminal de vida. Isto eram para ai 11 horas da manhã e ele faleceu de sábado para domingo as 5... muito sereno, muito direitinho, muito sereninho, e ficou assim sem esgueirar sem ficar com a cara feia sem coisa nenhuma e só senti... estava eu e a minha filha no quarto e disse, o pai está respirar mais devagarinho e ela pois, e chamamos logo a enfermeira e a enfermeira disse, pois está, está a apagar-se, e acabou assim sereninho...

Na altura como é que reagiu?

Foi... foi difícil. São momentos muito difíceis, quando a gente sabe anda... sofre...

Como é que foi, o que lhe queria perguntar era, se nestes dois meses desde 2 de Novembro até 21 de Janeiro, se falavam sobre a morte?

Não. Não. Ele sabia, porque no IPO faziam os exames mas não nos davam, mas ele como médico ia à C. e fazia particularmente e via e na véspera de lhe dar a encefalite na sexta-feira à noite ao jantar porque tenho duas filhas e esse período que ele esteve doente elas iam sempre jantar connosco. E ele disse ao meu genro que também é médico, um dos genros é médico, olhe F., estou no terminal porque este exame que eu fui fazer esta semana já me atacou o fígado, e estou mal... e o F. disse, o não pense nisso sabe lá, pode ter atacado o fígado mas não estar no terminal. Ah, estou, estou. Quando ataca o fígado ou a cabeça sei que é. Mas nunca se falou, ele é que pensava, ele pensava, e olhava para as coisas fixamente fixo como quem diz estou por pouco. Eu percebia aquele olhar dele, mas não dizia, nem nos falamos. O médico proibiu-o de guiar era eu que o levava todos os dias ao IPO para fazer o cobalto. Ele estava sempre ... riscavam-lhes as costas onde ele devia fazer o exame, depois eles faziam um esquemazinho nas costas era aqui era ali, ele tinha as costas num desenho. Mas ao tomar banho não saía, não saía nada. E ele... nessa sexta feira fomos e ele disse ao médico, estou muito esperançado, sinto-me muito melhor, sinto que estou a ficar melhor, logo no outro dia ... mas nunca...ele dizia, vou-te fazer muita falta... na noite de natal que as tantas disse já não faço o fato e eu disse, deixa vir a primavera que fazes o fato. E sempre muito preocupada. Bem nessa sexta feira que viemos para o IPO, ele disse assim vamos pela baixa que eu quero ir à caixa geral, paras o carro na praça e tu vais à B., vais comprar umas caixas de bombons para dar as meninas que me fazem o tratamento. E eu disse eu vou contigo, e eu, não, não, eu vou para a caixa para adiantar tempo e tu vais, mas ele estava muito fraquinho emagreceu estava muito fraquinho. E ele foi sozinho eu não insisti, não quis contrariá-lo, e para ele não se sentir diminuído. Fui à B. comprar os bombons, 3 caixas, ele foi... amanhã não vens à baixa e eu não só se precisares de alguma coisa, podias pedir a alguém, que era a Teresa, que este ano não compras-te nada de Inverno, ires comprar alguma toilet, digo eu acho que está tudo em saldos e na primavera quando estiveres melhor vimos os dois, agora não quero comprar nada, esta o Inverno no fim, isto foi dia 20 de Janeiro ele morreu

no dia 21. Ele falava assim muito entusiasmado com a vida, tanto que nos casou uma afilhada no dia 8 de Dezembro e convidou-nos para o casamento e nos não fomos porque ele já estava muito fraco..., mas eles depois da cerimónia foram lá a casa e até levaram o senhor para filmar e filmaram-nos com eles, e ele disse eu não fui ao vosso casamento porque estou assim, mas daqui a dois anos faz-se as boas de ouro e vai-se fazer uma festa muito grande e vocês vêm à nossa festa. Ainda pensava que ia fazer as bodas de ouro que estivemos casados 48... mas já não foi nada possível...

Como é que, quais são as memórias mais marcantes que guarda dos primeiros dias a seguir à morte do seu marido, que memória tem desses primeiros dias? Se permaneceu na sua casa...

Permaneci, como digo à menina ia para a igreja, as duas horas, duas e meia saía de casa com a empregada ela ia para a vida dela e eu ia para a igreja e estava lá uma porção de tempo, rezava, chorava depois vinha para casa, mas chorava também. Eu não sei onde pude chorar tanto, e as vezes as filhas o mãe venha jantar cá a nossa casa e dorme cá hoje, e eu dormia mas custava-me, custava-me...

Não fazia sentido....

Não fazia sentido, dava sempre comigo deitada, sempre a chorar, a chorar, a chorar, faltava-me o meu canto, faltava.... Faltava a companhia, faltava tudo... era o vazio inexplicável... é o que eu digo à menina é possível mas é muito difícil, muito, muito... eu às vezes não sei... eu achava que não era capaz de resistir aquilo mas fui...

Nos aspectos mais práticos do dia-a-dia, notou que ficou mais dependente...

Ai sim, sim. Até porque eu moro, eu só estou aqui há três anos e o meu marido morreu já vai fazer 15. Eu morava ali na B. C., numa casa muito grande que só janelas tinha 23. Seis lanços de escadas. Era um casarão muito grande, muito bonito que eu gostava muito. Mas tive que sair porque não era possível agora com a minha idade e com isto tudo. Vagou-se-me aqui um andar e eu passei para aqui mas tem-me custado a adaptar. Tinha de lá muito boas recordações gostava muito da casa, tinha muita largueza e aqui sinto-me muito apertada (risos) ...

É tudo muito pequenino?

Sim, é tudo muito pequenino, tenho tudo feito sempre, lá tinha sempre que fazer e ... as recordações que tenho são todas muito boas e ele... tudo o que era possível ele fazia-me porque... toda a gente diz ele adorava-me, ele tinha vaidade em mim, sabe o que é? Um homem que tinha vaidade na mulher, era isso. Chegava a primavera queria sempre ir comprar toiles para mim, eu andava sempre bem, eu agora... é o que eu digo às minhas filhas eu agora ando é uma farrapona. (risos) o que eu tinha e o que tenho, não é? Graças a Deus tenho a minha independência, não preciso de estar sujeita a... mas foi diferente, muito diferente.

Passou a ser uma só pessoa...

Muito dependente, evidente que eu agora não organizo férias sozinha.

Claro.

Vou com os que me levam, e venho com os que me trazem (risos), aqueles casais que eram nossos amigos convidam-me muito, continuaram-me a convidar e eu uma vez por ano reúno comigo, ofereço o almoço e eles passam aqui o dia comigo. Até sacerdotes que se davam com o C.. Quando ele faleceu apareceram 14 padres no funeral dele, todos a celebrar no altar... eu fiquei tolinha com tanto padre, eu não telefonei a ninguém menina. Ele morreu de sábado para domingo, no domingo não veio nada no jornal porque morreu as 5 horas da manhã, segunda-feira é que se pôs no jornal que o funeral era às 4 horas, quando foram à capela eles foram depositá-lo na sacristia do lado norte da nossa igreja de M., não foi para a capela mortuária, o padre não quis que ele ficasse lá. Eu quando vi vir os acólitos e aqueles padres todos, todos, tantos... a vir buscar o corpo onde ele estava em câmara ardente, depois fomos para a igreja, aquele altar cheio de padres, 14... até cheguei a casa e citei o nome deles todos, todos... todos conhecidos... o funeral dele foi uma apoteose, a igreja cheinha, os escuteiros, porque eu e ele éramos os responsáveis pelos escuteiros cá da paróquia, os escuteiros pediram para o levar, não deixaram ir os senhores do armador, pediram para cobrir a urna com a bandeira deles, ele a entrar na igreja e o coro a cantar.... Eu caminharei na presença do Senhor... olhe toda a gente chorava, ele era muito bom, ele fazia bem a toda a gente trabalhava muito de graça para todos, tudo o que lhe pedissem ele fazia, era... ele deixou boas recordações. Era médico do M. J., via aqueles presos todos, ia naqueles carros blindados, ia fazer as radiografias, ele tratava tudo muito bem. Uma vez estava no cemitério a enfeitar, no princípio e estava a chorar e veio uma senhora ter comigo, não chore, o Sr. Dr. era tão bom, fui lá uma vez tirar um radiografia e ele veio de lá de dentro com um preso com a mão pelas costas dele, a dizer, você está bem, não tem nada de maior, está bem, e porte-se direitinho para vir depressa cá para fora, para ser um homem como deve de ser... um carinho a falar com o preso, aí a senhora não chore que ele era muito bom. E era, é verdade, ele fazia muito bem a toda a gente. A quem ele fez mais falta foi a mim. (risos).

Sem duvida, sem duvida. Surpreendeu-se com alguma coisa, com alguma situação, nesta fase toda que passou, houve alguma coisa que lhe tenha trazido alguma surpresa tanto em relação a si, ao meio que a rodeava, em relação à situação de ter perdido o seu marido, ficou surpreendida consigo em alguma coisa?

Olhe, comigo fiquei, de poder aceitar, que eu julgava impossível e depois aceitar para mim foi uma surpresa. Tive uma surpresa muito desagradável com uma filha que nem gostava que isso fosse transmitido...

...

E lembra-se da primeira vez em que pensou em si própria como viúva?

Filha, eu acho que pensei sempre, ... foi desde a hora que ele partiu, desde a hora que ele expirou eu pensei ... estou só que vai ser? Eu pensei muito nisso, porque eu já pensava antes como já sabia que aquilo era um caso sem solução... que vai ser de mim... E as vezes eu dizia às filhas e elas ó mãe não pense não fica só, a mãe não fica só, mas afligi-me sempre isso... muito, muito...

Quando pensava nisso, pensava na solidão...

Ficar só e a falta que ele me ia... a companhia que ele fazia, porque fomos sempre um casal, que vivemos em harmonia e vivíamos muito um para o outro... viajávamos muito, estávamos sempre no dia-a-dia muito juntos, eu à noite, não tinha empregada e ele, não fazas nada para jantar, vamos lá fora comer qualquer coisa... sempre assim com muito cuidado, sempre agarrados muito um ao outro. E a pensar muitas vezes se ficasse mais nova, com os filhos mais novos para criar talvez tivesse outra vontade de viver, como fiquei assim... tinha 64 anos na altura, agora tenho 78, há 14... fiquei assim muito vazia, muito só... pensei sempre muito nisso.

Alguma vez tinham conversado sobre isso os dois, mesmo antes de ele ficar doente?

Isso sim, antes de ficar doente, ele dizia assim, se tu fores à minha frente, dizia-me ele, eu vou para uma ordem e vou – me fazer irmão leigo, vou fazer bem aos outros, vendo os meus haveres e meto-me lá e acabo lá, dizia ele. .... (risos) era mais uma brincadeira, eu acho que sim, que era mais uma brincadeira do que ... e dizia muitas vezes havemos de morrer os dois no mesmo dia, havemos de ter a sorte de morrer os dois... isso dizia ele muitas vezes, que iam morrer assim.

Era engraçado falar dessas coisas?

Era, mas tenho impressão que era mais na brincadeira do que na, do que no concreto.

Quais são os aspectos mais importantes de ser viúva que gostaria que outras pessoas conhecessem?

Ocupassem o tempo a fazer bem.

Fazer bem.

Ocupassem o tempo a fazer bem. Ocupassem o tempo a fazer bem, porque eu meti-me nas V. e faço. Ainda agora no senhor de M. fazemos um restaurante, sempre, e quando foi o primeiro ano... comecei a descascar batatas, a cegar couve para caldo verde, lavar louça, porque havia uma cozinheira, entretanto essa cozinheira no ano seguinte já não foi, por motivos doente... coitada até pouco durou. E tomei eu conta da cozinha, agora sou eu que comando a cozinha. Ainda este sábado porque... agora este sábado fui fazer um almoço para 65 pessoas. Fiquei muito cansada com aquele calor todo, e depois não é uma cozinha bem apetrechada, é uma cozinha adaptada. Muito calor sem uma tiragem, sem um exaustor, sem nada, foi... mas sinto-me feliz, sabe menina? Fez sábado quinze dias que fizemos uma comunhão para 30 e tal pessoas, fizemos uma comunhão, houve as comunhões cá, do filho do Sr Engenheiro, fomos fazer a comunhão dele. Mas eu sinto-me... fico toda contente com... e então faço muitas coisas para os meus bisnetos, faço os enxovais deles, agora dia 17 chega uma menina. Tenho lá dentro já a alcoba forrada, já tenho os taais todos passadinhos a ferro, até mostro à menina antes de ir. E tenho lá tudo arranjado, gosto de ocupar o meu tempo. Fico toda contente quando alguém me pede alguma coisa, amigas ou assim, ..., peçam sempre que eu quero que me ocupem o tempo, procuro... já fiz uma toalha para cada bisneto para a comunhão deles, agora falta-me para a que vai nascer. A mais velha tem 4 anos, tenho dois de três que são primos e tenho uma menina de ano e meio... já fiz para os quatro toalhas para as comunhões deles. Para uma das mesas, numa comunhão é sempre muita gente e põe-se mais que uma mesa... e já fiz. Procuro ter sempre o meu tempo... nas vendas de natal faço paninhos, com as rendinhas e entremeios todos ligados para pratos de bolos, para tabuleiros, para... sacos para camisas de dormir todos como vende a Vénus da Foz... bordo-as e faço... procuro preencher sempre o meu tempo, com coisinhas. Vem o neto e pede-me isto ou neto mais novo... podia-me fazer um blusão, ou de fazenda ou aquilo que ele quer. Vem o Carnaval, que ele é muito brincalhão, ainda este ano quis uma fantasia de frade aqui se faz a fantasia. (risos) é assim sabe, procuro fazer a vontade às pessoas e ajudo-as... a mais nova não pede muito mas a mais velha pede-me muitas coisas e eu faço.

Está sempre ocupada?

Reúne-os aqui uma vez por semana, é um dia de festa para mim. Fazer sobremesa, fazer o almoço, fazer o jantar... é, é ... e eles gostam muito de cá vir...

Então, com esses cuidados todos...

Eu procuro fazer o melhor que sei e posso... e faço tudo com muito carinho, porque gosto muito deles e para mim é um dia diferente. Aqui na Senhora V. faz umas excursões a Espanha... hoje é terça?

Hoje é terça.

Faz hoje oito dias fui com eles a Espanha, a Vigo. No sábado faz oito dias tínhamos idos as V. todas a Santiago de Compostela (risos) ... e fazemos assim, temos sempre... tenho uma afilhada que também me ocupa muito e me convida muito e me pede muitas coisas, quando tem festas em casa dela vou sempre para lá, assim dois dias ajuda-la... porque gosto de trabalhar e sei alguma coisinha....

E estas pessoas também gostam de si...

Gostam porque eu dou andamento às cosias, sabe? Dou andamento, e peço a minha afilhada, quando tu está a minha beira eu não tenho medo nenhum, sei que vai tudo correr bem... a experiência da idade sabe? Tive uma avó e uma mãe que puxaram muito por mim e eu felizmente sei fazer as coisas mais ou menos direitinhas e gosto de saber... tenho gosto nisso, gosto de ajudar ... gosto de ocupar o meu tempo seja com o que for.

Fantástico, como é que acha que... como é que a D. Albertina mudou desde que o seu marido faleceu?

Albertina não, Conceição.

Peço desculpa.

Mudei como vê.

Como é que mudou, a pessoa mudou desde que perdeu o seu marido?

Mudei, tinha assim um bocadinho de vaidade mais e agora não tenho. Acredite que vou ao cabeleireiro e arranjo-me para não... envergonhar os meus netos e as minhas filhas, gosto pessoal não tenho... não tenho eu ia ao cabeleireiro fazer a minha mise, passados dois dias ia lá ela penteava-me, andava sempre impecável, sempre, sempre... agora vou por uma obrigação... perdi assim o gosto, não tenho... compreende? Foi uma coisa que eu notei. As vezes digo assim, quem me viu e quem me vê? Antigamente, comprava aqueles fatinhos... tinha vaidade em tudo... sentia-me com fogo, agora não. Agora é para não parecer mal, não defraudar a memória do meu marido e para não envergonhar os meus netos que eles gostam muito de mim... gostam, gostam... é uma super avó dizem eles, é uma super avó. Eu vou todas as sextas feiras de manhã a casa da minha neta que tem 36 anos, ela vive ali no P. B. N.... eu vou com a minha empregada, à sexta-feira de manhã, fazemos-lhe a cama de lavado, fazemos-lhe limpeza ao apartamento dela deixo-lhe as jarrinhas com flores frescas. Ela liga a máquina, tem a roupa para passar a ferro, deixamos-lhe a roupinha passada, deixamos-lhe o andar uma frescura e venho embora toda consolada de lhe fazer aquilo. (risos) o outro tem empregada a dias, esta não tem. E o outro é casado, tem dois filhos, já vai para o terceiro, para o mês que vem nasce o terceiro e tem empregada diária todos os meses... esta, chego lá faço-lhe aquilo tudo com a minha empregada e venho-me toda contente embora.

Vem feliz.

À quinta-feira à tarde vou comprar as flores à florista, ponho aqui, as 8 e 30 da manhã está aí o táxi a buscar-me para nos levar a L.. Porque eu tinha carro mas agora há dois anos achei, comecei a perder valores e hoje já é muito difícil de guiar, à muita falta de educação muita falta de civismo, de tudo... e eu disse para o meu genro, olha F., vende o carro que eu não quero guiar mais, não estou em idade de me estar a aborrecer e a incomodar. E eu chamo o táxi de maneira que ele vai levar-me as 8 e 30h e vai buscar-me as 11 e 30h. Eu e a pequena naquelas horas pomos-lhe o andar impecável, pronto. Ela fica toda contente e eu também deixo aquilo tudo fresquinho, é assim que eu ocupo o meu tempo, sabe menina? É dar-me aos outros, eu não faço nada para mim... eu já começo a fazer as coisas para a venda de natal muito cedo para ir acumulando...

Faz-me lembrar tanto a minha avó... (risos)

E eles gostam muito da marmelada feita por mim que eu faço à antiga portuguesa, passada na peneira com açúcar em ponto, de maneira que passo quilos e quilos de marmelo e deixo na arca em taparwares e vou fazendo durante o ano, porque eu aqui não tenho muito espaço para fazer assim muita marmelada, só posso fazer 7 quilos de cada vez.

Só?

E eles comem num instante, eles comem, porque gostam muito de marmelada com queijo, é a sobremesa que eles mais gostam e eu então faço... ainda agora tenho ali um resto de umas tigelinhas que fiz à coisa de três semanas a última, para o mês de Setembro já há marmelos, e é isto menina que eu procuro ajudar os outros e fazer...

Fantástico, D. Conceição, fantástico!

Não é, eu acho que não, eu às vezes digo assim o meu Deus nem tem valor aquilo que faço, não tem, porque eu peço... olhe todas as semanas, lavo a roupa toda da igreja, ainda hoje passei 4 abas, está ali o tabuleiro com as toalhas de renda... todas as semanas vem a roupa da igreja para eu lavar a roupa da igreja, para eu passar... eu vou mostrar à menina para ver que não lhe minto.

Eu sei que eu também tenho uma avó que lava a roupa toda da igreja, as toalhas todas do altar...

E quando é aquelas todas grandes, que estão enroladas em rolos... vem cá para eu passar, vem para lavar e passar, vem em rolos e depois a gente põe em papel vegetal e vai-se enrolando ...

D. Conceição tem muito onde, tem muito do bom envelhecer, sabia?

Olhe o bom é para mim eu ter que fazer senão eu morria de pasmo, e eu não consigo estar quieta, eu não posso estar... à noite estamos a ver televisão e eu estou com a renda na mão... que eu não consigo estar assim... ouço e tenho que estar assim a fazer qualquer coisa a entreter-me senão não consigo... faço colchas de croché e tenho dado as filhas... as netas agora não gostam muito disso, não, mas dei às filhas muitas, fiz umas poucas ... fiz seis ou oito, ate com duas agulhas e tudo, gosto muito de fazer... mas já gostava no tempo do meu marido mas depois de ele faltar eu preenchi mais essa actividade. Tenho os meus pobres da conferência, tenho... que os visito e levo as minhas pecinhas para eles. E temos todas as semanas uma reunião, todas as semanas à segunda-feira de tarde é a reunião da conferência foi isso que eu procurei fazer, sabe a menina? Foi ocupar o tempo, por isso as vezes penso que perante Deus não tem muito valor porque foi para mim, talvez fiz isto por um egoísmo meu de não querer estar a pensar sozinha na minha solidão...

Mas está a fazer bem aos outros e isso é que importa. E bem a si também!

D. Conceição, obrigada.

De nada, e peço desculpa não tenho mais nada para lhe dizer além disto...

...

... Sou muito feliz porque tenho quem me ampare e quem me ajude...

Isso é bom, muito bom...

Eu todos os dias agradeço muito a Deus que Jesus anda comigo ao colo...

É porque merece....

É verdade, se mereço, não sei. Mas que Ele é meu amigo é, e me dá destes mimos porque não me sinto tão só com estes carinhos que eles me dão... ainda no sábado estava a cozinhar lá em cima e a minha filha telefonou, ó mãe, quando é que a posso ir buscar? Ó filha ainda estão aqui muito atrasadas a arranjar o resto das coisas, porque foram 55 pessoas, e depois arrumar aquela louça toda e aquelas comidas e aquilo tudo... e ela ansiosa por me vir buscar e tudo.

E para poder estar consigo, para que mãe não estivesse nem um minuto sozinha.

Eu lá estava com as senhoras todas, pelo menos três na cozinha, mas o que é que estava sempre preocupada comigo...

Fantástico...

Tenho muita sorte nisso... (chora)

Desculpe a emoção... sinto um bocadinho... sempre a falta do meu marido... dentro do mal estou muito bem. Tenho coisas muito boas, mas quando estou pior lembro-me das coisas boas que tenho para... animar...

D. Conceição, obrigada...



**D. Ermelinda 73 anos**

"No dia 17 de Setembro de 1974 faleceu o meu marido, companheiro de 20 anos. Foi uma morte súbita, às três da madrugada, estávamos os dois deitados a descansar, depois de um dia árduo de trabalho, pois estive de serviço permanente nesse dia desde manhã até à meia-noite. Cheguei a casa à uma hora da manhã e com uma gripe. Fui despertada, por movimentos estranhos, e quando vi o que se passava, já nada havia a fazer. Fiquei com três filhos, 19, 17 e 16 anos. As duas raparigas 17 e 16, estavam a passar férias em casa de uma familiar amiga, na praia do F.. O meu filho estava comigo, apercebeu-se que algo estranho se passava e foi ele, e uma empregada que telefonicamente contactaram familiares e amigos, pois fiquei em estado de choque. Vivía e vivo, numa casa isolada, nessa altura, com poucos vizinhos e distantes. Dai surgiram problemas de toda a espécie, pois tinha 41 anos, três filhos a estudar, sem a ajuda e cooperação de um companheiro. Foi um luto difícil e prolongado, com lutas e obstáculos difíceis de ultrapassar, um dos quais posso destacar, pois tive que ir para L., sozinha, enfrentar uma comissão de trabalhadores da empresa onde trabalhava o meu marido, porque queriam acabar com uma pensão, embora de pouco rendimento, a que ele tinha direito, alias a viúva, mas na minha situação, tudo me fazia falta. Era um complemento. Estávamos em Setembro de 1974. Embora muito debilitada e com uma depressão após o falecimento, enfrentei a situação, falei, lutei, relatos da minha situação. Ao fim de quase um ano, venci esta etapa. Graças a Deus. Fui reagindo e com a ajuda de dois psiquiatras dominei, graças a Deus, e à minha fé, a depressão. Tive uma ajuda familiar da madrinha, alias dos padrinhos dos meus filhos, pois as despesas eram muitas e de um dia para o outro, fiquei numa situação nova e mais difícil. A vida social também modificou totalmente, pois tínhamos um grupo de amigos que convivíamos muito mas a amizade também perdurou, pois moralmente, os amigos também me ajudaram. Foi uma experiência dura e dolorosa, pois os projectos que tínhamos, ruíram na maior parte. Os meus sentimentos levaram a uma modificação muito grande, mas a fé em Deus, não foi abalada e essa força é que me deu coragem para ir vencendo as etapas que me surgiram, dia a dia. Continuei no meu trabalho, mas recorri a alguns trabalhos extra, como fazer bolos para as pessoas amigas e aproveitava tudo o que me aparecia neste campo. Como tinha alguma habilidade, fiz também cestinhas com flores, lembranças para os noivos oferecerem aos convidados, baptizados, agarrei-me ao que me parecia impossível, mas com coragem e determinação, consegui vencer. Os filhos, dois formaram-se em farmácia e medicina. A mais nova deu-me muitos problemas, pois não gostava de estudar, frequentou vários colégios, liceu, fiz tudo por tudo, mas não completou o liceu. Foi trabalhar, ao fim de três anos. Tinha de ser. Foi muito difícil para mim e para ela, mas foi a sua escolha, era a solução. Sofri muito com tudo isto, o luto continuava de tal maneira que andei sempre vestida de preto, mais de dez anos e o meu coração e todo o meu ser era triste. Perdi a alegria. Ainda hoje, volvidos 30 anos, recordo com tristeza os momentos passados, mas agradeço a Deus a força que me alimentou e fez vencer, na vida. Tenho uma neta, muito querida, de 21 anos do meu filho mais velho, 50 anos. Estuda farmácia e neste momento, espero uma netinha, que se Deus permitir, irá nascer em Outubro próximo, da minha filha mais nova, a que me deu muitos problemas, mas que é muito minha amiga. Os outros dois, também o são, graças a Deus. Vivo, agora este momento de alegria e esperança. Já não é novinha par ser mãe, mas foi sempre o sonho dela e Deus fez-lhe a vontade. Hoje, com 73 anos é uma satisfação sem limite, ser avó, é uma recompensa vinda do Único e Poderoso Amigo que nunca nos abandona e, que nos dá conselhos com factos da vida do dia a dia. Seguir o Seu caminho é para a viúva, o maior conforto. É o Anjo e que nos guia e ampara. Nunca devemos deixar morrer a Esperança, pois Ele toca-nos, quando menos esperamos."

**D. Maria 80 anos**

Quantos anos estiveram casados?

55 anos, fez este ano 55 anos. Quer dizer, eu acho que seria mais complicado se o meu marido tivesse morrido há mais tempo. Numa altura até em que nós não tivéssemos ainda os filhos criados, numa altura em que ainda estivéssemos mais dependentes disso tudo, não é? A dor seria a mesma. A dor é muito grande mas agora, na minha idade aceitam-se as coisas com mais calma, com mais, como quem diz, tem que ser! É a vida e portanto, nós temos que ir, ou um ou outro primeiro... ele foi primeiro para bem talvez dele porque, estava muito dependente de mim. Ele dizia sempre, coitado, aí quem me dera que eu vá à frente, aí de mim se tu vais e que cá eu fique. Pronto, custou muito, custa muito. Mas é.... sabe eu tenho a impressão que as pessoas só morrem quando nós não nos lembramos delas. Portanto, ele está presente em tudo. Ainda não mexi em nada, livralhadas e tudo. Portanto, vai ser aos bocadinhos. É aos bocadinhos que eu estou a fazer arrumações... há coisas que eu não arrumo, bem de facto. Não mexo, não mexo. Os chinelos dele estão dentro da mesinha de cabeceira, os livros continuam pela ordem que ele os pôs, estão para ali revistas que eu tenho que despachar mas há coisas que realmente continuam, até fatos... os que o filho quis levou mas ainda há muita coisa no guarda-fatos. Mas tenho dado muita coisa, muita coisa.

Quantos anos tem D. Maria?

(Risos).... vou fazer 80 no dia 3 de agosto. De terça que vem a oito dias.

Que memórias é que tem destes 55 anos de casados?

Olhe, coisas boas e coisas más. As boas sobrepõem-se às más sempre. E uma pessoa perdoa tudo quando há até certas coisas pois, tem que se perdoar e quando o amor é bastante a gente ultrapassa muito, ultrapassa muito. Os filhos, é uma vida... fantástica.

Há três meses o Sr. P. deixou-nos....

Dia 19 de abril....

A D. Maria tem uma experiência de viuvez ainda muito curta mas quando olha para estes três meses, como é que relata esta experiência? Começando, por exemplo, pelo dia em que faleceu o seu marido.

Foi horrível. Esse dia foi horrível. Eu nem queria acreditar, não é? E depois, durante bastante tempo uma pessoa esquece e não se acredita, acha uma coisa inverosímil ele ter desaparecido. Ainda hoje, eu às vezes estou a ver televisão e há qualquer coisa que eu sei que ele gostaria muito de ouvir, ele estava sempre aqui (escritório), eu às vezes vinha a correr, nos primeiros dias, vinha a correr para lhe dar a notícia, ou qualquer coisa assim. E estou às vezes à noite a ver qualquer coisa e se é uma coisa que: olha, vê tu o que está acontecer, por exemplo isto que se passou com o governo, e essas coisas. Eu sei que ele não está, eu sei que não está mas digo! Ainda sai...

Que lembranças é que guarda daquele dia, como é que tudo aconteceu?

Sabe, estávamos mais ou menos à espera. Ele tinha muitas doenças mas, sabe, ele só acamou 3 dias antes de morrer. Portanto, ainda falou comigo, ora ele morreu segunda feira de manhã e no domingo de manhã ainda perguntou o que ia ser o almoço. Eu perguntava-lhe sempre o que é que ele queria comer. Sábado tinha estado cá a Zé, tinha trazido leitão, porque ele andava com muita vontade de comer. A R. ainda lhe aqueceu umas febrinhas mas ele pouco comeu. Ele perguntou-me, no domingo de manhã, ele perguntou-me: o que vai ser o almoço? Ele já quase... custava-lhe muito falar. Sim, ainda há leitãozinho. Mas já não comeu nada. Até o sumo de laranja, pela palhinha, que ele bebia sempre, lhe custou a engolir, porque ele já estava com soro e aquilo tudo. Pronto, por mais preparada que uma pessoa esteja, aliás a médica tinha dito que ele podia ficar... ele estava numa pré-coma, de domingo para segunda a noite foi horrível sempre a pôr-lhe oxigénio estava com soro, o enfermeiro veio dar-lhe uma injeção de manhã, veio dar-lhe a da manhã. Eu telefonei ao meu bisneto nesse dia de manhã, na segunda, que ele fazia anos nesse dia. Ele ainda não sabe ainda que aconteceu isto, sabe que o avô que morreu mas não sabe que foi nesse dia. E eu telefonei-lhe a dar os parabéns antes de ele ir para a escola, que ele estava na minha filha, e está e, o meu filho foi para V. C., foi lá despedir-se de nós ao quarto mas, ele já tinha aquela respiração muito esquisita, não é? E o enfermeiro veio dar-lhe a injeção da manhã, e disse: logo à tarde venho dar-lhe a outra. Pois, ele não engolia nada tinha que ser injectável. E, depois, pronto o enfermeiro disse-me: ele está muito pior do que ontem. Ele deve estar a fazer um pré coma. E ele sempre com aquela respiração muito apressa. Fui para a casa de banho arranjar-me, e disse assim: nem vou tomar banho agora, vou logo quando ele estiver mais sossegadinho. Ia só arranjar-me, dar uma arranjadela e comecei a sentir assim a respiração mais (fez sons) e fui a correr para o quarto. Ele já estava sereno, de boquinha fechada e eu pus-lhe a mão e ele ainda me apertou a mão e eu disse: oh Z. não vás, não me deixes. Ele ainda me apertou a mão. E depois, parece que esteve à espera que eu chegasse, deu um suspiro (fez o som) e ficou... toquei logo à campainha para a minha empregada, que estava cá dentro. Toquei, ela foi. E ela disse, oh Maria, achas que o Sr. P. que está.... morreu. Ainda fomos buscar um espelho, para ver se ele respirava... mas pronto. Telefonei ao meu filho a dizer, J. A., olha, ele estava numa aula, anda que o pai está mal. Não disse que ele.... telefonei à minha filha, que estava nas aulas, oh, Z. anda que o pai está mal. E pronto, telefonei à minha irmã, e a minha empregada telefonou já não me recorda a quem. E pronto, passado um bocado já estava aqui a minha nora e a minha filha, a minha ex-nora que mora aqui perto, e a minha filha e depois veio o J. A.. Mas eles já sabiam. Eles pensaram logo que ele já estava... eles disseram, a mãe disse isto mas... foi muito acarinhado até ao fim. Não lhe faltou nadinha.

Mesmo assim, manteve sempre uma cabecinha...

Claro, ele nunca perdeu.... adormecia! Adormecia. Eu tenho a impressão, porque ele tinha muito medo da morte, que dizia: eu vou morrer, eu estou tão mal. Mas quando acontecia isso eu: estás tolo, não penses!

Mas conversavam sobre a morte D. Maria?

Não. Ele é que tinha muito medo de morrer. Dizia: oh mulher eu não estou bem, olha que eu não estou bem. Eu qualquer dia.... deixa lá isso, está sempre com a mania de morrer. Mas nos últimos dias, não falava da morte. Não falava.

De que falavam? Se ele estava capaz de falar, do que falavam?

Falávamos da vida, de férias e tal, vamos lá ver se podemos. Era para... nós no dia 10 de Abril é que fizemos os 55 anos de casados. E ele queria muito fazer uma festinha. Dizia ele: olha vamos fazer a festinha dos 55 anos porque é uma capicua que não voltamos a repetir, porque 65 já era muito difícil. Digo-lhe eu: pronto, vamos fazer a festinha. Mas nesse dia ele estava muito... nessa semana já ele tomou a transfusão de sangue....

Pois porque no domingo dia 11 de abril foi o domingo de páscoa e...

Ele ainda veio à mesa, ainda veio à mesa. Passou aqui a tarde toda a dormir, ele numa cadeira e o meu irmão noutra, que coitadinho que também está doente. Mas foi à mesa e almoçou bem. Veio cá a minha filha e o meu filho, e a R. vieram cá e a minha irmã. É uma minha irmã que também é viúva e o meu irmão. Estiveram aqui todos. Fiz um almocinho, almoçamos aqui todos. Mas de manhã, no dia antes, no dia 10, foi sábado, eu de manhã fui levar-lhe o pequeno almoço e diz ele assim: ai mulher, e começa a chorar... que eu dava-lhe todos os dias o pequeno almoço, há muitos anos, e depois ele estava na cama, desde que foi operado... e depois fui-lhe levar o pequeno almoço e diz ele: ah, afinal, deu-me um beijinho, afinal já não vamos... os 55 anos, tanto queria! Disse-lhe eu: deixa lá, vamos para o ano. E ele, nem festejámos, nem nada, nem nada. Não te preocupes. Eu tinha na véspera, deixei-o deitar, e fiz um bolinho. Fiz um bolinho e pus 5 velas. E levei-lhe à cama, com as 5 velas e acendi-as e ele começou ainda a chorar mais um bocadinho. Depois apagou-as e pronto. Ainda se levantou nesse dia e os filhos vieram cá à tarde e estivemos aí a fazer um brinde, com o bolinho que tinha feito. Eu mandei.... acho que é a campanha, vou já ver.... a minha empregada comprar um cravo e uma rosa, faz de conta que eram os nossos filhos, fiz-lhe uma poesia, fazia-lhe muitas poesias... e todos os anos lhe fazia uma poesia... e ele esteve ali....(foi ver a porta)... e eu fiz-lhe um verso, juntamente com os cravos (foi buscar o verso à sua carteira)...foi no dia 10 de Abril de 2004: "A beleza de uma rosa faz esquecer os seus espinhos, assim nosso casamento tem rosas e teve espinhos mas também muitos carinhos.". Mas sabe, há uma coisa interessante, no dia dos meus anos, no dia 3 de agosto, vai fazer agora um ano, ele escreveu-me um bilhete, que ele já andava assim triste, ele até esteve doente quando viemos da A., porque vamos lá sempre passar uns vinte dias, no mês de agosto não. Desde que deixamos a T., que nós tínhamos lá casa, e começou a ser muito longe para ele poder guiar e conduzir. Ele ultimamente esteve sem conduzir algum tempo mas agora, antes de morrer ainda conduziu, três semanas antes, ainda fomos comer a lampreia a E. R. e ele não quis que eu dissesse nada aos filhos e fomos... para E. R., veja só! E depois, ano passado então, escreveu-me este bilhete que eu depois é que vi a determinação das coisas: "Querida Maria, neste septuagésimo nono aniversário natalício que hoje celebras, faço votos a deus, nosso senhor Jesus cristo, que te continue a acompanhar por muitos anos e que dê toda a tua força e boa disposição com a nossa família acompanhando-te, se tal for necessário. Por mim, em qualquer sítio que esteja, estarei sempre dando-te aquela forcinha que pelo menos espiritualmente sempre gostaria de te dar.".... (silêncio)....

Parece que já sabia...

É, não foi? É verdade... depois é que li isto, já depois de ele morrer, li outra vez com mais coiso... por que naquela altura disse-lhe: olha que tolo e tal....mas li e assim, até aos filhos, e disse, realmente esse bilhete.... é isto!

Que memórias é que guarda, mais marcantes, dos primeiros dias depois da morte do Sr. P.?

Ai, uma angústia terrível, uma angústia terrível. Ficou cá uma minha irmã comigo, eu não conseguia rezar, eu não consegui rezar! Eu faço todas as noites, antes de me deitar, as minhas orações, aqueles primeiros dias eu não conseguia rezar....

Estava zangada?

Não. Estava magoada, angustiada, não conseguia rezar as minhas orações. Muito complicado. Ia para a cama e custava-me muito adormecer, não é? A minha irmã fez-me muita companhia, não me deixou ficar. Eu não conseguia vir aqui para a sala, só conseguia estar na sala de jantar. Agora já venho e pronto... e depois talvez passado para aí.... 15 dias já comecei a fazer a minha vida normal. Foram 15 dias assim de maior choque. Claro, continua sempre, não é? Está sempre presente, em tudo está presente aqui em casa.

E não sente que ele só falta mesma em presença física.

Isso, eu sinto. Às vezes até me arrepio quando estão a falar dele. Custa-me muito ir ao cemitério. Custa. Sabe que a primeira vez que fui ao cemitério, agora já está a campa preparada, mas mesmo assim é quase a mesma coisa. A primeira vez que fui ao cemitério ainda estava a terra, que ainda não se podia... deu-me, fiquei com uns nervos que só me apetecia ir cavar aquela terra toda, porque sei que está ali um corpo a apodrecer! Horrível, é horrível. Eu não gosto de ir ao cemitério. Que hei-de fazer? A minha filha é que vai lá... eu vou uma vez por semana e ela também vai mas, se ela puder ir nem me vem buscar vai e só me diz depois. Eu tenho ido com a minha empregada, sozinha não vou. Porque a mim angustia-me, eu sei que está ali! Aqui em casa, pronto, é presença....

Mas aqui era o vosso espaço, não é?

Ali é horrível, é que nós pensando bem é horrível. Ali está um corpo, dentro de um caixão coberto de terra a apodrecer.... é horrível!

Foi ao funeral?

Fui, fui... só há uma coisa que eu não consigo ver a ninguém e a ele muito menos. Não consegui ver descer o caixão à cova... não consigo, não consigo. Mas fui, fui. Estive sempre. No dia do enterro, quiseram-me trazer para almoçar e eu....

meu deus, eu quando vou à cabeleireira também não almoço, hoje ia almoçar quando... é o último tempo que posso estar aqui, ao pé dele fisicamente, não é? Não vim, lá estive sempre. (silêncio) A viuvez é assim.... quando se gosta, quando se ama. E é claro, em todos os casamentos há coisas boas e coisas más, há discussões, há aborrecimentos. Nós não somos... mas claro, a gente quando gosta, gosta e é tolerante. Uma das coisas do casamento... e isto também é para si, a tolerância é essencial. A tolerância é muito importante. Porque nós, quando gostamos de uma pessoa temos que gostar dela também com os defeitos que tem porque nós também temos. Não é? Se pudermos limar esses defeitos, é maravilhoso. É maravilhoso. O homem faz a mulher e a mulher faz o homem. E se pudermos isso é fantástico.

Faz uma relação muito bonita não é?

É. Tem que se saber viver em conjunto. Agora, os casamentos de agora, são a ver se dá!

Para ver se dá para fazer 50 anos de casados ou 55 anos, como os meus avós que já têm 50 anos de casados. Eu casei quando eles fizeram 50 anos de casados!

Que maravilha... Deus queira, mas olhe, os meus filhos não aconteceu assim. A minha filha esteve casada 5 anos. O meu filho do primeiro casamento esteve 21 anos mas deu-lhe a loucura e agora já se está a divorciar do segundo. Custa muito, custava ao pai muito, custa-nos muito. Mas a vida é deles, eu não tenho que me intrometer. A vida é deles. Procurámos.... procuro ajudá-los e dar-lhes os meus conselhos...

O que é que mudou na relação com os seus filhos?

Bem, eles sempre foram chegadinhos, não é? Mas agora, realmente, estão, estão a dar-me colo que é uma coisa por demais. Estão sempre a telefonar, eu telefono, duas vezes ao dia ou sei lá quantas e eles vêm, vêm-me buscar e.... procuram que eu não esteja só muito tempo. Queriam muito que eu fosse para casa deles ou assim, um e outro mas eu não vou. Vou só quando me apetece. Enquanto estivesse com saúde, não digo que de hoje para amanhã adoeca e não precise de um deles constantemente mas, procuro até não os aborrecer e que ninguém me aborreça. Gosto também de estar.... eu não me importo de estar só. Eu preencho o meu tempo. Não me importo nada de estar só. Não, não me importo. E portanto, gosto de estar na minha casa, de fazer aquilo que me apetece. Muito independentesinha.... mesmo quando o meu marido esteve doente, há 4 anos, quando foi operado e esteve 5 quase 6 meses no hospital. A Z. dizia-me: mamã venha para cá. Não minha filha. Fui só uma vez lá, passar com ela de um dia para o outro. Estava com a tensão muito alta e fiquei lá. Não minha filha, estou na minha casa. Ah, mas mamã está.... deixa para lá, não estou só, tenho o telefone, tenho o telemóvel, tenho-vos a vós, pronto. Só se um dia estiver doente e aí, que remédio terei.

Não vai abdicar deste seu princípio de permanecer na sua casa?

Não, não, não! Não abdicó. Mesmo o meu marido me dizia, nunca deixes a nossa casa. Dizia-me sempre. E não era preciso ele dizer-me. Eu tenho mais duas irmãs viúvas e estão cada uma em sua casinha. Sozinhas.

Acha que se mantém saudáveis assim?

Ui, que bem! Estão muito bem. Mesmo essas duas irmãs, uma já tem 85 anos, tem 3 filhas, todas formadas e, tem muitos netos e, vão tudo lá. Os netos vão lá almoçar quase todos os dias. E a outra minha irmã não tem filhos, está viúva há 16 anos. Também vivem pertinho uma da outra e todos os dias de manhã saem as duas. Eu às vezes meto-me no autocarro e vou ter com elas, vou lá acima ao M.. Vou ter com elas. Ainda ontem fui à baixa, fui ter com a minha filha e almoçámos por lá e.... bem, procuro preencher o mais possível.

E os rituais do luto... está de preto....

Estou. Estou porque não me apetece por outra cor. Eu tenho já coisas pretas e brancas, a minha filha está sempre a dizer: mãe, ponha branquinho. Olha minha filha, agora quando eu for para a praia, até comprei um fatinho com um risquinho begezinho e uma blusinha que tem um pouquinho de branco, vou por, para já não me apetece. Quando me apetecer eu ponho, não me importo nada. Não é por causa da sociedade, nem dessas coisas. É porque me apetece, apetece-me. E pronto... mas quando me apetecer tirar, tiro. Para já estou... foi a missa do 3º mês, na segunda-feira à tarde, na capelinha. Vieram as minhas irmãs, os filhos não puderam, ainda tinham reuniões na escola. O J. A. faz parte da... do grupo de exames, não é? Daquela coisa toda do secundário e tem tido muita coisa que fazer e a Z. também andava com as matriculas, e com aquela coisa toda e portanto não vieram. Fomos de manhã ao cemitério, eu e a Z., fomos lá arranjar e depois ela veio-me trazer a casa e foi à vida dela, não é? Foi à escola. E é assim as minhas irmãs é que vieram cá a baixo, é vieram, fomos lanchar à confeitaria e depois fomos para a missa.

Quais foram as grandes mudanças desde que o Sr. P. nos deixou? Que grandes mudanças são que destaca deste pouquinho tempo, mas já deu para sentir algumas diferenças grandes.

Em que sentido Alexandra?

Em si, na sua vida....

Bem, tornei-me... tenho mais tempo, tenho tempo até demais. Tenho mais tempo não estou preocupada, acalmei, isto é assim mesmo, acalmei porque não estou preocupada com horários rígidos, estava muito dependente dele, qualquer coisa que eu fazia era... até a tomar banho eu era numa corrida e quantas vezes vinha embrulhada na toalha que ele chamava-me... era um ... portanto, uma mais liberdade de acção, porque tenho infelizmente, porque tenho. O resto, claro, já não faço refeições às horas normais, é só quando me apetece, ora bem...

Já não se sente tão presa...

A pois não estou, infelizmente não estou, pois não...

Disse-me ao bocado que ocupava o seu tempo...

Ocupo, olhe leio muito, faço palavras... ao bocado é que tirei daqui as coisas por causa da menina vir cá. Leio muito, ontem vi um filme, anteontem um filme ate a uma e tal na um, lindíssimo, gostei imenso, muito interessante e faço palavras cruzadas, vou fazendo um bocadito de malha.... Faço as minhas compras claro, e pronto... vou ao cabeleireiro, de quinze e quinze dias vou lavar a cabeça arranjar, ela coitadinha até esta mal, foi atropelada, ai ao bocado liguei lá para casa, esta semana não vou lá. Telefonei, ela foi atropelada, coitada, aqui em frente, a atravessar na passadeira, a D. R., é verdade, quebrou uma quebrou uma vértebra e uma costela... mais...

Mais... qual é o aspecto mais difícil que destaca desde essa altura? O que é que tem sido mais difícil?

As noites... as noites...

Quando se vai deitar ou quando chega à noite?

Quando chega... a hora de deitar, não me vou deitar à hora, só me vou deitar quando estiver bêbada de sono... quando eu sentir que vou dormir é que vou para a cama, seja a hora que for... por que se for sem sono não consigo dormir e é muito pior. Começo a cismar a pensar muito nele, que não está cá, nessa altura é que penso mesmo... nessa altura fico assim um bocadinho angustiada e portanto evito, procuro isso quando estou mesmo com muito soninho, muito cansada, com muito sono, e isso....

Surpreende-lhe alguma coisa nesta situação toda... surpreendeu-lhe alguma situação algumas coisa que não estava a espera que acontecesse de determinada maneira, o que é que a surpreendeu durante este tempo?

Não sei... talvez... sei lá...

Em relação aos seus filhos, aos seus netos...

Não me surpreendeu porque eu já tinha a certeza, mas agora é que eu tive a certeza que realmente sou muito amada por eles todos, não é! Muito amada por eles todos e o meu marido era uma pessoa muito amada por os amigos e por toda a gente. Era muito, foram muito, toda gente foi fantástica. Tudo, tudo, tudo... e aqui em casa e tudo... telefonemas e visitas, e isso todo, foi, foi, foi... (surpreendeu-a? Teve a confirmação!) é, não me surpreendeu muito. E tem um amigo dele, que faz muita poesia, as vezes de pé quebrado fez um elogio fúnebre maravilhoso, lindíssimo, lindíssimo, até depois me mandou. E surpreendeu me pessoas que nem eram relações nossas, o senhor da drogaria apareceu lá, o senhor da garagem apareceu lá também, o senhor da papelaria, o Sr. R. também apareceu, a minha cabeleireira lá foi com um raminho de rosas, até vizinhas aqui, uma senhora que foi minha colega do liceu também lá estava, não tem mesmo intimidade nenhuma. Foi realmente, foi assim... foi, foi, foi... fora a família claro e os nossos amigos. Até de P. de F. onde eu dei aulas tenho lá dois afilhados... também veio tudo de lá de cima, foi, foi, foi... os vizinhos todos, só tenho que dizer bem, foi tudo, ate um vizinho antigo era aqui nosso vizinho do 10, o coronel, o tenente-coronel, que vieram aqui quando viemos cá para a casa, e havia o Tó do 10 e o Tó 11. O 11 era do meu filho que ele é o médico, é o director do hospital M.L. É A. F., namorou com a minha filha seis anos, era um tímido, passava a vida aqui em casa, e o tenente-coronel, apareceu lá também, não sei quem é que lhe disse, coitado, mas pronto....

Falamos dos filhos, alterou a sua relação com eles, falou que se aproximaram...

Mais ainda! Mais ainda! Mais ainda! Eu... Mais ainda! Embora eles estivessem sempre presentes. Ainda então quando o pai esteve doente nem queira saber... passávamos os três o dia inteirinho no hospital! Nunca me deixaram estar só e o meu filho estava a fazer o mestrado estava com um ano sabático e ate esteve perdeu umas cadeiras por causa disso, e a Z. deu parte de doente, para estar a minha beira, as netas, a R. e a M. sempre. As outras estão lá fora, não iam tanto. Mas realmente eles continuaram mas agora mais que nunca, agora estão mais presentes ainda. E agora já posso sair mais com eles porque...

Já tem mais disponibilidade.... E os amigos?

Os amigos... ora bem... os nossos amigos, nos nunca fomos... saíamos as vezes, mas sabe quando chegamos a uma certa idade já não há aquela coisa de ir para aqui para ali.... Mas antes saíamos, íamos ao cinema tínhamos uns casais, fazíamos férias e assim juntos... chegasse a uma certa idade cada um ... uns morreram outros estão... um casal amicíssimo nosso não tiveram coragem de o visitar, mas telefonam-me sempre, telefonava todos os dias, que é amicíssimo do eu marido que já esta muito doente das pernas, tem outro que era amicíssimo dele que também esta na povoia morreu-lhe uma filha, filha única com cancro, casada com um médico... tem outro casal que também. Não fui a casa deles nem eles vieram cá. Tenho uma amiga essa vem cá muitas vezes, tem graça que era colega do meu marido e foi colega dele e conhecia por intermédio dele, de irmos aos almoços de curso... porque o ano passado ainda foi ele que organizou o almoço de curso... era quase sempre ele que organizava... este ano não organizou claro... este ano ele tinha dito este ano não estou com forças. E o almoço foi depois de ele ter falecido, mas eles telefonaram a convidar-me, que era para eu ir, e eu disse a quem organizou que... até é um dos sócios do F., de lá de baixo, daquela casa de langeries. E telefonou-me, ó Maria precisávamos que viesse, olha não vou por duas razões, primeiro sentia-me muito triste, segundo era uma nota triste que eu ia dar um acontecimento que para voz era uma alegria encontrar... claro faltam sempre muitos começam a morrer... estamos na rampa de lançamento...

Ainda temos muitos quadros para pintar até ao último quadro...

pois temos pois temos... se Deus quiser... pois temos...

Como é que projectou a sua vida a partir daquele dia?

Na mesma...

Não mudou nenhum plano?

Não mudei... ainda pensei fazer um voluntariado num hospital ou assim, mas depois ia ser muito doloroso para mim.... Aquela gente toda me conhece muito e ia ser muito doloroso. Depois a médica até me disse, a médica que era dele, e que agora até me quer ver e tal... ela até me disse, porque que não se mete na universidade da terceira idade, e eu estou a tentar, para o ano se ainda estiver com vontade ainda vou... vamos lá ver.

Tem pintura...

Tenho uma prima que tem feito centenas de quadros (risos) é ...uma prima também viúva... na nossa família é viúvas por todo o lado (risos) tem muitas viúvas, na minha família é só viúvas, é verdade!

Está difícil encontrar...

Sabe porque não, Eles casam logo...Ou então morrem antes! Eu tenho o meu irmão viúvo, enviuvou há três anos, mas esta com Alzheimer, na cabeça, espertíssimo, um rapaz espertíssimo, médico, e agora esta com Alzheimer, veja só.

É muito complicado....

E tenho estes amigos viúvos, este da F. é viúvo também, a mulher morreu antes do meu marido uns anos largos, ainda conheço alguns viúvos, ainda conheço... mas maior parte, é isso...

Maior parte ou casam logo ou entretanto adoecem e morrem.

E morrem mais homens que mulheres. O homem morre antes, o homem tem uma duração de vida menor que as mulheres...

Nós duramos mais tempo, e eles acabam por morrer primeiro.

É esquisito não é, o sexo forte vai antes do fraco, é ou não é? (risos)

É verdade! Constatamos que afinal eles até não são assim tão fortes.

Lembra-se da primeira vez que pensou em si como viúva?

...Olhe, foi precisamente do dia em que ele morreu, e eu disse assim, e agora...

e agora sou viúva...

e agora...

nunca tinha pensado antes, mesmo quando ele foi operado?

Pensei, nessa altura pensei, pensei mais que agora. Porque nessa altura o médico tinha-me e dito, ele esteve em coma muito tempo. Estava sempre a espera de chegar lá, eles diziam nos não pudemos assegurar nada. Estava sempre a espera de chegar ao hospital e eles dizerem que ele tinha falecido. Foi nessa altura muito mais que agora... eu agora não estava assim muito bem preparada.. bem eu, o médico tinha dito, que realmente ... quisemo-lo levar para o hospital precisamente por isso... não demos tudo o que demos no hospital, veio o soro, o oxigénio, vieram os enfermeiros, veio tudo isso, e... mas foi uma coisa mulato rápida, não é... no sábado vem, na sexta-feira... bem, coitadinho, ele já andava assim muito fraquinho. E ele tinha-me dito na sexta-feira de manhã, sinto-me tão cansado, e disse assim, olha deixa-te estar na cama hoje, trago-te o almoço à cama, não te importas, não, trago-te a comidinha pronto. Na sexta-feira é que ele acamou. Portanto mal via ter sábado e domingo... pois... sábado ainda falou comigo, mas ao jantar só bebeu um bocadinho de sumo...

E quando pensava em ser viúva, o que é que lhe passava pela cabeça, que noção é que tinha disto de ser viúva. Já sei que tem duas irmãs viúvas e que também que lhe podia dar a noção de viuvez...

Era... viver sem ele... não é? Procurar viver sem ele e levar a coisa para a frente, não começar a lamentar-me e a choramingar, não adianta, não adulate, nunca tive magoas dos outros, nem nada com isso, e a magoa grande não é preciso estar a chorar e a gemer para se sentir, não é? Eu tenho esse temperamento, mesmo chorar é muito difícil chorar. Eu sou capaz de chorar ao ver uma pessoa com fome, mas se for uma dor muito grande minha eu não choro....

Aguenta-se bem?

... é pior. É pior, sabe?

Que é que acha que as outras pessoas conhecessem disto de ser viúva, que é que acha que passaria a outras viúvas, da sua experiência.

Que tenham resignação, que vão para a frente. Que não se ponham em casa a lamentar e chorincar como eu tenho por acaso uma amiga, que ela envelheceu não sei quantos anos com a morte do marido, passa os dias a chorar, não quer sair de casa, é um sariinho muito grande. E tem uma filha e um filho também, mas nem queira saber o que ela foi. Começou por não se vestir em condições, andava para ali como calhava, não ligava nenhum, agora é que já esta, essa é que foi uma coisa... nem queira saber! É verdade!



Acha que as pessoas devem olhar a vida de frente?

Eu acho que sim. Se há uma doença que a gente esteja doente, muito debilitadinha, a gente não pode. Mas o resto tem que se andar, pronto, nos também vamos qualquer dia e portanto,... não é a gente ficar sentada num leito para da a chorar que isso é que mostra que gostamos deles ou assim... não é? Coitadinho, faz-me muitíssima falta. Muita, muita, muita, muita.... Mas olhe tem que se viver....

Tem que se viver....

Tem que se viver e temos filhos e querem a mãe viva...

Acha que se não tivesse filhos ia ser muito mais difícil?

Muito mais, de certeza absoluta. De certeza absoluta, muito mais, embora eu tenha essa irmã viúva que não tem filhos... mas vive ao pé dessa minha irmã, saem as duas todos os dias. O meu filho é afilhado dela e a minha filha adoram -na e as outras minhas sobrinhas todas, e nunca deixam a tia....está sempre... todos as três somos do mesmo género .É, é... essa minha irmã então que tem 85 anos, já fez, é uma vida, também o casamento dela durou... quarenta e tal, quarenta e nove anos, o marido dela já morreu a 37 anos, mas ele era professor.... E era arquitecto.... Tem três filhas e muitos netos e tal ... também.... Andou de luto, se foi um mês foi o máximo...( risos) agora anda com todas as cores, também já lá vão muitos anos, mas anda... e a outra é a mesma coisa... é cor-de-rosa é azul clarinho, é...todas loiras também , vão ao cabeleireiro toadas as semanas...há a sorte de graças a Deus haver saúde, porque não havendo saúde não sei o que seria. Se eu fosse uma pessoa muito doente não sei o que seria de mim... e assim lá vou enquanto Deus me der força e saúde.

Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar em relação a este tema?

Não sei, acho que a vida é assim , há uma nascer, um crescer e um morrer, e infalível, um antes e o outro depois, todos... quando vão os dois ao mesmo tempo será uma sorte para ambos, não sei...mas alguém tem que ir a frente.. temos que nos convencer que a vida é assim mesmo, a vida é assim mesmo, não somos eternos...

Obrigada,

Foi um prazer tê-la aqui comigo.

**D. Antónia 80 anos**

Aquela que eu gostaria que me valorizasse mais e que estendesse mais e que me explicasse mais é que me falasse da sua experiência enquanto viúva. Já é viúva à 17 anos e eu gostaria que me falasse da sua experiência, começando por onde achar melhor: começando pelo dia ou pelo momento que achar mais importante. Queria que me fizesse uma história com princípio, meio e fim tentando dar-lhe um seguimento até aos dias de hoje.

Não sei se isso interessa realmente; vou começar pelo princípio da doença do meu marido: foi uma doença rápida. Não sei isso interessa realmente porque nessa altura eu ainda não estava viúva mas eu sei que fiz uma viagem com o meu marido e no regresso de avião ele sentiu-se constipado, mas atribuiu ao AC! Mas como nós vínhamos de um país quente (do Brasil) e lá havia AC em todos os hotéis não seria muito provável mas claro que podia acontecer... Regressámos em 29 de Abril. Depois casava uma filha a 30 de Maio e o meu marido continuava constipado, os próprios filhos achavam que o pai devia tomar certos medicamentos mas... lá tomando, mas sem aquela persistência: tomava, sentia-se melhor e desistia. Fazia pausas! Quando a filha casou ficamos mais livres e então um dos meus filhos que estava no Hospital de S. J. disse: "o pai hoje vai comigo ao hospital para fazer uma radiografia que isso assim não está bem"; o meu marido foi fazer a radiografia e ela acusou logo um cancro nos pulmões. Mas nem o meu marido soube nem eu soube: isto ficou só entre o meu filho e o médico que avaliou a gravidade do seu estado. Entretanto o meu marido faleceu: isto aconteceu nos primeiros dias de Junho e o meu marido faleceu em Outubro. Por isso em Outubro foi uma curta doença mas uma doença muito complicada... eu penso que o meu marido também nem se aperceberia ou estas doenças... fazem com que, não sei, as pessoas com certeza podem ter um pouco... sentem que estão muito doentes mas sempre com esperança. Isso aconteceu realmente... o meu marido morreu e como sabe fiquei abaladíssima porque ele era muito novo, tinha 66 anos, podia viver muito tempo e senti imenso a falta do meu marido... mesmo muitíssimo... até vou aqui dizer-lhe: tinha-nos morrido uma filha com 18 anos... é uma coisa que não se pode explicar o que é perder um filho mas eu penso que foi mais difícil para mim viver o princípio, aqueles primeiros anos da minha viuvez do que propriamente quando perdi a filha: porque quando perdi a minha filha tinha o meu marido, tinha quem sofresse comigo, tinha quem me consolasse e ao mesmo tempo quem sofresse! E com o meu marido tinha os filhos porque fiquei ainda com 5 filhos e 2 ainda estavam solteiros e (desculpe que eu fico sempre emocionada quando vivo mais esta dor) e eu tinha ainda companhia em casa e os filhos que estavam fora também me faziam o máximo de companhia mas é diferente daquela companhia constante, aquela companhia que estava sempre presente, tinha desaparecido... realmente foi sempre difícil e continua a ser difícil porque quando o marido é companheiro, quando o marido é amigo, quando existe um elo muito grande entre os dois é muito difícil quando esse elo se rompe... é mais ou menos o que tenho a dizer-lhe porque graças a Deus eu não fiquei com privações de nada, eu mantive sempre o mesmo sistema de vida, vivi sempre com o indispensável, até com mais do que o indispensável... os filhos continuaram sem dificuldade nenhuma a avançar nos seus estudos que era o que faziam nessa altura. Os outros que eram casados estavam a fazer a sua vida... mas faltava-me aquele amigo sempre presente. Continuo acompanhada... porque... realmente quando me falou logo lhe disse que a única coisa que lhe podia dizer era aquilo que eu senti com a falta do meu marido e que continuo a sentir porque há sempre necessidade de um conselho, de um apoio... e quando fiquei viúva, era tão apoiada: eu nunca fui independente, também tinha 6 filhos e todos precisavam de mim e eu fui sempre dona de casa; quando o meu marido faleceu eu não sabia praticamente preencher um cheque, nunca tinha preenchido um cheque, nunca tinha feito nada... o meu marido é que tratava de tudo...

E como é que foi a partir daí?!

A partir daí tive de me preparar para a vida... tive de aprender, tive de realmente de lutar porque nesse aspecto eu era completamente ignorante... em várias coisas que tinha de resolver na casa, mas também sempre apoiada pelos filhos mais velhos...

Os seus filhos como é que... quando perdeu o seu marido o que é que mudou na sua relação com os seus filhos?

Praticamente não mudou nada porque os meus filhos foram sempre muito presentes também, muito amigos da mãe, dos pais... sentiram também muito a falta do pai, mesmo os mais novos... é que eu tive dois filhos já podia ser avó! E esses mais novos que ainda não estavam preparados para a vida, sentiram a falta do pai, porque o pai apoiava-os muito, mas a relação dos meus filhos para comigo foi talvez um pouquinho mais presente, porque nessa altura sabiam que a mãe estava mais só então aproximaram-se mais mas de qualquer maneira os meus filhos foram sempre...

Nunca a abandonaram

Não! E até me animaram: "a mãe tem de fazer, a mãe tem agora de tornar-se independente" e eu também procurei tornar-me mais independente, mas isso foi difícil para mim...

Em que sentido?

No sentido de aprender a contactar as pessoas que me podiam ajudar em dificuldades, mais isso que outra coisa...

Lembra-se do dia em que faleceu o seu marido?

Lembro-me muito bem... estava muito doente como disse, com uma doença terrível... estávamos os dois no mesmo quarto e o meu marido morreu durante a noite... ele tinha muita dificuldade em respirar e eu sentia sempre aquele barulho que ele fazia a respirar e de repente deixei de sentir... deixei de sentir... e levantei-me para ver... estávamos em camas diferentes no mesmo quarto e o meu marido estava morto. Tinha os 2 filhos mais novos em casa e foi um sofrimento muito grande... quando senti que realmente o perdi. Nessa altura não pensei em dificuldades nenhuma que podiam advir, pensei só na dor de perder o marido, de sentir que o meu marido estava morto... porque ignorava a situação e a gravidade em que ele estava apesar de realmente o meu marido uns dias antes de morrer já não trazia aliança porque não lhe servia, já não trazia relógio porque não lhe servia mas apesar disso tudo, não sei, estamos sempre com esperança. O choque é sempre grande, é sempre grande... porque se espera sempre que haja um milagre.

Desde Junho até Outubro conversou com o seu marido alguma coisa sobre uma possível morte?

Não.

Nunca se falou nisso?

Nunca. O meu marido não falava, e eu não tinha coragem... o meu marido era uma pessoa muito responsável e sempre... tinha tudo muito organizado. Nunca me falou em nada e eu também não tinha coragem. Uma coisa que me pesa imenso... pesa-me imenso porque poderia ter falado ao meu marido: o meu marido não era católico praticante e eu era católica praticante. Ele levava-me à missa, deixava-me ficar e depois ia-me buscar à noite mas não ia à missa. Ele até era duma família também católica mas não ia à missa. No entanto... eu tenho a certeza que ele acreditava em Deus mas nunca manifestou... eu nunca tive coragem... sabe o que é? Eu realmente era uma pessoa pouco preparada para a vida... a não ser criar os filhos e tratar dos filhos era muito pouco preparada... e nunca tive coragem até de falar ao meu marido até porque ele tinha na família padres e eu nunca tive coragem de lhe falar num possível encontro com um padre e eles também diziam que tinham um padre em Aveiro, mas eu nunca o preparei... o meu marido morreu sem preparação nenhuma... lá no seu íntimo não sei o que ele pensou e como ele encaminhou a sua última caminhada... mas eu sinto-me triste por não ter tido coragem nunca de lhe falar num possível encontro com um padre e num possível sacramento da santa unção... nunca lhe falei. E.... (suspiro seguido de risos)... não sei!

Como é que foram os dias a seguir? Tem memória disso?

Tenho memória e sempre gostei de continuar a falar do meu marido com se ele estivesse vivo... há pessoas muitas vezes... quando morreu a minha filha eu sentia necessidade de falar dela, falava dela... e muitas vezes quando estou com uma pessoa que perde o seu marido eu não sei como agir... não sei se essa pessoa gosta de falar do seu marido como se ele estivesse vivo se não, mas quando gosta eu sinto-me muito feliz de a apoiar dessa maneira porque eu sentia-me muito apoiada quando tinha a possibilidade de falar do meu marido, gostava de falar nele... Ainda hoje gosto de falar do meu marido como se ele estivesse presente e está presente.

Que memórias é que guarda? Quanto tempo esteve casada?

Estive casada 38 anos. Guardo memórias muito boas e algumas menos boas, não é? O meu marido foi sempre um companheiro excepcional... muito ligado à família... e isso é uma memória maravilhosa para mim. Ele tinha uma vida... tinha um curso superior, era formado em engenharia civil, teve a sorte de se manter muitos anos, trabalhava numa companhia que não lhe pertencia, não é?... mas teve a sorte de trabalhar muitos anos cá no P.. Eu lembro-me que só num ano é que se teve de descolar para A. e eu fui com 5 filhos para V. F. X.... o mais novo tinha 3 anos, mas ele sentia tantas saudades da família e nessa altura era muito difícil fazer uma viagem de carro de A. para o P. aos fins de semana porque os meios de comunicação eram muito mais complicados e até as vias de comunicação eram difíceis e o meu marido teve necessidade da companhia da mulher e dos filhos... isso é uma recordação ótima que eu tenho da união... está claro com as suas ... (risos) os seus desentendimentos, pois com certeza, mas coisas sempre passageiras.

Pequenos desentendimentos...

Sim. O meu marido reformou-se cedo... porque, entretanto... como disse ele teve a sorte de estar muitos anos cá no P. e ir encaminhando os filhos até quando mais necessitavam da mãe e do pai e, depois quando as obras eram mais para o sul... o meu marido esteve na T. a construir uma coisa muito grande mas não era capaz de partir à segunda para o seu trabalho e regressar à sexta para passar o fim-de-semana com a família por isso reformou-se cedo. Eu achei que nessa altura o meu marido estaria a reformar-se cedo demais até porque era desvantajoso a reforma nessa altura porque não perfazia aquilo que nós (risos) tínhamos interesse... achei que se ele aguentasse mais um ano que era bom mas ele não.... isso é algo que me consola porque o meu marido viveu os últimos anos bem, junto da sua família, no seu lar, sem deslocações que o cansavam e que não lhe agradavam e fez aquilo que quis e que pode durante aqueles anos mais tranquilos. Isto também é uma coisa boa para mim. Ele poder viver... eu não aceitava muito bem... eu não aceitava muito, eu aceitei mas achava que realmente seria mais prudente para o futuro dos filhos. Porque nessa altura as mães... os pais pensavam muito no futuro dos filhos, agora não se pensa tanto, é tudo mais: deixa correr, não é? (risos)

E netos? Tem netos?

Tenho oito netos. Até são muito poucos, são muito poucos porque tenho 5 filhos casados, não é? Três têm 2 filhos cada um, tenho uma filha que tem uma filha também que está em Psicologia, engraçado (risos). Está em Psicologia, tem 20 anos mas essa minha filha, teve um primeiro filho que era rapaz, era um rapazinho, nasceu o rapazinho, penso que nessa altura ainda não se sabia, não queria saber. Teve um rapazinho, e esse rapazinho nasceu com uma deficiência... nasceu com muito pouco peso e morreu... durou um mês e não foi só por nascer com pouco peso é que era uma criança com deficiência. E depois ela gostava imenso de crianças, é a que é educadora de infância, gostava muito de crianças e tentou. Tentou, procurou vários médicos, falou com vários médicos a ver se haveria possibilidade de ter filhos com saúde e os médicos diziam-lhe que sim, que por ter um filho com uma deficiência... ele não era... era uma deficiência qualquer muito complicada que foi muito difícil descobrir a causa. Ele morreu no hospital de S. J.. E disseram que... animaram-na e ela engravidou de novo e teve uma rapariga. A rapariga nasceu perfeita e graças a Deus é perfeita. Depois, quando... queria mais filhos, voltou a engravidar e quando o pai morreu estava grávida, e não queria saber... antes de saber a gravidade do estado de saúde do pai, ela não queria saber o sexo do bebé. Mas depois quis saber para dizer ao pai. Quando soube que era um rapaz, disse ao pai para o pai se sentir feliz, para ficar muito contente. Esse rapazinho depois de nascer, morreu, como o outro. Por isso, ela não podia ter rapazes, os rapazes nasciam todos com a mesma anomalia. E tenho uma filha também que é (eu agora já não estou a falar da minha viuvez, mas estou a falar também da união com o meu marido, não é? Porque estou a falar dos meus filhos). Tenho uma filha que ficou viúva com 42 mas nem lhe digo para se aproximar (risos) porque ela é tão fechada, essa minha filha, que até eu não consigo entrar lá dentro. Ela tem muitos problemas, porque ficou com um único filho, e esse filho ficou sem pai, também, aos 12 anos mas foi sempre uma criança muito difícil, muito mau estudante, muito preguiçoso, ela anda sempre com o filho de explicação em explicação, de explicador para explicador e não consegue nada. Por isso, nem a compensação do filho ser um aluno razoável, não queríamos que ele fosse um aluno excepcional mas um aluno mais certinho. Já perdeu 2 anos, estava... reprovou no 7º ano, reprovou agora

no 8º ano. É um rapaz enormíssimo, gordo e altíssimo, mesmo, mas... e até isso preocupa a minha filha porque ele vai sempre para turmas de criancinhas, porque não avança, não é?; fica sempre ali. Por isso essa minha filha daria até... talvez lhe desse um testemunho muito bom mas ela é muito fechada.... é complicado... (sorriso). Há uma amiga minha e que até faz parte do MEV, a E. conhece muito bem, ela talvez lhe dê também... se quiser que lhe fale.... tenho uma outra amiga que também é viúva, foi viúva muito mais nova do que eu mas, que a conheço há muitíssimos anos que também ficou viúva um pouco antes de mim, mas ficou viúva mais nova do que eu e, mas não sei... também é uma pessoa tão independente mas que... o testemunho dela devia ser muito bom, porque é muito diferente do meu. Eu vesti-me de preto, vivi muitos anos de preto, muitos anos não me apeteceu sair de casa, não me apetecia ir a parte nenhuma...

Ora fale-me lá desses tempos.... ora conte-me lá!

Olhe... (risos) eu...

É que teve mesmo ritual de luto!

Tive ritual de luto, e luto muito pesado e muito demorado... muito demorado. Esta... os meus filhos por fim, traziam, ofereciam coisas menos pesadas, até digo chocantes para mim porque para mim, tudo me chocava, tudo que fosse mais claro do que aquilo que eu queria usar... usava por dentro e queria transpor para o exterior... era a mesma coisa, tanto dentro como no exterior... andava tudo negro. E os meus filhos traziam-me coisas cinzentas ou pretas e brancas e... eu tinha uma... não tinha vontade nenhuma de usar aquilo. Gostava de dar prazer aos filhos, porque eles traziam essas coisas para que a mãe enfrentasse melhor a sua situação mas eu não tinha coragem... era raríssimo por uma coisa mais clara e só quando eles estavam e só quando sabia que ia estar com eles para não os entristecer. Depois, à medida que os anos foram passando realmente senti necessidade de, até porque tinha netos muito novinhos, que viam a avó sempre de negro e achavam estranho, porque a outras avós andavam de cor e com cores mais bonitas, eles não compreendiam porque... na situação não compreendiam a causa e senti uma certa... ficavam...até um pouco mais deprimidas, até as próprias crianças ficaram mais deprimidas (risos) e eu então comecei a usar outra cor, outras cores. E é uma transformação grande em mim porque eu agora não gosto de me ver de preto (sorriso). Visto preto, realmente visto e até me sinto bem, numa cerimónia qualquer mas, no dia a dia eu já não gosto... agora já não gosto.

Quantos anos andou de preto?

Andei 8 anos... oito anos de preto e só passado esses oito anos é que eu comecei a usar... a aliviar um pouco e é o que eu lhe estava a falar dessa minha amiga, se ela aceitasse... não sei, somos muito amigas mas ela tem um temperamento muito especial, é uma rapariga mais nova e ela sempre usou cores muito... as cores naturais que ela gostava. Estava viúva há muito pouco tempo e telefonou-me: hoje vesti uma blusa cor de rosa, sinto-me tão feliz, não faz ideia de como me sinto feliz com o cor de rosa. E anda sempre de cor de rosa, azul clarinho, branco... verde muito clarinho, anda com as cores da moda. É que realmente dar-lhe-ia um testemunho muito interessante, diferente mas, não sei se ela... não sei, eu falo-lhe, agora não sei, ela hoje até ia para fora e... mas vou-lhe falar. (...) (sorriso) olhe 28 de Agosto é para mim uma data muito triste, tenho.... motivo de tristeza e motivo de alegria. Dia 28 de Agosto morreu a minha filha de acidente e, fazia 8 anos um dos meus filhos, nesse mesmo dia. Por isso... tenho a felicidade de ter o meu filho vivo e ele está muito bem encaminhado e até com, graças a Deus, com uma certa, enfim, muito apreciado na sua profissão. E tenho o desgosto de ter perdido a minha filha e... viver as duas coisas na mesma data, os dois acontecimentos na mesma data, marcante.

Que memórias é que tem, ou que guarda como mais marcantes dos primeiros dias? Veio logo para sua casa, ou....

Eu vim logo para minha casa, deitei-me logo na minha cama.... o meu marido... eu sou de V. C., temos lá no cemitério capela e por isso o meu marido foi para V. C. e eu passei lá uns dias com os meus pais. E depois quando vim para casa vim logo para o meu quarto e deitei-me logo na minha cama. Aguentei isso muito bem...

Estar aqui nesta casa....

Estar aqui nesta casa sem ele... sentia muito a falta dele, muitas vezes quando era para por a mesa sentia... era sempre mais aquele talher que depois eu sentia que não valia a pena não é?, porque o lugar não era ocupado! Mas, mas, vivi sempre nesta casa. Quando foi da minha filha não consegui. Eu há um bocado disse, comecei a encarar a morte da minha filha com mais coragem porque tinha o apoio do meu marido, mas mesmo assim, mudei de casa. Talvez até mais pelo meu marido, começamos de imediato, vivíamos na F., começamos de imediato a procurar casa e, depois viemos para aqui e eu e ele não quisemos viver na mesma casa. Agora eu, nesse aspecto continuei a viver com os meus 2 filhos que estavam solteiros, com a companhia dos que estavam casados quando vinham mas foi realmente como aceitei, desta maneira.

Custou-lhe mais, viveu bem aqui depois da morte do seu marido, custava-lhe mais sair sem ser na companhia dele. Ter que ir a algum lado e não o ter, ir almoçar fora....

Olhe... ia com o meu marido muitas vezes jantar fora, sobretudo jantar... e almoçar, e iam os filhos e ia eu, não é? E depois não ia e isso fazia-me muita falta, eu sentia tanta falta do meu marido por não ter a possibilidade de ir jantar fora. Os meus filhos começaram a sentir isso e começaram a convidar a mãe e ir com a mãe. Ia um ou ia outro. Entretanto, um que andava a acabar ainda lhe faltava um ano, terminou o curso, depois no ano a seguir casou-se e eu fiquei só com um. E esse solteiro então ia comigo todos os sábados, íamos jantar e eu realmente sentia necessidade... a falta do meu marido era muito grande em todos os aspectos e até nisso eu tinha uma vontade de ir jantar fora mesmo sem o marido, ia com o filho mas era uma coisa que me fazia imensa falta. Íamos muitas vezes a Espanha e também deixei de ir com o marido porque o marido não estava cá e, na primeira vez que eu fui a Espanha foi numa excursão, muito bem organizada e com pessoas que eu conhecia mas aquela rigidez de horários fez-me uma confusão tão grande que eu realmente estava tão habituada a vir com o meu marido e sentir-me tão... enfim, conjugar-mos tudo da melhor maneira os dois e, fez-me também.... custou, também me custou muito a adaptação a muitas coisas....

Quando é que começou a ganhar coragem para ir em excursões, a sair com umas amigas, ou a ir fazer as suas compras sozinha....

Olhe... eu comecei... e realmente demorei muito tempo a sair com as minhas amigas... ah, demorei muitos anos e mesmo.... mas eu também nunca fui de passear muito, sabe? Nunca. Há assim certos pormenores da minha vida que realmente, mas coisas simples como por exemplo, jantar fora ou ir a Espanha com o meu marido. O meu marido também não viajava muito. Fizemos algumas viagens os dois mas não, nem ele nem eu viajavamos.... ele não viajava muito e eu também não ia, não é? (risos) Mas há muitas senhoras casadas que vão sem os maridos e tudo muito bem. Mas eu realmente não ia, não ia. Mas antes de o meu marido me faltar eu fiz algumas viagens, fui à Hungria, fui 2 vezes a Itália, fui... enfim, fui com frequência a Espanha assim em viagem curta de 4 dias ou coisa que valha. Também uma coisa que me custou muito e um ano não fiz, o meu marido gostava imenso e nós fizemos sempre para o A. em Setembro e... 15 dias, mas o meu marido levava os filhos casados, os solteiros ia a família completa e eu.... o meu marido morreu em Outubro e no ano seguinte no verão não fui capaz de ir e... mas, fiz aquilo que o meu marido gostava de fazer, os filhos foram... e eu fiquei, fiquei em casa dos meus pais. E eles fizeram as suas férias como se o pai ainda fosse vivo. Não o fizeram com o mesmo... a mesma alegria e o mesmo ânimo mas eu proporcionei-lhes na mesma as férias. Depois comecei a ir com eles. Íamos para os mesmos sítios e eu comecei a ir com eles... já se sabe, o marido não estava presente, fisicamente, mas estava sempre presente cá dentro e eu sentia muito, por certos sítios onde passava e tínhamos estado os dois e... bem e felizes, isso fazia-me sofrer.

Qual é o aspecto assim mais difícil que destaca destes 17 anos?

O mais difícil é precisamente a falta da presença do meu marido. Porque... na relação marido/mulher que está a dizer? É a falta do meu marido porque a sua falta, a sua presença, porque... e não ter... bem não sei explicar-lhe porque eu não tive assim, não tenho assim.... é a presença, a sua.... a sua.... o seu carinho. Não tenho assim.... o meu marido proporcionou-me uma vida após a sua morte uma vida estável, por isso realmente faz-me falta o meu marido. Muitas vezes, esta empregada já cá estava quando o meu marido era vivo e muitas vezes: aí, o Sr engenheiro gostava assim.... até mesmo com ela.... porque realmente não sei o que me marca mais a não ser a falta dele porque.... eu também lhe vou dizer, aqui em casa encarei muito bem o meu quarto, a minha cama, encarei sim, encarei... era aqui que eu vivia com o meu marido e é aqui que quero continuar a viver mas... em casa dos meus pais tínhamos um quarto e eu, em casa dos meus pais, não dormi mais. Já não havia aquela...era uma coisa... não era uma presença tão constante e eu nessa altura já não conseguia viver. Há coisas assim estranhas, não sei porquê, mas aquele quarto já não acolhi bem. E não consegui ficar lá mais. E aconteceu exactamente a mesma coisa com a minha filha porque depois... eu passei o quarto para a minha filha que casou na altura em que o meu marido estava doente. A minha filha ficou viúva e também nunca mais dormiu naquele quarto e aqui em casa dorme no mesmo quarto... é uma coisa esquisita, não é?

Como é que acha que mudou, desde que o seu marido faleceu?

Ora, eu mudei... eu... não sei, às vezes a idade (risos) ainda ontem eu ouvi num programa qualquer que diziam que era como o vinho do P., quanto mais velha (risos). Mudei. Mudei... no aspecto... eu saía com o meu marido... bem eu também fazia, tinha necessidade de fazer compras com os filhos, de fazer compras para a casa, para mim e assim mas, depois, quando comecei a aliviar o luto comecei também a sentir... também me entusiasmavam: a mãe tá sempre em casa, a mãe tem que sair. Até a minha empregada: aí a senhora está sempre em casa, fica todo o dia aqui em casa, porque não vai sair? E eu passei a interessar-me por.... olhe, entrei no MEV, estava viúva com 4 meses e esta minha amiga que eu disse que nunca vesti luto, o luto dela era só interior, e eu sei que ela mantém esse luto interior porque ela muitas vezes tem a abertura de me dizer: olhe, o armando lá em cima ajudou-me nisto ou naquilo. Por isso, realmente ele está sempre dentro dela. E, eu, essa minha amiga levou-me para o MEV ainda a E. não era viúva e eu sentia-me pessimamente, não era capaz, estava ali no MEV com... sentia-me com... a dor até aumentava porque eu estava na presença de muitas viúvas e eu, há um bocadinho disse que gostava de falar sobre o meu marido, nunca deixei de gostar de falar nele.... mas aquilo era muito.... não havia interesse nenhum para mim naquilo, no MEV. A única coisa que me levava ao MEV era que tinha uma missa a seguir, tínhamos uma missa pela alma dos nossos maridos, era isso que realmente me levava mas com... completamente desinteressada. Mas... pronto. Passei a ir, passei a sair, uma vez por mês. Depois, surgiu também uma oportunidade de... já na altura do meu marido eu pertencia a uma associação que é a Associação Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina, já no tempo do meu marido eu pertencia a essa associação. Também passei a, continuei nessa associação. Depois surgiu a oportunidade de ir para a Universidade da terceira idade, fui para a universidade de terceira idade (risos), depois... vou aqui para a igreja, ainda ontem estive aqui no santíssimo sacramento e, passei a sair assim. Porque eu não sou capaz de sair assim, mas isso nunca fui, mesmo no tempo do meu marido nem depois do meu marido falecer, nunca me apeteceu sair e ir à rua, ou ir à baixa... passear, não. Eu tenho que ter um motivo para sair de casa mas, arranji motivos que realmente me foram ocupando os dias e que me tornaram assim feliz e diferente.

Porque vivia para os filhos para a casa...

É, é. Pois, outros motivos de interesse. Criar outros interesses e acho que isso foi importante. Gosto imenso de pintar, pinto muito mal... pinto, mas pinto para os filhos e para os netos. Estou na universidade da terceira idade e em pintura, mas depois já, tinha que sair mais uma tarde, tenho aqui um professor aqui na rua do C. A., também aqui numa casa onde está um senhor com... que é a P. E eu também vou para a P um dia por semana. Criei realmente outros interesses, tentei organizar a minha vida até, com interesses muito diferentes dos que tinha na vida do meu marido, porque no tempo do meu marido eu vivia para a casa e para os filhos e para o meu marido e não tinha mais ocupações a não ser essa associação a que eu pertenci sempre. Mas, tinha a vida mais ocupada e não me dedicava a mais nada e depois comecei a criar outros interesses e realmente, sinto-me mais realizada, mais feliz, foram experiências diferentes que me dão prazer.

O que é que gostava que as outras pessoas conhecessem da experiência de ser viúva? Fez parte do movimento e portanto havia ali a partilha de experiências, havia ali a passagem da minha experiência para ti, pode ser importante, ouve-me e percebe de que forma tu podes viver melhor a tua viuvez. O que é que transmitiria a uma viúva, o que é que é mais importante do saber estar viúva?

Mas eu não transmitia nada a não ser o meu carinho pela viúva, sabe? Aproximava-me da viúva assim como, pois... é mais o carinho e a minha experiência, por vezes... não serve para outra viúva porque, depende muito da sensibilidade, da maneira como a viúva encara a sua viuvez... eu agora sinto que até a minha experiência não condiz com a realidade de hoje porque realmente, a minha idade já é muito diferente e eu... a viuvez para mim foi muito difícil porque eu não tinha ocupação nenhuma no exterior....

Acha que se tivesse alguma coisa antes que era mais fácil, para si?

Sentia-me mais.... tinha que forçosamente que me libertar porque a minha ocupação tinha que me absorver naquela altura e eu, não tinha nada que me absorvesse completamente, enquanto desempenhava o meu... a minha obrigação. Porque agora, realmente, todas as viúvas geralmente estão empregadas ou então já são viúvas muito mais, da minha idade ou então um pouco mais novas, que também já não trabalham e a solidão é muito difícil para essas viúvas. Mas eu acho que temos até tido exemplos já no MEV de viúvas que.... não há, não há viúvas mais jovens porque as viúvas desinteressam-se porque agora... a vida é tão diferente... ou têm realmente a sua ocupação, têm o seu emprego e não podem faltar ao seu emprego e o emprego ajuda a abstrair-se do seu sofrimento e até... muitas vezes das necessidades porque têm filhos e têm forçosamente de trabalhar para eles e... ou então são já de muita idade, e têm dificuldade em sair de casa e não estão habituadas muitas vezes... o MEV acolhe qualquer viúva de qualquer estrato não é?... mas ou não estão habituadas a saírem.... agora o MEV está muito por baixo porque as viúvas, não procuram ou se vão uma vez, depois desistem, não mantêm... eu realmente, o meu exemplo, o que posso dar... eu não sei... gosto de transmitir um certo carinho com as viúvas e com as pessoas em geral. Talvez vejam em mim uma maneira de encarar, calma... mais calma, não sei....

D. Antónia, há alguma coisa que gostasse de acrescentar mais?

Eu não (risos), não tenho que acrescentar mais. Desejava realmente que as pessoas aprendessem a viver com a sua solidão. Porque eu aprendi, porque eu de noite fico sozinha. Eu tenho uma filha que vive aqui no prédio, vem cá almoçar todos os dias e, mas o jantar já não janta aqui com a mãe, vai jantar a casa dela e tenho uma outra filha que também vive aqui no primeiro prédio... por isso tenho duas filhas que vivem aqui muito próximo e que passam por cá todos os dias... este cão que está cá de manhã à noite é da minha filha que vive no outro prédio (risos) ela só o vem buscar à noite para ficar e para dormir lá em casa... mas eu perdi-me....

Estava a falar da sua solidão....

Eu tenho... eu aprendi a lidar com a solidão porque eu à noite estou sozinha mas eu gosto de fazer certas coisas, olhe: gosto de ler, gosto de ver televisão, também, gosto de fazer palavras cruzadas, gosto de fazer paciências... entretenho-me.... até à hora de ir dormir, que eu não me deito cedo. E há pessoas que... eu não sei... ou então fazem trabalhos que não despertam muita atenção, por exemplo, conheço muitas pessoas que à noite fazem o seu croché, eu não sou capaz, para mim já não.... isso era capaz de me saturar. Gosto... se me apetece fazer um croché ou qualquer coisa mas à noite não era capaz de me por para aí a fazer croché, preciso de outra coisa, que me obrigue o cérebro a trabalhar um pouco e... parece que mais nada. Mas eu tenho aqui outra senhora... esta é que eu gostaria de lhe falar... ela é minha vizinha que não encara a solidão de maneira nenhuma. Ela vive com uma filha por isso não está sozinha de maneira nenhuma, à noite está sempre acompanhada... embora viva com a filha, nós chegamos a uma certa altura em que temos, sentimo-nos talvez um pouco, temos medo de ser um estorvo e a senhora vive com uma filha casada, tem dois netos, e mas também, para a filha poder ficar com o seu marido mais à vontade, nunca estamos tão à vontade quando estamos noutra casa, a casa era dela mas ela fez partilhas e calhou à filha, e ela agora vive com a filha. Esta senhora (estou agora a dar um testemunho que não é meu mas realmente... talvez seja bom, porque ela não encara a solidão, custa-lhe muito). Eu agora até, gosto, francamente até gosto de estar sozinha e ocupando-me assim, faço um bocadinho disto, um bocadinho daquilo e quando me canso de uma coisa faço outra e estou assim mais ou menos entretida. (risos). Realmente eu disse aquilo que se passou comigo, não deve ser nada, que possa importar mas é aquilo que eu tenho... a vida para mim... o meu testemunho não é o de uma vida muito difícil porque há pessoas que têm que viver a sua dor e viver os seus problemas de... económicos e é muito diferente. Eu realmente, eu não tive que enfrentar. Mesmo com os meus filhos, eles também já eram homenzinhos mas, nunca deram problemas na vida do pai nem nunca me deram depois do pai faltar, foram sempre rapazes equilibradinhos e bem... encaminhados e bem formados, graças Deus. Nem esse problema eu tive. Por isso é que eu acho que o meu testemunho não tem interesse porque de facto não... houve assim, não tive muitas dificuldades a não ser ter que viver com a falta do meu marido. Esta aliança é um elo que já não está tão fechada.

Também éramos os dois relativamente novos, nunca tínhamos pensado em lar nenhum e, várias vezes eu penso como será o meu futuro porque a minha idade avançou muito, está praticamente no limite (risos), está no limite e eu tenho 5 filhos e eu penso muito.... isso é uma das coisas que me preocupa. É uma das coisas que realmente me deixam a pensar muito. Agora eu sou a companhia das minhas filhas, eu sou a companheira que eles precisam (risos) eu faço-lhes muita coisa, proporciono-lhes muitas coisas que realmente... eles um dia sentirão a falta da mãe nesse aspecto, mas, se eu tiver uma doença prolongada eles passam a sentir só o peso daquele tempo que trataram da mãe. É, não pensam naquilo que a mãe foi capaz de lhes dar, de fazer enquanto tinha capacidade para isso.

Sente as coisas assim?

Mais ou menos. Tá tudo bem, tá tudo muito bem mas realmente é assim, enquanto nós... até porque tenho, não por experiência muito próxima minha mas, por experiências de familiares directas, mas por experiências muito próximas em que eu senti o peso da idade das pessoas, a vida também é muito mais complicada porque agora todas as pessoas trabalham e tomar conta de um idoso é muito difícil. E sinto, sinto com amargura situações que tive presentes de pessoas que sofreram, nos últimos tempos de vida, indiferença e.... é muita coisa. Por isso, é isso que me assusta mas realmente... e às vezes penso num lar: aí, era bom um lar, mas ao mesmo tempo custa-me tanto deixar a minha casa (risos). Mas sabe o que é, eu agora já estou a variar muito, mas tive uma tia que, era tia do meu marido e houve uma altura em que a filha lhe propôs ir viver com ela. A senhora estava tão cheia de vida ainda, era uma pessoa muito activa e com muitos interesses na sua vida e ela sentia-se tão bem, tão bem que achou que se bastava na sua casa. E realmente, graças a Deus bastou-se porque, teve uma empregada que tratava dela de noite e de dia mas sentia muitas vezes... arrependeu-se

muito de não ter ido para casa da filha porque depois, a idade avançou, as capacidades diminuíram e nessa altura já não era aceite... era diferente. Cá vou estando e aguardando....graças a Deus tenho vivido com... sinto-me ainda.... sinto-me bem.... vejo-me bem velha. Ainda ontem olhava para um senhor com 90 anos no centro de dia e aquele senhor com 90 anos, tem a cara lisinha, com dificuldades para andar, mas aquela cara lisinha sem rugas e eu pensava: olha, o Sr T. com 90 anos com uma cara sem rugas e eu estou cheia de rugas (risos) com menos dez do que ele...

Não lhe tiro mais tempo D. Antónia....  
Obrigada!



**D. Clara 77 anos**

(...entrevista cortada...) e depois estava lá uma enfermeira e um enfermeiro e o nosso médico também dá lá consulta, no S. S. Ele também é o director dos amigos do hospital por conseguinte, pediu à equipe do s. a. para o devolverem para ali, porque tinha lá muita assistência e muita gente conhecida para cuidar dele. Mas eu cheguei a falar com a equipe do s. a. e o mais curioso é que, no dia em que eu fui, foi um dia em que eu houve greve no hospital, era entrada livre, não sabia ainda de que lado ele estava e fui com uma outra senhora, que também é daqui, mora no andar de cima, no 3º andar, são das pessoas com que a gente pode contar! É tudo muito amigo mas na hora do aperto! Quando a gente mais precisa de acompanhamento... é triste. E ela disse: O dona Clara, eu vou com a senhora. Ai, muito obrigada dona.... ora, eu tinha saído da cama, como lhe tinha acabado de dizer, tinha estado aquele mês na cama à espera... estava cansada, não podia, não me podia esforçar. Se eu não fosse com ela, eu não podia. Tinha ido à parte velha, tinha vindo à parte nova, já tínhamos voltado à parte velha, ninguém nos dava conhecimento dele porque os computadores não estavam a funcionar por causa da greve, ninguém nos dava esclarecimento. Quando ela viu que eu já não... viu eu a desfalecer, sem poder: ai, dona... que eu não aguento e eu já não vou ver o meu marido. Vai, vai, dona Clara. Agora vai. A senhora vai-se sentar aqui, e fica aqui até eu chegar, que eu vou descobrir. Uma senhora com oitenta e tal anos, mas com uma lucidez que eu nunca vi, não faz ideia. E eu disse: ai custa-me tanto, a senhora não pode, tem mais anos do que eu. Tenho mais anos mas sou mais robusta. E eu sentei-me mas, não estava bem naquele sítio, estava a apanhar muita corrente de ar e eu queria ver quando ela chegasse. E vim para um cruzamento, e numa saliência de uma janela, tinha uma espécie de parapeito e eu disse: é aqui mesmo que eu vou ficar. Mas quando eu me vinha a dirigir do lado em que ela me tinha deixado ficar, porque de onde eu vinha estava mais difícil para ela, eu vinha assim: Oh meu Deus ajuda-me. Onde é que eu vou descobrir o meu marido? E vem uma pessoa por trás, que não fez barulho, porque também vinha de sapatos de borracha: quem é que a senhora procura, que vai tão nervosa? Eu procuro o meu marido. Como se chama o seu marido? E eu lá disse o nome. Venha que eu vou levá-la aonde ele está. Fui eu que o atendi ontem. Era o médico lá de C.. Eu disse: O Sr doutor, eu agradeço-lhe muito. Indique-me o caminho. Mas eu tenho que esperar aqui por uma senhora que veio comigo que foi em descoberta dele e se eu saio daqui, perdemos-nos. Mas o Sr Dr. fez o favor de me dar a indicação, eu tomo sentido e lá vou ter. Mas ele daqui por um bocadinho apareceu outra vez, o médico. Já eu estava... e a dona... disse assim: eu já sei onde está o seu marido. E eu disse: eu também. E diz o médico: então se já sabem já não sou preciso para nada. O Sr Dr. muito obrigado. E ele lá foi à vida dele. E nós lá nos dirigimos. Ele estava nos serviços intensivos, na parte.... já não sei se era na parte nova ou na parte velha... sei que estava nos cuidados intensivos. Eu fui lá, cheguei, falei... nada. Olhe foi um choque tão grande. Eu contava que ele com sacrifício me dissesse alguma coisa, mas nada. Depois um médico disse-me assim: olhe, minha senhora nós vamos levá-lo para exames. Demora muito Sr Dr.? E ele disse: não sei. É que eu gostava de esperar para saber o resultado. Então espere. Lá me vim sentar à beira da senhora e disse-lhe: eles vão levá-lo agora para fazer exames e diz que quando acabasse os exames que nos chamavam. E depois, deixaram-nos até entrar as duas. E ele estava sozinho. Nisto passou uma enfermeira e eu disse: O Sr. a enfermeira, eu gostava tanto de falar com o médico que está a tratar do meu marido. Olhe é aquele, são aqueles dois. Pode perguntar a qualquer um deles. Eu sabia o nome deles mas agora já não sei. Cheguei e disse: O Sr Dr., eu gostava de fazer uma pergunta à cerca do meu marido. Quem é o seu marido? É aquele Sr que está ali naquela cama. O que é que a senhora quer saber? Sr Dr., acima de tudo a verdade. Queria saber o estado do meu marido? Acima de tudo a verdade. Eu estou sozinha, não tenho mais ninguém e preciso de saber com aquilo que posso contar. E diz-me ele assim: olhe, o quadro do seu marido não é famoso. Não sei o que lhe possa dizer. Não sei se é bom que ele viva, se é bom que ele morra. Olhe, se ele viver, nunca mais é homem para nada. É para estar ali, para fazer sofrer, por isso não sei, minha senhora. Não temos luzes de nada. Obrigada Sr Dr. Vim desapontada... vim embora. Se ia triste, vim amargurada depois. Vim para casa. Cada vez pior. No dia seguinte, mudaram-no para o santos silva. Lá fui. Tinha ordem de poder visitar, das onze às onze e meia e de tarde das 4 às 4 e meia. Meia hora. Eu lá ia para lá, de manhã e de tarde. Estoiarei. Lá ia, nada... sinal de nada... mas nunca sinal de nada, nenhuma vez. Uma vez disse assim: O P., ganha coragem homem, tu não morras, tu não me deixes ficar, ganha coragem, fala comigo. Mas tanto valia como nada, nunca tive um sinal de nada. Nunca mais tive um sinal. Ao fim de cinco dias, também perguntei, fui falar com a equipe... e por acaso encontrei sempre médicos e enfermeiras muito atenciosos, muito boas. No P. foi como aconteceu e aqui em G.. Eu estava de volta dele, já não podia estar de pé e chegou um enfermeiro para fazer, já não sei o quê... parece que veio medir as tensões... eu disse: O Sr enfermeiro, eu gostava muito de falar com o médico que trata o meu marido. Está bem. Mas, ó Sr enfermeiro, eu estou... eu já não me seguro de pé. Eu posso me sentar (isto aqui era o quarto e havia assim um bocadinho de corredor) eu posso me sentar naquela cadeirinha que está ali? É que eu tenho a impressão de que se estou aqui mais tempo que caio. O minha senhora, sente-se. O que a senhora está aí a fazer é a mesma coisa que está a fazer ali. E eu vou dizer ao Sr Dr. E digo-lhe eu assim: mas ele não o conhece. E diz ele assim: conhece. Mas ele deu as indicações e o médico veio logo direito a mim. E fez-me exactamente a mesma pergunta que me fez o do P.: que é que a senhora deseja? O, Sr Dr., queria saber o estado do meu marido? Se no estado em que ele se encontra, se ele tem recuperação, se não tem....? e ele disse: olhe, a senhora quer saber a verdade? Mas olhe que há verdades muito dolorosas e às vezes uma mentira piedosa ajuda. Eu disse: O Sr Dr., mentiras piedosas não. Porque eu só tenho o meu marido, não tenho mais ninguém e, eu prefiro de saber a verdade. A verdade é má. Depois chamou uma colega que ia a passar, mandou-a ligar um aparelho e eles lá tiveram os dois. Eu de onde estava também estava a ver, mas nada percebia! E aqueles gestos que eles fazem um para o outro e por fim a médica disse: O colega... não dava sinais de nada e ele disse: olhe minha senhora, ouviu! A senhora não percebe mas ouviu, o marido não dá sinais de nada. Está ligado às máquinas, é como lhe digo... estivemos apenas a fazer uma experiência para ver se havia qualquer reacção. Se houvesse qualquer reacção talvez podia mas como ele diz que não ia longe... porque ele depois deu-lhe uma pneumonia em cima, o coração também P.u-se mal... olhe, uma conclusão: tinha chegado o fim! Já não havia nada a fazer. Ora eu, sou diabética e ia todos... ou ao Sábado ou ao Domingo de manhã ia fazer o teste, ali ao posto médico, para me fazerem a picada, ver o peso e medir as tensões. E fui para lá um Sábado de manhã, porque a enfermeira tinha-me dito que não vinha no Domingo e que eu fosse no Sábado. E eu assim fui. Mas o mais bonito é que ele disse assim: O dona Clara? Ele tinha recebido um telefonema já do hospital a dizer que o meu marido tinha morrido! E eu já não tive tempo de me vestir, diz ele assim: olhe dona Clara não esteja a produzir muito, vista mesmo uma bata e venha até aqui que eu tenho que sair. Mas era para me dar a notícia. E eu fui mas... já não tirei sangue nem fiz nada. Ele em vez de me levar para o posto de enfermagem, levou-me para o consultório médico e disse: sente-se dona Clara. O enfermeiro F., o senhor aqui não tem o material... a gente não lembra, não pensa, não sonha.... mas foi para me isolar do resto das pessoas e eu.... O dona Clara vamos conversar. Não! O Sr F., o que é que se passa? Tantos rodeios, estou aqui há tantos anos, nunca me chamou para o consultório. Só para fazer a pica e para fazer é preciso tantos rodeios? Estou assim tão doente? E ele.... quando ele me disse que o meu marido tinha morrido.... calcule como fiquei! Olhe eu afligi-me tanto, chorei tanto, sei lá... a gente não resolve nada, as lágrimas não resolvem nada mas é um desabafo. Depois lá me trouxeram aqui para casa, quando eu falei um bocadinho, ele deu-me qualquer coisa a cheirar, e vim. Depois, de tarde lá vou eu que já o trouxeram para a igreja da T. Onde esteve lá 3 dias, Sábado, Domingo e Segunda até às 10h. Que na Segunda feira teve missa de corpo presente, e ele foi para ali não foi para a freguesia, para a nossa freguesia porque queria ser cremado. Eu tenho jazigo em C. mas uma vez que ele não queria! E queria ser cremado, não valia a pena ir para C., andar a gastar dinheiro num lado e noutro se ele não queria ir para ali. Eu decidi então que ele ficaria depositado na casa mortuária da T. e depois ao final partia para o P. do R.. E esteve Sábado, Domingo e Segunda, foi a missa às dez horas. Às 11 horas partiu e lá ficou e eu fiquei aqui! Só!

Cada vez mais amargurada, cada vez mais triste. Olhe ontem, já há muito tempo que não me ria, mas ia aqui adiante a chegar à rampa, estava uma senhora, que também se enterrou o marido a semana passada, (nunca ouviu falar no Dr..., um Dr.... que era dentista?) e, ela quando ele foi para, ele estava já internado no hospital de St A., já para aí há 3 semanas. Ele tinha uma cirrose, ganhava uma barriga muito grande, às vezes tiravam-lhe 10 litros de água.... foi lá três vezes tirar e depois, da terceira, já lá estava há 3 semanas e.... a gente é que anda aqui às voltas porque a verdade às vezes ao certo ninguém nos diz. E disseram-me assim: ele foi mas parece que nunca mais volta. Sei lá, era para aí a 3º ou 4º vez que ele para lá ia. Ele foi mas certo que nunca mais volta. Coitado do Dr... que vai fazer tanta falta à esposa. E a mulher, começou a ficar assim um bocado variada e deu-lhe uma trombose e então, ela não sabe que o marido morreu, ninguém lhe diz, porque não vale a pena. Porque ela, o antigamente lembrase mas o agora não se lembra. E às vezes assim no meio de... mas ainda hoje estava tão bem disposta. Ontem ainda lá estive quase a tarde toda, com a senhora que também lhe chamam doutora, porque ela era doutora de .... aí... tenho mesmo debaixo da língua mas não sai. Não é ciência, é... história. É doutorada em história. Elas chama-lhe doutora, mas eu tenho confiança com ela e não lhe chamo doutora. E vou-lhe dizer porquê. Eu sou uma pessoa que tem as minhas ideias. Há aqui coronéis, há aqui capitães, há aqui doutores de medicina, dentistas, enfim.... e uns querem que lhes chame doutores, outros querem que lhes chamem engenheiros, que lhes chamem isto. A sério. E uma vez, tá aqui uma senhora que foi ajudante, auxiliar do governo civil do P., a dona A.. Uma senhora já com noventa anos mas muito lúcida. Impecável. E essa senhora quando veio para aqui não disse que era doutora. Deu o nome: A.. Um belo dia a recepcionista recebeu uma correspondência dirigida à Dr. A.. A C., que é a tal recepcionista, que agora está de férias, pegou na carta e foi-lhe entregar a pedir imensa desculpa. Foi mesmo a C. que me contou, que não sabia que ela era doutora. E ela: fui, mas agora não sou. Sou a dona A.. O doutoramento ficou lá fora. Acabou. E ela disse-me isso, contou-me isso, já não sei a propósito de quê.... a gente de umas passa às outras e eu disse: bem dito! Sim senhora! Porque de facto, aqui acabou o doutoramento. Isto é um lar de idosos. E aparece aqui, como se costuma dizer, de todas as classes. Aparece os ricos, os menos ricos, porque aqui... até nem é uma coisa muito vulgar porque isto é caro. Sim aqui é caro. Mas há muitos mais acessíveis mas tem uns quatinhos.... mas é uma coisa muito pequenina. O de G. não, o de G. tem lá uns quartos bons. Eu estive quase para ir para lá mas fica muito fora do centro. Aqui temos tudo mais perto. E gostei mais dos apartamentos aqui, porque de facto parece que a gente está mesmo na nossa casa. Compreende? Dá-nos essa ilusão! E eu disse: a gente pode não ter grandes regalias aqui, porque nós aqui não temos divertimentos nenhuns, não há espaço. Se não tinham alugado isto à Fiat, havia mais espaço. Mas não, na altura precisavam de dinheiro porque tinham contratado pessoal e precisavam.... e de princípio ninguém tinha conhecimento disto e isto estava abandonado. Agora não. Agora é rei morto, rei posto. Imediatamente. Logo, logo, logo. E antes, a pessoa podia estar, comprava isto há meio ano, estava aqui em casa. Mas agora, uma vez que comprem é para vir, se não quiserem vir pagam uma mensalidade. Compreende? Porque, é de lei. Por conseguinte, há uma lista de todos os pretendentes, que telefonaram ou escreveram a dizer que, a partir de agora quem compra é para ocupar. Até há uma lá em baixo no rés do chão, uma afilhada e uma madrinha que tinham comprado o apartamento em conjunto. A madrinha morreu e está o apartamento fechado já há um ano e isso não dá resultado nenhum. Mas agora já não fazem... eu agora ainda vou contar mais uma coisa. Eles dão umas condições.... porque dantes quando eu entrei aqui davam 3 modalidades aqui: era o 1, o 2 e o 3. O 3 era o mais caro e era o vitalício. O vitalício para entrar tinha que pagar tudo de uma vez só e as contas são feitas ao mais novo. A conta de pagamento é feita pelo mais novo e não pelo mais velho. Às vezes é o contrário, os mais novos vão primeiro e os mais velhos não.... mas no meu caso o meu marido foi primeiro. E eles fazem a conta, geralmente a regular em alguns 10 anos ou 12 que se viva e fazem essas contas equivalentes a essa idade. Agora dizem que isso não dá resultado e eu, quando entrei, vai fazer 7 anos fui a que fechei a porta. Eu na altura quando vim, eu comprei em Outubro e depois só vim em Fevereiro, mas eu não estava a dar prejuízo, estava em casa mas já estava tudo pago. Tudo, alimentação e tudo. Aliás, o provedor ligou logo para a directora a dizer: esta senhora já é dona de tudo, com todos os direitos a usufruir, por conseguinte ela já fez a escritura já está tudo feito.

A dona Clara diz que deixou de trabalhar. A dona Clara, tem que habilitações literárias?

Ora bem, naquela altura eu fiz o curso da escola industrial de P. M. de V. N.G.

E o que é que fazia?

Ora bem, não cheguei a fazer nada. Não cheguei a fazer nada. Mas foi da seguinte maneira: depois ainda fui para a escola de F. de G., depois a minha mãe queria que eu tirasse o curso de modista e na escola faziam esses cursos. E eu fui para lá para tirar esse curso e aprender francês. No dia em que eu ia para lá fazer o exame de francês, que hoje já não sei nada, nunca mais usei, ia fazer o exame de francês, apareceu-me um convite para um emprego, fui chamada. E eu compareci e fiquei com o emprego. Era um armazém de víveres e representações e eu fui empregada de escritório e eu, que nunca tinha aprendido nada de escritório, era tudo industrial, o primeiro obstáculo que tive foi um grande obstáculo e muito simples e eu era, como é que eu hei-de dizer, depois era uma revoltada porque dizia assim: tira a gente um curso e depois não vai para uma escola prática, para a gente aprender e não sabe nada. Lá o meu patrão pôs-me um maço de recibos para eu selar. Disse ele: Ó menina é um por mil. Olhe, para mim dizerem-me um por mil era a mesma coisa que arranjar-me esta máquina. Tal e qual? Eu nunca tinha selado um recibo, nunca ninguém me tinha falado de um por mil. E ali estava eu a ouvir: um por mil, um por mil. Ora o patrão tinha um filho, mais novo do que eu, chegou à minha beira: então menina? Está atrapalhada? Eu estou! O paizinho do menino disse-me (um pretendente que eu tive, eu era mais velha do que ele mas, o rapaz andava doido).... aí, isso é tão simples. Em duas palavras desvendou tudo. É a tal coisa, a falta de conhecimentos, da vida prática que nos deviam ensinar.... a gente sai às vezes das escolas com os olhinhos fechados. Sai coma teoria mas com a prática não tem, e é o que a gente mais precisa é a prática da vida. Uma vez ouvi dois moços discutirem... eu tenho o curso de comércio, não sei que mais, não sei que mais. E o outro disse-lhe, tens o curso de comércio mas és um zero à minha beira, eu não tenho um curso mas tenho mais valor. Se fosse exigido para qualquer coisa, se tivesse o curso sempre era mais... lá estive uns poucos de anos. Ainda era solteira... depois de casada não ganhei um único tostão ao meu marido... gastava-os, mas ganhar nunca ganhei um tostão.

Disse-me que tinham que viver com o dinheiro que ele ganhava?

Exactamente. E foi toda a vida assim. E graças a Deus.

E só casou uma vez?

Só.

Uma única vez.

Quantos anos estiveram casados?

Quarenta e oito anos.

Quarenta e oito. Casou tarde? Quando é que casou?

Por minha culpa.... a 6 de Janeiro de 1955.

Por sua culpa porquê?

Porque eu tinha namorado com um moço, de quem gostei muito.... mas o meu marido andava sempre em cima de mim, como se costuma dizer. Foi o único homem, até hoje, que eu conheci! Mais ninguém! Eu fui à igreja pura, como a minha mãe me pôs no mundo... eu tinha um marido.... ai valha-me Deus.... ele era levado de trinta diabos. Meninas, música e dinheiro era tudo quanto ele tinha de mais querido na vida. Mas também eram 3 rapazes, um deles morreu, que também era meu pretendente. Morreu com aquelas patelas de jogar a malha, que os homens usam, bateu no estômago do menino e rebentou. Tinha 7 aninhos quando morreu. Era meu namorado naquele tempo. Era o T. Não casei com o T. mas casei com o irmão do T. O meu marido era a seguir a ele. Conclusão, o meu patrão, esse patrão que eu tive, eu era ajudante de guarda livros, o gosto que eu tinha pelo comércio e ser empregada de escritório, eu superei tudo. Adaptei-me com uma facilidade que não queira saber. Estive lá uns anos, depois ele adoeceu, dos pulmões. E não teve cura e morreu. O tal filho ficou.... graças a Deus, todos os namorados que eu tive as mães todas gostaram de mim, excepto a minha sogra (risos). E vou-lhe dizer porquê... se eu lhe disser a menina vai achar que é um bocadinho de vaidade. Talvez. Mas não era eu que tinha a vaidade, não era eu. A minha mãe custurava, e punha-me muito abonecada e eu naquele tempo ainda não era nada de deitar fora. Agora há coisa mais bonita não é mas... eu andava muito arranjada, não era com coisas ricas mas a minha mãe vestia-me muito bem. Eu era a menina bonita do lugar. E a minha sogra dizia que eu não era mulher para o filho porque era muito fina. Ai rapaz, aquilo não é para o teu nariz, ajeita uma mulher em condições. Oh mãe, meta-se na sua vida. A mulher vai ser minha e eu é que vou casar. Oh rapaz, aquela mulher não é para ti, é uma rapariga fina. Bom, como naquele tempo, não quero que me chame vaidosa. Mas é verdade. Eu tinha um certo privilégio e depois, tinha uma tia no P. que era muito minha amiga e, fui-me habituando com outros hábitos, com outras coisas. Essa minha tia com 65 anos foi escolhida para representar a mocidade feminina do P, para ir-se apresentar ao Carmona. Num carro todo descapotado e ela toda cheia de rosas. E ela quando lhe foram fazer o convite disse: então vocês, com tanta juventude bonita na cidade, escolherem uma velha.... mas ela era muito bonita (disse ela em tom de sussurro)! Escolherem uma velha, ela chamava-se C., mas a senhora tem outra graça, tem outra capacidade que esta juventude não tem. E ela foi a escolhida. Bom. Mas o que eu quero dizer.... eu fui criada muito tempo com essa tia porque essa tia tinha também uma filha, que também já morreu meu Jesus, e essa filha começou a namorar com um rapaz mais velho do que ela. E a mãe não gostou. E disse que velha como era, não era capaz de se casar com semelhante homem. E começou a por a filha um bocadinho de parte. E aproximou-se de mim. Mas não criou problemas, porque entre mim e essa minha prima não houve rivalidades nem nada. Essa minha prima era mais velha do que eu, um pedaço. Esse meu patrão morreu e ficou o filho. Ora o filho não tinha capacidade de administração nenhuma e aquilo começou a andar à deriva e acabou. Ora.... aquilo estava num prédio e por baixo eram uns escritórios e por cima tinha casas de habitação e eu dava-me bem com aquela gente toda. E num dos andares havia lá uma senhora que tinha hóspedes. Só estudantes. Disse que de outra maneira não dava resultado e tinha só estudantes. E dantes havia aquelas mulherzinhas para levar os almoços e, o meu almoço ia de casa por essas mulherzinhas e o baú ia para cima para casa dessa senhora e eu ia lá almoçar. Havia de saber o que era aquele ambiente! Havia lá um doutor – quase tudo naquela casa era doutores e engenheiros – e quando eu para lá fui comer, era o Dr. A., quando eu fui para lá comer a dona A. disse-me: Oh Clara, eu estimo-a muito e quero-a por à vontade... olhe que não se fie em nada que o A. disser, olhe que ele é todo mentiroso. Há um senhor, não sei se ainda é vivo, há pouco veio à televisão, era um senhor, como é que se chamava, B.... bom para agora não me lembro. Havia lá um senhor que era muito meu amigo, que ia lá almoçar e arranjou-me lugar na drogaria M. E eu fui para lá como telefonista... o Sr R. – às vezes não me lembra mas eu sei – e esse Sr R. ia lá comer e essa tal dona A. pediu-lhe e eu fui para lá como telefonista. Fui de escriturária para telefonista e de lá casei. E esse A., primo A., esse Sr R. chegou a levar uma máquina de gravar para gravar as declarações que ele me fazia. Mas era tudo a brincar. Eu convenci-me, essa dona A., que era a dona da pensão dizia: ai menina Clara, não se fie... só tinha medo de eu me iludir nas palavras dele e de eu me apaixonar. Ai louvado seja Deus. Deus deu-me muito tininho. Graças a Deus. Olhe que eu desde os bancos da escola andei sempre com rapazes, sem querer melindrar a menina, que só a estou a ver hoje pela primeira vez, antes me queria com os homens do que com as mulheres! Eu às vezes chegava... estava à mesa e ele: Oh meu amor adorador. De joelhos, à moda antiga, a fazer o beija a mão, passou-me mil declarações. Os hóspedes deixavam de comer para ver. (mudou a cassette) e então esse tal A. era um brincalhão mas, ajeitou uma mulher tal e qual como ele. Uma vez foi lá à drogaria com a mulher: Oh meus amigos – que ele era conhecido em todos os lados – aqui está a minha cara metade. Apresento a minha cara metade. Era assim de maneira que, mas boa alma. Pessoa sincera. E esse tal Sr R. chegou a fazer gravações das declarações que ele fazia. Mas o que eu quero dizer era que essa dona A., a dona da casa, que era muito minha amiga e só pedia que eu não me iludisse. E quando ele me vinha esperar, ainda vinha eu a subir as escadas... vinha almoçar (...) de joelhos... aquilo ai, uma coisa é dizer-lo e outra é ver. Conclusão – mas depois foi lá uma colega minha da drogaria também, ir lá almoçar, mas só lá esteve um mês... ela teve que a mandar embora porque ela começou a criar ilusões, macaquitos no sótão. Quando eu lhe pedi para casar, não queira saber a festa que me fizeram. Ah, quando chegasse à Páscoa, menina quer o ramo? E essa senhora dona A. tinha duas filhas, uma era a caixa da drogaria, que aquilo estava tudo interligado. E a outra enfeitava a igreja da misericórdia da rua das F.. E ali aquela igreja, então quando era pela altura dos fiéis, aquela igreja quase sempre ganhava um prémio. Era um encanto. E ai, como ela tinha lá flores para levar para a igreja para enfeitar a própria dona A. dizia: Oh menina Clara, dê-lhes o ramo. Oh dona A., valha-me Deus, eu não preciso das amêndoas. Dê-lhes o ramo. Tive que dar o ramo a todos. Uma vez levei 5 kg de amêndoas! Amêndoas de qualidade, não era daquelas amêndoas grosseiras! Era do melhor que havia. Todos me queriam dar mais do que os outros mas, tudo desinteressadamente! Da parte deles, eu sabia que eles tinham namoradas, eu sabia que eles tinham tudo...

Mas metiam-se consigo...

Pois. Tanto da parte deles como da minha parte, era tudo a brincar. Eles fechavam a porta da cozinha, quando o Dr. A., um era o A. e outro era o A., um moço novo que se formou lá, em medicina, quando ele estava assim a contar uns episódios que se passava no hospital, eles fechavam a porta a chave, que ninguém podia entrar (risos), nem a dona da casa. Era autêntico. Eu era assim, qualquer dia transformo-me em mosquito e vou lá para dentro. Já lá podia estar a menina é que não quis. Mas eles diziam aquilo mas eu não ia lá para dentro, ainda para mais era tudo homens, não havia lá uma mulher e por isso antes preferia ficar na

cozinha à vontade. E fizeram-me isso. E quando eu casei, mandaram-me fazer um bolo de despedida, olhe chorávamos todos, acredite. Chorávamos todos. E disseram assim: há tanto tempo que esta menina aqui está e nunca nos trouxe problemas, a outra veio para aqui oito dias e criou logo conflitos. E por conseguinte, tinham muita consideração por mim. E esse Sr R., que era.... não era bem chefe, era o fiel do patrão, na drogaria M. Olhe, aquilo era quase como uma família, compreende? E depois conheciamos uns aos outros. A gente podia ir muito triste de casa mas a gente chegava ali, eles eram: menina o que é que tem, desabafe. É questões de dinheiro? É isto...? Ali se resolvia, mesmo questões de dinheiro. Havia a caixa dos 20 amigos, como se chamava antigamente, uma caixa de papel, lá encostada. Ali se resolvia tudo, até para tribunal e tudo. Ali se resolvia. Era sim senhora. Havia lá um senhor que tinha muitos conhecimentos nos armazéns de vinho do P.. Eu por exemplo, precisava de meia dúzia de garrafas de vinho do P.: Oh senhor M.. Ele não falava muito bem mas era espertalhão. O que é que a menina quer? Precisava de um dos seus favores. Ah, o que é que queria? Precisava de 6 garrafas de vinho do P.. Para quando? Para quando o Sr M. puder. Quer para hoje? Se puder ser. Ah, então tá bem. Havia muita união. Concluindo..... já me perdi!

Do seu casamento, um casamento com 28 anos. Teve filhos?

Não, nenhum. Mas criei uma menina. Criei uma menina dos dois aos 25. (olhei para uma fotografia).... não, aquele é o filho dela. (vai buscar uma fotografia). Fiquei com ela até aos 25 anos. Aos 25 anos, ela disse-me que não queria ficar agarrada (imperceptível). Queria fazer a vida dela. Era de maior idade, não pude fazer nada. Tive que a deixar seguir o destino dela, que aliás não foi bom. Não tem sido feliz, tem comido o pão que o diabo amagou. Nesta altura, mais um desgosto que eu tenho. Estou um pouco indiferente com ela, não é que eu não lhe perdoe mas tenho que a castigar um pouco. Nós temos uns valores e quando ela saiu de casa o meu marido zangou-se com ela, mas depois perdoou-lhe, ultimamente ela já cá vinha visitar-nos. Eu tinha uma casa muito boa, uma vivenda e vendi-a. Vendi, não é que precisasse do dinheiro para vir para aqui, que a vendi já depois de cá estar. E por conseguinte, a minha casa era uma vivenda mas era da seguinte maneira, era 1º andar e rés do chão, duas casas completamente independentes. O rés do chão ainda tinha mais divisões que o andar de cima. No andar de cima tinha 3 quartos, eu naquela altura não quis sala comum, quis sala de jantar e sala de visitas. Porque eu sou uma pessoa, que não sei se é preconceituosa, se que diacho é. Lembrava-me assim, então eu estou a almoçar e surge uma complicação até é preciso vir o médico, e tem que entrar pela sala de jantar e vê aquela comida toda! Disse, não, não quero. Quero uma sala de estar, para a pessoa entrar sentar-se ali comodamente e depois tinha outro compartimento para comer. E depois a sala de jantar estando desarrumada, eu fecho a porta. Não quis fazer sala comum. Bem o que é certo é que ela saiu de casa, não teve cabeça apareceu-me, ao fim de.... e o meu marido disse-lhe assim: pensa bem, olha que esta saída não tem volta. Sais mas não voltas a entrar. Olha que eu não sou de brincadeiras. Sou muito bom, sou muito amigo mas há coisas que não tolero. Estás a sair por tua livre vontade, ninguém te expulsou de casa para fora, ninguém te fez mal, a tua cabeça não está a regular muito bem mas eu não aceito isto. Saiu, ao fim de 3 meses já vinha de barriga cheia. Ela levou tanta roupa, tanto calçado, não sei o que ela fez. O meu marido olhou para ela, ainda não sabia que ela estava de bebé, olhou para ela, ela nem vinha calçada, nem vinha descalça. E o meu marido disse assim: o que fizeste ao calçado que levaste daqui? Ela não lhe respondeu e ele: vai ter com a tua mãe, que te dê dinheiro para comprares uns sapatos. Eu lá lhe dei dinheiro.

Ela tratava-a por mãe?

Tratava. Ainda hoje. E os pequenos chamam-me avó. Ela não teve juízo. Aquela moça.... eu escusava de estar aqui se ela tivesse tido juízo. Foi uma coisa que tanto desgostou o meu marido, vir para aqui. Eu podia estar na minha casa. Tinha casa para mim, tinha casa para ela. Eu dizia-lhe assim: olha filha, eu não quero que te sacrifiques. Eu só quero carinho. Uma palavra amiga. Eu até lhe dizia, olha, um osso que dêes ao teu pai nunca te vai ficar caro que eu pago-to. Mesmo que tenhas dinheiro e lhe queiras comprar um osso, compra-lhe o osso e dá-lho que eu por linhas travessas dou-te o dinheiro. Aos homens é preciso cativá-los mais, nós as mulheres somos mais benevolentes. E por conseguinte, mas o meu marido, antes de morrer, um mês antes talvez, ele disse assim, olha mulher, temos que olhar por aquela rapariga, apesar de tudo, ela não pediu para vir, nós é que a fomos buscar. E havemos de fazer testamento. Oh homem, vamos pensar nisso porque há viver e morrer – mas eu não pensava que fosse tão depressa – Oh mulher calma, não te comeces já a precipitar, há muito tempo que trago isto na cabeça mas não queria dizer e tu já estás aí aflita. Pronto, quando tu entenderes... porque se ele dissesse assim umas palavras mais sérias, eu percebia e acabava logo ali a conversa, eu não estava a puxar. E o meu marido morreu, vai fazer uma ano para o dia 19 de Outubro e eu dei-lhe um andar que custou 16 mil contos. Eu arranjava mais barato aqui em V. N. G. mas ela quis no P., porque os filhos andam a estudar no P.. Dei-lhe o andar, paguei-lhe todas as despesas, meti na conservatória para registar na conservatória, o registo final. Ainda gastei quase 80 contos. Um cheque visado que ainda custou 250 contos para a escritura e quando tinha tudo disse: olha filha, anda tratar de levantar as coisas, quando estiver tudo organizado, eu dou-te a escritura e dou-te as coisas. Ela saiu por essa porta, a senhora que me acompanhou ao hospital ainda me disse: Oh dona Clara.

E por conseguinte, a senhora ainda lhe deu o andar. Mas fica a senhora com o usufruto. Eu disse assim, Oh dona A. não quero, porque ela não tem dinheiro, e depois fica-me em apuros. Eu disse-lhe, tem cuidado, porque levaste este mas não levaste mais nenhum. Lá lhe dei o andar. Passados dois meses... fiz a escritura, aquilo ainda demora o seu tempo e, mudou-se para a casa, ainda não tinha a papelada toda em ordem, mudou-se para a casa e até hoje ainda não disse: Oh maezinha venha ver o meu andar. Eu vi o andar no dia em que fui ver... eu dei-lhe a liberdade, tu escolhes onde quiseses e eu pago, até este valor, 16, 17 e até aos 18 mil. Tinha ali um na rua que vai para C., ali quase pegado aquelas finanças. Era adiante das finanças, uma entrada bonita. Tinha 3 quartos, uma sala, uma cozinha, uma casa de banho, uma dispensa, uma varanda corrida por 16 mil, era pechincha. E bonita, via aquelas serras todas e tinha uma entrada bonita, larga com as plantas... só a entrada valia. Mas a cozinha era interior, não tinha luz nenhuma mas apesar de tudo, eu estava quase resolvida a comprá-lo. E ela, ai maezinha.... e não se podia abrir janela para lado nenhum. Era mesmo interior, o corredor era escuro, a dispensa era escura, mas normalmente são escuras. Por conseguinte, mas eu estava quase para comprar. Mas havia uma coisa, a dona que vendia aquilo era ela e um irmão e o irmão estava no Brasil. Quando estávamos na altura de dar o sinal eu disse: então, como é? A senhora não tem procuração? Ah, mas é que eu sou cabeça de casal, eu posso fazer e desfazer. Não, não minha senhora. Assim não. A senhora não pode fazer isso. A senhora, se o irmão não está a senhora tem que ter uma procuração dele para poder fazer isso. Ai, eu posso fazer tudo! Então se for para vender a casa o Sr tem que vir. Ai não, ele nem vem para isso. Então não há negócio. Eu até tinha escolhido uma tijoleira muito bonita para por na casa de banho, porque era tudo em alcatifa e papel, mas eles era por 16 mil contos e eles iam fazer essas obras por conta deles. Era vantajoso, a casa valia o dinheiro. Mas foi por causa da procuração que desisti. Comprei na rua A. B. Mas o outro valia mais do que este, sem comparação. Tenho que dizer a verdade. Ainda não me convidou para ir ver a casa.

É filha adoptada?

.... foi a minha sorte. Não ser filha adoptada.

E já se fez esses negócios todos depois do seu marido falecer?

Mas com uma rapidez que não queira saber! Dez meses e ela já lá está há 4 meses. Fez isto tudo. Ela saiu de uma casa e como não tinha dinheiro.... isto tem uns contos que não queira saber.... nem amanhã tinha a história contada e temos que abreviar isto. Enquanto não resolves este assunto não quero conversa contigo. Eu queria-lhes ficar com a mobília da inquilina, porque a casa para onde ela ia era noutras condições, como tinha dois filhos queria uma casa maior e eu disse-lhe: olha filha, ficamos com a mobília, pelo menos com a mobília do quarto, do quarto principal e já ficas com a casa composta e depois como tu dizes que tens o resto das tuas mobílias na tua senhoria antiga, vais buscá-las e ficas com a casa composta. Sim senhora, maezinha mas escusa-se de ir buscar porque quando a maezinha morrer – isto tudo que está aqui é tudo dela – ora isso ela sabe, do resto não sabe. E por conseguinte depois não tenho onde meter. E por isso vou-me remediar assim. Mas Oh filha, vai buscar então a roupa e todas as coisas. Oh maezinha mas o problema é que a senhoria quer 300 contos. Eu vou ao cofre, pego em 300 contos e pega filha. Vai buscar o que tens à senhoria, paga-lhe e traz as tuas coisas. Oh M. já foste buscar? Ai maezinha, ainda não, sabe que eu não tenho... Oh filha, é um telefonema para a senhora, marcas o dia e a hora e vais lá buscar. Que seja feito em dois ou três dias. Vá que resolves isso em oito dias, filha. Não me venhas cá com essas coisas, nem que seja ao fim de semana. Já trataste M.? Sempre que lhe falava e até que um dia, eu aqui sentada e ela aí, bom M., já me fartei e quando eu me farto é um caso sério. Dou-te oito dias para tu resolves o teu assunto com a senhoria. Fintos esses oito dias, ou vais, ou tens as coisas em tua casa com a dívida paga à senhoria ou se não fores, devolves-me o dinheiro que custou-o a ganhar. Não fales comigo enquanto não tiveres o assunto resolvido. É por isso que eu estou indiferente. Todas as semanas vem uma carta... respondi-lhe à primeira. À primeira respondi-lhe mais ou menos nestes termos: sempre ouvi dizer, toda a minha vida que toda a carta tem resposta. Eu quero seguir esse esquema, vou-te responder. Disse-lhe tudo o que me apeteceu... tudo verdades e continuo a dizer-te, enquanto não tiveres o assunto resolvido, não fales comigo. E proibi-a de cá vir porque ela vinha cá todos os Domingos. Já duas vezes que me telefona e eu da primeira disse-lhe: eu não te conheço, sou uma mulher de uma só palavra. Não quero intrujices. Resolve o assunto. Esta última carta, foi ontem que a recebi, diz ela: a ocasião está má, mas eu quero ver se no fim de setembro arranjo o dinheiro... conclusão gastou o dinheiro naquilo que lhe apeteceu. Ora, eu disse-lhe na carta, esse dinheiro devia ser para ti sagrado porque eu dei-to com a condição, para o que era porque eu dava-te dinheiro e nunca te pedi contas por ele. Dava-te, estava dado. Mas este eu pus-te uma condição e tu faltas-te. Não quero conversa contigo, não és pessoa em quem possa confiar. Manda-me as cartas, nesta até me pediu perdão mas eu não, não respondo a nenhuma. Agora os filhos estão para L. para casa de uma tia, uma irmã do pai. Diz na carta que ainda não sabe quando é que os filhos vêm, mas os filhos telefonaram de L. para mim, estão em S..

Estão muitas vezes consigo?

Vêm de vez em quando.... eu vou muitas vezes à igreja da T. de tarde, que tem uma missa às 3 e meia e eles às vezes vão lá encontrar-se comigo. Antes de irem para L....

Que idade é que eles têm?

Um fez 18 e o outro fez 15. Dois rapazes e vão ter comigo à igreja. Ainda vieram aqui e a mãe ainda escreveu a dizer, ah obrigada maezinha pelo dinheiro que deu aos meninos. Nada, eu não respondo. Porque se eu não fizer assim, ela ainda as faz pior mas eu não a vou castigar, eu perdoo-lhe. Estou indiferente com ela mas estou sempre ansiosa por ver a carta. Mas tenho que manter a minha porque se eu ceder ela abusa logo, porque eu não posso. Nem chegou a formar-se, andou aí no liceu de V. N. G., queria ser professora, ficou com o 5º ano incompleto. Eu disse-lhe assim, Oh filha, faz as disciplinas todas que eu depois arranjo um explicador para tu fazeres as outras duas. Tinha um conhecimento tão bom, que dizia assim ao meu marido, ela que me apresente o diploma que eu encaixo-a imediatamente ou nos correios ou nos telefones. Ela não tinha o diploma. O que é que ela ia fazer. Ela quando saiu de casa ia aprender música, ia aprender isto, ia aprender aquilo. Olha minha filha, se não aprendeste, aprendesses porque de agora em diante, acabou-se. Aproveitasses, enquanto tinhas tudo ao teu dispor. Olhe que ainda chegamos a levá-la a passear, fui levá-la até T., o meu marido prometeu-lhe um computador, o meu marido prometeu-lhe um carro, tudo para ela estudar. Oh rapariga tu tira-me um curso, seja ele qual for, tira uma formação, um curso, mas tira. Estás sempre garantida. O meu marido, como ela dizia, era muito exigente, era isto... quando a gente não tem vontade. Mas ela continua a dizer que é feliz. E eu digo-lhe, olha M., podes contar isso a outra pessoa que não te conheça a mim, que te criei, não filha. Tu não queres dar o braço a torcer mas tu, só se fores feliz de andar à rédea solta de fazeres tudo o que queres e te apetece e em casa, tinhas que dar satisfações, embora não as desses, a gente nunca as exigiu, todas. Conclusão, olhe nem queira saber o que nós passamos e nada conseguimos. Não lhe modifiquei a vida e ela continua na mesma. Não sei quando é que aquilo vai parar, quando é que ela vai resolver o problema, não vai resolver nada, onde é que ela vai ajeitar 300 contos? 300 contos é pouco dinheiro mas para ela é muito. Onde é que ela o vai arranjar? Agora que lhe dê outro, não dou. O que posso é quando ela vier com os 300 contos, eu dou-lhos que não quero. Se eu estou errada que Deus me perdoe, que já tenho dito que Deus me perdoe se não estou a trabalhar certo. Eu acho para mim que estou no caminho correcto que é para ver se lhe incuto um bocadinho mais de respeito, porque não é brincadeira. Eu disse-lhe na 1ª carta, que não lhe escrevi mais nenhuma, tu julgas que 16 mil contos se juntam assim de um dia para o outro? Mas mil contos, na minha altura era muito dinheiro, porque olhe, o meu marido na altura que eu casei ganhava 900 escudos. E eu quando estava empregada ganhava 650, já era um belo ordenado, 650. E o meu marido ganhava 900 escudos. Ora, e uma empregada que estava lá no 1º serviço que eu estive no escritório, de fazer limpeza, ganhava 100 escudos por semana e era dinheiro e ela guardava. Mas agora a vida evoluiu e está tudo muito certo mas, mesmo com a vida a evoluir como evoluiu 16 mil contos não se juntam assim. Tu julgas que a gente anda aí a pedir dinheiro, que andamos na porta dos C. a pedir esmola ou que diabo? Pensa rapariga, e não te esqueças de meter hóspedes em casa e que depois eles te ponham fora da porta que outra casa não tens. Quis-te dar uma casa, porque se ela tivesse tido juízo nunca as minhas casas eu as tinha vendido. Compreendeu? Agora eu, não ia ficar com a minha casa ali com duas boas casas, muita gente aqui as conhece... eu tinha aquilo bonito quando lá estava depois desmazelei. Só modificou porque lhe puseram sala comum e foi dividido em plano horizontal porque foram duas irmãs que compraram. Ora por conseguinte, ela podia ficar numa e eu ficava noutra, quando eu estivesse doente ou não pudesse, ela fechava a casa de cima e vinha para baixo, que eu até tinha aqueles walkie-talkie, quando a gente precisava comunicava, porque eu tive a minha mãe lá em cima, porque eu vim para baixo, porque fiz uma operação, não fiz uma fiz duas, uma operação à coluna e depois não podia andar assim a subir e a descer escadas e vim para baixo e a mãe ficou no andar de cima. Tudo porque a gente nunca quis desarrumar a casa, tudo a pensar nela para um dia (telefone).... isto são 77 quase 78 a uns apoquentas mais do que outros. Tinha um ouvido que era qualquer coisa de formidável agora, mas ainda dá para o dia a dia, mas para escutar qualquer coisa ou assim, acabou. Já não dá. Eu tinha um ouvido.... na primeira operação que eu fiz na clínica .... que era em S. F., fui lá operada 4 vezes e lá os quartos tinham 2 portas, uma abria para dentro e outra para fora, pelo

isolamento. E quando eu fizesse uma operação, que precisasse de uma anestesia numa quantidade mais que tal, faça de conta que me tiravam uns tampões dos ouvidos... olhe eu na minha casa nessa altura, antes da operação, eu morava no 1º andar. A minha casa é afastada da rua 5 metros, tinha os tais ditos canteiros como lhe disse e depois tinha a rua. E a minha mãe estava na rua, no outro extremo e eu deitadinha na cama, com o meu marido ao lado, ouvia a conversa toda que ela estava a falar com a vizinha...

Isso são ouvidos de tísica!!!

Eu tinha isso, uma vez eu tive um problema de bexiga após a operação, não urinava. E a enfermeira chefe chegou lá ao meu quarto: então a senhora não há meio de urinar. Oh dona L. não consigo, eu não posso, eu estou a tentar mas não consigo. Estava com a barriga inchada. E ela sai-se assim com esta: a senhora é muito mimalha, ainda não saiu de uma operação já se vai meter noutra. Não sei o que me deu, mas desmaiei. Ela quando me viu desmaiada, ela começou a chamar as empregadas, começou a fazer tudo e mais alguma coisa mas eu não havia meio de recuperar os sentidos, nem de urinar. Depois, a empregada que me tratava no quarto, uma tal de menina T., uma jóia, no dia que eu para lá entrei ela ia entrar de férias, mas o meu estado era tão deplorável... é daquelas amizades que nascem assim, ela disse Oh Sr doutor, esta senhora vem tão doente. Eu não para férias enquanto não a vir livre de perigo. Eu nem sabia que se estava a passar. Eu ia tomar morfina de 20 em 20 minutos. Veja no estado em que eu ia. E ela compadeceu-se de mim sem eu lhe ter dirigido palavra. E depois, a outra faz aquilo de que eu não estava livre de uma operação já me estava a meter noutra. Afligi-me, desmaiei, nem lhe respondi nem nada. Lá fizeram, lá recuperei. E depois essa T. disse assim: Oh dona Clara então que foi que lhe aconteceu. E eu disse: é marota, a enfermeira chefe é marota. Não gosto dela. Vá mas gosta de mim. Gosto. Mas olhe eu vou pôr-lhe aí um saquinho de água morna em cima da barriga, e vou-lhe por aí uma cuvetezinha e vou-lhe abrir uma torneira de água e a senhora começa a observar a água a cair e vai ver que vai fazer chichi porque eu vou à capela e vou fazer uma oração. E eu olhei para ela e disse: vá T., vá. Só se for pela oração que faça. Ela foi à capela, ou foi ou não foi, não sei porque eu estava deitadinha na cama não me podia mexer. E quando ela veio a tal dita cubetezinha estava toda a transbordar. Cheiinha. Tirou-me aquela e meteu-me outra. Lá fiquei ali. Deus ajudou-a, disse-lhe eu. Ajudou-a mas foi à senhora. Bom, aquilo passou. Mas eu ganhei cisma à enfermeira e quando ela me apareceu no quarto eu fiz-lhe assim com a mão: não entre que eu não a quero ver. Má marota e a mulher recuou.

E a dona Clara tem muitos amigos?

Propriamente ter não tenho ninguém. Daqui tenho esta senhora mas, a gente não pode confiar. Às vezes a gente diz uma coisa na boa intenção, mas.... aqui, eu não quero queixar-me porque não é mau. Mas isto de lares, não é tão bom quanto querem passar. Há muita falsidade e o pior de tudo. Há pessoas que têm muito jeito para criar intrigas.... e por conseguinte, a gente às vezes passa aqui maus bocados. *Eu por acaso, ultimamente, estou a levar uma vida muito isolada...*

Porque eu não foi só o marido que perdi, perdi o companheiro, o amigo, foi aquele homem que a gente tem ao nosso lado todos os dias, para nos acompanhar nas alegrias e nas tristezas, tal e qual como diz o padre... foi o marido que eu tive. Também tive os altos e os baixos, não foi tudo mel! Também havia fel.... 48 anos de casada, tivemos os nossos altos e baixos mas era um homem que só se preocupava com o meu bem estar. Eu logo que estivesse feliz ele também estava. Se ele me visse triste ela já entristecia também. Quando eu estive na cama, eu era assim: Oh P. o que é que tu tens? Estou bem mulher. O que é que tu tens? É o costume, tu já sabes. Ele não manifestava a dor dele que era para não entristecer. A preocupação dele era que nada me faltasse, que eu estivesse bem. Ele vinha com fruta, já sem puder, mas vinha. Oh P. não tragas. E se trago é porque posso. Mas tu não podes. Deixa lá mulher. E havia aqui vizinhas que ele não queria que lhe pegassem na saca porque ele sabia, criticavam dele - que ele era de olho - sabiam que lhe iam fazer um favor para depois dizer que eu ando a pedir que me tragam as coisas. A senhora lá de baixo, ele já deixava. Vinham numa conversa amena e ela chegava e dizia: Oh dona Clara, vim com o seu marido, a senhora não desconfia. Eu desconfiar, nunca desconfiei do meu marido. Porque ele era sincero. O meu marido por meninas, dinheiro e música era com ele. Conheceu toda a espécie de mulheres, só houve umas que ele não quis, foi as esquimós. Tinha nojo delas, dava uma esmola à mãe mas não queria nada com elas, eram umas criancinhas que lhe vinham apresentar. Agora onde ele gostou muito, foi no J. com as G...

Pois, ele era viajado....

Tinha as G., com aquelas massagens delas e aqueles carinhos em particular... mas ele era um homem que me contava. Foram 3 irmãos, eram 4 só que um morreu. Todos os 3 irmãos, seguiram as mesmas pegadas. Todos eles foram bons mas o meu era especial. Todos os irmãos, o meu marido era o mais malandro. Mas de todos os irmãos, talvez o meu marido fosse o melhor deles todos. Amigo de fazer bem, de dar, da família e do bem estar da família. E as mulheres, casou e acabou.

Experimentou o que tinha que experimentar.

Tudo. Não havia nada que ele não soubesse....

Então, escolheu a melhor....

Olhe, escolheu aquilo por que ele sempre suspirou. Se eu tinha namoros... quando eu me zangasse ele aparecia, quando eu namorasse ele afastava-se de mim. E a mãe dizia-lhe: tás a ver, como ela não te quer. Deixa lá mãe, eu sou como a água, tanto bate até que fura. Por conseguinte, eu um dia ainda a hei-de conquistar. Ela ainda há-de ser minha. Ele foi satisfazer uma promessa a nossa Sr.a de F., de que me queria levar à igreja pura. E fomos depois de casados, só depois de satisfazer a promessa eu disse: Oh P..... eu só quero que tu me acompanhes. Se quiseres rezar reza, eu só prometi de te levar comigo. Mas que promessa.... Oh mulher, deixa lá! Isso é comigo. Então depois, insisti tanto, insisti que ele... como ele era malandro toda a gente dizia que ele me havia de pousar e ele disse não. Esta é para ser minha mulher e é para ser tratada com todo o carinho. E foi sempre assim....

É essa a imagem que tem dele, de carinho....?

É. O meu marido, carinho, paz, amor, a sacrificar-se por tudo, pelo bem estar da família, tudo. É tudo o que eu tenho. E é por isso que eu choro, e é por isso que me dá amargura, é por isso que perdi a vontade de tudo mas eu espero recuperar lentamente porque nada cura como o tempo. Mas já viu, eu a chegar a casa, ele estava aqui sentado quando eu chegava, ele era assim:



então velhinha, hoje vens consolada demoraste mais um bocadito de tempo! Essa matraca muito trabalhou. Oh homem nem por isso. Vá lá, senta aqui, conta as novidades. E eu aqui me sentava, aqui ficávamos e era assim.... agora chego aqui, não tenho mais ninguém. Por causa da minha menina.... do meu lado não tenho família, já morreu tudo. Eu morrendo acaba a família. Do meu lado, a minha geração, acaba. Mas do lado do meu marido, também o desprezaram a ele, por causa da rapariga, nunca mais nos visitaram, nunca mais disseram nada.

E souberam que ele faleceu?

Eu disse. Só dois sobrinhos, mais ninguém. São coisas que nos dói e que nos marcam e foi tudo por causa dela. Porque estavam todos confiados que alguma coisa que a gente tinha de ser para eles e aquilo foi uma intrusa que apareceu e nunca mais. O meu marido morreu, fez terça feira dez meses, nunca ninguém mais telefonou, nada, nada de nada. Telefonou tantas vezes como me telefonou a menina, que conheci. Compreende? É um viver, agora, muito amargurado, muito triste. Olhe, de manhã todos os dias excepto hoje que não sai de casa. Já tenho saído à sexta feira mas hoje não saí, levanto-me de manhã, às vezes são 6h, 6h e meia. Ando por aqui, leio um bocadinho este livro, faço as minhas orações, depois vou tomar o café às oito e meia e saio, vou até aos C.. Porque só lá fora é que eu sinto paz, aqui sinto-me sufocada. Depois por volta das 11h estou aqui, depois vou visitar umas senhoras que estão aí doentes. Uma delas, com as variações dela eu até me rio, ontem até dei uma gargalhada. Porque ela saiu-se com esta: as senhoras... estava eu e a tal Dr.ª P., aquela que eu disse que não tratava por doutora, isto aqui é um lar... é esse tal pedantismo que há aqui, e até acho que há aqui pessoas que devem ter a impressão de que nunca morrem, e a morte surge tão de repente. E saio de manhã, chego aqui por volta das 10h30, 11h, se tiver algumas compritas para fazer faço, depois venho visitar essas tais senhoras.... eu até lhe estava a contar: as senhoras não querem saber? Essa louraça anda grávida! Dito pela boca dela. Ela lembra-se do antigamente, ela nem sabe que o marido morreu, nem ninguém lhe diz. É verdade? E! Está-se a fazer para ir ao Brasil, olha a patifa! Mas dito por ela, que ela não era destas coisas, eu disse assim: Oh meu Deus como a doença nos modifica. Eu dei uma gargalhada.

A dona Clara disse que a doença modifica-nos e a morte?

A morte, não sei. A morte é um vazio em que a gente fica. A gente fica numa solidão muito grande. Quem tem família fica melhor... fica melhor neste sentido, se a família acarinhar! Agora eu que estou sozinha, eu não merecia porque, eu ando, vou visitar pessoas, vou por aí fora, porque é que me acontece isto a mim? O que é que eu fiz a Deus? A rapariga, que tanto lhe quero, que tanto lhe tenho feito.... olhe que até lençóis... toda a gente dizia para que eu não lhe desse e eu carreguei uma camioneta de carga, não ia mobília! Ia trens de cozinha, ia louças de sala de jantar, ia duas arcas cheias de lençóis, ia tudo. Não tem nada. Não sei se ela os dá, se ela os vende. E o ouro?.... levou 4 voltas e não tem nenhuma!

A gente não sabe o que ela passa lá fora!

Ora bem! Há uma coisa que eu sei. Há um ditado que diz assim: ela tem comido o pão que o diabo amargou. Ela tem passado muita necessidade e fome, pela cabeça dela. Porque ela não pode fazer tudo, nem pagar tudo. Se ela estivesse comigo, nada lhe tinha faltado, e tudo o que possuo foi ganho com o braço do meu marido. Ele nunca se poupou a sacrifícios para que nada nos faltasse em casa. Ela andava na escola e o meu marido deu-me um carro, eu tinha carta de condução e o meu marido também tinha. Deu-me um carro para eu passear. O meu marido depositava toda a confiança em mim. Ele passou-me uma procuração, que eu fui com ele uma vez ao advogado, ele olhava para a procuração e olhava para mim, o senhor Dr. por favor, está a olhar para o papel e está a olhar para mim, o que se passa? Esse documento não está em condições? Não me diga, porque o meu marido que está longe, passou tantos trabalhos para me fazer chegar esse documento, porque não está em terra para poder tratar desses assuntos. De olhos fixos em mim: este papel está bem demais. Porquê Sr. doutor? A senhora sabe o que tem nas suas mãos? Uma procuração do meu marido que me dá todos os direitos para eu resolver qualquer problema, visto que ele não está presente para os poder tratar. E a senhora sabe o que tem na mão? Sei Sr. Dr.! A senhora sabe que pode tirar tudo ao seu marido? Sei Sr. Dr. E o seu marido tem confiança em si para isso? É porque ele entendeu que eu sou digna disso. E diz-me ele assim: pois olhe, eu estou casado há tantos anos e não fazia o mesmo à minha mulher! Autêntico. O Sr. é que sabe. Mas eu podia tirar-lhe tudo. O meu marido deu-me um carro para eu andar a passear. Ele fazia-me os itinerários antes de partir.

O meu marido era católico mas não praticante, nós casamos catolicamente com todos os ques.... ele não ia à missa, mas ia aos baptizados, funerais, casamentos, fazia essas coisas todas, portava-se bem. Quando foi para casar eu perguntei-lhe se ele se sabia benzer e se sabia a confissão e o acto de contrição, a minha sogra era muito católica e ela não gostava de mim porque achava que eu fazia pouco dele. Depois adorávamo-nos. Diz ele assim, não te preocupes que eu sei tudo porque a minha mãe deu-me um catecismo... a minha sogra sabia ler! A minha sogra era uma pessoa do povo, de avental, lenço na cabeça mas era culta e marcou com uma cruzinha aquilo que ele tinha que decorar. Benzia-se como deve ser. Sabia tudo. Agora vou-lhe contar a confissão do casamento do meu marido.... mas isto ainda teve outro enredo.... nós fomos um de cada vez e o padre disse diga ao seu noivo para vir que eu quero sair e tenho que ir às finanças por causa de vocês. Tá bem Sr abade. E encontrei-o e ele disse-me: não te aflijas que eu confesso-me depressa. Foi lá e o padre lá lhe pediu a confissão: Oh Sr padre eu não sei o que quer que eu lhe confesse? Os seus pecados. Oh Sr abade, um homem com 30 anos, solteiro, com dinheiro no bolso, se gostar de mulheres é pecado.... não roubei, nem matei se gostar de mulheres é pecado.... tenho todos e mais um! Tá confessado. Eu estava a chegar a casa a começar a tomar o meu cafezinho e ele já estava à porta. E nunca houve casamento, que as pessoas iam a correr para ver o meu casamento, mas tão depressa lá chegaram que eu já vinha a sair. Ele disse-lhe mesmo que era assim que queria. Mas depois, a nossa vida era, como hei-de dizer.... a princípio... ele era tão malandro que rapazinhos com 15 anos e coisa assim: que pena aquela mocinha tão jeitosa e vai casar com aquele homem que é tão maroto. Havia uma senhora que tinha lá um negócio que dizia: eu não tenho confiança com ela senão eu havia de preveni-la. Depois passavam por mim e tinham vergonha. Já viu a marca que o meu marido foi. E depois no que ele se tornou que todos tinham inveja. Houve uma colega minha que me dizia assim, muito gostava de a ver conduzir e o meu marido sabia que ela me tinha raiva e não tinha que ter. Tinha um bom marido, uma boa casinha, tinha dois filhos que era um encanto, não se compreende. E eu não tinha filhos, tinha um desgosto muito grande.

Mas é que este luto é muito recente!

Para mim tem-me custado muito. Tem-me custado muito. Há outras senhoras a quem não custa tanto porque têm o aconchego das famílias e sabe, por exemplo... a senhora a quem se enterrou o marido a semana passada. O marido morreu e ela esteve até ao dia da missa de sétimo dia em casa do filho. Esse acompanhamento... Esta semana, ontem, esteve aí outra vez o filho e a nora. Agora eu, o meu marido morrer, eu chegar a casa e eu ali naquele sítio sozinha, tinha ali duas camas, tirei, mandei tirar uma das



camas. Ficar ali só, sozinha, sem ninguém. Virava-me para um lado, parece que o via, virava-me para o outro a ver se, e na realidade não tinha ninguém... entrei aqui... foi um problema, cheguei a ir ao psiquiatra, estive mal. Agora nada cura como o tempo, e o melhor conselheiro é o tempo e nós não somos umas mais que as outras mas a umas custa mais do que a outras. Nem eu me considero mais do que ninguém. Eu digo, há dores e dores e há certas dores que se forem acompanhadas não custam tanto mas aquelas dores que a gente tem que suportar sós, completamente sós, sem ter uma única pessoa. Olhe, eu dava-me bem com uma pessoa da minha freguesia, que as nossas portas eram em frente. O portão da rua, quando o meu marido estivesse em casa nunca era fechado à chave, estava só com o trinco. Os amigos logo que vissem luz na garagem já sabiam que ele estava. Ele tinha lá sempre rádio e tinha para lá umas bebidas, ainda tenho para aqui algumas, era sempre uma paródia. O meu marido gostava muito de peixe assado, o meu marido metia-se no carro e ia a M., e ia ao peixe, tínhamos sempre gente para comer connosco e era assim. Tinha lá uma senhora em frente a mim, ela casou com um rapaz que era também meu vizinho, e *também foi para lá morar. Éramos como a unha e a carne. Olhe que, eu acho que sabia mais da vida dela do que o próprio marido!* Ai que o marido soubesse do que eu sabia... matava-a de porrada. Ao que uma mulher se sujeita para estar com um homem. Contava-me tudo. Ela chegava a minha casa, o meu marido gostava muito de larocas, eu fazia disso. E ela parecia que adivinhava quando eu fazia as larocas porque aparecia por lá. Sentava-se numa cadeira à beira do fogão e perguntava se podia comer. Dava-lhe um prato e ela tirava a que lhes apetecesse. Éramos muito amigas, muito amigas. Vim para aqui, todas as semanas eu lá ia. Todas as semanas. Quer fizesse calor, quer fizesse chuva, eu ia lá. Ainda lhe levava qualquer coisa. Neste tempo todo, ela veio-me visitar uma vez. O meu marido morreu, e eu fui a segunda pessoa a quem telefonei, não.... a quarta. Primeiro telefonei à minha cunhada, depois telefonei para uma outra cunhada, que também já morreu, depois telefonei para os sobrinhos e depois telefonei para ela. E disse-lhe: o meu marido esteve três dias em câmara ardente, quando era o funeral, que ia para o P. do R. porque ia ser cremado e eu tinha-lhe dito sempre: eu sempre disse que morria primeiro. Olhe C., se eu morrer vá ao meu funeral. Oh Clara, não pense nessas coisas. Eu tenho que pensar na morte porque eu ao ir para ali... eu disse-lhe ainda: C., a minha ida para lá e a minha vida acabou. Oh Clara.... eu sei, porque me toca. Porque eu às vezes... sabe que não apareceu cá. Em três dias. Olhe que eu fiquei tão chocada, tão doente....

Ficou triste?

Ai que tristeza. Meus Deus... três dias que o meu marido teve em câmara ardente e eles tiveram tanto tempo, tinham carro e tudo e ninguém apareceu. Seja o que Deus quiser. Se ela julga que eu vou lá não vou não. Que eu também sou caprichosa mas eu acho que tenho razão. E se ela fez eu também tenho direito de fazer. Não fui eu. Depois passado uns oito dias, telefonou-me para aqui: Ah dona Clara, por certo deve estar zangada comigo. Porque é que hei-de estar zangada? Pesou-lhe alguma coisa na consciência? Ah, eu devia.... não foi porque não quis, teve mais que tempo. Ai desculpe, eu entendi mal. Entendeu mal em quê? A senhora disse que ele não vinha para aqui... pois não, e isso foi verdade. Por isso é que a gente não foi. Não foram porque não quiseram, ele esteve 3 dias nos P.. Tinha camioneta à porta e um carro. Esteve na igreja da T. eu expliquei-lhe bem. Ah, porque... tá bem, a senhora é que sabe. Pronto. Tenha saúde que é o que eu preciso também. Eu não estou zangada. Mas estava magoada.... estava. Passado... há dois meses telefonou-me para aqui: ai Clara, tenho estado muito doente, deu-me uma trombose, tenho estado em recuperação, agora já vou caminhando. Sim, tá bem, eu quando puder vou fazer uma visita. E fui. Não fui de braços a abanar. Comprei-lhe qualquer coisa, para levar. Mas fui-lhe dizendo: olhe, faz longe daqui a Havana como de Havana aqui. Às vezes pergunto-me, que mal fiz eu a Deus para tanta ingratidão eu receber? Porquê? A minha vida é um vale de lágrimas, mas até aqui eu tinha quem me ajudasse a superar tudo isto. Ele dizia-me: olha mulher, veste uma saia e calça uns sapatos, vamos comer fora. E era assim. Agora não, estou sozinha. Uma senhora pergunta-me, que vem ver aqui o coronel: então a Sra não vai sair? E eu: com quem? Com quem? Por conseguinte não dá. Ora neste momento que lhe estou a falar, não estou assim com pressa mas olhe que desde que o meu marido morreu que eu já desejei muitas vezes.... porque me sinto abandonada.

Ainda conduz dona Clara?

Não. Eu vendi o carro. Quando vim para aqui vendi o carro. Sabe que o carro fica caro mantê-lo. Era só para darmos uns passeios para fora da cidade. Mas quando vim para aqui, vendi. O meu marido já não podia conduzir, era ele que conduzia e eu também já tinha as minhas dificuldades. De vez em quando dá-me assim e digo: não, vou apanhar ar. E sabe até onde já fui? Até ao aeroporto. Já lá não ia há muito tempo. Quando lá fui pela última vez com o meu marido andavam a fazer aquele coberto, agora que já lá fui, já o coberto está feito.... não gostei! Muito pesado. Fui lá, fui ver se as obras já teriam acabado. Sabe que me vim embora e parece que vinha com mais amargura....

Qual é a primeira imagem que tem do seu companheiro?

Foi uma vida feliz. Foi bom viver...só foi pena eu ter-me guardado para tão tarde. Se eu adivinhava o que sei hoje, não me importava de ter casado mais cedo, mas eu tinha medo, compreende? Eu tinha medo. Ele bem me dizia, confia, mas eu tinha medo. Porque novos, velhos, todas as idades a dizer que eu ia fazer um tolice muito grande. Porque meninas, dinheiro e música era com ele, enquanto houvesse dinheiro no bolso havia paródia. Tinha um amigo, que era A., o meu marido era P., mas eles na intimidade deles, eles não se chamavam pelo nome, ele chamava P. ao amigo e o amigo chamava P. ao meu marido. Ele quando me encontrava era, Oh dona Clara, o P.? Eu encontrei-o, este verão não, no princípio do ano, Maio mais ou menos, eu fui para a fisioterapia para G., que pertence aqui ao lar, e ele viu-me lá assim e, Ah o P., ele ainda não sabia, mas eu nessa altura ainda ia toda de luto, eu andei seis meses toda de preto. Ao fim de seis meses, comeci a vestir o azul marinho. Calça preta, quando saio, calça preta ou azul marinho, ainda não saí do azul marinho, do preto e do branco. Mas no fim desta época, quando chegar, faz para Outubro um ano, aí, não quer dizer que ponha logo vermelho mas, vou alterar um bocadinho mas, como se mete o inverno, vai continuar a roupa escura, porque olhe, eu tenho três kispas pretos... e como o kispas é muito prático e eu de inverno gosto muito de usar calças e como as pernas ficam muito manchadas... sexta-feira por acaso estava sem meias quando a menina cá veio, porque era sexta-feira e eu não ia para a rua, porque eu não vou para a rua sem meias, derivado a ter as pernas manchadas, por fora das meias também se vê mas é diferente. E ele disse-me, o P.? Quando ele me perguntou pelo P.... a mulher dele reparou em mim... Oh dona Clara, não diga que o seu marido morreu! Tinha morrido, não sei se era há três meses. E ele coitado... Ai perdoo-me que eu não sabia. Porque eu não dei ao jornal. Não dei ao jornal, não foi pelo dinheiro que gastava. Não dei ao jornal porque dizem, dizem e disseram-me a mim também que nos bancos, que há sempre um informador, que está ali para ler todos os jornais, com as notícias dos falecidos, para ver se é cliente do banco. Sabe que quando uma pessoa morre, se as pessoas não tiverem as coisas em ordem o estado toma conta de metade e aquilo tem que ser feito debaixo de segredo... Lá estou eu a distanciar-me do que a menina quer.... E uma senhora minha amiga do lar e outra que mora aqui no 3º andar, que são daquelas pessoas amigas desinteressadas e amigas, tem a palavra de amiga, porque há muito que diz que é amigo mas não é! E quando o meu marido estava no hospital, que apenas esteve cinco dias, elas viram o estado em que ele estava porque me

acompanharam... Oh dona Clara, trate da sua vida. A senhora tem alguma coisa... eu tenho tudo no meu nome e no do meu marido... olhe que não chega! Passe para o seu nome! Eu olhei para ela e disse, eu não tenho coragem. O meu marido foi sempre um homem tão honesto, tão sincero comigo, olhe que ele quando trabalhava até me entregava as folhas da companhia direitinhas. Eu sabia se ele bebia uma cerveja, se ele comia isto ou se comia aquilo. Até me entregava isso... já vê a maneira como ele era correcto. E eu disse, eu não tenho coragem! Mas vamos que ele não recupera e eu disse, e se ele recupera? O que pensa? Pode até nem me revelar mas pode dizer assim, ah que tu estavas com pressa, mulher. Já julgavas que te ias ver livre de mim. Não te descuidaste! E aquilo, mexeu comigo, não consegui. Não fui capaz. Disseram-me mais do que uma vez, não fui capaz. E depois, eu não lhe disse dona Clara? Pois disse. Paciência. Disse-lhe eu assim, Deus é pai. E eu, no dia... ele morreu a um Sábado, eu não pude fazer nada, no Domingo nada podia fazer, na Segunda feira chamei um taxi, o corpo do meu marido estava na câmara ardente, com partida às dez horas. E eu chamei um taxi, e fui com uma dessas senhoras, e lá fomos. Eu tirei uma echarpe que levava preta para o inverno e coloquei uma amarela e castanha, discreta, mas ele viu-me sozinha. Lá o ir de preto, disfarçava porque às vezes aparecia de preto, disfarçava... o meu marido era costume sempre ir comigo, quando viu... o senhor C.? E eu só lhe disse assim, senhor C., eu preciso muito da sua ajuda. Não precisei de dizer mais nada, ele disse, esteja tranquila e tem tudo. Quando morreu o seu marido? O meu marido está ali. Está bem, então vou ao funeral. Vá descansada, esteja de espírito sossegado que nada vai correr mal. E assim foi. Depois do funeral, no dia seguinte venha cá. Não vamos estar a empatar, nem precisa de vir com nada amarelo ou azul, não precisa que eu já sei. Eu quando a vi sozinha, não sei porquê deu-me logo um pressentimento.

Por conseguinte, tenho tudo de bom a dizer, no entanto, já lhe disse na Sexta-feira, há sempre aborrecimentos, mas depois a gente resolvia, há sempre motivos de alegria. Olhe, o meu maior problema na vida foi a minha doença, que nos amargurou um bocado a existência. Foi uma doença muito demorada, quase de cama tive ano e meio, foi muito. As melhores coisas, e digo a todas as moças que andam para casar, que eu fui muito receosa para o casamento. Ele bem me dizia confia, eu já gozei a vida, já paguei o meu tributo à mocidade... ele bem me dizia, mas... era aquela interrogação. Eu sou daquelas pessoas que toma muito sentido daquilo que os idosos nos dizem, diz assim, o rapaz para enganar a moça promete-lhe barcos à vela e depois, nem naufragados. E como todo o rapaz, conta as suas histórias, conta as suas coisas e, ainda estou a ler este livro de um que também a deixou com um filho e não quer agora reconhecer a filha e, tantos casos assim, que a gente sabe, a gente não somos nenhuma tolinhas. Ele bem me dizia, confia. Ele chegou-me a dizer assim, aquilo que se tira à noiva é roubado à mulher ou aquilo que se pede à noiva é roubado à mulher. Ele tinha uma maneira de ser muito dele. Tinha uma maneira de ser e de conviver. Ora, por conseguinte, a gente também se adapta, porque, há aquele velho ditado, que diz assim, o homem faz a mulher e a mulher faz o homem, têm que se equilibrar, os pensamentos e nós temos uma parte, a parte mais fraca.

Quanto tempo namorou?

Olhe, namorei toda a vida e não namorei tempo nenhum. Em seis meses casei.

E que recordações tem desses seis meses?

Olhe, as melhores. Só em casa é que não tinha porque os meus pais atormentavam-me. Como já lhe disse nós morávamos perto e eu era amiga da irmã. E como era amiga da irmã, a irmã é mais velha do que eu um ano, eu era a menina, até a irmã tinha uma certa, como é que eu hei-de dizer, uma certa maneira diferente de falar comigo, porque eu era filha única. E as filhas únicas, sabe que é muito complicado. Era vizinha. E eu tinha um namoriquito, dos meus nove anos, que éramos vizinhos e esse namoriquito... eu digo namoriquito porque aquilo não levou a nada, coisas de nove dez anos, o que é isso? Não é nada, a gente sabe lá o que diz? E andávamos no mesmo tecto ou digo melhor, ele andava porque a avó dele era minha madrinha. Foi madrinha do casamento dos meus avós maternos, foi madrinha do baptizado da minha mãe, foi madrinha do casamento da minha mãe, foi minha madrinha do baptizado e não foi madrinha do casamento porque o meu padrinho já tinha morrido, porque senão teria sido. E havia ali uma amizade e nós parecíamos irmãos. E toda a gente quando nos via, dizia assim, isto é casamento certo, toda a gente dizia que era casamento certo, por ali. E depois, fizemos a quarta classe, depois a minha mãe comprou uma casa, saímos dali, porque a casa era da minha madrinha, e a minha madrinha não queria levar aluguer aos meus pais, porque havia aquela amizade profunda, a minha mãe, para a minha madrinha, era como se fosse outra filha. Porque a filha dela, uma das filhas que ela tinha duas filhas e um rapaz eram como se fossem irmãs, e a minha madrinha não distinguia. Distinguia sim, como se costuma dizer, umas eram filhas a minha mãe... mas quer dizer, havia aquele carinho muito especial. Uma vez, nunca mais me esquece... aí meu Jesus, ele era J. e diziam lá vai o J. e a M., não sabe andar o roque sem a amiga, andam sempre um atrás do outro. Uma vez estávamos na cozinha da minha casa, estávamos a fazer desenhos e os pais tinham-lhe dado um caderno de desenho com figuras e uma caixa de crayons e eu não tinha. E ele estava na minha cozinha, comecei por lhe tirar e ele começou por não me querer dar. Ai... não me estejas a consumir, nós somos amigos ou não somos amigos? Deixa cá ver os crayons que eu também quero pintar. Não sei porquê, ele deu-me uma sapatada e saiu pela porta fora eu vou atrás dele. Havia um vime, lá num canto e eu pego no vime dou-lhe uma xibatada atrás das pernas. Bati no J.. Já sabe que um vime são dores horríveis. Fiz-lhe uns verdugos nas pernas, ele andava de calçoezinhos... e depois a minha mãe quando viu começou por me bater mas, ele quando viu que a minha mãe me estava a bater, veio atrás da minha mãe, não batas N. que já não me dói. Coisas de criança de nove, dez anos. Depois fizemos a quarta classe, eu fiz a quarta classe com dez, ele era mais novito do que eu. Fiz a quarta classe com dez e cada um seguiu o seu rumo. Entretanto a minha mãe saiu de casa e a gente parece que se começou a odiar. Nunca mais fomos amigos. Aquela separação, a saída da gente para outra casa, claro que com os padrinhos e os pais nada, ficou tudo na mesma, mas nós os dois... ainda hoje pergunto-me mesmo o que levou aquilo, não nos podíamos ver... não sei porquê. E assim acabou aquele namorico. Ainda tinha uma cartinha, há poucos anos é que a dei-tei fora, aquela cartinha que ele me escreveu. Olhe que a gente às vezes ri-se destas coisas passadas... e acabou esse namorico. Quanto ao meu marido, tenho as melhores recordações mas já lhe disse... não julgue que foi sempre rosas também houve problemas...

E que problemas a dona Clara se lembra melhor?

Principalmente com a falta de saúde... isso atrasou muito a nossa vida. Nós tínhamos feito uma casa, gastámos todo o dinheiro para a operação, para a primeira, que eu fiz duas à coluna, para a operação foi tudo com o dinheiro na mão e foi conforme lhe disse, na clínica em F, que aquilo era um luxo... e quando foi a segunda vez, nós não tínhamos dinheiro... tínhamos gasto tudo. E depois, o meu marido foi ter com o médico e disse, Oh senhor doutor, eu não posso trazer a minha mulher mas ela tem que ser operada e não pode deixar de ser operada... Oh senhor doutor, Oh senhor doutor, desculpe-me a confissão mas eu não tenho dinheiro, eu fiz a casinha e gastei tudo quanto tinha e agora não posso pedir dinheiro emprestado. Palavras santas e que Deus lhe dê o céu largo, ele disse ajeite o dinheiro para pagar a casa, quanto ao meu, paga quando tiver dinheiro. Foi uma atenção e, se eu fui bem tratada da primeira vez, da segunda aquele pessoal, talvez por ordem dele com certeza, que ele disse que não queria que

me faltasse nada, as empregadas e as enfermeiras, era um tratamento excepcional, uma coisa era dizer outra era visto. Uma vez, quando eu fui internada a segunda vez, não havia quarto disponível, estava tudo ocupado e, eu da outra vez tinha estado num quarto particular, um quarto sozinha e depois, telefonaram cá para baixo e disseram, Oh senhor doutor, o senhor mandou vir a doente mas nós não temos quarto para a pôr e ele disse, e não há aí o quarto da família? Oh senhor doutor, há mas esse...? É lá que vão por a senhora. A senhora está a ver a diferença que ele tinha comigo. Eu lá fui para o quarto da família. Depois, entretanto deu-se uma vaga e as enfermeiras disseram, Oh senhor doutor e agora? E ele ia dizer para eu continuar mas, apareceu a tal do pé, apareceu e não havia lugares. Então fiquei eu na mesma no quarto da família e ainda me pediram autorização para vir por a cama dessa doente até se dar outra vaga. Mas eu depois acabei por ficar até ao fim no quarto da família, então a louça era tudo diferente, era tudo com um asseio que não queira saber. E acabei por ficar, a pequena saiu primeiro do que eu, o mal dela era mais simples e eu fiquei no quarto da família para ver a maneira como eles me tratavam, porque aquele quarto não se alugava a ninguém, era o quarto da família.

Dona Clara, do que é que se lembra de ter gostado mais no Sr. P.?

A lealdade dele, a sinceridade. Era leal, era sincero... não tinha coragem de estar com mentiras, não. Mentiu muito foi para andar a enganar as raparigas. Ai, aí acredito. Então, houve uma que lhe disse, então andas-me a namorar e tu não queres casar comigo. Porque a que eu quero está para acabar de criar, que era eu. Ele era mais velho do que eu cinco anos e muitas outras coisas assim do género. O meu marido tinha-me um amor louco, mas sem ser de ciúmes. Não era ciumento, não senhora. Confiava. Confiava, ciumento não era. Não sei, se eu não casasse com ele, eu não sei o que é que ele faria da vida dele. Lutou até à última. Dizia assim, enquanto eu não te vir casada eu não desisto. Foi leal até ao último momento da vida dele.

Acha então que teve um casamento feliz?

Se tive um casamento feliz? Tive. Mas quero dizer-lhe, tivemos também os nossos problemas, principalmente, o pior de todos foi a falta de saúde. Depois houve uma desavença em minha casa, o meu pai com o meu marido. O meu marido zangou-se, o meu marido era destas pessoas... zangava-se e era para toda a vida. Nunca mais falou. No entanto, deixou-o estar na nossa casa, a casa era minha e dava-me ordem, quando o meu marido não estava, de os levar a passear. Podes levar o teu pai e a tua mãe a passear quando eu cá não estiver, quando eu estiver, não. A tua mãe se quiser pode vir, o teu pai não. Muitas vezes a minha mãe foi, coisa que eu não faria. Eu se estivesse no lugar da minha mãe, ela era minha mãe, não deixava o meu marido para ir com o genro e com a filha. Não ia não, não lhe posso dar mais franqueza do que esta. E a minha mãe fez isso muitas vezes....

E, dona Clara, quando olha para si actualmente, o seu dia-a-dia agora, quais são as maiores dificuldades que vê?

Olhe, de dinheiro não tenho. Sou pobre... não sou pobre de estender a mão a caridade, está claro mas, por exemplo, ter mil contos hoje não é ser rico. Mas tenho o pão nosso de cada dia sem precisar de pedir nada a ninguém. E se Deus me ajudar como espero ainda não como tudo, desconfio que ainda deixarei alguma coisa e que já está tudo mais ou menos escriturado. A maior dificuldade foi a minha doença porque o meu marido atrasou a vida dele, ficou em casa para ver porque, diziam que eu não caminhava mais. Eu sofri um desgosto muito grande, pedi a Deus muitas vezes a morte porque dizia que não queria ser um estorvo na vida do meu marido, porque ele estava preso a uma inválida e cheguei-lhe a dizer, olha homem se eu te morrer, como espero, eu esperava, como espero, não te prendas que eu quero o contrato enquanto viver, ajeita uma mulher para te acompanhar porque precisas mas, não ajeites uma boneca. Sim, porque nestes casos, a menina já agora, que está prestes também a dar o nó, há-de reparar muitas vezes... o meu marido com cinquenta anos era uma figura de tentar ainda. Colegas colegiais, andavam a fazer-lhe a corte e ele sem dar por ela... ele gostava muito da bola e sempre que vinha no autocarro ou camioneta vinha sempre a ler o jornal e, não prestava atenção... vinha completamente abstracto na leitura e não via que andavam moças a seduzi-lo e foi a minha pequena que ao ir cumprimentá-lo, levantou a lebre... elas perguntaram quem era aquele homem e ela disse, é o meu pai, e elas, aquele homem é o teu pai?! Porquê? Ah, a gente julgava que ele era viúvo ou divorciado e andávamos a fazer-lhe a corte. E ele nunca deu por ela. Só vi uma vez, que telefonou para lá uma senhora que só queria falar com ele mas, era de negócios mas ela não sabia e disse, o meu pai não está cá para atender senhoras, faz o favor de dizer quem é ou não lhe dou recado nenhum. E por conseguinte, essas maiores dificuldades...

Hoje em dia dona Clara... agora que está há dez meses sozinha...

Muita amargura... muita saudade, muita tristeza... esse lugar em que a menina está sentada, era o lugar que ele ocupava. Agora já não encaro mal, mas eu abria a porta e via o lugar vazio e ficava, eu ficava de todo... quando penso nele, que ele dizia que queria ser cremado porque não queria que eu fosse para o cemitério, ele dizia, mulher, quando chegar a saudade se é que eu te deixo saudade quando eu morrer, chora em casa, não dês espectáculo, não vás para o cemitério isso é teatro. Ele via estas pessoas que iam chorar para os cemitérios e dizia, isso é teatro mulher, isso não é amor. Se algum dia te faltar amor ou carinho, chora em casa... acho que não havia dia nenhum que eu não chorasse. Eu entrava por esta porta e ele estava sempre, mal me ouvia mexer no fecho, ele levantava a cabeça e olhava para o meu rosto e sabia logo se eu vinha triste... e eu aqui me sentava, ele direito, sem estar torcido, eu é que me torcia... outras vezes punha-me de joelhos na frente dele, como já lhe disse e, punha-me a consumi-lo, não sei... muitas saudades. Acho que nunca mais me esquece e lhe digo mais, eu parece, eu já digo isto há muitos anos mesmo, ainda tinha o meu marido, ele dizia, olha quando eu morrer vê lá o que é que tu ajeitas, ainda ajeitas alguém que te vem comer o que eu te deixo e eu dizia, Oh homem, só se for o meu destino mas não creio... não creio que ajeite homem, sabe porquê? A menina para lá vai... a gente, o casal, na sua intimidade, não sei, tem certas atitudes, tem certas coisas que eu acho que não era capaz de fazer com outra pessoa, eu julgo, não sei se chegasse a essa altura e eu mantinha as ideias que tenho hoje mas, desde sempre eu tive esse pensamento... eu casar outra vez, não, não queria. Se eu lhe dizia que não era capaz de dar um beijo, que tenho nojo então o que é que eu hei-de fazer? E por conseguinte, acho que não. Já me rondaram e eu olhei e virei-lhe as costas e caminhei. Por conseguinte, é como lhe digo, julgo, para mais agora estou aqui, então é que as ideias estão todas arrumadas, não é? No entanto, há aqui senhoras que têm os seus namorados. Ninguém pode censurar por isso, são pessoas livres mas eu acho que... olhe só se fosse assim, uma coisa assim, olhe, é só para lhe fazer companhia, só para me fazer companhia, irmos passear, irmos almoçar, nada de carinhos, nada... assim ainda poderia ser mas é coisa que eu não penso. Olhe, estou bem... bem, bem, bem não estou... estou bem num sentido, bem de feliz, de estar aqui, nunca estive, há quem esteja. Há aqui quem esteja e que diga que estão felizes, eu não estou... (...) estar aqui só me trouxe amargura, a mim e ao meu marido. O meu marido não deu trabalho nenhum como lhe disse, eu pouco trabalho tenho dado mas, já tenho tido umas enxaquecas de estar quinze, oito dias de cama mas, tem sido coisas passageiras.

Olhe uma vez, estávamos em L., não havia revista nenhuma que não fosse ver... uma vez estava em L., estava lá há um mês, vim de L., e quando estava a chegar a casa já lá tinha um telegrama para voltar... houve um abaloamento à saída da barra e o barco teve tudo que recolher à doca para fazer o reparo e, nessa altura, havia lá no coliseu a fonte luminosa, que o meu marido dizia que na altura, quantos milhares de contos foram precisos para manter aquela fonte luminosa a trabalhar em palco, ali mais de cem pessoas ali a trabalhar... uma maravilha e eu, só tirei a roupa suja e meti mais alguma e diz ele, não tragas muita porque o programa é por poucos dias, que era o tempo de fazer os reparos e, lá volto para L., era assim a minha vida. O meu marido vivia para mim, tá a compreender. Às vezes também, eu era uma pessoa muito poupada e tinha feito a cama de véspera e, não estive a mudar a cama e, às vezes quando estava sozinha não estava para mudar, eu tinha lençóis muito lindos, com barras assim grandes de renda feitas pela minha mão e ele nunca me disse nada mas nesse dia diz-me ele assim, Oh mulher, afinal eu dou tanto dinheiro para linhas não sei para quê, chego a casa e não vejo nada e digo eu, Oh homem, desculpa. Eu tinha feito ontem a cama de lavado... a bem dizer, eu não te estou a censurar, só não sei para que queres os lençóis, para quem são? E serviu-me de lição, nem que a tivesse feito de manhã, à tarde desfazia-a, punha-a toda no sítio. Oh mulher, não exageres tanto. Por conseguinte, aqui não sou feliz. Aqui não sou feliz. No entanto, é como lhe digo, todas as vezes que tenho estado doente, têm me tratado, todos os dias me trazem a sopa que é o que eu como, que eu como só a sopa excepto quando, ainda há um bocado trouxe um prato de queijo para cima porque eu à noite tenho que comer meio pão com queijo ou com uma fatia de fiambre por isso, elas trazem aquela terrina e eu só como concha e meia, o prato fica meio, e a médica disse que era pouco queria que eu comesse ou meio pão, com fiambre ou com queijo e depois uma peça de fruta por cima porque, só a sopa que não chegava tinha que ter outro alimento.

Quando olha para a sua vida até hoje, como é que conseguiu ultrapassar as dificuldades com que se deparou e o que é que aprendeu com essas dificuldades?

Olhe, a gente aprende sempre qualquer coisa. A gente aprende sempre... dificuldades... para lhe ser franca, dificuldades, dificuldades, não tive. Ora bem, quando eu fiz a minha casa, tive de pedir dinheiro... mas foi por intermédio da segurança social que beneficiava muito as pessoas, e o pagamento que eu tinha de dar era pequeno e consegui arranjar, sempre, sem problemas, arranjar o pagamento. Depois a vida foi sorrindo, foi o maior azar da minha vida, a minha doença, tanto para mim como para o meu marido. A vida foi sorrindo e antes uns anos, lhe tirei tudo da dívida, liquidamos. Por conseguinte, propriamente dito dificuldades de amargura, agora houve uma coisa, quando foi da minha doença e o meu marido teve de sair do trabalho, e se pôs pela caixa e o dinheiro não é a mesma coisa era como se dizia, chapa ganha, chapa batida. Mas eu, como era daquelas pessoas que por exemplo, vinha ao P. e gostava de trazer sempre dinheiro comigo, via por exemplo uns panos da louça em promoção, olha, vou levar, olha, vou comprar isto e, havia uma fábrica de tecidos que havia lá um primo do meu marido, que só de uma vez me deu quatro peças de lençol para minha casa que até veio a carrinha da casa trazer que foram para fazer enxoval para a rapariga, compreende? Eu já lhe disse que tinha lençóis que não queira saber. Quando vim para aqui deixei para aí umas três ou quatro dúzias, que lhes dei. E é como lhe digo, necessidades graves... assim que o meu marido retomou ao serviço, na esperança de que eu melhoraria, mas que levaria seu tempo, ele depois voltou a ir para o emprego. Aí começamos outra vez a ter a vida folgada mas, vida folgada sem estragar nada. Na minha casa eu não deitava nada fora.

Quando olha para si hoje, o que é que sente em relação a si própria?

Não me sinto orgulhosa, nem feliz, nem nada, porque me faltou a pessoa para quem eu vivia e que me dizia assim, Oh mulher não gosto de te ver com isso, vê se ajeitas outra coisa... Oh homem! Olha, mas se tu gostas... mas ele disse aquilo que não gostava... então não me fica bem, eu tinha a impressão de que ficava. Então se tu gostas, não te chateies, não tires... mas eu, podia ser naquele dia, mas no dia seguinte já não levava porque sabia que ele não gostava. Por conseguinte, para mim agora, só dou graças a Deus mas isto com sinceridade, por me ter conservado a vida e peço perdão por tanto ter dito que eu é que ia primeiro. Ele quis-me por à prova... porque ele dizia assim, eu morro primeiro e ninguém me convence...mas olhe que ele dizia com convicção, ninguém me convence... a única pessoa que me pode convencer é Deus do céu mas ele também não vem à terra, por conseguinte não acredito em ninguém. E quando menos esperava, levou-me o meu marido... olhe, ainda ontem sai de casa, como lhe disse esta senhora queria sair e eu, chateia-me estar dentro de casa... estou aqui sozinha, é estes livros que tenho, alguma revista e estou aqui. É uma vida desolada... sem atracção nenhuma... e fui, meti-me no trinta e três, sai na praça e depois disse assim, ora bem... já há muito tempo que não vou ao cabo do mundo, vou até lá. Ora para lá, não me dá jeito meter noutro carro fica distante, que ele vira ali logo à beira do hospital e às vezes apanho o onze e depois saio no P. e depois espero outro, não dá resultado. Como estava o tempo fresquinho, lá subi os C. por ali acima, lá fui ter à paragem do carro. Apanhei o cinquenta que vai para o C do M.. Lá fui, sozinha... sozinha como quem diz, o carro ia cheio de gente mas para mim eu ia sozinha. Lá fui. Cheguei ao C. Do M., eu já conhecia aquilo, tanto conhecia de ir de autocarro como conhecia de ir de automóvel, porque eu corria tudo, eu e o meu marido. Enquanto o depósito tivesse gasolina não era para estar parado. E... lá perguntei eu para o motorista, que tempo vai estar este carro aqui? Porque faltou um e as pessoas que foram naquele carro estiveram à espera uma hora para ir naquele em que eu fui e é capaz de estar muito tempo, tá chegada aqui por cinco minutos... dei assim a volta aquela rotundazinha que faz ali, meti-me no carro e vim-me embora. Desci novamente os C., vinha apertadíssima para fazer chichi, já vinha humedecida mas o penso era bom, resguardou. Entrei numa confeitaria ali na praça que lhe chamam a C. e pedi meia de leite de cevada clarinho e um pão de mistura, é muito saboroso lá o pão de mistura, que me puseram uma fatia de fiambre. E é assim, quatro e meia... comi aquilo e vim embora. Foi o meu passeio... se ia triste vim amargurada. É porque saio, ao sair de casa dá-me aquele entusiasmo de ir mas quando venho, venho mais triste do que quando sai de casa. Não sei... por isso é que lhe digo... de mim, agradeço a Deus, ter-me conservado a vida... e mais nada. Arranjo-me... ora bem, eu já lhe disse que era vaidosa, agora já não sou... qualquer trapo, qualquer trapo eu visto... mas não me puxa. Desde que o meu marido morreu, apenas pus isto, agora de verão porque estas blusas são bastante decotadas, senão não punha. Primeiro também tenho medo dos ladrões, que eu tenho para aí umas bujigangazinhas e... não tenho aquele apego, porque não tenho ninguém que me diga, ora vira-te, ora assim, ora assado... às vezes eu dizia assim ao meu marido, são outros tempos, dizia assim, quando me vestia e que entendia para mim que estava bem, porque eu com qualquer trapo metia vista, é verdade! E eu dizia assim, metia-me na frente dele e dizia assim, Oh P., diz lá, estou bonita, não estou? E ele era assim, Oh mulher, faça de conta que o está a ouvir, Oh mulher, tu nunca foste, como é que tu queres agora ser bonita... era sempre assim, era um desmancha prazeres. Olha lá, porque é que andaste uma vida inteira atrás de mim? Oh mulher, eu era tolo, que queres que eu faça? Olha perdi o juízo! Andou uma vez no jornal, um folhetim que era a Maria da Cruz e ele virava-se assim e dizia, ai mulher, mulher tu és mesmo a minha Maria da Cruz. Porque eu era muito acriançada, era muito infantil, eu tinha cada coisa... olhe, uma vez, em plena rua A., como é que ele me disse, ai que tola de mulher Deus me deu... ele a dizer aquilo, ele não dizia aquilo de amargura, era de felicidade. Eu ia assim de braço dado com ele, e parei assim à frente dele, ai homem, estava-me a apetecer uma coisa... ai mulher, até tenho medo quando tu comesças com esses apetites! O que é que vai sair agora? Olha, queria um bocadinho de colo! Mulher, tu estás doida? Eu ainda não tinha a palavra bem dita, eu vou por trás e

ponho-me às cavalitas... isto autêntico, pus-me às cavalitas. E ele lá caminhou um bocadinho só comigo e eu já fiquei contente... olhe, aquilo foi um espetáculo, naquela rua, não queira saber, toda a gente a rir mas, toda a gente, não era a fazer pouco, era tudo a rir de graça, da graça da brincadeira. Outra vez, nunca soube dançar, mas quando era nova ainda arrastava os pés mais ou menos, mas uma vez chegamos à P., e tinha um paredão, já não é nada do que era, tinha um paredão largo estava lá uma camioneta com um altifalante... aí P., vamos dançar? Oh mulher, tomara eu quem me deixe... aí homem, nem que seja só arrastar os pés. Era assim, era parece meia infantil, meia criança... e ele dizia assim, Oh mulher, quando é que tu fazes mulher? Nunca! Tu nunca mais ganhas juízo... olha, ainda não me viste a bater com a cabeça na parede pois não? Então é porque tenho o juizinho todo. Entre outras assim, eu brincava muito, era muito brincalhona. Ele era assim, ora tu, eu não te conhecia esses predicados, tu parecias uma santa, tão sereninha, e tu estás-me a sair de uma marca. Mas era só com ele. Se visse alguém, punha-me logo muito séria, já ninguém me conhecia... era assim. Para o meu feitio... porque eu com o meu casamento, mostrei-me aquilo que era. Eu entreguei-me ao meu marido de alma e coração... não sei... foi a ele que me revelei... julga que algum dia... ele queria beijos e eu dizia-lhe, espera, quando a gente casar damos todos e ele... ora bem... só oito dias antes de casar é que eu lhe dei um beijo. Quer melhor? Antigamente era outras coisas, era de outra maneira. Eu já disse à menina que se fosse agora não acontecia mais nem menos... mas eu tenho um feitio esquisito e já disse que tenho nojo, o que é que eu hei-de fazer? Nem pelo copo do meu marido eu bebia!... ele então às vezes era assim, Oh mulher, contado ninguém acredita, então nós temos a nossa intimidade e tu não te importas de nada e agora não me bebes pelo copo... já está a menina a avaliar. Cada casal tem a sua intimidade e como se costuma dizer... uma vez uma colega perguntou-me como era e eu disse, Oh filha, eu não te sei explicar, nem sei como começou, nem como acaba e cada um tem a sua maneira certa, tu para saberes como se passa, casa. Ela queria, como há pessoas que contam, contam, não é preciso contar... é que a gente às vezes nem sabe por onde começa nem por onde acaba, o entusiasmo é tanto que a gente esquece, há momentos em que a gente vive, vive aquilo com ansiedade naquele momento e esquece tudo... por conseguinte... e eu, com o meu marido... é por isso que eu digo, eu acho que era incapaz mas eu não quero dizer, eu não faço porque Deus já me mostrou que é ele que manda não sou eu... não sei mas eu, com as ideias que tenho. Quem tripas comeu e quem com viúva casou fica sempre a pensar naquilo que lá passou, ora eu estou na mesma... eu tive a minha intimidade com o meu marido e o meu marido teve aqueles anos muito recatado... cada um tem a sua intimidade e por conseguinte, eu penso que tive esta intimidade com o meu marido, como é que eu agora me vou deitar na cama com outro homem? Ter a coragem de fazer o mesmo que fazia com o meu? Faça de conta, é um obstáculo, é uma coisa que eu... acho que não tenho coragem mas como ainda não caí nessa podia ser igual ou pior, percebe? Aquilo que eu não fiz fico duvidosa... pergunte mais, mais coisas...

Agora vamos passar para outro assunto. Alguma vez sentiu a religião ou a fé como algo importante na sua vida?

Ora bem eu acho que sim. Olhe, sou crente, tenho fé, às vezes zango-me com Deus porque ele não me faz a vontade como eu queria. Ainda lhe vou dizer outra que o meu marido dizia. O meu marido era católico mas não praticante e disse-me uma vez, que eu nunca mais me esquece, quando eu estava doente que chorava muito, eu achava que nunca mais podia caminhar e eu chorava, chorava com toda a razão porque era uma mulher nova, com alegria de viver, com a cabeça cheia de ilusões e eu chorava e chorava... e ele, Oh mulher, lá estás tu a chorar outra vez, porque choras? Deus esqueceu-se de mim... Oh mulher, Deus não se esquece de ti nem de ninguém e diz-me ele assim, olha, se a vida te corresse bem e tu tivesses saúde, até te esquecias Dele, agora como a doença te bateu à porta e tu sentes-te triste dizes que Deus já não se lembra de ti, se esqueceu, olha mulher, tem fé. Olha que é na adversidade que a gente tem que ter mais fé, e eu tenho fé que tu vais caminhar. Nunca mais me esquece destas palavras que o meu marido me disse, no meio, ele que sofria, só não sofria as dores, mas sofria tanto como eu, isso tenho eu a certeza. Ele via-me doente, quando eu estava na cama e era só das pernas muito sofria aquele homem... e depois tinha uma coisa, se às vezes me chateava a ânsia dele era tão grande que eu melhorasse que se fosse possível, de instante a instante lá estava ele a perguntar, já estás melhorzinha, não estás? Ele esquecia-se que me tinha perguntado. Oh, que eu estou na mesma. Oh, não digas isso. Tás melhor? Eu às vezes ficava cheia, Oh homem, eu não tenho melhoras nenhuma. Pronto mulher, não te exaltes. A ansiedade dele, mas... bem ele não ia à igreja... bem se fosse monumentos ou catedrais ele não perdia uma. Há um quadro nas janelas verdes em L., diz que foi o meu marido, naquele tempo, o segundo homem que descobriu que era S. Pedro. O cicerone, nós estávamos a olhar para aqueles quadros e pinturas, o meu marido era muito observador e tinha uma memória privilegiada, acredite que foi ele que descobriu primeiro a minha doença, primeiro que os médicos, com livros que comprou de medicina. Tinha uma memória privilegiada. Ultimamente não, era um autêntico farrapo humano mas aí até aos sessenta anos, era um homem esperto. E o cicerone disse-nos assim, o senhor é capaz de descobrir este retrato? Ele tem um sinal. Olhe, só há uma pessoa que descobriu quem era. O meu marido olhou, olhou, de um lado, do outro, é S. Pedro. Como é que o senhor descobriu? Por ali, por um sinalzinho que tinha. Tem razão, é S. Pedro. Olhe, o senhor é o segundo. Tantas centenas de pessoas para não dizer milhares tem passado por aqui e ninguém adivinhou. E às vezes em L., era quando acastava a marinha americana e tudo isso, havia certas ruas que ficavam com o trânsito interdito, não se podia passar e ele era o que mais me recomendava, mulher, nesses dias não vás para a rua, a não ser acompanhada comigo, podes ser interpretada por outra pessoa qualquer. Tranquiliza-te que eu não vou. E agora vou buscar um termo pouco bonito, essas mulheres da má vida, como lhes chamam, da vida fácil, que de fácil não tem nada... aquilo era formidável, aquilo com a marinha americana, e também muitas pessoas que, se não eram bem da má vida, nesse caso não sei que faziam... e uma vez eu estava sentada numa esplanada com o meu marido, lá em L. e, diz ele assim, olha, lá vai uma desgraçada... Oh P., como é que tu podes dizer uma coisa dessas? Agora não, mas quando vier outra eu vou caminhar contigo um bocado e tu vais ver para onde ela vai. Aquelas que iam para casas particulares. Ele parece que farejava.

Agora, quanto ao ser católica, eu sou católica, praticante, temente a Deus e sempre com a esperança que Ele me conceda a graça que eu lhe tenho pedido, de não me deixar aqui acamar, não queria acamar, queria que Deus... eu me deitasse e acordasse já no outro lado... eu queria.

E hoje, considera que é importante ter fé? Na altura que o seu marido faleceu, ficou zangada com Deus?

Não, não fiquei zangada com Deus... fiquei triste. Só disse, Meu Deus eu não esperava tanto... mas zangada com Deus não fiquei, não podia zangar-me com ele por causa disso...

Porque... ele levou-lhe o seu companheiro

Porque eu tenho fé e algum de nós tinha que ir primeiro... É a lei da vida. E há uma coisa que eu digo, eu reconheço que o que se passou comigo acontece aqui com muitas pessoas mas, nem todas as pessoas reagem da mesma maneira, compreende? Pode crer que todas as senhoras, cada uma tem a sua maneira de ser diferente, uma, por exemplo, umas conservam-se mais, olhe, eu fui ver um funeral há coisa de um mês, que só fomos quatro ou cinco pessoas, e eu fiquei chocada. Estava-se a rezar o terço e as

lágrimas estavam a cair-me pela a cara abaixo e a dizer assim, ainda diz-se que somos todos irmãos... para uns vai tudo para outros... reduziu-se a isto... mais ninguém veio. Até mesmo depois de morto nos dão desprezo... e é isto que choca, eu choca-me muito isto!

Eu sei, pelas histórias que me tem contado que lidou muitas vezes com a morte, de pessoas que eram especiais para si...

Bom, foram os meus pais, foram os meus avós, que foram as pessoas mais queridas, pessoas amigas, de quem a gente às vezes sente saudades, mais até do que certos familiares que às vezes a gente nem convive com eles... olhe isto aqui, morreu hoje uma pessoa... rei morto, rei posto... aquele sentimento não há... morreu, acabou. Vai-se ao funeral, quem vai, a maior parte às vezes ficam em casa. Pronto. Quanto às empregadas isso não admira nada... aqueles que lhes dão, elas vão também ao funeral com aquela imposturice, é só imposturice, é só hipocrisia, eu não vejo sentimento. Serei eu uma pessoa diferente? Não sei. Isto é o que eu penso, já lhe disse que não sou feliz aqui, já disse à directora que eu vivo aqui num inferno... isto para mim é um verdadeiro inferno, sinto-me bem na rua, aqui dentro não. Mas há aqui pessoas, que se falar com elas, elas dizem, meu doce lar, eu sou muito feliz aqui, eu não sou, o que é que eu hei-de dizer. Porque tenho encontrado tanta gente falsa, tanta gente hipócrita, em quem eu esperava, em quem eu confiava, cegamente e que me viraram as costas, sem eu fazer mal nenhum... estou desiludida da vida... não é bem desiludida da vida, desiludida com o ambiente que aqui tenho. E a directora não gosta que a gente diga isso... (virou cassete)... mas eu não sou aceite, para que é que eu hei-de estar a encobrir, mas não ganho nada com isso, com esta minha atitude só me estou a prejudicar... mas é a minha maneira de sentir...

Se calhar é verdadeira para si... e ser verdadeira para si é que interessa...

Mas ela gosta de hipocrisia... isto aqui... ninguém tenha ilusões, algumas estão bem... anda aí uma criatura também que é dos meus conhecimentos, já tem dado voltas, já tem dado pulseiras, e afinal de contas, ao final de dois dias ou três dias, não lhe ligam nada... e eu digo assim... a gente está a dispor e no fim de contas não nos ligam nada para que a gente, elas deviam nos acarinhar mais porque a gente está aqui... enquanto eu estive com o meu companheiro... mas quando a gente fica só, a gente está carente, a gente precisa de uma palavra, nem que seja aquela imposturice, uma palavra que nos caia no coração... eu por exemplo, sinto-me desamparada por completo, mais nada. Ninguém dá carinho a ninguém. Agora aquelas que andam no mexerico, constantemente, como um grupo que anda aí e tenho eu ouvido tanta coisa...

Passou pela morte dos seus pais, pela morte dos seus avós, o que é que significaram essas experiências para si?

A morte da minha avó materna, senti-a muito, e ela morreu-me nos meus braços. Ela morreu cancerosa. Eu todos os dias de manhã sentava-me na beira da cama para lhe dar um chazinho com umas tostinhas muito amolecidas. Sentava-me e ela tombava a cabecinha assim, eu estava-lhe a dar e ela morreu-me nos meus braços. Senti muito a morte dela, ela morreu nos meus braços e eu julgava que ela ainda estava viva, eu era assim, Oh, vizinha, ande lá, só mais esta, e ela não engolia e eu chamei uma tia minha, irmã dela, Oh L., a avozinha não engole... e ela chegou lá à beira da cama, pois não filha... vamos deitá-la que ela quer descansar... tinha-me morrido nos meus braços. Por mais que quisessem que eu chorasse, eu não chorei, depois tive quinze dias de cama, muito mal mas, não deitei uma lágrima e ela, não sei... a minha avó antes dois dias de morrer entrou em coma. Entrou em coma, teve quase o dia todo assim, sem falar e depois, no fim da tarde, nas aldeias reúnem-se assim aquelas pessoas amigas, todas, estava a casa cheia de gente, duas irmãs dela que já morreram também e ela acordou... a minha mãe sentiu mexer e chegou ao quarto e ela disse, Oh minha mãe, que sono tão grande. E ela disse, sim filha, foi um sono grande mas já estou consolada porque estive a conversar com a minha mãe e com as minhas irmãs. E a minha mãe não falou na mãe, as suas irmãs estão aqui... duas estavam ali, duas já tinham morrido. Não são essas. São as outras que amanhã me vêm buscar. E a minha mãe cortava-lhe sempre a palavra... tá bem mãe, olhe então vou chamá-las. Não precisas... elas vêm. E depois disse assim para a minha mãe... olha filha, faz hoje à noite uma panela boa de sopa e deita-lhe um traço de carne a cozer para amanhã não teres muito trabalho. E eu nesse dia, não tinha ido para o emprego, porque ela já estava muito agitada, não tinha ido para o emprego. E diz-me ela assim, tás aqui minha filha. Hoje não foste trabalhar e amanhã também não vais. E eu disse assim, Oh vizinha, eu tenho que ir, porque o patrão, se fosse para mim, eu podia estar em casa mas para estar olhar pela família... mas amanhã vais ficar, porque eu quero que tu fiques. Eu não contrariei. E ela disse que estive a conversar com a mãe, disse que estive a conversar com as irmãs e que amanhã, à mesma hora, que elas a vinham buscar. Àquela hora, ela morreu. Fechou os olhos... eu não esperava aquilo... ela para mim... a minha mãe chegava a dizer que eu tinha mais amor à minha avó do que tinha a ela. Não era bem assim mas é que a minha avó fazia-me as vontades todas. Eu era a menina dela... ainda me lembro criancinha dos meus onze anos ou mais nova, tinha uma canastrinha que me deram e eu punha num prato molhado, ia às folhas das margaridas e tirava, molhava-as, punha-as em cima da canastrinha e depois punha areia por cima, que era o sal, como eu via as peixeiras e depois andava a pregar como elas, sozinha em casa. Depois chegava à cozinha da minha avó e dizia, Oh freguesa, ajude-me que ainda não me estriei. Compre-me alguma coisinha. Oh peixeira, não quero nada. Aquelas coisas que elas diziam, aquilo era tudo imitado. E a minha avó prestava-se àquilo tudo porque eu era sozinha... dava às cordas para eu jogar à corda... já a minha mãe não fazia nada disso. Por conseguinte, eu estava muito apegada... a morte da minha avó foi a que mais me custou de todas...

Mesmo a dos seus pais?

Dos meus pais lembro mas foi assim... da minha mãe já foi diferente. Eu já tinha mais anos, já estava casada. O meu pai, eu tinha vindo do Algarve, dois dias antes de ele morrer e a minha mãe disse, olha, o teu pai está muito doente, está muito inchado, foi uma cirrose, está muito inchado. E eu trazia uns melões muito bons, ele não come nada... vou-lhe dar umas talhadinhas de melão, pode ser que ele coma. E levei-lhe duas talhadinhas e, já tinha tirado a casca, parti aos quartos e fui levar-lhe... meu pai, trago aqui um melão que é uma delícia, ele gostava muito de melão, muito bom, muito bom, está um bocadinho fresquinho, vais-te consolar. Aí filha não quero. Não me diga que não quer. E o meu pai, não sei, a minha estava ali tempos para lhe dar qualquer coisa e eu vinha... eu era muito parecida com o meu pai, até feito e tudo... aí não me diga isso e o meu pai, era mais conversador que a minha mãe, eu gostava mais do meu pai do que da minha mãe, Oh meu pai, vai comer? Então eu vim carregada com os melões e agora diz-me que não quer, era o que me faltava. Come, come sim senhora. Lá foi comendo devagarinho. Nunca tinha vestido um morto e ajudei a vestir o meu pai. Eu não sei onde é que a gente vai buscar coragem. Nunca tinha vestido, nem pensar. Como é que a gente vai buscar coragem, ainda hoje, digo como é que eu consegui. Custou-me mas tinha o meu marido, que me ajudava a superar todas as mágoas. E a gente tinha aquele apoio e aquele aconchego. Da minha mãe, eu tinha aquela vizinha que não sei se já lhe contei..., foi incansável enquanto a minha mãe mas... eu não sei o que acontece às pessoas, porque éramos amicíssimas, olhe que ela ia uma quantidade de vezes a minha casa perguntar se eu precisava de ajuda para a minha mãe. A minha mãe esteve acamada um mês, com uma crise de diabetes, entrou em coma e durou um mês.



O que significou para si ter perdido o seu marido, como viveu aqueles dias seguintes.

Foi o desabar da minha vida. A minha vida perdeu tudo. Vivo porque Deus me dá vida, e agradeço a Deus por ter dado saúde, não é? Eu perdi o interesse. Para quê? Ninguém precisa de mim para nada. Eu não faço falta a ninguém. É o desabar é a derrocada completa foi o que eu senti. Além disso, eu quando vim para aqui disse-lhe logo assim, a minha vida mudou completamente, mesmo quando vim para aqui, mudei completamente, já não era a mesma. Nem o meu marido. Não. O nosso carinho era o mesmo mas aparentemente, com as pessoas... eu nunca saía sem lhe dar um beijo, nem nada. Foi o desmoronar de todos os sonhos de uma vida de 48 anos. Foi um sofrimento muito grande, nem quero que me lembre. Ainda hoje disse a uma prima minha, onde fui de manhã, eu disse: Oh prima, tu queres ver que ainda não me convenci que estou viúva. Eu tenho a impressão que o meu marido me vai aparecer a qualquer momento. Dizia-me ela: Oh prima não pense nisso, ele morreu e está bem morto, foi cremado. Mas a minha ilusão, aí é tão grande, eu digo: eu não estou viúva, é impossível. Então eu havia de morrer primeiro, e às vezes digo assim: aí meu Jesus, eu estou a ficar maluca. Começo assim a pensar.... para mim, a morte do meu marido foi... foi uma coisa muito triste, não sou a mesma. Olhe, perdi o gosto. Se eu tivesse alguém que me puxasse, que me animasse, que me encorajasse, é possível que eu não estivesse nesta angústia. Mas é isto, é este degredo assim.... hoje e todos os dias, é isto. Ainda são estes livros que eu leio, estas coisas que dão na televisão... às 8 horas estou na cama. O que é depois é que levanto-me 5h30, 6h... venho, rezo, choro, a minha vida é esta. Dói, dói muito. O meu marido fez 10 meses no dia 19, e ela já está na casa há mais de três meses, com tudo direitinho, nos trinquês como deve ser. E todos os testamentos e todos os dias eu era assim, Oh meu Deus dá-me vida até eu completar este serviço... não me tires a vida sem eu resolver este problema. Todos os dias pedia a Deus para completar aquilo que tinha para resolver. É isto, as minhas intenções, os meus votos, os meus pedidos é tudo baseado na mesma coisa... vivo, lavo-me arrajo-me mas não é com gosto. Faço porque digo... é como as pessoas me dizem... aí, quem a viu e quem a vê. Pois é! Quando me viam eu tinha alegria de viver e tinha para quem viver, agora não tenho. Eu não faço falta a ninguém, ninguém chora por mim uma lágrima...

Já passou algum tempo, 10 meses desde a morte do seu marido. Como é que a sua forma de estar perante a morte modificou... como é que encara a morte, agora?

Olhe, a morte do meu marido e a morte da minha avó foram as mortes que eu mais senti. Porque quando morreram os meus avós, eu tinha os meus pais. E naquele tempo uma criança em casa ajuda muito. Naquele tempo a minha mãe tinha as suas obrigações de esposa e de mãe e isso... há muita coisa em que.... eu aqui, não tenho nada que fazer, não tenho nada que me ocupe o tempo. A nossa ocupação do tempo... às vezes a gente diz que tem que se descansar, e é bom, desde que não seja em demasia não mata ninguém, pelo contrário, distrai. Eu gostava muito de fazer renda, mas fazer renda aqui para quê.... gastar dinheiro, cansar o corpo.... se eu tinha tanta renda, se eu fiz tanta renda e dei tanta renda quando vim para aqui, tanta coisa. Para quê, que é preciso fazer renda, para estar a dar? A quem não merece, a essa menina, dei uma quantidade de rendas de naperons e eu sei lá. Eu aproveitava tudo. E combinações de cores que eu fazia.... agora não tem sentido. Trabalhar para quê? Já me disseram que às vezes para as obras de caridade.... sim talvez isso me desse para fazer e sabe que eu não posso estar presa.... é uma prisão a gente depois tem que cumprir com aquilo e eu não gosto de me sentir presa. É que depois é aquela obrigação que tem naqueles dias de fazer. Não quis. Para as praias não vou porque eu não posso ir para as águas nem apanhar sol, que me fazem mal. Por conseguinte, levo esta vida estúpida, sem interesse. A gente começa a desinteressar-se porque cada vez tudo nos interessa menos. Porque não tem uma finalidade, compreende? Por exemplo, a menina vai começar a fazer, tem essa finalidade, vou para o meu futuro, vou para o meu marido, vou para a minha vida... se Deus lhe der filhos, vou pelos meus filhos. Enquanto a gente está casada a gente vive sempre de esperanças, sempre de ilusões. Olhe, não há nada como uma coisa que a gente compre com o nosso dinheiro, com o nosso sacrifício, para ter valor. Se nos meterem tudo dentro de casa, a gente não sabe dar valor a quanto aquilo custou. Mas por exemplo, se Deus lhe der um filho. Quando começa a criar um filho – eu não tive mas sei apreciar – a criança a mexer e a mãe começa logo a amar aquele ser que ainda não nasceu. Aquela ansiedade de o por cá fora no mundo e depois as roupinhas, e depois tratar dele, depois acarinhá-lo, depois ouvir a primeira fala, a gente vive de maravilha em maravilha. Aquela ânsia.... isso dá-nos vida. Mas quando a gente perde as pessoas que mais quer, não tem nada para fazer, não tem um braço amigo que se aconchegue a nós, que nos dá uma palavra amiga. Olha, vamos, anda, vamos dar uma voltinha.... isso estimula, compreende? Eu procuro me adaptar....

O que é que pensa da morte hoje em dia?

Em certos casos é uma felicidade, uma libertação. Tenho medo da morte.... para lhe ser franca tenho medo da morte.... ora bem, não é da morte é do sofrimento que isso pode causar.... a morte é uma passagem. Agora, o sofrimento é do que eu tenho medo. Principalmente, se eu acamo aqui... disso é que.... para mim é dolorosíssimo. Porque sei como já tenho visto os outros ser tratados, a mim não vai ser melhor. A gente depois de ver o que se passa com os outros, sabemos avaliar o que se vai passar connosco. E isso começa-nos a atormentar.

Se tivesse que dar uma forma ou imagem à morte que imagem é que vem à cabeça?

Dar uma imagem à morte.... não sei! Não sei... depende. Olhe, como já lhe disse para certos casos é uma libertação para outros é muito doloroso. Porque a palavra morte, já por si nos atormenta. E por conseguinte, não sei bem definir.... é uma coisa feia. Se for é feio, mas eu não sei definir mas sei que é amargura, é tristeza, quando a gente tem um ente querido a gente não pode ver a morte.... como coisa boa não é.... quer dizer é boa, e até pessoas que têm estado doentes eu tenho pedido a Deus tenha compaixão dessa criatura porque há sofrimentos tão dolorosos, tão dolorosos....que é mil vezes preferível a morte que por certo não se sofre tanto. É isto, não sei bem.

Costuma pensar muito no futuro?

Ora bem.... eu agora penso mais na morte do que no futuro... o futuro... o que eu tinha de futuro já acabou tudo, as minhas lutas, as minhas ansiedades.... o que é que eu espero agora do futuro? Eu agora para mim só espero a morte que ela chegue quando Deus a determinar.... já a tenho desejado. Já tenho desejado muitas vezes... não sei se é para me libertar mas.... com a morte.... quando eu vim para aqui, a minha vida terminou, acabou. Eu estou aqui à espera que a morte chegue. Quando para aqui vim nos primeiros anos, ainda fui para fora, eu gostava muito de ir de vez em quando para fora, ainda fui 3 ou 4 anos para fora.... a última ainda fui a Sevilha, foi o último passeio que o meu marido nesse último anos. Nós andávamos sempre com as malas às costas, que eu era muito aldeieira. E também ia para o Algarve... ter com o irmão do meu marido... nem se ele é vivo ou é morto, também

ninguém comunica. E tão amigos éramos. É assim... não compreendo, não compreendo... não sei explicar, o que se passa, não sei? Feliz de mim que nunca precisei de nada deles! Porque se ele precisasse estava na sarjeta. Nunca precisei de pedir nada a ninguém porque se eu precisasse não sei...

Se tivesse oportunidade de escolher 3 experiências novas para concretizar, quais seriam?

Para ter agora.... não sei filha. Agora nesta altura da vida, o que poderia eu desejar? Olhe a única coisa que eu posso desejar agora é que o tempo que eu tiver de vida era que Deus não me desse muito sofrimento.... porque eu já tenho passado caldos amargos na vida e que, principalmente, não me deixasse acamar isso é que eu não queria.... estar aqui acamada. Queria-me deitar e que Deus me chamasse e acabou, porque eu não tenho razões agora nenhuma, nenhuma para estar cá.... a única coisa que eu peço a Deus era que não me deixasse... eu não se lhe disse fez ontem oito dias, fui à senhora da saúde e cai e tenho andado mal, tenho andado a esfregar com hirodóide mas hoje até ando melhorzinha... eu passei trabalhos na cama para me voltar, cheia de dores, foi mesmo uma queda estúpida, por completo... eu bati com o bico dos sapatos no degrau e no tempo que bati fui com as mãos ao chão e... não pisei joelhos, não esfolei mãos, não tive nada, foi aqui deste lado.... todos os dias tenho esfregado com hirodóide e tenho estado melhorzinha. Ainda quando a menina cá esteve na sexta feira, me custou levantar. Por isso, agora a única coisa que eu espero e que eu de coração quero saber é que Deus me dê uma boa morte, sem sofrer.... o meu marido já foi, não tenho amigos, não tenho família, não tenho ninguém o que é que eu espero da vida? O quê? Para ser discriminada como às vezes sou... também tenho que falar. Não tenho nada a esperar, não tenho. Olhe, eu tenho um quisto aqui no pulmão esquerdo, eu tenho uma hérnia no umbigo, eu tenho um fibroma na barriga, eu tenho pedras nos rins, eu não aguento as urinas, eu tenho má circulação, eu tenho diabetes.... não acha que já é muita coisa. Esta marca que aqui tenho deu-me uns nervos que não queira saber.... sabe aqueles pontinhos negros que às vezes a gente ganha na pele? Isto foi um ponto negro que espremi e isto enquistou. Andei aqui com isto 10 meses, porque eles julgaram que era canceroso mas não era canceroso (...) por isto ajeitei uma camada de nervos, que eu até era uma pessoa calma, pacata, mas arranjei uma camada de nervos que não queira saber. Depois acabaram por ver que não era nada.

O que é que mudava hoje, se pudesse voltar atrás?

O que é que eu havia de mudar.... olhe que o mundo fosse melhor para todos, mas não está na minha mão. Isso está nas mãos dos governantes, na minha não está. Mais paz, mais amor, mais consideração por todos, pelos velhos que hoje em dia ninguém respeita os velhos, todos troçam os velhos e todos se esquecem que se não morrerem para lá vão, isto é a lei da vida. Que houvesse mais carinho pelas crianças abandonadas que precisam tanto. Para mim, já nada me entusiasma. Eu gostava de jogar... jogar na lotaria, no totoloto, nunca me saiu nada... o meu marido saiu-lhe 90 escudos, mas nunca mais saiu. E eu disse para mim e para os meus botões... Oh Clara, andas tu a gastar dinheiro inutilmente para quê? Para que é que eu quero dinheiro? Eu tenho um bom marido... eu não sou rica mas tenho pão nosso de cada dia, ele é meu amigo, eu não tenho necessidade de nada... o meu marido é saudável, eu também vou vivendo, ora, nem todos podemos ser ricos quem me manda a mim andar a meter-me nestas coisas... pronto, nunca mais joguei. Ainda mesmo rifas, às vezes fico-lhes com elas, mas não me sai nada...

Teve sorte ao amor, azar no jogo....

Eu tinha tudo, para que é que eu queria ser gananciosa? Eu fiz mesmo este raciocínio. Para que é que eu preciso de ser gananciosa.... olhe que o meu marido não se poupava a sacrifícios! Mas dizia que não era escravo do dinheiro. Como ele me entregava todo o dinheiro que ganhava eu tinha que fazer as despesas e guardar a outra parte, eu tinha que administrar. Ele chamava-me o ministro das finanças. Oh mulher, aqui tens, não quero que passes necessidade mas não esbanjes. Mas ele tinha sempre uns biscates, uns ganhos, ele tinha sempre dinheiro na carteira. Também nunca lhe tirei dinheiro da carteira. E, iamos dar um passeio e: quem paga? És tu homem, tu é que me convidaste! Quando é que tu dizes... quando tu fizeres anos. Quando ele fazia anos, iamos almoçar fora e eu tinha que lhe pagar o almoço, mas um almoço em condições. Tivemos coisas muito boas na nossa vida. Por isso é que me dá saudade.... agora, o que é que eu espero da vida? Agora o que eu espero é isto: saúde e a graça de Deus. Só queria que Deus me desse saúde enquanto eu cá viver e a graça de Deus e quando ele entender que os meus dias chegaram ao fim, que me desse uma boa e santa morte. Não queria mais nada.... eu estou a falar nisto com sinceridade, o que é que eu espero? Não tenho família, não tenho ninguém, morrendo eu acaba a minha geração... eu tenho primos mas a minha prima já é em quarto grau, já é uma prima afastada. E por conseguinte, eu tenho primos direitos, tenho uma em L., em A., ela também está viúva mas ela está lá e eu estou aqui. Não me vou andar a deslocar a L. e ela de L. aqui. Telefonamo-nos mais do que escrevemos. Tenho outro para F., já nem eu me lembro deles, nem eles de mim. É que ouça menina, eu não tenho ninguém a desejar-me, não tenho ninguém de quem receba um carinho. O que é que eu ando aqui a fazer? Isto é quem se confessa, estou a falar-lhe com o coração nas mãos.

o que eu peço a Deus e ainda mais nesta altura, desde que o meu marido morreu, que me fosse possível que não me tirasse a saúde das minhas pernas para eu poder sair daqui. Porque se Deus me tira a saúde das pernas eu não sei o que vai ser.... é de enlouquecer, compreendeu? Por isso é que eu peço... e a graça de Deus. Tenho que comer, tenho que vestir, tenho que calçar, não são coisas bonitas mas são trapos, não são trapos velhos. E é isso, não quero mais nada da vida. Não quero. O que Deus tinha para me dar eu já tive... fartei-me de passear, tudo o que era bom me passou pelo dente, quantas vezes eu lanchei camarões em minha casa...

O que é que pensa desta entrevista e sobre tudo o que a gente falou?

Ora bem, que é que eu hei-de pensar... gostei de falar com a menina, acho-a simpática, isso é verdade.

O que é que sentiu ao falar destas coisas?

Recordar é viver. E a menina disse que é para um trabalho e espero que possa ajudar, que seja feliz, que tudo lhe corra pelo melhor e que Deus lhe dê muita felicidade na vida. Fiz com agrado e com simpatia. Que consiga na vida aquilo que aspira, mas que saiba na altura do azar encarar com a mesma tranquilidade... isso é que eu lhe digo! E se o seu futuro marido, se algum dia tiver um azar na vida, que oxalá não tenha, mas tudo é possível, ajude-o, ajude-o a superar. Faça o que estiver ao seu alcance para o ajudar por isso é que é a mulher. Porque o meu marido fazia-se de muito arrogante mas era um mimalho... eles às vezes não querem mostrar os sentimentos que têm porque dizem que a mulher é a serpente.... mostre-se como é, seja simpática. Isto é



do coração. Vi a menina pela segunda vez, nunca a tinha visto, mas há pessoas. Vou-lhe contar uma história.... pode deixar de gravar que já não interessa....

**D. Esmeralda 83 anos**

D. Esmeralda, diga-me a sua data de nascimento, por favor.

Onze de Junho de 1920.

Oitenta e três anos! Está muito bem para oitenta e três anos.

Não... tenho tido muitos problemas com as pernas, é os ossos, é as varizes, é o estômago, é o intestino, é tudo... se for falar nisto tudo nunca mais me calo!

E nasceu aqui no P. ou aqui em G.?

Nasci em... na freguesia de Santo Isidoro, concelho de M. de C..

E veio viver para o P. ou viveu sempre lá?

O meu marido era engenheiro electrotécnico e estava na T.. Primeiro não se chamava T., porque estava ligado aos correios, era serviços técnicos. E, agora é que eu já não sei o que ia a dizer.... estou um bocado esquecida.

Casou com um engenheiro electrotécnico...

Ah, e então ele esteve muito tempo em comissão de serviço. Era o que nos valia porque naquele tempo ganhava-se muito pouquinho. Eu não tenho curso nenhum mas, quero dizer, casamos tarde.

Casaram tarde?

Casei com 36 anos.

Casou com 36 anos?

E o meu marido 35.

Então casaram mesmo tarde...

Porque ele esteve em África, ele ainda esteve em África. O meu marido era mestiço e então, o pai tinha muito amor aquele filho, ele só tinha aquele e, deu-se a guerra e ele já tinha feito o liceu mas, não o deixou vir comigo, não queria que lhe acontecesse mal, se lhe acontecesse mal queria que lhe acontecesse ao pé dele. De maneira que só quando acabou a guerra é que ele veio tirar o curso de engenharia... já começou um bocado tarde mas,... e depois, no princípio também não tinha emprego, como muitos e muitas, muitas senhoras, professoras de liceu não tinham emprego. Havia uma dificuldade muito grande, quase como agora se está a passar. Se não foi pior. Então, esperamos, esperou-se, que ele acabasse...

Então namorou muitos anos?

Não. Ele veio para cá já com 25 anos.

Namorou quanto tempo com o seu marido, antes de casar?

Olhe, nem sei. Ele era filho de um amigo do meu irmão, de maneira que, quando veio para cá veio recomendado a uma minha irmã, que já era mais velha do que eu, doze anos e então esteve lá em casa dela até arranjar quarto, sitio para ficar e, dava explicações. Depois, como arranjou emprego certo foi para os correios, para os serviços técnicos e então depois é que casámos.

E casou... lembra-se do dia e da data do seu casamento?

Lembro, 14 de Outubro.

De que ano?

Isso agora é que eu já não me lembro.

Esteve casada quantos anos?

Ora, eu tinha 36 anos, tenho 83... assim de cabeça já não faço contas.

Mas estava casada quantos anos, lembra-se?

Estive casada até 2001.

Lembra-se em que dia o seu marido faleceu?

Lembro. Dia 20 de Maio. Mas estou muito esquecida...

Está ficar cansada?

Estou... tive um choque muito grande quando me morreu o meu marido. Porque ele já andava... ele teve a infelicidade de partir a perna por três vezes. Ele da última vez ficou muito mal, muito mal tratado. De maneira que... já estava reformado. Estava quase sempre aqui sentado. Custava-lhe muito a andar mas, quando saía... mas também não ia para longe. Iamos

assim, às vezes dar uma voltinha aqui pela beira-mar ou íamos fazer umas comprasitas, já não ia para longe. Nós tínhamos muitos amigos em T. N. e S. e então, de vez em quando íamos lá mas depois deixamos de ir porque não podíamos. Ele já não aguentava.

Só casou uma vez?

Só casei esta vez...

Como é que se chamava o seu marido?

J..

E teve filhos?

Não. Eu não tinha muito desgosto de não ter filhos mas ele tinha muito desgosto de não ter filhos.

Não podiam ter filhos?

Nunca fizemos exame nenhum. No entanto, um dia ele disse-me assim, se eu sabia que não íamos ter filhos, não me casava. E eu disse, sim senhora, então casaste-te para ter filhos. E fiquei um bocado aborrecida mas ele depois pediu-me muita desculpa: desculpa que eu não dei conta do que disse, gostava muito de ter um filho mas... houve uma ocasião que eu pensava que estava grávida. Ele andava todo contente mas... acabou por não ser. Teve um desgosto muito grande. Nunca calhou e eu também nunca fiz tratamento nenhum porque tinha muito medo... e também tinha medo de fazer tratamentos porque pessoas minhas amigas que fizeram tratamentos, umas tiveram abortos, não chegaram a ter filhos e outras depois tinham filhos uns atrás dos outros. De maneira que tinha-se que... são coisas que são da conta da natureza. Estava conformada. Estava conformada porque tinha medo porque eu também gosto de crianças mas, tinha muito medo. Agora, tenho muita pena por não ter um filho.

Sente falta disso, agora?

Agora sinto muita falta. As minhas irmãs, os meus irmãos morreram todos. Não foi tudo de uma vez mas também eram muito mais velhos do que eu, porque o meu pai esteve oito anos no Brasil e eles já eram nascidos, eram seis e depois quando veio, nasci eu e outra minha irmã. Da mais velha à mais nova, da mais nova tinha diferença de doze anos, e da mais velha dezasseis e do mais velho dezoito. Eram quase como umas mães para nós, coitadinhas. E passavam muitas vezes, quando saíamos com elas e com a minha irmã mais nova, às vezes perguntavam se eram filhas, quando não conheciam bem as pessoas... se eram meninas delas.

E amigos? Tem muitos amigos agora?

Tenho, mas estamos muito longe uns dos outros. Assim como dos meus familiares, os meus sobrinhos.

Os seus sobrinhos não são de cá?

Está um em M. e outro em L....

Então como é que veio parar aqui a G.?

Foi o meu marido que já tinha pedido há muito, para vir para o P. por que a minha família estava quase toda para este lado. E depois quando se deu o 25 de abril começaram a mandar uns grupos embora...

Ficaram a viver aqui?

Depois até nos ofereceram se queríamos ir para... ficar no P. ou ir para B. Nós preferimos ficar aqui, porque ficávamos bastante mais perto das coisas todas... mais perto apesar de... uns estão na banda de lá, estes dois é que estão mais perto. Mas também têm a vida deles... os sobrinhos não são irmãos.

Mas tem algum irmão vivo?

Não. Morreu tudo já... irmãos e irmãs.

Como foi para si viver estas mortes dos seus irmãos?

Muito triste. Até a morte do meu marido... ele sentiu-se mal de noite... ele devia ter angina de peito... ele já tinha tido no sítio do equilíbrio uma, como é que hei-de dizer, uma espécie de ataque, não foi nenhum ataque... lá nos levantamos, estava-se a arranjar para ir para o trabalho e eu estava a por a minha cama ao ar, não gosto... tiro tudo da cama, dobro e deixo arrefecer a cama e depois é que faço. Ele começou a chamar por mim, aí vem cá, vem cá, depressa. Mas ele também, às vezes tinha a mania de chamar por mim por qualquer coisa e eu... espera que eu vou já. Vem depressa senão eu caio. E eu cheguei lá e ele estava todo ... e eu sozinha ali em casa e estava aflita. Telefonei à minha mulher a dias e ela, que por acaso morava ali à beira, veio logo ajudar. Tivemos que telefonar para o hospital e vieram logo buscá-lo. E depois fizeram... como é que eu hei-de dizer... não sei se é operação... viram onde estava o coágulo e conseguiram esterilizá-lo. Ele depois voltou mas... depois disso também teve um desastre de automóvel ou por outra, um carro veio contra nós... nós íamos a atravessar a rua e...

Foi atropelado?

e... foi atropelado. Eu estava em casa muito mal disposta, eu sofro muito do estômago. De vez em quando dão-me umas dorzitas muito esquisitas. E então, ele disse, anda vamos dar uma voltinha que pode ser que fiques melhor. E fomos a pé até ao pingó doce. E então viemos e disse já que aqui estamos vamos então até ao talho. E fomos ao talho. Quando estávamos de regresso a casa e vinha... estávamos na passadeira e vinha uma grande corrente de carros. Nós estávamos à espera que passasse e quando passou, atravessamos. Mas quando eu olho, vejo lá ao fundo duas motos, vinha uma de cada lado. E um vinha já a aproximar-se muito de nós. E, quer dizer, já estávamos mesmo para apanhar...

A passadeira?

Não era a passadeira porque eu enganei-me. Eu disse que era a passadeira mas não foi na passadeira que nós passamos. Foi perto da passadeira. E, ele ia um pedaço à minha frente e eu ia mais atrás. E daí vi a mota quase a chegar ao pé de nós... e nisto olho para trás e já o meu marido estava deitado no chão. Comecei logo a chorar... Eu cheguei ao pé dele... ele tinha um papo muito grande, um hematoma... e eu disse, ai meu Deus como tu estás. Vi-lhe sangue nas pernas, nas calças, fiquei muito aflita... nem sei dizer como fiquei. Mas antes disso, ou por outra, depois disso começou a chegar muita gente e eu pedi-lhes para chamarem a ambulância mas... ninguém... só queriam olhar para ele e queriam retirá-lo dali, mas eu não deixei... nem podia ir telefonar porque tinha medo que mo tirassem. Mas depois chegou um senhor e... então, o que é que aconteceu minha senhora? O marido está no chão... é o marido da senhora? É sim. Se o senhor fizesse o favor de me chamar uma ambulância, muito lhe agradecia! Esteja descansada minha senhora que já vou chamar. Depois a ambulância veio e aí é que eu vi como ele estava... o sangue... ele foi quase como morto. Ele já estava em coma e eu fiquei muito aflita. E eles disseram-me, a senhora quer vir na ambulância? Eu disse, quero sim. Cheguei ao hospital, levaram-no ao aparelho para fazer um TAC... eu já lá estava há um bocadinho e quis vir a casa para telefonar à minha família. À minha irmã que o filho é médico e a nora também é médica... isto agora... tenho muita dificuldade em me lembrar... chego a certo ponto quero dizer as coisas e não me lembro. É muito triste! E a minha irmã disse, está descansada. Eles não estão cá mas logo que eles apareçam nós vamos ter aí contigo. Eu esperei, esperei e fui ver se conseguia ir a casa sozinha mas, parecia aos saltinhos como os pardais. Então, estava lá um polícia e disse, oh senhor agente, eu precisava de ir a minha casa mas... veja lá que me enganei no caminho. Se os senhores me levassem eu agradecia muito. Pronto minha senhora, vou falar com o chefe e vamos levá-la a casa. E então, foram-me levar a casa. Foram-me levar a casa e estava lá uma vizinha que entrou comigo na minha casa e esteve-me a ajudar. Disse-me ele, se a senhora se sentir pior pode-nos ligar que a gente vem buscá-la, se se sentir melhor, conforme a senhora puder vá outra vez para o hospital. E assim fiz. Mas quando cheguei ao hospital já ele estava, sempre em coma. eu cheguei lá e perguntei não sei se foi a um... médico, como é que ele estava. O marido da senhora não deixa fazer o TAC, está muito nervoso, não deixa fazer, vamos ver se o acalmámos para poder fazer o TAC. Mas nisto, eu já tinha ido a casa, e cheguei ao hospital e ele estava a sair, sem me avisarem e eu fui e espreitei e disse, este senhor é o meu marido? Então a senhora venha se quiser que vamos para o hospital de S. A.. Eles ali, não lhe chegaram a fazer o TAC e então, a minha irmã já tinha telefonado e já estavam à minha espera no S. A. e a polícia também. Então, um dos meus sobrinhos como era médico tiveram entrada e eu fui lá ter. Esteja descansada tia. Eu disse, vejam se ele está ceguinho? Ele tem um hematoma ao pé dos olhos se calhar está ceguinho. Eles disseram, esteja descansada que o tio não está cego. O que se passa é que eles querem-lhe fazer o TAC e ele está muito nervoso, não conseguem, estão a ver se o acalmam para depois fazerem. Depois tornaram a entrar e depois vieram-me dizer, a tia esteja descansada que o tio não está ceguinho e vai melhorar.

Na perna, o que é que ele tinha na perna?

Estava partida. Estiveram a engessar. Porque quando eles o vieram buscar puseram-lhe umas talas.

E a D. Esmeralda veio para aqui depois do seu marido falecer ou já cá estava com ele?

Eu já cá estava com ele. Ou seja... sim, eu já cá estava com ele. Foi o seguinte, eu comprei um andar ali porque não queria desfazer-me de todas as minhas coisas. De maneira que, compramos ali um andar que estava em construção. Prometeram dar-nos o andar em novembro... deram-no em maio do ano seguinte e o meu marido, depois disso, caiu outra vez e partiu outra vez a perna e o médico disse-me que ele estava muito mal. Ele já tinha tido outro acidente que tinha já uma costura, uma cicatriz. Depois estive aqui, bastante tempo sentado, de vez em quando conseguia levá-lo ali a minha casa que é muito pertinho, são cinco minutos quando se anda bem... e eu fiquei muito, não sei explicar... porque de noite, depois deu-lhe aquela coisa e ele cuspiu sangue e eu nem... eu andava tão cansada que ele chamou por mim e eu não acordei. Eu às vezes até ia ver se ele estava bem ou mal mas, naquela altura eu andava tão, tão cansada que não ouvi. Só ouvi quando elas fizeram barulho a abrir a porta. Cheguei aqui, comecei a dar-lhe umas fricções no peito e ele sentiu-se um pouco melhor mas mesmo assim, de vez em quando lá tinha um bocadinho de falta de ar. Até que, as meninas começaram a dizer que era melhor chamar um médico. Eu disse para ele, queres ir para o hospital? E ele disse, quero. E elas foram, porque a mim não me deixaram ir. É uma coisa mal feita, não deixarem ir as pessoas. É certo que algumas vão para lá fazer teatro sem querer mas... não me deixaram ir. Elas quando chegaram vieram-me dizer, o senhor engenheiro ficou internado teve que fazer... não sei explicar... e se ele se sentir nós telefonamos para o virem buscar. Se não sentir fica lá. De maneira que, às quatro horas da madrugada ouço o telefone e fiquei toda contente a esperar que ele já vinha e eles disseram, olhe minha senhora, a senhora é que é esposa do senhor engenheiro que está aqui a fazer tratamento? Sou sim. Olhe minha senhora, tenho muita pena mas tenho que lhe dizer que o seu marido faleceu... foi como quem me meteu um punhal, como quem me destruiu... nunca mais fiquei bem, muito bem da cabeça... cada vez mais esquecida... e é assim... é a vida.

No dia em que fazia anos de casamento, foi mais o marido à terra... nós somos de S. I. É quando chegaram à portagem, ao sair da portagem, há duas estradas que se juntam e então, eles iam a sair da portagem e veio outro contra eles, contra a porta da minha irmã. Ela ainda estava viva mas já não chegou viva ao hospital de são joão. Todos foram choques muito grandes...

Foi antes ou depois do seu marido?

Morreu antes. Tivemos muito desgosto. Eu pensava que as minhas irmãs mais velhas iam morrer primeiro que nós as duas... afinal a mais velha foi a última a morrer, com 96 anos. E outra morreu com 94 e outra morreu, não me lembra muito bem a idade mas morreu mais nova, esta morreu de desastre e as outras morreram de morte natural... foram todos.

E não costuma falar com os seus amigos de T. V. e de S., não costuma falar com eles?

Sim, eles às vezes vêm até cá.

Ai é, que bom?

Eles também têm a vida deles, não é?

Eles são da sua idade?

Sim, mais ou menos. Uns mais novos outros mais velhos. Mais velhos agora também já não tenho ninguém, também já morreram.

Já não tem nenhum?

Dos amigos mais velhos já não tenho nenhum porque todos são mais velhos do que eu...

Foram morrendo...

Ficaram os filhos, os filhos também foram nossos amigos portanto, passam por qualquer lado e vêm cá.

Vêm cá dar-lhe um beijinho... isso é bom D. Esmeralda!

Mas enquanto tínhamos mais saúde o meu marido conduzia e íamos de vez em quando visitar, chegamos a estar alguns dias em casa deles outros dias, estavam eles em nossa casa. Mas tudo se vai acabando...

Qual é a primeira imagem que tem do Sr. J.? Quando pensa no Sr. J. que imagem é que lhe aparece à cabeça?

Não sei...

Não quero que chore. D. Esmeralda, se não quiser não precisamos de continuar. Se vir que isto é muito complicado para si não precisamos de falar nisso.

Longa pausa...

Ele estava doente mas estava cá... estavam os meus aposentos cheios agora estão muito vazios.

O que é que gostava mais nele? O que é que admirava mais nele?

Era o meu marido. Era muito bom marido.

Era um amigo?

Era um amigo, também era uma grande amiga dele...quando via que eu gostava de qualquer coisa, queria logo que eu comprasse... mas eu não comprava. O único cofre foi sempre de nós os dois. Nunca tivemos cofres separados. E ele nunca me foi à mão quando eu queria comprar qualquer coisa... é certo que só se realmente precisasse é que ele dizia, vamos comprar. Ele só comprava um fato se eu fosse com ele, e eu também nunca comprava nada sem a opinião dele. Ele muitas vezes diz assim, porque és assim? Só pensas em guardar dinheiro. E eu, não, nós precisamos de ter cuidado com a nossa vida porque não sabemos o que nos pode acontecer. Às vezes pode vir uma doença muito grande que nos leva tudo e mais alguma coisa se a gente tiver! A sorte que nos dê mas não há muito quem se chegue quando as pessoas precisam... esta conversa tínhamos às vezes os dois. Olha que quando a gente precisa ninguém se lembra de nós. E ela concordava. Se eu queria comprar, muito bem, lá íamos nós comprar se não queria...

Que recordações é que tem do namoro com o Sr. J.?

Uma pessoa sempre muito respeitador.

Respeitador...

Não é como agora!

Ah, agora é diferente?

Até certo ponto, agora não, porque a mulher era muito sacrificada. Era muito mal, como é que eu hei-de dizer, era muito mal vista se alguma coisa lhe acontecesse. Enquanto eles tinham sempre a prioridade.... isso também não estava bem.

Mas agora também é uma liberdade muito grande?

Agora temos uma liberdade muito grande...eu gosto de respeitar e ser respeitada. Uma ocasião andava a dançar com um rapaz lá em casa, eu tinha umas primas que moravam perto de nós e juntavam-se e as pessoas amigas e vizinhas, juntavam-se e, uma ocasião começou, chegou-se a mim e começou assim a lamber junto dos cabelos e eu, ah tire lá os bracinhos. Levou uma bofetada. Eu era muito má. Se não fosse atrevido não levava. Mas ficamos sempre amigos, mas ele nunca mais me tocou. Os meus pais ensinaram-me sempre a respeitar e a ser respeitada. Nunca fazer mal a ninguém mas se alguém nos fizer mal a gente defende-se, não vai chamar por quem nos defenda. E assim fazíamos.

E o Sr. J. era muito respeitador?

Era, era...

Como é que ele lhe pediu em namoro?

Oh, eu já não me lembro. Convivíamos muito...

Eram próximos?

Foi um dia em que ele me disse, e se nos casássemos e eu disse, tá bem, vou pensar. E depois eu disse, tá bem vamos.

E durante o casamento correu sempre tudo ou houve alguns momentos menos bons?

Ah, como em todos os casais. Há sempre algumas coisas que não estamos sempre de acordo um com o outro, mas depois tudo passa. Às vezes eu ficava zangada, ele quando saía vinha sempre dar-me um beijo, não estejas zangada.

A D. Esmeralda trabalhou ou esteve sempre em casa?

Estive sempre em casa.

Estudou até quando?

Eu só fiz a quarta classe, porque tive doente e não consegui fazer mais. Ainda me chegaram a matricular na escola comercial mas não fui.

Não conseguia fazer?

Também, morávamos na L., os transportes era o comboio e eu não aguentava.

Acha que teve um casamento feliz?

Acho que sim. Por isso tenho tantas saudades do meu marido... se casei com ele era porque gostava dele não é?

Hoje em dia quais são as dificuldades que sente?

As dificuldades que sinto é não me conseguir defender como posso, como queria... por estar muito esquecida.

Como é que se queria poder defender?

Resolver todos os meus assuntos sem ajuda de ninguém.

Não consegue?

Não.

Antes conseguia, quando estava cá o Sr. J.?

Consequia. Quando tinha dificuldades ele estava lá. E às vezes era ele. É conforme.

Olhando para si, hoje em dia, como é que se sente em relação a si própria? Sente-se contente, feliz, orgulhosa?

Sinto-me muito só... muito.

Já passaram tantos anos na sua vida, não se sente feliz por tudo o que viveu?

Sim...

Mas isso agora fica esquecido?

Não lhe sei responder... às vezes lembro-me de tudo... às vezes... já estou conformada.

Mas pensa nessas coisas boas?

Penso mas, penso mais nas más.

Parece que estamos sempre a puxar o mal...

Não me sinto feliz por não ter saúde, tenho muita pouca saúde, principalmente esta coisa de não estar muito consciente daquilo que digo, porque quero muitas vezes falar e não sei como dizer, como se diz, é horrível.

É a sua grande preocupação agora?

É.

Vive aflita com isso?

Eu já me andei a tratar com um.... médico das doenças da cabeça...

Um psiquiatra?

Isso mesmo. Ele dizia-me sempre o mesmo, eu bem quero melhorar a senhora mas a senhora chega-me sempre nervosa. Dava-me os medicamentos, eu tomava-os mas eles não ajudavam... mas depois comecei a sofrer muito das pernas outra vez. Deu-me de tal maneira que eu... gostava tanto de andar e tinha de ser operada às varizes e aos ossos, ao joelho. Já estão os dois contaminados mas este é o que está pior. Ora com 83 anos e fazer operações! Óh senhor doutor, eu com a minha idade já não aguento fazer operações. Também acho que sim, a senhora precisava de fazer isso mas, já tem muita idade para fazer isso por isso, também não a aconselho. Vamos dando-lhe alguns medicamentos para a senhora se ir aguentando mas, não queira fazer a operação. E eu, concordei e já era a minha intenção. Pessoas minhas amigas que já tinham feito a operação, mais novas do que eu, andam aí de muletas e, felizes daquelas que andam de muletas que outras deixaram de andar.

Tem muitas amigas aqui no lar, ou aqui perto?

Dou-me com muitas pessoas e não me dou com nenhuma.

Simpática para toda a gente.

Sim, conforme são para mim. Se as pessoas não são para mim como eu sou para elas, não dou importância. É o melhor que se pode fazer. Aqui já chegaram a pensar que eu estava maluca. Porque quando eu saía, para onde vai? Para onde vai? Cheguei a certo ponto a dizer vou para minha casa. Mas elas estavam sempre interessadas em saber onde eu ia. Então eu dizia, vou sair com umas pessoas amigas, mas ainda não sei para onde vou. E elas perceberam que elas não são tolas, faziam de mim tola mas eu, não estou tola, estou esquecida. Isso pode levar a eu ficar tola mas para já...

Não fica tola por estar esquecida. Pode é precisar de mais ajuda das outras pessoas mas não está tola, está só esquecida de algumas coisas mas isso não é tolice.

Agora já estou mais contente, porque eu já andava nervosa por causa disso.

Não fica nada tola, precisa é de mais ajuda. E tem que a aceitar. Mas não está nada tola.

Mas levaram-me a isso. Esta gente pensa que eu estou tola e eu enervava-me por causa disso. Eu não me interesso pela vida de ninguém, mas também não quero que ninguém se meta na minha vida porque eu não me meto na de ninguém. Já tenho idade para me governar, não é agora com 83 anos que eu me vou modificar daquilo que eu sou. Eu sou uma pessoa correcta e gosto que os outros o sejam comigo e que não se importem comigo pelo facto da curiosidade mas sim, para me ajudar. Porque é o mesmo que eu faço com as outras pessoas. Não me interessa nada a vida delas, o que me interessa é saber se estão bem, se estão melhores, se estão piores, mais nada. E se precisar da minha ajuda, com as minhas poucas posses, eu ajudo no que puder.

Vamos mudar um bocadinho de assunto. Alguma vez sentiu a religião ou a fé como algo importante na sua vida?

Sim, desde criança que me obrigaram a ser religiosa.

Obrigaram-na...

Sim, queriam que eu me confessasse. Desde criança. Que é que fazes, dizia o padre. Fazes tolices, andas com os rapazes? E eu, ando com aqueles que são meus primos, meus vizinhos. E eles dizem-te coisas feias? Não. E tu, dizes-lhes coisas feias? Não, os meus pais não me deixam falar mal.

Era isso que ia dizer ao padre.

Pois, com seis anos ou sete... muitas das vezes queriam abrir os olhos às crianças mas, muitas vezes estavam a fazer lembrar outras coisas. Nunca gostei da confissão. Sou franca. Tinha uma tia que era muito religiosa, consumia a minha mãe para nos levar à igreja e nós lá íamos, tínhamos que ir e a minha mãe obrigava-nos também, a tua tia... não era por mal, era por bem mas eu detestava estas coisas. Eu tenho fé em Deus, eu nunca quis mudar de religião. Porque há pessoas sempre metidas na igreja e que de hoje para amanhã já tem outra religião. Eu sou católica mas não sou católica...

Daquelas de estar lá sempre metida?

Não! Tenho a minha fé e rezo a Deus.

E quando é que a sua fé se mostrou ser importante para si, em que momento da sua vida é que se agarrou a fé?

Tenho muita fé com St António... e com as coisas perdidas.

E quando precisa de alguma coisa é com ele que fala?

È mas ele, só me atende para as coisas perdidas, não atende para mais nada.

Quando é que lhe pediu alguma coisa que ela não respondeu como queria?

Isso não me lembro, mas poucas coisas. Normalmente quando peço coisas que não são perdidas.



Continua a achar que a fé é importante mesmo depois de o seu marido ter morrido?

Continuo.

Não se zangou com ninguém quando o seu marido faleceu, em termos de fé? Com Deus, com St. António?

O meu marido também era assim como eu.

Era? Ele também partilhava da mesma fé que a d. Esmeralda?

Era....

Ele era praticante ou era praticante como a d. Esmeralda?

Era como eu.

Quando queriam ir, iam?

Sim, mas não era aquela obrigação como para muita gente. Quando nos apetecia ir, íamos.

No dia em que o seu marido foi para hospital e faleceu, nesse dia rezou?

Pois...

A d. Esmeralda falou-me também que já lidou com algumas mortes, as das suas irmãs, dos seus amigos. Essas mortes significaram muito para si? Foram perdas grandes para si?

Pois foram. A gente quando é amiga da pessoa senta quase como uma pessoa de família, não é?

Mas a grande perda...

Foi o meu marido.

O que é que significou para si perder os seus irmãos?

Não sei explicar. Também tínhamos as nossas confidências...

E a morte dos seus pais?

Oh, custou muito. Fiquei sozinha para sofrer pelos outros.

Sente as coisas assim, que ficou cá para sentir a morte das outras pessoas?

Sim. A vida já não tem grande interesse.

Já passou algum tempo. O seu marido já faleceu há dois anos e meio. O que é que sente, hoje em dia, depois de ter perdido o seu marido?

Sinto muito a falta dele.

O que é que mudou na sua vida?

Tudo...

Não quer mudar isto, a vida que tem agora. O que poderia fazer para mudar a sua vida agora?

Nada...

Não tem planos? Já não quer investir em nada?

Se o seu marido estivesse vivo, qual era o vosso próximo plano?

Quando ele tinha saúde e estava a trabalhar, e eu também. Trabalhávamos sempre para ter uma vida boa. E para gozarmos alguma coisa para o fim da vida....

Para fazer umas viagens?

Pois...

E não vai passear de vez em quando?

De vez em quando vou.

Com senhoras daqui?

Sim, principalmente com uma que me tem ajudado bastante.

Ainda bem que tem uma amiga aqui....

Nem sempre as pessoas que estão são minhas amigas que eu também não sou amiga de ninguém.

Onde é que a d. Esmeralda tem sentido que ela a tem ajudado?

Quando quero sair ela acompanha-me... está sempre com boa disposição para me aturar. Nem todas as pessoas... também têm a vida delas, não têm obrigação. Agradeço muito a ajuda das outras pessoas.

Quando pensa na morte que imagem lhe vem à cabeça?

Não penso na morte. Só peço a Deus que me dê uma morte boa, que não esteja a sofrer numa cadeira de rodas...

É isso que a assusta na morte, ter que passar por isso?

Isso é que eu tenho medo... mas também não penso muito nisso...

Se pudesse escolher três palavras para adjectivar a sua vida, que palavras seriam?

Não sei escolher. O que eu desejava era ter o meu marido vivo... não pode ser.

Estes dois anos aqui como tem sido para si?

Muito tristes...

Não lhe vou fazer mais perguntas, não a quero incomodar mais... O que é que mudava hoje, se pudesse voltar atrás?

Não mudava nada.

O que é que achou desta entrevista?

Custou um bocadinho mas gostei...

Mas é difícil falar destas coisas?

Há certas coisas que sim, outras que não.

Acha que quanto mais o tempo passa mais difícil se torna para si falar destas coisas?

É sempre a mesma coisa...

*D. Esmeralda, obrigada pelo tempo que lhe tomei, desculpe as lágrimas que lhe causei...*

Oh, não chorei sozinha!